



# Tom Clancy

com Grant Blackwood

MORTO  
OU VIVO

"De tirar o fôlego."  
THE WASHINGTON POST



## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*



# Tom Clancy

com Grant Blackwood

## MORTO OU VIVO

Tradução de  
BASÍLIO DE SOUZA

1ª edição



---

E D I T O R A R E C O R D  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C531m Clancy, Tom, 1947-  
Morto ou vivo [recurso eletrônico] / Tom Clancy com Grant Blackwood;  
tradução Basílio de Souza. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Record, 2013.  
recurso digital

Tradução de: Dead or alive  
Formato: ePub  
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
ISBN 9788501100511 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Blackwood, Grant. II. Souza, Basílio de. III. Título.

13-04345

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

Título original:  
DEAD OR ALIVE

Copyright © 2010 by Rubicon, Inc.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil  
adquiridos pela  
EDITORA RECORD LTDA.  
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,  
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 9788501100511

Seja um leitor preferencial Record.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos  
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:  
[mdireto@record.com.br](mailto:mdireto@record.com.br) ou (21) 2585-2002.





Caçadores — membros da infantaria ligeira Eleven-Bravo segundo o sistema de especialidade ocupacional militar, o MOS, do Exército dos Estados Unidos — supostamente devem ser soldados “bonitos”, com uniformes alinhados e rostos barbeados, mas o primeiro-sargento Sam Driscoll já não era mais um desses, e isso fazia algum tempo. O conceito de camuflagem frequentemente envolvia mais do que fardas de batalha estampadas. Não, espere, não eram mais chamadas assim, não é? Agora eram “uniformes de combate do exército”. *Mesma coisa, mesma coisa.*

A barba de Driscoll tinha mais de 10 centímetros de comprimento, com tantas áreas brancas que seus homens o chamavam de Papai Noel — algo que incomodava bastante um homem que mal havia chegado aos 36 anos. Porém, quando a maioria de seus compatriotas tem em média dez anos a menos que você... Bem. Poderia ser pior. Poderia ser “papai” ou “vovô”.

Ele ficava ainda mais chateado por ter cabelo comprido. Era escuro, desgrenhado e oleoso, o que era útil por aqui, onde os pelos do rosto eram importantes para seu disfarce e o povo local raramente se importava em cortar o cabelo. Suas roupas eram características da região, assim como as de sua equipe. Eles eram 15. O comandante de sua companhia, um capitão, estava de baixa com a perna quebrada por conta de um passo em falso — e isso era o que bastava naquele terreno para mandar alguém para o banco de reservas —, sentado no alto de uma colina esperando o Chinook que o levaria, assim como um dos dois paramédicos da equipe que havia ficado na retaguarda para evitar que ele entrasse em estado de choque. Isso deixou Driscoll no comando da missão. Ele não se importava. Tinha mais tempo em campo do que o capitão Wilson, apesar de o capitão ser formado na universidade e Driscoll ainda não ter seu diploma. Uma coisa de cada vez. O sargento ainda tinha que sobreviver a esse deslocamento, e depois podia voltar para suas aulas na Universidade da Geórgia. Engraçado, pensou, ter levado quase três décadas para começar a gostar da escola. Bem, antes tarde do que nunca, ele supunha.

Estava cansado, o tipo de cansaço que deixava a mente tonta e os ossos moídos tão conhecido pelos Rangers. Ele sabia como dormir feito um cão em cima de um bloco de granito, com apenas o cabo de um rifle como travesseiro, sabia como ficar

alerta quando seu cérebro e seu corpo gritavam para que se deitasse. O problema era que, agora que estava mais perto dos 40 que dos 30, sentia os ferimentos e as dores um pouco mais do que sentia quando tinha 20, e levava o dobro do tempo para alongar os músculos pela manhã. Mesmo assim, as dores eram contrabalançadas por sabedoria e experiência. No decorrer dos anos, Driscoll aprendera que, apesar do clichê, de fato era a mente sobre a matéria. Em grande medida, aprendera a bloquear a dor, uma habilidade conveniente quando se lida com homens muito mais jovens, cujas mochilas sem dúvida parecem mais leves em seus ombros do que a de Driscoll nos dele. Na vida, decidiu ele, tudo se resume a trocas.

Eles estavam nas colinas havia dois dias, sempre em movimento, dormindo duas ou três horas por noite. Driscoll era parte da equipe de operações especiais do 75º Regimento de Rangers, permanentemente baseado em Fort Benning, na Geórgia, onde havia um ótimo clube para suboficiais com um bom chope. Ao fechar os olhos e se concentrar, imaginou que ainda podia sentir o gosto da cerveja gelada, mas o momento passou rapidamente. Ele devia focar no presente, em cada segundo que passava. Estavam 4.500 metros acima do nível do mar, nas montanhas do Hindu Kush, nessa zona cinzenta que era tanto Afeganistão quanto Paquistão, e nenhum dos dois — pelo menos para os locais. As linhas em mapas não faziam fronteiras verdadeiras, Driscoll sabia disso, especialmente nesse território indiano. Verificara seu equipamento de GPS para ter certeza de sua posição, mas latitude e longitude realmente não importavam na missão. O que importava era para onde eles iam, independente de onde isso estivesse no mapa.

A população local pouco sabia de fronteiras, e nem se importava com isso. Para eles, a realidade era a tribo dentro da qual estavam, de que família você fazia parte e que tipo de muçulmano você era. Ali, as lembranças duravam cem anos e as histórias, muito além disso. E os ressentimentos, ainda mais. Os locais até hoje se gabavam de seus ancestrais terem botado Alexandre, o Grande, para fora da região, e alguns ainda lembravam o nome dos guerreiros que derrotaram os lanceiros macedônios que até então tinham conquistado todos os lugares onde entraram. Entretanto, os locais falavam principalmente dos russos, de quantos deles haviam matado, a maioria em emboscadas, alguns com facas, cara a cara. Sorriam e gargalhavam com essas histórias, lendas transmitidas de pai para filho. Driscoll duvidava que os soldados russos que conseguiram sair do Afeganistão rissem da experiência. Não, senhor, essas pessoas não eram boazinhas, ele sabia. Eram inflexíveis, endurecidos pelo clima, pela guerra, pela fome e por apenas tentarem se manter vivos numa região que parecia se esforçar o tempo todo para matá-los. Driscoll compreendia que devia ter um pouco de simpatia por eles. Deus simplesmente lhes dera cartas ruins, e isso talvez não fosse culpa deles, mas também não era de Driscoll e tampouco lhe importava. Eram inimigos de seu país, o poder que podia apontar o bastão para eles e comandar “Vão”. E lá estavam eles. Essa era a verdade central daquele momento, a razão pela qual ele estava naquelas malditas montanhas.

Mais um cume era a outra verdade central, especialmente ali, ao que parecia. Percorreram 15 quilômetros em passo puxado, quase sempre em subida e sobre rochas afiadas e cascalho, desde quando saltaram do helicóptero CH-47 Chinook, variante Delta, o único à disposição deles que podia subir até aquela altitude.

*Ali... o espinhaço. Cinquenta metros.*

Driscoll diminuiu os passos. Estava caminhando na ponta, liderando a patrulha como o suboficial presente mais graduado, com seus homens se estendendo por 100 metros atrás dele, alertas, os olhos varrendo à direita e à esquerda, para cima e para baixo, carabinas M4 preparadas e apontadas para os respectivos setores. Eles esperavam encontrar algumas sentinelas no espinhaço. Os locais podiam ser ignorantes no sentido tradicional, mas de modo algum eram estúpidos, razão pela qual os Rangers faziam aquela operação noturna — zero-um-quarenta e quatro, ou à uma e quarenta e cinco da madrugada — segundo seu relógio digital. Noite sem lua e nuvens altas suficientemente espessas para bloquear qualquer luz que viesse das estrelas. Bom tempo para caçada, pensou.

Seu olhar estava mais atento ao chão que ao céu. Não queria fazer nenhum ruído, e os ruídos vinham dos pés. Uma maldita pedra solta, deslizando pela colina, podia trair a presença deles. Não podia deixar isso acontecer, não é? Não podia desperdiçar os três dias e 24 quilômetros que haviam gastado para chegar tão perto.

Vinte metros até o cume.

Seus olhos percorreram a linha procurando movimento. Nada próximo. Mais alguns passos, olhando à direita e à esquerda, a carabina com silenciador aninhada no peito e armada para rajadas curtas, o dedo repousando de leve no gatilho, só para saber que estava ali.

Era difícil explicar às pessoas o quanto aquilo era difícil, como era cansativo e debilitante — muito mais que uma caminhada de 25 quilômetros na floresta —, sabendo que podia haver alguém com um AK-47 nas mãos e o dedo no gatilho, o seletor ajustado para rajadas, pronto para partir seu rabo em dois. Seus homens liquidariam tal pessoa, mas isso não iria adiantar nada para ele mesmo, Driscoll sabia. Ainda assim, ele se consolou: se acontecesse, as chances eram de que sequer perceberia. Já despachara inimigos em quantidade suficiente para saber como funcionava: num instante, você dava um passo adiante, os olhos esquadrinhando a frente, ouvidos ligados e procurando ouvir o perigo... e depois nada. Morte.

Driscoll conhecia a regra ali, no terreno escarpado, no meio da noite: devagar é rápido, mova-se devagar, caminhe devagar, pise cuidadosamente. Regra que lhe fora útil nesses muitos anos.

Apenas seis meses antes ele havia ficado em terceiro lugar na Competição de Melhor Ranger, o Super Bowl das tropas de operações especiais. De fato, Driscoll e o capitão Wilson estavam inscritos como Equipe 21. O capitão devia estar puto com a perna quebrada. Ele era um Ranger muito bom, pensou Driscoll, mas uma tibia quebrada era uma tibia quebrada. Quando um osso quebra não há muito o que fazer.



Um músculo torcido dói como o diabo, mas melhora rapidamente. Por outro lado, um osso quebrado tem que ser atado e se recuperar, o que significa ficar deitado de costas por algumas semanas em um hospital do Exército antes que os médicos lhe permitam se apoiar na perna novamente. Então, é preciso aprender a correr de novo, isso depois de reaprender a andar. Uma chateação... O sargento teve sorte em sua carreira, sem ter sofrido nada mais que um tornozelo torcido, um dedo mínimo quebrado e uma contusão na bacia, nada que o colocasse no banco de reservas por mais de uma semana. E nenhuma bala ou estilhaço de raspão. Os deuses dos Rangers certamente sorriram para ele.

Mais cinco passos...

*Ok, aí está você... Sim.* Como Driscoll esperara, lá estava a sentinela, bem onde deveria estar. Uns 25 metros à sua direita. Era simplesmente o lugar mais óbvio para uma sentinela, apesar de essa, em particular, estar fazendo uma droga de trabalho, ali sentada, na maior parte do tempo olhando para trás, provavelmente entediada, sonolenta e contando os minutos até a hora de sua substituta chegar. Bem, o tédio pode matar, e iria matar o cara em menos de um minuto, embora ele nunca fosse se dar conta disso. *A menos que eu erre o tiro*, lembrou Driscoll a si mesmo, sabendo que não erraria.

Ele se virou mais uma vez, percorrendo a área com seus óculos de visão noturna PVS-17. *Ninguém mais por perto.* Ele se acomodou, ajustou a carabina no ombro esquerdo e centrou a mira na orelha direita do sujeito, controlou a respiração...

À sua direita, abaixo na trilha estreita, veio o ruído de couro raspando na pedra.

Driscoll congelou.

Fez uma rápida recapitulação mental, localizando o restante da equipe em sua memória. Alguém ali embaixo? Não. A maior parte dos homens estava espalhada atrás dele e à sua direita. Movendo-se com lentidão exagerada, Driscoll voltou a cabeça para a direção do ruído. Nada na visão noturna. Abaixou a carabina, deitando-a diagonalmente em seu peito. Olhou à esquerda. A 3 metros de distância, Collins estava agachado atrás de uma rocha. Driscoll gesticulou: *Ruído à esquerda; leve dois homens.* Collins assentiu e rastejou para fora da visão. Driscoll fez o mesmo, e ficou deitado imóvel entre um par de arbustos mirrados.

Abaixo, na trilha, outro ruído: líquido respingando na pedra. Isso levou um sorriso aos lábios de Driscoll. *O chamado da natureza.* O ruído de urina diminuiu e depois parou. Passos começaram a descer a trilha. Sete metros de distância, estimulou Driscoll, além da curva.

Momentos depois, uma figura apareceu na trilha. Passadas sem pressa, quase preguiçosas. Com a visão noturna, Driscoll pôde ver um AK-47 pendurado no ombro do sujeito, com o cano para baixo. O guarda continuou avançando. Driscoll não se mexeu. Cinco metros... três.

Uma figura se levantou das sombras ao lado da trilha e se esgueirou atrás do guarda. Uma mão apareceu sobre o ombro do homem, depois o brilho de uma faca

veio por cima do outro ombro. Collins virou o sujeito para a direita e o levou para o chão, e as duas sombras se misturaram. Dez segundos transcorreram. Collins levantou, mergulhou para fora da trilha e arrastou o guarda para fora de vista.

*Sentinela abatida conforme o manual*, pensou Driscoll. Fora as aparições em filmes, o uso de facas era uma raridade em suas operações. Mesmo assim, Collins não tinha perdido o jeito.

Pouco depois, Collins reapareceu à direita de Driscoll.

O sargento voltou sua atenção à sentinela no espinhaço. Ainda estava lá. Não havia se mexido. Driscoll ajustou de novo sua M4, apontou o visor para a nuca do homem, e depois colocou o dedo no gatilho.

*Calma, calma... aperte...*

*Pop.* Quase nenhum ruído. Difícil de ouvir num raio de mais de 50 metros, mas a bala voou certa e perfurou a cabeça do alvo, deixando um sopro de vapor verde atrás, e ele se foi para ver Alá ou seja lá que Deus reconhecesse; aos 20 e tantos anos, crescendo, comendo e aprendendo, e provavelmente lutando, chegou ao seu final abrupto e sem aviso prévio.

O alvo caiu de lado e saiu do campo de visão.

*Azar o seu, babaca*, pensou Driscoll. *Mas esta noite estamos atrás de uma caça maior que você.*

— Sentinelas abatidas — disse Driscoll em voz baixa no rádio. — O espinhaço está limpo. Avancem. Limpo e rápido. — Esse último trecho não era realmente necessário, não com esses caras.

Ele olhou para trás para ver seus homens se movimentando agora um pouco mais rapidamente. Estavam empolgados, mas sob controle, prontos para o serviço. Podia perceber na postura deles a economia de movimentos que separava os verdadeiros atiradores dos enganadores e daqueles que só esperavam o tempo passar para voltar à vida civil.

Seu verdadeiro alvo podia estar agora a menos de 100 metros de distância, e todos deram duro nos últimos três meses para empacotar esse filho da mãe. Escalar montanhas não era a ideia de diversão de nenhum deles, salvo para os loucos que ansiavam pelo Everest e pelo K2. Seja como for, fazia parte do trabalho e da missão atual, de modo que todos engoliram isso e continuaram se movimentando.

Os 15 homens se agruparam em três equipes de tiro com cinco Rangers cada uma. Uma permaneceria ali com as armas pesadas — haviam trazido duas metralhadoras M249 SAW (*Squad Automatic Weapon*) para fogo de cobertura e vigilância. Não se sabia quantos inimigos poderiam estar ali, e a SAW era uma grande equalizadora. Os satélites proporcionavam muitas informações de inteligência, mas algumas variáveis tinham de ser enfrentadas conforme apareciam. Todos os seus homens esquadrihavam os rochedos, procurando movimento. Qualquer movimento. Talvez fosse apenas um inimigo saindo para soltar um barro. Naquele canto da floresta, a chance era de noventa por cento de que qualquer um que encontrassem fosse um dos

inimigos. Isso tornava o trabalho deles muito mais fácil, pensou Driscoll.

Movimentando-se ainda mais devagar, ele avançou furtivamente, os olhos na frente dos pés, observando cada pisada para evitar pedras soltas e gravetos. Então adiante, esquadrinhando, perscrutando... Esse era outro benefício da sabedoria, pensou, saber como sufocar a excitação por estar tão perto da linha de gol. Era ali que muitas vezes os recrutas e os mortos cometiam seus erros, acreditando que o mais difícil já havia passado e seu alvo estava bem perto. E aí, sabia Driscoll, é quando o velho Murphy, da famosa lei de Murphy, geralmente se coloca por trás de você, lhe dá um tapinha no ombro e lhe entrega uma surpresa desagradável. Antecipação e expectativa eram os dois lados letais da mesma moeda. Qualquer um dos dois na dose certa no momento errado faria você morrer.

*Mas não desta vez. Não na minha maldita supervisão.* E não com uma equipe tão boa quanto a dele.

Driscoll viu o espinhaço bem à frente, a menos de 3 metros, e se agachou, com cuidado para manter a cabeça abaixo da borda, para não apresentar uma tentadora silhueta para algum babaca alerta. Cobriu os últimos metros com passos agachados, depois se inclinou para a frente, a mão esquerda apoiando na pedra, e levantou a cabeça para espreitar.

Elá estava... a caverna.



— Combustível baixo — *vup, vup* —, combustível baixo — anunciou a voz gerada por computador.

— Já sei, já sei — resmungou o piloto em resposta.

Ele podia ver a informação necessária em seu mostrador CRT no painel de controle. A luz de alarme do computador de bordo piscava havia pelo menos 15 minutos. Eles cruzaram a costa canadense dez minutos antes, e à luz do dia poderiam olhar para baixo e ver um terreno verde com troncos raquíticos. A menos que tivesse errado completamente a navegação, logo veriam algumas luzes. De qualquer modo, já operavam sobre terreno seco, o que era um alívio.

Os ventos do Atlântico Norte foram muito mais severos que o previsto. A maioria do tráfego noturno dessa hora era em direção ao leste e aqueles aparelhos carregavam muito mais combustível que o Dassault Falcon 9000. Tinham o suficiente para mais vinte minutos. Dez a mais do que precisavam. A velocidade marcada estava acima dos 500 nós, altitude de 25 mil pés e descendo.

— Aproximação de Gander — disse ele ao microfone do rádio —, aqui é Hotel zero-nove-sete, Mike Foxtrot, chegando para abastecimento, câmbio.

— Mike Foxtrot — veio a resposta —, aqui é Gander. Os ventos estão calmos. Recomendo pista dois-nove para aproximação normal.

— Ventos calmos? — observou o copiloto. — Droga. — Eles enfrentaram uma corrente de ventos de mais de 100 nós bem no bico durante três horas de pequena turbulência. Nada muito pesado a 41 mil pés de altitude, mas ainda assim perceptível. — Esse pulo sobre a água foi longo demais para o meu gosto.

— Especialmente com ventos como esses — respondeu o piloto. — Espero que os motores funcionem só com vapor de combustível.

— Estamos certos com a alfândega?

— Devemos estar. Já temos o CANPASS e estamos liberados com o destino de Moose Jaw. Fazemos a imigração aqui?

— Sim, certo. — Mas os dois sabiam que nem tudo aquilo era verdade. O voo de Gander para seu destino final seria um tanto fora do normal. Mas estavam sendo pagos para isso. E o câmbio do euro para o dólar os favorecia. Especialmente com

dólares canadenses.

— Já vi as luzes. Cinco minutos mais — declarou o copiloto.

— Entendido, pista à vista — respondeu o piloto. — Flapes.

— Flapes descendo para 10. — O copiloto operou os controles e eles escutaram o chiado dos motores elétricos estendendo os flapes. — Acordo os passageiros?

— Não. Para quê? — decidiu o piloto. Se fizessem tudo certo, eles não notariam nada até a aceleração na próxima decolagem. Depois de tirar o brevê e voar 20 mil horas com a Swissair, ele havia se aposentado e comprado seu próprio Dassault Falcon para fretar milionários e bilionários viajando pela Europa e ao redor do globo. Metade das pessoas que podiam pagar seus serviços acabavam indo para os mesmos lugares: Mônaco, Harbor Island nas Bahamas, Saint-Tropez, Aspen. O fato de seu atual passageiro não ir a nenhum desses lugares era uma curiosidade, mas, enquanto pagasse, ele não tinha nada a ver com isso.

Começaram a descer e passaram à marca dos 10 mil pés. As luzes da pista eram facilmente visíveis, uma raia reta na escuridão que uma vez já abrigara uma esquadrilha de caças F-84 da Força Aérea dos Estados Unidos.

Cinco mil pés e descendo.

— Flapes para 20.

— Entendido, flapes para 20 — respondeu o copiloto.

— Trem de pouso — comandou ele em seguida, e o copiloto pegou nas alavancas. O ruído de ar entrando chegou à cabine quando as portas do trem de pouso se abriram e a estrutura abaixou. Trezentos pés.

— Baixados e travados — respondeu o copiloto.

— Cem pés — informou a voz computadorizada.

O piloto tencionou os braços e depois os relaxou, fazendo a aeronave descer, suavemente, suavemente, escolhendo o ponto certo. Apenas seus sentidos bem-treinados conseguiram informá-lo quando a aeronave tocou o solo nos quadrados de concreto de 10 metros. Acionou o reversor de empuxo e o Dassault diminuiu. Um caminhão com luzes piscando indicou para onde ele deveria se dirigir e quem seguir até o ponto onde o caminhão-tanque esperava.

Permaneceram em solo por um total de vinte minutos. Um funcionário da imigração os interrogou pelo rádio e verificou que não havia mudanças nos dados do CANPASS. Lá fora, o caminhão-tanque desconectou a mangueira e fechou a válvula de combustível.

*Ok, terminamos aqui,* pensou o piloto. Agora era o segundo segmento do voo em três partes.

O Falcon taxiou de volta para a ponta norte da pista, verificando a lista de itens pré-decolagem, como sempre fazia, depois de esperar no final da pista. A aceleração foi suave; as rodas saíram do solo, depois os flapes foram recolhidos, seguidos pela

aceleração de subida. Mais dez minutos e eles estavam a 37 mil pés, a altitude determinada pela Central de Toronto.

O avião entrou em velocidade de cruzeiro rumo a oeste a Mach 0,81 — cerca de 520 nós ou 960 quilômetros por hora —, com os passageiros dormindo na popa enquanto os motores engoliam combustível à razão de 1.500 quilos por hora. O transponder do avião transmitia sua velocidade e altitude para os radares de controle aéreo, e fora isso não havia necessidade de tráfego de rádio de nenhum tipo. Em uma tempestade, eles poderiam ter requisitado uma altitude diferente, provavelmente mais alta, para permitir um cruzeiro mais confortável. Porém a torre de Gander estava correta. Depois de ultrapassar a frente fria que haviam enfrentado em seu voo para a Terra Nova, parecia que nem se moviam, exceto pelo rugir amortecido dos jatos presos na cauda. Piloto e copiloto nem conversavam muito. Já voaram juntos o suficiente para saber as mesmas piadas, e, em um voo tão tranquilo quanto esse, não havia troca de informações. Tudo tinha sido planejado até os últimos detalhes. Ambos imaginavam como seria o Havaí. Aguardavam ansiosamente o par de suítes no Royal Hawaiian, e um longo sono para compensar o inevitável jet lag que com certeza acompanharia as dez horas do dia adicional que iriam experimentar. Bem, os dois gostavam de uma soneca numa praia ensolarada e a previsão do tempo no Havaí indicava o clima monotonamente perfeito de sempre. Planejaram uma parada de dois dias antes de empreender a viagem para o leste de volta ao seu aeroporto-base nos arredores de Genebra, sem previsão de passageiros nesse trecho.

— Moose Jaw em quarenta minutos — observou o copiloto.

— Hora de voltar ao trabalho, eu acho.

O plano era simples. O piloto pegou o rádio HF — uma relíquia remanescente da Segunda Guerra Mundial — e chamou Moose Jaw, anunciando sua aproximação e o início da descida, assim como a hora de chegada prevista. A torre de Moose Jaw recebia a informação dos sistemas de controle de área e inseria os códigos alfanuméricos do transponder nos seus radares.

O Dassault começou a diminuir a altitude em uma aproximação completamente normal, o que foi devidamente anotado pelo Centro de Toronto. A hora local era 0304, ou Zulu – 4 horas, tomando como base a Hora Média de Greenwich/Hora Universal, ou quatro horas ao leste.

— Lá está — anunciou o copiloto. As luzes de aproximação de Moose Jaw se destacavam na paisagem escura. — Altitude 12 mil, descendo a mil por minuto.

— Coloque o transponder em aguardo — ordenou o piloto.

— Entendido — respondeu o copiloto. O transponder era uma instalação customizada, feita pela própria tripulação.

— Seis mil pés. Flapes?

— Deixe como está — comandou o piloto.

— Entendido. Pista à vista.

O céu estava claro e as luzes estroboscópicas de aproximação de Moose Jaw piscavam no ar sem nuvens.

— Moose Jaw, aqui é Mike Foxtrot, câmbio.

— Mike Foxtrot, Moose Jaw, câmbio.

— Moose Jaw, nosso trem de pouso não quer descer. Por favor, aguardem. Câmbio. — A notificação fez as pessoas acordarem.

— Entendido. Você está declarando uma emergência, câmbio? — inquiriu o rádio de aproximação imediatamente.

— Negativo, Moose Jaw. Estamos verificando os sistemas elétricos. Aguardem.

— Entendido. Aguardando. — Apenas um toque de preocupação na voz.

— Ok — disse o piloto ao copiloto. — Saímos do radar deles a mil pés. — Já haviam treinado aquilo tudo, é claro. — Altitude 3 mil e descendo.

O piloto aliviou o leme à direita. Isso era para mostrar uma mudança de curso no radar de aproximação de Moose Jaw, nada sério, mas de qualquer modo uma mudança. Com a altitude caindo, isso poderia parecer interessante nas gravações do radar se alguém se importasse em olhar, o que era duvidoso. Outro *blip* perdido no espaço aéreo.

— Estamos a 2 mil — disse o copiloto. O avião sacudia um pouco na baixa altitude, mas não tanto quanto iria sacudir. — Agora, 1.500. Talvez queira ajustar o coeficiente de descida.

— Muito bem. — O piloto puxou o manche para trás para nivelar a aeronave a 900 pés acima do nível do mar. Isso era baixo o suficiente para obstruir feixes de radar e criar eco. Apesar do Dassault não ter nada de invisível, a maioria dos radares civis de controle de tráfego via em primeiro lugar os sinais do transponder, e não “pinturas de pele”. Na aviação comercial, um avião aparecia no radar como nada mais que um sinal no céu.

— Mike Foxtrot, Moose Jaw, informe altitude, câmbio.

Fariam isso por algum tempo. E a equipe local da torre estava incomumente alerta. Talvez tivessem entrado num exercício de treinamento, pensou o piloto. Azar, mas não um grande problema.

— Piloto automático desligado. Pilotagem manual.

— A aeronave é do piloto — respondeu o copiloto.

— Ok, entrando em curva para a direita. Desligar transponder — comandou o piloto.

O copiloto desligou a energia do transponder.

— Desligado. Estamos invisíveis. — Isso chamou a atenção de Moose Jaw.

— Mike Foxtrot, Moose Jaw. Informe altitude, câmbio — exigiu a voz mais categoricamente. Depois, uma segunda chamada.

O Falcon completou a curva pelo norte e estabilizou no rumo dois-dois-cinco. O terreno abaixo era plano e o piloto ficou tentado a reduzir a altitude para 500 pés, mas decidiu não o fazer. Não era preciso. Tal como planejado, o avião havia simplesmente evaporado do radar de Moose Jaw.

— Mike Foxtrot, Moose Jaw. Informe altitude, câmbio!

— Ele parece nervoso — observou o copiloto.

— Não o culpo.

O transponder que eles acabaram de desligar era de outro aparelho, provavelmente estacionado em um hangar em Söderhamn, na Suécia. Esse voo custava um adicional de 70 mil euros para quem o fretara, mas a tripulação de voo suíça compreendia bem o que era ganhar dinheiro, e não estava transportando drogas ou coisas assim. Dinheiro ou não, esse tipo de carga não valia a pena.

Moose Jaw já estava a 60 quilômetros atrás deles, desvanecendo-se a 10 quilômetros por minuto, segundo o radar Doppler do avião. O piloto ajustou o manche para compensar os ventos cruzados. O computador ao lado de seu joelho direito compensaria a deriva, e o computador sabia exatamente para onde se dirigiam.

Parte do caminho, pelo menos.





Parecia diferente das imagens — o que sempre acontecia —, mas eles estavam no lugar exato, isso com certeza. Ele sentiu seu cansaço se esvaír, substituído por uma antecipação focada.

Dez semanas atrás, um satélite da CIA havia captado uma transmissão dali e outro tirou uma foto, que Driscoll tinha agora no bolso. Esse era o lugar, sem dúvida. Uma formação triangular de rochedos no topo identificava o ponto. Não era decoração, a despeito de aparentar ter sofrido interferência humana, mas, sim, algo deixado para trás pelo último conjunto de geleiras que tinha passado pelo vale, sabia Deus há quantos milhares de anos. Provavelmente, a mesma água derretida que havia esculpido o triângulo ajudou também a furar a caverna. Ou seja lá como se formavam as cavernas. Driscoll não sabia nem se importava especificamente com o assunto. Algumas eram bem profundas, com centenas de metros, buracos de segurança perfeitos para se esconder. Mas essa aqui tinha originado um sinal de rádio. E isso a tornava especial. Especial para cacete. Washington e Langley demoraram mais de uma semana para localizar o lugar, mas foram muito cuidadosos na sequência. Quase ninguém sabia sobre essa missão: menos de 30 no total, e a maioria estava em Fort Benning. Onde estava o clube para suboficiais. Para onde ele e sua equipe regressariam em menos de 48 horas. Se Deus quiser — *inshallah*, como diziam por ali. Não era sua religião, mas o sentimento fazia sentido. Driscoll era metodista, embora isso não o impedisse de tomar sua cervejinha de vez em quando. Ele era principalmente um soldado.

*Ok, como vamos fazer isso?*, perguntou-se. Com força e rapidez, é claro, mas como fazer isso com força e rapidez? Ele carregava meia dúzia de granadas. Três de verdade e três granadas de luz M84. Estas eram revestidas de plástico em vez de aço, pesadas, com explosivos barulhentos, fabricados com algum tipo de mistura de magnésio e amônia que os fazia parecer com a superfície do sol surgindo para uma visita inesperada, para ofuscar e cegar quem estivesse por perto. Ali, também, pouco lhe importava a química das coisas. O que importava era que funcionavam muitíssimo bem.

O negócio dos Rangers não era combater lealmente. Tratava-se de uma operação

de combate, e não dos Jogos Olímpicos. Podiam prestar os primeiros socorros aos inimigos que sobrevivessem, e apenas porque sobreviventes tendem a ser mais falantes que os mortos. Driscoll espiou novamente a entrada da caverna. Alguém havia ficado bem ali, naquele ponto, para fazer sua ligação telefônica via satélite, e o RHYTHM, um satélite de espionagem eletrônica, a copiara, e um satélite KEYHOLE tinha marcado a localização, e a missão deles fora autorizada pelo próprio SOCOM, o Comando de Operações Especiais. Driscoll ficou imóvel, parado junto a um rochedo grande, perto o suficiente para que sua silhueta se fundisse à pedra. Não havia movimento evidente lá dentro. Nenhuma surpresa. Mesmo os terroristas tinham que dormir. E isso funcionava a seu favor. Muito bem, de fato. Dez metros. Ele se aproximou com movimentos que pareceriam cômicos para os não iniciados, movimentos exagerados de subir e levantar o pé e as canelas, cuidadosamente evitando pedras soltas. Então chegou lá. Apoiou-se em um joelho e olhou para dentro. Deu uma espiada por cima do ombro para se certificar de que o restante da equipe não estava amontoado. Nenhuma preocupação nesse sentido. Ainda assim, Driscoll sentiu as asinhas da preocupação adejarem na sua barriga. Ou seria medo? Medo de ferrar com tudo, medo de repetir a história. Medo de ter homens mortos.

Há alguns anos, no Iraque, o predecessor do capitão Wilson, um segundo-tenente novato, tinha planejado uma missão — uma caçada direta aos insurgentes pelas margens sul do lago Buhayrat Saddam, a norte de Mosel —, e Driscoll havia participado. O problema era que o jovem tenente estava mais interessado em fazer um belo relatório do que na segurança de seus Rangers. Indo de encontro ao conselho de Driscoll e com a noite caindo, ele dividiu a equipe para flanquear um complexo de casamatas, porém, como era a tendência de planos refeitos apressadamente, esse também não sobreviveu ao primeiro contato com o inimigo — nesse caso, o encontro de um grupo do tamanho de uma companhia formado por ex-soldados leais a Saddam, que cercaram e massacraram a esquadra de tiro do jovem tenente antes de voltar sua atenção para Driscoll e seus homens. O combate em retirada durou a maior parte da noite, até que, finalmente, Driscoll e três outros conseguiram abrir caminho cruzando o rio Tigre e se colocando ao alcance de fogo de uma base armada.

Driscoll soube que o plano do tenente era um desastre em andamento. Mas teria argumentado com firmeza suficiente contra ele? Se tivesse insistido... Bem. Essa era a questão que o assombrara durante todo o ano que passou. E, agora, novamente em território inimigo, mas dessa vez as decisões — boas, más, desastrosas — eram todas suas.

*Olho na bola*, obrigou-se Driscoll. *Ponha a cabeça no jogo*.

Avançou mais um passo. Ainda nada pela frente. Os pashtuns podiam ser durões — eram durões para caramba, como Driscoll já aprendera —, mas não tinham treinamento que fosse mais além de apontar o rifle e puxar o gatilho. Deveria haver alguém na entrada da caverna também de vigia. Ele viu umas bitucas de cigarro por

perto. Talvez uma sentinela estivesse ali e seus cigarros tivessem acabado. *Mau hábito, babaca*, pensou Driscoll. *Mau posicionamento de batalha*. Vagarosa e cuidadosamente, ele deslizou para dentro. Seus óculos de visão noturna eram uma bênção. A caverna era reta por uns 15 metros, paredes ásperas, quase toda ovalada. Nada de iluminação. Nem mesmo uma vela, mas ele percebeu uma curva à direita logo adiante, assim manteve os olhos preparados para perceber luz. O chão da caverna não tinha pedras nem sujeira. Isso dizia muita coisa ao sargento: alguém vivia ali. A informação que lhes deram era sólida. *Será que os milagres nunca acabam?*, pensou Driscoll. Frequentemente, essas expedições de caça revelavam apenas um buraco de esconderijo vazio e um bando de Rangers emputecidos olhando para seus próprios cacetes.

*Talvez a caverna certa?* Nem sempre ele se permitia esse tipo de pensamentos. *Isso não seria uma boa?*, pensou por um breve instante. *Esta aqui é um prêmio grande*. Ele deixou de lado o pensamento. O tamanho do prêmio não mudava em nada o modo como faziam o trabalho.

O solado de suas botas era flexível. Confortável nos pés, porém, mais importante, silenciosos. Enfiou sua carabina M4 mais para perto do ombro. Havia deixado a mochila lá fora. Não precisava nem de peso nem de volume adicionais dentro da caverna. Driscoll não era muito grande. Um pouco menos que 1,80m, pesava 80 quilos, enxuto e musculoso, os olhos azuis pesquisando adiante. Tinha dois soldados alguns metros atrás dele, que escutavam sua respiração pelo rádio que todos usavam, mas o sargento não falou nem uma palavra. Apenas sinais de mão, que de qualquer maneira eram cheios de conteúdo.

Movimento. Alguém vinha daquela direção.

Driscoll se apoiou em um joelho.

Os passos se aproximavam. Driscoll levantou o punho esquerdo, dizendo aos que vinham atrás para que se abaixassem, ao mesmo tempo que preparava a carabina. Os passos eram descuidados. Passos alertas soariam diferentes para seus ouvidos treinados. O sujeito estava em casa, e se sentia confortável ali. Bem, azar o dele. Atrás do homem, algumas pedras correram e Driscoll sabia qual era a fonte, pois isso já acontecera com ele: uma bota escorregou. Permaneceu imóvel. Depois da curva, as passadas pararam. Dez segundos transcorreram, depois vinte. Por meio minuto, nada se mexeu. Então, os passos recomeçaram. Ainda despreocupados.

Driscoll apoiou a M4 no ombro e virou a esquina e lá estava o babaca. Um momento depois, ele estava com duas balas no peito e uma terceira na testa, e caiu sem um gemido. Era mais velho que o de fora, talvez com 25 anos, e tinha uma barba espessa. *Azar o seu*. Driscoll avançou, passando ao lado do corpo e dobrando à direita, depois esperando seus companheiros se aproximarem. Podia ver mais uns 6 metros adiante. *Avance*. Qual a profundidade dessa caverna? Impossível dizer naquele momento. Segurou firme a carabina com as mãos.

Havia mais luzes adiante, piscando. Velas, provavelmente. Talvez os babacas

precisassem de luzes noturnas, como os filhinhos de Driscoll. O chão da caverna ainda estava limpo. Alguém limpou o lugar. Por quê?, perguntou-se Driscoll. Há quanto tempo?

E continuou avançando.

A curva seguinte era para a esquerda, um arco suave e limpo na rocha de calcário, e na curva seguinte, muitas luzes — relativamente falando. Sem o PVS-17 seria, no máximo, um brilho suave.

Foi quando ele escutou um ruído. Ronco. Não muito adiante. Driscoll não avançava rapidamente, mas então diminuiu ainda mais. Hora de ser cuidadoso. Aproximou-se da curva, arma apontada, virando, virando vagarosamente.

Pronto. Era o que procurava. Madeira sem acabamento. Simples e conhecidas vigas de madeira, dessas que não cresciam direto do chão. Alguém as levava desde a civilização até ali, e esse alguém usara um serrote para cortá-las e ajustar o tamanho.

Com certeza, alguém vivia ali, e não era um simples esconderijo de ocasião. Era algo muito elaborado para uma simples caverna.

Ele começou a ficar animado, sentia o formigamento na barriga. Isso não acontecia frequentemente com o primeiro-sargento (E-8) Sam Driscoll. Sua mão esquerda fez o gesto para que os companheiros se aproximassem. Todos ficaram em um intervalo de uns 3 metros e seguiram em frente.

Beliches duplos. Para isso é que a madeira tinha sido usada. Ele podia ver oito deles. Todos ocupados. Seis beliches, seis babacas. Um deles parecia até ter um colchão, desses de plástico inflável que se podia comprar na Gander Mountain. No chão, havia uma bomba acionada por pedal. Seja lá quem fosse, gostava de dormir confortavelmente.

Ok. *E agora?*, perguntou a si mesmo. Não era sempre que ele não sabia o que fazer, e quase sempre se aconselhava com o comandante da companhia, mas o capitão Wilson estava preso no alto de uma colina a 15 quilômetros de distância dali, o que colocava Driscoll no comando, e, de repente, comandar parecia ser algo muito solitário. O pior é que aquela não era a última sala. A caverna continuava para o fundo. Sem indicação de quanto mais. *Ah, merda.*

De volta ao trabalho.

Ele avançou. Seus ordens eram bem simples, e, para cumprir o objetivo, tinha um silenciador para sua pistola, que ele agora sacou do coldre. Colocou a Beretta próxima à cabeça do homem e disparou o primeiro tiro. O silenciador funcionou como previsto. O barulho da ação da pistola foi maior que o do próprio disparo. Ele chegou a escutar o ruído do cartucho de cobre chacoalhando no chão com aquele barulhinho que parecia feito por um brinquedo. Seja lá com o que o sujeito estivesse sonhando, tinha se tornado tão real quanto o inferno. Os homens dormindo nos beliches de baixo partiram do mesmo modo.

Driscoll pensou por um instante que, no mundo civil, isso seria considerado assassinato, mas essa não era sua preocupação. Esses sujeitos tinham se colocado do

lado de pessoas que estavam travando guerra contra seu país, e era culpa deles não ter montado guarda suficiente no quartel. A preguiça gerava consequências, e a guerra tinha regras duras para quem as violava. Em três segundos todos os demais homens foram despachados. Talvez conseguissem sua cota de virgens. Isso Driscoll não sabia. Nem se importava. Nove vilões abatidos e mortos. Ele avançou. Atrás dele, seguiam mais dois Rangers, não perto demais, mas o suficiente, um com a pistola e o outro com a carabina M4 para vigilância, tal como dizia O Livro. A caverna dobrava para a direita logo adiante. Driscoll avançou, parando um instante apenas para respirar. Viu mais beliches. Dois.

Porém nenhum dos dois estava ocupado. A caverna continuava se aprofundando. Ele já estivera num monte de cavernas semelhantes. Algumas se estendiam até 300, 400 metros. Mas a maioria não. Algumas eram quase como closets, mas também não era o caso desta. Tinha ouvido falar que algumas, no Afeganistão, iam até a metade do infinito, compridas demais para que os russos as derrotassem, a despeito de medidas significativas para isso, até inundá-las com óleo diesel e jogar um fósforo dentro. Talvez usar gasolina fosse melhor ali, pensou Driscoll. Ou talvez explosivos. Os afegãos eram bem duros e a maioria não temia a morte. Driscoll jamais encontrara esse tipo de gente antes de vir para essa parte do mundo. Mas eles morriam, assim como todos os outros, e então os problemas que criavam desapareciam com eles.

Um passo de cada vez. Nove corpos atrás deles, todos homens, todos na casa dos 20 anos, jovens demais para ter informações úteis, provavelmente, e Guantánamo já tinha bastantes inúteis sentados atrás das grades. Trinta anos ou mais — então talvez valesse a pena poupar suas vidas para que algum sujeito da inteligência conversasse com eles. Mas todos eram jovens demais, e agora estavam todos mortos.

#### *De volta ao trabalho.*

Nada mais a ser visto aqui. No entanto ainda havia um brilho fraco adiante. Talvez outra vela. Seu olhar abaixava a cada poucos passos, procurando pedras que pudessem gerar algum ruído, e no momento o ruído era seu inimigo mais perigoso. Barulho acordava as pessoas, especialmente num lugar como esse. Ecos. Por isso as botas tinham solas flexíveis. A curva seguinte era para a esquerda, e parecia mais pronunciada. Hora de ir mais devagar novamente. Uma curva mais pronunciada significava lugar para sentinela. Vagarosamente, vagarosamente. Quatro metros. Mais ou menos 12 pés. Vagarosamente, gentilmente. Como se enfiar no quarto de dormir de um bebê para vê-lo deitado no berço. Mas ele se preocupava mesmo com algum adulto na esquina, segurando um rifle e com o sono entrecortado. Continuava com a pistola sacada, segura com as duas mãos, o silenciador com jeito de lata de refrigerante aparafusado na ponta. Onze tiros ainda no carregador. Parou e se voltou. Os dois Rangers permaneciam ali, olhares fixados nele. Não assustados, mas tensos e totalmente focados. Tait e Young, dois sargentos da Companhia Delta, Segundo Batalhão, 75º Regimento Ranger. Profissionais completamente sérios, tal

como ele, ambos em busca de uma carreira no Exército.

*Olho no trabalho.* Era difícil, às vezes, manter o foco. Mais um par de passos até a esquina. Era uma esquina aguda. Driscoll se aproximou... e enfiou a cara para olhar do outro lado. Havia alguém por perto. Um afegão ou outro tipo qualquer de babaca, sentado em uma... cadeira? Não, parecia mais uma pedra. Esse era mais velho do que ele esperava. Talvez uns 30 anos. O sujeito não estava simplesmente sentado nem bem-adormecido, mas também não acordado. Como se entre os dois estados, e realmente sem prestar atenção. O homem tinha uma arma, um AK-47, pouco mais de 1 metro distante da mão, encostado na pedra. Perto, mas não o bastante para ser alcançada numa emergência de verdade, como a que o sujeito logo iria enfrentar.

Driscoll se aproximou em silêncio, movimentando as pernas de modo exagerado, aproximando-se, e...

Ele deu uma porrada no lado direito da cabeça do sujeito. Talvez o suficiente para matar, mas provavelmente não. Driscoll enfiou a mão em um dos bolsos do casaco de combate e tirou um par de algemas de plástico. Esse era provavelmente velho o bastante para os espões interrogarem, e provavelmente iria parar em Guantánamo. Deixaria Tait e Young o empacotarem para transporte. Chamou a atenção de Tait, apontou para a forma inconsciente e fez um gesto de enrolar com o indicador. *Embrulhe-o.* Tait assentiu em retorno.

Outra volta mais adiante, uns 5 metros à frente, à direita, e o brilho piscava.

Seis passos a mais, depois à direita.

Driscoll não perdeu o foco. Passos vagarosos, cuidadosos, a arma bem segura.

A câmara seguinte, que media aproximadamente uns 10 metros por 10, resultou ser o fim da caverna. Estava, talvez, a uns 60 metros da entrada. Fundo o suficiente. Essa caverna provavelmente fora preparada para os importantes. Talvez para o importante? Ele saberia dentro de alguns minutos. Geralmente, não se permitia esse tipo de pensamento. Mas essa era a razão fundamental da missão. Talvez, talvez, talvez. Por isso Driscoll era um Ranger de operações especiais. Avançar, vagarosamente. Sua mão se levantou atrás dele.

Estava tão escuro que seus olhos de visão noturna PVS-17 mostravam agora tanto ruído de recepção quanto imagens, como pipoca em seu campo de visão, estourando e esvoaçando ao redor. Ele deslizou até a quina e olhou mais adiante, muito cuidadosamente. Alguém estava ali, deitado. Havia um AK-47 bem ao alcance, completo com um pente de plástico pré-carregado. O sujeito parecia estar adormecido, mas nisso eles eram bons soldados. Não adormeciam completamente como os civis, mas de modo leve e alerta. E Driscoll queria o cara vivo. Muito bem, sem problema, naquela noite ele já havia matado um punhado de gente só nos últimos dez minutos, mas esse aí ele queria vivo... se possível...

*Muito bem.* Driscoll passou a pistola para a mão direita e com a esquerda tirou a granada de luz das correias do peito do casaco. Tait e Young viram aquilo e se imobilizaram no lugar. A caverna logo iria se transformar. Driscoll levantou um

dedo. Tait respondeu ao sargento superior com o polegar para cima. Hora de botar para quebrar. O babaca já iria ouvir o despertador. Tait olhou ao redor. Uma vela pequena que iluminava bem o aposento. Driscoll recuou um ou dois passos, desligou sua visão noturna e puxou o pino da granada. Soltou a trava, esperou um instante e depois a atirou, contando, 1.001, 1.002, 1.003...

Souo como o fim do mundo. Os dez gramas de pó de magnésio estouraram como o sol do meio-dia, mas ainda mais brilhante. E o barulho. O barulho souo e foi sentido como o fim do mundo, estourando um BUM que acabou com qualquer sonho que o babaca estivesse desfrutando. Então Driscoll entrou. Ele não ficara tonto com a explosão. Estava aguardando-a, e assim seus ouvidos se ajustaram ao ruído e ele fechara os olhos para atenuar a magnitude do flash. O babaca não desfrutara dessa proteção. Seus ouvidos tinham sido violentados e isso afetava seu equilíbrio. Ele nem tentou pegar a arma próxima, mas Driscoll havia saltado e a chutado para longe, e em seguida estava com a pistola bem diante do rosto do babaca. Ele não tinha a menor chance de resistir e essa era a intenção do sargento.

Foi então que percebeu que estava com o alvo errado. Ele era barbado, mas tinha 30 e poucos anos, ainda longe dos 40. *Babaca errado* foi seu pensamento imediato, seguido por *Merda*. O rosto era a personificação da confusão e do choque. Sacudia a cabeça, tentando iniciar seu cérebro, mas, apesar de ser jovem e durão, não reagiu com a rapidez que as necessidades do momento exigiam.

Driscoll viu movimento perto dos fundos da câmara, uma sombra agachada, deslizando pela parede rochosa. Não se movendo na direção deles, mas para outro ponto qualquer. Driscoll colocou a pistola de volta no coldre, voltou-se para Tait e apontou para o babaca no chão — *Algeme* —, e depois ligou sua visão noturna e enquadrou a mira da M4 na sombra em movimento. Outro babaca barbudo. Seu dedo apertou levemente o gatilho, mas ele se deteve, agora curioso. A 4 metros do sujeito, ainda encostado na parede, havia um AK-47. Ele evidentemente tinha escutado a granada e sabia que a merda estava a caminho, então estaria tentando escapar?, perguntou-se Driscoll. Ainda o seguindo com a mira da M4, Driscoll o acompanhou, procurando uma saída... Ali: uma abertura de 2 metros na parede rochosa. Focou de volta e viu que o babaca tinha uma granada na mão direita. Era uma versão 40 milímetros de uma RPG-7, que os locais adoravam converter a carga para versões de lançamento manual.

*Não tão rápido, cara*, pensou Driscoll, e fixou a mira da M4 na orelha do homem. Ao mesmo tempo, o sujeito estendeu o braço para trás, por baixo, para atirar a granada. A bala 5,56mm de Driscoll entrou logo acima do ouvido do sujeito, atrás do olho. A cabeça estalou para trás e ele desabou, mas não antes que a granada estivesse voando, quicando na direção deles.

— Granada! — gritou Driscoll, e se atirou no chão.

*Brum!*

O sargento olhou para o alto e ao redor.

— Contagem!

— Ok — respondeu Tait, seguido rapidamente por Young e os demais.

A granada havia quicado na parede e rolado antes de parar, deixando uma cratera do tamanho de uma bola de areia no chão.

Driscoll tirou seu PVS-17 e sacou uma lanterna. Essa, ele ligou e focou ao redor. Aquele era o segmento de comando da caverna. Havia muitas prateleiras de livros e até mesmo um tapete no chão. A maioria dos afegãos que eles encontravam eram semianalfabetos, mas havia livros e revistas em evidência, alguns em inglês. Uma prateleira com alguns livros belamente encadernados em couro. Um em particular... couro verde, incrustações em ouro. Driscoll o folheou. Uma iluminura estampada — não por máquina e sim pela mão de algum escriba há muito morto com tinta multicolorida. Esse livro era antigo, realmente antigo. Em árabe, pelo menos era o que parecia, escrito à mão e iluminado com folhas de ouro. Devia ser uma cópia do Sagrado Corão, e não havia como saber sua idade ou valor relativo. Mas era valioso. Driscoll o guardou. Algum espião iria querer dar uma olhada. Em Cabul eles tinham um par de sauditas, oficiais militares superiores que davam apoio ao pessoal das Operações Especiais e aos espiões do Exército.

— Ok, Peterson, tudo limpo. Mande para o ar o código de chamada — disse Driscoll via rádio para seu especialista em comunicações. — Alvo sob controle. Nove alvos abatidos para a contagem, dois prisioneiros vivos. Nenhuma baixa amiga.

— Mas nada debaixo da árvore de Natal, Papai Noel — comentou o sargento Young em voz baixa. — Droga, tinha um bom pressentimento em relação a isso quando entrávamos. Tinha a sensação certa, acho. — Mais um buraco vazio para as tropas de Operações Especiais. Eles andavam furando muitos buracos desse tipo, mas isso fazia parte da natureza das Operações Especiais.

— Eu também. Qual o seu nome, babaca? — perguntou Driscoll ao prisioneiro de Tait. A granada de luz realmente havia derrubado o giroscópio do filho da mãe. Ele ainda nem compreendia que podia ter sido pior. Uma merda muito pior. Mas, também, quando os interrogadores comessem a cuidar dele...

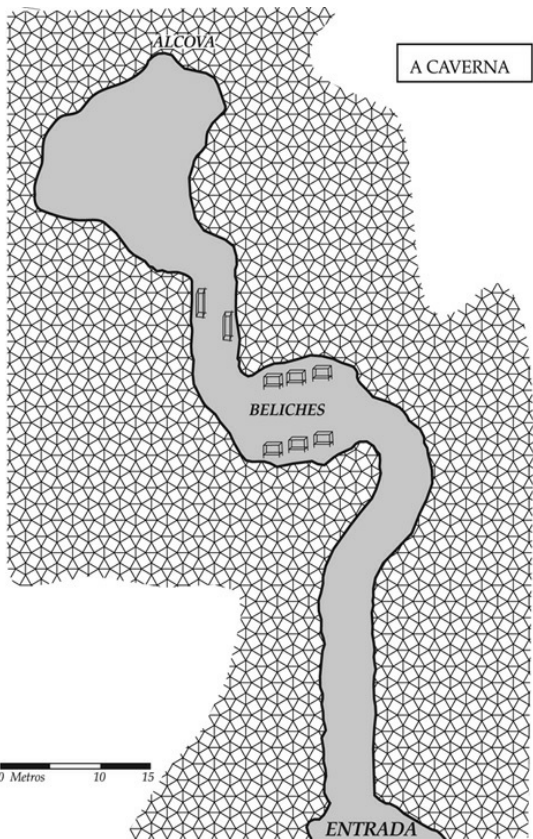
— Muito bem, pessoal, vamos fazer uma limpeza nesse buraco. Procurem por um computador e qualquer coisa eletrônica. Virem o lugar de cabeça para baixo e de dentro para fora. Qualquer coisa interessante, empacotem. Mandem alguém vir aqui pegar nosso amigo.

Havia um helicóptero Chinook em alerta rápido para a missão, e talvez ele estivesse a bordo dentro de uma hora. Droga, queria passar pelo clube para suboficiais de Fort Benning e beber um copo de Sam Adams, mas isso ainda ia levar pelo menos uns dois dias.

Enquanto o restante de sua equipe estabelecia um perímetro de vigilância do lado de fora da entrada da caverna, Young e Tait faziam buscas no túnel de entrada.



Descobriram algum material, mapas e coisas do tipo, mas não toparam com nenhum tesouro evidente. Era assim que essas coisas funcionavam. CDFs ou não, o pessoal da inteligência conseguia fazer uma refeição completa a partir de uma noz. Um pedacinho de papel, um Corão manuscrito, algum desenho feito com lápis de cera vermelho — eles às vezes faziam milagres com essas coisas, e por essa razão Driscoll não iria desperdiçar nenhuma chance. O alvo deles não estava lá, e isso era uma maldita vergonha, mas talvez a merda que os babacas tivessem deixado poderia dar a pista para alguma outra coisa, que por sua vez resultasse em algo bom. Era assim que funcionava, apesar de Driscoll não se ocupar muito com essas coisas. Estava acima do seu salário e da sua MOS. Que dessem a ele e aos Rangers a missão, e que alguém mais se preocupasse com os comos, os o quês e os porquês.



Driscoll caminhou para o fundo da caverna, apontando a lanterna ao redor, até chegar ao aposento que o babaca havia se empenhado tanto em destruir. Era mais ou menos do tamanho de um closet, como ele percebia agora, talvez um pouco maior, com um teto baixo. Ele se acorou e entrou bamboleando alguns metros dentro do aposento.

— O que você achou? — perguntou Tait, entrando atrás dele.

— Um caixão de areia e um engradado de madeira com munição.

Uma placa de compensado de 2 centímetros de espessura, quadrada, com mais ou menos 2 metros de largura, coberta com modelos colados em areia e papel machê de montanhas e espinhaços, com edifícios quadrados espalhados aqui e ali. Parecia uma coisa dessas que se viam nos velhos filmes sobre a Segunda Guerra Mundial ou num diorama desses de colégio. Trabalho bem-feito também, nada dessas coisas improvisadas que às vezes se encontra com esses sujeitos. Na maioria das vezes, os babacas dali rabiscavam um mapa no chão, rezavam alguma coisa e saíam para a ação.

O terreno não era familiar a Driscoll. Podia ser qualquer lugar, mas com certeza parecia ser uma área acidentada o suficiente para estar por ali mesmo, o que não estreitava muito as possibilidades. Também nada de pontos de referência. Nada de edifícios ou estradas. Driscoll levantou a ponta do caixão. Era bastante pesada, talvez uns 40 quilos, o que resolvia um de seus problemas: não havia como levar aquilo montanha abaixo. Era uma maldita de uma descida tortuosa; naquela altitude o vento era impiedoso e eles ou perderiam a coisa numa rajada ou ela começaria a adejar e poderia derrubá-los. E separá-la em pedaços poderia arruinar algo valioso.

— Ok, tire as medidas e pegue algumas amostras, depois veja se Smith já terminou de tirar as fotos do rosto dos babacas e fotografe esse troço em detalhe — comandou Driscoll. — Quantos cartões SD nós trouxemos?

— Seis. Cada um com 6 giga. É o bastante.

— Ótimo. Diversas fotos de tudo, na maior resolução possível. Traga alguma iluminação extra para cá e deixe alguma coisa do lado para mostrar a escala.

— Reno tem uma trena.

— Ótimo. Use. Muitos ângulos e closes, quanto mais, melhor. — Essa era a beleza das câmaras digitais. Tire quantas fotos quiser e apague as que ficarem ruins. Neste caso, deixariam a tarefa de apagar para o pessoal da inteligência. — E verifique cada centímetro para ver se há marcas.

Nunca se sabia o que era importante. Muito dependeria da escala do modelo, suspeitou. Se estivesse em escala, poderiam colocar as medidas num computador, fazer alguma álgebra, algoritmos ou seja lá o que for e sair com uma equivalência em algum lugar. Quem sabe, talvez aquele troço em papel machê resultasse ser algo especial ou alguma coisa feita apenas num beco qualquer em Kandahar. Merdas

ainda mais estranhas já aconteceram, e ele não daria nenhum motivo para o pessoal de cima encher o seu saco. Já estariam bastante chateados pelo inimigo não estar ali, mas isso não era culpa de Driscoll. Inteligência pré-missão, boa ou ruim ou vice-versa estava além do controle de um soldado. Ainda assim, valia o velho ditado militar: “A merda escorre para baixo.” Era mais verdadeiro do que nunca, e nesse negócio sempre havia alguém morro acima pronto para dar um empurrão no balde de merda.

— Pode deixar comigo, chefe — disse Tait.

— Solte uma granada de fragmentação quando terminar. Melhor terminar o serviço que eles deveriam ter feito.

Tait saiu trotando.

Driscoll voltou a atenção para o engradado de munição, pegando-o e levando para a entrada do túnel. Lá dentro havia um maço de papéis de quase 10 centímetros de altura — algumas folhas de bloco pautadas, cobertas com escritos em árabe, alguns números ao acaso e rabiscos —, e um grande mapa duplo dobrado. Um lado estava intitulado: “Carta de folha de navegação operacional, G-6, Agência de Mapeamento de Defesa, 1982”, e exibia a região da fronteira afegã-paquistanesa, enquanto a outra, colada com fita adesiva, era um mapa de Peshawar rasgado de um guia de viagem Baedeker.



— Cavalheiros, bem-vindos ao espaço aéreo americano — anunciou o copiloto.

Estavam perto de sobrevoar Montana, lar dos alces, céu aberto e um monte de bases de ICBM desativadas e silos vazios.

Estavam queimando combustível muito rapidamente voando baixo, mas o computador controlava tudo, e tinham uma reserva muito melhor do que a que tiveram voando sobre o Atlântico no sentido oeste algumas horas atrás — com muitos campos que podiam ser usados para aterrissar lá embaixo. O piloto ligou a tela superior, que usava câmeras de pouca luz para transformar a escuridão numa TV verde e branca monocolor. Agora, ela mostrava montanhas a oeste da sua rota. A aeronave automaticamente ganharia altitude para compensar, pois estava programada para manter uma altitude de mil pés acima do solo, e fazer isso em ângulos suaves, para manter seus ricos passageiros felizes e, esperava, transformados em fregueses habituais.

A aeronave deslizou até a altitude de 6.100 pés enquanto passavam sobre o espinhaço em forma de lagarta da Cordilheira Teton. Em algum lugar lá embaixo estava o Parque Nacional do Yellowstone. À luz do dia seria possível vê-lo, mas era uma noite sem nuvens e sem lua.

Os sistemas de sensores do radar mostravam que estavam “livres de conflito”. Não havia outra aeronave perto de sua posição ou altitude. A Base Aérea de Mountain Home estava a algumas centenas de quilômetros atrás deles, juntamente com seu complemento de pilotos de caça impetuosos.

— Pena não podermos movimentar o sensor do nariz. Poderíamos até ver os búfalos com os sensores infravermelhos — observou o piloto. — Li em algum lugar que estão voltando com força ao velho oeste.

— Juntamente com os lobos — respondeu o copiloto. A natureza restaurava seu equilíbrio, pelo menos é o que o Discovery Channel dizia. Sem bisões suficientes, os lobos morrem. Sem lobos em quantidade, os bisões entram em superprodução.

O território de Utah começava montanhoso, mas gradualmente se transformava em

planícies ondulantes. Novamente manobram para o leste a fim de evitar Salt Lake City, que tinha um aeroporto internacional e, provavelmente, um radar suficientemente poderoso para detectá-los sem transponder.

Todo aquele exercício teria sido impossível trinta anos antes. Eles teriam que cruzar a Pinetree Line, uma das predecessoras do DEW — *Distant Early Warning*, o sistema de detecção avançada dos Estados Unidos —, e assim alertar o Comando de Defesa Aeroespacial da América do Norte em Cheyenne Mountain. Bem, diante das atuais tensões entre os Estados Unidos e a Rússia, talvez o DEW e a Pinetree fossem reativados.

O voo estava mais suave do que ele pensara. Voar à luz do dia, no verão, sobre o deserto, realmente poderia causar muita turbulência, devido à subida irregular de correntes térmicas. Salvo alguns faróis de automóveis, a terra abaixo poderia até ser confundida com o oceano, tão vazia e escura que era.

Trinta minutos para a chegada. Já estavam com apenas com 4 mil quilos de combustível. Os motores consumiam muito mais rápido naquela altitude, um pouco mais de 2.200 quilos em vez dos cerca de 1.500 quilos por hora, que era o padrão.

— Acordo os passageiros? — perguntou o piloto.

— Boa ideia. — O piloto levantou o microfone. — Atenção. Aterrissagem prevista em trinta minutos. Nos avisem se tiverem alguma necessidade especial. Obrigado — acrescentou. *Realmente muito obrigado pelo dinheiro e pelo interessante perfil de voo* ele não acrescentou.

O piloto e o copiloto especulavam sobre quem eram os passageiros, mas não fizeram perguntas. Preservar suas identidades fazia parte do negócio, e, embora o que estavam fazendo fosse tecnicamente ilegal pelas leis americanas, eles não eram cidadãos americanos. Não estavam carregando armas, drogas ou qualquer outra coisa ilegal. De qualquer modo, nunca haviam visto o passageiro antes, e seu rosto estava envolvido em bandagens.

— Faltam 185 quilômetros, segundo o computador. Espero que a pista seja realmente comprida.

— O mapa diz que sim. Parece ter 2.600 metros. Logo saberemos.

De fato, a pista de pouso fora construída em 1943, e desde então era raramente usada, construída por um batalhão de engenharia que foi levado de caminhão para Nevada para construir uma base aérea — na verdade, um treinamento. Todas as pistas pareciam iguais, construídas a partir do mesmo manual, como um triângulo com um segmento maior que os outros dois. Eles estavam manobrando para a pista dois-sete, indicando uma aproximação no sentido oeste contra os ventos prevalecentes. Tinha até luzes de sinalização instaladas, mas o cabeamento já havia se degradado há muito, tal como o gerador a diesel do aeroporto. A região sofria muito pouco com neve e gelo para que houvesse danos ao concreto das pistas, que estava tão bom quanto no dia em que fora curado, 30 centímetros de concreto reforçado.

— Ali.

— Estou vendo.

Eram, de fato, luzes químicas de neon sendo quebradas, sacudidas e jogadas no perímetro da pista, e fulguravam com brilho no display. Em seguida, mais ainda quando luzes de caminhões foram ligadas. Um desses pares de faróis se dirigiu para o limite norte da pista, como se a delineasse para a aeronave que se aproximava. Nem o piloto nem o copiloto sabiam, mas supunham que um dos passageiros tivesse ligado antes pelo celular para despertar alguém.

— Ok, vamos fazer a aproximação — disse o piloto em comando. Puxou suavemente os manches para trás e abaixou os flapes para diminuir a velocidade do ar. Mais uma vez, o sensor de altitude anunciou sua altura acima do solo, mais baixa... mais baixa... mais baixa... então as rodas beijaram o solo. No lado oeste da pista, um caminhão piscou suas luzes, de baixa para alta e vice-versa, várias vezes, e o piloto levou a aeronave para lá.

— Chegamos ao nosso destino — disse o piloto pelo intercomunicador quando a aeronave diminuiu e parou suavemente. Tirou os fones de ouvido e se levantou para ir para a popa. Abriu a porta da esquerda e abaixou as escadas, depois se voltou para olhar os passageiros do voo fretado, a maioria dos quais já havia se levantado e caminhava nessa direção.

— Bem-vindos ao solo americano — disse.

— Foi um voo longo, mesmo assim muito bom — declarou o líder do grupo. — Obrigado. Seu pagamento já está depositado.

O piloto acenou agradecendo.

— Se precisarem novamente de nós, é só avisar.

— Sim, faremos isso. Talvez dentro de duas ou três semanas.

Nem a voz nem o rosto revelavam muito, o rosto um tanto obscurecido por bandagens. Talvez tivesse ido para lá descansar durante um período de recuperação de qualquer que tenha sido a cirurgia que fez. Acidente de carro era o palpite do piloto. Pelo menos era um clima saudável.

— Acredito que tenham notado o caminhão de abastecimento. Isso irá assegurar a vocês que o tanque seja completamente cheio. Quando partem para o Havaí?

— Assim que formos abastecidos — respondeu o piloto. Quatro, cinco horas. Piloto automático na maior parte do tempo, depois de deixarem para trás a costa da Califórnia.

Outro passageiro avançou, e depois se voltou para a popa.

— Um momento — disse, entrando no lavatório e fechando a porta atrás de si. Havia outra porta no fundo do recinto. Dava para o compartimento de bagagem. Ali, ele deixou uma bolsa de lona. Abriu o zíper para ver o interior. Dentro, ativou um timer eletrônico. Considerou que duas horas e meia seriam mais que o suficiente, depois fechou novamente o zíper e foi para a frente. — Me desculpe — disse ele, avançando e saindo pela porta à esquerda, descendo a escada. — E muito obrigado.

— O prazer foi meu, senhor — falou o piloto. — Desfrutem a estada.

O copiloto já havia descido e estava supervisionando a operação de reabastecimento. O último passageiro seguiu seu chefe até a limusine que esperava no concreto, entrou, e o carro foi embora. O reabastecimento levou cinco minutos. O piloto se perguntou como é que eles conseguiam o que parecia ser um caminhão de abastecimento oficial, mas este saiu logo depois, e a tripulação voltou para a cabine e começou os procedimentos de decolagem.

Depois de um total de 33 minutos no solo, o Falcon taxiou até o extremo leste da pista. A tripulação avançou os manches até a posição de decolagem e disparou para subir aos céus pela terceira vez no que já era um longo dia, seguindo para oeste. Cinquenta minutos mais tarde, e 1.800 quilos de combustível mais leves, eles ultrapassaram a costa da Califórnia um pouco acima de Ventura e passaram a estar “de pés molhados” sobre o oceano Pacífico, cruzando à velocidade Mach 0,83 e em uma altitude de 41 mil pés. O transponder primário foi ligado, o que transmitia a informação sobre o registro “oficial” da aeronave. O fato de ter simplesmente aparecido na tela do radar principal do Centro de Controle Aéreo de São Francisco não foi motivo de preocupação para ninguém, afinal os planos de voo não eram nem computadorizados nem realmente organizados de forma sistemática. Enquanto a aeronave não fizesse nada contrário às regras, não atraía atenção. Seguiu em direção a Honolulu, a 3.700 quilômetros de distância, com um tempo de voo estimado em quatro horas e 54 minutos. A caminho de casa.

Piloto e copiloto relaxaram, a aeronave em piloto automático e todos os indicadores dentro das normas. O piloto acendeu mais um cigarro enquanto deixava a costa dos Estados Unidos a uma velocidade de 820 quilômetros por hora sobre o solo.

Ele não sabia que no compartimento de bagagem da popa havia uma bomba feita com 4 quilos de explosivos plásticos PETN e RDX — vulgarmente referido como Semtex — armados com um timer eletrônico. Eles permitiram que os passageiros e seu comitê de recepção cuidassem da bagagem como quisessem. Assim que a aeronave passou o ponto dos mil quilômetros da costa da Califórnia, o timer zerou.

A explosão foi imediata e catastrófica. Destruíu a cauda e os dois motores da aeronave. Os principais dutos de combustível, que corriam logo abaixo da fuselagem, ficaram expostos ao vento e criaram uma cauda de fogo parecida com a de um meteoro. Poderiam ter sido vistas por qualquer aeronave que estivesse voando atrás do Falcon, mas não havia nenhuma naquela hora da madrugada, e as gotas gêmeas de chama amarela piscaram e apagaram em poucos segundos.

Na proa, piloto e copiloto não poderiam saber o que havia acontecido, apenas um ruído súbito, um painel aceso com todas as luzes de emergência e alarmes, e uma aeronave que não respondia aos controles. Aviadores são treinados para lidar com emergências. E levou apenas quatro ou cinco segundos para perceberem que estavam



condenados. Sem o estabilizador de cauda, o Dassault não podia ser controlado; a física era inexorável. A nave começou a entrar em espiral em direção ao oceano negro. Os dois aviadores tentaram manejar os controles, com esperança apesar do desespero. Toda uma vida de treinamento e horas infindáveis em simuladores de voo computadorizados tinham incrustado neles o que fazer quando uma aeronave não respondia aos comandos. Tentaram tudo que sabiam, mas o nariz não subia. Não tiveram tempo de notar que as tentativas de ajustar a força dos motores não adiantavam nada. Presos em seus assentos pelos cintos de segurança de quatro pontos, não podiam olhar para trás, para a cabine de passageiros, e logo ambos estavam anóxicos com a perda de pressão na cabine que escancarara a porta da popa. As mentes não tiveram a chance de perceber o que acontecia.

No final, tudo durou menos de um minuto. O nariz subiu e desceu. Girou à esquerda e à direita, por conta própria e à mercê das correntes de ar até que se esmigalhou no mar à velocidade de 240 nós, instantaneamente fatal. A essa hora, seus passageiros chegavam ao destino final, e sequer pensavam neles.



Como se fosse um sinal de Alá, indicando que seu caminho era o justo e verdadeiro, Dirar al-Kariim escutou o Adhan, a chamada para a prece, ecoando sobre os telhados de Trípoli e descendo até onde ele estava sentado no café, tomando chá. O momento não foi coincidência, ele sabia. Estivera tão focado passando e repassando mentalmente a operação que se esqueceu de ver o sol mergulhando no horizonte. Não importava. Certamente Alá perdoaria a distração — especialmente se tivesse sucesso em sua tarefa —, que também era sua para o bem ou para o mal, não era? O fato de seus superiores terem falhado em perceber o valor da missão era um desperdício infeliz, mas Dirar não estava preocupado. Iniciativa, pelo menos enquanto estivesse seguindo a vontade de Alá e as leis do islã, era uma bênção, e certamente seus superiores reconheceriam isso quando ele completasse a missão. Se estaria ou não vivo para receber os elogios, era uma questão para Alá decidir, mas sua recompensa estava assegurada, nesta vida ou na próxima. Dirar se confortou com o pensamento e o usou para acalmar a agitação no estômago.

Até bem recentemente, seu papel no jihad fora principalmente como apoio, proporcionando transporte e informação, oferecendo seu lar para seus camaradas soldados, e ocasionalmente ajudando no reconhecimento e recolhimento de inteligência. Havia manipulado armas, é claro, mas, para sua grande vergonha, jamais empunhara uma contra o inimigo. Isso logo mudaria — antes do próximo amanhecer, na verdade. Ainda assim, como lhe ensinaram no campo de treinamento em Fuqha, a proficiência em armas e no uso delas era apenas uma pequena parte da operação. Ao menos nisso os militares americanos estavam certos. A maioria dos combates é vencida ou perdida antes mesmo de os soldados chegarem ao campo de batalha. Planeje, replaneje, depois verifique seus planos pela terceira vez. Os erros nascem da má preparação.

O alvo de sua escolha havia se provado inexecutável, não apenas pelo limitado número de soldados que tinha sob comando, como também pela localização. O hotel era um dos mais novos de Trípoli, com tantas saídas, andares e pontos de entrada desconhecidos que seriam necessárias pelo menos duas dúzias de homens apenas para ocupá-lo, e isso sem nem mesmo levar em conta a força de segurança local, todos ex-

soldados e policiais armados com equipamentos avançados e respaldados por um sistema de vigilância ímpar. Com tempo e recursos suficientes, Dirar tinha confiança de que poderia obter êxito numa missão dessas, mas nenhum dos dois estava à sua disposição. Ainda não, pelo menos. Da próxima vez, talvez.

Em vez do alvo principal, escolheu um secundário, um que já havia sido proposto por outra célula — o grupo de Benghazi, suspeitava Dirar —, mas que tinha sido subsequentemente rejeitado pela liderança. Nenhuma razão fora dada, nem uma alternativa sugerida, e, como muitos de seus compatriotas, Dirar estava cansado de esperar enquanto o Ocidente continuava impávido em sua cruzada. Não foi surpresa encontrar outros membros da célula que compartilhavam desse sentimento, apesar de o recrutamento ter sido feito meio ao acaso, com Dirar nunca sabendo se seus planos tinham chegado a ouvidos hostis, tanto dentro quanto fora da organização. No decorrer do ano anterior, a Haiat amn al Jamahiriyyah de Kadafi conseguira infiltrar com sucesso certo número de células, uma das quais era dirigida por um amigo de infância de Dirar. Aqueles nove homens, bons soldados e fiéis verdadeiros, haviam desaparecido no quartel de Bab al-Azizia e dali jamais saíram — pelo menos, não vivos.

O alvo secundário certamente era coadjuvante, e apenas periféricamente responsável pelo ato pelo qual logo seria punido, porém, se obtivesse sucesso, Dirar confiava que a mensagem seria clara: os soldados de Alá tinham a memória longa e facas ainda mais. Mate um dos nossos e mataremos cem de vocês. Ele duvidava que chegasse a matar cem ali, mas isso não importava.

Juntamente com vários dos fregueses do café, Dirar levantou e foi até uma prateleira na parede do estabelecimento e de lá retirou uma *sajada* enrolada. Como era requisito, o tapete de oração estava limpo e sem detritos. Voltou à mesa e o desenrolou no pátio de tijolos, cuidando para que a ponta estivesse na direção da Qibla, Meca, depois ficou de pé, ereto, mãos nos lados do corpo, e começou a *salah*, iniciando com uma *iqama* sussurrada, o chamado particular para a oração. Imediatamente, sentiu uma onda de paz lavar sua mente enquanto prosseguia pelos sete passos da *salah*, terminando com a *salauuah*.

*Ó Alá, bendito seja Maomé  
e seu povo;*

*Certamente sois o Glorioso.*

*Ó Alá, derramai a graça divina sobre Maomé  
e sobre o povo de Maomé;*

*Tal como fostes misericordioso com Abraão  
e o povo de Abraão.*

*Pois certamente sois o Eterno, o Glorioso...*

Dirar terminou com um olhar de relance sobre cada ombro — reconhecendo a presença dos anjos que registravam as boas ações de cada fiel, assim como seus malfeitos —, e depois colocou as mãos unidas sobre o peito e em seguida limpou o rosto com as palmas.

Abriu os olhos e respirou fundo. Em Sua sabedoria, Alá considerou necessário que os fiéis cumprissem a *salah* pelo menos cinco vezes ao dia, antes da alvorada, ao meio-dia, no meio da tarde, ao pôr do sol e à noite. Tal como a maioria dos muçulmanos, Dirar considerava que os frequentes rituais eram tanto um momento de se recentralizar quanto um tributo ao poder e à graça de Alá. Jamais falava desses sentimentos com os outros, com receio de que fosse uma blasfêmia, mas no fundo do coração duvidava que Alá o condenasse por isso.

Verificou o relógio. Hora de ir.

A única questão que restava agora era se estaria vivo para cumprir a última *salah* do dia. Isso agora estava nas mãos de Alá.

Apesar de Driscoll não considerar montanhismo sua caminhada pelo Hindu Kush por si só, era o suficiente para que ele se lembrasse de um velho ditado do Everest: alcance o cume e você só terá subido até a metade da montanha. Tradução: muitas vezes, descer em segurança é a parte realmente difícil. E, para ele e sua equipe, aquilo era especialmente verdadeiro: montanhistas geralmente seguem a mesma rota na subida e na descida. Ele e seus Rangers não podiam fazer isso, a menos que se arriscassem a uma emboscada. Para complicar as coisas, estavam carregando consigo dois prisioneiros, que até então estavam sendo cooperativos, mas isso podia mudar rapidamente.

Driscoll alcançou um ponto plano na trilha entre um par de matacões e parou, levantando o punho ao mesmo tempo. Atrás dele, o resto da equipe parou quase em uníssono e se acorou. Estavam a uns 150 metros acima do fundo do vale. Mais uns quarenta minutos, segundo a estimativa de Driscoll, e depois mais 2 quilômetros pelo fundo do vale e chegariam à zona de aterrissagem. Verificou o relógio: a caminhada seguia em um bom ritmo.

Tait deslizou pelo lado da coluna e ofereceu a Driscoll um pedaço de carne-seca defumada.

— Os prisioneiros estão começando a arrastar um pouco a bunda.

— A vida é uma merda.

— E aí você morre — respondeu Tait.

Lidar com prisioneiros sempre era arriscado, ainda mais em um terreno como este. Se algum deles torcesse o tornozelo ou simplesmente decidisse sentar e se recusar a caminhar, você tinha três escolhas: deixá-lo para trás, arrastá-lo ou dar um tiro no sujeito. O truque era convencer os prisioneiros de que apenas um destino — o último — os esperava. O que provavelmente era verdade de qualquer maneira, pensou Driscoll. De jeito nenhum ele colocaria dois babacas de volta em circulação.

Driscoll disse:

— Cinco minutos e voltamos a nos mover. Avise aos demais.

O terreno coalhado de matações lentamente se nivelava e dava lugar a rochas do tamanho de barris e cascalho. A 100 metros do fundo do vale, Driscoll decidiu parar novamente e verificou o caminho à frente com os óculos de visão noturna. Seguiu o caminho ziguezagueante da trilha até o fundo, pausando em cada esconderijo em potencial até ter certeza de que nada se movia. O vale tinha 200 metros de largura e era bordejado por paredes de pura rocha. *Lugar perfeito para uma emboscada*, pensou Driscoll, porém, considerando tudo, a geografia do Hindu Kush fazia disso mais a regra do que a exceção, uma lição retransmitida há milênios, começando por Alexandre, o Grande, depois pelos soviéticos e, neste momento, pelos militares americanos. Driscoll e seu capitão, agora com a perna quebrada, planejaram essa missão de frente para trás e de trás para a frente, mas não acharam alternativas, pelo menos não numa área de 10 quilômetros, uma volta que colocaria a retirada deles sob a luz do dia.

Driscoll se voltou e contou rapidamente as cabeças: os 15 e mais dois. Sair com o mesmo número com que entrou já era uma vitória em si. Assinalou para Tait — *em movimento* —, que passou a mensagem para trás da fila. Driscoll se levantou e começou a descer a trilha. Dez minutos depois estavam a um passo do fundo do vale. Parou para verificar se alguém estava se amontoando, depois começou novamente a andar e parou.

*Havia alguma coisa errada...*

Driscoll só levou um instante para descobrir a fonte: um de seus prisioneiros, o que estava na posição número quatro com Peterson, já não parecia tão cansado. Sua postura era rígida, a cabeça balançando de um lado para o outro. *Um sujeito preocupado. Por quê?* Driscoll realizou outra parada, fez a coluna se acocorar. Pouco depois, Tait estava ao seu lado.

— O que houve?

— O babaca que está com o Peterson está nervoso com alguma coisa.

Driscoll inspecionou o terreno adiante com a visão noturna, mas não notou nada. O fundo do vale, plano e sem detritos, salvo o matacão ocasional, parecia vazio.

Nada se movimentava e não havia ruído algum, salvo o leve assovio do vento. Ainda assim, sua intuição dizia alguma coisa.

Tait perguntou:

— Viu algo?

— Nada, mas alguma coisa deixou o cara de bosta animado. — Então, prosseguiu: — Pegue Collins, Smith e Gomez, recue uns 30 metros e tome outro caminho pela colina. Diga ao Peterson e ao Flaherty para colocarem seus prisioneiros de cara no chão e cuidarem para que fiquem em silêncio.

— Entendido.

Tait desapareceu na trilha, parando para dar instruções a cada homem. Através da visão noturna, Driscoll observou seu progresso enquanto ele e os outros três deslizavam como cobras de volta pelo declive, depois saíam da trilha, movimentando-se de matacão em matacão paralelamente ao vale.

Zimmer havia se movimentado pela fila até a posição de Driscoll.

— A vozinha falou com você, Papai Noel? — perguntou.

— Sim.

Passaram-se 15 minutos. Sob o brilho fosco dos óculos, Driscoll viu Tait parar subitamente. Pelo rádio:

— Chefe, temos um espaço aberto adiante: um chanfro na rocha. Posso ver a ponta de uma tenda.

*O que explica o nervosismo do babaca*, pensou Driscoll. *Ele sabe que o acampamento está ali.*

— Sinais de vida?

— Vozes abafadas. Cinco, talvez seis.

— Entendido, mantenha a pos...

À direita, 50 metros acima do vale, apareceu um par de faróis. Driscoll se voltou para ver um jipe UAZ-469 derrapar pela quina e vir na direção deles. Restos da invasão soviética ao Afeganistão, os UAZ eram favoritos entre os inimigos curtidos do local. Aquele ali não tinha capota e era equipado com outra peça do equipamento do Exército soviético, uma metralhadora pesada NSV calibre 12,7 milímetros. *Treze disparos por segundo, alcance de 1.500 metros*, pensou Driscoll. No instante em que reconhecia a coisa, sua boca começou a disparar. Balas penetravam nas rochas e no solo, lançando cacos e nuvens de poeira. Mais abaixo no vale, por cima do penhasco oposto a Tait e aos demais, outras bocas começaram a atirar. O prisioneiro de Peterson começou a gritar em árabe, coisa que Driscoll não entendia patavina, mas cujo sentido era indisfarçável: encorajamento a seus compatriotas. Peterson bateu com o cabo da M4 atrás da orelha do sujeito, que ficou imóvel.

A equipe de Tait abriu fogo, suas M4 estourando e ecoando pelo vale. O restante dos homens de Driscoll achou uma cobertura e iluminou o UAZ, que derrapou e parou a uns 20 metros de distância, os faróis apontados para os Rangers.

— Tait, jogue umas granadas nessas tendas! — ordenou Driscoll, e depois

mergulhou para a esquerda e disparou duas rajadas curtas no UAZ.

— É para já! — respondeu Tait.

Mais acima na trilha, Barnes achou um nicho entre algumas rochas e colocou sua M249 SAW no tripé. A boca começou a cuspir fogo. Com o para-brisas despedaçado, o UAZ começou a recuar, a 12,7 milímetros ainda despejando balas na direção da colina. Vindo de onde Tait estava posicionado, Driscoll escutou o estampido de uma granada, depois outra, ainda mais duas em rápida sucessão. Agora se ouviam mais vozes em árabe. Gritos. Driscoll levou meio segundo para perceber que os gritos vinham de trás. Virou-se, a M4 no ombro. A 15 metros de distância, na trilha, o prisioneiro de Gomez estava de pé, de frente para o UAZ e gritando. Driscoll entendeu uns pedaços — *Atire em mim... atire em mim...* — e então a cabeça do sujeito explodiu e ele caiu para trás.

— Barnes, faça essa coisa parar! — gritou Driscoll.

Em resposta, os tracejadores da SAW baixaram da cabine e capota do UAZ para a grade do radiador, que começou a soltar faíscas. As balas batiam no bloco do motor, seguidas pouco depois por um gêiser de vapor. A porta do motorista se abriu e uma figura tropeçou para fora. A SAW o cortou ao meio. Na plataforma do jipe, a NSV silenciou, e Driscoll percebeu uma figura descendo. Recarregando, o sargento se voltou e assinalou a Peterson e Deacons — *granadas* —, mas os dois já estavam de pé, armas engatilhadas. A primeira granada foi longe demais e explodiu sem provocar danos atrás do UAZ, mas a segunda caiu bem ao lado do pneu traseiro do jipe. A explosão levantou a traseira do veículo alguns centímetros do chão. O artilheiro na plataforma caiu para o lado e ficou imóvel.

Driscoll se virou, esquadrinhou o penhasco mais distante com o PVS-17. Contou seis babacas, todos deitados e cuspidos fogo na posição de Tait.

— Fogo nesses merdas! — ordenou, e 11 armas começaram a regar o penhasco. Trinta segundos foram o suficiente. — Cessar fogo, cessar fogo! — ordenou Driscoll. O tiroteio parou. Ele falou pelo rádio: — Tait, conte as cabeças.

— Ainda tenho todas as quatro. Pegamos algumas lascas de rochas, mas estamos bem.

— Verifique as tendas. Limpe tudo.

— Entendido.

Driscoll começou a subir pela trilha, verificando cada homem por vez e só descobrindo alguns arranhões e cortes feitos por rochas fragmentadas.

— Barnes, você e Deacons verifiquem o...

— Papai Noel, você está...

— O quê?

— Seu ombro. Sente, Sam, sente! Médico aqui!

Agora Driscoll sentia o entorpecimento, como se seu braço direito tivesse adormecido do ombro para baixo. Deixou que Barnes o fizesse sentar na trilha. Collins, o segundo médico da equipe, veio correndo. Ajoelhou-se, e ele e Barnes

tiraram a mochila, primeiro do ombro direito, depois do esquerdo. Collins acendeu a lanterna do capacete e examinou o ombro de Driscoll.

— Você tem um estilhaço de pedra aí, Papai Noel. Assim do tamanho do meu polegar.

— Que merda. Barnes, você e Deacons vão verificar aquele jipe.

— Saquei, chefe.

Os dois saíram trotando pela trilha até o veículo.

— Dois mortos — avisou Deacons.

— Reviste, veja se acha documentos — disse Driscoll apertando os dentes. O entorpecimento dava lugar a uma dor incandescente.

— Você está sangrando muito — falou Collins. Tirou uma bandagem de campo da mochila e a pressionou contra o ferimento.

— Enrole isso o melhor que puder.

Tait, no rádio:

— Papai Noel, temos quatro mortos em combate e dois feridos, estou mandando para aí.

— Entendido. Verificação e busca de inteligência. Depois volte para cá.

Collins disse:

— Vou pedir uma evacu...

— Porra nenhuma. Dentro de 15 minutos vamos estar nos afogando em babacas. Vamos sair daqui. Me levante.





Clark sabia que seria um dia triste. Suas malas já estavam arrumadas — Sandy cuidava disso, eficiente como sempre. Seria a mesma coisa na casa de Ding — Patsy aprendera isso com a mãe. Rainbow 6 estava sendo entregue à segunda geração, boa parte da equipe original já havia partido, removida de volta para os Estados Unidos no caso dos americanos, principalmente para o Fort Bragg e a Delta School ou para Coronado, na Califórnia, onde a Marinha treinava os candidatos ao SEAL. Lá contavam as histórias permitidas pelas normas com cerveja em volta para alguns poucos instrutores de confiança. Quantas vezes foram até Hereford, em Gales, para beber *pints* de John Courage no confortável bar Green Dragon e trocar histórias de guerra, de modo mais livre, com seus colegas graduados dos Homens de Preto. Os locais sabiam quem eles eram, mas eram tão conscientes da segurança quanto os agentes do Serviço de Segurança — chamados de homens do “Cinco”, em homenagem ao antigo MI5 britânico —, que também apareciam por lá.

Nada era permanente no serviço, independentemente do país. Isso era saudável para as organizações, sempre trazendo novas pessoas, algumas delas com novas ideias, e também provocava reuniões calorosas nos lugares mais improváveis — muitas em terminais de aeroportos por todo esse mundo assustador —, e muitas cervejas bebidas e apertos de mão trocados antes de serem chamados para os voos de partida. Mas a instabilidade e a incerteza se tornavam desgastantes com o tempo. Você começa a se perguntar quando um amigo próximo e colega seria enviado para longe, para desaparecer em algum outro compartimento do mundo “preto”, sempre rememorado, mas raramente visto novamente. Clark já vira muitos amigos morrerem em “missões de treinamento” — o que geralmente significava levar um tiro em uma área proibida. Mas isso tudo era o preço por pertencer a essa fraternidade exclusiva, e não havia como mudar isso. Como os SEAL gostavam de dizer: “Não é preciso gostar da coisa, só tem que fazê-la.”

Eddie Price, por exemplo, tinha se aposentado como sargento-mor regimental do 22º Regimento do Serviço Aéreo Especial, o SAS, e agora era Yeoman Gaoler no Palácio Real de Sua Majestade, a Torre de Londres. John e Ding se perguntaram se a chefe de Estado do Reino Unido compreendia o quão mais seguro seu Palácio e

fortaleza estava agora, e se o machado cerimonial de Price (o Yeoman Gaoler é o carrasco oficial) estava adequadamente amolado. Afinal, podiam ter a certeza de que ele ainda fazia sua corrida matinal e seus exercícios de educação física, e infeliz aquele membro da força de segurança do Exército regular que não estivesse com as botas brilhando, perfeitamente uniformizado e com o rifle mais limpo do que quando saiu da fábrica.

É uma puta vergonha ter que envelhecer, John Clark disse a si mesmo, já o suficientemente perto dos 60 para ver a sombra disso tudo, e a pior parte de envelhecer é se lembrar de como era ser jovem, mesmo das coisas que seria melhor esquecer no seu caso. As lembranças eram uma faca de dois gumes.

— Olá, Sr. C. — disse uma voz familiar na porta da frente. — Uma merda o dia de ir embora, não é?

— Ding, já conversamos sobre isso — disse John sem se voltar.

— Desculpe... John.

John Clark levou anos para fazer com que Chavez, colega e genro, o chamasse pelo primeiro nome, e até agora Ding tinha problemas com isso.

— Pronto para caso alguém tente sequestrar o avião?

— O Sr. Beretta está no lugar de sempre — respondeu Ding. Eles estavam entre o punhado de pessoas na Inglaterra que podia portar armas de fogo, e tal privilégio não era deixado de lado à toa.

— E como estão Johnny e Patsy?

— O garotinho está empolgado por voltar para casa. Temos algum plano para quando chegarmos lá?

— Na verdade, não. Amanhã de manhã fazemos uma visita de cortesia a Langley. Talvez eu vá visitar Jack dentro de um ou dois dias.

— Para ver se ele anda deixando pegadas no teto? — perguntou Ding com um muxoxo.

— O mais provável é que sejam marcas de garras, se bem conheço Jack.

— A aposentadoria não é divertida, acho. — Chavez não avançou mais no assunto. Era um tema melindroso para seu sogro. O tempo passa, não importa o quanto você deseje que isso não aconteça.

— Como Price está levando a coisa?

— Eddie? Ele aguenta o tranco com disposição, não é assim que vocês marinheiros dizem?

— Chegou perto para um milico.

— Ei, cara, eu disse “marinheiro”, não “grumete”.

— Devidamente anotado, Domingo. Desculpe, coronel.

Chavez desfrutou da risada.

— Sim, vou sentir falta disso — comentou.

— Como está Patsy?

— Melhor que na gravidez passada. Está ótima. Se sente bem... pelo menos é o que

diz. Patsy não vive se queixando. É uma ótima garota, John... Mas, o que posso dizer que você já não saiba, não é?

— Nada, mas é sempre bom ouvir isso.

— Bem, não tenho queixas. — E, se tivesse, teria que abordar o assunto com muita diplomacia. Mas não tinha. — O helicóptero está esperando, chefe.

— Droga. — Um sussurro entristecido.

O sargento Ivor Rogers já estava com a bagagem no caminhão verde do Exército britânico que os levaria até o heliporto, e esperava ali fora pelo seu brigadeiro pessoal, que era o posto virtual de John. Os ingleses eram muito conscientes sobre questões de posto e cerimônias, e viu que teria mais disso lá fora. Esperava partir discretamente, mas os locais não pensavam assim. Enquanto dirigiam até o heliporto, lá estava toda a força Rainbow, os atiradores, o apoio de inteligência, até mesmo a equipe de armeiros — a Rainbow tinha os melhores armeiros de toda a Inglaterra —, em formação — o termo local era “em parada” — com seja lá qual fosse o uniforme que tiveram autorização para usar. Existia até um esquadrão do SAS. Rostos impávidos, coletivamente fizeram a apresentação de armas, no elegante movimento em três fases que o Exército britânico adotava havia vários séculos. A tradição podia ser algo bonito.

— Droga — murmurou Clark, descendo do caminhão. Havia avançado muito para um velho suboficial de serviço da Marinha, mas também dera uma série de passos incomuns pelo caminho. Sem saber exatamente o que fazer, percebeu que tinha que passar as tropas em revista, e apertar as mãos de todos enquanto caminhava até o helicóptero MH-60K.

Levou mais tempo do que esperava. Quase todas as pessoas presentes receberam algumas palavras especiais junto com o aperto de mão. E todos mereciam. Sua mente voltou aos seus tempos de terceiro-sargento da guarda, uma vida anterior inteira. Estes eram tão bons quanto aqueles, mesmo que fosse difícil acreditar nisso. Ele também fora jovem, orgulhoso, e também se achava imortal. E o mais notável era não ter morrido por se considerar assim como acontecera com tantos bons homens. Por quê? Sorte, talvez. Não havia outra explicação razoável. Ele aprendeu a ser cuidadoso, principalmente no Vietnã. Aprendeu vendo morrer homens que não tiveram tanta sorte e que simplesmente cometeram algum erro idiota, às vezes simplesmente por não prestar atenção. Alguns riscos você tem que correr, mas tenta repassá-los mentalmente para aceitar apenas os riscos necessários. E esses já eram suficientemente ruins.

Tanto Alice Foorgate quanto Helen Montgomery o abraçaram. Tinham sido secretárias fantásticas, o que era difícil de achar. Clark até ficou meio tentado a achar emprego para as duas nos Estados Unidos, mas os ingleses as valorizavam tanto quanto ele e isso teria provocado uma briga.

E finalmente Alistair Stanley, o chefe que começava, estava de pé no final da fila.

— Vou tomar conta deles, John — prometeu. Os dois apertaram as mãos. Não

havia muito mais a dizer. — Nenhuma novidade ainda sobre seu próximo posto?

— Espero que me digam antes da chegada do próximo pagamento. — O governo funcionava bem para fazer esse tipo de papelada andar. Não fazia muito mais que isso, claro, mas, quanto à papelada, sim.

Com nada mais a ser dito, Clark caminhou até o helicóptero. Ding, Patsy e J. C. já estavam com os cintos presos, juntamente com Sandy. J. C. especialmente adorava voar, e iria se empanturrar disso nas próximas dez horas. Levantaram voo e seguiram para sudoeste em direção ao terminal quatro de Heathrow. Aterrissando no heliporto próprio, uma van já os esperava para levar direto ao avião, de modo que não tiveram que passar pela fiscalização eletrônica. Era um 777 da British Airways. O mesmo tipo de avião no qual voaram quatro anos antes, com os terroristas bascos a bordo. Estes estavam na Espanha, mas eles jamais perguntaram em que prisão e em que condições. Provavelmente nada parecido com o hotel Waldorf Astoria.

— Estamos desempregados, John? — perguntou Ding enquanto a aeronave taxiava pela pista de Heathrow.

— Provavelmente, não. Mesmo que estejamos, eles não chamam disso. Podem fazer de você um oficial de treinamento na Fazenda. Eu...? Bem, podem me manter na folha de pagamentos por mais um ou dois anos, e talvez eu pilote uma mesa no centro de operações até que eles peçam de volta meu tiquete de estacionamento. Somos experientes demais para sermos despedidos. Não vale a papelada. E eles podem ter medo que falemos com o repórter errado.

— É, você ainda deve um almoço ao Bob Holtzman, não é?

John quase derramou o champanhe de antes da decolagem com essa lembrança.

— Bem, dei minha palavra a ele, não foi?

Os dois ficaram em silêncio por alguns minutos, depois Ding disse:

— Então, faremos uma visita de cortesia ao Jack?

— Acho que temos que fazer isso, Domingo.

— Concordo. Diabo, Jack Jr. já saiu do colégio, não é?

— É. Não sei o que ele anda fazendo.

— Aposto que algum emprego de filhinho de papai. Ações, títulos, alguma merda envolvendo dinheiro, aposto.

— Bem, o que você fazia na idade dele?

— Aprendia com você como deixar mensagens clandestinas, na Fazenda, e estudava à noite na Universidade George Mason. Dormindo acordado, quase sempre.

— Mas fez mestrado, se bem me lembro. Muito mais do que eu consegui.

— É. Tenho um pedaço de papel que diz que eu sou esperto. E você deixou cadáveres espalhados pelo mundo todo. — Felizmente, era virtualmente impossível grampear uma cabine de avião.

— Chamo de trabalho de laboratório em política externa — sugeriu Clark, dando

uma olhada no menu da primeira classe. Pelo menos a British Airways fingia servir uma comida decente, embora simplesmente não compreendesse por que as companhias aéreas não faziam estoques de Big Macs e batatas fritas. Ou talvez pizzas da Domino's. Toda a grana que economizariam, apesar de o McDonald's na Inglaterra não usar o tipo certo de carne. Na Itália era ainda pior. Mas o prato nacional deles era vitela à milanesa, e isso era melhor que um Big Mac. — Você está preocupado?

— Sobre o emprego? Não mesmo. Posso sempre ganhar bastante dinheiro fazendo consultoria. Sabe, nós dois podemos organizar uma companhia, segurança para executivos ou coisa assim, e realmente fazer a limpa. Eu realizaria o planejamento, e você, a proteção. Sabe, simplesmente ficar lá olhando para os caras daquele jeito especial de “não foda comigo” que você sabe fazer.

— Estou velho demais para isso, Domingo.

— Ninguém é bobo de chutar o rabo de um leão velho, John. De qualquer maneira, sou baixo demais para assustar bandidos.

— Porra nenhuma. Eu não encheria seu saco nem brincando.

Chavez raramente recebia esse tipo de elogio. Era muito sensível sobre sua pequena estatura — sua esposa era 3 centímetros mais alta —, mas isso tinha um valor tático. No decorrer dos anos, muitas pessoas o subestimaram e ficaram ao seu alcance. Não os profissionais. Esses podiam ler nos seus olhos e perceber o perigo que havia atrás deles. Isso quando ele se importava em acender as luzes de aviso. Raramente as coisas chegavam a esse ponto, apesar de um valentão de rua da zona leste de Londres uma vez ter sido mal-educado na frente de um pub. Acordou mais tarde com um *pint* de cerveja na cara e uma carta de baralho enfiada no bolso. Era a rainha de paus, mas a parte de trás dela era de um negro brilhante. Esses acontecimentos eram raros. A Inglaterra continuava sendo um país civilizado na maior parte do tempo, e Chavez nunca saía atrás de confusão. O baralho negro era uma lembrança não autorizada dos Homens de Preto. Os jornais falaram daquilo, e Clark passara um sabão nos homens que usavam as cartas. Mas não tão ensaboado assim. Havia demonstração de segurança, e havia vontade de aparecer. Os rapazes que ele deixara em Gales tinham ambas as coisas, e isso, na verdade, estava ok, contanto que as tropas soubessem onde estava a linha que as separava.

— Qual você acha que foi nosso melhor trabalho?

— Acho que foi o do parque de diversões. Malloy fez um belo trabalho ao conseguir colocar você e sua equipe dentro do castelo, e a manobra que você executou foi quase perfeita, principalmente considerando que não pudemos treinar.

— Puxa, aqueles eram bons soldados — concordou Domingo com um sorriso. — Meus antigos Ninjas nem chegavam perto, e eu pensava que eram os melhores soldados que havia.

— E eram, mas a experiência conta muito. — Cada membro da equipe Rainbow era pelo menos um primeiro-sargento ou equivalente, o que demanda alguns anos de

uniforme para ser alcançado. — Muitas capacidades nascem com o tempo de serviço, e isso não se consegue olhando o manual. Depois, os treinamos que nem uns demônios.

— Nem me diga. Se eu precisar correr mais, vou ter que usar pernas novas.

Clark resmungou:

— Você ainda é um filhote. Mas ouça o que digo: nunca vi uma turma como essa antes, e já vi muitas equipes. Jesus, parece até que eles já nasceram com uma pistola na mão. Que tal essa, Ding, qual o seu campeão pessoal?

— Teria que medir com osciloscópio e paquímetro. Escolheria Eddie Price pelo cérebro. Weber ou Johnston no rifle, droga, não há como escolher entre os dois. Para armas curtas, aquele francesinho, Loïselle... Ele expulsaria Doc Holliday de Tombstone. Mas você sabe, só é preciso realmente pôr uma bala no centro do alvo. Morto é morto. E todos nós podemos fazer isso, de perto ou de longe, de dia ou de noite, acordado ou dormindo, bêbado ou sóbrio.

— Por isso que nos pagam tanto.

— É uma vergonha que estejam puxando o freio.

— Uma puta vergonha.

— Droga, por quê? Simplesmente não entendo.

— Porque os terroristas europeus estão liquidados. Nós os derrubamos, Ding, e fazendo isso cortamos nosso trabalho em tempo integral. Mas pelo menos não puxaram totalmente a tomada. Dada a natureza da política, podemos dizer que foi um sucesso e cavalgamos rumo ao pôr do sol.

— Com uma palmadinha nas costas e um “é isso aí, garoto”.

— E você espera que governos democráticos demonstrem gratidão? — perguntou John com uma leve cara. — Seu pobre garoto ingênuo.

Os burocratas da União Europeia foram a principal razão. Nenhum país europeu tolerava mais a pena capital — o que as pessoas comuns poderiam desejar não era considerado, claro —, e um dos tais representantes do povo disse em alto e bom som que a equipe Rainbow fora demasiadamente implacável. Nunca lhe perguntaram se desejava que um cão raivoso fosse capturado de forma humana e tivesse tratamento médico. O povo jamais desaprovou alguma ação da equipe em nenhum país, mas seus burocratas benevolentes e gentis ficavam com a cabeça quente, e essas pessoas sem rosto é que tinham o verdadeiro poder político. Como em qualquer lugar do mundo civilizado.

— Sabe, na Suécia é ilegal criar novilhos do modo mais eficiente. É preciso dar a eles contato social com outras criaturas. Logo não vão poder mais cortar seus colhões até que deem pelo menos uma trepada — resmungou Chavez.

— Isso me parece razoável. Assim eles vão saber o que estão perdendo. — Clark fez um muxoxo. — Uma coisa a menos para os vaqueiros fazerem. Não deve ser brincadeira um homem fazer isso com outro animal.

— Jesus disse que os fracos herdarão a terra, e por mim tudo bem, mesmo assim

ainda quero ter os policiais por perto.

— E você já me viu discordando? Recline o assento da poltrona, tome uma taça de vinho e durma um pouco, Domingo.

*E, se alguém tentar sequestrar esse avião, nós cuidamos dele,* Clark não acrescentou.

Mas a esperança nunca morre. Quem sabe mais um pouco de ação antes de ser colocado para pastar.



— Então, qual é a boa de hoje? — perguntou Brian Caruso ao primo.

— O mesmo guisado de sempre, só muda o dia, suponho — respondeu Jack Ryan Jr.

— “Guisado?” — retrucou Dominic, o outro Caruso. — Você não está querendo dizer “merda”?

— Tento ser otimista.

Os três, armados com as primeiras xícaras de café do dia, caminharam pelo corredor até o escritório de Jack. Eram oito e dez, já na hora de começar mais um dia no Campus.

— Alguma notícia de nosso amigo, o Emir? — perguntou Brian, bebendo um gole de café.

— Nada em primeira mão. Ele não é estúpido. Fez até com que seus e-mails fossem enviados por uma série de intermediários, alguns através de contas em servidores abertos e fechados em questão de horas, e mesmo assim os dados financeiros das contas acabam sendo becos sem saída. Atualmente, o interior do Paquistão é a aposta mais provável. Talvez na casa ao lado. Talvez onde quer que ele possa comprar um lugar seguro. Droga, a essa altura fico tentado a olhar até no nosso guarda-roupa.

Era frustrante. Sua primeira aventura como agente de campo tinha sido um sucesso. Ou talvez sorte de principiante. Ou destino. Ele tinha ido a Roma como apoio de inteligência para Dominic e Brian, nada mais que isso, e por puro acaso localizou MoHa no hotel. Daí para a frente, as coisas correram rapidamente, rápido demais, e então foi ele e MoHa no banheiro...

Da próxima vez, não ficaria tão assustado, disse Jack a si mesmo com enorme — e falsa — confiança. Ele se lembrava de matar MoHa tão claramente quanto da primeira vez que dera uma trepada. O mais vívido foi o olhar no rosto do homem quando a sucinilcolina começou a atuar. Jack poderia ter se arrependido do assassinato, salvo pela onda de adrenalina do momento e pelo que Mohammed era culpado de ter feito. Ele não tinha nenhum arrependimento na alma por essa ação. MoHa era um assassino, alguém que tinha tomado para si levar a morte a civis inocentes, e Jack não perdeu um pestanejar de sono por causa disso.



Havia ajudado muito estar acompanhado de familiares. Ele, Dominic e Brian compartilhavam um avô, Jack Muller, pai de sua mãe. O avô materno deles, agora com 83 anos, era um italiano de primeira geração, que emigrou da Itália para Seattle, onde nos últimos sessenta anos trabalhara no restaurante administrado e de propriedade da família.

Vovô Muller, antigo veterano do Exército e vice-presidente da Merrill Lynch, tinha um relacionamento desgastado com o Jack Ryan mais velho, depois de declarar que o abandono de Wall Street por seu genro em troca do serviço público era pura idiotice — idiotice que havia levado sua filha e sua neta, a pequena Sally, a quase perderem as vidas num desastre de automóvel. Se não fosse a decisão errada do genro de voltar para a CIA, isso não teria acontecido. É claro que ninguém, salvo o vovô Muller, acreditava nisso, incluindo mamãe e Sally.

Também ajudou, considerou Jack Jr., o fato de Brian e Dominic serem também relativamente novos nisso. Não novos diante do perigo — Brian era um marine e Dominic, agente do FBI —, mas nessa “Selva de Espelhos”, como James Jesus Angleton a chamara. Eles se adaptaram bem e rapidamente, tendo despachado três soldados do CRO em curto prazo — quatro no tiroteio no shopping em Charlottesville e três na Europa com a “Caneta Mágica”. Entretanto, Hendley não os contratara por serem bons de gatilhos. “Atiradores espertos” foi a frase que Mike Brennan, quando era diretor do Serviço Secreto, usara muitas vezes, e realmente caía como uma luva em seus primos.

— Me dê *seu* melhor palpite — pediu Brian em seguida.

— Paquistão, mas perto o suficiente para o pessoal dele poder pular a fronteira. Algum lugar cheio de rotas de evacuação. Está num lugar com eletricidade, mas geradores portáteis são fáceis de obter, então isso não quer dizer muito. Talvez também uma linha telefônica. Eles se livraram dos telefones via satélite. Aprenderam isso do modo mais difícil.

— É... quando leram sobre isso no *Times* — resmungou Brian.

Os jornalistas acham que podem imprimir o que quiserem. É difícil ver as consequências disso quando se está sentado na frente de um teclado.

— Porém no fim das contas não sabemos onde Sua Alteza anda agora. Mesmo minha melhor avaliação é apenas um palpite, mas a verdade que tem que ser dita é que inteligência muitas vezes não passa disso, um palpite baseado nas informações disponíveis. Algumas vezes é sólida como uma rocha, e em outras, parece leviana como o ar. A boa notícia é que temos lido muitos e-mails.

— Quantos? — perguntou Dominic.

— Talvez 15 ou vinte por cento do total. — Ainda assim, o volume era esmagador, mas com o volume vinham as oportunidades. *Meio como Ryan Howard*, pensou Jack. *Balança num monte de lançamentos, perde um bocado, mas consegue pontuar bastante. Felizmente.*

— Então vamos balançar a árvore e ver o que cai. — Sempre marine, Brian estava

a fim de atacar uma cabeça de praia. — Agarramos alguém e o fazemos suar um pouco.

— Não quero estragar nossa mão — disse Jack. — Deixe algo assim para uma operação em que valha a pena botar para quebrar.

Uma coisa que ambos sabiam não falar sobre era como a comunidade de inteligência tratava com cautela os dados que recebia. Uma boa parte ficava em casa, sem ser passada adiante nem para os próprios diretores, que tendiam a ser políticos nomeados, leais para quem os nomeava e nem sempre fiéis ao juramento que prestavam ao assumir os cargos. O presidente — conhecido na comunidade como NCA, a autoridade nacional em comando — tinha uma equipe na qual confiava, ainda que essa confiança significasse vaziar o que ele queria, e apenas o que ele queria que vazasse, e apenas para jornalistas que aceitassem tratar a notícia vazada como ele queria. A comunidade de espões não revelava tudo ao presidente, o que poderia gerar demissão caso alguém fosse descoberto. Também controlavam o que era passado para os agentes de campo, algo que tinha uma história por trás e que também explicava por que o pessoal de operações especiais raramente confiava na comunidade de inteligência. Era tudo uma questão de necessidade de saber. Você podia ter a autorização de segurança mais alta, mas, se não fosse necessário que soubesse, ficava fora da jogada. A mesma coisa valia para o Campus, que oficialmente estava fora de todas as jogadas, o que era em parte uma questão de princípio. Ainda assim, eles conseguiam muito sucesso se esgueirando para dentro da jogada. O hacker-chefe deles, uma espécie de supergeek chamado Gavin Biery, que dirigia a seção de TI, ainda não tinha encontrado um sistema de criptografia no qual não conseguisse enfiar o dedo.

Antigo empregado da IBM, ele perdera dois irmãos no Vietnã, e depois disso passou a trabalhar para o governo federal, onde foi localizado e cuidadosamente selecionado para ir ao quartel-general da Agência de Segurança Nacional, a NSA, em Fort Meade, o principal centro de comunicações e segurança eletrônica do governo. Desde então seu salário alcançara o máximo como sênior do serviço executivo, e ele ainda recebia uma generosa aposentadoria do governo. Mas adorava ação e tinha pulado para agarrar a oferta do Campus, segundos depois que esta lhe fora oferecida. Era, profissionalmente, um matemático com doutorado em Harvard, onde estudou com o próprio Benoit Mandelbrot, e de vez em quando fazia conferências no MIT e na Caltech sobre sua especialidade.

Biery era um geek de cabo a rabo, até os óculos de aros negros grossos e uma aparência pastosa, mas mantinha os equipamentos eletrônicos do Campus lubrificados e as máquinas ronronando o tempo todo.

— Compartimentalização? — disse Brian. — Não me venha com essa merda de sigilo.

Jack levantou as mãos e deu de ombros.

— Sinto muito. — Tal como seu pai, Jack Ryan não era de quebrar as regras.

Primo ou não, Brian não tinha necessidade de saber. Ponto final.

— Alguma vez você já pensou sobre o nome? — perguntou Dominic. — O CRO? Você sabe bem como esse pessoal adora duplos sentidos.

*Ideia interessante*, pensou Jack.

O Conselho Revolucionário Omíada foi invenção do próprio Emir, eles achavam. Seria o que parecia — simplesmente outra referência oblíqua a um símbolo indiscutível do jihad, ou seja, Saladino —, ou seria algo mais?

Nascido como Salah Ad-din Yusuf Ibn Ayyub, por volta de 1138 em Tikrit — hoje Iraque —, Saladino rapidamente cresceu até o status de figura representativa nas cruzadas, primeiro como defensor de Baalbek, depois como sultão do Egito e da Síria. O fato de o desempenho de Saladino nos campos de batalha ser, segundo alguns relatos, irregular no melhor dos casos, tinha pouca consequência para a história muçulmana. O que importava, como foi o caso de muitas figuras tanto do Oriente quanto do Ocidente, era o que Saladino passou a representar. Para os muçulmanos, ele era a espada vingadora de Alá, resistindo à inundação dos cruzados infieis.

Se havia algum pano de fundo simbólico no nome do CRO, provavelmente estava no último nome, *Omíada*, o nome da mesquita de Damasco que abrigava a última morada de Saladino, um mausoléu que continha tanto um sarcófago de mármore doado pelo imperador Guilherme II da Alemanha quanto um simples caixão de madeira, no qual ainda estavam os restos de Saladino. O fato de o Emir ter escolhido *Omíada* como nome operacional de sua organização sugeria a Jack que ele via o jihad como um ponto de inflexão, tal como a morte de Saladino fora a transição de uma vida de lutas e sofrimentos para o paraíso eterno.

— Vou pensar um pouco nisso — disse Jack. — Não é um mau palpite, eu acho.

— Aqui dentro não há apenas areia, primo — declarou Brian, sorrindo, enquanto batia na testa com o dedo indicador. — Então, o que seu pai anda fazendo com todo o tempo livre?

— Não sei. — Jack não passava muito tempo em casa. Isso significaria conversar com seus pais, e, quanto mais falasse sobre seu “emprego”, mais provável era que seu pai ficasse curioso, e, se descobrisse o que ele fazia ali, mais provável ainda que ficasse muito irritado. E nem pensar em como sua mãe reagiria. Esses pensamentos irritavam Jack. Ele não era nenhum filhinho da mamãe, com certeza, mas será que alguém verdadeiramente deixa de tentar impressionar os pais e buscar aprovação? Como era mesmo aquele ditado? Alguém só se tornava verdadeiramente um homem quando matasse seu pai — metaforicamente, é claro. Ele era um adulto, seguindo seu caminho, fazendo um monte de coisa séria no Campus. *Já é hora de sair da sombra do papai*, lembrou-se Jack pela enésima vez. Só que era uma maldita sombra grande demais.

Brian disse:

— Aposto que ele está de saco cheio e...

— Quer escapar?

— Você não gostaria?

— Já morei na Casa Branca, lembra? Já tive minha dose. Com prazer arrumo meu cubículo aqui e fico caçando bandidos.

*Por enquanto, quase sempre no computador*, pensou Jack, mas talvez, se jogasse direito, mais no campo. Ele já ensaiava o discurso que faria para o chefe do Campus, Gerry Hendley. O caso do MoHa tinha que valer alguma coisa, não é? Seus primos eram atiradores espertos. O termo cabia a ele?, considerou Jack. *Poderia* se aplicar a ele? Em comparação, sua vida tinha sido muito protegida, o filho bem-protegido do presidente John Patrick Ryan, mas isso também trouxe seus benefícios, não é verdade? Aprendeu a atirar com agentes do Serviço Secreto, havia jogado xadrez com o secretário de Estado, vivera e respirara, ainda que obliquamente, no mundo interior das comunidades militar e de inteligência. Teria ele, por osmose, adquirido alguns dos traços pelos quais Brian e Dominic treinaram tanto? Talvez. Ou talvez fosse apenas vontade. De qualquer maneira, primeiro ele tinha que passar por Hendley.

— Mas você não é o seu pai — lembrou-lhe Dominic.

— Isso é verdade. — Jack girou a cadeira e ligou seu PC para a dosagem matinal de notícias, públicas e confidenciais. Muitas vezes, as últimas estavam apenas três dias adiante das primeiras. O primeiro lugar que Jack acessava era o Sumário Executivo de Transcrição de Interceptações da NSA. Chamado de EITS ou XITS — e que pela infeliz semelhança com a palavra “*zits*”, tinha o apelido de “*pústulas*” —, era enviado apenas aos dirigentes de alto nível da NSA e da CIA, e para o Conselho de Segurança Nacional, o NSC, na Casa Branca.

Falando no demônio... Ali estava o próprio Emir, mais uma vez no XITS. Uma interceptação. A mensagem era estritamente administrativa. Emir queria saber o que alguém — simplesmente um codinome sem rosto — estava fazendo, se tinha feito contato com algum estrangeiro desconhecido, com algum propósito desconhecido. Isso era o padrão com a maioria das interceptações — um bocado de desconhecidos, do tipo preencha os espaços em branco, que era, na verdade, o trabalho de análise de informações. O maior e mais complexo quebra-cabeça do mundo. Essa peça em particular tinha provocado uma reunião de brainstorming na CIA.

A agenda proposta era o tópico de todo um relatório apresentado em espaçamento simples (quase tudo especulação), feito por algum analista de nível médio que provavelmente desejava conquistar um escritório mais bem-situado, e que gostava de encher papel com suas especulações na esperança de que algum dia alguma coisa colasse e ele pudesse ser alçado aos níveis salariais superiores. E talvez algum dia isso acontecesse, mas isso não o tornaria mais competente, exceto talvez aos olhos de algum superior que tivesse conseguido subir do mesmo modo e gostasse de puxa-sacos.

Alguna coisa estava azucrinando a mente de Jack, algo sobre essa pesquisa em particular... Ele deslizou a seta do mouse sobre a pasta do XITS no disco rígido do seu computador, clicou duas vezes e abriu o documento que estava arquivado. E lá

estava, o mesmo número de referência da interceptação, desta vez vinculado a um trio de e-mails de mais de uma semana atrás, o primeiro de um membro da equipe do NSC para a NSA. Aparentemente, alguém na Casa Branca queria saber como exatamente haviam conseguido aquela informação. A pesquisa tinha sido encaminhada para o Arquivo de Segurança Nacional Digital, o DNSA, posição ocupada por um profissional de inteligência militar três estrelas, neste momento, um oficial do Exército chamado tenente-general Sam Ferren, que respondeu sucintamente: **BACKPACK. NÃO RESPONDA. ASSUNTO A SER TRATADO ADMINISTRATIVAMENTE.**

Jack teve que sorrir diante daquilo. Na verdade, “Backpack” era o nome de código rotativo interno da NSA para Escalão, o programa da agência destinado à monitoração eletrônica, que tudo sabia e tudo via. A resposta de Ferren era compreensível. O membro da equipe do NSC estava perguntando pelas “fontes e métodos”, ou seja, os mecanismos através dos quais a NSA operava sua mágica. Tais segredos simplesmente não eram compartilhados com os consumidores de informações de inteligência como a Casa Branca, e a pergunta do funcionário do NSC, consequentemente, era idiota.

Previsivelmente, o sumário XITS subsequente para o NSC simplesmente listava a interceptação como “cooperação estrangeira de ELINT”, ou inteligência eletrônica, comunicando em resumo à Casa Branca que a NSA conseguira a informação através de uma agência de inteligência amiga. Ou seja, ele mentiu.

Só podia haver uma razão para isso: Ferren suspeitava que a Casa Branca estava mostrando o XITS por aí. *Jesus*, pensou Jack, *deve ser uma tensão enorme para um três estrelas ter que cuidar do que dizia para o presidente em exercício.* Mas, se o mundo dos espões não confiava no presidente, quem, então, cuidava do país? E, se o sistema quebrar, Jack continuou pensando, a quem recorrer? Essa era uma questão para um filósofo, ou para um sacerdote.

*Pensamentos profundos para um começo de manhã*, disse Jack a si mesmo, mas, se ele lia os XITS — supostamente o *sanctum sanctorum* dos documentos governamentais —, o que não estava lendo? O que não estava sendo disseminado? E quem diabos tinha essas informações? Haveria um canal de ligação insulado e exclusivo para nível de diretor?

Muito bem, então o Emir estava falando novamente. A NSA não possuía a chave de seu sistema pessoal de criptografia, mas o Campus sim — algo que o próprio Jack tinha conseguido, emprestando os dados do computador pessoal de MoHa e entregando tudo para Biery e seus geeks, que transferiram os dados para um disco rígido com porta FireWire. Em menos de um dia haviam desmontado todos os segredos — incluindo senhas, que arrombaram todos os modos de comunicação criptografada, algumas das quais foram lidas pelo Campus por cinco meses antes de serem rotineiramente modificadas. Os adversários haviam sido bem cuidadosos com tudo aquilo, e/ou foram adequadamente treinados por alguém que trabalhava numa

agência real de espionagens. Mas não tão cuidadosamente assim. As senhas não eram modificadas diariamente, ou mesmo semanalmente. O Emir e seu pessoal tinham bastante confiança em suas medidas de segurança, e esse tipo de falha destruiu Estados-nação inteiros. Criptoespões estavam sempre disponíveis para aluguel no mercado aberto, e a maioria deles falava russo e eram pobres o suficiente para achar boas quaisquer ofertas. A CIA havia até balanceado algumas ofertas para os inimigos que davam consultoria ao Emir. E pelo menos um deles foi achado debaixo de um monte de lixo em Islamabad com a garganta cortada de orelha a orelha. Era um jogo pesado o que rolava ali fora, mesmo para profissionais. Jack esperava que Langley tivesse pelo menos cuidado da família que o sujeito deixou para trás. Isso nem sempre acontecia com os agentes. Os agentes de campo da CIA tinham seguro e benefícios para o caso de morte, e suas famílias jamais eram negligenciadas por Langley, mas com os agentes freelancers a coisa era bem diferente. Estes eram geralmente desprezados, e muito rapidamente esquecidos, quando alguém mais valioso aparecia.

Aparentemente, o Emir ainda se perguntava o que teria acontecido com as pessoas que ele perdeu nas ruas da Europa — todas nas mãos de Brian e Dominic Caruso e de Jack, ainda que ele não soubesse disso. Três ataques cardíacos, o Emir especulava, parecia ser um número extraordinário para pessoas jovens e saudáveis. Fez com que seus agentes pesquisassem cuidadosamente os registros médicos, mas esses haviam sido eliminados, legal ou ilegalmente — os primeiros por advogados representando herdeiros do falecido, e os demais através do suborno de pequenos burocratas para recolher os documentos originais e verificar se havia documentos adicionais arquivados em algum outro lugar. O Emir escrevia a um operador, evidentemente vivendo em Viena, para que investigasse um caso estranho, o de um homem que aparentemente caiu debaixo de um bonde, porque, dizia o Emir, ele era um rapaz muito capaz de lidar com os cavalos — não um tipo sujeito a cair embaixo de um veículo. Mas a resposta do agente do Emir foi que, com certeza, nove pessoas viram o acidente, e em todos os relatos ficava claro que ele escorregou bem em frente do bonde, algo que podia acontecer com qualquer um, não importa que tivesse os pés bem firmes aos 11 anos. Os médicos austríacos tinham sido bem detalhistas e a necropsia oficial foi clara: Fa'ad Rahmin Yasin fora retalhado de modo grosseiro em meia dúzia de pedaços por um bonde. O sangue havia sido testado para verificar a presença de álcool, mas nada foi descoberto, salvo alguns traços residuais da noite anterior — assim supôs o patologista —, mas certamente nada que pudesse ter afetado seu julgamento. Também não havia traços de narcóticos de qualquer tipo no sangue recuperado no corpo despedaçado. Conclusão: ele escorregou, caiu e morreu devido ao forte trauma e exsanguinação — um modo elegante de dizer que ele sangrou até a morte.

Cóisa que não aconteceria a um sujeito mais simpático, decidiu Jack.



A lgo que Driscoll e seus Rangers haviam aprendido muito tempo atrás era que as distâncias no mapa do Hindu Kush tinham pouca semelhança com a realidade no solo. Para ser justo, nem mesmo os cartógrafos da era digital tinham como calcular o impacto espacial de todas as subidas, descidas e curvas do terreno. Ao planejar a missão, ele e o capitão Wilson multiplicaram por dois todas suas estimativas, uma variável que geralmente funcionava, e, apesar de esse ajuste nunca estar longe da mente de Driscoll, compreender que sua trilha até a zona de aterrissagem de fato não seria de 3 quilômetros e sim de aproximadamente uns 6 era quase o suficiente para provocar uma fileira de xingamentos em seus lábios. Mas ele abafou o impulso. Não traria nada de útil para eles. Podia até provocar algum dano, mostrando uma debilidade diante da equipe. Mesmo que o olhar deles não estivesse o tempo todo fixado em Driscoll, cada um dos seus Rangers dependia das dicas que vinham dele. Tanto merda quanto atitude partiam dele para baixo.

Caminhando na ponta, Tait parou e levantou o punho fechado, fazendo a coluna escalonada parar. Driscoll caiu de cócoras, tal como o restante da equipe, quase em uníssono. Por toda a linha as M4 se apresentaram, cada homem assumindo um setor, olhares observando e ouvidos atentos. Estavam em um cânion estreito — tão estreito que Driscoll duvidava que a ravina de 3 metros de largura realmente se qualificasse como cânion —, mas tinham pouca escolha. Era ou seguir por esse atalho de 300 metros ou partir para mais 2 quilômetros adicionais de caminho e arriscar uma retirada à luz do dia. Não haviam visto nem ouvido nada desde a emboscada, mas isso não significava muita coisa. O CRO conhecia seu terreno melhor que ninguém, e sabia por experiência o quanto demorava para que soldados carregados o percorressem. Pior ainda, sabiam que havia um número delimitado de áreas de pouso a partir de onde o inimigo podia ser retirado. A partir daí, montar outra emboscada era questão apenas de fazer as contas e se movimentar mais rapidamente que seu inimigo.

Sem se virar, Tait passou a Driscoll o sinal de mão de *venha cá*. Driscoll assim o fez.

— O que houve? — sussurrou.

— Chegando ao final. Mais uns 30 metros.

Driscoll se virou, apontou para Barnes, levantou dois dedos e depois fez o sinal de *venham cá*. Barnes, Young e Gomes chegaram em dez segundos.

— Final da ravina — explicou Driscoll. — Vejam o que há para ver ali.

— Certo, chefe.

Os dois se movimentaram. Por trás de Driscoll chegou a voz de Collins:

— Como está o ombro?

— Ótimo. — Os seis comprimidos de ibuprofeno que Collins lhe dera embotavam a dor, mas cada movimento do cotovelo mandava ondas de dor aos seus ombros, costas e pescoço.

— Tire a mochila. — Collins não esperou que Driscoll respondesse e foi logo deslizando a correia pelo ombro dele. — O sangramento diminuiu. Está sentindo seus dedos?

— Sim.

— Movimente eles.

Driscoll lhe mandou o dedo do meio e riu.

— Que tal assim?

— Toque em cada dedo com o polegar.

— Jesus, Collins...

— Faça isso. — Driscoll obedeceu, mas cada um dos dedos se movia debilmente, como se estivesse enferrujado na junta. — Tire a mochila. Vou redistribuir sua carga. — Driscoll abriu a boca para protestar, mas o médico o cortou: — Olha, se ficar com essa mochila, pode praticamente contar com ter que amputar o braço depois. Há uma chance grande de você já ter danificado algum nervo e esses 30 quilos não ajudam em nada.

— Ok, ok...

Barnes, Young e Gomez voltaram. Collins entregou a mochila a Barnes, que voltou pela fila redistribuindo o conteúdo. Young fez o relatório a Driscoll.

— Não vi nada, mas tem alguma coisa se mexendo por ali. Escutei um motor de caminhão mais ou menos a meio quilômetro a oeste.

— Ok, pode voltar para a fila. Collins, você também.

Driscoll desdobrou o mapa e ligou sua lanterna-caneta com protetor vermelho. Não era exatamente equipamento padrão, mas assim como o visor noturno era ótimo para a maioria das coisas, era uma merda para ler mapas. Alguns hábitos da velha escola são difíceis de abandonar; alguns jamais são abandonados.

Tait se aproximou. Driscoll passou o dedo pela ravina onde estavam. No final dela havia outro cânion margeado dos dois lados por platôs. O terreno, pensou Driscoll, não era muito diferente do bairro de uma cidade: os cânions eram as ruas principais; os platôs, as casas; as ravinas, os becos dos fundos. O que eles faziam essencialmente era cruzar rapidamente as ruas, usando os becos entre as casas para chegar ao aeroporto. Ou, nesse caso, ao heliporto. *Mais dois cânions, mais uma*



*ravina, pensou, depois subir para um platô ao lado para a zona de aterrissagem.*

— Etapa final — observou Tait.

*Que é onde a maioria dos cavalos de corrida desaba,* pensou Driscoll, sem dizer nada.

Ficaram sentados na boca da ravina por 15 minutos, Tait e Driscoll observando o comprimento do cânion com os olhos de visão noturna, até ter certeza de que não havia outros olhos sobre ele. A equipe cruzou o cânion em duplas, até a ravina seguinte, enquanto os demais davam cobertura, e Tait e Driscoll bancavam policiais de trânsito. Young e seu prisioneiro passaram por último, e mal tinham escorregado na ravina mais distante quando um par de faróis apareceu no leste. Outro UAZ, Driscoll percebeu imediatamente, mas esse se movia sem pressa.

— Parem — ordenou Driscoll. — Jipe se aproximando do leste.

Como o que encontraram antes, esse UAZ portava uma metralhadora NSV 12,7 milímetros na plataforma, mas Driscoll contou apenas um homem manobrando-a. A mesma coisa na cabine: um motorista e ninguém mais. Eles dividiram suas forças na esperança de interceptar o inimigo. As táticas de pequenas unidades frequentemente eram questão de instinto tanto quanto de regras, mas seja lá quem tivesse despachado aquele jipe cometera um erro. O UAZ continuou avançando, os pneus esmagando o pedregulho, os faróis balançando pelo cânion.

Driscoll captou a atenção de Tait e expressou com a boca, mas em silêncio, *motorista*, e recebeu um aceno em resposta. Driscoll sussurrou no rádio: “Segurem fogo”, e recebeu um clique duplo como resposta.

O UAZ estava agora a 20 metros, perto o suficiente para Driscoll ver claramente o rosto do artilheiro no brilho esverdeado do visor noturno. Apenas um garoto, talvez 18 ou 19 anos, com uma barba esparsa. O cano da NSV apontava diretamente para o fundo do cânion, não transversalmente, como deveria ser. *O preguiçoso só faz morrer*, pensou.

O UAZ emparelhou com a boca da ravina e parou. Na cabine, o motorista se inclinou para um lado, procurando algo, e levantou com uma lanterna. Apontou para fora da janela do passageiro. Driscoll enquadrou as retículas da mira logo acima da orelha esquerda do artilheiro. Apertou o gatilho, suave, suave, e a M4 deu um coice. Nos olhos de visão noturna apareceu um halo de vapor em volta da cabeça do artilheiro. Ele caiu direto embaixo da plataforma do caminhão. O motorista foi abatido uma fração de segundo depois, sua lanterna dançando loucamente antes de cair no assento.

Driscoll e Tait se movimentaram, cruzando até o caminhão e levando vinte segundos para apagar a lanterna e se certificar de que nenhum dos dois estava vivo antes de seguir para a ravina. Um motor acelerou a oeste. Os faróis os alcançaram. Driscoll não parou para ver, mas gritou “Mexam-se, mexam-se!” e continuou

avançando com Tait um passo à frente. Outra NSV começou a tossir rápido, salpicando o chão e as rochas ao redor, mas Driscoll e Tait já estavam na ravina. Na ponta, Gomez penetrava no fundo da ravina. Driscoll assinalou para que Tait continuasse e acenou chamando Barnes. “SAW”, ordenou, e Barnes caiu de bruços ao lado de um matacão, esticou as pernas da SAW, e firmou o cabo no ombro. Eles podiam ver as luzes se aproximando na boca do barranco. Driscoll puxou uma granada do cinturão e retirou o pino. Lá no cânion se ouviu o barulho de pneus derrapando, e a poeira cobriu a boca da ravina. Driscoll deixou o pino cair, contou um um, mil, dois um, mil, deixando a granada esquentar e depois a jogou pelo alto na direção do cânion. O UAZ girou e parou. A granada explodiu 3 metros acima da cabine. Barnes abriu fogo com a SAW, regando as portas e as laterais. Na plataforma, o cano da NSV cuspiu fogo, mas silenciou um instante depois quando a fuzilada da SAW derrubou o artilheiro. As engrenagens do UAZ emperraram e logo eles estavam se movimentando novamente para fora da visão.

— Vai — ordenou Driscoll, esperou Barnes pegar uma dianteira, e virou-se para segui-lo.

Quando os dois alcançaram a coluna, Gomez já havia dividido a equipe, metade cruzando o cânion, por trás da cobertura e fazendo vigilância, e outra metade esperando na boca da ravina. Driscoll abriu caminho pela fila até Gomes.

— Atividade?

— Motores, sem movimento.

Do outro lado do cânion, 30 metros a oeste da linha de vigilância, havia uma rampa natural que subia pelo lado do platô. Com certeza era obra humana, pensou Driscoll, mas o tempo e a erosão fizeram coisas estranhas com o terreno. E ninguém ia ficar reclamando dessa estranheza, que simplesmente tornava mais fácil a corrida final para a área de aterrissagem.

— Peterson, ponha o Lâmina na linha e diga que estamos prontos. E que a coisa vai esquentar.

O Chinook deles estava orbitando, esperando o sinal. Como a maioria das coisas em combate e certamente a maioria das coisas no Afeganistão, a zona de aterrissagem estava abaixo do desejável, em parte devido ao terreno e em parte devido às compensações no projeto do Chinook: um teto operacional alto, mas uma área de pouso grande. O 47 podia chegar até as tropas na altitude, mas precisava de uma boa área para embarcá-las. No caso deles, a zona de aterrissagem estava embainhada a oeste e ao sul por ravinas e espinhaços tão próximos que disparos de armas leves podiam alcançá-lo.

— Lâmina, aqui é a Foice, câmbio.

— Adiante, Foice.

— Prontos para a retirada. Ventos de três a seis horas do norte para o sul. Zulu

alfa quente; composição e direção desconhecidas.

— Entendido, Zulu alfa quente copiado. Em três minutos no local. — Dois minutos depois: — Foice, Lâmina entrando, sinalize a localização.

— Entendido, aguarde — disse Driscoll, e depois comunicou a Barnes pelo rádio: — Iluminação química, Barnes.

— Entendido, chefe. Já tenho azul, amarelo, vermelho.

A iluminação química começou a brilhar pelo cânion, depois disparou pelo ar e caiu sobre o platô. Driscoll teria preferido luzes infravermelhas estroboscópicas, mas o depósito estava com falta delas quando saíram.

Driscoll chamou:

— Lâmina, Foice, soltei azul, amarelo e vermelho.

— Entendido, estou vendo.

Eles já escutavam o barulho dos rotores do Chinook. Então:

— Foice, aqui é Lâmina. Percebo aproximação de veículos 300 metros a oeste de vocês e se aproximando. Conto dois UAZ, câmbio.

*Merda.*

— Caiam fora, caiam fora. Marquem a zona de aterrissagem e se mantenham em órbita.

A única outra opção seria fazer com que os artilheiros do Chinook iluminassem os UAZ, mas fazer isso em altitude seria como um sinal luminoso de “aqui estamos nós” para outras unidades inimigas na área. O piloto do Chinook devia ter suas próprias RDE, ou regras de engajamento, mas, enquanto ele e seus Rangers estivessem em cena e na merda, Driscoll é quem tinha que dar a ordem. O fato de os UAZ não estarem correndo na direção deles era sinal de que sua unidade ainda não fora localizada. Até então tinham tido sorte com essas coisas e não adiantava forçar a situação.

— Entendido, caindo fora — respondeu o piloto do Chinook.

Para Barnes:

— Temos companhia a oeste. Abafe essa iluminação. Todo mundo abrigado. — Atrás dele, a coluna toda se agachou.

Ele recebeu um clique duplo em resposta e alguns instantes depois viu um par de figuras agachadas subindo no platô. As luzes químicas se apagaram.

No cânion abaixo, as luzes dos UAZ haviam estacionado. Bem de longe, Driscoll escutou os motores sem silenciadores. Uns bons trinta segundos se passaram, e então os motores aceleraram e os jipes começaram a se mover, separando-se numa linha escalonada enquanto se dirigiam para o cânion. *Mau sinal*, pensou Driscoll. Quando se movimentavam, os UAZ tendiam a fazê-lo em formação de fila única. Só quando esperavam encontrar problemas é que escalonavam.

— Cobertura — avisou Driscoll a equipe pelo rádio. — Os babacas estão caçando. — Depois para o Chinook: — Lâmina, Foice, fiquem por perto. Podemos precisar de vocês.

— Entendido.

Precedidos pelos faróis que balançavam no terreno irregular, o barulho dos pneus dos UAZ esmagando o terreno continuava pelo cânion, até que o primeiro jipe emparelhou com a ravina onde Driscoll e sua coluna se escondiam. Os freios chiaram. O UAZ parou; o segundo, se arrastando a uns 10 metros atrás dele, também parou. Um holofote apareceu na janela do passageiro e percorreu as paredes, pausando quando chegou na ravina. *Mexa-se, babaca*, pensou Driscoll. *Aqui não tem nada para ver*. O holofote girou, passando pela janela do motorista e pesquisando a ravina oposta. Depois de sessenta segundos, o holofote apagou. A transmissão do UAZ líder engatou e gemeu, depois começou a avançar para além da linha de visão de Driscoll.

— Quem tem visão? — perguntou pelo rádio.

— Achei o cara — respondeu Barnes. — A uns 50 metros de distância, continuando para o leste. — Depois: — Agora são 100 metros... Estão parando.

Driscoll se ergueu e foi caminhando agachado para fora da ravina, tomando cuidado para ficar próximo à parede rochosa até que pudesse ver os UAZ estacionados. Deitou de bruços e olhou pelo visor noturno. Cada caminhão havia se posicionado nos lados sul e norte do cânion. Os faróis e os motores desligados. Posição de emboscada.

— Todo mundo quieto e em silêncio — ordenou Driscoll, depois chamou o Chinook na linha: — Lâmina, Foice.

— Pressiga.

— Nossos UAZ tomaram posição no lado leste do cânion.

— Entendemos, estamos vendo. Tome nota, Foice, estamos a oito minutos da hora

H.

Oito minutos até o Chinook estar no ponto de ou vai, ou racha para regressar. Um atraso para além dessa hora significaria falta de combustível para regressar à base. Para os Rangers, trabalhar com margens estreitas era rotina, mas existem algumas coisas que não se pode foder impunemente, e uma dessas é a carona de volta para casa.

— Compreendido. Engajem os UAZ. Tudo que estiver sobre rodas é de vocês.

— Entendido, engajando.

O Chinook apareceu por cima do platô, as luzes de navegação piscando enquanto baixou o trem de aterrissagem e começou a deriva para o leste baixando pelo cânion. Driscoll pôde ver o artilheiro da porta girando o minicanhão. O sargento mandou pelo rádio:

— Gomez, ponha seus homens subindo pela rampa.

— Entendido, chefe.

— Focando o alvo — anunciou o piloto do Chinook. — Engajando...

O Dillon M134 abriu fogo, banhando o lado do Chinook de alaranjado. A barragem durou menos de dois segundos, depois outra, e mais uma, e depois o piloto voltou.

— Alvos destruídos.

Com uma taxa de 3 mil disparos por minuto, nesses cinco segundos mais ou menos o minicanhão havia derramado 250 balas calibre 7,62 milímetros nos UAZ que se aproximavam. O Chinook reapareceu, deslizou de lado para a zona de aterrissagem e tocou o solo. A rampa desceu.

Gomez anunciou:

— Cobertura de cima, Papai Noel.

— Entendido, movendo para você.

Driscoll deu a ordem e mais uma vez, em pares, o restante da equipe cruzou o fundo do cânion, pulando de cobertura a cobertura até que Driscoll e Tait tivessem atravessado e caminhassem para a rampa.

— Alvo! — Driscoll ouviu por cima do capacete. Não era dos seus homens, percebeu, e sim de alguém a bordo do Chinook. — Na cauda, sete horas! — Do oeste do platô veio o matraquear de armas automáticas: — AK-47, rapidamente seguidas pelos disparos das M4.

Driscoll e Tait alcançaram o topo da rampa, deitaram de bruços e rastejaram pelos últimos metros. Uns 50 metros adiante, de dentro de uma ravina e por cima da crista, canos de armas relampejavam. Driscoll contou pelo menos três dúzias. Abaixo, no cânion, mais quatro pares de faróis apareceram. Mais UAZ.

A voz de Peterson:

— RPG, RPG...

À direita deles passou algo brilhando. O chão ao lado do Chinook explodiu.

— Afastem-se, afastem-se — comunicou o piloto, e depois fez algo que Driscoll jamais vira. Totalmente à vontade, o piloto levantou, ficou estacionário a 2 metros de altura, depois girou o leme, deixando a porta do artilheiro em posição. — Abaixem a cabeça, abaixem a cabeça! — O Dillon abriu fogo, fazendo um arco de chama pela ravina e pela crista.

— Corredor! — Driscoll escutou como se viesse de longe. — Sentido oeste!

Iluminado pelos tracejadores do Dillon, o prisioneiro deles, ainda algemado, corria na direção da descida. Tait murmurou:

— Estou com ele na mira, Papai Noel.

— Abata.

O M4 de Tait disparou e o prisioneiro foi abatido. O fogo de AK-47 decresceu e depois parou. Driscoll chamou:

— Lâmina, temos UAZ no cânion. Duzentos metros e se aproximando. Três horas sua.

— Entendido — respondeu o piloto, e fez o Chinook girar. Mais uma vez, o minicanhão disparou. Só precisou de dez segundos. A poeira começou a se espalhar, revelando quatro UAZ demolidos.

— Contagem de cabeças — ordenou Driscoll. Sem resposta. — Contagem de cabeças! — repetiu.

Collins respondeu:

— Dois mortos em combate, Papai Noel, e dois feridos.

— Filhos da puta.

O piloto chamou; calmamente, pensou Driscoll:

— Foice, o que acha do pessoal subir a bordo e nós irmos para casa antes que nossa sorte acabe?



Durante todos os anos em que vivera em São Petersburgo, Yuriy Beketov caminhou por suas ruas sombrias centenas de vezes. Desta vez, porém, era diferente, e não foi preciso muita contemplação para saber a razão. A riqueza — ou pelo menos a riqueza em potencial — tinha um jeito de mudar as perspectivas de alguém. E esse tipo de riqueza era diferente. Ele não se orgulhava do dinheiro em si e por si, mas sim do modo como pretendia aplicá-lo. O que ele tinha menos certeza era se isso seria realmente uma distinção ou simplesmente uma racionalização. Se você dança com o diabo por uma razão muito boa, ainda assim você não dança com o diabo?

Entre todas as cidades de sua pátria, São Petersburgo certamente era a favorita de Yuriy. A própria história da cidade era um reflexo quase perfeito da história da Rússia. Em 1703, Pedro, o Grande, fundou a cidade durante a Grande Guerra do Norte contra a Suécia; durante a Primeira Guerra Mundial, o nome de São Petersburgo, considerado demasiado teutônico pelos poderes vigentes, mudou para Petrogrado; em 1924, sete anos depois da Revolução Bolchevique e poucos dias após a morte de Vladimir Lênin, passou a ser chamada de Leningrado; e, finalmente, em 1991, com o colapso da União Soviética, mais uma vez foi renomeada — revertida — para São Petersburgo.

*São Petersburgo, uma cápsula do tempo da história russa.* Não era um título ruim para um livro, pensou. Pena que ele não tivesse qualquer aspiração literária. Os tsares, os bolcheviques, a queda do império e finalmente a democracia — ainda que democracia manchada com um tanto de totalitarismo.

Aquela noite estava especialmente fria, com um vento forte soprando sobre o rio Neva e assoviando pelos galhos das árvores. Invisíveis na escuridão, pedaços de sujeira deslizavam pelo concreto e pelo calçamento das ruas. Do fundo de um beco próximo veio o ruído de uma garrafa se estilhaçando no tijolo, depois um praguejar resmungado. Outro *bic* havia ficado sem vodka ou derramado sua última gota da garrafa. Apesar de todo seu amor por São Petersburgo, Yuriy sabia que a cidade tinha caído para bem abaixo de seu auge. O que era verdade para o país inteiro.

O colapso da União Soviética fora difícil para todos, mas foi especialmente tumultuado para seu antigo empregador, a KGB, agora conhecida localmente como

Federalnaya Sluzhba Bezopasnosti, ou Serviço Federal de Segurança (SFS), e Sluzhba Vneshney Razvedki, ou Serviço Exterior de Inteligência (SEI). Esses eram apenas os últimos de uma fileira de acrônimos sob os quais os serviços de inteligência russos operaram, começando com a temida Cheka. Provavelmente, entretanto, a KGB — Comitê de Segurança do Estado — havia sido a mais eficiente e temida de todos os componentes dos antecessores e sucessores dessa sopa de letrinhas.

Antes de se aposentar com uma pensão reduzida em 1993, Yuriy trabalhou para a elite da turma da KGB, a Diretoria S — Ilegais — da Primeira Diretoria-Chefe. Os espões de verdade. Sem cobertura diplomática, sem embaixadas para onde correr, sem deportação se fossem pegos, mas sim prisão ou morte. Obtivera alguns sucessos, mas nada que o lançasse na estratosfera dos escalões superiores da KGB, e, assim, se viu desempregado nas ruas de Moscou aos 45 anos com um conjunto de habilidades que lhe oferecia poucas oportunidades para uma carreira: espionagem e segurança sob contrato, ou crime. Escolheu o primeiro, abrindo uma consultoria que servia às hordas de investidores ocidentais que nos primeiros dias pós-soviéticos inundaram a Rússia. Yuriy devia, pelo menos de modo oblíquo, muitos de seus primeiros sucessos à Krasnaya Mafiya, a Máfia Vermelha, e suas maiores gangues: a Solntsevskaya Bratva, a Dolgoprudnenskaya e a Izmailovskaya; todas as quais haviam perdido menos tempo que os investidores estrangeiros para pilhar a caótica economia russa. É claro que a Krasnaya Mafiya não se preocupava com as sutilezas dos negócios, e os investidores europeus e americanos logo ficaram bem cientes disso, uma circunstância que Yuriy ficou muito feliz em explorar. Essa era a palavra operacional de então — *explorar* —, e a única diferença entre ele mesmo, a máfia e o ladrão de rua era o método que cada um empregava para obter os resultados desejados. Para Yuriy o método era simples: proteção. Manter vivos os homens de negócio visitantes e fora das mãos de sequestradores. Algumas das gangues menores, pequenas demais para manter seus próprios esquemas sofisticados de proteção e extorsão, tinham aderido ao sequestro de europeus e americanos bem-vestidos, hospedados nos hotéis mais finos, enviando depois uma nota de resgate junto com uma orelha, dedo ou artelho cortados — ou coisa pior. A milícia local, malremunerada e sobrecarregada, era de pouca ajuda, e era mais comum que a vítima fosse assassinada, com o resgate pago ou não. Não havia honra entre os sequestradores. Apenas um pragmatismo brutal.

Yuriy contratou ex-colegas da KGB e paramilitares — a maioria antigos comandos Spetsnaz que também haviam ficado sem cobertura — para escoltar clientes na ida e na volta de suas reuniões e assegurar que deixassem o país vivos e ainda em posse de todas as suas partes. O dinheiro era bom, mas, ao mesmo tempo que a economia de Moscou (tanto a oficial quanto a subterrânea) prosperava, o custo de vida também disparava, e, enquanto muitos empreendedores como Yuriy ganhavam mais dinheiro do que jamais pensaram que existisse, também o viam se exaurir no mercado volátil e com o custo de vida insanamente alto. Era uma triste ironia ganhar tanto dinheiro ao mesmo tempo que o custo do pão subia juntamente com sua renda.



No final dos anos 1990, Yuriy havia economizado dinheiro suficiente para sustentar seus três netos na universidade, até ficarem adultos e com capacidade de se sustentar, mas sem dinheiro suficiente para se aposentar na longínqua e idílica cabana no mar Negro com a qual sonhara durante vinte anos.

As oportunidades vieram, a princípio vagarosamente e depois com mais regularidade, um pouco antes, e em seguida depois dos eventos do 11 de Setembro. Naquela manhã, os Estados Unidos despertaram para um fato que a KGB e muitos serviços de inteligência não ocidentais já sabiam havia muito tempo: fundamentalistas islâmicos declararam guerra aos Estados Unidos e seus aliados. Infelizmente para o país americano, esses fundamentalistas haviam evoluído, na última meia década, de loucos, irracionais e desorganizados, como frequentemente eram descritos nos jornais ocidentais, para soldados organizados e treinados, com um objetivo claro. Pior ainda, haviam aprendido o valor de redes de inteligência, recrutamento de agentes e protocolos de comunicação, coisas que tradicionalmente eram vantagens disponíveis apenas para agências nacionais de inteligência.

Com todas as suas conquistas e bênçãos, os Estados Unidos eram o gigante arquetípico, ignorando despreocupadamente flechas e pedras em função da noção dos canhões no horizonte, os mini 11 de Setembro que eram poucos e distantes entre si, e impossíveis até de chegar rapidamente às páginas internas do *New York Times* ou a rotação de notícias a cada 15 minutos na MSNBC ou na CNN. Os historiadores discutirão para sempre se a inteligência americana poderia ou deveria ter ouvido o ruído dos cascos a galope preparando o 11 de Setembro, mas sua intensificação certamente poderia ter sido detectada, considerando que remontava até bem antes, à primeira bomba no World Trade Center em 1993, passando pela bomba em 1998 da embaixada dos Estados Unidos no Quênia e pelo ataque ao USS *Cole* em 2000. Apenas para a CIA esses eram incidentes isolados; para as células terroristas afiliadas que os executaram, foram batalhas dentro da guerra. Apenas quando a guerra foi ruidosamente declarada aos Estados Unidos — por palavras e atos —, a comunidade de inteligência do país começou a compreender que aquelas flechas e pedras não poderiam ter sido ignoradas.

Pior ainda, o governo dos Estados Unidos e a CIA, apenas nos últimos anos, se afastaram do que Yuriy tinha apelidado de “mentalidade de Golem” — o foco obsessivo na cabeça gigante do inimigo enquanto ignorava seus dedos e artelhos. É claro que isso jamais mudaria totalmente, especialmente no que dizia respeito ao inimigo público número um, o Emir, que se transformara, em parte por sua própria determinação e em parte pela falta de outro candidato, como acreditava Yuriy, no golem americano. As nações precisavam de inimigos identificáveis, alguém para quem se pudesse apontar e gritar: “Perigo!”

Claro que Yuriy tinha pouco a se queixar disso. Como muitos de seus conterrâneos, ele se beneficiou dessa nova guerra — apesar de apenas recentemente, com muita relutância e não sem poucos arrependimentos. Começando em meados dos

anos 1990, fundamentalistas islâmicos inchados com dinheiro começaram a bater nas portas dos russos, procurando contratar especialistas em inteligência errantes, cientistas nucleares e soldados de forças especiais. Como muitos de seus conterrâneos, Yuriy atendeu a porta, mas já estava velho e cansado, e precisava apenas de um pouco mais de dinheiro para aquela cabana no mar Negro. Com sorte, o encontro daquela noite resolveria o assunto.

Yuriy se sacudiu para se livrar do devaneio, afastou-se do parapeito e continuou a cruzar a ponte, depois atravessou mais dois quarteirões até um restaurante que exibia o nome Chiaka, tanto no alfabeto árabe como no cirílico. Atravessou a rua e achou um banco no parque, no ponto cego entre duas luminárias da rua, onde sentou e ficou observando. Levantou o colarinho para se proteger do vento e enfiou as mãos bem no fundo dos bolsos do sobretudo.

Chiaka era um restaurante checheno, de propriedade e operado por uma família muçulmana que prosperava sob os auspícios da Obshina, a máfia chechena. Do mesmo modo, o homem com quem iria se encontrar — que ele conhecia apenas como Nima — havia se introduzido na Rússia pelas graças da Obshina. *Não importa*, disse Yuriy a si mesmo. Ele já lidara com o sujeito duas vezes antes, uma para a realocação do que ele havia chamado de “associado”, e mais recentemente como intermediário em um recrutamento. Esse foi um caso interessante. Ele não tinha a menor ideia do que os sujeitos queriam com uma mulher daquele calibre em particular, e não se importava. Aprendeu há muito tempo a abafar esse tipo de curiosidade.

Observou por mais vinte minutos antes de ficar convencido de que não havia nada fora do comum. Ninguém por perto vigiando, fosse polícia ou não. Levantou-se, cruzou a rua e entrou no restaurante, que estava brilhantemente iluminado e mobiliado de modo espartano, com pisos de vinil preto e branco, mesas redondas de fórmica e cadeiras de madeira com encosto duro. Era a hora do movimento final do jantar, e quase todas as mesas estavam ocupadas. Alto-falantes no teto emitiam o som suave da música chechena tocada por pondur, com som similar à balalaica russa.

Yuriy esquadrinhou o restaurante. Alguns fregueses olharam quando ele entrou, mas quase imediatamente voltaram às suas refeições e conversas. Apesar de os russos não serem vistos frequentemente nos restaurantes chechenos, também não eram raros. A despeito da reputação deles, Yuriy nunca teve muitos problemas com os chechenos. A maioria só queria viver suas vidas, mas coitado daquele que decidisse matar. Poucas organizações eram tão brutais quanto a Obshina. Gostavam de suas facas, esses chechenos, e eram hábeis no uso delas.

Nos fundos, em um pequeno saguão, viu Nima sentado no último reservado, ao lado da porta da cozinha e do banheiro. Yuriy caminhou para lá, mas levantou um dedo de “espere um momento” para Nima quando passou e entrou no banheiro para lavar as mãos. Suas mãos estavam perfeitamente limpas, é claro. Seu interesse residia principalmente em confirmar que o banheiro estava vazio e que não havia entradas alternativas. Cuidado e atenção que uma pessoa normal acharia excessivo era o que o

mantivera vivo como ilegal por muitos anos, e ele não via razão para agora mudar de hábitos. Secou as mãos e depois verificou se a pistola Makarov de 9 milímetros estava seguramente firme no coldre preso atrás do seu cinto. Saiu novamente e se sentou na cabine, de frente para o restaurante. A porta vaivém da cozinha estava à sua esquerda. Enquanto Yuriy estava no banheiro, Nima havia tirado seu paletó esporte. Deixou-o pendurado por sobre o reservado. A mensagem era clara: *estou desarmado*.

Então, o árabe abriu os braços e sorriu para Yuriy.

— Sei que é um homem cuidadoso, meu amigo.

Yuriy abriu seu paletó de volta.

— Tal como você.

Um garçom apareceu, anotou os pedidos de bebidas e desapareceu novamente.

— Obrigado por ter vindo — disse Nima.

O russo dele era bom, apenas com um leve sotaque árabe, e a pele suficientemente clara para que pudesse passar por um local, com algum sangue tártaro. Yuriy distraidamente se perguntou se o homem frequentara escolas no Ocidente.

— Claro, o prazer é meu.

— Não tinha certeza se você estava disponível.

— Para você, meu amigo, sempre. Me diga, seu colega chegou em segurança ao destino?

— De fato, consegui. E a mulher também. Pelo que já soube, ela corresponde exatamente ao que você nos disse que era. Meus superiores estão muito satisfeitos com a ajuda que você nos deu. Acredito que a compensação tenha sido satisfatória. Sem problemas?

— Sem problemas. — Realmente, o dinheiro estava depositado seguramente numa conta em Liechtenstein, rendendo poucos juros, mas a salvo dos olhares digitais inquiridores das agências de inteligência e da polícia. Ele ainda não havia decidido como movimentar seus fundos quando precisasse deles, mas sempre havia modos, especialmente se fosse cuidadoso e pagasse bem pelos serviços. — Por favor, transmita meus agradecimentos a seus superiores.

Nima balançou o queixo.

— Com certeza.

As bebidas chegaram: vodca para Yuriy e água com gás para Nima. Este bebeu um gole e depois disse:

— Temos outra proposta, Yuriy, algo que consideramos que você é especialmente preparado para fazer.

— Estou à sua disposição.

— Tanto quanto nossos dois arranjos anteriores, é um assunto delicado e não sem algum risco para você.

Yuriy abriu os braços e sorriu.

— Tudo que vale a pena na vida geralmente é.

— Essa é uma verdade. É claro, como você sabe...

Um grito veio da frente do restaurante, depois o ruído de copos quebrando. Yuriy levantou os olhos a tempo de ver um homem, evidentemente bêbado, empurrando a cadeira, um prato de comida não identificada na mão levantada. Os outros clientes o olhavam. O homem despejou uma enxurrada do que Yuriy supôs serem xingamentos em checheno que o sujeito acreditava adequados para descrever melhor a comida vagabunda da sua refeição, e depois saiu tropeçando na direção de um garçom com avental branco.

Yuriy deu uma risadinha.

— Um cliente insatisfeito, ao que parece... — Suas palavras foram sumindo quando percebeu que Nima não havia se virado na cadeira para observar a comoção e, em vez disso, olhava fixamente nos olhos de Yuriy com algo parecido pena. Os sinais de alarme começaram a tocar na cabeça do ex-agente da KGB. *Distração, Yuriy, uma distração arranjada.*

O tempo pareceu diminuir de velocidade.

Yuriy se inclinou para a frente, a mão procurando a Makarov nas suas costas. Seus dedos mal alcançaram o punho quando percebeu que a porta vaivém da cozinha estava totalmente aberta, um vulto parado na soleira.

— Sinto muito, meu amigo — ele ouviu Nima dizer em algum lugar distante de sua mente. — É melhor assim...

Por trás do ombro do árabe, Yuriy viu outro garçom se aproximando na direção deles, segurando uma tolha de mesa aberta, ostensivamente se preparando para dobrá-la. Uma cortina para esconder a ação... Yuriy viu movimento no canto de seu olho. Girou a cabeça a tempo de ver a figura na soleira da porta — outro garçom com avental branco —, erguendo alguma coisa escura e tubular nas mãos.

Em alguma parte ainda calma de seu cérebro, Yuriy pensou, *Silenciador improvisado...* Sabia que não iria escutar nenhum ruído nem ver clarão algum. Nem sentir dor.

Estava certo. A bala de ponta côncava da Parabellum 9 milímetros o atingiu logo acima da sobrancelha esquerda antes de se expandir na forma de um cogumelo de chumbo que transformou em geleia um pedaço de seu cérebro do tamanho de uma bola de softball.



— Filho da mãe! — resmungou o ex-presidente dos Estados Unidos, John Patrick Ryan, durante o café da manhã.

— O que é isso agora, Jack? — perguntou Cathy, apesar de saber perfeitamente o que era “isso”. Ela amava profundamente o marido, mas, quando um assunto atraía sua atenção, ele ficava como o proverbial cachorro com um osso, um traço que fez dele um bom espião e melhor presidente, mas nem sempre a melhor das almas com quem se estar junto.

— Esse idiota do Kealty não sabe o que faz. E o que é pior, não se importa. Matou 12 marines ontem em Bagdá. E sabe por quê? — Cathy Ryan não respondeu, pois sabia que a pergunta era retórica. — Porque alguém da equipe dele decidiu que, se os marines estivessem com os rifles carregados, isso poderia enviar uma mensagem equivocada. Droga, não se mandam mensagens para pessoas que apontam armas para você. E olhe só isso: o comandante da companhia foi atrás dos inimigos e liquidou cerca de seis deles antes que lhe ordenassem recuar.

— Quem?

— O comandante do batalhão, que provavelmente recebeu instruções da brigada, que recebeu a sua de algum advogado que os capangas de Kealty meteram no meio da linha de comando. O pior de tudo é que ele não se importa. Afinal, o orçamento está em discussão, e também tem aquela agitação sobre a porra daquelas árvores no Oregon que captam totalmente a atenção dele.

— Bem, para o bem ou para o mal, muitas pessoas ficam ouriçadas com a questão do meio ambiente, Jack — disse a professora Ryan ao marido.

*Kealty*, Jack ficou fervendo de raiva. Ele havia planejado tudo. Robby teria sido um grande presidente, mas ele não levou em conta a mente distorcida daquele velho filho da mãe da Ku Klux Klan que ainda estava esperando a hora de morrer no corredor da morte do Mississippi. Jack ficou no Salão Oval naquele dia — qual tinha sido mesmo? Seis dias antes da eleição, com Robby confortavelmente na frente das pesquisas. Não houve tempo para colocar as coisas de volta aos trilhos, a eleição foi um caos, Kealty como o único dos candidatos de peso que continuava concorrendo, e todos os votos dados a Robby anulados pelas circunstâncias. E tantos eleitores que

simplesmente ficaram em casa confusos. Kealty, presidente por omissão, uma eleição confiscada.

O período de transição foi ainda pior, se é que fosse possível. O funeral, na igreja batista do pai de Jackson no Mississippi, era uma das piores lembranças de Jack. A mídia zombara da exibição de sua dor. Afinal, supunha-se que os presidentes deveriam ser robôs, mas Ryan nunca fora um desses.

*E com uma puta razão*, pensou.

Bem ali, bem naquela sala, Robby salvara a sua vida, a de sua mulher, a de suas filhas e a do seu filho ainda não nascido. Jack raramente experimentava raiva na vida, mas esse era um assunto que o fazia entrar em erupção como o Vesúvio num dia especialmente ruim. Até mesmo o pai de Robby fizera um sermão pregando o perdão, prova positiva de que o reverendo Hosiah Jackson era um homem melhor do que ele jamais seria. E qual seria o destino mais adequado para o assassino de Robby? Um tiro de pistola no fígado, talvez... poderia levar cinco ou dez minutos para o filho da mãe sangrar até morrer, gritando por todo o caminho até o inferno...

Pior ainda, corria o rumor de que o atual presidente contemplava a possibilidade de uma comutação generalizada de todas as sentenças de morte nos Estados Unidos. Seus aliados políticos já pressionavam na imprensa, planejando uma demonstração pública de clemência no Washington Mall. Clemência para as vítimas dos assassinos e sequestradores era algo sobre o qual jamais pensavam, é claro, mas, como para todos eles isso representava um princípio profundamente prezado, Ryan na verdade os respeitava.

O ex-presidente respirou fundo para se acalmar. Tinha trabalho a fazer. Havia dois anos trabalhava em suas memórias e estava na etapa final. O trabalho avançou mais rapidamente do que ele pensava, tanto que escreveu um anexo confidencial à sua biografia, que não veria a luz do dia até vinte anos depois de sua morte.

— Em que parte você está? — perguntou Cathy, pensando em seus compromissos do dia. Tinha quatro procedimentos a laser agendados. A equipe do Serviço Secreto que a protegia já verificara todos os pacientes, com receio de que um deles aparecesse na sala de cirurgia com uma pistola ou faca, um acontecimento tão improvável de acontecer que ela parara de se preocupar com isso. Ou talvez tivesse parado de pensar no assunto porque sabia que sua equipe *sempre* se preocupava com isso.

— Hein?

— No livro — esclareceu a esposa.

— Nos últimos meses. — Sua política fiscal e financeira, que na verdade funcionou até Kealty disparar um lança-chamas contra ela.

E agora os Estados Unidos da América andavam desorientados sob a presidência — ou reinado — de Edward Jonathan Kealty, um membro da aristocracia alimentado com colherzinha de prata. Com o passar do tempo isso seria consertado, de uma maneira ou de outra, o povo providenciaria isso. Mas a diferença entre a ralé e a horda era que a ralé tinha um líder. O povo realmente não precisava disso. O povo

podia passar sem um líder, porque um líder acabava aparecendo de um jeito ou de outro. Mas quem escolhia o líder? Era o povo. Mas o povo escolhia um líder a partir de uma lista de candidatos, e esses tinham que se autosselecionar.

O telefone tocou. Jack atendeu.

— Alô?

— Olá, Jack. — A voz era bem familiar. O olhar de Ryan se acendeu.

— Olá, Arnie. Como anda a vida na academia?

— Como é de se esperar. Viu as notícias de hoje?

— Sobre os marines?

— O que você acha? — perguntou Arnie van Damm.

— Não parece coisa boa.

— Acho que é ainda pior do que parece. Os repórteres não estão contando toda a história.

— E alguma vez fizeram isso? — refletiu Jack azedo.

— Não, não quando não gostam, mas alguns deles são íntegros. Bob Holtzman do *Post* está tendo um ataque de consciência. Ligou para mim. Quer conversar com você sobre suas opiniões, por fora, é claro.

Robert Holtzman do *The Washington Post* era um dos poucos repórteres em quem Ryan quase confiava, em parte porque sempre fora correto com ele e em parte porque era um ex-oficial da Marinha — um 1630, o código que a Marinha usava para designar um oficial da inteligência. Apesar de ter diferenças com Ryan sobre a maioria dos assuntos políticos, também era um homem íntegro. Holtzman conhecia coisas sobre Ryan que nunca publicara, apesar de serem histórias deliciosas, talvez até histórias que fizessem sua carreira. Mas, quem sabe, talvez apenas as tivesse guardando para um livro. Holtzman já havia escrito vários, um deles best seller, e ele ganhara um bom dinheiro por esse empreendimento.

— O que você disse a ele? — perguntou Jack a Arnie.

— Disse que perguntaria, mas que você, provavelmente, não apenas se negaria, como seria categórico em dizer não.

— Arnie, eu gosto do sujeito, mas um ex-presidente não pode ficar falando mal de seu sucessor...

— Mesmo se ele for um merda inútil?

— Mesmo assim — confirmou Jack, amargurado. — Talvez especialmente por isso. Mas espere aí. Eu pensei que você gostava dele. O que aconteceu?

— Talvez eu conviva demais com você. Agora ando com essa ideia maluca de que o caráter vale alguma coisa. Que nem tudo é manobra política.

— E ele é muito bom nisso, Arnie. Até eu reconheço. Arnie, quer vir aqui para conversarmos um pouco? — perguntou Ryan. Para que mais ele telefonaria numa sexta-feira de manhã?

— Está bem, ok, não sou lá muito sutil.

— Voe até aqui. Você é sempre bem-vindo em minha casa, sabe disso.

Cathy perguntou em voz baixa:

— Que tal jantar na terça-feira?

— Que tal vir jantar na terça-feira? — perguntou Jack a Arnie. — Pode passar a noite aqui. Vou avisar Andrea para esperar você.

— Faça isso. Sempre fico um pouco preocupado que essa mulher vá me dar um tiro, e, boa como ela é, duvido que será só uma feridinha. Então vejo você pelas dez da manhã.

— Ótimo, Arnie, até logo. — Jack desligou o telefone e se levantou para acompanhar Cathy até a garagem. Agora ela dirigia um Mercedes de dois lugares, apesar de recentemente admitir que sentia falta do helicóptero para voar até o John Hopkins. O bom da história é que agora ela brincava de motorista de corrida com seu agente do Serviço Secreto, o ex-capitão do 82º Aerotransportado, que se segurava morrendo de medo do assento de passageiro. Um sujeito sério. Estava de pé ao lado do carro, paletó desabotoado, o coldre de presilha visível.

— Bom dia, Dra. Ryan — cumprimentou.

— Olá, Roy. Como estão as crianças?

— Vão bem, obrigado, senhora. — Abriu a porta do carro.

— Tenha um bom dia de trabalho, Jack. — E o beijo matinal habitual.

Cathy se ajustou, prendeu o cinto de segurança e ligou a besta de 12 cilindros que morava sob o capô. Acenou e disparou. Jack a observou desaparecer pela entrada para carros, na direção onde os veículos de ponta e de proteção esperavam, e depois voltou pela porta da cozinha.

— Bom dia, Sra. O'Day — saudou.

— Para o senhor também, presidente — disse a agente especial Andrea Price-O'Day, a agente principal de Jack. Ela também tinha um garotinho de pouco mais de 2 anos, chamado Conor, que era uma coisinha levada, Jack sabia. O pai de Conor era Patrick O'Day, inspetor de casos especiais do diretor Dan Murray do FBI, outra das nomeações de Jack com a qual Kealty não podia se meter, afinal não se permitia que o FBI virasse bola de futebol política — pelo menos, supunha-se que isso não podia acontecer.

— Como vai o pequeno?

— Muito bem. Mas ainda não sabe usar bem o pinico. Chora quando o vê.

Jack riu.

— Jack era assim também — disse ele. — Arnie vem aqui na terça-feira, por volta das dez da manhã. Jantar, e vai passar a noite aqui.

— Bem, não temos que investigar com muita profundidade — respondeu Andrea. Mas ainda verificariam sua posição no computador da Informação Criminal Nacional, só para ter certeza. O Serviço Secreto confiava em poucos, mesmo das suas próprias fileiras, desde que Aref Raman se revelara um inimigo. Aquilo tinha provocado a maior dor de cabeça no Serviço. Porém seu próprio marido havia ajudado a prender aquele sujeito, e Raman permaneceria na prisão federal de



Florence, no Colorado, por muito, muito tempo. A mais rígida de todas as penitenciárias federais, Florence era tão segurança máxima quanto a mais máxima das seguranças poderia ser, enfiada na rocha e totalmente no subsolo. Os hóspedes de Florence só viam o sol na televisão preto e branco.

Ryan entrou na cozinha. Ele poderia ter perguntado mais. O Serviço mantinha um monte de segredos. Poderia conseguir uma resposta porque ele, também, fora presidente em exercício, mas isso era algo que simplesmente não queria fazer.

E ainda havia trabalho a ser feito. Assim, serviu-se de mais uma xícara de café e se dirigiu à sua biblioteca para trabalhar no capítulo 48, versão 2. George Winston e o sistema de impostos. Tinha funcionado bem, até Kealty decidir que algumas pessoas não estavam pagando “sua parcela justa”. Kealty, é claro, era o árbitro único e final do que era “justo”.



OXITS daquela manhã continha uma interceptação criptografada para a qual o Campus tinha a chave. O conteúdo dificilmente poderia ser mais inócuo, tanto que a criptografia era supérflua. A prima de alguém havia parido uma menininha. Tinha que ser puro código em texto. “A cadeira está encostada na parede” foi uma frase desse tipo usada na Segunda Guerra Mundial para alertar a resistência francesa a fazer alguma coisa com o exército de ocupação alemão. “Jean tem bigodes compridos” alertara que a invasão do Dia D era iminente, tal como “Machuca meu coração com um langor monótono”.

*Então, o que isso significa?*, perguntou-se Jack. Talvez alguém tivesse tido um bebê, uma menina, o que não era um acontecimento de grande importância no mundo árabe. Ou talvez tivesse acontecido alguma grande (ou pequena) transferência de dinheiro, que era como eles tentavam rastrear as atividades da oposição. O Campus eliminara quem fazia essas transferências de dinheiro. Um deles era Uda Bin Sali, que morreria em Londres pela mesma caneta que Jack usou em Roma para abater MoHa, o qual, ele soube depois, era um rapaz bastante levado.

Algo atraiu a atenção do olhar de Jack. *Hein?* A distribuição do e-mail continha uma quantidade incomum de endereços franceses. *Alguma coisa está sendo cozinhada ali?*, perguntou-se.

— Você está de novo dando chifradas na parede? — perguntou Rick Bell a Jack vinte minutos mais tarde. Como Jack, o chefe de análise do Campus tinha a sensação de que o anúncio de nascimento era amorfo demais para gerar excitação.

— O que mais se faz num curral? — perguntou Jack. — Além do bebê, há algumas transferências bancárias, mas o pessoal do andar de baixo já está trabalhando nisso.

— Grande?

Ryan meneou a cabeça.

— Não, o pacote todo não chega a meio milhão de euros. Dinheiro de manutenção de casas. Também não há bilhetes aéreos para rastrear. De qualquer modo, o FBI já está trabalhando nisso, tanto quanto é capaz sem nossa coleção de chaves de cifras.

— E isso não vai durar — opinou Bell. — Não deve demorar muito para que eles mudem o sistema de criptografia, e vamos ter que começar do zero novamente. O melhor que podemos esperar é que não façam isso antes de nós quebrarmos alguma coisa importante. Nada mais?

— Só perguntas, como onde o grande pássaro se esconde? E nem sinal disso.

— A NSA vigia todos os sistemas de telefone do mundo. Já está até forçando os computadores deles. Querem comprar mais dois novos mainframes da Sun Microsystems. A verba está sendo liberada esta semana. Os nerds já estão começando a montar as caixas lá na Califórnia.

— A NSA alguma vez ficou fora do ar ou com poucos recursos?

— Não, desde que eu me conheço por gente — retrucou Bill. — Basta eles preencherem corretamente os formulários e se humilharem adequadamente diante dos comitês parlamentares.

A NSA sempre conseguia o que queria, isso Jack sabia. Mas a CIA não. A Agência de Segurança era mais confiável e discreta. Salvo o Trailblazer, que não era. Não muito depois do 11 de Setembro, a NSA percebeu que sua tecnologia de interceptação, SIGINT, era lamentavelmente inapropriada para lidar com o volume de tráfego que eles tentavam não apenas digerir como disseminar e, assim, uma companhia de San Diego, a SAIC (Corporação Internacional de Aplicações Científicas), foi contratada para aperfeiçoar os sistemas de Fort Meade. O projeto chamado Trailblazer durou 26 meses, consumiu 280 milhões de dólares e não deu em nada. Então a SAIC ganhou mais 380 milhões de dólares em um contrato para o sucessor do Trailblazer. O desperdício de dinheiro e tempo fez cabeças rolares na NSA e prejudicou sua imagem até então impecável no Congresso. O projeto Execute Locus, embora ainda estivesse em desenvolvimento, não havia passado da fase beta, de modo que a NSA suplementava seus computadores de interceptação com os mainframes Sun, que, apesar de efetivamente poderosos, eram equivalentes a sacos de areia colocados para conter um tsunami. Pior ainda, quando o Execute Locus ficasse pronto e on-line, já estaria descendo a ladeira da obsolescência, graças principalmente ao übercomputador Sequoia da IBM.

Para alguém que se considerava um entendido em tecnologia, como Jack, a capacidade do Sequoia era estonteante. Mais rápido que os quinhentos mais rápidos supercomputadores do mundo, o Sequoia podia executar 20 quatrilhões de processos matemáticos por segundo, estatística que só podia ser compreendida por redução comparativa: se cada um dos 6,7 bilhões de habitantes da Terra fosse armado com uma calculadora e trabalhassem juntos num cálculo 24 horas por dia, todos os dias do ano, demoraria mais de *três séculos* para fazer o que o Sequoia fazia em uma hora. Por outro lado, o Sequoia ainda não estava realmente disponível para uso. Segundo os últimos relatórios, estava abrigado em 96 racks do tamanho de refrigeradores, ocupando uma área de mais de 300 metros quadrados.

*Grande como uma boa casa de dois andares*, pensou Jack. E depois: *Será que*

*estão fazendo tours?*

Agora era Bill quem perguntava:

— Então, por que você acha que isso é importante?

— Qual a razão de criptografar um anúncio de nascimento? — replicou Ryan. — E nós quebramos isso com a chave deles. Ok, talvez os inimigos tenham famílias com crianças, mas não há nome da mãe, do pai ou da garota. É clínico demais.

— Verdade — comentou Bell.

— Mais uma coisa. Há um recipiente novo na lista de distribuição, que usa um servidor diferente. Talvez valha a pena dar uma olhada. Talvez ele não seja tão cuidadoso com seus apoiadores e finanças como os outros.

Até então, todos os e-mails da “Conexão Francesa” chegavam através de fornecedores de acesso à internet, os ISP, ocultos e usando contas de e-mail do tipo “mande e esqueça” com nada mais que fantasmas na outra ponta, pois todos se originavam de provedores estrangeiros. O Campus possuía poucas maneiras de olhar por baixo do assoalho. Se os franceses estivessem cooperando, simplesmente entrariam no ISP e tirariam as informações da conta. Pelo menos conseguiriam o número do cartão de crédito, e dali podiam conseguir o endereço para onde a conta era enviada mensalmente, a menos que fosse um cartão falsificado, mesmo assim seria possível deslanchar uma operação de rastreamento e tentar reunir as outras peças. Era a teoria do quebra-cabeça: muitas peças pequenas terminam por deixar claro um quadro maior. Com sorte.

— Talvez seja preciso hackear um pouco, mas é possível que consigamos o suficiente para jogar um anzol para esse sujeito.

— Vale a pena tentar — concordou Bill. — Vá em frente.

Por sua parte, o anúncio do nascimento chegou como uma surpresa feliz para Ibrahim. Escondida dentro da transmissão aparentemente inócua havia três mensagens: sua parte no Lótus passava para a fase seguinte, os protocolos de comunicação estavam sendo mudados e um estafeta estava a caminho.

Já era final da tarde em Paris e a cidade se agitava com a hora do rush. O tempo estava agradável. Os turistas estavam voltando — dos Estados Unidos, para satisfação comercial e descontentamento filosófico dos parisienses, para provar da comida e do vinho, e visitar os pontos turísticos. Agora muitos vinham de trem desde Londres, mas se podia adivinhar de onde eram pelas roupas. Os motoristas de táxi tiravam seus honorários circulando, dando aulas informais de pronúncia e resmungando sobre o tamanho das gorjetas — ao menos os americanos entendiam sobre dar gorjetas, ao contrário da maioria dos europeus.

Ibrahim Salih al-Adel estava completamente aclimatado. Seu francês era tão bom que os parisienses tinham dúvidas sobre a origem de seu sotaque, e ele circulava como qualquer outro local, sem ficar embaçado feito um macaco no zoológico.

Estranhamente, eram as mulheres que mais o ofendiam. Saltitavam orgulhosas com suas roupas na moda, muitas vezes com adoráveis e caras bolsas de couro penduradas nas mãos, mas geralmente calçando sapatos confortáveis, porque ali as pessoas caminhavam mais que dirigiam. Melhor para exibir o orgulho deles, pensou.

Ele teve um dia rotineiro no trabalho, a maior parte vendendo filmes em vídeos e DVDs, principalmente filmes americanos dublados em francês ou com legendas — o que permitia que seus clientes aperfeiçoassem suas habilidades no inglês aprendido nas escolas. (Apesar de os franceses desdenharem muito dos americanos, um filme era um filme, e os franceses adoravam cinema mais que a maioria das nacionalidades.)

Então amanhã ele começaria a reunir a equipe para iniciar de verdade o planejamento da missão, algo mais facilmente discutido em uma mesa de jantar do que realmente realizado. Mas ele já levava isso em consideração, ainda que no recolhimento de seu apartamento e não realmente no campo. Algumas coisas podiam ser feitas dali, pela internet, mas apenas em termos gerais. As particularidades do alvo só podiam ser acessadas quando estivessem no terreno, mas fazer o dever de casa lhes pouparia um tempo precioso. Algumas das peças logísticas já estavam no lugar, e até então seu informante no estabelecimento havia se revelado estável e confiável.

O que ele precisava para a missão? Algumas pessoas. Fiéis, todos eles. Quatro. Não mais que isso. Um deles precisava ser especialista em explosivos. Automóveis não detectáveis — sem problemas nesse ponto, é claro. Bom domínio de idiomas. Deviam aprender o papel, o que não seria difícil, dada a localização do alvo; poucas pessoas podiam detectar as sutilezas da cor da pele, e ele falava inglês sem muito sotaque, então isso também não seria problema.

Mais importante, no entanto, é que cada um dos membros da equipe tinha que ser um autêntico fiel. Disposto a morrer. Disposto a matar. Era fácil para alguém de fora pensar que o primeiro era mais importante que o último, mas, embora houvesse muitos desejando jogar fora suas vidas, era muito mais útil apenas descartar a vida se isso fosse servir para avançar a causa. Eles se viam como guerreiros sagrados e queriam suas 72 virgens, porém de fato eram jovens com poucas perspectivas, para os quais a religião era o caminho para a grandeza que de outro modo jamais teriam. Era notável como eram tão estúpidos para sequer enxergar isso. Mas por isso ele era o líder, e os demais, seus seguidores.



Mesmo se ela não tivesse ido antes no motel, teria poucas dificuldades para encontrá-lo, bem ao lado do que a cidade de Beatty otimistamente chamava de rua principal, que na verdade não era mais que um pedaço de 800 metros de estrada, com velocidade reduzida a 50 quilômetros por hora entre as rodovias 95 e 374.

O próprio hotel — o Motel 6 do Vale da Morte — tinha, apesar da aparência exterior, quartos relativamente limpos que cheiravam a sabão desinfetante. Não apenas ela já havia visto piores, como também já exercera suas... habilidades especiais, em lugares piores. E com homens piores, e por muito menos dinheiro. Se havia alguma coisa que a chateava era o próprio nome do motel.

Uma tártara keräşen de nascimento, Allison — seu nome real era Aysilu, que em turco significava bela como a lua — herdou da mãe, do pai e de seus ancestrais um saudável respeito por presságios, tanto os sutis quanto os abertos, e o nome Motel 6 do Vale da Morte certamente se qualificava como um desses últimos.

Não importa. Presságios eram voláteis e o significado sempre estava aberto para interpretações. Nesse caso, o nome do motel dificilmente se aplicava a ela. Seu alvo estava muito embevecido com ela para ser alguma ameaça, direta ou indiretamente. E o que ela tinha vindo fazer aqui exigia pouco pensar de sua parte, tão bem fora treinada. E ajudava o fato de os homens serem simples, criaturas previsíveis, motivados pelas necessidades mais básicas.

— Homens são argila — dissera-lhe uma vez sua primeira instrutora, uma mulher chamada Olga, e mesmo na tenra idade de 11 anos ela sabia que isso era verdade, tendo visto os olhares prolongados dos rapazes de sua aldeia, e mesmo os olhares sempre observadores de alguns homens.

Mesmo antes de ela começar a passar pelas mudanças e seu corpo principiar a florescer, instintivamente sabia qual era o sexo mais belo, que era também o mais forte. Os homens eram fisicamente fortes, e isso tinha seus benefícios e prazeres, mas Allison moldava uma força diferente, que havia lhe servido muito bem, mantendo-a viva em situações perigosas, e confortável nos tempos difíceis. E agora, com 22 anos, sua aldeia deixada para trás, sua força a tornava rica. Melhor ainda, ao contrário de muitos de seus empregadores anteriores, o atual nem exigira uma demonstração da

parte dela. Se isso era em função de seus ideais religiosos estritos ou simplesmente profissionalismo, ela não sabia, mas eles a tinham aceitado de boa-fé pelo valor de face, juntamente com as recomendações — ainda que ela não soubesse de quem. Certamente de alguém influente. O programa de treinamento pelo qual havia passado, agora descontinuado, existia sob um manto de segredo bem-guardado.

Ela dirigiu, passando pelo estacionamento do motel, depois deu uma volta pelo quarteirão e voltou na outra direção, procurando por qualquer coisa fora do lugar, alguma coisa que mexesse com sua intuição. Viu o veículo dele, uma picape Dodge azul 1990, juntamente com meia dúzia de outras, todas com placas do estado, menos uma da Califórnia e uma do Arizona. Satisfeita de ver tudo em ordem, entrou em um posto de gasolina, manobrou e voltou ao motel, estacionando a duas vagas da picape Dodge. Levou um tempo retocando a maquiagem no espelho retrovisor e tirou um par de camisinhas do porta-luvas. Jogou-as dentro da bolsa, que fechou com um sorriso. Ele começara a se queixar das camisinhas, dizendo que não queria ter nada entre eles, mas ela objetou, dizendo que preferia esperar que se conhecessem melhor, talvez fazer um teste para doenças sexualmente transmissíveis, antes de levar o relacionamento a um patamar mais elevado. A verdade era que familiaridade e cuidado não tinham nada a ver com sua hesitação. Seu empregador havia sido bastante detalhista, fornecendo-lhe um dossiê minucioso sobre o homem, desde sua rotina diária até seus hábitos de alimentação e a história de seus relacionamentos. Ele tivera duas amantes antes dela, uma namorada no colégio que o dispensou entre o penúltimo e o último ano na escola, e outra pouco depois de se formar na universidade. Esse, também, foi um relacionamento breve. A probabilidade de ele possuir alguma doença era quase inexistente. Não, o uso de camisinhas não era mais que outra ferramenta do seu arsenal. A proximidade pela qual ele ansiava era uma necessidade, e necessidades eram simplesmente pontos de alavancagem. Quando ela finalmente “cedesse” e deixasse que ele a possuísse sem proteção, isso serviria apenas para reforçar o domínio dela sobre ele.

*Argila*, pensou.

Ela não poderia mais postergar o assunto por muito tempo, pois seu empregador lhe perguntava informações que ela ainda não havia extraído. A razão da impaciência ou o que pretendiam fazer com a informação que ela lhes transmitia era assunto deles, mas evidentemente os segredos desse homem eram de importância crítica. Esse tipo de coisas, porém, não podia ser apressada. Não se você quisesse bons resultados.

Ela saiu, trancou a porta do carro e caminhou para o quarto. Como de hábito, ele havia deixado uma rosa pendurada entre a maçaneta e o batente da porta — o código “deles” para que ela soubesse onde ele estava. Era um homem doce, diga-se a verdade, mas tão fraco e carente que ela achava quase impossível sentir por ele qualquer outra coisa que não desdém.

Ela bateu à porta. Escutou passos caminhando rapidamente em direção a ela,

depois a corrente chacoalhando enquanto era destrancada. A porta se abriu e lá estava ele em sua calça de veludo cotelê e uma da meia dúzia de camisetas andrajosas que usava, todas com referência a algum filme de ficção científica ou programa de televisão.

— Olá — arrulhou ela, balançando as cadeiras como uma modelo na passarela. Anos de treinamento a haviam deixado sem nenhum traço de sotaque. — Feliz por me ver?

O vestidinho de alça — da cor de pêssego que ele gostava tanto — se ajustava nos lugares certos e ondulava nos outros, o balanço perfeito entre castidade e provocação. A maioria dos homens, mesmo se não percebessem isso, gostava que suas mulheres fossem damas no cotidiano e putas na cama.

Seu olhar faminto terminou de percorrer suas pernas e seus seios, e depois repousaram em seu rosto.

— Hã, sim... Puxa, sim — murmurou. — Vamos, entre logo.

Fizeram amor duas vezes nas duas horas seguintes, a primeira vez durando apenas alguns minutos, e a segunda, dez, e apenas tanto porque ela o controlou. *Músculo de diferentes tipos*, pensou. Mas não menos poderosos. Quando terminaram, ele ficou deitado de costas, arquejando, o peito e o rosto pegajosos de suor. Ela rolou e se aconchegou no ombro dele, exalando pesadamente.

— Puxa — murmurou ela. — Essa foi... Puxa...

— É, foi sim — respondeu ele.

Steve não era um sujeito feio, com cabelos ruivos ondulados e olhos azul-claros, mas era magro demais para seu gosto, e sua barba coçava em seu rosto e em suas coxas. Mas era limpo e não fumava, e seus dentes eram bons, de modo que, pelo que ela sabia, podia ser pior.

Quanto às suas habilidades como amante... eram quase inexistentes. Era um amante ultra-atencioso e gentil demais, sempre preocupado se estava fazendo alguma coisa errada ou se deveria estar fazendo algo diferente. Ela fazia o melhor possível para lhe dar segurança, dizendo todas as coisas certas e fazendo os ruídos certos em todos os momentos certos, mas suspeitava que lá no fundo da mente dele estava a preocupação de perdê-la — não que a “tivesse” realmente.

Era a quintessência da síndrome de a bela e a fera. Ele não a perderia, é claro, pelo menos até ela conseguir as respostas que seus empregadores queriam. Allison sentiu um momentâneo sentimento de culpa, imaginando como ele reagiria quando ela desaparecesse. Tinha bastante certeza de que ele havia se apaixonado por ela, o que, afinal, era o ponto central, mas ele era tão... inofensivo que era difícil não sentir de vez em quando pena por ele. Difícil, mas não impossível. Ela expulsou o pensamento da cabeça.

— E como vai o trabalho? — perguntou Steve.



— Tudo bem, sempre a mesma coisa: dando minhas voltas, vendendo meu peixe, dando meu número de telefone e mostrando um pouco meu decote para os médicos...

— Ei!

— Relaxe, estou brincando. Muitos médicos estão preocupados é com o recall.

— Na TV, os analgésicos?

— Esses aí. Mas estamos recebendo muita pressão pelo fabricante para continuar empurrando.

Pelo que ele sabia, ela era representante de laboratórios farmacêuticos de Reno. Eles “se conheceram” numa Barnes & Noble, onde, na Starbucks da loja, Allison se viu sem um centavo para pagar seu Caffé Mocha. Após dela na fila, Steve nervosamente se ofereceu para pagar a conta dela. Armada com seu dossiê — ou com a pequena parte que ela achou que devia ler —, e consciente de seus hábitos, o encontro foi facilmente combinado e mais fácil ainda quando ela mostrou interesse pelo livro que ele lia, algo sobre engenharia mecânica sobre o qual na verdade ela não sabia nada. Steve nem havia percebido, tão feliz em ter uma garota bonita prestando atenção nele.

— Então, sobre toda essa coisa de engenharia... — disse ela. — Não sei como você faz isso. Tentei ler um dos livros que me emprestou, mas não entendi nada.

— Bem, você é muito esperta, com certeza, mas é um assunto muito árido. Não se esqueça de que passei quatro anos na universidade por conta disso, e mesmo assim não aprendi realmente nada de prático até conseguir esse emprego. O MIT me ensinou muito, mas nada comparado com o que aprendi desde então.

— Assim como?

— Ah, você sabe, coisas.

— Coisas como?

Ele não respondeu.

— Está bem, está bem. Já saquei, Sr. Sujeito Secreto Muito Importante.

— Não é isso, Ali — respondeu, num tom levemente lamuriendo. — É que eles fazem você assinar todos aqueles papéis... Acordo de confidencialidade e tudo mais.

— Puxa, você deve ser importante.

Ele fez que não com a cabeça.

— Nada... Você sabe como é o governo... completamente paranoico. Diabo, fico até surpreso por eles não nos passarem pelo polígrafo, mas quem sabe?

— Então o que é? Armas e bombas e coisas assim? Espere um instante... Você é cientista de foguetes?

Ele deu uma risadinha.

— Não, nada de cientista de foguetes. Engenheiro mecânico, engenheiro comum e corrente.

— Um espião? — Ela se apoiou no cotovelo, deixando o lençol cair e revelar um seio pálido. — É isso aí, não é? Você é um espião.

— Não, também nada de espião. Quer dizer, olhe só para mim. Sou um nerd.

— O disfarce perfeito.  
— Cara, você tem mesmo muita imaginação, pode crer.  
— Mas você se esquia das perguntas. E isso é conhecido, típica manobra de espião.

— Nada disso. Sinto muito desapontar você.  
— Então o quê? Me diga...  
— Trabalho no DOE, o Departamento de Energia.  
— Como energia nuclear e essas coisas.  
— Certo.

A verdade é que ela sabia exatamente o que ele fazia para ganhar a vida, onde trabalhava e o que acontecia por lá. O que ela procurava — o que eles procuravam — era muito mais específico. Acreditavam que ele conhecia a informação, talvez já na sua cabeça, e, se não, certamente possuía acesso a ela. Allison pensou distraída por que eles a escolheram para fazer o serviço em vez de extrair a informação à força. Suspeitava que a resposta tinha muito a ver tanto com onde ele trabalhava quanto com a não confiabilidade da tortura. Se Steve desaparecesse ou morresse em circunstância mesmo que remotamente suspeita, haveria uma investigação não apenas pela polícia local, como também pelo FBI, o tipo de escrutínio que seu empregador provavelmente estava muito ansioso para evitar. Ainda assim, o fato de eles não terem escolhido o método mais direto lhe dizia algo: a informação que precisavam era tão crítica quanto extraordinária. Steve era provavelmente sua única fonte viável para obtê-la, o que significava que esta ou era altamente protegida em outro lugar ou que o conhecimento que ele tinha sobre isso era bastante particular.

Não que isso importasse. Ela faria o trabalho, pegaria o dinheiro e depois... bem, quem sabe?

Sua remuneração era considerável, talvez o suficiente para lhe dar um ponto de partida para começar uma nova vida em outro lugar, fazendo outra coisa para se manter. Algo comum, como ser bibliotecária ou contadora. Sorriu com o pensamento. Ser comum podia ser muito bom. Ela teria que ser bem cuidadosa, entretanto, com essas pessoas. Seja lá como eles estivessem planejando usar a informação, era mortalmente importante, o suficiente para assassinar alguém.

*De volta ao trabalho...*

Preguiçosamente, ela passou o dedo pelo peito dele.

— Mas você, tipo, não corre perigo ou coisa parecida, não é? Quero dizer, de pegar um câncer ou coisa assim.

— Bem, não — disse ele. — Na verdade, não. Acho que há um pouco de risco, mas temos protocolos, regras e regulamentos, de modo que só se você fêzesse com tudo para se machucar.

— Então isso nunca aconteceu, com ninguém?

— Claro que sim, mas geralmente é por estupidez, como algum sujeito que teve o pé esmagado por uma empilhadeira ou se engasga com nachos na cafeteria. Já

tivemos alguns casos graves em... em outros lugares, mas isso só acontece quando alguém tenta cortar caminho, e, mesmo quando isso acontece, existem sistemas de backup e procedimentos. Acredite em mim, benzinho, eu estou bem seguro.

— Que bom, fico feliz. Odeio pensar que você pode se machucar ou adoecer.

— Isso não vai acontecer, Ali. Sou muito cuidadoso.

*Veremos*, pensou ela.



Jack Jr. se apertou contra a parede e deslizou por ela, sentindo as farpas das tábuas grosseiras agarrarem na sua camisa. Chegou no canto e parou, pistola na postura Weaver, com as duas mãos, cano apontado para baixo. Não como nos filmes de Hollywood ou nos programas policiais da TV, pensou, nos quais sempre carregam a arma com o cano apontado para cima e bem do lado do rosto. Claro, parecia muito legal — nada enquadrava melhor o queixo firme e os olhos azuis do herói do que uma volumosa Glock —, mas ali não se tratava de parecer legal, mas sim sobre continuar vivo e abater os inimigos. Ter crescido na Casa Branca, cercado pelos profissionais do Serviço Secreto que conheciam suas armas melhor que seus próprios filhos certamente tinha suas vantagens, não é mesmo?

O problema com o modo hollywoodiano de manuseio de armas era duplo: visão do local e emboscada. O combate com armas de mão no mundo real se tratava de atirar direto e sob pressão, e isso, por sua vez, se referia sempre ao estado mental e à visão do local. O primeiro dizia respeito ao condicionamento; o segundo, à mecânica. Era muito mais fácil e muito mais eficaz ter a arma levantada, ter uma boa visão do local e do alvo e dar um tiro do que fazer isso tudo ao revés. O outro fator — emboscada — era sobre o que acontece quando você dobra um canto para se ver face a face com o bandido. Você vai querer a arma levantada, perto do seu rosto, ou mais baixa, onde poderia, só poderia, ter a oportunidade de disparar um tiro na perna do sujeito antes que este o agarrasse e a situação evoluísse para uma luta livre sem regras? Isso não acontecia com muita frequência, é claro, mas, no que dizia respeito a Jack e a todos os verdadeiros atiradores, era muito melhor lutar com um inimigo que estivesse com uma bala 9 milímetros na perna do que o contrário.

*Teoria, Jack*, lembrou-se ele, voltando para o aqui e agora. Teorias são para salas de aula, e não para o mundo real.

E onde diabos estava Dominic? Eles haviam se separado na porta da frente, Dominic saindo pela direita para checar os aposentos do fundo da casa — os aposentos potencialmente mais “pesados” —, e Jack, pela esquerda, na direção da cozinha e sala de estar, mais abertos. *Não se preocupe com Dominic. Se preocupe com você.* Seu primo era do FBI — pelo menos oficialmente —, e não precisava de

nenhuma lição sobre essas coisas.

Jack passou a arma para a mão esquerda, secou a palma na perna das calças e depois trocou novamente de mãos. Respirou fundo, deu um pequeno passo atrás e espreitou pela esquina. Cozinha. Refrigerador à direita, balcão cor de abacate, pia de aço inox e micro-ondas de balcão à esquerda; mesa de jantar e cadeiras mais adiante, depois do fim do balcão, ao lado da porta dos fundos.

Jack observou o lugar em busca de movimento e não viu nada. Então avançou, com a arma levantada perto da altura do ombro, olhos em movimento, cano da pistola seguindo o olhar, então rastejou para a cozinha. Adiante e à direita uma passagem em arco levando à sala de estar, ele supôs, projetando mentalmente a planta. Dominic deveria vir pela sala da direita para se juntar a ele...

— Jack, janela dos fundos! — gritou Dominic de algum lugar no fundo da casa. — Alguém correndo! Localizei pela janela lateral! Branco, casaco vermelho, armado... Estou nele!

Jack resistiu ao impulso de avançar de vez e, ao contrário, continuou se movendo devagar e continuamente, verificando o restante da cozinha, depois espreitando pelo canto que levava à sala de estar. Limpo. Parou ao lado da porta do pátio, corpo alinhado à esquerda da maçaneta e na esperança de que os batentes de vigas 4x6 por baixo da alvenaria insossa deteriam, ou pelo menos amorteceriam, balas atiradas contra ele, depois se abaixou para espreitar o beco atrás da casa pela portinhola. Viu à sua direita uma figura se movendo no fundo do beco: colete azul, letras amarelas. O colete do FBI de Dominic. Jack abriu a porta, olhou novamente, depois abriu a porta de tela. Diante dele havia uma porta escura na parede de tijolos; à sua esquerda, uma lixeira verde. Caminhou naquela direção. Arma em punho, procurando alvos. Viu uma sombra se movendo na porta e deu a volta a tempo de enxergar uma silhueta de homem na soleira.

— Parado! Não se mova, não se mova! — gritou, mas a figura continuou se movendo, braço esquerdo aparecendo à luz, a mão segurando um revólver. — Jogue isso fora! — gritou Jack mais uma vez, e, na batida seguinte do coração, disparou duas vezes, os dois tiros alcançando o centro da massa. A figura caiu de costas na soleira. Jack se virou novamente, de volta para a lixeira, movendo-se até poder ver atrás da esquina, procurando por...

Então alguma coisa bateu nas suas costas, entre os ombros, e ele tropeçou para a frente. Sentiu o sangue subir à cabeça e pensou, *Ah, merda, puta que pariu...* Bateu na lixeira, o ombro esquerdo sofrendo o maior impacto, e tentou girar no calcanhar na direção da fonte do disparo... Sentiu outra bala bater no seu lado, logo abaixo da axila, e soube que era tarde demais.

— Parem! — gritou uma voz pelo megafone, seguida de três assovios rápidos que ecoaram pelo beco. — Interromper exercício, interromper exercício!

— Puxa, cara... — murmurou Jack, depois se inclinou na lixeira e expirou profundamente.

O homem que acabara de atirar nele — o agente especial Walt Brandeis — saiu da soleira e sacudiu tristemente a cabeça.

— Deus do céu. Morrer assim, filho, com tinta verde no meio das costas... — Jack podia ver o meio sorriso aparecer nos lábios de Brandeis enquanto lhe olhava de cima abaixo, e depois fez um muxoxo. — É simplesmente uma vergonha, isso é o que é.

Dominic apareceu na esquina do beco, correndo e parou de repente, e depois disse:

— De novo?

— Eis o problema, Jack: você estava...

— Apressado, eu sei.

— Não, não desta vez. É mais que isso. A pressa não foi seu problema principal, foi parte dele, mas não foi por isso que você foi morto. Quer dar um palpite?

Jack Jr. pensou um instante.

— Eu supus.

— A porra que você fez foi mesmo supor. Você supôs que o alvo que viu naquela porta era o único presente. Você supôs que, depois de liquidá-lo, podia deixar de se preocupar com isso. É o que eu chamo de Síndrome do Alívio de Emboscada. Não vai achar isso nos manuais, mas acontece assim: você sobrevive a uma emboscada, escapando por pouco, e se sente como se fosse de ouro. Subconscientemente, rotula na sua mente aquela porta e a sala de “não checada” para “limpa”. Ora, se isso fosse uma situação de verdade e houvesse dois deles ali dentro, o criminoso médio idiota provavelmente teria aparecido para você no mesmo momento que seu colega fez isso, mas sempre existem as exceções por aí, como essa criatura rara, o bandido esperto, e as exceções matam você.

— Você está certo — murmurou Jack, bebendo um gole de Coca Light. — Droga.

Juntamente com Brian, que não participara do último exercício, ele e Dominic se reuniram na sala de descanso depois do interrogatório de relatório feito por Brandeis, que não diminuiu em nada a força da reprimenda, filho de ex-presidente ou não. Ele disse a Jack basicamente o mesmo que Dominic, só que de modo mais divertido. Brandeis, nascido no Mississippi, tinha um jeito caipira de falar que tirava um pouco da acidez da crítica. Um pouco, mas não tudo. *O que é que você pensava, Jack, que viria para cá e já bancaria o especialista?*

Como a maior parte das dependências do centro de treinamento urbano do FBI, em Quantico, afetuosamente chamado de *Hogan's Alley*, a sala de descanso era espartana, com paredes e assoalho de madeira, e mesas de fórmica que pareciam ter sido marteladas. Mas o cenário do curso não tinha nada de desmazelado, com seu banco, agência de correios, barbearia e salão de bilhar. *E entradas escuras*, pensou Jack. Tudo aquilo parecia bem real, assim como a bala de paintball que atingira suas costas. Ainda coçava, e ele suspeitava que veria um belo vergão quando fosse ao chuveiro mais tarde. Mas, bala de paintball ou não, ele estava morto. Suspeitou que

usavam paintball por conta dele. Dependendo do cenário do treinamento e os agentes que nele estivessem, o *Hogan's Alley* podia ser muito mais barulhento e assustador. Jack já havia até ouvido boatos de que a HRT — Equipe de Resgate de Reféns — às vezes usava munição verdadeira. Mas, a bem dizer, esses caras eram os melhores dos melhores.

— E você aí? Não vai falar nada? — perguntou Jack a Brian, que estava escarrapachado na cadeira, balançando nas duas pernas de trás. — Eu posso aguentar logo toda a advertência.

Brian meneou a cabeça e sorriu, acenando para seu irmão.

— Aqui é o pedaço dele, primo, não o meu. Quando você for até as Vinte e Nove Palmeiras, nós conversamos. — Os marines tinham seu próprio e assustador campo de treinamento de combate urbano, chamado MOUT (Operações Militares em Terreno Urbano). — Até lá, eu fico calado, muito obrigado.

Dominic bateu com os nós dos dedos na mesa em frente a Jack.

— Primo, porra, você pediu que nós te trouxéssemos para cá, não foi?

A frieza de aço na voz de Dominic era inequívoca, e Jack ficou momentaneamente sem jeito. *O que está acontecendo*, perguntou-se ele.

— Certo.

— Você queria sentir como era de verdade, não é?

— Sim.

— Bem, então pare de se comportar como um garotinho pego colando. Isso aqui não é sobre conferências. Não importa merda nenhuma quem você é ou se cometeu um erro de principiante pela terceira vez. Droga, levei tiro nas primeiras dez vezes que fiz esse curso. Aquela porta que você não viu? Quase apelidaram aquela porra com meu nome por conta da quantidade de tiros que levei ali.

Jack acreditava nele. O *Hogan's Alley* era o campo de treinamento dos agentes do FBI havia mais de vinte anos, e os únicos que passavam perfeitamente por ali eram os que passaram tantas vezes que sonhavam com aquilo. E era assim com tudo, Jack sabia. A perfeição vem da prática, e isso não era um clichê, mas de fato um axioma, especialmente na área da defesa da lei e nas operações militares. A prática produz novas trilhas na sua fiação mental enquanto seu corpo desenvolve memória muscular — repetir a mesma ação inúmeras vezes até que os músculos e as sinapses trabalhem em uníssono e o pensamento se apague da equação. *Quanto tempo isso demora para acontecer?*, perguntou-se.

— Ora, vamos... — disse Jack.

— Não. Pergunte a Brandeis. Ele vai ficar feliz em contar. Levei uma porrada de tiros dele. Merda, nas duas primeiras vezes passei direto por aquela porta e morri por causa disso. Olha, não fico muito contente em dizer isso, mas a verdade é que você foi muito bom para uma primeira vez. Terrivelmente bom. Droga, quem imaginaria isso... Meu priminho sabe-tudo um au-tên-ti-co pistoleiro.

— Agora você está gozando com a minha cara.

— Não, não estou não. É verdade, cara. Fala aí, Brian. Diga a ele.

— Ele está certo, Jack. Você ainda está muito tosco. Diabo, você enquadrou o Dom na mira duas vezes lá na lavanderia...

— Enquadrei?

— Quando você se preparou do lado de fora de um aposento, lembra, logo antes de entrar, e depois se separou lá dentro, um grupo avançando para o lado pesado e outro para o lado leve...

— Sim, estou lembrado.

— Na lavanderia, você deu um passo para a lateral e apontou sua arma para fora de sua zona. O cano da sua arma me enquadrou... bem na nuca, de fato. Algo que não se pode fazer mesmo.

— Ok, lição número um: não aponte sua arma para seus amigos.

Brian riu.

— É um jeito de colocar a coisa, sim. Como eu dizia... você ainda está tosco, mas tem um grande instinto. Puxa, será que você andou escondendo coisas de nós? Fez algum treinamento com o Serviço Secreto quando era moleque? Talvez algumas férias com Clark e Chavez?

Jack sacudiu a cabeça.

— Não, nada disso. Quer dizer, sim, andei disparando algumas armas, mas nada como isso. Não sei... Parecia que passava na minha cabeça antes mesmo de acontecer... — Jack deu de ombros e sorriu. — Talvez tenha um pouco do DNA de marine do meu pai. Quem sabe, talvez eu simplesmente tenha visto muitas vezes *Duro de matar*.

— Não acho que seja isso — retrucou Brian. — Bem, seja lá o que for, eu não me importaria de ter você na minha retaguarda.

— Apoio isso.

Todos levantaram as latas de Coca Light e brindaram juntos.

— Falando nisso, caras... — disse Jack, hesitantemente. — Vocês se lembram daquele caso, ano passado... na Itália?

Brian e Dominic trocaram olhares.

— Lembramos — disse Dom. — Negócio quente, aquele.

— É, bem, eu estava pensando que não me importaria de fazer um pouco mais daquele tipo de coisa... Não exatamente o mesmo, talvez, mas algo assim.

Brian falou:

— Meu Deus, primo, você está falando em se desligar do seu teclado e cair no mundo real? Enquanto falamos, posso até ver o diabo amarrando seus patins de gelo.

— Engraçadinho. Não, eu gosto do que faço, sei que faz diferença, mas é uma coisa tão intangível. O que vocês fazem... o que nós fizemos na Itália... isso é o real. Mão na massa, sabe? Dá para ver os resultados na hora.

— Como mencionou o assunto — disse Dominic —, sempre quis perguntar a você: alguma coisa te preocupou depois. Não que tivesse que acontecer isso, mas vamos



encarar os fatos: você caiu de bunda numa situação de merda, se é que me permite a expressão.

Jack considerou o assunto.

— O que você quer que eu diga? Que fiquei preocupado? Bem, não fiquei. Não mesmo. Claro, eu estava nervoso e houve uma fração de segundo antes de acontecer que pensei: *que diabos estou fazendo?* Mas isso sumiu, e éramos apenas eu e ele, e eu simplesmente fiz o que tinha que fazer. Para responder a pergunta que acho que você quer perguntar, não, não perdi um minuto de sono por causa daquilo. Você acha que eu devia?

— Merda, não. — Brian olhou ao redor para ter certeza de que estavam sós, depois se inclinou para perto, antebraços na mesa. — Não há “devia” nisso, Jack. Ou você perde ou não perde. Você não perdeu, ótimo. O cuzão merecia. Da primeira vez que despachei um cara, Jack, ele estava apontando a arma para mim. Era matar ou ser morto. Eu o abati, e sabia que era a coisa certa. Mas ainda tive pesadelos. Certo ou errado, mereça o cara ou não, matar um homem não é algo agradável. Qualquer um que pense o contrário é um pouco maluco. O entusiasmo todo não é, na verdade, sobre matar: é sobre cumprir o dever e fazer o trabalho para o qual você se arrebentou treinando, observando os caras à sua direita e à sua esquerda, e saindo inteiro do outro lado.

— Além disso, Jack — acrescentou Dominic —, aquele sujeito na Itália não iria simplesmente se aposentar um dia. Um bando de pessoas iria perder a vida antes que alguém o despachasse. Para mim, esse é o negócio. Um inimigo que recebe o merecido, muito bem, mas o que nós fazemos, o fundo da questão de tudo isso aqui, não é vingança, pelo menos não pela simples vingança. Pensar assim é como trancar a porta da cocheira depois que os cavalos fugiram. Eu prefiro mil vezes parar antes o sujeito que planeja abrir a porta da cocheira.

Brian olhou fixo seu irmão gêmeo por alguns instantes e depois balançou a cabeça e sorriu.

— Puta merda! Mamãe dizia que você era o filósofo da família. Nunca acreditei nela, até agora.

— É, é... — murmurou Dominic. — Só que não é tanto filosofia, é mais matemática. Mate um, salve centenas ou milhares. Se estivéssemos falando de pessoas decentes e respeitadoras da lei, a equação era mais complicada, mas eles não são assim.

— Concordo com ele, Jack — disse Brian. — Aqui nós temos a oportunidade de fazer coisas realmente boas. Mas, se você estiver pensando em fazer esse tipo de coisa porque acha que vingança é a resposta ou que tudo é essa merda de James Bond...

— Não foi isso o que...

— Ótimo, porque não é mesmo, nem de longe. É uma merda feia e ponto. E a vingança é um motivador vagabundo. Faz você ficar desleixado, e desleixo é a morte.

— Sei disso.

— E o que você vai fazer a respeito?

— Acho que vou falar com Gerry e ver o que ele diz.

— É melhor você preparar bem seu discurso — disse Dominic. — Porra, Gerry já assumiu um risco enorme contratando você. Seu pai iria ter um ataque...

— Deixa que eu me preocupe com meu pai, Dom.

— Ótimo, mas, se você acha que Gerry vai simplesmente lhe dar uma arma e dizer “Vai em frente, faça o mundo mais seguro para a democracia”, vai ver outra coisa cair em cima de você. Se você fosse comprar uma fazenda, ele mesmo telefonaria para o corretor.

— Sei disso.

— Ótimo.

— Então — disse Jack —, se eu falar com ele, vocês dois me apoiam?

— Por algo que vale a pena, sim — respondeu Brian. — Mas isso aqui não é uma democracia, Jack. Supondo que ele não liquide a ideia no ato, provavelmente vai ter que conversar com Sam. — Sam Granger era o chefe de operações do Campus. — E duvido que ele pergunte a nós.

Jack assentiu.

— Provavelmente você está certo. Bem, como você disse, é melhor eu me preparar para vender muito bem o meu peixe.



O outono estava ali. Podia-se perceber isso pelo vento e pelos blocos de gelo, que começavam a se separar da costa para revelar as águas negras do Oceano Ártico. Não poderia ser mais frio sem congelar, e ainda havia muito gelo à vista, simplesmente para lembrar que o verão ali era, na melhor das hipóteses, fugaz. A Mãe Natureza continuava implacável e cruel como sempre, mesmo sob um cristalino céu azul e com poucas nuvens parecendo bolas de algodão.

O lugar não era muito diferente do seu primeiro posto naval em Polyarniy, 12 anos antes, bem na época em que a Marinha soviética começava a ser desmantelada. Ah, claro, ainda tinham alguns navios, a maioria deles ancorada nos portos do fiorde Kola, tripulados por homens que permaneceram na Marinha ou porque foram obrigados ou porque não tinham casa para onde voltar. Havia tripulações completas compostas quase inteiramente por oficiais que na verdade recebiam pagamento algumas vezes ao ano. Vitaliy fora um dos últimos convocados para a antiga Marinha soviética e, para seu próprio espanto, viu-se gostando do trabalho.

Depois do estúpido treinamento básico, ele foi promovido a *starshina*, ou suboficial e contramestre. Era um trabalho difícil, extenuante, mas satisfatório, e acabou por lhe render uma habilidade útil. Ele se aproveitou pessoalmente do sucateamento da Marinha soviética ao comprar a preço de banana um velho, mas bem-conservado, barco de desembarque T-4 que convertera oficialmente em barco de passageiros. Na maioria das vezes, ele levava expedições científicas que exploravam a região por razões obscuras e que não lhe interessavam, enquanto outros eram caçadores que buscavam transformar um urso polar num caríssimo tapete.

Seu afretamento daquela semana o esperava abaixo no litoral, numa pequena aldeia de pescadores. Dois dias antes ele havia carregado o equipamento deles: um caminhão GAZ com tração nas quatro rodas, pneus novos e recém-pintados, equipados com uma armação pesada em forma de A, que ele recebera de um motorista que, como ele, provavelmente tinha sido pago em euro. Como qualquer bom capitão faria, Vitaliy inspecionou a carga e ficou surpreso ao descobrir que todos os códigos de identificação, inclusive o do bloco do motor, haviam sido retirados do caminhão. Apesar de o serviço não ser particularmente complicado nem exigir um

mecânico para ser executado, algo disse a Vitaliy que os próprios afretadores não tinham feito aquilo. Então, deviam ter chegado ali, comprado o GAZ em boas condições, pagando uma bela soma a alguém para tirar todas as marcas, e depois contratado o afretamento. Muito dinheiro para espalhar e uma preocupação evidente com anonimato. O que isso queria dizer?

Mas não havia vantagem em ser muito curioso. Os gatos espertos sabiam dos perigos da curiosidade, e ele gostava de pensar que era suficientemente esperto. Os euros também cuidariam de sua memória, algo em que o grupo parecia confiar bastante. O líder do grupo, evidentemente de ascendência mediterrânea, disse a Vitaliy que o chamasse de Fred. Não era tanto um artifício e mais um apelido de conveniência, quase uma piada particular entre eles, e o sorrisinho furtivo durante o primeiro encontro dos dois confirmava isso.

Ele observou o grupo embarcar e lhe acenar, e, quando isso terminou, assinalou a Vanya, seu maquinista e marinheiro, para soltar as amarras. Vitaliy ligou os motores a diesel e se afastou da doca.

Logo se viu no canal e a caminho do mar. A água escura não era exatamente atraente, mas ele e o barco pertenciam àquele lugar, e lhe provocava bem-estar voltar a navegar. Para a manhã ficar perfeita, ele só precisava de um tranquilizante, e isso Vitaliy conseguiu acendendo um Marlboro Lights 100 americano. Então a manhã ficou perfeita. A frota pesqueira local já havia saído do porto — trabalhavam em horas terríveis —, e as águas estavam abertas para uma navegação fácil, com apenas uma pequena agitação de ondas batendo nas boias de sinalização.

Assim que passou o quebra-mar, ele rumou para estibordo e navegou para leste.

Seguindo suas instruções, Adnan manteve a equipe reduzida, apenas ele e mais três em quem confiava, número suficiente para o carregamento pesado, mas não para criar problemas quando chegasse à inevitável conclusão de sua missão. Na verdade, ele não se importava com essa parte. Afinal, sofreria o mesmo destino que seus compatriotas. Uma triste necessidade, pensou. Não, sua maior preocupação era com a possibilidade de fracasso. Fracassar ali sem dúvida teria um efeito ressonante na operação maior, seja lá qual fosse, e Adnan faria qualquer coisa em seu poder para ter certeza de que isso não aconteceria.

Sua vida. Adnan sorriu diante dessa ideia. Os inféis viam aquilo tudo — árvores, água e posses materiais — como vida. A vida tampouco era definida pelo que você comia, bebia ou conspurcava com suas necessidades corporais. O tempo passado na terra não era mais que a preparação para o que viria depois, e, se você fosse devoto e obediente ao verdadeiro Deus, sua recompensa seria gloriosa para além da imaginação. O que era menos certo, percebia Adnan, era qual seria seu destino se tivesse êxito na missão. Será que receberia missões ainda maiores ou seu silêncio seria mais valioso para o jihad? Ele preferia a primeira hipótese, ainda que apenas para

continuar servindo Alá, porém, caso o silêncio fosse seu destino, que fosse. Ele aceitaria qualquer resultado com a mesma equanimidade, confiante de ter vivido sua vida terrena da melhor maneira possível.

Mas o que viria, pensou, estava ainda no futuro, e não iria deixar que isso o preocupasse. Aqui e agora ele tinha um trabalho a fazer. E um trabalho importante, apesar de ele não saber exatamente como se enquadrava no cenário completo. Isso era para mentes mais sábias.

Eles tinham chegado à aldeia de pescadores no dia anterior, depois de se separar do motorista que entregaria o caminhão nas docas, nas mãos do capitão do barco fretado. A aldeia estava semiabandonada, a maioria dos moradores havia se mudado depois que as águas ficaram sem peixe após anos de superprodução. Os poucos que permaneciam cuidavam de suas próprias vidas, virando-se da melhor maneira possível à medida que o outono se transformava em inverno. Adnan e seus homens, empacotados em parcas e com os rostos cobertos com echarpes para se proteger do frio, despertaram pouca atenção, e o gerente do hotel, que ficou surpreso e feliz por ter tantos hóspedes pagantes, não fez nenhuma pergunta — nem sobre de onde vinham nem quais eram seus planos de viagem futuros. Ainda que o gerente tivesse perguntado, Adnan não poderia ter respondido nem se quisesse. O futuro pertencia a Alá, soubesse o resto do mundo disso ou não.

Estava escuro em Paris e havia uma friagem no ar que afetava mais os dois árabes que os parisienses. Mas essa era uma desculpa para mais vinho, sempre bem-vindo. E as mesas na calçada já tinham menos fregueses, de modo que podiam falar mais livremente. Se alguém os estivesse observando, estaria sendo muito cuidadoso ao fazê-lo. E não se podia ficar o tempo inteiro com receio, mesmo nesse negócio.

— Você espera outra comunicação? — perguntou Fa'ad.

Ibrahim assentiu.

— Supostamente está a caminho. Um bom estafeta. Muito confiável.

— O que espera?

— Aprender a não especular — disse Ibrahim. — Tomo o rumo conforme chegam as instruções. O Emir sabe o que fazer, não é?

— Até agora ele tem sido eficaz, mas às vezes acho que parece uma mulher velha — resmungou Fa'ad. — Se você planejar a operação de modo inteligente, ela funcionará. Nós somos os olhos e as mãos do Emir no campo. Ele nos escolheu. Devia confiar mais em nós.

— Sim, mas ele vê coisas que nós não vemos. Nunca se esqueça disso — lembrou Ibrahim a seu convidado. — É assim que ele decide sobre todas as operações.

— Sim, ele é muito sábio — admitiu Fa'ad, sem realmente ser sincero, mas precisando falar de qualquer modo. Ele jurara lealdade ao Emir e isso, realmente, era tudo, mesmo tendo jurado há cinco anos, ainda em sua adolescência entusiasmada.

Nessa idade as pessoas acreditam muito, e facilmente juram lealdade. E leva anos para esse tipo de juramento se desgastar. Se é que se desgasta.

Mas isso não acalmou inteiramente suas dúvidas. Ele encontrara o Emir apenas uma vez, enquanto Fa'ad podia alegar conhecer o homem. Essa era a natureza do trabalho deles. Nem Ibrahim nem Fa'ad sabiam onde seu líder vivia. Conheciam apenas uma ponta de um longo rastro eletrônico. Essa era uma precaução de segurança importante: a polícia americana era possivelmente tão eficiente quanto a europeia, e a polícia europeia tinha homens a ser temidos. Mesmo assim, havia muito de mulher velha no Emir. Ele nem mesmo confiava naqueles que juraram morrer em seu lugar. Em quem, então, ele confiava? Por que nesses e não... nele?, perguntou-se Fa'ad. Fundamentalmente, Fa'ad era brilhante demais para aceitar coisas na base do “porque eu digo que é assim”, como qualquer mãe no mundo diz para seu filho de 5 anos. Ainda mais frustrante é que não podia nem fazer certas perguntas, porque isso implicaria deslealdade para com os demais. E deslealdade na organização era sinônimo de pedir a autoimolação. Mas Fa'ad sabia que, em última instância, isso realmente fazia sentido, tanto do ponto de vista do Emir quanto da organização como um todo.

Não era fácil realizar a obra de Alá, mas isso Fa'ad já sabia. Ou, pelo menos, era o que dizia a si mesmo. Bem, pelo menos em Paris ele podia admirar as mulheres que passavam, a maioria vestida como prostitutas, exibindo os corpos como se fizessem propaganda do seu comércio. Era ótimo, pensou Fa'ad, que Ibrahim tivesse optado por viver nessa área. Pelo menos o cenário era bonito.

— Aquela ali é bonitinha — disse Ibrahim concordando com a observação muda.  
— É mulher de um médico, e infelizmente não comete adultério, segundo minha experiência.

— Leitura de mente. — Fa'ad riu. — As mulheres francesas aceitam avanços?

— Algumas sim. A parte mais difícil é ler a mente delas. Poucos homens têm essa habilidade, mesmo aqui. — E deu uma boa risada. — Nesse sentido, as francesas não são diferentes das nossas mulheres. Algumas coisas são universais.

Fa'ad bebeu um gole de café e se inclinou para se aproximar de Ibrahim.

— Vai funcionar? — perguntou, querendo mencionar a operação planejada.

— Não vejo razão para não funcionar, e os efeitos serão dignos de atenção. O único inconveniente é que ganharemos novos inimigos, mas como notaríamos essa diferença? Não temos amigos entre os infieis. Para nós, agora, é simplesmente o caso de colocar as ferramentas no lugar, prontas para o ataque.

— *Inshallah* — respondeu Fa'ad.

E ambos brindaram, tal como os franceses depois de fecharem um acordo.

Nada como ter a vantagem de mando do campo, pensou o ex-presidente Ryan. Ele havia feito doutorado em história na Universidade de Georgetown, de modo que

conhecia o campus quase tão bem quanto sua própria casa. Além do mais, descobriu que o circuito de palestras era surpreendentemente agradável. Era um trabalho fácil, recebendo uma quantidade de dinheiro embaraçosa para falar sobre um assunto que conhecia bem: sua época na Casa Branca. Até então, só tinha visto uma pequena quantidade de loucos de auditório, oitenta por cento dos quais eram adeptos de teorias conspiratórias que eram rapidamente abafadas pelo restante da audiência. Os outros vinte por cento eram esquerdistas que tinham a opinião de que Edward Kealty fizera o país sair da beira do abismo que Ryan criara. Era bobagem, com certeza, mas não era possível duvidar da sinceridade deles, algo que Ryan levava a sério: havia a realidade e havia a percepção, e raramente as duas coisas coincidiam. Era uma lição que Arnie van Damm tentou — na maior parte das vezes, em vão — martelar na cabeça de Ryan durante sua presidência, e uma lição que a teimosia orgulhosa de Ryan não o deixava engolir facilmente. Algumas coisas eram simplesmente *verdade*. E que a percepção fosse ao diabo. O fato de a maioria do eleitorado americano parecer ignorar esse fato ao eleger Keating ainda perturbava a cabeça de Ryan, mas, de novo, ele não era um observador objetivo. Robby é quem deveria estar no Salão Oval. O truque era não deixar esse desapontamento perturbar seu discurso. Por mais que gostasse de fazê-lo, criticar o presidente em exercício — mesmo que fosse um babaca — não pegava bem.

A porta para o salão verde — nesse caso, uma pequena sala de espera ao lado do McNair Auditorium — abriu e Andrea Price-O'Day, sua principal agente do Serviço Secreto, passou pelos agentes na porta.

— Cinco minutos, senhor.

— Como está a multidão? — disse Ryan.

— Casa cheia. Mas sem tochas nem ancinhos.

Ryan riu disso.

— Sempre um bom sinal. Como está minha gravata?

Há muito aprendera que Andrea era muito mais hábil com um nó de gravata Windsor que ele — quase tão boa quanto Cathy, mas a boa doutora saíra cedo para o hospital naquela manhã, então ele mesmo dera o laço. Um erro.

Andrea virou a cabeça e avaliou.

— Não está mau, senhor. — Ela ajustou levemente a gravata e acenou brevemente, aprovando. — Sinto meu trabalho como segurança indo embora.

— Isso não vai acontecer, Andrea. — Price-O'Day estava há tanto tempo com a família Ryan que, de fato, a maioria deles raramente lembrava que ela andava armada e pronta para matar ou morrer pela segurança deles.

Houve uma batida na porta, e um dos agentes enfiou a cabeça pela abertura.

— SHORTSTOP — anunciou, e abriu a porta, deixando Jack Jr. entrar.

— Jack! — disse o Ryan mais velho, avançando em sua direção.

— Olá, Andrea — cumprimentou Jack Jr.

— Sr. Ryan.

- Bela surpresa — declarou o ex-presidente.  
— Sim, bem, meu encontro me deu um bolo, então...  
Ryan riu.  
— É, um homem deve ter suas prioridades.  
— Droga, não era isso que eu queria dizer...  
— Esqueça. Fico contente por você ter vindo. Já tem um lugar?  
Jack Jr. assentiu.  
— Na primeira fila.  
— Ótimo. Se eu tiver problemas, você me passa a deixa.

Jack deixou seu pai, caminhou pelo saguão, pegou as escadas para descer um andar e seguiu rumo ao auditório. Adiante, o saguão estava quase na penumbra, com metade das lâmpadas fluorescentes do teto desligadas. Como a maior parte das instituições educacionais, Georgetown tentava ser mais “verde”. Enquanto passava por uma sala de conferências, Jack escutou um arranhar metálico vindo do cômodo. Parou, recuou e olhou pela persiana. Lá dentro, um faxineiro de macacão azul estava ajoelhado ao lado de uma enceradeira virada, mexendo no polidor com uma chave de fenda. Num impulso, Jack abriu a porta e enfiou a cabeça. O faxineiro levantou a cabeça.

— Olá — disse Jack.

— Alô. — O homem parecia ser hispânico e falou com sotaque carregado. — Mudando o polidor — disse.

— Desculpe interromper — disse Jack, e fechou a porta atrás de si. Tirou o celular e discou o número de Andrea. Ela atendeu no primeiro toque. Jack disse: — Ei, estava a caminho do auditório... Há um faxineiro aqui embaixo...

— Sala de conferências dois-b?

— Essa.

— Já o revistamos e vamos passar o detector novamente. De qualquer modo, vamos pela rota do porão.

— Ok, só estava checando.

— Procurando outro emprego? — perguntou Price-O'Day.

Jack deu uma risadinha.

— Que tal o salário?

— Menos do que você ganha. E o horário é um inferno. Logo mais vejo você.

Andrea desligou. Jack caminhou para o auditório.

— Hora do espetáculo, senhor — disse ela ao ex-presidente Ryan, que levantou e ajustou os punhos. O gesto era singularmente do Jack Ryan mais velho, mas Price-O'Day já havia visto um pouco do filho no pai, e a chamada de SHORTSTOP sobre o faxineiro lhe dissera algo mais. Intelectualmente, o filho não fora esculpido em uma



matéria diferente da do pai. Será que havia algo como genes de espião?, considerou Andrea. Se assim fosse, Jack Jr. provavelmente os herdara. Como o pai, era intensamente curioso e aceitava poucas coisas pela aparência. É claro que tinham revistado o edifício e é claro que Jack sabia disso. Mesmo assim, ele notara o faxineiro e imediatamente pensara: *Anomalia*. Foi um alarme falso, mas a questão fora válida, algo que os agentes do Serviço Secreto aprendiam a questionar através de treinamento e experiência.

Andrea verificou seu relógio e repassou mentalmente a rota, vendo o mapa na cabeça, cronometrando as voltas e as distâncias. Satisfeita, bateu duas vezes na porta, assinalando para o agente que estava ali que SWORDSMAN estava pronto para se movimentar. Esperou um instante para o cordão de proteção se formar, abriu a porta, verificou o saguão e saiu, assinalando a Ryan para segui-la.

Sentado no auditório, Jack Jr. folheava distraído o programa da noite, seu olhar percebendo as palavras, mas o cérebro sem registrar nada delas. Algo inconscientemente o incomodava, aquela sensação nebulosa de alguma coisa deixada sem acabar... Alguma coisa que ele pretendia fazer antes de deixar o Campus, talvez?

O reitor da Georgetown apareceu no palco e caminhou em direção ao pódio, acompanhado de aplausos polidos.

— Boa noite, senhoras e senhores. Como temos apenas um ponto no programa desta noite, serei breve em minha introdução. O ex-presidente John Patrick Ryan tem uma longa história de serviço público...

*Faxineiro*. A palavra pulou, solta, na mente de Jack. Ele foi revistado, Andrea dissera. Mesmo assim... Pegou o celular, e se deteve. O que iria dizer? Que tinha um pressentimento? Ele podia ver o lado esquerdo do palco a partir da poltrona onde estava. Dois agentes do Serviço Secreto de terno negro apareceram. Atrás deles, Andrea e seu pai.

Antes de perceber o que fazia, Jack levantou e se direcionou para a saída lateral. Trotou subindo as escadas, caminhou pelo saguão, contando as salas de conferência enquanto passava.

*Chave de fenda*, pensou, e de repente a coceira inconsciente que ele sentira minutos antes entrou em foco. O faxineiro usava uma chave de fenda para remover o polidor que estava preso no centro da enceradeira por uma porca de atolamento.

Com o peito agora disparando, Jack chegou à sala de conferência correta e parou a alguns passos de distância. Viu luzes saindo pela persiana, mas não ouviu nada vindo de dentro. Fez uma pausa, caminhou até a porta e tentou abrir a maçaneta. Trancada. Espiou pela janela. A enceradeira ainda estava lá. O faxineiro havia desaparecido. A chave de fenda estava no chão.

Jack virou e começou a correr de volta ao auditório. Parou na porta, recompôs-se e depois abriu gentilmente a porta e entrou, fechando-a suavemente. Algumas pessoas

olharam quando ele entrou, tal como um dos agentes de Andrea parado no corredor central. Este acenou reconhecendo Jack, e depois voltou a esquadrinhar o auditório.

Jack começou a esquadrinhar, procurando primeiro por algum sinal de macacão azul, mas rapidamente deixou isso de lado: o faxineiro não entraria no auditório. As coxias também deviam estar vazias, trancadas pela equipe de Andrea. *Quem mais?*, pensou, pescando no mar de rostos. Membros da audiência, agentes, segurança do campus...

Parado ao lado da parede leste, o rosto parcialmente na sombra e as mãos apertadas diante de si, estava um guarda de segurança. Como os agentes, ele também esquadrinhava a audiência. Como os agentes... Jack continuou perscrutando, contando os guardas de segurança do campus. Cinco no total. E nenhum deles esquadrinhando a multidão. Sem treinamento em proteção pessoal, a atenção deles não estava focada no público — a mais provável área de ameaça —, mas sim no palco. Menos o guarda na parede leste. O homem virou a cabeça e seu rosto passou rapidamente pela luz.

Jack tirou o celular e mandou uma mensagem para Andrea: GUARDA, PAREDE LESTE = FAXINEIRO.

No palco, Andrea estava de pé, 3 metros atrás e à esquerda do pódio. Jack a viu tirar o celular, verificar a tela e devolver o aparelho ao bolso. A reação foi imediata. O microfone no punho subiu à sua boca e depois desceu. O agente no corredor central caminhou casualmente para o fundo e depois virou à direita na interseção acarpetada, indo em direção à parede leste. Jack então viu Andrea dar um passo para trás de seu pai, movimentando-se no que assumiu ser um ângulo de interceptação entre ele e o guarda.

O agente do corredor central chegou ao corredor da parede leste. Dez metros adiante, o guarda virou a cabeça em sua direção, pausando um instante breve no agente, e depois se voltou novamente para o palco, onde Andrea havia se colocado em posição de bloqueio. Seu pai, notando a movimentação, olhou rapidamente na direção dela, mas continuou falando. Ele percebia o que Andrea estava fazendo, é claro, raciocinou Jack, mas não sabia se existia alguma ameaça específica.

Na parede leste, o guarda também notou o movimento de Andrea. De modo casual, desceu dois passos no corredor e se inclinou para sussurrar algo no ouvido de um membro da audiência. A mulher olhou para o guarda, surpresa no rosto, depois se levantou. Sorrindo agora, o guarda a pegou pelo cotovelo e, passando para seu lado direito, a guiou pela saída na direção do palco.

Quando passavam pela quarta fileira, Andrea deu mais um passo adiante, mantendo a posição de bloqueio.

Ela desabotoou o paletó.

O guarda subitamente passou a mão do cotovelo para o pescoço da mulher, depois caminhou de lado, movimentando-se lateralmente para passar pela primeira fileira. A mulher soltou um grito. Cabeças se voltaram. A mão direita do guarda

deslizou para a cintura, na frente de sua calça. Ele sacudiu a mulher, usando-a como escudo. A pistola de Andrea apareceu e apontou.

— Parado, Serviço Secreto!

Atrás dela, outros agentes já se movimentavam, encobrendo o ex-presidente, fazendo-o se abaixar e o levando para o outro lado do palco.

A mão do guarda saiu da cintura portando uma semiautomática 9 milímetros. Vendo o alvo se mover para longe de seu alcance, o guarda cometeu o erro que Andrea esperava. Com a arma na altura do palco, ele deu um passo adiante. E com isso ficou uns 20 centímetros longe de seu escudo humano.

Andrea disparou uma vez. A 5 metros de distância, a bala côncava de baixa velocidade atingiu o alvo, penetrando na cabeça do guarda entre o olho esquerdo e a orelha. Projettata para situações em lugares fechados, com multidão presente, a bala fez o que prometia, abrindo em cogumelo dentro da cabeça do guarda, expandindo toda sua energia em 1 milésimo de segundo e parando, como a necropsia mostraria mais tarde, a 5 centímetros do lado oposto do crânio.

O guarda desabou, morto antes de alcançar o carpete.

— Andrea me falou que você salvou o dia — disse o ex-presidente Ryan vinte minutos depois, na limusine.

— Só soltei o sinalizador — respondeu Jack.

A coisa toda fora uma experiência surreal, pensou Jack, mas, de alguma forma, menos surreal do que o desenrolar dela. Ainda que a série de acontecimentos tivesse sido breve — cinco segundos do momento em que o guarda pegou a mulher de sua poltrona até o disparo de Andrea o derrubar —, a repetição mental na cabeça de Jack transcorria, previsivelmente, em câmera lenta. A audiência ficou tão chocada com o tiro que só houve alguns gritos, todos emitidos antes que o assassino caísse morto.

Por sua parte, Jack sabia muito bem que não devia se movimentar, de modo que ficou parado ao lado da parede oeste enquanto a segurança do campus e os agentes de Andrea esvaziavam o auditório. Seu pai, abrigado no meio do monte do Serviço Secreto, já estava fora do palco antes que Andrea tivesse feito o disparo mortal.

— Mesmo assim — disse Ryan. — Obrigado.

Era um momento desconfortável que terminou em um silêncio ainda mais desagradável. Foi Jack Jr. quem o quebrou.

— Assustadora essa merda, hein?

O ex-presidente Ryan assentiu.

— O que fez você voltar lá... quero dizer, voltar para verificar o faxineiro?

— Quando o vi, ele tentava tirar o polidor da enceradeira com uma chave de fenda. Ele precisava de uma chave de boca.

— Impressionante, Jack.

— Por causa da chave de fenda...

— Em parte por isso. E em parte porque você não entrou em pânico. E deixou os profissionais fazerem o trabalho. Oito em cada dez pessoas não teriam notado a coisa com a enceradeira. E a maioria teria entrado em pânico, paralisando. Outros teriam tentado avançar em cima do sujeito. Você fez a coisa certa, de cabo a rabo.

— Obrigado.

O Ryan mais velho sorriu.

— Agora vamos ver como contamos isso tudo para sua mãe...



Não foram muito longe antes de o avião regressar ao terminal, as rodas dianteiras sem sequer começar a girar no concreto da pista. Não se explicou nada, apenas o sorriso fixo e um seco “Podem vir comigo, por favor?” para ele e Chavez, seguido pelo sorriso fixo e firme que apenas uma aeromoça profissional pode exibir — sorriso que dizia a Clark que o pedido não estava aberto a discussões.

— Esqueceu de pagar o tíquete do estacionamento, Ding? — perguntou Clark ao genro.

— Eu não, *mano*. Deixo tudo acertado.

Cada um deles beijou rapidamente a respectiva esposa com um “Não se preocupe” e seguiram a aeromoça pelo corredor até a porta já aberta. Esperando por eles na ponte de embarque estava um oficial da Polícia Metropolitana de Londres. O padrão de xadrez preto e branco do quepe do oficial informou a Clark que não era um patrulheiro comum, e a divisa no suéter informou que ele pertencia ao SCD11 — inteligência —, parte da Diretoria Especializada em Crimes.

— Sinto interromper seu passeio de volta para casa, cavalheiros — disse o policial —, mas a presença de vocês foi requisitada. Por favor, me sigam.

Maneiras britânicas — assim como dirigir do lado errado da rua e chamar batatas fritas de “chips” — eram uma das coisas com que Clark jamais se acostumara — especialmente nos altos escalões do Exército. A polidez sempre é melhor que a grosseria, é claro, mas havia algo enervante quando se está conversando, oh, tão educadamente com um sujeito que provavelmente já matou mais bandidos do que a maioria das pessoas jamais veria durante toda a vida. Clark conhecera alguns sujeitos ali que podiam explicar em detalhes como planejavam matar você com um garfo, beber seu sangue, depois esfolá-lo, o tempo todo mantendo o tom de um convite para o chá da tarde.

Chavez e Clark seguiram o policial pela ponte de embarque, passando depois por vários postos de checagem e finalmente por uma porta controlada por cartão até o centro de segurança de Heathrow. Foram levados a uma pequena sala de conferência onde encontraram Alistair Stanley, ainda oficialmente o segundo em comando da Rainbow 6, de pé diante de uma mesa em formato de diamante sob a luz fria de

lâmpadas fluorescentes. Stanley era do SAS, a principal unidade de guerra da Inglaterra.

Apesar de Clark relutar em admitir isso quando em companhia mista, ele considerava o SAS, no que lhe dizia respeito, sem par em matéria de eficácia e longevidade. Certamente havia unidades militares por aí que eram tão boas quanto o SAS — sua *alma mater*, os SEAL da Marinha americana, lhe vieram à mente —, mas os britânicos havia muito tinham estabelecido o padrão-ouro para tropas de operações especiais da era moderna, desde 1941, quando um oficial da Guarda Escocesa chamado Stirling — famoso depois por dar seu nome à metralhadora Stirling — e seu Destacamento L, de 65 homens, atormentaram a *Wehrmacht* alemã por todo o norte da África. Desde as primeiras missões de sabotagem atrás das linhas no norte da África até a caça de Scuds no deserto iraquiano, o SAS já havia feito de tudo, visto tudo, e ao mesmo tempo escrito todos os manuais sobre operações especiais. E como todos os seus camaradas antes dele, Alistair Stanley era um soldado excepcional. De fato, Clark raramente pensava em Alistair como seu segundo em comando e sim como cocomandante, tão grande o seu respeito pelo homem.

Juntamente com a direção do trânsito e as batatas fritas, a organização do SAS foi outra adaptação que Clark tivera de fazer. De modo caracteristicamente britânico, a organização do SAS era excepcional, dividida em regimentos — o 21º, o 22º e o 23º — e esquadrões — ordenados de A até G, com algumas falhas nesse alfabeto para despistar. Mesmo assim, Clark também tinha que admitir, os britânicos faziam tudo com classe.

— Alistair — saudou Clark, com um aceno solene. O rosto de Stanley o informou que algo sério acontecera ou estava acontecendo.

— Já está sentindo nossa falta, Stan? — disse Ding, apertando a mão dele.

— Gostaria que fosse isso, meu amigo. Me sinto horivelmente incomodado por interromper a viagem de vocês e tudo mais. Porém acho que gostariam de fazer algo mais antes de cair na moleza. Algo interessante está acontecendo.

— Onde? — perguntou Clark.

— Com os suecos, por assim dizer. Parece que acabaram de perder seu consulado em Trípoli. Muito embaraço para eles.

Chavez disse:

— Por “perder”, suponho que você não queira dizer colocar em outro lugar?

— Certo, desculpe. Típico eufemismo britânico. Encantador, mas nem sempre prático. A inteligência ainda está filtrando a coisa, mas dada a localização, não é preciso um salto muito grande para adivinhar a identidade do culpado, de um modo geral.

Clark e Chavez puxaram cadeiras e sentaram à mesa. Stanley fez o mesmo. Abriu uma pasta de couro com um bloco de anotações coberto de notas manuscritas.

— Vamos ouvir — disse Clark, engrenando mentalmente na nova situação.

Dez minutos atrás ele estava no modo civil — ou pelo menos no tanto de modo

civil que se permitia —, sentado com a família e se preparando para voltar para casa, mas isso foi antes, e agora a situação era outra. Agora ele era novamente o comandante da Rainbow 6. E achava isso bom, tinha que admitir.

— Tanto quanto sabemos, são oito homens ao todo — disse Stanley. — Passaram pela polícia local sem nenhuma baixa rapidamente, como se nada estivesse na frente deles. As imagens de satélite mostram quatro suecos, provavelmente Fallskarmsjagares, abatidos e expostos dentro do terreno do complexo.

Os Fallskarmsjagares eram basicamente a versão sueca dos rangers aerotransportados, escolhidos entre os melhores do Exército. Provavelmente membros do Särskilda Skyddsgruppen — Grupo de Proteção Especial —, que reforçava o SÄPO, o Serviço de Segurança Sueco, no trabalho da embaixada.

— São uns caras durões — disse Chavez. — Alguém fez bem o dever de casa e deu uns tiros com boa pontaria. Alguma coisa dentro do consulado?

Stanley balançou a cabeça.

— Silêncio de rádio.

O que fazia sentido, concluiu Clark. Quem fosse bom o suficiente para penetrar tão rapidamente no terreno e abater quatro Fallskarmsjagares seria também esperto o suficiente para ir direto para a sala de comunicações.

— Ninguém se responsabilizou pelo ataque? — perguntou Chavez.

— Até agora não, mas não vai demorar muito, suspeito. Até agora os líbios bloquearam a imprensa, mas é só questão de tempo, receio.

A confusa mistura de grupos terroristas no Oriente Médio tendia a encavalalar o crédito por qualquer ato significativo de violência, e não se tratava sempre de prestígio, tampouco, mas sim de uma tentativa deliberada de turvar as águas da inteligência. Era muito parecido com o que uma unidade de homicídio da polícia enfrentava em casos de assassinato. Confissões rápidas e malucos suspeitos apareciam às dúzias, e cada um deles tinha que ser considerado com seriedade, sob pena de se arriscar a perder o verdadeiro. O mesmo raciocínio se aplicava ao terrorismo.

— E sem exigências, suponho — acrescentou Clark.

— Certo.

Muitas vezes não havia demandas. No Oriente Médio, a maioria dos que faziam reféns queria uma audiência internacional crescente antes de começar a executar pessoas, só explicando com atraso os porquês e os para quês. Não que isso fizesse alguma diferença para Clark e sua equipe, mas até que algum funcionário governamental dissesse “Avançar”, a Rainbow estava, como qualquer agrupamento de operações especiais, à mercê da política. Apenas quando os políticos concluíssem que soltar os cães de guerra era a opção certa que a Rainbow começava a fazer o que fazia tão bem.

— Bem, agora vem a parte complicada — disse Stanley.

— Política — palpitou Clark.

— Certíssimo. Como pode imaginar, nosso amigo coronel quer mandar sua Jamahiriyyah, e já a tem posicionada, de fato, mas o cônsul-geral sueco não é muito fã da ideia, sabendo como são as regras de engajamento da Jamahiriyyah.

A Guarda Jamahiriyyah era essencialmente a unidade pessoal de forças especiais do coronel Muammar Kadafi, composta por 2 mil e tantos homens recrutados em seu próprio quintal, na região Surt, na Líbia. A Jamahiriyyah era eficiente, Clark sabia disso, e tinha um bom apoio de suas unidades domésticas de logística e inteligência, mas ela também não se destacava pela discricção e muito menos por grandes preocupações com danos colaterais, vivos ou inanimados. Com a Jamahiriyyah encarregada do assalto, os suecos tinham certeza de perder uma boa quantidade de pessoal.

*Um filho da mãe interessante, esse Kadafi*, pensou Clark. Como muitos da comunidade de inteligência dos Estados Unidos, Clark tinha suas dúvidas sobre a recente transformação do caráter do coronel, de bandido do norte da África a humanitário condenador do terrorismo. A velha frase “o leopardo não muda as pintas” pode ser um clichê que parece falso para muitas pessoas, mas, no que dizia respeito a Clark, o coronel Muammar Abu Minyar al-Kadafi, “Fraterno Líder e Guia da Revolução” era um leopardo com pintas e tudo, e assim seria até o dia em que morresse de causas naturais ou nem tanto.

Em 2003, sob ordem de Kadafi, o governo líbio informou oficialmente às Nações Unidas que estava pronto para aceitar a responsabilidade pela derrubada do voo 103 da Pan American World Airways sobre Lockerbie, uns 15 anos antes, e também para compensar as famílias das vítimas com uma soma próxima dos 3 bilhões de dólares. O gesto foi imediatamente recompensado não apenas com elogios do Ocidente, mas também com o levantamento das sanções econômicas e manifestações de “É isso aí, garoto!” diplomaticamente emitidas por muitos países europeus. E o leopardo não parou aí, primeiro abrindo seus programas de armas para inspeção internacional e depois denunciando os ataques do 11 de Setembro.

Clark tinha um palpite sobre as mudanças de Kadafi, e achava que isso não estava relacionado ao amadurecimento da velhice, mas sim à economia, pura e simplesmente. Em outras palavras, o preço do petróleo havia desabado no decorrer dos anos 1990, deixando a Líbia mais pobre do que fora desde que os camelos, e não o ouro negro, reinavam na nação desértica, e a tornando menos capaz de financiar os projetinhos terroristas domésticos do coronel. É claro, Clark se lembrou também que a invasão do Iraque pelos Estados Unidos ajudara Kadafi a montar seu roteiro de bancar o bonzinho, pois ele percebera aquilo como uma amostra do que poderia acontecer com seu pequeno feudo. Mas a verdade, reconheceu Clark, é que era melhor ter um leopardo que apenas fingia mudar as pintas, desde que suas garras de fato estivessem embotadas. A questão era se agora, com o preço do petróleo subindo mais uma vez, o coronel não estaria ficando animado novamente. Será que usaria o incidente para rugir?



— Claro, o Comando Supremo em Estocolmo deseja mandar seu próprio pessoal, mas Kadafi não quer nem ouvir falar disso — continuou Stanley. — Segundo minhas últimas informações, o pessoal da rua Rosenbad estava conversando com a Downing. De qualquer maneira, fomos colocados de prontidão. Herefordshire está enviando mensagens para o restante da equipe. Temos dois de licença, um por saúde, outro de férias, mas o grosso já deve estar reunido e equipado dentro de uma hora e a caminho daqui logo em seguida. — Stanley verificou o relógio.

— Você disse “de prontidão” — comentou Chavez. — De prontidão onde? — O tempo era fator crítico, e mesmo com o transporte mais rápido, o pulo de Londres até Trípoli era comprido, talvez mais comprido do que o tempo que os reféns dentro daquele consulado viveriam.

— Taranto. A Marina Militarmente se ofereceu para nos hospedar até os políticos decidirem. Se formos convocados, é só um pulinho pela água até Trípoli.



O tenente operativnik (detetive) Pavel Rosikhina ergueu o lençol — na verdade uma toalha de cozinha — que uma boa alma havia colocado sobre o cadáver e encarou o rosto de olhar arregalado do que ele supunha ser outra execução da máfia. Talvez não. A despeito da palidez do homem, estava claro que não era checheno ou algum russo étnico, o que o surpreendeu, dada a localização. Um russo caucasiano. *Interessante.*

A bala única entrara pelo crânio do homem logo acima e a 2 centímetros da orelha esquerda e saiu... Rosikhina se inclinou sobre a mesa, com cuidado para não tocar em nada além da toalha, e olhou o lado direito da cabeça do homem, que descansava sobre a borda almofadada de cima do reservado. *Ali.* Um orifício de saída do tamanho de um ovo atrás da orelha direita do homem. O sangue e os miolos que respingaram na parede atrás correspondiam à trajetória da bala, o que significava que o assassino estava de pé... aqui. Bem diante da porta da cozinha. O quão próximos seria algo para o legista determinar, mas olhando o orifício de entrada, Rosikhina sabia que não havia sido à queima-roupa. Não havia marcas de queimadura de pólvora na pele ao lado do ferimento nem zona de tatuagem falsa. O ferimento em si era perfeitamente redondo, o que reforçava a eliminação de um tiro de contato, que geralmente deixava uma marca característica em forma de estrela na pele. Rosikhina cobriu o nariz para se proteger do odor fecal. Como muitas vítimas de morte súbita, os intestinos e a bexiga do homem haviam se soltado. Cuidadosamente, levantou a aba do paletó esportivo do morto, primeiro do lado esquerdo, depois do direito, apalpando os bolsos à procura de uma carteira. Não havia nada além de uma lapiseira de prata, um lenço branco e um botão extra para o paletó.

— Quão perto estava, na sua opinião? — Ele escutou e se virou.

Seu parceiro eventual, Gennady Oleksei, estava a pouco mais de 1 metro de distância, cigarro pendurado nos lábios com um semissorriso e mãos enfiadas nos bolsos do casaco de couro.

Para além do ombro de Oleksei, Rosikhina pôde ver que os policiais uniformizados da milícia haviam terminado de reunir os clientes do restaurante perto da porta, onde esperavam para ser interrogados. O pessoal do restaurante — quatro

garçons, um caixa e três cozinheiros — sentava-se às mesas agora vazias, informando seus nomes para outro policial.

Oleksei e Rosikhina trabalhavam no Escritório Central de Repressão aos Crimes Financeiros de São Petersburgo, uma subdivisão do Departamento de Investigações Criminais. Ao contrário da maior parte das agências policiais ocidentais, os operativniks russos não possuíam parceiros permanentes. A razão disso jamais fora explicada a Rosikhina, mas ele supunha que tinha algo a ver com recursos. Tudo tinha a ver com recursos, desde conseguir usar seus carros todas as semanas até trabalhar sozinhos ou com parceiros.

— Você foi designado? — perguntou Rosikhina.

— Me ligaram em casa. A que distância? — repetiu Oleksei.

— Entre meio metro e 2 metros. Tiro fácil. — E notou algo no assento atrás das nádegas da vítima. Inclinou-se para olhar mais de perto. — Estava armado — disse a Oleksei. — Uma semiautomática. Parece uma Makarov. Pelo menos tentou. Se fosse alguns segundos mais rápido em sacar, talvez...

— Ora, tenho uma pergunta para fazer — disse Oleksei. — Você preferiria ir assim como nosso amigo aqui, sabendo o que estava acontecendo, ou preferiria simplesmente... *puf*. Sumir. Nada.

— Pelo amor de Deus, Gennady...

— Vamos, coopere.

Rosikhina suspirou.

— Acho que prefiro ir durante o sono, com 100 anos e deitado ao lado da Natalia.

— Pavel, Pavel... Você não tem senso de humor.

— Desculpe. Não estou gostando disso aqui. Tem algo estranho. Tem cara e jeito de uma execução padrão da máfia, mas esse não é o tipo de vítima-padrão, pelo menos não sentado num lugar como este.

— Ou ele era muito corajoso ou muito estúpido — disse Oleksei.

— Ou desesperado. — Para ir a um lugar como aquele, a vítima russa caucasiana tinha que estar à busca de algo mais que um bom prato de *djepelgesh* e querer ouvir um pouco daquela horrorosa música de pondur, que, para os ouvidos de Pavel, parecia o ruído de gatas no cio.

— Ou realmente faminto — acrescentou Aleksei. — Outro chefão, talvez? Ele não me parece familiar, mas poderia estar lá nos álbuns.

— Duvido. Eles nunca viajam sem seu exército pessoal. Mesmo se alguém o atraísse para cá e metesse uma bala assim de perto, os guarda-costas teriam começado um tiroteio violento. O lugar estaria cheio de buracos e com muito mais cadáveres. Não, temos uma bala e um morto. Muito deliberado. Uma emboscada, profissionalmente executada. A pergunta é: quem é ele e por que é importante o suficiente para ser assassinado?

— Bem, não vamos conseguir respostas desse bando.

Rosikhina sabia que seu parceiro tinha razão. Fosse por medo ou por lealdade, a

Obshina conseguia silenciar até uma alma de boa vontade. Os relatos das testemunhas invariavelmente caíam em uma das três categorias gerais: não vi nada; um mascarado entrou, atirou, e saiu, tudo aconteceu rápido demais; e a favorita de Rosikhina: *Ya ne govo'ryu po russki*. Não falo russo.

E, de todos esses relatos, a única declaração verdadeira que conseguiriam provavelmente seria a penúltima: tudo aconteceu rápido demais. Não que ele os culpasse. A Krasnaya Mafiya, ou Bratva (irmandade), ou Obshina — seja lá qual fosse o nome ou denominação — não tinha comparação em sua falta de piedade. Testemunhas e suas famílias inteiras muitas vezes eram assinaladas para morrer simplesmente porque algum chefe em algum porão sombrio em algum lugar decidira que a pessoa poderia ter informações que talvez revelasse às autoridades. E não era simplesmente questão de morrer, Rosikhina fez questão de se lembrar. A máfia muitas vezes era engenhosa e sem pressa em seus métodos de execução. O que, ele se perguntou, faria em circunstâncias similares? Apesar de a máfia geralmente evitar matar policiais da milícia — isso era ruim para os negócios —, já acontecera antes. Armados e treinados como eram, os policiais podiam se proteger, mas o cidadão médio, o professor ou o operário de fábrica, ou o contador, que chances tinham? Nenhuma, na verdade. A milícia não tinha nem recursos nem pessoal para proteger todas as testemunhas, e o cidadão médio sabia disso, de modo que ficavam de boca fechada e cabeça baixa. Ali mesmo, vários dos frequentadores do restaurante estavam apavorados e temendo por suas vidas, simplesmente por estarem no lugar errado na hora errada. Era incrível como lugares como esse conseguiam permanecer abertos.

Era esse tipo de medo, pensou Rosikhina, que fazia as pessoas desejarem voltar aos velhos tempos, ao regresso do controle stalinista do país, e Putin, de muitas maneiras, fazia exatamente isso com seus “programas de reforma”. Não havia meio-termo, entretanto. Enquanto houvesse liberdade política, direitos pessoais e um mercado aberto na Rússia, haveria também crime, tanto grande quanto pequeno — e havia também na época de Stálin, só que não tanto. Mas esse argumento era um espantalho, não era? Algo que os velhos comunistas linha-dura e os ultranacionalistas usavam para desacreditar a democracia e o capitalismo, enquanto esqueciam que o controle a punho de ferro da Rússia soviética custara realmente muito caro. Como era mesmo aquele ditado? “As dificuldades apagam as lembranças?” O pai de Rosikhina, um pescador iacuto de nascimento, tinha sua própria versão do conceito: “Quando se está casado com uma megera, até a mais feia das ex-namoradas parece atraente.” E isso, ele sabia, é o que a Rússia soviética realmente era, uma ex-namorada feia. Certamente tinha seus traços positivos, mas nada que ele realmente desejasse ter de novo. Infelizmente, essa não era a opinião que muitos de seus compatriotas — pelo menos de uns quarenta por cento deles, segundo as últimas pesquisas de opinião, suspeitas como pudessem ser — compartilhavam. Ou talvez fosse aquilo que Oleksei uma vez o acusou de ser, um otimista zarolho. Ou será que era “otimista cego”?

Agora ele estava ali, olhando a janela da frente do restaurante, observando os

clientes sombrios reunidos em grupinhos, a respiração virando vapor na noite fria, e se perguntava se seu otimismo não seria de fato desmerecido. Um restaurante onde vinte minutos antes mais de trinta pessoas testemunharam um homem ter a cabeça estourada e provavelmente ninguém levantaria um dedo para ajudá-lo a pegar o assassino.

— É verdade, mas nunca se sabe — respondeu Rosikhina. — É melhor perguntar e ser surpreendido que ficar aqui conversando, não acha?

Oleksei deu de ombros e sorriu como apenas um russo fatalista sabe. O que se pode fazer? Nada excitava muito Oleksei; sua compostura era tão permanente quanto o cigarro que parecia estar sempre fumando.

Mas então, em algumas raras ocasiões, alguns detalhes úteis eram inadvertidamente fornecidos pelas testemunhas e lhes davam algo para trabalhar em cima. O mais frequente, entretanto, era que os depoimentos fossem vagos e contraditórios, ou ambas as coisas, deixando os investigadores com nada além do que pudessem garimpar do corpo ou corpos deixados para trás.

— Além do mais — disse Rosikhina —, sem os depoimentos de todas essas testemunhas inúteis não teríamos quatro gloriosas horas de papelada burocrática e café ruim diante de nós.

— Quatro horas? Se tivermos sorte.

— Droga, cadê o legista?

Até que a vítima fosse oficialmente declarada morta, o corpo permanecia onde estava, morto e com os olhos vidrados encarando o teto.

— Está a caminho — disse Oleksei. — Verifiquei antes de vir para cá. Parece que a noite está movimentada.

Rosikhina se abaixou e conseguiu agarrar a guarda do gatilho da pistola com o indicador e a tirou do banco.

— Calibre 9 milímetros. — Ejetou o pente e puxou o ferrolho. Uma bala saltou da câmara e ressoou no chão.

— Bem, ele estava pronto para algo. Falta alguma?

Rosikhina meneou a cabeça e cheirou o cano.

— Acho que aconteceu rápido demais. Recentemente limpa. Bem, puta merda... Olhe só, Gennady, o número de série foi raspado.

— Será que os milagres nunca terminam?

Os bandidos frequentemente apagavam os números de série de armas usadas em assassinatos com ácido, mas raramente os reinscreviam. Se esse fosse o caso ali, o número da Makarov poderia levá-los a algum lugar. Otimismo zarolho.

*E provavelmente inútil*, Rosikhina lembrou a si mesmo.

Como frequentemente acontecia nos casos de homicídio, fosse no Ocidente ou em Moscou, o tenente Rosikhina e Oleksei pouco conseguiriam saber dos que estavam presentes no restaurante no momento do assassinato ou das buscas na vizinhança. A comunidade chechena era muito fechada, desconfiava da polícia e tinha um medo

profundo da Obshina. E com toda razão. A brutalidade do grupo conhecia poucas barreiras. Uma testemunha pagaria não apenas com a própria vida, mas também com a de sua família, um espetáculo ao qual provavelmente seria forçada a assistir antes que também fosse assassinada. A perspectiva de ver seu próprio filho retalhado por uma serra tendia a fechar os lábios. Mesmo assim, Rosikhina tinha pouca escolha senão passar pela rotina de colher depoimentos, mesmo improdutivos, e rastrear pistas, mesmos que pouco substanciais.

Trabalhariam diligentemente no assassinato, mas, no final, as poucas pistas que tivessem se evaporariam e eles seriam forçados a deixar de lado o caso. Com esse pensamento, Rosikhina olhou tristemente para a vítima.

— Desculpe, amigo.



Era engraçado, pensou Jack Ryan Jr., não haver respostas congratulatórias ao anúncio do nascimento. Nenhuma. Ele havia indexado a coisa toda em seu computador, e tudo dentro dos terabytes de RAM no monstruoso servidor do Campus, e abrira os documentos mais recentes, fazendo uma anotação escrita do iniciador e do receptor, mas esses não eram nada mais que uma referência alfanumérica que podia ou não ter relação com os nomes verdadeiros. Jack ampliou a busca de e-mails até seis meses antes e montou rapidamente uma planilha. Com certeza, o trânsito havia sido uniforme, raramente variando mais que cinco por cento mês a mês. E agora, no período de poucos dias a partir do anúncio do nascimento, uma queda íngreme. De fato, além de algumas mensagens de rotina que provavelmente foram enviadas antes do anúncio e sido retidas no ciberespaço, *não* havia mais e-mails. O Emir e seu CRO — o Conselho Revolucionário Omíada — tinham entrado no que essencialmente era silêncio de rádio, e esse pensamento provocou um calafrio em Jack. Havia três opções: ou tinham mudado os protocolos de comunicação como uma medida geral de segurança, ou de algum modo perceberam que alguém estava lendo seus e-mails, ou isso era uma segurança de operação, um fechamento dos lábios eletrônicos prévio a uma operação de alto nível. As duas primeiras opções eram possíveis, mas improváveis. O CRO pouco mudara seus procedimentos nos últimos nove meses, e o Campus tinha sido bastante cuidadoso em não mostrar a cara. Então, opção três. Havia precedentes, claro. Logo antes do 11 de Setembro, o nível das conversas eletrônicas da al Qaeda caiu feito uma pedra; o mesmo aconteceu com os japoneses antes de Pearl Harbor. Uma parte de Jack queria que sua hipótese fosse comprovada; outra, tinha esperança de que estivesse errado.

Como, então, o Emir enviaria suas mensagens? Estafetas eram o método mais seguro, ainda que não o mais rápido. Escreva a mensagem, queime um disco e faça alguém levá-la até um ponto de encontro. Com o transporte aéreo moderno, uma pessoa podia ir de Chicago a Calcutá em menos de um dia, desde que não se importasse com comida de avião. Droga, o transporte aéreo internacional era planejado com isso em mente, não era? Poderia ter sido planejado tendo a

comunidade “negra” em mente, e não simplesmente a equipe de vendas da Frederick’s de Hollywood ou a Dow Chemical.

Chicago a Calcutá. E se o Emir estivesse em Chicago, ou Nova York, ou Miami? O que o impediria de viver ali? Porra nenhuma. A CIA e todo mundo supunha que ele estivesse em algum desses países cujo nome termina em “istão” — por quê? Porque fora o último lugar onde havia sido visto. Não por causa de alguma evidência que o colocasse em algum lugar. E uma boa parte das forças especiais do governo dos Estados Unidos estava no Paquistão e no Afeganistão patrulhando tudo e olhando em todos os buracos nas pedras, fazendo inúmeras perguntas, gastando dinheiro à vontade, procurando o homem — ou a mulher — que pudesse conhecer seu rosto e saber onde ele estaria. E, ainda assim, nada. Quais eram as probabilidades disso?, perguntou-se Jack.

Um homem como o Emir jamais poderia se sentir suficientemente seguro, não com todas as agências de segurança do mundo atrás dele — até mesmo agentes de inteligência patriotas e dedicados podiam pensar na recompensa pública que os Estados Unidos ofereciam por sua cabeça e imaginar uma bela casa na Riviera e uma confortável aposentadoria, só por um telefonema e um tantinho de informação...

O Emir sabia disso tudo. Limitaria o número de pessoas que soubesse sua localização àquelas em que poderia confiar de modo absoluto, e tomaria muito cuidado com elas. O maior dos cuidados. Dinheiro, conforto, os luxos que as circunstâncias permitissem. Reforçaria o desejo delas de ganhar sua confiança. Reforçaria a fé delas em Alá e nele mesmo e seria extremamente solícito com elas. Mas também manteria sua aura de comando, porque a fonte de toda essa autoridade tinha sempre base no contato pessoal, tal como todas as coisas importantes na vida, uma coisa mental.

Então, o que seria necessário para o Emir se realocar além do Paquistão e do Afeganistão? Como é que alguém se muda, sendo o homem mais procurado na face da terra?

O arquivo principal da CIA sobre o Emir tinha fotografias medíocres, algumas originais e outras digitalmente aperfeiçoadas, todas distribuídas para virtualmente cada uma das agências policiais e de inteligência do mundo. O mesmo com o público em geral. Se Brad Pitt e Angelina Jolie não conseguem sair para almoçar no domingo sem serem importunados por uma multidão, o Emir certamente teria dificuldades para viajar para fora de seu terreno familiar.

O Emir não podia mudar sua estatura, embora isso fosse tecnicamente possível, mas envolveria uma grande e dolorosa cirurgia, seguida por um longo período de recuperação, que exigiria que ele permanecesse imóvel por várias semanas — muito risco para alguém em fuga permanente. Podia mudar seu rosto, a cor da sua pele, seu cabelo. Podia usar lentes de contato coloridas para mudar a cor dos olhos e talvez até melhorar sua visão, a qual, segundo o arquivo, era média. Ele caminhava ereto, não encurvado, e a conversa de que sofreria da síndrome de Marfan fora liquidada por



um médico do John Hopkins, especialista na doença, para grande surpresa de Langley, pois na comunidade da inteligência aquilo havia se tornado verdade talhada na pedra. Assim, ele *não* precisava estar sempre perto de uma máquina de diálise.

*Espere um segundo, Jack.* A comunidade de inteligência andava presumindo coisas demais sobre o Emir. Tiveram, o quê?, uma opinião sobre essa história do Marfan. Era o suficiente para discutir a teoria? Pelo que Jack sabia, ninguém jamais pusera as mãos em alguém suficientemente próximo ao Emir para saber de alguma forma. Algo para pensar.

— Ei, Jack — disse uma voz familiar. Voltou-se e viu Dominic e Brian parados na porta.

— Olá, caras, entrem. O que há?

Cada irmão pegou uma cadeira. Dominic disse:

— Ficar lendo no computador a manhã inteira me deu dor de cabeça, então vim aqui encher seu saco. O que você anda lendo? Um formulário de emprego do Departamento do Tesouro?

Jack levou um instante para sacar a coisa. O Serviço Secreto era uma repartição do Tesouro. Esse tipo de piada andava aparecendo desde o caso de Georgetown. Apesar de a imprensa estar cobrindo de perto o assunto, seu nome até então não havia aparecido, o que era muito bom para ele. Hendley sabia da história toda, é claro, o que não chateava Jack nem um pouco. Era mais munição para quando chegasse a hora de convencer o chefe.

— Babaca — respondeu Jack.

— Já descobriram alguma coisa sobre o cara? — perguntou Brian.

— Não que eu saiba. A imprensa anda dizendo que ele não tinha cúmplices, mas num caso desses eles só sabem o que o Serviço Secreto deixa vazar. — Numa cidade onde os vazamentos eram mais a regra que a exceção, o Serviço Secreto era conhecido por ser impenetrável. Jack mudou de assunto. — Vocês já ouviram falar da teoria sobre o Marfan, certo? Sobre o Emir?

— Bem, acho que sim — respondeu Dominic. — Não teve muito sucesso, certo?

Jack deu de ombros.

— Estou tentando ver a coisa por outro ângulo. A localização dele, por exemplo. Tenho um palpite de que não está no Afeganistão, mas nunca pensamos em outra coisa senão ali ou Paquistão. E se tivéssemos pensado? Ele dispõe de bastante dinheiro, e dinheiro compra muita flexibilidade.

Brian encolheu os ombros.

— Mesmo assim, acho difícil imaginar um cara como ele saindo até mesmo uns 100 quilômetros de distância da toca sem ser notado.

— Suposições e análise de inteligência são péssimos companheiros — observou Jack.

— Verdade. Se esse merda se movimentou, aposto que está morrendo de rir vendo todo mundo trepando aquelas montanhas atrás dele. Mas como ele faria isso, hein?

Com certeza não pode ir até o aeroporto de Islamabad e comprar uma passagem.

Dominic disse:

— Dinheiro também pode comprar muito conhecimento.

— O que você quer dizer? — perguntou Jack

— Há um especialista para cada problema, Jack. O truque é saber onde encontrar.

O dia transcorreu rapidamente. Às cinco da tarde, Jack enfiou a cabeça no escritório de Dominic. Brian estava sentado do outro lado da mesa do irmão.

— Olá, caras — chamou Jack.

— Olá — respondeu Brian. — Como anda o perito dos computadores?

— Dando no pé.

— Onde vai jantar? — perguntou Dominic.

— Aceito sugestões.

— A vida sentimental dele deve ser como a minha — resmungou Brian.

— Descobri um lugar novo em Baltimore. Querem experimentar?

— Claro. — *Ora, bolas*, pensou Jack. Comer sozinho não tinha a menor graça.

O comboio dos três carros se dirigiu para o norte na US 29, depois virou ao leste na US 40 para a viagem até a Little Italy de Baltimore — a maioria das cidades americanas têm uma —, perto da Eastern Avenue. A viagem era quase idêntica à que Jack normalmente fazia para ir para casa, a alguns quarteirões do estádio de beisebol de Camden Yards. Mas a temporada já terminara, mais uma vez sem chegar às finais.

A Little Italy de Baltimore era um emaranhado de ruas estreitas e poucos estacionamentos, e, para Jack, estacionar seu Hummer não era muito diferente de aportar um transatlântico. Mas enfim conseguiu uma vaga em um pequeno estacionamento e depois caminhou dois quarteirões até o restaurante na High Street, especializado em comida do norte da Itália. Ao entrar, viu que seus primos estavam acampados em uma mesa de canto, sem ninguém por perto.

— Que tal a comida daqui? — perguntou, pegando uma cadeira.

— O cozinheiro-chefe é tão bom quanto nosso avô, e isso é um elogio e tanto, Jack. A vitela é realmente de primeira classe. Dizem que ele mesmo a compra diariamente no Lexington Market.

— Deve ser dura, sendo de vaca — observou Jack, escrutinando o menu.

— Nunca perguntei — assinalou Brian. — E também nunca escutei queixas.

— Fale com minha irmã. Ela está virando *vegan*, salvo os sapatos — disse Jack com um muxoxo. — Que tal a carta de vinhos?

— Já pedi — respondeu o marine. — Lachrima Christi del Vesuvio. Descobri em Nápoles num cruzeiro pelo Mediterrâneo. As Lágrimas de Cristo do Vesúvio. Fiz uma

viagem a Pompeia, e o guia disse que há mais de 2 mil anos cultivam uvas vinícolas ali, e achei que já deviam entender do negócio muito bem. Se você não gostar, pode deixar que eu bebo tudo.

— Brian conhece vinhos, Jack — disse Dominic.

— E você diz isso como se estivesse surpreso — disparou de volta Brian. — Não sou um marine qualquer, você sabe.

— Aceito a correção.

A garrafa chegou um minuto depois. O garçom a abriu com um floreio.

— Onde você come em Nápoles?

— Rapaz, você tem que se esforçar muito para achar um restaurante ruim na Itália — disse Dominic. — O que você compra pelas ruas é tão bom quanto na maioria dos restaurantes com cadeiras. Mas este lugar aqui é muito bom. Ele é *paisano*.

Brian sintonizou:

— Em Nápoles, há um lugar no cais chamado La Bersagliera, mais ou menos a um quilômetro e meio da fortaleza grande. Olha, eu arrisco até uma briga e digo que é o melhor restaurante do mundo.

— Não. O Alfonso Ricci, de Roma, a uns 800 metros do Vaticano — decretou Dominic.

— Bom, aceito sua palavra quanto a isso.

A comida chegou, juntamente com mais vinho, e a conversa passou a girar em torno de mulheres. Todos os três namoravam, mas sem compromisso. Os Caruso brincaram dizendo que esperavam a italiana perfeita; Jack, por sua vez, procurava uma garota que “pudesse apresentar para mamãe”.

— O que você está dizendo, primo? — perguntou Brian. — Você não gosta delas um pouquinho safadas?

— Na cama, claro que sim — respondeu Jack. — Mas em público... Não sou lá muito fã de frente única e tatuagens enormes no traseiro.

Dominic deu uma risadinha. Falou:

— Brian, como é mesmo o nome daquela garota... você sabe, a stripper com a tatuagem?

— Puta merda...

Dominic ainda ria. Voltou-se para Jack e disse, em tom meio conspiratório:

— Ela tinha essa tatuagem logo abaixo do umbigo: uma seta apontada para baixo com as palavras *Escorregadia quando molhada*. O problema é que ela escreveu *escorregadia* só com um *r*.

Jack caiu na risada.

— Como é mesmo o nome dela?

Brian sacudiu a cabeça.

— De jeito nenhum.

— Diga logo — falou Dominic.

— Vamos — provocou Jack.

— Candy.

Mais risos.

— Escrito com *y* ou com *ie*? — perguntou Jack.

— Nenhum dos dois. Dois *e*. Está bem, ela não era muito esperta. Mas não estávamos exatamente a caminho do casamento. E quanto a você, Jack? Qual o seu tipo? Jessica Alba, talvez? Scarlett Johansson?

— Charlize Theron.

— Boa escolha — observou Dominic.

Uma opinião saiu de uma cabine perto do bar:

— Eu preferia Holly Madison. Que peitos.

Os três se voltaram e viram uma mulher sorrindo para eles. Ruiva, alta, olhos verdes e sorriso aberto.

— Palpite grátis — acrescentou ela.

— A dama tem certa razão — observou Dominic. — Mas, realmente, se falamos de intelecto...

— Intelecto? — respondeu a mulher. — Pensei que estávamos falando de sexo. Se vocês querem meter capacidade cerebral na história, então tenho que dizer... Paris Hilton.

Houve um momento de silêncio antes que a expressão séria da mulher mostrasse a ponta de um sorriso. Jack, Dominic e Brian caíram na risada. O marine disse:

— Acho que chegou a hora de perguntar se você quer se sentar conosco.

— Adoraria.

Ela pegou a taça de vinho recém-completada e se mudou para a mesa deles, sentando-se ao lado de Dominic.

— Sou Wendy — disse. — Com um *y* no final — acrescentou. — Desculpem, mas não pude deixar de escutar — falou para Dominic. — Então já sabemos que Jack gosta de Charlize Theron e Brian prefere strippers disléxicas...

— Essa doeu — disse Brian.

— ... Mas e quanto a você?

— Quer a resposta verdadeira?

— Claro que sim.

— Vai parecer uma cantada.

— Manda ver.

— Eu prefiro as ruivas.

Jack gemeu.

— Que discreto.

Wendy examinou o rosto de Dominic por um instante.

— Mas acho que ele está falando a verdade — concedeu ela.

— Está mesmo — confirmou Brian. — Ainda tem um pôster da Lucille Ball no

quarto dele.

Risadas gerais.

— Merda nenhuma. — Então, para Wendy: — Você veio encontrar alguém?

— Vinha. Uma namorada. Ela me mandou um torpedo dizendo que não vem mais.

Os quatro jantaram, pediram mais vinho e conversaram até perto das onze horas, quando Jack anunciou que ia para casa. Brian, que percebeu os mesmos sinais que o primo, também se levantou e fez uma mesura, e logo Dominic e Wendy ficaram a sós. Bateram papo por mais alguns minutos antes de ela dizer:

— Então...

Ali estava a deixa, e Dominic foi fundo.

— Quer sair?

Wendy sorriu.

— Meu apartamento fica a uns dois quarteirões daqui.

Os dois já estavam se beijando antes de a porta do elevador fechar, separaram-se brevemente quando ele chegou ao andar e caminharam juntos até a porta, e depois dentro, quando as roupas começaram a cair. Quando chegaram no quarto, Wendy se livrou do restante do vestido, mostrando um sutiã de rendas e calcinha combinando. Sentou-se na cama diante de Dominic, agarrou seu cinto e o abriu, depois se deitou na cama.

— Sua vez. — Um cacho que cabelos ruivos tinha desabado sob os olhos de Wendy.

— Nossa — suspirou Dominic.

— Aceito isso como um cumprimento — respondeu ela com uma risadinha.

Dominic tirou a calça e subiu na cama. Os dois se beijaram por trinta segundos até Wendy se afastar. Ela rolou pela cama e abriu a gaveta do criado-mudo.

— Só uma coisinha para criar um clima — disse, olhando para ele, e depois girando com um espelhinho retangular e um vidrinho do tamanho do polegar.

— O que é isso? — perguntou Dominic.

— Para esquentar o clima — disse Wendy.

*Que merda*, pensou Dominic. Ela viu sua mudança de expressão e perguntou:

— O quê?

— Não vai rolar.

— Por que, qual o problema? É só um pouquinho de coca.

Dominic se levantou, pegou a calça e se vestiu.

— Você vai embora? — perguntou Wendy, sentando-se.

— Sim.

— Você está me gozando? Só por causa da...

— Sim.

— Puxa, qual é o seu problema?

Dominic nem respondeu. Pegou a camisa do chão e a vestiu. Saiu a caminho da porta.

— Você é um babaca — disse Wendy.

Dominic parou e se voltou para ela. Tirou a carteira do bolso e abriu, mostrando seu escudo do FBI.

— Oh, merda — sussurrou Wendy. — Eu não queria... Você vai me...

— Não. Hoje é seu dia de sorte.

E foi embora.

Tariq Himsi contemplava o poder do dinheiro. E os acasos da escolha. Descobrir uma companhia para o Emir, mesmo para um encontro casual, era assunto delicado. Os gostos dele eram específicos; sua segurança estava acima de tudo. Felizmente, as putas ali eram abundantes, fáceis de achar na rua e, como ele descobriu, acostumadas a pedidos incomuns, tal como serem levadas a um local desconhecido em um veículo com janelas escurecidas. Seu trabalho prévio de reconhecimento mostrou que, mesmo moralmente corruptas, essas mulheres estavam longe de ser estúpidas: patrulhavam suas esquinas em grupos de duas ou três, e sempre que uma de suas cúmplices entrava em um carro, uma das outras anotava a placa. Uma ida rápida a um dos estacionamentos remotos de um dos aeroportos resolveu esse problema. Placas eram fáceis de instalar e ainda mais fáceis de jogar fora. Quase tão fácil quanto disfarçar sua aparência com grossos óculos escuros e um boné de beisebol.

No começo, Tariq chegou a pensar em contratar um serviço de garotas de programa, mas isso trazia complicações próprias — não insuperáveis, certamente, mas de qualquer modo complicadas. Através de sua rede, ele obteve o nome de um serviço conhecido pelo zelo na proteção do anonimato dos clientes, tanto que era usado por celebridades e políticos, incluindo vários senadores. A ironia de usar esse serviço era tentadora, Tariq teve que admitir.

Mas, por enquanto, ele se contentaria em contratar os serviços de uma das putas de rua que observara na última semana. Apesar de ela se vestir como as outras de um modo geral — roupas ofensivamente reveladoras —, seu gosto parecia ser ligeiramente menos horroroso, seus modos ligeiramente menos desavergonhados. Em curto prazo, ela serviria como receptáculo.

Ele esperou até bem depois de o sol se pôr, então ficou no final do quarteirão, aguardando uma diminuição do trânsito antes de ligar o carro e dirigir até onde a mulher e duas companheiras estavam paradas. Parou no meio-fio e abaixou a janela do passageiro. Uma das mulheres, uma ruiva com seios incrivelmente grandes, deslizou até a janela.

— Você não — disse Tariq. — Aquela outra. A loura alta.  
— Como quiser, cara. Ei, Trixie, ele quer você.  
Trixie deslizou até lá.  
— Olá — disse. — Procurando uma namorada?  
— Para um amigo.  
— E onde esse amigo está?  
— No condomínio dele.  
— Não faço programas em casas.  
— Dois mil dólares — respondeu Tariq, e imediatamente viu os olhos de Trixie mudarem. — Suas amigas podem anotar a placa, se quiserem. Meu amigo é... muito conhecido. Ele simplesmente quer uma companhia anônima.  
— Sexo normal?  
— Desculpe?  
— Não topo brutalidade, nem essa de brincar com xixi, nada desse tipo de coisa.  
— Claro.  
— Ok, espere um instante, querido. — Trixie caminhou até suas amigas, trocou com elas algumas palavras e depois voltou até Tariq, que disse:  
— Pode ir no banco de trás. — E soltou a tranca da porta.  
— Puxa, que chique — disse Trixie, e entrou.

— Por favor, sente-se — disse o Emir a ela trinta minutos mais tarde, quando Tariq a levou até a sala de estar e fez as apresentações. — Gostaria de um pouco de vinho?

— Hã, claro, acho — disse Trixie. — Gosto desse tal de zinfandel. É assim que dizem, certo?

— Sim. — O Emir fez um sinal para Tariq, que desapareceu e voltou um minuto depois com duas taças de vinho. Trixie pegou a sua, olhou ansiosa ao redor, depois remexeu a bolsa e tirou um lenço de papel, onde cuspiu o chiclete que estava mascando. Tomou um gole de vinho.

— Troço bom.

— É mesmo. Trixie é seu nome verdadeiro?

— Sim, de verdade. E o seu, qual é?

— Acredite ou não, meu nome é John.

Trixie caiu na risada.

— Se você diz... Então, e aí, você é árabe ou algo assim?

Parado na soleira da porta atrás de Trixie, Tariq franziu a testa. O Emir levantou o indicador do braço da cadeira. Tariq assentiu e recuou alguns passos.

— Sou da Itália — disse o Emir. — Sicília.

— Ei, como *O poderoso chefão*, certo?

— Desculpe?

— Você sabe, o filme. Foi de lá que vieram os Corleone: Sicília.

— Acho que sim.

— Seu sotaque é meio engraçado. Você mora aqui ou só está de férias?

— Férias.

— É uma casa bem bacana. Você tem muita grana, hein?

— A casa é de um amigo.

Trixie sorriu.

— Um amigo, hein? Talvez seu amigo também queira companhia.

— Com certeza perguntarei a ele — falou o Emir, secamente.

— Só para você saber: só faço sexo normal, ok? Nada tarado.

— Claro, Trixie.

— E nada de beijo na boca. Seu cara aí falou em 2 mil?

— Você quer ser reembolsada agora?

Trixie tomou outro gole de vinho.

— Eu o quê?

— Seu dinheiro.

— Claro. E aí podemos começar. — Ao sinal do Emir, Tariq avançou e entregou a Trixie um maço de notas de 100 dólares. — Sem ofensa — disse, e depois contou as notas. — Quer fazer aqui mesmo?

Uma hora mais tarde o Emir saiu do quarto. Atrás dele, Trixie vestia a calcinha e cantarolava consigo mesma. Na mesa de jantar, Tariq se levantou para receber seu chefe. O Emir simplesmente disse:

— Perguntas demais.

Alguns minutos mais tarde na garagem, Tariq deu a volta no carro para abrir a porta de trás para ela.

— Foi divertido — disse ela. — Se o cara quiser fazer de novo, você sabe onde me encontrar.

— Informarei a ele.

Quando Trixie se abaixou para entrar no carro, Tariq deu um leve chute na parte de trás do joelho dela, fazendo-a cair.

— Ei, mas que...? — foram as únicas palavras que ela conseguiu dizer antes que o garrote de Tariq, uma peça de corda de náilon de meio metro de comprimento desse a volta em seu pescoço e apertasse sua traqueia.

Como ele planejara, os laços duplos da corda, espaçados a 15 centímetros do meio dela, imediatamente comprimiram as artérias carótidas dos dois lados da traqueia. Trixie começou a dar pinotes, agarrando a corda, seu torso se curvando até que Tariq pôde ver seus olhos — primeiro arregalados e saltados, e então, vagorosamente, à medida que o sangue que chegava a seu cérebro diminuía, trêmulos



e girando para trás na órbita. Depois de mais uns dez segundos, Trixie amoleceu. Tariq manteve a pressão na corda por mais três minutos, de pé e perfeitamente imóvel enquanto a vida vagarosamente escoava do corpo dela. A estrangulação não era assim tão rápida como parecia nos filmes de Hollywood.

Ele deu dois passos para trás, arrastando-a consigo e vagarosamente deitando seu corpo no chão de concreto da garagem. Cuidadosamente, tirou a corda do seu pescoço e examinou a pele. Havia um machucado, mas nada de sangue. Mesmo assim, a corda seria depois queimada em um balde de aço. Ele procurou o pulso no pescoço e não encontrou nada. Ela estava morta, disso tinha certeza, mas, dadas as circunstâncias, um cuidado extra era necessário.

Colocando uma das mãos embaixo do seu ombro e a outra por baixo das nádegas, Tariq virou Trixie de barriga para baixo, depois se escarranchou em sua cintura. Colocou a mão esquerda abaixo do queixo dela, puxou a cabeça em sua direção, depois colocou a palma da mão direita do lado da cabeça e alavancou as mãos em direções opostas. O pescoço quebrou. Trocou a posição das mãos e girou a cabeça na outra direção, provocando outro barulho abafado de osso quebrando. Os impulsos nervosos residuais do corpo fizeram as pernas dela se mexerem uma vez. Ele gentilmente abaixou a cabeça até o chão e se levantou.

Agora só faltava decidir até que distância deserto adentro ele a levaria.



A recepção que tiveram depois de pousar em Trípoli devia ter informado Clark e Chavez tudo que precisavam saber sobre o humor do coronel Muammar Kadafi e seus generais, assim como sobre o nível de apoio que podiam esperar. O tenente da Milícia Popular que os esperava no final da escada do avião era polido, mas tão verde quanto o sol líbio era quente, e o tique nervoso no seu olho esquerdo informou a Clark que ele sabia o suficiente sobre sua responsabilidade para ficar nervoso. *Pode se preparar, rapaz.* Evidentemente, Kadafi não estava nada feliz por ter soldados do Ocidente em seu solo, muito menos soldados de forças especiais. Clark não sabia nem se importava se esse desprazer era fruto do orgulho ou de algum motivo político mais profundo. Enquanto ficassem fora do caminho da Rainbow e não fizessem com que alguém dentro da embaixada fosse morto, Muammar podia ficar tão puto quanto quisesse.

O tenente fez continência a Clark, disse “Masudi”, que Clark supôs que fosse seu nome, depois ficou de lado e fez um gesto na direção de um caminhão do Exército com jeito dos anos 1950, com toldo de lona, estacionado a uns 30 metros dali. Clark fez um sinal para Stanley, que comandou os homens para que reunissem o equipamento e fossem até o caminhão.

O sol estava tão quente que fazia a pele de Clark arder, e mandar o ar superaquecido aos seus pulmões quase os queimava. Uma ligeira brisa tremulava as bandeiras no teto do hangar, mas estava longe de refrescar qualquer coisa.

— Bem, pelo menos mandaram alguém, hein? — murmurou Chavez a Clark enquanto caminhavam.

— Sempre vendo o lado bom das coisas, hein, Ding?

— Pois é, *mano*.

Menos de uma hora depois de serem retirados do avião em Heathrow e ouvir o relato de Alistair Stanley, Clark, Chavez e os demais atiradores da Rainbow 6 de prontidão estavam a bordo de um jato da British Airways em direção à Itália.

Como todas as equipes militares, a Rainbow tinha sua cota de mudança de pessoal, afinal os homens voltavam para seus países de origem, a maioria promovida por merecimento depois do trabalho no grupo. Dos oito que Stanley havia escolhido

para a operação, quatro eram originais: primeiro-sargento Miguel Chin, Navy SEAL; Homer Johnston; Louis Loiseau e Dieter Weber. Dois americanos, um francês e um alemão. Johnston e Loiseau eram atiradores de elite, ambos terrivelmente precisos, suas balas raramente deixando de acertar bem no X do alvo.

De fato, todos eles eram bons atiradores. Ele não tinha a menor preocupação quanto a isso, porque não se chegava a fazer parte da Rainbow sem que, em primeiro lugar, tivesse muito tempo de serviço, e, em segundo lugar, fosse o melhor entre os melhores. E certamente ninguém permanecia na Rainbow sem estar à altura do exigido por Alistair Stanley, que era, apesar de educadíssimo, um durão de verdade. *Melhor suar no treinamento que sangrar em uma operação*, Clark lembrava a si mesmo. Era um antigo adágio do SEAL, e ao qual qualquer serviço de forças especiais que valesse o nome aderiria como se fosse palavra divina.

Depois de uma breve escala em Roma, foram levados a um Piaggio P180 Avanti, um bimotor turboélice gentilmente fornecido pelo 28º Esquadrão “Tucano” da Aviação do Exército para o trecho final até Taranto, onde ficaram sentados bebendo Chinotto, o equivalente italiano do Sprite, enquanto recebiam uma lição da história de Taranto, a Marina Militare, e sua predecessora a Regia Marina. Depois de quatro horas disso, o telefone via satélite de Stanley recebeu uma ligação. Os políticos haviam se entendido. Como convenceram Kadafi a não enviar sua tropa de choque era algo que Clark não sabia, nem se importava. A Rainbow tinha sinal verde.

Uma hora depois, embarcaram no Avanti para o salto de 800 quilômetros pelo Mediterrâneo até Trípoli.

Clark seguiu Chavez até o caminhão e subiu a bordo. Sentado no banco de madeira diante dele havia um homem em roupas civis.

— Tad Richards — disse o homem, apertando a mão de Clark. — Embaixada dos EUA.

Clark nem se preocupou em perguntar qual era a posição do sujeito. A resposta provavelmente envolveria uma combinação das palavras *adido*, *cultural*, *júnior* e *departamento de Estado*, mas de fato ele era parte da estação da CIA na Líbia, que trabalhava fora da embaixada, no Corinthia Bab Africa Hotel. Tal como o tenente da Milícia Popular que os recebera, Richards parecia verde demais. Provavelmente era seu primeiro posto no exterior, considerou Clark. Na verdade, não importava. Pelo menos enquanto o sujeito tivesse a inteligência de que precisavam.

Com um ranger de engrenagens e a fumaça de diesel saindo pelo cano, o caminhão deu um salto para a frente e começou a se movimentar.

— Desculpem o atraso — disse Richards.

Clark deu de ombros, notando que o sujeito não perguntou pelo nome de ninguém. *Talvez mais esperto do que eu pensava*.

— Percebo que o coronel não está nem um pouco entusiasmado por nos hospedar.

— Percebe corretamente. Não tenho certeza dos comos nem dos porquês, mas os telefones tocaram que nem doidos nas últimas oito horas. O Exército postou

segurança extra ao redor do hotel.

Fazia sentido. Fosse ou não uma ameaça verdadeira, a “proteção” reforçada da embaixada americana pelo governo líbio certamente era um sinal. O povo da Líbia estava tão infeliz com a presença de soldados ocidentais em seu solo que era possível haver ataques a alvos americanos. Era tudo bobagem, é claro, mas Muammar tinha que se equilibrar entre ser o mais recente aliado dos EUA no norte da África e governar um país cujas simpatias eram amplamente favoráveis à causa palestina, e consequentemente desfavoráveis a seus opressores, os Estados Unidos e Israel.

— As alegrias da política internacional — observou Clark.

— Amém.

— Você fala árabe?

— Sim, passável. E estou melhorando. Já trabalho no nível três do curso da Pedra da Rosetta.

— Ótimo. Vou precisar de você por perto, traduzindo para nós.

— Pode deixar.

— Tem informação da inteligência para nós?

Richards assentiu, enxugando a testa com um lenço.

— Montaram um posto de comando no último andar de um edifício de apartamentos a um quarteirão da embaixada. Eu mostro a você o que temos quando chegarmos lá.

— Está bem — respondeu Clark. — Algum contato de dentro do complexo?

— Nada.

— Quantos reféns?

— Segundo o Ministério do Exterior sueco, 16.

— O que fizeram até agora. Os locais, quero dizer?

— Pelo que eu saiba, nada além de estabelecer um perímetro e manter civis e repórteres longe dali.

— A notícia se espalhou? — perguntou Chavez.

Richards assentiu.

— Há duas horas, enquanto vocês voavam. Desculpem, me esqueci de contar.

Clark perguntou:

— Serviços públicos?

— Água e eletricidade ainda abastecem o complexo.

Cortar esse fornecimento era praticamente o primeiro item da lista do que fazer em uma situação com reféns. Isso era importante por duas razões: primeiro, por mais durões que fossem, a falta desses elementos começava a desgastar os bandidos; e em segundo lugar, a volta da água e da eletricidade podia ser usada durante as negociações: nos devolva cinco reféns e deixamos que o ar-condicionado volte a funcionar.

Mas esse era mais uma vez o caso em que o governo líbio, tendo recebido o recado de “se mandar dali”, lavava as mãos diante da situação. No entanto, isso poderia ser

revertido a seu favor. A menos que os bandidos dentro da embaixada fossem uns completos idiotas, já teriam notado que água e luz continuavam e tentavam adivinhar o que acontecia lá fora, supondo que as forças de segurança ou estavam despreparadas ou esperando para cortar a energia como preparação para um ataque.

*Talvez... se,* pensou Clark. Não é fácil entrar na mente de qualquer pessoa, muito menos na de algum escroto que acha legal tomar como refém um bando de civis inocentes. Podia ser também que os bandidos não tivessem nenhum pensamento estratégico nem considerassem o significado do assunto do fornecimento de energia e água. Ainda assim, haviam sido bons o suficiente para despachar um grupo de Särskilda Skyddsgruppens, o que no mínimo sugeria que a Rainbow lidava com pessoas com algum treinamento. Não havia nada melhor que a Rainbow, disso Clark tinha certeza. Seja qual fosse a situação lá dentro, a coisa iria se resolver — muito provavelmente em detrimento dos bandidos.

O trajeto durou vinte minutos. Clark passou a maior parte do tempo imaginando cenários e observando as estradas empoeiradas cor de cobre de Trípoli passar pela abertura dos fundos do caminhão. Finalmente, o veículo resmungou e parou em um beco cujas entradas dos dois lados eram sombreadas por tamareiras. O tenente Masudi apareceu e abaixou a porta traseira. Richards desceu e conduziu Stanley e Clark pelo beco, enquanto Chavez e os demais recolhiam o equipamento para depois os seguir. Richards os guiou subindo dois andares de degraus de pedra montados num muro externo, então atravessando a porta de um apartamento semiacabado. Pilhas de placas de reboco estavam arrumadas contra a parede, juntamente com latas de gesso de acabamento. Apenas duas das quatro paredes estavam terminadas, pintadas num tom verde-musgo que parecia tirado de um episódio de *Miami Vice*. A sala cheirava a tinta fresca. Uma grande janela panorâmica enquadrada por tamareiras dava vista, a uma distância de uns 200 metros, para o que Clark supôs ser a embaixada sueca, um edifício no estilo de *villa* espanhola, de dois andares, cercado por um muro de estuque branco de aproximadamente 2,5 metros de altura, com espigões de ferro batido no topo. O andar térreo do edifício tinha muitas janelas, todas barradas e fechadas.

*Mais de 500 metros quadrados,* pensou Clark azedamente. *Muito território. E talvez mais um porão.*

Ele meio que esperava encontrar ali um ou dois coronéis ou generais da Milícia Popular esperando por eles, mas não havia nenhum. Evidentemente, Masudi seria o único contato deles com o governo líbio, o que para Clark estava de bom tamanho, desde que o sujeito tivesse as condições necessárias de providenciar o que pedissem.

A rua abaixo parecia uma parada militar. Nas duas vias adjacentes à embaixada que eram visíveis, Clark contou pelo menos seis veículos do Exército, dois jipes e quatro caminhões, cada um cercado por um grupo de soldados, fumando e passeando pelo lugar, rifles descuidadamente pendurados nos ombros. Se ele não soubesse de antemão, o posicionamento das armas dos soldados informariam Clark de tudo que

precisava saber sobre a atitude de Kadafi diante da crise. Tendo sido colocado fora da jogada dentro do próprio país, o coronel retirou suas tropas de elite do perímetro e as substituiu pelo grupo de recrutas mais mal-ajambrados que conseguiu reunir.

Como um garotinho mimado que pega suas bolas de gude e vai para casa.

Enquanto Chavez e os demais começavam a desempacotar e separar o equipamento na inacabada sala de refeições, Clark e Stanley inspecionaram o complexo da embaixada com binóculos. Richards e o tenente Masudi ficaram de lado. Após dois minutos de silêncio, Stanley disse sem abaixar o binóculo:

— Bem difícil.

— Sim — respondeu Clark. — Viu algum movimento?

— Não. E aquelas são janelas de fazenda. Boas e sólidas.

— Câmeras de vigilância fixas em cada canto, logo abaixo do beiral, e duas na fachada frontal.

— Melhor supor o mesmo para os fundos — respondeu Stanley. — A questão é saber se o pessoal da segurança teve tempo de apertar o botão.

A maioria das embaixadas tinha uma lista de procedimentos de emergência que qualquer destacamento profissional de segurança saberia de cor. E, no topo da lista, sob a rubrica “Em caso de invasão armada e tomada da embaixada” ou algo semelhante, haveria instruções para desarmar definitivamente o sistema externo de vigilância do edifício. Bandidos cegos são mais facilmente dominados. Mas não havia como saber se os suecos tinham ou não feito isso, de modo que a Rainbow agiria supondo que as câmeras não apenas funcionavam como estavam sendo monitoradas. A boa notícia era que elas eram fixas, o que tornava mais fácil estabelecer os pontos cegos e as falhas na cobertura.

Clark disse:

— Richards, a que horas é o pôr do sol?

— Mais ou menos em três horas. A meteorologia diz que haverá céu claro.

*Merda*, pensou Clark. Operar em um clima de deserto podia ser um pé no saco. Trípoli tinha pouca poluição, mas nada como a das metrópoles ocidentais, de forma que a luz ambiente da lua e das estrelas dificultaria a movimentação. Muito iria depender de quantos bandidos havia lá dentro e de como se posicionavam. Se tivessem gente o suficiente, quase certamente teriam vigilância estabelecida, mas nada disso seria difícil para Johnston e Loiselle. Ainda assim, qualquer aproximação ao complexo devia ser cuidadosamente planejada.

— Johnston — chamou Clark.

— Sim, chefe.

— Dê uma volta. Ache seus poleiros e depois volte aqui para esboçarmos o esquema de cobertura e campos de fogo. Richards, diga ao nosso acompanhante para avisar: deixem nossos homens trabalhar e não fiquem no caminho deles.

— Está bem. — Richards pegou Masudi pelo ombro, levou-o um pouco para longe e depois começou a falar. Depois de meio minuto, Masudi assentiu e saiu.

— Temos as plantas? — perguntou Stanley a Richards.

O sujeito da embaixada checou as horas.

— Devem estar aqui dentro de uma hora.

— Vindas de Estocolmo?

Richards balançou a cabeça negativamente.

— Daqui. Ministério do Interior.

— Deus do céu.

Também não havia sentido transmiti-las aos poucos em arquivos JPEG. Nenhuma garantia de que fossem melhores que o que já tinham — a menos que os líbios se dispusessem a levar as fotos até um serviço de impressão profissional para emendá-las. Clark não pensava em segurar o fôlego esperando por isso.

— Ei, Ding?

— Aqui, chefe.

Clark lhe entregou os binóculos.

— Dê uma olhada. — Juntamente com Dieter Weber, Chavez seria o líder de um dos dois grupos de assalto.

Chavez escrutinou o edifício por um minuto, depois devolveu os binóculos.

— Porão?

— Ainda não sabemos.

— Os bandidos geralmente gostam de se preparar, portanto eu diria que estão concentrados no primeiro andar ou no porão, se houver um, ainda que isso seja duvidoso... a menos que sejam realmente idiotas.

*Não há saída no subsolo*, pensou Clark.

— Se conseguirmos determinar mais ou menos onde estão os reféns e se estão reunidos ou separados... Mas, se eu tivesse que tomar uma decisão de pronto, diria que o melhor seria entrarmos pelo segundo andar, pelas paredes do sul e do leste, limpar esse andar e depois descer. Na verdade, tática padrão de pequenas unidades. Tome o ponto mais elevado do mapa e os bandidos automaticamente ficam em desvantagem.

— Prossiga — disse Clark.

— As janelas do primeiro andar estão descartadas. Podemos cuidar das grades, mas não rapidamente, e isso faria muito barulho. Mas esses balcões... Os parapetos parecem bastante sólidos. Deve ser fácil subir até lá. Muito vai depender da planta. Se for mais aberta, não tão compartimentada, eu diria para começarmos por cima. Caso contrário, podemos sacudir as gaiolas com granadas de luz e som, arrombamos as paredes em alguns lugares com Gatecrashers e depois voamos para dentro.

Clark olhou para Stanley, que assentiu, aprovando.

— O garoto está aprendendo — disse com um sorriso.

— Vai se foder — respondeu Chavez com seu próprio sorriso.

Clark checou mais uma vez seu relógio. Tempo.

O bandidos não tinham feito contato, e isso o preocupava. Havia apenas um par

de razões para explicar o silêncio: ou esperavam para ter certeza de que tinham a atenção do mundo inteiro antes de anunciar suas exigências ou esperavam ter certeza da atenção do mundo inteiro antes de começar a jogar cadáveres pela porta da frente.





Sem surpreender ninguém, as plantas não chegaram dentro da uma hora prometida e sim perto de duas horas depois, de modo que não faltavam nem noventa minutos para o pôr do sol quando Clark, Stanley e Chavez desenrolaram as plantas do complexo e deram sua primeira olhada no que os esperava mais adiante.

— Puta merda — resmungou Stanley.

As plantas não eram o conjunto original dos arquitetos e sim uma fotocópia emendada de outra fotocópia. Muitas das anotações estavam tão borradas que não eram decifráveis.

— Ah, Jesus... — disse Richards, olhando por cima do ombro deles. — Sinto muito, eles disseram...

— Não é culpa sua — respondeu Clark calmamente. — Mais jogadas. Vamos nos virar com isso. — Era outra coisa que a Rainbow fazia muito bem: adaptar e improvisar. Plantas ruins eram apenas outra forma de inteligência deficiente, e a Rainbow tinha lidado bastante com isso. Pior ainda, os serviços de inteligência do bom coronel se recusaram a dar aos suecos plantas de seu próprio edifício, de modo que estavam com azar ali também.

A boa notícia era que a embaixada não tinha porão, e a planta do andar era relativamente aberta. Nada de corredores improvisados e espaços reservados, o que tornava a ocupação do andar tediosa e exigia muito tempo. E havia um balcão no segundo andar com vista para um largo espaço aberto, ao lado de uma parede de pequenas salas no lado oeste.

— Doze por quinze metros — observou Chavez. — O que acha? Área principal de trabalho?

Clark assentiu.

— E essas salas do lado oeste devem ser os escritórios executivos.

Do lado oposto, logo abaixo de um pequeno saguão que virava à direita no pé da escada, havia o que parecia ser uma área de cozinha/refeitório, um banheiro e mais quatro salas sem identificação na planta. Talvez depósitos, considerou Clark, a julgar pelo tamanho. Uma delas provavelmente era o escritório da segurança. No final do corredor havia uma porta que se abria para o exterior.

- As plantas não marcam os pontos de eletricidade e água — disse Chavez.
- Se você está atrás do esgoto para entrar, pode esquecer — respondeu Richards.
- Esse é um dos bairros mais antigos de Trípoli. O sistema de esgotos é uma merda...
- Engraçadinho.
- Os canos não deixam passar nem uma bola de vôlei, e se rompem com apenas um olhar. Só nesta semana tive que fazer dois desvios quando voltava do trabalho para evitar buracos de esgotos.
- Muito bem — disse Clark, voltando ao assunto principal. — Richards, você fala com Masudi para ter certeza de que eles cortarão a eletricidade quando fizermos o sinal. — Eles decidiram deixar água e luz ligadas por enquanto para não agitar os bandidos tão perto do momento em que Chavez e suas equipes invadiriam.
- Certo.
- Ding, checagem de armas.
- Feita e refeita.

Como sempre, as equipes de assalto estariam armadas com uma Heckler & Koch MP5SD3, com silenciador, carregadas com balas de 9 milímetros e capacidade de setecentos tiros por minuto.

Juntamente com o carregamento padrão de granadas de fragmentação e de luz e som, cada homem estaria também armado com uma pistola Colt automática MK23, de 45 milímetros. Ela possui um silenciador KAC e um módulo de pontaria a laser — LAM — com quatro modos de seleção: apenas laser visível, laser visível/lanterna, apenas laser infravermelho e laser infravermelho/iluminador. Preferida das equipes de comandos da Marinha e do SBS — Serviço de Navegação Especial dos ingleses —, a MK23 era uma maravilha de durabilidade, tendo sido exaustivamente testada tanto pelos SEAL quanto pelo SBS em temperaturas extremas, submersão em água salgada, impacto de disparo a seco e contra o mais mortal dos inimigos das armas: a sujeira. Como um bom relógio Timex, a MK23 podia levar uma pancada e continuar tiquetaqueando — neste caso, disparando.

Johnston e Loisel também possuíam brinquedinhos novos à sua disposição, tendo em vista que a Rainbow recentemente havia trocado o rifle de precisão M24 pelo Knights Armament M110 Sniper System, equipado com uma luneta Leopold para condições diurnas e o testado e aprovado visor noturno AN/PVS-14. Ao contrário do M24, um rifle de culatra móvel, o M110 era semiautomático. Para equipes de assalto, ou seja, Johnston e Loisel, os tiros de cobertura podiam disparar mais balas na metade do tempo.

Seguindo instruções de Clark, cada um dos dois franco-atiradores havia percorrido a área, navegando os quarteirões ao redor do complexo da embaixada, escolhendo possíveis poleiros e esboçando seus campos de tiro. A partir dos pontos que Chavez e Weber escolhessem como pontos de penetração, Johnston e Loisel seriam capazes de oferecer cobertura total — até as equipes entrarem propriamente no edifício, pelo menos. Uma vez lá dentro, as equipes de assalto

estariam por conta própria.

Cinquenta minutos depois do pôr do sol, a equipe se acocorou no seu posto de comando improvisado, luzes apagadas, esperando. Clark podia observar, com os binóculos, um fraco brilho de luz escapando pelas janelas. As luzes externas também tinham acendido, quatro postes de 6 metros de altura, um em cada canto do complexo e cada um com uma lâmpada de vapor de sódio apontada na direção do edifício.

Uma hora antes, os chamados do muezim para o *salah* ecoaram por toda Trípoli, mas agora as ruas estavam desertas e calmas, salvo pelos latidos distante de cães, a buzina ocasional e as vozes abafadas dos guardas da Milícia Popular no perímetro estabelecido ao redor da embaixada. A temperatura havia descido apenas um pouco, mantendo-se acima dos 30 graus. Entre aquela hora e o nascer do sol, quando o calor se dissipasse no ar sem nuvens do deserto, a temperatura cairia pela metade ou mais, porém Clark tinha certeza de que até então a embaixada estaria segura e a Rainbow estaria empacotando suas coisas. Tinha esperança de que não houvesse baixas entre os seus e que sobrassem alguns bandidos vivos para entregar para... seja lá quem fosse. Quem iria supervisionar a limpeza pós-missão e a subsequente investigação provavelmente ainda estaria sendo discutido.

Em algum lugar na escuridão um celular tocou suavemente, e momentos depois Richards apareceu ao lado do ombro de Clark e sussurrou:

— Os suecos já pousaram no aeroporto.

O Serviço de Segurança Sueco, a Säkerhetspolisen, ocupava-se da divisão antiterrorista do país, enquanto a Rikskriminalpolisen, ou Departamento de Investigações Criminais, era sua versão do FBI. Uma vez que a Rainbow capturasse a embaixada, o local seria entregue a eles.

— Ótimo, obrigado. Acho que isso responde à questão. Diga a eles para ficarem lá a postos. Logo que terminarmos aqui eles podem vir. Mas nada sobre nosso cronograma. Não quero que isso se espalhe.

— Você acha que os suecos...

— Não, não intencionalmente, mas sabe lá com quem estão falando. — Apesar de Clark achar isso improvável, não podia descartar a possibilidade de os líbios jogarem uma chave para engatar o mecanismo: os americanos vieram para cá, falharam na missão e agora temos pessoas mortas. Um golpe de publicidade para o coronel.

Já haviam se passado quase 24 horas desde que a embaixada fora invadida, e ainda não havia sinal de vida vindo lá de dentro. Clark tinha escolhido as duas e quinze da madrugada como hora do ataque, raciocinando que os terroristas supunham que qualquer assalto viria ao cair do sol. Clark esperava que o atraso os fizesse relaxar, mesmo que só um pouco. Mais ainda, entre as duas e as quatro da madrugada era o momento em que a mente humana perdia sua agudez —

especialmente mentes humanas assoberbadas com os dois demônios do estresse e da incerteza pelas últimas 28 horas.

À uma e meia Clark disse a Johnston e Loïselle que se preparassem, e depois acenou para Richards, que por sua vez acionou o tenente Masudi. Cinco minutos e uma comprida discussão por walkie-talkies mais tarde, o líbio se apresentou de volta: os guardas do perímetro estavam prontos. Clark não queria nenhum recruta nervoso tentando atingir seus franco-atiradores quando estes fossem para suas posições. Da mesma maneira, colocou Stanley e Chavez a postos com os binóculos, observando atentamente. Apesar de improvável, sempre existia a possibilidade de que alguém — um simpatizante ou simplesmente algum babaca que odiasse os americanos — tentasse sinalizar para os terroristas que o jogo já ia começar. Se isso acontecesse, não havia muito que Clark pudesse fazer, salvo chamar Johnston e Loïselle de volta e tentar mais tarde.

Com os franco-atiradores equipados, os M110 nos ombros, Clark esperou cinco minutos e depois sussurrou para Stanley e Chavez:

— Como está a situação?

— Sem mudanças — relatou Ding. — Um pouco de ação nos walkie-talkies, mas isso provavelmente é o aviso sendo repassado.

À uma e quarenta, Clark se voltou para Johnston e Loïselle e acenou. Os dois atiradores deslizaram pela porta e desapareceram na escuridão. Clark colocou o fone de ouvido.

Passaram-se cinco minutos. Dez minutos.

A voz de Loïselle chegou pelo rádio:

— Ômega Um, em posição.

Seguido dez segundos depois por Johnston.

— Ômega Dois, em posição.

— Entendido — respondeu Clark, verificando o relógio. — Aguardem. Equipes de assalto se movimentando em dez minutos.

Escutou as respostas: um par de cliques duplos significando “entendido”.

— Alistair... Ding?

— Nenhum movimento. Tudo quieto.

— Por aqui também, chefe.

— Ok, preparem-se.

Chavez entregou seus binóculos a Clark e se reuniu com sua equipe na porta. Weber e sua equipe, encarregados da invasão do canto ocidental da frente do prédio, tinham mais terreno para cobrir para chegar na sua posição, de modo que sairiam na frente, seguidos quatro minutos depois por Chavez e seus atiradores.

Clark examinou mais uma vez o complexo da embaixada, procurando movimento, mudanças — qualquer coisa que não passasse por sua verificação

cinestésica. Quando se faz esse tipo de coisa há muito tempo, aprendeu Clark, você desenvolve algo parecido com um sexto sentido. Você acha que tudo está certo? Nenhuma voz chamando do fundo da sua mente? Alguma coisa não verificada ou detalhes esquecidos? Clark já vira muitos operadores bastante bons esquecerem a verificação cinestésica, geralmente para prejuízo próprio.

Clark abaixou os binóculos e se voltou para suas equipes, preparadas perto da porta.

— Vão — sussurrou.



Chavez esperou os quatro minutos necessários, depois conduziu sua equipe pelos degraus até a saída do beco. Como Clark havia requisitado, os libios desligaram as luzes da rua no quarteirão ao redor da embaixada, algo que todos esperavam que os bandidos não notassem, pois as luzes do complexo ainda estavam acesas e dirigidas para o interior. Também a pedido, o trio de caminhões do Exército tinha sido estacionado em fila no meio da rua entre o apartamento do posto de comando e o lado leste do complexo.

Através de sinais de mão, mandou cada homem pela calçada, fazendo uso das sombras e dos caminhões como cobertura até alcançarem o beco seguinte, onde uma linha de sebes passava em frente ao edifício seguinte, uma clínica médica particular, segundo disseram a Ding, de onde os civis foram evacuados mais cedo naquele dia.

Quando a equipe estava abrigada atrás das sebes, ele os seguiu caminhando, meio agachado, a MP5 engatilhada, os olhos esquadrinhando a frente, a direita e o alto do muro do complexo da embaixada. Nenhum movimento. *Ótimo, nada de olhar para cá, cara.*

Chavez alcançou a sebe e se acorou. Pelo fone de ouvido escutou a voz de Weber.

- Comando, Vermelho Vivo, câmbio.
- Adiante, Vermelho Vivo.
- Posicionado. Preparando Gatecrasher.

Chavez meio que desejou estar no lugar de Weber. Apesar de já ter usado o novo brinquedinho da Rainbow nos treinamentos, ainda não havia observado em ação real.

Desenvolvido pela Alford Technologies na Inglaterra, o Gatecrasher — que Loïselle apelidara de “fazedor mágico de portas” — lembrava a Ding um desses escudos retangulares arredondados que os espartanos usavam no filme *300*, porém uma analogia mais precisa seria a de um bote de borracha com um quarto do tamanho. Em vez de ar no anel externo dos tubos, havia água, e do lado oposto, no lado vazio do Gatecrasher, uma fita embutida dentro da qual estavam acomodados cordões detonadores de PETN. Os cordões detonadores, protegidos pela camada de água,

criavam o que se chamava de efeito socador, basicamente transformando o cordão detonador numa carga explosiva moldada — um anel explosivo que podia cortar uma parede de 35 centímetros de tijolos sólidos.

O Gatecrasher resolvia um número de problemas que havia muito incomodava as forças especiais e os grupos de resgate. Número um: armadilhas em pontos de entrada; e número dois: o “funil fatal”. Os terroristas, sabendo que os mocinhos tinham que entrar pelas portas ou pelas janelas, montavam explosivos nelas — como fizeram no massacre da escola em Breslan, na Rússia —, e/ou concentravam seu poder de fogo e sua atenção nos prováveis pontos de entrada.

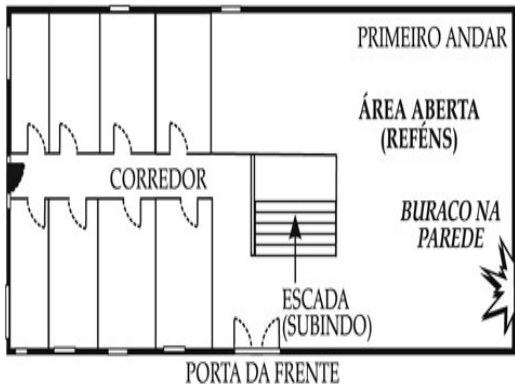
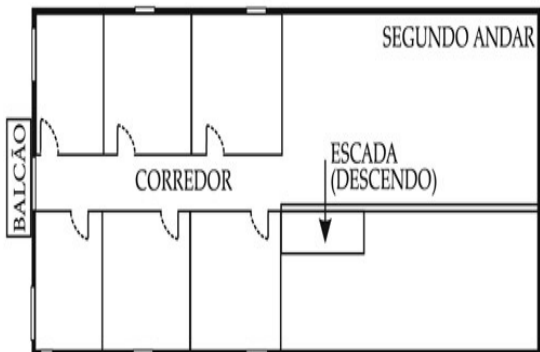
Com o Gatecrasher, Weber e sua equipe entrariam pela parede frontal ocidental do edifício cerca de três segundos depois da detonação.

— Entendido — respondeu Clark a Weber. — Azul Vivo?

— Três minutos até o muro — relatou Chavez.

Ele esquadrinhou o complexo mais uma vez com sua visão noturna, não viu nada e avançou.

# EMBAIXADA EM TRÍPOLI





Para passar por cima do muro, escolheram um método de baixa tecnologia: uma escada de 1 metro de altura, com quatro degraus e uma jaqueta Kevlar à prova de balas. Entre os muitos axiomas que informavam a vida das forças especiais, KISS era uma das mais importantes: *keep it simple, stupid*, ou torne as coisas simples, estúpido, ou, como Clark sempre dizia: “Não se usa uma escopeta para matar uma barata.” Nesse caso, a escada os colocaria na altura do topo do muro; a jaqueta à prova de balas, jogada por cima dos cacos de vidro que saíam do alto do muro, evitaria que Chavez e sua equipe perdessem fluidos ao passarem por ele.

Chavez deslizou para fora da sebe, deu uma corrida até o muro e se agachou. Apertou o botão do fone de ouvido:

— Comando, Azul Vivo. No muro.

— Entendido. — A voz de Stanley.

Alguns segundos depois, um ponto de laser apareceu no muro, a cerca de 1 metro de onde Chavez estava. Tendo mapeado os pontos cegos das câmaras de vigilância, Alistair usava a LAM da sua MK23 para mostrar o caminho para Ding.

Chavez deslizou de lado até que o ponto do laser pousasse em seu peito. O ponto desapareceu. Rápida e silenciosamente ele abriu a escada, e em seguida fez o sinal para sua equipe avançar.

Showalter passou primeiro. Chavez lhe entregou a jaqueta à prova de balas e ele subiu pela escada. Dez segundos depois já havia pulado o muro e estava fora de vista. Um a um o restante da equipe foi seguindo até chegar a vez de Ding.

Uma vez do outro lado, ele se viu parado em um gramado bem-cuidado bordejado por moitas de hibiscos. *A conta mensal de água dos suecos deve ser absurda*, pensou distraído. À sua direita estava a fachada do edifício, e bem em frente, a 6 metros de distância, a parede leste. Showalter e Bianco haviam tomado posição vigiando cada canto do edifício. Ybarra estava agachado sob o balcão. Ding seguiu em sua direção.

— Espere. — A voz de Loisel. — Movimento, lado sul.

Ding parou imediatamente.

Dez segundos depois.

— Limpo. Só um gato.

Chavez atravessou até Ybarra, pendurou sua MP5 e depois subiu pelas costas do corpulento espanhol. O parapeito inferior do balcão estava logo acima do alcance de seus dedos. Chavez se esticou. Ybarra se equilibrou e ficou mais ereto. Chavez pegou o parapeito, primeiro com a mão direita, depois com a esquerda, e então subiu. Cinco segundos depois estava agachado no balcão. Soltou uma seção da corda com nós do seu talabarte, prendeu o mosquetão dela no parapeito e jogou a ponta para baixo.

Virou-se para a porta. Tal como a janela, estava com as persianas abaixadas e, é

claro, trancada. Ouviu atrás de si um estalo leve quando Ybarra passou pelo parapeito, e em seguida sentiu o tapinha de “estou aqui” no ombro.

Chavez apertou o botão do fone de ouvido.

— Comando, Azul Vivo, na porta.

— Entendido.

Ding tirou uma flexicâmera do bolso da coxa direita de sua calça cargo, ligou-a em seu visor noturno depois deslizou as lentes por baixo da porta, gentilmente, prosseguindo tanto pelo tato quanto pela visão. Como tudo que fazia, cada membro da Rainbow tinha treinado e retreinado, e depois treinado mais um pouco, com cada ferramenta de seu arsenal, incluída ali a flexicâmera. Se houvesse uma armadilha na porta, Chavez provavelmente tanto a veria quanto sentiria.

Primeiro, ele escrutinou a soleira de baixo e depois, não descobrindo nada, moveu para as dobradiças antes de terminar com a maçaneta e a placa da chave. Limpo. Não havia nada. Recolheu a câmera. Atrás dele, Showalter e Bianco já haviam subido pelo parapeito. Ding apontou para Bianco, e depois para a maçaneta. O italiano assentiu e foi trabalhar com sua gazuia. Trinta segundos depois a fechadura estalou, aberta.

Usando gestos de mão, Ding passou as instruções finais: ele e Bianco iriam na frente e inspecionariam as salas à direita; Showalter e Ybarra, as da esquerda.

Ding girou suavemente a maçaneta, abriu uma fresta na porta. Esperou dez segundos, depois abriu a porta mais uns 30 centímetros e enfiou a cabeça. O corredor estava vazio. Três portas, duas à direita, uma à esquerda. Ouviu à distância o murmúrio de vozes, depois silêncio. Um espirro. Recuou a cabeça e abriu a porta toda, deixando que Showalter a segurasse e a prendesse depois.

Com a MP5 engatilhada e apontada para baixo, Ding passou para o corredor. Bianco seguia dois passos atrás deles e à sua esquerda, pelo meio do corredor. Na parede sul, Showalter chegou à porta da direita e parou. Ela estava parcialmente fechada.

— Na porta sul do corredor — transmitiu Showalter.

— Observando — respondeu Loisele. — Sem movimentos.

Showalter se enquadrou na porta, abriu-a subitamente e entrou. Vinte segundos depois saiu e apontou o polegar para cima. Chavez se arrastou pela parede norte.

A voz de Johnston:

— Pare.

Ding ergueu um punho fechado e os outros três pararam, imediatamente se agachando.

— Movimento — disse Johnston. — Parede norte, segunda janela a partir do canto leste.

A *próxima sala*, pensou Ding. Transcorreram vinte segundos. Tentado como estava a pressionar Johnston por uma atualização, resistiu. O atirador responderia quando tivesse algo.

— A janela é coberta por minipersianas — transmitiu Johnston. Meio aberta. Vejo um corpo se movendo.

— Armado?

— Não sei dizer. Esperem. Avançando para a porta. Três segundos.

Chavez pendurou sua MP5, sacou sua MK23 com silenciador, levantou-se e deslizou pelo corredor até quase poder pegar na maçaneta da porta.

— Na porta — avisou Johnston.

A porta se abriu e uma figura saiu de lá. Chavez examinou por meio segundo, viu o AK-47 pendurado no peito do sujeito e enfiou uma bala pouco acima de seu ouvido direito. Ding girou nos calcanhares, levantou o braço esquerdo e agarrou o sujeito pelo torso enquanto ele caía. Bianco já avançava, passando pela porta, procurando mais alvos. Chavez deitou o cadáver suavemente no chão.

— Limpo — transmitiu Bianco cinco segundos mais tarde, e depois saiu e ajudou Chavez a arrastar o cadáver até a sala. Fecharam a porta, entraram de novo em formação e se agacharam para esperar. Se o tiro tivesse atraído a atenção de alguém, saberiam num instante. Nada se moveu.

— Na segunda porta, parede norte.

— Não vejo mais movimento — respondeu Johnston.

Ding e Bianco revistaram a sala e voltaram.

— Comando, Azul Vivo. Andar de cima limpo — transmitiu Ding. — Seguindo para o andar principal.

— Entendido — respondeu Stanley.

A 6 metros, no fundo do corredor, estava um arco e uma curva abrupta à direita para o que Chavez sabia ser a escadaria para o primeiro andar. As escadas eram abertas, com 6 metros de largura, margeadas de um lado por uma parede, e abertas à esquerda, dando vista para o que tinham decidido que provavelmente era a principal área de trabalho da embaixada — e lugar mais provável para os terroristas agruparem os reféns.

Isso proporcionava vantagens e desvantagens, sabia Ding. Se os reféns estivessem agrupados e juntos, havia uma boa chance de que a maioria dos bandidos também estivesse lá. Isso tornava mais fácil o trabalho da Rainbow, pelo fato de os alvos estarem assim concentrados, mas também significava que os reféns, sentados lado a lado, estariam completamente desprotegidos caso os terroristas abrissem fogo.

*Então simplesmente não vamos deixar que façam isso, mano.*

Avançou cuidadosamente, movimentando-se sem tirar os pés do chão até chegar ao arco. Uma olhadela rápida pela esquina revelou o andar térreo. Abaixo das escadas e à direita estava a parede da frente, com as janelas ainda fechadas. No fundo da escada devia estar o pequeno corredor e quatro salas desconhecidas.

Chavez moveu o olhar até o canto noroeste da sala, e mentalmente mediu 1 metro a partir da parede. Era mais ou menos ali, com uma margem de uns 30 centímetros, que Weber entraria. Mas à esquerda, visível por cima do corrimão, ele pôde ver duas

figuras paradas juntas. Cada um portava uma submetralhadora compacta, mas que não estavam armadas e preparadas. Penduradas do lado. *Para mim, ótimo*, pensou. Em uma mesa perto dali, um abajur com cúpula verde jogava um fecho de luz na parede.

Chavez recuou e voltou até onde esperava o restante da equipe. Gesticulou: *Planta confirmada; movimentem-se como planejado*. Ele e Bianco, juntamente com Weber e sua equipe quando esses atravessassem a parede, se ocupariam do lado mais pesado da sala principal. Showalter e Ybarra pegariam à direita no fundo da escada, tomando o corredor. Recebeu acenos de cada um dos homens.

— Comando, Azul Vivo, câmbio.

— Prossiga, Azul.

— Posicionados.

— Entendido.

De Weber:

— Vermelho Vivo, entendido.

— Movimentação em noventa segundos — disse Chavez.

— Na espera — respondeu Weber.

— Comece a contagem — transmitiu Ding.

— Cinco e contando. — A voz de Weber. Cinco segundos para o Gatecrasher.

Cada um dos homens de Chavez tinha uma granada de luz e som nas mãos, o pino retirado.

Quatro... três... dois...

Em uníssono, Ding e Bianco jogaram as granadas por cima do corrimão e começaram a descer, MP5 engatilhada e tentando achar os alvos. Ding escutou o primeiro projétil deslizar assoalho abaixo, seguido um quarto de segundo mais tarde pelo disparo do Gatecrasher. Uma onda de fumaça e detritos voou pela sala. Chavez e Bianco continuaram avançando, Ybarra e Showalter passando por eles seguindo rapidamente para o corredor à direita que dava para o lado leste do edifício.

A segunda granada de luz e ruído explodiu. A luz brilhante resplandeceu no teto e nas paredes. Ding ignorou isso.

*Alvo.*

Olhando por cima do corrimão, viu uma figura correndo na direção deles. Ding apontou a mira da MP5 no peito do homem e disparou duas vezes. Ele caiu, e Ding continuou avançando. Percebeu outra figura à sua esquerda, mas sabia que Bianco cobria por ali, e, como se fosse uma deixa, escutou o *pop-pop*. À sua direita, Chavez viu o primeiro membro da equipe de Weber passar pelo buraco de 1 metro criado pelo Gatecrasher, seguido por um segundo, um terceiro e um quarto.

Ding virou à esquerda, dirigindo-se para o centro da sala. Soaram gritos. Uma massa de corpos amontoados no chão. *Alvo*. Atirou duas vezes e continuou

avanchando, a MP5 apontando. Atrás dele ouviu Showalter dizer:

— Alvo, esquerda. — Foi seguido por uma série de *pops* coincidentes.

Weber e sua equipe já haviam se reunido com Chavez e Bianco e estavam se espalhando em leque, cada homem cobrindo um setor.

— Abaixem, abaixem, abaixem! Todos se abaixem! — gritou Ding.

À direita: *pop, pop, pop*.

Chavez continuou avançando, passando pelo centro da sala, Bianco à sua direita fazendo o mesmo, procurando movimento...

— Limpo — escutou Weber dizer, seguido por mais dois.

— Limpo à esquerda! — respondeu Bianco.

— Corredor limpo! — Era Showalter. — Verificando as salas.

— A caminho — anunciou Ybarra.

Do corredor de Showalter veio um grito de mulher. Chavez se virou. Ybarra, que tinha chegado à entrada do corredor, pulou para o lado e se colocou na parede esquerda.

— Alvo.

Chavez correu até o corredor e tomou posição do lado oposto de Ybarra. Uma figura emergiu saindo da última sala arrastando uma mulher consigo. O homem tinha uma pistola pressionando o pescoço dela. Ding espreitou. O homem o percebeu e virou um pouco a mulher, usando-a como escudo. Gritou algo num árabe com tom de pânico. Ding recuou.

— Showalter, qual é sua posição? — sussurrou.

— Segunda sala.

— O alvo está bem ao lado da terceira porta. Três, três metros e meio. Tem uma refém.

— Escutei. Qual o meu ângulo?

— Meia cabeça aberta para o tiro.

— Entendido, diga quando.

Chavez espiou novamente. O homem se movimentou ligeiramente, emparelhando com ele. Showalter, sua MP5 já no ombro, saiu na soleira de sua porta e disparou. A bala entrou pelo olho direito do homem. Ele desabou, e a mulher começou a gritar. Showalter saiu e foi em sua direção.

Chavez soltou o fôlego, depois pendurou sua MP5 e se virou para inspecionar o salão principal. *Feito e feito*. Vinte segundos, não mais. *Nada mal*. Apertou o botão do rádio.

— Comando, aqui Azul Vivo, câmbio.

— Prossiga.

— Situação segura.

Depois que Chavez percorreu tudo novamente e considerou a embaixada totalmente

dominada, transmitiu um firme “tudo limpo” para Clark e Stanley. A partir daí os acontecimentos se precipitaram à medida que o relatório saiu de Tad Richards para seu contato com a Milícia do Povo, o tenente Masudi, e subiu pela linha de comando líbio até um major que insistiu que Chavez e sua equipe saíssem pela porta da frente, escoltando os reféns até o portão principal. No comando temporário da Rainbow, Clark e Stanley, não compreenderam a exigência e se recusaram a atendê-la até que Masudi explicou, em mal inglês, que não haveria câmeras de televisão. O povo líbio simplesmente queria expressar sua gratidão. Clark considerou a questão e aprovou com uma sacudida de ombros.

— Boa vontade internacional — resmungou para Alistair Stanley.

Dez minutos depois, Chavez, sua equipe e os reféns emergiram da porta principal da embaixada sob a luz de refletores e aplausos. Foram recebidos no portão por um contingente do Serviço de Segurança Sueco (Säkerhetspolisen) e do Departamento de Investigação Criminal (Rikskriminalpolisen), que assumiram a guarda dos reféns. Depois de uns bons dois minutos de apertos de mãos e abraços, Chavez e sua equipe avançaram até a rua, onde um monte de soldados e oficiais da Milícia do Povo lhes deram mais abraços e tapinhas nas costas.

Richards apareceu ao lado de Chavez enquanto avançavam pelo meio da multidão em direção ao centro de comando.

— Que diabos acontece aqui? — gritou Chavez.

— Difícil captar as palavras — respondeu Richards —, mas estão simplesmente impressionados. Não, *maravilhados* é uma expressão melhor.

Atrás de Chavez, Showalter gritou:

— Com o quê, pelo amor de Deus? Que porra eles esperavam?

— Baixas! Montes de mortos! Achavam que nenhum dos reféns conseguiria sair de lá, muito menos todos eles. Estão comemorando!

— Está de sacanagem — declarou Bianco. — Achavam que fôssemos amadores?

Richards respondeu por cima do ombro.

— Bem, eles não têm um bom desempenho no resgate de reféns.

Chavez sorriu com isso.

— Ora, bom, nós somos a Rainbow.



Se estivesse em um estado mental objetivo, Nigel Embling reconheceria seu humor atual como nada menos que uma merda autoindulgente, mas no momento sua avaliação refletida era a de que o mundo ia rápido e diretamente para o inferno. Mais tarde, provavelmente reavaliaria essa decisão, mas, neste momento, sentado à mesa da sua cozinha diante de uma xícara de chá e lendo o *Daily Mashriq* matinal, um entre a meia dúzia de jornais de Peshawar, no Paquistão, nada que ele via melhorava seu humor.

— Malditos idiotas — resmungou.

Mahmood, seu criado, apareceu magicamente na porta da cozinha.

— Alguma coisa, Sr. Nigel? — Mahmood, 11 anos, estava alegre e ansioso demais, especialmente nessa hora do dia. Embling sabia que, sem ele, sua casa viraria um caos.

— Não, não Mahmood, só falava comigo mesmo.

— Oh, isso não é bom, senhor, não é nada bom. Perturbado, isso é o que as pessoas podem pensar. Por favor, se fizer isso, deixe sua fala para quando estiver em casa, sim?

— Sim, está bem. Volte para seus estudos.

— Sim, Sr. Nigel.

Mahmood era órfão, sua mãe, seu pai e suas duas irmãs morreram na violência que irrompeu entre sunitas e xiitas por todo o Paquistão, depois do assassinato de Benazir Buttho. Embling praticamente adotara o garoto, dando-lhe comida, abrigo e um pequeno estipêndio e, sem que Mahmood soubesse, estabelecera um fundo que crescia regularmente e que ele herdaria quando completasse 18 anos.

Outra mesquita queimada, outro líder de facção assassinado, outro rumor de eleições fraudadas, outro funcionário do ISI, o serviço de inteligência, preso por roubar segredos de Estado. Outro chamado à calma em Peshawar. Tudo isso era uma tremenda vergonha. Não que o Paquistão jamais tivesse sido um modelo de paz, note bem, mas houvera períodos mais calmos, ainda que mesmo isso fosse uma fraude, um leve filme encobrindo o caldeirão de violência fervendo logo abaixo da superfície. Ainda assim, Embling sabia que não havia outro lugar na terra para ele, apesar de

jamais saber a razão disso. Talvez fosse reencarnação, mas fosse lá o que fosse, o Paquistão tinha se infiltrado em sua vida e agora, com 68 anos, ele estava firme e irrevogavelmente enraizado no seu lar adotivo.

Embling sabia que a maioria dos homens em sua posição estaria, e talvez com motivo, temerosa — um cristão anglo-saxão da Inglaterra, lugar de nascimento do Raj britânico, ou o “controle” britânico sobre os hindus. Na maior parte dos noventa anos transcorridos desde meados de 1850 até logo depois da Segunda Guerra Mundial, a Grã-Bretanha mantivera o controle sobre o então chamado “Subcontinente indiano” que, em vários momentos de sua história, incluía Índia, Paquistão, Bangladesh, Somália, Cingapura e Birmânia, hoje conhecida como Mianmar, apesar de Embling ainda e sempre chamá-la de Birmânia e que se dane o politicamente correto. Apesar de as lembranças do Raj já terem se esvanecido com o tempo, seu impacto nunca desaparecera completamente, e Embling podia ver e sentir isso cada vez que saía, no olhar dos velhos frequentadores do mercado e nas conversas sussurradas entre policiais que ouviam histórias de seus pais e avós. Embling não fazia nada para esconder sua herança, e, ainda que quisesse fazê-lo, não conseguiria, mesmo com seu domínio perfeito, embora com um leve sotaque, do urdu e do pashtun. Sem mencionar sua pele branca e seu 1,95m de altura. Não eram muitos os nativos com essas características.

Ainda assim, ele era na maior parte das vezes respeitado, e isso não tinha nada a ver com algum resto de deferência ao Raj, mas sim com sua própria história. Afinal, Embling estava no Paquistão há mais tempo que a maioria das pessoas que podia encontrar no mercado do Bazar Khyber em qualquer dia. *Quantos anos, exatamente?*, pensou. Descontando férias e algumas breves missões nos vizinhos do Paquistão... Digamos, quarenta e tantos anos. Tempo suficiente para que seus antigos (e às vezes também os atuais) compatriotas dissessem que ele “virou nativo”. Não que se importasse. Com todos os defeitos e todas as quase tragédias e perigos que vivera, não havia outro lugar para ele que não o Paquistão e, no fundo do seu coração, considerava um motivo de orgulho que o considerassem tão integrado que o vissem como “mais paquistanês do que britânico”.

Embling, na imatura e ingênua idade de 22 anos, fora um dos muitos recrutados do pós-guerra pelo MI6 em Oxford, tendo sido abordado pelo pai de um colega que ele pensava exercer um cargo burocrático no Ministério da Defesa, mas que de fato era do MI6 — um dos poucos, na verdade, que avisara os superiores que o infame traidor Kim Philby era um recrutamento nada estelar e que, com o tempo, ou se avacalharia completamente e colocaria vidas em perigo ou seria tentado a passar para o outro lado, o que ele fez, agindo como infiltrado para os soviéticos por muitos anos, antes de ser exposto.

Depois de sobreviver ao rigor do treinamento do MI6 em Fort Monckton na costa de Hampshire, Embling foi designado para a fronteira noroeste do Paquistão, ou NWFP (ou Pakhtunkhwa ou Sarhad, dependendo de com quem se estivesse falando),



no limite do Afeganistão, na época se transformando em um parque de diversões da KGB russa. Embling passara a maior parte de seis anos vivendo nas montanhas perto da fronteira, avançando às vezes com os senhores da guerra pashtuns, governantes da área cinza que recobria a região entre o Paquistão e o Afeganistão. Se os soviéticos tentassem se infiltrar na direção do Paquistão, muito provavelmente viriam pelas montanhas e através das terras dos pashtuns.

Fora viagens ocasionais para casa na Inglaterra, Embling passara sua carreira nos “istão” da Ásia Central — Turquistão, Casaquistão, Turcomenistão, Uzbequistão, Quirguistão e Tajiquistão —, todos os quais caíram, em vários momentos e graus, sob domínio ou pelo menos influência da União Soviética. Enquanto a CIA americana e seus compatriotas no MI6 — oficialmente conhecido como Serviço Secreto de Inteligência, ou SIS — combatiam a Guerra Fria nas ruas cheias de neblina de Berlim, Budapeste ou Praga, Embling vagava pelas montanhas com os pashtuns, comendo *quabili pulaw dampukht* (arroz com cenouras e passas) e chá preto amargo. Em 1977, sem o conhecimento de seus superiores em Londres, Embling chegara a se casar em uma tribo pashtun, tomando como esposa a filha mais nova de um senhor da guerra de menor importância, a qual perdeu dois anos depois em um ataque aéreo indiano, quando os soviéticos invadiram o Afeganistão. O corpo dela jamais fora recuperado. Muitas vezes ele se perguntava se essa era a razão pela qual ficou tanto tempo no Paquistão depois de se aposentar. Será que algum pedaço entristecido de seu coração ainda esperava descobrir Farishta ainda viva em algum lugar? Seu nome, afinal, significava “Anjo”.

*Esperança ilusória*, pensava agora Embling.

Esperança ilusória, tal como a ideia de um Paquistão estável.

A 11 mil quilômetros dali em Silver Spring, Maryland, Mary Pat Foley tinha um pensamento semelhante, bebendo algo semelhante — a xícara de café meio descafeinado requentado e salgado que ela se permitia tomar à noite —, mas sobre um tópico completamente diferente — o Emir — e duas questões que haviam afligido os serviços de inteligência dos Estados Unidos na maior parte da década: onde ele estava e como pegar o filho da mãe. Com poucas e breves exceções, e a despeito de ser o Inimigo Público Número Um para a Casa Branca, uma posição com a qual Mary Pat não concordava muito, certamente o cara precisava ser agarrado ou, melhor ainda, liquidado de uma vez e ter suas cinzas espalhadas pelos ventos. Matar o Emir, contudo, não resolveria os problemas dos Estados Unidos com o terrorismo. Havia até alguma discussão sobre o quanto, se é que havia algo, de inteligência operacional era do conhecimento do Emir. Mary Pat e seu marido, Ed, agora aposentado, tendiam a ficar do lado que achava que “nada de muito consistente” sairia disso. O Emir sabia que era caçado e, ainda que fosse um filho da puta de primeiríssima linha e assassino em massa, certamente não era estúpido para se colocar na armadilha de

uma posição operacional onde “precisava saber o que acontecia”, especialmente naqueles dias, quando os terroristas tinham percebido a beleza da compartimentalização. Se o Emir fosse um chefe de Estado de verdade, provavelmente receberia informes regulares, mas não era — pelo menos ninguém pensava assim. Estava, na melhor suposição que a CIA tinha, oculto em algum lugar do território selvagem das montanhas do Paquistão, perto da fronteira do Afeganistão. Mas esse cenário era a proverbial agulha no palheiro, não era? Ainda assim, nunca se sabe. Algum dia alguém teria sorte e o descobriria, disso ela estava certa. A questão era se o pegariam vivo ou não. Ela realmente não se importava com isso, mas a ideia de estar frente a frente com o filho da mãe e olhar na cara dele certamente tinha algum apelo.

— Olá, amor, cheguei... — anunciou Ed Foley alegremente, descendo as escadas e entrando na cozinha vestindo moletom e camiseta.

Desde que se aposentara, a movimentação de Ed Foley consistia apenas nos 10 metros e meia dúzia de degraus até seu estúdio, onde trabalhava numa obra de não ficção, a história da comunidade de inteligência dos Estados Unidos, desde a Revolução Americana até o Afeganistão. O capítulo em que trabalhava, terrivelmente bom, se ela expressasse isso a si mesma, tratava de John Honeyman, um tecelão nascido na Irlanda e talvez o espião mais obscuro de sua época. Tendo recebido do próprio George Washington a missão de se infiltrar nas fileiras dos terríveis mercenários hessianos aquartelados nas proximidades de Trenton, Honeyman, fingindo-se de negociante de gado, passava pelas linhas, levantava a ordem de batalha dos hessianos e suas posições, depois furava de volta, proporcionando a Washington a vantagem de que precisavam para ter uma vitória esmagadora. Para Ed, esse era um capítulo de sonho, sobre um pedacinho desconhecido da história. Escrever sobre Wild Bill Donovan, a Baía dos Porcos e a Cortina de Ferro era muito bom, mas havia pouco o que acrescentar no que já era história velha no gênero da espionagem não ficcional.

Ed certamente merecera várias vezes sua aposentadoria, tal como Mary Pat, mas apenas um punhado de privilegiados em Langley — incluindo Jack Ryan Senior — saberia em que grau os Foley haviam servido e o que sacrificaram por seu país. Ed, irlandês por nascimento, graduara-se na Fordham e começou sua carreira como jornalista, trabalhando como um repórter sólido, mas sem destaque, no *New York Times* antes de escorregar para o mundo de bandidos e espiões. Quanto a Mary Pat, se alguma vez uma mulher nasceu para trabalhar em serviços de inteligência, essa era ela, a neta do tutor de equitação do tsar Nicolau II e filha do coronel Vanya Borissovich Kaminsky que, em 1917, percebeu o que estava escrito nos muros e escapuliu com sua família da Rússia pouco antes da revolução que derrubaria a dinastia Romanov e custaria as vidas de Nicolau e sua família.

— Dia duro no escritório, querido? — perguntou Mary Pat ao marido.

— Exhaustivo, absolutamente exhaustivo. Tantas palavras difíceis, e um dicionário muito pequeno. — Ele se inclinou para dar um beijinho no rosto dela. — E você, como

está?

— Bem, bem.

— Meditando de novo, não é? Sobre quem estou achando que é?

Mary Pat assentiu.

— Tenho que voltar para lá hoje à noite, de fato. Talvez algo quente esteja chegando. Vou acreditar quando puder ver.

Ed franziu a testa, mas Mary Pat não soube dizer se era por sentir falta da ação ou porque estava tão cético quanto ela. Os grupos terroristas ficavam cada vez mais capacitados em inteligência, especialmente depois do 11 de Setembro.

Mary Pat e Ed Foley haviam adquirido o direito de serem levemente cínicos se isso lhes conviesse, tendo testemunhado em primeira mão o funcionamento interno da CIA e sua história tortuosa por quase trinta anos, servindo na Estação de Moscou como agentes de campo como marido e mulher, na época em que a Rússia ainda comandava a União Soviética e a KGB e seus satélites eram o único bicho-papão da CIA.

Ambos subiram na hierarquia da diretoria de operações de Langley, Ed terminando sua carreira como DCI, ou diretor central de Inteligência, enquanto Mary Pat, vice-diretora de operações, havia requerido uma transferência lateral para o NCTC — Centro Nacional de Contraterrorismo —, onde atuava também como vice-diretora. Como esperado, a central de boatos entrou em funcionamento, especulando que Mary Pat de fato havia sido rebaixada de sua posição no DDO, e que sua posição no NCTC era uma simples parada a caminho da aposentadoria. Nada podia estar mais longe da verdade, claro. O NCTC era a ponta da lança, e Mary Pat queria estar lá.

Claro que para sua decisão tinha contribuído o fato de seu antigo lar, o DO, não ser mais o que fora. Seu novo nome, Serviço Clandestino, ao mesmo tempo que irritava os dois (apesar de nenhum deles ter a ilusão de que o termo *diretoria de operações* enganava alguém, mas *Serviço Clandestino* parecia ser um tanto exibicionista para o gosto deles), eles também sabiam que se tratava apenas de mais um apelido. Infelizmente, a mudança veio mais ou menos na mesma época em que começaram a sentir que a diretoria passara a tratar menos de operações clandestinas e colheita de inteligência e mais de política. E apesar de Mary Pat e Ed terem cada um suas próprias — e muitas vezes contrárias — posições políticas, no que ambos concordavam era que política e inteligência formavam uma mistura ruim. Gente demais nos escalões superiores da CIA era simplesmente funcionário público procurando marcar pontos em seu caminho para coisas mais elevadas e melhores, algo que os Foley jamais compreenderam. Tanto quanto lhes dizia respeito, não havia serviço mais significativo do que a defesa do país, seja uniformizado no campo de batalha, seja atrás da cortina, que o chefe-espião da CIA durante a Guerra Fria, James Jesus Angleton, apelidara de “Floresta de Espelhos”. Não importa que Angleton acabasse como um paranoico delirante cuja caçada a infiltrados soviéticos tivesse

devorado Langley de dentro para fora como se fosse um câncer. No que dizia respeito a Mary Pat Foley, o apelido que Angleton dera ao mundo da espionagem era perfeito.

Por mais que ela adorasse o mundo em que trabalhava, a “Floresta” cobrava seu preço. Nos últimos meses, ela e Ed começaram a conversar sobre sua eventual aposentadoria, e, ao mesmo tempo que seu marido fora fundamentalmente discreto (e até sutil), era claro o que ele queria que ela fizesse, chegando até a deixar exemplares da *National Geographic* abertas sobre a mesa da cozinha, mostrando fotos do Fiji, ou uma reportagem sobre a Nova Zelândia, dois lugares que os dois tinham posto na lista de “algum dia”.

Nos raros momentos em que se permitiam introspecções sobre algo além do trabalho, Mary Pat se via dançando ao redor da pergunta crítica — *Qual a razão de permanecer?* — sem realmente encarar o assunto. Eles tinham dinheiro suficiente para uma boa aposentadoria, e nenhum dos dois deixaria de ter com que se ocupar. Então, se o dinheiro não era a questão, qual seria? Na verdade, era simples: o trabalho de inteligência era sua vocação, e ela sabia disso — sabia desde seu primeiro dia na CIA. Havia feito um bom trabalho no seu tempo, mas não tinha como negar que a CIA já não era mais a mesma. As pessoas eram diferentes, e suas motivações, obscurecidas pela ambição. Ninguém parecia seguir a máxima de “não pergunte o que seu país pode fazer por você”. Pior ainda, os tentáculos da política da capital abriram caminho no fundo da comunidade da inteligência, e Mary Pat temia que essa fosse uma situação sem volta.

— Quanto tempo você vai demorar? — perguntou Ed.

— Difícil saber. Meia-noite, talvez. Se passar muito, eu ligo. Não me espere acordado.

— Ouviu alguma coisa interessante sobre aquele caso de Georgetown?

— Nada muito além do que os jornais disseram. Pistoleiro solitário, levou um único tiro na cabeça.

— Escutei o telefone tocando antes...

— Duas vezes. Ed Junior ligou para dar um alô e disse que ligaria amanhã para você. E Jack Ryan. Queria saber como ia o livro. Pediu para você ligar quando tivesse uma oportunidade. Talvez você possa espremer alguns detalhes dele.

— Isso eu duvido muito.

Os dois homens escreviam espécies de recordações. Ed, uma história, e o ex-presidente Ryan, suas memórias. Os dois se compadeciam e trocavam referências pelo menos uma vez por semana.

A carreira de Jack Ryan, desde seus tempos de calouro na CIA até ele ser enfiado na presidência por uma tragédia, se entrecruzava com as de Mary Pat e Ed. Alguns momentos maravilhosos e outros simplesmente uma merda.

Ela suspeitava que os telefonemas semanais de Jack e Ed eram noventa por cento sobre histórias de guerra e apenas dez por cento relacionados aos livros. Ela não reclamava. Ambos ganharam direito de sobra para isso. Ela conhecia de cor a

carreira de Ed, mas tinha certeza de que havia porções da carreira de Jack Ryan que apenas ele e um par de outras pessoas conheciam, o que era dizer muita coisa diante do acesso que Mary tinha. *Ora, bolas*, consolou-se ela. *O que é a vida sem alguns mistérios?*

Mary Pat viu as horas, bebeu o restante do café, franziu o cenho com o gosto e se levantou para beijar Ed no rosto.

— Tenho que correr. Dê comida para o gato, sim?

— Pode deixar, querida. Dirija com calma.



Mary Pat apagou os faróis e parou ao lado da cabine da guarda e abaixou o vidro. Um sujeito de cara fechada com um anoraque azul saiu de lá. Apesar de ele ser o único guarda visível, ela sabia que havia mais meia dúzia de outros olhos fixados nela, assim como outras tantas câmaras de segurança. Tal como o restante da força de proteção do edifício, os guardas do portão eram parte da divisão interna de segurança da CIA. A simples pistola Glock 9 milímetros no cinto do sujeito tampouco iludia Mary Pat. Escondido sob o anoraque dele, a alcance fácil de suas mãos treinadas, havia um coldre lombar especialmente desenhado, contendo uma submetralhadora compacta.

O Centro Nacional de Contraterrorismo, que até 2004 era conhecido como Centro de Integração de Ameaças Terroristas e agora seus empregados o conheciam como Encruzilhada da Liberdade, estava aninhado nos subúrbios tranquilos de McLean, na parte norte de Fairfax County, na Virgínia. Construído com um monte de vidro e concreto, estava mais para o estilo James Bond que para a banalidade da CIA, algo que Mary Pat levava algum tempo para se acostumar. Mas as paredes eram resistentes a explosões, e as janelas, à prova de balas, calibradas para deter balas calibre .50. É claro que, se os bandidos chegassem tão perto dali a ponto de disparar no edifício com uma calibre .50, eles estariam com problemas muito mais sérios com que se preocupar. Contudo, apesar de a fachada do NCTC ser um tanto conspícua para seu gosto, tinha que admitir que era um lugar magnífico para onde vir todos os dias trabalhar. O restaurante do lugar também era de primeira linha, o que levava Ed até a Encruzilhada da Liberdade todas as quartas-feiras para o habitual almoço juntos.

Ela mostrou sua identificação para exame do guarda, que a estudou cuidadosamente, conferindo tanto seu rosto quanto a lista de permissão de acessos na prancheta. A noite havia descido completamente, e ela conseguia escutar o coaxar das rãs nos arbustos.

Depois de longos dez segundos, o guarda acenou para ela, desligou a lanterna e permitiu que Mary Pat passasse. Ela esperou a barreira levantar e então acelerou saindo do posto de controle em direção ao estacionamento. O procedimento de

segurança pelo qual tinha passado era o mesmo para todos os empregados do NCTC, a todas as horas, todos os dias, desde o analista de nível mais baixo até o diretor. O fato de ela ser a número dois da Encruzilhada da Liberdade não fazia a menor diferença para os guardas, que pareciam desenvolver uma espécie de amnésia para rostos, veículos e nomes segundos depois que estes atravessavam o posto de controle. Não era uma boa ideia tentar ser amistosa com eles. Eram pagos para suspeitar de todos, e levavam isso a sério. Tampouco eram conhecidos por seu senso de humor. A coisa toda lembrava um pouco a Mary Pat de um episódio de *Seinfeld*, o do “Soup Nazi”: um passo adiante, faça o pedido, avance à direita, pague, pegue sua sopa, saia. Nesse caso, era pare, mostra sua identidade, fale somente se for perguntado, espere o assentimento, avance. Desvie desse padrão e corra os riscos.

As vezes aquilo era um incômodo, especialmente naqueles dias quando ela acordava tarde e não conseguia dar sua paradinha habitual em uma Starbucks, mas Mary Pat não estava a fim de se queixar. O que eles faziam era importante, e aí do idiota que achasse o contrário. De fato, alguns cretinos tinham cometido o erro de levar na brincadeira o trabalho dos guardas — geralmente algum babaca tentando passar direto, exibir o distintivo —, e ganharam uma parada estilo policial, com armas apontadas como se fossem bandidos. Alguns chegaram até a se queixar depois do tratamento. Muitos desses não continuavam empregados na Encruzilhada da Liberdade.

Ela estacionou em sua vaga reservada, separada das demais apenas por uma insígnia de serviço no meio-fio. Mais segurança: nomes constituíam detalhes pessoais, e detalhes pessoais eram ferramentas potenciais para os bandidos. Mais uma vez, uma situação improvável, mas ali não se tratava de chances, mas sim de abrangência. Controle o que for possível, porque existe uma porrada de coisas que não se pode controlar.

Ela passou pelo saguão e se dirigiu até o coração do NCTC e seu “escritório”, o centro de operações. Enquanto o restante do Centro era cheio de móveis de madeira envernizada e carpetes de agradáveis tons de terra, o centro de operações parecia ter saído direto da série *24 horas* — assunto objeto de várias piadas por ali.

Os quase mil metros quadrados do centro de operações eram dominados por um punhado de telas do tamanho de uma parede, nas quais eram projetadas as ameaças quentes, incidentes ou dados brutos dos últimos minutos ou horas — e, devido ao fato de a missão no NCTC ser uma espécie de câmara de compensação de dados de inteligência, era mais frequente a primeira que a segunda alternativa.

Dúzias de estações de trabalho com computadores com teclados ergonômicos e múltiplos monitores de LCD tela plana ao redor, usados por analistas da CIA, do FBI e da NSA preenchiam o espaço central, e em cada extremidade estava, em posição mais elevada, um centro de observação envidraçado: um para a Divisão de Contraterrorismo do FBI e outro para o Centro de Contraterrorismo da CIA. Em qualquer dia do ano, o NCTC recebia mais de 10 mil despachos através de sua

recepção eletrônica, qualquer um dos quais podia ser uma peça de um quebra-cabeça que, se fosse deixado desmontado, poderia custar vidas americanas. A maioria das peças resultava ser trivial, mas todas eram analisadas com o mesmo cuidado.

Parte do problema era tradutor, ou a falta de. Uma boa parte dos dados que recebiam diretamente chegava em estado bruto, em árabe, farsi, pashtun ou qualquer um da meia dúzia de outros dialetos que era suficientemente diferente da língua materna para exigir um tradutor especializado, espécie difícil de encontrar por si só, muito menos alguém que passasse pelo tipo de verificação necessária para trabalhar no NCTC. Acrescente a isso o brutal volume de tráfego que o centro de operações recebia e aí estava a receita para uma sobrecarga de dados. Eles tinham desenvolvido um programa que colocava as interceptações em escaninhos categorizados, de modo que coisas de alta prioridade eram revisadas na frente, mas isso era mais arte que ciência e muitas vezes descobriam pepitas importantes apenas depois que o sistema já as havia filtrado, perdendo relevância e contexto no meio do caminho.

O problema da tradução era apenas um lado da mesma moeda, acreditava Mary Pat. Por ter vindo da área de coleta da CIA, ela sabia que possuir recursos humanos era o que realmente fazia o mundo da inteligência girar, e desenvolver esses recursos em países árabes tinha se revelado um osso duro de roer. A triste verdade era que na década que antecedeu o Onze de Setembro, a CIA havia deixado o recrutamento de agentes cair de sua lista de prioridades. A coleta técnica — satélites, interceptações de rádio e mineração de dados — era fácil e sexy, e podia, dentro de certos parâmetros, produzir bons resultados, mas os veteranos como Mary Pat há muito aprenderam que a maioria das batalhas na área da inteligência era vencida e perdida dependendo da força da inteligência humana, ou seja, dos agentes e dos supervisores responsáveis por casos que as controlavam.

A safra de supervisores em Langley tinha crescido em relativos saltos nos últimos sete anos, mas havia ainda um longo caminho a percorrer, especialmente em países como o Afeganistão e o Paquistão, nos quais religião, antigas rivalidades e política cruel transformavam o recrutamento de agentes confiáveis numa tarefa difícil.

Ainda que fosse visualmente impressionante como era — até mesmo para uma veterana como Mary Pat —, ela sabia que o verdadeiro triunfo do lugar era um bem intangível que se perderia para o observador casual: cooperação. Durante décadas, o peso que atrapalhava a comunidade de inteligência dos Estados Unidos era que, na melhor das hipóteses, havia uma débil polinização cruzada dos dados e, na pior, uma guerra interna aberta, principalmente entre as duas agências que tinham a missão de manter o país a salvo de ataques terroristas. Mas, como os comentaristas da televisão e os políticos da capital já haviam assinalado *ad nauseam*, os acontecimentos do 11 de Setembro mudaram tudo, incluindo o modo como a comunidade de inteligência dos Estados Unidos tratava a tarefa de manter o país a salvo. Para Mary Pat e muitos dos profissionais da inteligência, o 11 de Setembro não tinha sido tanto uma surpresa, e sim uma triste confirmação do que havia muito suspeitavam: o governo dos Estados



Unidos não levava devidamente a sério a ameaça do terrorismo, e não apenas nos poucos anos anteriores ao 11 de Setembro, mas talvez desde que os soviéticos invadiram o Afeganistão, em 1979, quando o Talibã e os mujahedin — então aliados convenientes, mas ideologicamente incompatíveis — mostraram o que combatentes determinados, mas deploravelmente inferiores em número e armamento, podiam conseguir contra uma das duas únicas superpotências do planeta. Para muitos — inclusive para os Foley e para Jack Ryan —, a guerra no Afeganistão tinha sido uma espécie de trailer de um filme que tinham que fosse exibido contra o Ocidente quando os mujahedin liquidassem os soviéticos. Embora a aliança entre a CIA e os mujahedin tivesse sido efetiva, o relacionamento era tênue, na melhor das hipóteses, sempre obscurecido pela fissura entre a cultura ocidental e a lei da sharia, pelo fundamentalismo islâmico radical e o cristianismo. A questão, nascida com o provérbio árabe “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”, se transformou em “quando a amizade vai terminar?”. Para Mary Pat, a resposta fora simples: no momento em que o último soldado soviético deixasse o solo afegão. E, dependendo de quem escrevesse a história, ela havia sido terrivelmente precisa em seu palpite, ou quase. De qualquer maneira, por volta de meados dos anos 1980, o Talibã, os mujahedin e até mesmo o CRO do Emir viraram seu olhar desdenhoso, e agora testado em combate, para o Ocidente.

*O que passou, passou*, pensou Mary Pat, olhando do parapeito do balcão no centro de operações. Fosse qual fosse a tragédia que os levara até ali, a comunidade de inteligência dos Estados Unidos estava mais no jogo do que jamais esteve desde o começo da Guerra Fria, e o NCTC tinha a maior parte do crédito por isso. Nele trabalhavam analistas provenientes de virtualmente todos os ramos do mundo da inteligência, que sentavam lado a lado sete dias por semana, 24 horas por dia, e a cooperação agora era a regra, não mais a exceção.

Ela desceu as escadas e seguiu pelas fileiras de estações de trabalho, acenando para colegas enquanto passava, até chegar ao Centro de Contraterrorismo da CIA. Esperando por ela lá dentro estavam dois homens e uma mulher: seu chefe e diretor do NCTC, Ben Margolin, a chefe de operações, Janet Cummings, e John Turnbull, cabeça da Estação Acre, a força-tarefa conjunta dedicada a descobrir, capturar ou eliminar o Emir e a liderança do CRO. O rosto franzido de Turnbull informou a Mary Pat que as coisas não estavam exatamente um mar de rosas na Estação Acre.

— Estou atrasada? — perguntou Mary Pat, e se sentou. Do outro lado da parede de vidro, a equipe do centro de operações prosseguia silenciosamente com suas tarefas. Como teoricamente todas as salas de conferência da Encruzilhada da Liberdade, o Centro de Contraterrorismo era um tanque eletromagnético, isolado de praticamente todas as emissões eletromagnéticas, tanto as que entravam quanto as que saíam, salvo correntes de dados criptografados.

— Não, nós é que estamos adiantados — disse Margolin. — O pacote está descendo.

— E?

— Nós o perdemos — resmungou Turnbull.

— E ele esteve por lá mesmo?

— Difícil dizer — comentou a chefe de operações Janet Cummings. — Temos produtos capturados no assalto, mas o quão bom ainda não sabemos. Alguém esteve lá, provavelmente importante, mas além disso...

— Nove mortos — disse Turnbull.

— Prisioneiros?

— Começaram com dois, mas durante a saída a equipe foi emboscada e perderam um; perderam o segundo quando sua área de embarque foi atingida por um RPG. Perdemos também alguns Rangers.

— Que merda.

*Que merda, mesmo*, pensou Mary Pat. Os Rangers, é claro, estariam de luto pela perda de um deles, mas esses sujeitos eram os melhores dos melhores, de modo que assumiam o risco simplesmente como parte do trabalho. Eram profissionais completos, mas, enquanto trabalhadores civis poderiam saber como desentupir um cano, fazer a instalação elétrica de uma casa ou construir um arranha-céu, os Rangers se especializavam em algo completamente diferente: matar inimigos.

— O líder da equipe — Cummings parou para olhar sua pasta —, o sargento Driscoll, foi ferido, mas sobreviveu. Segundo o relatório pós-ação de Driscoll, o prisioneiro se levantou durante um tiroteio. De propósito.

— Jesus — murmurou Mary Pat. Eles haviam visto isso antes com soldados da CRO, que preferiam morrer a ser capturados. Se isso vinha do orgulho ou do desejo de não falar durante o interrogatório, era um ponto de discussões acaloradas nas comunidades de inteligência e dos militares.

— O segundo tentou escapar quando o helicóptero desceu. Eles o abateram.

— Bem, não foi exatamente um poço seco — disse Turnbull —, mas não é o resultado que esperávamos.

O problema não havia sido a transmissão de rádio, disso Mary Pat tinha certeza. Ela lera tanto os dados brutos quanto as análises. Alguém andara realizando transmissões daquela caverna usando pacotes de código de palavras abertas da CRO. Uma das palavras — *Lótus* — era algo que tinham visto antes, tanto nos interrogatórios de agentes feitos por supervisores quanto nas interceptações do Driftnet da NSA, mas o que significava ninguém, até então, havia conseguido determinar.

Há muito eles suspeitavam que o CRO tinha adotado medidas da velha guarda para suas comunicações criptografadas, empregando tabelas de permutação, que são essencialmente um protocolo ponto a ponto no qual apenas o remetente e o receptor têm a tabela exigida para decifrar a mensagem. O sistema é antigo, datando da época do Império Romano, mas é confiável e, desde que as tabelas sejam completamente randomizadas, é quase impossível de ser quebrado, a menos que se consiga colocar as mãos em uma delas. Numa terça-feira, digamos, o Inimigo A envia uma série de

palavras-chaves — *cão, repolho, cadeira* — para o Inimigo B, o qual, usando sua própria tabela, converteria as palavras em seus valores alfanuméricos, de modo que *cão* se traduziria nos números 4, 15 e 7, que por sua vez se traduziriam em outras tantas palavras. Equipes de forças especiais no Afeganistão capturaram certo número de tabelas em assaltos, mas nenhuma era de uso atual, e até então nem a CIA nem a NSA tinham sido capazes de inferir um padrão do qual pudessem deduzir uma chave.

Mas o sistema tinha seus problemas. Primeiro, era incômodo. Para funcionar corretamente, transmissores e receptores precisavam usar as mesmas tabelas físicas, trocando para uma nova nos mesmos intervalos, quanto mais frequentemente melhor, o que por sua vez exigia que correios se movimentassem entre o Inimigo A e o Inimigo B. Enquanto a CIA tinha a Estação Acre dedicada à caçada do Emir, o FBI tinha um grupo de trabalho chamado Peixe-palhaço, dedicado à interceptação dos correios do CRO.

A grande questão, sabia Mary Pat, era: o que havia provocado seja lá quem estivesse vivendo naquela caverna a dar no pé pouco antes de a equipe descer por lá? Pura coincidência ou algo mais? Ela duvidava de que se tratasse de erro humano; os Rangers eram bons demais para isso. De fato, ela lera mais cedo o relatório pós-ação, e além da perna quebrada do chefe da equipe, a operação tinha saído cara: dois mortos e dois feridos. E tudo isso por um poço vazio.

Esquecendo as coincidências, o culpado mais provável era o boca a boca. Raro era o dia em que um helicóptero levantasse voo de uma das bases no Paquistão ou no Afeganistão sem que um soldado ou simpatizante do CRO não anotasse e desse um telefonema, um problema que fora parcialmente solucionado pelas equipes de forças especiais fazendo voos curtos e aleatórios pelo interior nas horas e dias que antecediam uma operação, assim como usar pontos desviados do caminho do alvo, as duas medidas ajudando a evitar a previsão correta dos observadores. Mas o terreno acidentado e implacável, assim como o tempo, fazia com que certas rotas se tornassem intransponíveis. Tal como havia aprendido o exército de Alexandre, o Grande, e os soviéticos mais tarde, a geografia da Ásia Central era um inimigo por si só. *E um inimigo inconquistável*, pensou Mary Pat. Você ou aprendia a sobreviver ou se virar por ali, ou perecia. Ora, tanto Napoleão quanto Hitler aprenderam essa lição — não obstante, tardiamente —, cada um durante uma atrevida e mal-aconselhada invasão à Rússia durante o inverno. Claro, os dois estavam certos de uma rápida vitória, alcançada bem antes de a neve começar a cair. E, caramba, na Rússia o terreno era fácil e plano. Mas acrescentem montanhas na mistura... Bem, aí está a Ásia Central.

Um mensageiro apareceu na porta de vidro, digitou o código de acesso e entrou. Sem dizer nada, deixou uma pilha com quatro pastas com faixas vermelhas e uma pasta-acordeão diante de Margolin e depois saiu. Margolin distribuiu as pastas e nos 15 minutos seguintes o grupo leu em silêncio.

Finalmente Mary Pat disse:

— Um caixão de areia? Que diabos.

— Seria ótimo se o tivessem trazido com eles — disse Turnbull.

— Olhe o tamanho — disse Cummings. — Não havia como tirar isso de lá a pé. Não sem prejudicar a equipe. Fizeram a coisa certa, acho.

— Sim, suponho que sim — murmurou o chefe da Estação Acre, sem muito convencimento.

Turnbull estava sob uma pressão inacreditável. Enquanto a versão oficial era de que o Emir não estava no topo da lista dos Mais Procurados dos Estados Unidos, ele de fato estava. Mesmo sendo improvável que sua captura virasse a maré da guerra contra o terrorismo, tê-lo solto lá fora era no mínimo embaraçoso. Na pior das hipóteses, perigoso. John Turnbull caçava o Emir desde 2003, primeiro como vice da Estação Acre, depois como chefe.

Mesmo sendo bom em seu trabalho, Turnbull, como muitos oficiais que seguiam carreira na CIA, sofria do que Mary Pat e Ed chamavam de “desconexão operacional”. Ele simplesmente não tinha ideia de como era, de como se desenvolvia uma operação no terreno, e essa desconexão gerava um monte de problemas, que geralmente caía em uma única categoria: expectativas irreais. Ao planejar uma operação, espera-se demais, seja das pessoas que a conduzem, seja do alcance da missão. A maior parte das operações não leva a gols, são trocas de passe que, devagar e firmemente, avançam pelo campo até chegar ao objetivo. Como o agente literário de Ed uma vez lhe dissera: “Levam-se dez anos para ser um sucesso da noite para o dia.” A mesma coisa era o que geralmente acontecia com operações secretas. Algumas vezes o trabalho de inteligência, preparação e boa sorte se combinam do jeito certo na hora certa, mas na maioria das vezes as coisas acontecem fora de sincronia, o suficiente para fazer a bola sair do campo. *E às vezes, ela lembrou a si mesma enquanto continuava examinando o relatório, não se sabe que se fez um gol até bem depois de ele acontecer.*

— Estão vendo essa história do Corão que acharam por lá? — perguntou Cummings ao grupo. — Não há como aquilo pertencer a alguém que estava naquela caverna.

Ninguém respondeu; não havia necessidade. Ela estava certa, é claro, mas a não ser que houvesse alguma inscrição e um “endereço de devolução” na capa, um Corão antigo não ia ser de grande serventia para eles.

— Percebo que tiraram muitas fotografias — disse Mary Pat. Os Rangers tinham meticulosamente fotografado todos os rostos dos membros do CRO na caverna. Se algum deles tivesse sido capturado ou identificado no passado, os computadores cuspiriam os detalhes. — E amostras do caixão. Esse Driscoll é um sujeito esperto. Onde estão as amostras, Ben?

— Parece que perderam a viagem do helicóptero no Centcom Cabul. Chegarão amanhã de manhã.

Mary Pat se perguntou o que essas amostras revelariam, se é que haveria algo. Os

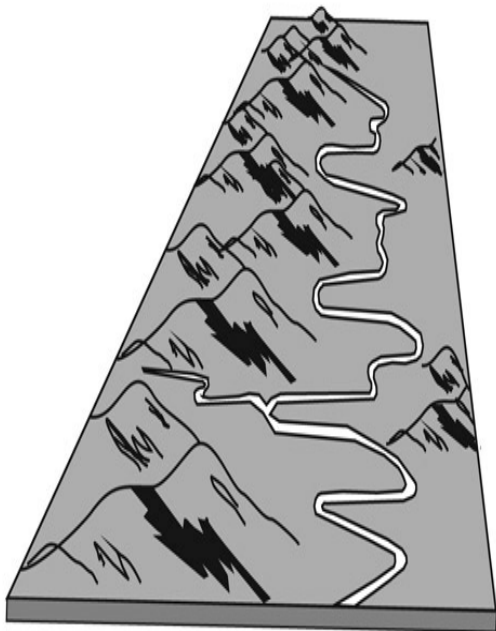
sábios do laboratório de Ciência e Tecnologia de Langley faziam milagres, assim como os laboratórios do FBI em Quantico, mas não havia como saber quanto tempo aquelas coisas estiveram na caverna nem nenhuma garantia de que a mostra revelaria traços particulares. Um jogo de dados.

— As fotos já temos aqui — disse Margolin.

Ele pegou um controle remoto da mesa e apontou para uma tela plana de 42 polegadas na parede. Um momento depois, uma grade de oito por dez imagens em miniaturas aparecia no monitor. Cada uma tinha a anotação da data e a marca da hora. Margolin apertou um botão no controle remoto e ampliou a primeira foto, que mostrava o caixão de areia de uma distância aproximada de 1 metro.

Mary Pat logo percebeu que seja lá quem tivesse tirado as fotos havia feito um bom serviço, fotografando o caixão de areia do macro ao micro, usando um pedaço de fita métrica para dar a escala de cada foto. Apesar de estarem numa caverna, tinham prestado atenção na iluminação também, o que fazia uma grande diferença. Das 215 fotos que Driscoll e sua equipe tiraram, 190 eram variações de um tema — a mesma visão, mas em detalhe ou de um ângulo diferente —, e Mary Pat se perguntou se aquilo era suficiente para que Langley criasse uma versão em 3-D da coisa. Algo a ser tentado. Se animar aquela droga faria diferença ou não, ela não tinha a menor ideia, mas é melhor tentar e fracassar que lamentar não ter tentado. Alguém do CRO havia se dado o grande trabalho de fazer essa coisa, e seria ótimo descobrir a razão. Não se faz a droga de um caixão de areia só por ter vontade.

## O CAIXÃO DE AREIA



Segundo o relatório, as 25 fotos restantes eram repetição de três pontos separados no caixão de areia, todas exibindo algum tipo de marca. Mary Pat pediu a Margolin que as transferisse para o monitor, o que ele fez, mostrando-as como slideshow. Quando terminou, Mary Pat disse:

— As duas da frente parecem marcas do fabricante. Driscoll disse que a base era de compensado. Pode ser que, usando as marcas, consigamos levantar mais alguma coisa. A outra marca, atrás... Me corrija se estiver errada, mas parece escrita à mão.

— Concordo — falou Margolin. — Vamos soltar os tradutores em cima disso.

— E que tal a pergunta de 1 milhão de dólares? — disse Cummings. — Por que fazer esse caixão de areia, e o que supostamente ele representa?

— O lugar de férias do Emir, espero — respondeu Turnbull.

Todos riram.

— Se querer fosse poder... — ruminou Margolin. — Mary Pat, posso ver as engrenagens da sua cabeça se mexendo. Alguma ideia?

— Talvez. Se aparecer algo, conto a você.

— E os documentos na caixa de munição? — perguntou Turnbull.

— A estimativa dos tradutores é de amanhã à tarde — disse Margolin. Ele abriu a pasta-acordeão, tirou um mapa da caverna e o estendeu sobre a mesa. Todos se levantaram e se inclinaram sobre o mapa.

Cummings leu a legenda:

— Agência de Mapeamento de Defesa... 1982?

— Presente deixado pelos conselheiros da CIA — disse Mary Pat. — Eles queriam que os mujahedin tivessem mapas, mas não os melhores.

Margolin virou o mapa, exibindo o lado de Peshawar do Baedeker.

— Há algumas marcas aqui — disse Mary Pat, batendo no mapa e se inclinando mais. — Pontos. Marcas de esferográficas.

Todos escarafuncharam o mapa e logo descobriram nove marcas, cada uma formada por um agrupamento de três ou quatro pontos.

— Quem tem uma faca? — perguntou Mary Pat. Turnbull entregou a ela um canivete, e ela abriu a fita protetora nos quatro lados, depois virou o Baedeker novamente. — Aí está... — murmurou.

Inscrita no canto superior direito, com não mais que meio centímetro de comprimento, havia uma seta apontando para cima seguida de três pontos, e uma seta apontando para baixo, seguida de quatro pontos.

— A legenda — sussurrou Margolin.



Começou no Departamento de Justiça. Encaminhado pelo Pentágono, era o relatório escrito pelo primeiro-sargento Driscoll sobre o assalto à caverna no Hindu Kush. O relatório — de apenas três páginas, escrito com simplicidade — detalhava o que Driscoll e seus homens fizeram. O que chamou a atenção do advogado que revisou o relatório foi o número de mortos. Driscoll relatava ter matado nove ou mais combatentes afegãos, quatro deles com pistola com silenciador à queima-roupa. Tiros diretos na cabeça, foi o que o advogado leu, o que fez seu sangue esfriar um pouco. Era a coisa mais próxima de uma confissão de assassinato a sangue-frio que já lera. Ele havia lido uma boa quantidade de confissões desse tipo, mas jamais escritas de forma tão direta. Esse tal de Driscoll tinha violado algumas leis de guerra ou coisa assim, pensou o advogado. Não era uma ação no campo de batalha, nem mesmo o relato de um atirador de elite eliminando pessoas a 100 metros de distância quando essas colocavam a cabeça para fora como patinhos no estande de parque de diversão. Ele liquidara os “bandidos” (assim os chamava) enquanto dormiam. Dormiam. Totalmente inofensivos, pensou o advogado, e ele os matara sem nem um momento de hesitação e relatava a coisa de modo direto, como se estivesse contando que tinha aparado o gramado de sua casa.

Era chocante. Ele os havia pegado “de calças arriadas”, como se diz vulgarmente. Não tinham como resistir. Nem mesmo sabiam que suas vidas corriam perigo, mas o tal de Driscoll pegara sua pistola e os despachara como se esmagasse insetos. Porém não se tratava de insetos. Eram seres humanos, que, sob o direito internacional, deviam ser capturados e feito prisioneiros de guerra protegidos pela Convenção de Genebra. Mas o primeiro-sargento os matara, sem qualquer piedade. Pior ainda, o casca-grossa aparentemente nem pensara que os homens que matara podiam ser fonte de informações. Decidiu, aparentemente de modo arbitrário, que esses nove homens não valiam nada, nem como seres humanos nem como fontes.

O advogado era jovem, ainda não havia chegado aos 30 anos. Tinha se formado em Yale em primeiro lugar de sua turma antes de aceitar uma oferta para trabalhar em Washington. Quase fora assistente de um juiz da Suprema Corte, mas perdeu o lugar para um caipira da Universidade de Michigan. De qualquer maneira, não teria



gostado daquilo. A nova Suprema Corte, que não mudaria nos próximos cinco anos ou mais, estava cheia de “construcionistas estritos”, conservadores que adoravam a letra da lei como se fosse o Zeus da Antiguidade. Como os batistas sulistas que pregavam nos púlpitos do interior nas manhãs de domingo, e que ele via apenas de passagem enquanto zapeava através dos canais de programas matinais de entrevistas.

### *Droga.*

Releu o relatório e mais uma vez ficou chocado pelos fatos crus descritos numa linguagem de aluno do ensino fundamental. Um soldado do Exército dos Estados Unidos tinha assassinado sem piedade e sem respeito ao direito internacional. E depois escreveu um relatório sobre o acontecido, delineando o processo em termos fortes.

O relatório chegou à sua mesa proveniente de um amigo e colega de classe que trabalhava no escritório do secretário de Defesa, com uma anotação dizendo que ninguém no Pentágono tinha dado muita atenção, mas que ele, o outro advogado, o havia considerado chocante. O novo secretário de Defesa tinha sido capturado pela burocracia inchada do outro lado do rio. Ainda que ele mesmo fosse um advogado, passava muito tempo com o pessoal de uniforme. Não ficara alarmado com o relatório sangrento, e isso apesar de o atual presidente ter publicado diretivas sobre o uso da força, mesmo no campo de batalha.

Bem, ele cuidaria disso. Escreveu seu próprio resumo do caso, com uma nota furiosa que iria para seu chefe de seção, um graduado por Harvard com acesso ao presidente — bem, poderia ter acesso, pois seu pai era um de seus mais importantes partidários políticos.

O primeiro-sargento Driscoll era um assassino, pensou o advogado. Ah, no tribunal o júri poderia se apiedar dele, pontuando se tratar de um soldado no que era um campo de batalha, ou algo parecido com isso. Não era uma guerra de verdade, como sabia o advogado, tendo em vista que o Congresso não a declarara, mas era comumente assim considerada, e o advogado de Driscoll certamente assinalaria a questão, e o júri do Tribunal Federal Distrital — que seria selecionado pela defesa por sua equanimidade para com os soldados — teria piedade do assassino por causa disso. Era uma tática padrão de defesa, mas mesmo assim o assassino seria duramente criticado. Mesmo se inocentado (o que era provável, diante da composição do júri na qual o advogado de defesa dedicaria muito esforço, o que não era uma tarefa difícil na Carolina do Norte), ele aprenderia uma lição, e essa lição seria aprendida por mais um grupo de soldados que certamente prefeririam disparar armas numa colina a ficar sentados em um tribunal.

Que diabos, isso mandaria uma mensagem, e era uma mensagem que precisava ser enviada. Dentre as muitas coisas que distinguia os Estados Unidos de uma república de bananas estava a firme obediência dos militares aos seus líderes civis. Sem isso, os Estados Unidos não eram melhores que Cuba ou que a droga da Uganda sob Idi Amin. O alcance do crime de Driscoll, que ele admitia ser pequeno, não vinha

ao caso. Essas pessoas tinham que saber a quem obedeciam.

O advogado rascunhou seu parecer sobre o documento e o mandou por e-mail para seu chefe de seção com um mecanismo de recibo permitido pela rede interna de computadores. Esse tal de Driscoll tinha que ser reprimido, e ele era o homem que faria isso. O jovem advogado estava certo disso. Muito bem, ótimo, eles estavam atrás do Emir, mas não o tinham agarrado, e havia um preço para o fracasso no mundo real.

Depois de uma viagem de cinco horas de carro, ele embarcou em um voo em Caracas para Dallas e conexões. A mala de mão de Shasif Hadi tinha um laptop cuja veracidade fora devidamente verificada no portão de embarque. Também foram inspecionados os nove CD-ROM da bagagem para que ele jogasse enquanto voavam sobre o oceano. Menos um. Mesmo que esse fosse examinado, o que apareceria era bobagem, dados robustamente criptografados na linguagem C++ que não fariam nenhum sentido. Mesmo que a vigilância aeroportuária tivesse programadores ou hackers nas equipes dos pontos de vigilância, não haveria como distinguir aquilo de um jogo normal para computadores. Não lhe disseram nada sobre o conteúdo e ele simplesmente recebeu o lugar de encontro em Los Angeles, onde o entregaria a alguém que identificaria apenas pela troca de frases de reconhecimento cuidadosamente codificadas.

Uma vez feito isso, ele passaria alguns dias na Califórnia para manter as aparências, depois voaria para Toronto e dali de volta para sua base semipermanente para esperar outra tarefa. Era o correio perfeito. Não sabia realmente nada de valor e, portanto, não poderia trair nada de importante.

Shasif queria desesperadamente se envolver mais diretamente com a causa, e comunicar esse desejo a seu contato em Paris. Ele tinha sido leal, era capaz e estava disposto a entregar a vida se necessário. Reconhecidamente, só tinha um treinamento militar rudimentar, mas havia mais coisas nessa guerra além de puxar um gatilho, não é? Sentiu uma pontada de culpa. Se Alá, em toda sua sabedoria, achasse conveniente pedir mais dele, obedeceria com alegria. Do mesmo modo, se seu destino fosse desempenhar apenas esse pequeno papel, também deveria aceitar isso. Independentemente do desejo de Alá, ele obedeceria.

Passou pela inspeção sem problemas além da revista suplementar que a maioria dos homens com aparência árabe sofria nesses dias, e seguiu para o portão de embarque. Vinte minutos mais tarde estava a bordo do avião, com o cinto afivelado.

Seu tempo total de viagem seria de apenas 12 horas, e isso incluía a viagem de automóvel até seu aeroporto de origem. Assim, Shasif se sentou no último assento da primeira classe do lado direito do Airbus, distraidamente jogando no computador e pensando no filme que iria passar na minitela a que tinha direito por conta do preço da passagem. Mas ele já estava alcançando o seu recorde pessoal no jogo e por

enquanto dispensou o filme. Sabia que uma taça de vinho ajudava a conseguir mais pontos. Devia relaxar o suficiente para acalmar as mãos sobre o *touchpad* do laptop...



O chefe de gabinete Wesley McMullen se apressou pelo saguão, recebeu um aceno da secretária e empurrou a porta para entrar no Salão Oval. Estava atrasado, não mais que um minuto, mas o presidente insistia na pontualidade. O grupo já estava reunido, com Kealty na cadeira de honra na cabeceira da mesa de café e Ann Reynolds e Scott Kilborn sentados nas poltronas de cada lado. McMullen se sentou na cadeira em frente ao presidente.

— O carro não pegou hoje de manhã, Wes? — brincou Kealty. O sorriso parecia autêntico, mas McMullen conhecia seu chefe o suficiente para perceber o aviso.

— Minhas desculpas, senhor presidente. — Tal como todos os dias, salvo os domingos, McMullen estava no escritório desde as cinco da manhã. Nos domingos ele trabalhava meio expediente, das nove às três da tarde. Assim era a vida na administração Kealty e na atmosfera rarefeita do poder executivo.

Era terça-feira, dia do encontro bissemanal de Kealty com o diretor central de Inteligência, Scott Kilborn. Ao contrário de seu antecessor, Kealty não tinha a mão na massa no que diz respeito à inteligência, confiando em Kilborn para mantê-lo informado.

Kilborn, que apoiava Kealty desde os dias do atual presidente no Senado, havia deixado seu posto de chefe do departamento de ciência política de Harvard para trabalhar como assessor internacional de Kealty antes de ser nomeado para a vaga em Langley. Kilborn era suficientemente competente, McMullen sabia, mas o DCI estava ultracompendando a plataforma de política externa da administração anterior, que tanto ele quanto Kealty declararam ser mal-encaminhada e contraproducente. McMullen concordava, pelo menos marginalmente, mas Kilborn tinha girado muito o pêndulo na direção oposta, recuando de algumas iniciativas operacionais da CIA no exterior que finalmente começavam a gerar frutos, algo que McMullen sabia ter enfurecido o Serviço Clandestino. Supervisores de casos que viviam no exterior, longe de suas famílias, às vezes por seis a oito meses, e que arriscavam as vidas em lugares onde um rosto branco era o equivalente a ser o centro do alvo recentemente receberam o recado: “Obrigado por seu trabalho duro, mas decidimos seguir em outra direção.” O rumor era de que nos próximos meses Langley veria um êxodo dos supervisores em

idade de aposentadoria ou próximo disso, que apresentariam seus pedidos de afastamento. Se assim fosse, o Serviço Clandestino retrocederia em uma década.

Pior ainda, com a aprovação tácita de Kealty, Kilborn frequentemente interferia na área do Departamento de Estado e pegava para si questões que estariam na área supostamente cinzenta entre a diplomacia e a inteligência.

Por sua vez, Ann Reynolds, assessora de Segurança Nacional de Kealty, era esperta também, mas dolorosamente inexperiente. Pinçada por Kealty na Câmara de Deputados durante seu primeiro mandato, Reynolds tinha pouca experiência em assuntos de segurança, salvo como membro novato do Comitê de Inteligência da Câmara. Ela era, como Kealty falara a McMullen na época da decisão, “uma necessidade demográfica”. Ele maldissera muito sua adversária na indicação dos Democratas, a governadora de Vermont, Claire Raines, ganhando o partido, mas perdendo uma boa parte de sua base feminina no processo. Se quisesse ter alguma esperança de conseguir o segundo mandato, precisava conquistar essa área de volta.

Reynolds falava bem e tinha uma mente acadêmica aguçada, disso não havia dúvidas, mas, depois de quase um ano no cargo, ela ainda estava longe, muito longe, e no lado errado da curva de aprendizagem e da compreensão, suspeitava McMullen, de que o mundo real e o mundo dos livros acadêmicos tinham pouco em comum.

*E quanto a você, Wes, meu velho?*, pensou. Negro, menos de 30 anos, advogado formado em Yale com uma meia dúzia de anos de trabalho em uma usina de ideias semigovernamental no currículo. Ele não tinha dúvidas de que os especialistas na mídia e os fofoqueiros diziam a mesma coisa a seu respeito: que era uma escolha em função da ação afirmativa em um lugar fundo demais para ele, o que era parcialmente verdade, pelo menos na última parte. Ainda não dava pé, mas ele estava aprendendo rapidamente a nadar. O problema era que, quanto melhor era sua braçada, mais suja a piscina parecia ficar. Kealty era um sujeito decente, mas estava preocupado demais com o cenário completo — com sua “visão” do país e seu lugar no mundo — e menos focado em “como” fazer isso acontecer. Pior ainda, estava tão preocupado em reverter a direção estabelecida por seu predecessor que ele, também, tal como Kilborn, fazia o pêndulo pender exageradamente para a outra direção, leniente demais em sua posição contra os inimigos e indulgente com os aliados que deixavam de cumprir seus compromissos. Entretanto, a economia se aquecia novamente, e assim cresciam também os índices de aprovação do presidente. Kealty achava que isso era um sinal de que Deus estava no paraíso e estava tudo bem com o mundo aqui embaixo.

*E por que você fica*, perguntou-se pela enésima vez, *agora que já viu como são as novas roupas do imperador?* Ele não tinha resposta para essa pergunta, e isso o preocupava.

— Muito bem, Scott, o que está acontecendo hoje no mundo? — disse Kealty, começando a reunião.

— Iraque — começou Kilborn. — O Centcom apresentou o plano final de retirada

de nossas forças. Trinta por cento nos primeiros 120 dias, depois dez por cento a cada período de sessenta dias seguintes até chegarmos à posição de presença apenas nominal.

Kealty assentiu pensativamente. Perguntou:

— E as Forças de Segurança do Iraque? — O treinamento e o equipamento do novo Exército iraquiano progredira aos arrancos nos últimos oito meses, provocando um debate no Congresso sobre quando, ou mesmo se em algum momento, as FSI estariam prontas para assumir completamente. O problema não era de habilidade, e mais de coesão e unidade. A maioria dos soldados das FSI absorvia bem o treinamento, mas, como a maioria das nações árabes, o Iraque era pouco mais que um agrupamento de seitas e famílias extensas, tanto seculares como religiosas. O conceito de nacionalismo vinha num longínquo segundo lugar depois das lealdades tribais ou da afiliação sunita ou xiita. Por algum tempo, o Centcom tinha brincado com a ideia de organizar unidades e comandos baseados em tais afinidades familiares e religiosas, no entanto o plano fora rapidamente abandonado quando os analistas perceberam que os Estados Unidos estariam criando nada menos que gangues bem-armadas que já estavam predispostas à guerra civil. A questão era: seria possível que membros de clãs ou seitas rivais convivessem lado a lado e lutassem pelo bem maior do seu país?

O tempo, considerou McMullen, seria o juiz da questão.

O fato de ser Kilborn a dar o plano de retirada a Kealty, em vez do chefe do Estado-Maior Conjunto, o almirante Stephen Netters, informou a McMullen que o presidente já havia decidido sobre a retirada do Iraque. Na reunião da última quinta-feira, Netters argumentou contra o ritmo ambicioso da retirada, citando os relatórios universalmente desalentadores sobre a preparação das FSI vindos dos comandantes de brigadas do Exército. As FSI certamente ainda não estavam prontas, e certamente não o estariam dentro de três meses, quando as primeiras forças americanas se programavam para a retirada.

Por sua vez, Kealty precisava fazer isso, e McMullen sabia, pois o presidente tinha centrado muito de sua campanha na redução de tropas. Se Netters estava certo ou errado era algo irrelevante para Kealty, que já ordenara a retirada das tropas a seu chefe do Estado-Maior e que colocasse a coisa para funcionar.

— Existe discussão entre os comandantes da brigada e da divisão sobre os dados da preparação, mas os dados aparentemente sustentam nosso plano. Quatro meses não é um tempo longo, mas a retirada inicial será escalada durante três meses, de modo que serão sete meses até que as FSI comecem a sentir realmente pressão.

*Besteira*, pensou McMullen.

— Ótimo, ótimo — disse Kealty. — Ann, pegue essa minuta de Scott e passe pelo Conselho de Segurança Nacional. Se eles não acharem problemas, avançamos. O próximo, Scott.

— Brasil. Há indicações de que o plano deles de expansão da infraestrutura de

refinarias é mais ambicioso que o que projetamos.

— O que significa? — perguntou Kealty.

Reynolds respondeu:

— O campo de Tupi é mais rico do que eles pensavam ou do que anunciaram.

Pelo menos na aparência, o potencial crescente da bacia de Santos tinha sido uma surpresa tanto para o Brasil quanto para os Estados Unidos. Não se ouviu um pio sobre o assunto até o comunicado de imprensa da Petrobras, e esse não era o tipo da notícia que se podia manter em segredo por muito tempo.

— Filhos da puta — resmungou Kealty. Logo depois de vencer as eleições e até mesmo antes de tomar posse, Kealty tinha mandado seu futuro secretário de Estado procurar o governo brasileiro. Juntamente com a retirada dos Estados Unidos do Iraque, a redução do preço da gasolina havia sido um dos pilares da campanha de Kealty. O acordo de importação de petróleo do Brasil, que entraria em vigor no final do mês, contribuiria muito para cumprir a promessa. O problema era que o governo brasileiro, até então amistoso, tinha agora em mãos uma alavanca de considerável força. A questão que ninguém parecia ser capaz de responder era se Brasília continuaria benevolente ou se partiria para o caminho da Arábia Saudita: uma das mãos estendida em amizade e outra segurando uma adaga.

— Não sabemos para que lado as coisas caminham por lá, senhor presidente — disse McMullen, tentando conduzir Kealty para longe do problema. — Quando mudarão seus planos de expansão e em que grau o farão ainda é um ponto de interrogação — disse McMullen olhando fixamente para Kilborn, esperando que ele pegasse a deixa, o que aconteceu.

O DCI falou:

— Isso é verdade, senhor presidente.

— Wes, quando terminarmos aqui, quero falar com o embaixador Dewitt.

— Sim, senhor.

— O que mais?

— Irã. Ainda estamos analisando algumas fontes, mas existem indícios de que Teerã está novamente impulsionando seu programa nuclear.

*Que merda*, pensou McMullen. Dentre as muitas promessas de campanha de Kealty estava a de recomençar a diplomacia direta com o Teerã. Trazer o Irã de volta à comunidade das nações e trabalhar em áreas de interesse mútuo, havia proclamado Kealty, era a melhor maneira de convencer Teerã a abandonar suas ambições nucleares. Até então, parecia estar funcionando.

— Defina “impulsionando”.

— Centrífugas, usinas de refino, e um vaivém com Moscou.

— Filhos da puta. Em nome de Deus, o que eles querem? — Essa pergunta ele dirigiu para sua assessora de Segurança Nacional.

— Díficil dizer, senhor presidente — respondeu Reynolds.

McMullen pensou *Tradução: não tenho merda de ideia nenhuma*.

— Então facilite as coisas — retrucou Kealty. — Pegue o maldito telefone e fale com o Departamento de Estado e me consiga algumas respostas. — Kealty levantou, terminando a reunião. — Isso é tudo. Wes, Scott, fiquem mais um pouco.

Após Reynolds se retirar, Kealty caminhou até sua mesa e sentou com um suspiro.

— O que sabemos sobre esse troço com o Ryan?

— O Serviço Secreto ainda está investigando o caso — respondeu o DCI Kilborn. — Mas parece que era apenas um atirador. Ainda não o identificamos, mas o trabalho na arcada dentária indica que seja jordaniano. A arma veio de um carregamento de armas pessoais egípcias roubado. É idêntica a duas encontradas depois das bombas em Marselha, no mês passado.

— Refresque minha memória.

— Ataque a um ônibus. Quatorze mortos, inclusive os atiradores.

— Suspeita-se que seja do CRO?

— Sim, senhor.

McMullen conhecia suficientemente bem seu chefe para interpretar sua expressão: ao escolher Jack Ryan como alvo, o CRO tinha dirigido o foco da mídia para o ex-presidente. Metade das redes de TV a cabo estavam rerepresentando trechos da biografia de Ryan, que até então estava minimizando o incidente, divulgando um breve comunicado à imprensa e recusando pedidos de entrevistas. Por sua vez, Kealty havia lidado com o incidente com uma resposta pré-combinada durante uma entrevista coletiva: satisfeito pelo ex-presidente Ryan não ter sido ferido etc. As palavras saíram num tom convincentemente sincero, admitia McMullen, mas ele não tinha dúvidas de que queimaram a garganta de seu chefe enquanto passavam.

Kealty avançou.

— Wes, esse assunto com Netters...

*Epa*, pensou McMullen.

— Sim, senhor presidente.

— Acho que estamos chegando ao momento de fazer uma mudança.

— Percebo.

— Você não concorda?

McMullen escolheu cuidadosamente as palavras.

— Gostaria de sugerir, senhor presidente, que um pouco de discordância pode ser saudável. O almirante Netters é bem franco, talvez até demais, mas é muito respeitado, não apenas nas Forças Armadas, mas também no Congresso.

— Jesus, Wes, não vou mantê-lo a bordo simplesmente porque ele é popular.

— Não é esse meu ponto...

— Então, qual é?

— Ele é respeitado porque conhece seu ofício. Meu pai costumava dizer: “Não se pergunta o caminho a alguém que nunca esteve aonde você quer ir.” O almirante Netters esteve aonde queremos ir.

Kealty pareceu se zangar, mas depois sorriu.



— Essa é boa, realmente muito boa. Você se importa se eu usar? Muito bem, vamos ver até onde isso vai. Mas eu vou fazer isso acontecer mesmo, Wes. Estamos saindo daquele maldito país, de um jeito ou de outro. Compreendeu?

— Sim, senhor.

— Você está com a cara de quem acabou de ver seu cachorro morrer, Scott. Solte logo isso.

Kilborn colocou uma pasta sobre a mesa de Kealty, e depois falou:

— Semana passada, um ataque numa caverna nas montanhas do Hindu Kush, uma equipe de Rangers procurando o Emir.

— Ah, Jesus, esse sujeito? — disse Kealty, folheando a pasta. — Ainda estamos desperdiçando recursos atrás dele?

— Sim, senhor presidente. De qualquer maneira, o oficial comandante da equipe foi ferido, de modo que seu primeiro-sargento assumiu. Driscoll, Sam Driscoll. Chegou na caverna, abateu um par de guardas, mas quando entraram não havia nada.

— Nenhuma surpresa nisso.

— Não, senhor, mas se olhar na página quatro...

Kealty assim o fez, seus olhos se estreitando enquanto lia.

Kilborn continuou:

— Pelo que sabemos, nenhum deles estava armado, mas certamente estavam dormindo.

— E ele simplesmente atirou na cabeça deles — resmungou Kealty, jogando a pasta de lado. — É asqueroso.

McMullen falou:

— Senhor presidente, evidentemente estou um pouco por fora aqui. De que estamos falando?

— Assassinato, Wes, pura e simplesmente assassinato. Esse sargento, esse Driscoll, assassinou nove homens desarmados. Ponto.

— Senhor, não acho...

— Escute, meu antecessor deixou os militares correrem soltos. Ele deixou todos animados a ponto de escaparem das coleiras. Já é hora de colocarmos a coleira de volta. Não podemos ter soldados dos Estados Unidos saindo por aí atirando na cabeça de homens adormecidos. Scott, podemos fazer isso?

— Há precedentes dos dois lados, mas acho que podemos construir um caso aqui. A bola tem que começar a ser jogada no Pentágono, depois passada para a Justiça, e então trazemos uma equipe de investigação do Exército.

Kealty assentiu.

— Faça isso. Já está na hora dos recos saberem quem é que manda.

Um belo dia para pescar, decidiu Arlie Fry, mas na verdade praticamente todos os dias eram bons para pescar — pelo menos por ali, isto é. Não era como no Alasca,

onde haviam feito aquele programa de TV, *Pesca mortal*. Pescar lá era o inferno na terra.

O nevoeiro estava espesso, afinal era uma manhã do norte da Califórnia, de modo que um pouco de neblina era de se esperar. Arlie sabia que o sol abriria em um par de horas.

Seu barco, um Atlas Acadia 20E com 7 metros de comprimento, motor de popa Ray Eltric, só tinha três meses de uso, um presente de aposentadoria de sua esposa, Eunice, que escolhera um modelo de lancha próprio para o mar costeiro, na esperança de mantê-lo perto da terra firme. E a culpa, mais uma vez, era da televisão, especialmente daquele filme com George Clooney, *Mar em fúria*. Na juventude, ele sonhara em cruzar o Atlântico velejando, mas sabia que a preocupação simplesmente mataria Eunice, então se satisfiz com a pescaria duas vezes por semana perto da costa, na maioria das vezes sozinho, mas dessa vez convenceu o filho a acompanhá-lo. Chet, agora com 15 anos, estava mais interessado nas garotas, no seu iPod e em quando poderia ter sua carteira de motorista do que em pescar anchovas e lorchas — apesar de ter se animado quando Arlie mencionou ter visto um tubarão da última vez que saiu. A história era verdadeira, no entanto o tubarão mal tinha meio metro de comprimento.

Naquele instante, Chet estava sentado na proa, fones nos ouvidos, enquanto se inclinava por cima da amurada e arrastava a mão pela água.

O mar estava basicamente calmo, com um pequeno balanço, e, bem no alto, Arlie podia ver o sol, um círculo esmaecido e pálido, tentando queimar o caminho através das nuvens. Vai brilhar e esquentar dentro de uma hora, pensou. Eunice havia empacotado muitas latas de refrigerante, meia dúzia de sanduíches bem grossos e uma bolsa de plástico cheia de biscoitinhos recheados de doce de figo.

De repente, alguma coisa bateu no casco do Acadia. Chet puxou a mão para fora da água e se levantou, fazendo o barco balançar.

— Epa!

— O que foi?

— Alguma coisa bateu no lado... ali, está vendo?

Arlie olhou para onde Chet apontava, bem na popa, e vislumbrou alguma coisa alaranjada que logo foi escondida pelo nevoeiro.

— Consegui ver o que era? — perguntou Arlie.

— Na verdade, não. Me assustei pra cacete, digo, pra caramba. Parecia com algo como um salva-vidas ou um flutuador.

Arnie pensou em ir em frente, mas o objeto, seja lá o que fosse, não era simplesmente alaranjado, mas era de um laranja padrão internacional, geralmente reservado para socorros e emergências. E boias salva-vidas.

— Senta, filho, vamos até lá. — Arnie girou o leme e colocou o Acadia em ré, diminuindo a velocidade enquanto fazia isso. — Fique de olho.

— Sim, pai. Estou de olho. Putz.

Trinta segundos depois, Chet apontou a bombordo da proa. Visível através do nevoeiro havia uma bolha de borracha mais ou menos do tamanho de uma bola de futebol.

— Já vi — disse Arlie, e manobrou para lá, parando ao lado do objeto. Chet se inclinou e o tirou da água.

Não era uma boia salva-vidas, percebeu Arlie, e sim um flutuador de borracha em forma de diamante. Preso a ele havia um cabo de meio metro, e ligada a esse, uma caixa de metal negro, de aproximadamente 10 centímetros de largura por 20 de comprimento, e da grossura aproximada de uma brochura.

— O que é isso? — perguntou Chet.

Arlie não tinha certeza, mas já tinha visto muitos filmes e programas de televisão para ter um palpite.

— Caixa-preta — murmurou.

— Hein?

— Gravador de dados de voo.

— Uau... quer dizer, tipo, coisa de avião?

— Sim.

— Maneiro.

A segurança da instalação era bem decente, Cassiano sabia, mas havia coisas que trabalhavam a seu favor. Uma, ele trabalhava para a Petrobras havia 11 anos, muito antes da descoberta de Tupi. Dois, a indústria tinha características únicas e distintas de todas as demais, de modo que o pessoal de segurança contratado não podia verificar competentemente muito do funcionamento interno da instalação. O restante tinha que ser feito por trabalhadores que sabiam o que buscavam e como as coisas funcionavam, de modo que esse trabalho duplo, além de proporcionar um bom salário e assegurar o funcionamento perfeito da instalação, também dava a Cassiano acesso irrestrito a áreas de alta segurança. E, três, a própria demografia do Brasil.

Dos 170 milhões de pessoas que constituíam a população estimada do país, menos de um por cento era de muçulmanos, e desse número apenas um por cento era constituído de brasileiros nativos convertidos à religião muçulmana. A onda crescente de radicais islâmicos tão temida nos outros países do hemisfério ocidental era virtualmente uma questão inexistente no Brasil. Ninguém se importava sobre que mesquita você frequentava ou se era ou não contra a guerra no Iraque. Esses assuntos raramente vinham à baila e certamente não afetavam em nada suas condições de trabalho, fosse em um restaurante ou na Petrobras.

Cassiano guardava seus pensamentos para si mesmo, orava em particular, jamais chegava tarde no trabalho e raramente adoecia. Muçulmano ou não, era um trabalhador ideal, tanto para a Petrobras como para seu novo empregador, que certamente pagava muito melhor.

Os detalhes que estes pediram que ele proporcionasse deixavam suas intenções bastante transparentes, e mesmo que não gostasse particularmente da ideia de virar espião industrial, Cassiano se conformava com as garantias que haviam lhe dado de que os únicos danos que suas ações e informações provocariam seriam monetários. Além do mais, ele disse a si mesmo, com a extensão das descobertas na bacia de Santos crescendo aos saltos, o governo brasileiro, que era o principal acionista da Petrobras, teria dinheiro para queimar por muitas décadas.

E não havia razão pela qual ele não pudesse desfrutar disso, não é verdade?



— Carpinteiro entrando — piou o rádio ao lado de onde Andrea se sentava.

— Quer que vá buscá-lo, chefe?

— Não, eu mesmo vou. — Ryan levantou do computador e caminhou até a porta da frente. — Ele fica para jantar, aliás.

— Claro, chefe.

Arnie van Damm nunca fora de fazer cerimônias. Tinha alugado um carro no Aeroporto de Baltimore-Washington que ele mesmo dirigiu até ali. Ainda usava as camisas L.L.Bean e calças cáqui também, percebeu Jack, quando ele saiu do Chevy da Hertz.

— Olá, Jack — saudou o ex-chefe de gabinete.

— Arnie, há quanto tempo. Como foi o voo?

— Dormi quase o tempo todo. — Os dois entraram. — Como está avançando o livro?

— É meio complicado para o ego escrever sobre si mesmo, mas tento dizer a verdade.

— Puxa, cara, isso vai confundir os críticos do *Times*.

— Bem, eles jamais gostaram muito de mim mesmo. Não espero que mudem agora.

— Droga, Jack, você acabou de sair de um atentado contra sua vida...

— Bobagem, Arnie.

— Percepção, meu amigo. O público escuta falar desse tipo de coisas, e tudo que absorve é que alguém tentou matar você e pagou o preço.

— E daí, onipotência por procuração?

— Você sacou.

A essa altura haviam chegado na cozinha, e Jack servia café. Ainda tardaria uma hora até Cathy chegar em casa, e Jack ainda tinha tempo para um pouco de caféina não autorizada.

— Então me conte as fofocas. Ouvi dizer que a Suprema Corte está provocando ataques em Kealty.

— Você diz isso porque ele não consegue nomear ninguém? Sim, ele está ficando

silenciosamente maluco com isso. Na campanha, prometeu nomear o professor Mayflower, da faculdade de direito de Harvard.

— Esse sujeito? Jesus, ele quer reescrever o evangelho de São Mateus.

— Deus não frequentou Harvard. Caso contrário, Ele estaria mais bem-informado — comentou Van Damm.

Ryan deu uma risadinha.

— Então, qual a razão da visita?

— Acho que você sabe, Jack. Além do mais, acho que você também andou pensando nisso. Me corrija se estiver errado.

— Está errado.

— Outra coisa que sempre gostei em você, Jack. Nunca consegui mentir bem.

Ryan resmungou.

— Ser mau mentiroso não é tão ruim assim — disse Arnie. — Kealty já começou a descarrilar, Jack. É só minha opinião, mas...

— Ele é um salafrário. Todo mundo sabe disso, mas os jornais não dizem nada.

— É um salafrário, mas é o salafrário deles. Eles pensam que podem controlá-lo. Eles o compreendem e sabem como ele pensa.

— E quem diz que ele pensa alguma coisa? Ele não pensa. Tem visões sobre o modo como quer que o mundo seja. E quer fazer qualquer coisa para moldar o mundo a essa ideia, se é que se pode chamar isso de ideia.

— E as suas ideias, Jack?

— Eu as chamo de princípios, e há uma diferença. Você defende seus princípios da melhor maneira e espera que o público compreenda. Qualquer coisa diferente disso e você é apenas um vendedor de carros usados.

— Um político famoso já disse que a política é a arte do possível.

— Mas se você se limita ao que é possível, ao que já foi feito, como diabos se espera que haja progresso? Kealty quer trazer de volta os anos 1930, com Roosevelt e todo o resto.

— Andou pensando muito sobre isso, Jack? — disse Arnie com uma ponta de sorriso.

— Você sabe que sim. Os Pais Fundadores iriam revirar em seus túmulos com o que esse cabeça-dura anda fazendo.

— Então o substitua.

— E passar por tudo isso novamente... para quê?

— Edmund Burke, lembra? “Para o triunfo do mal só é preciso que homens bons não façam nada.”

— Devia ter previsto que você ia falar isso — respondeu Jack. — Já prestei meus serviços. Lutei em duas guerras. Preparei minha própria linha de sucessão. Fiz tudo o que se espera que alguém faça.

— E fez tudo muito bem — admitiu o ex-chefe de gabinete. — Jack, no final das contas a coisa é simples: o país precisa de você.

— Não, Arnie, o país não precisa de mim. Ainda temos um bom Congresso.

— Sim, eles são bons, mas ainda não geraram um líder de verdade. Owens, do Oklahoma, tem possibilidades, mas ainda tem muito caminho pela frente. Ainda não amadureceu o bastante, é provinciano e idealista demais. Ainda não está pronto para o time principal.

— Você poderia ter dito o mesmo sobre mim — assinalou Ryan.

— É verdade, mas você escuta, e, principalmente, você sabe o que não sabe.

— Arnie, eu *gosto* da vida que tenho agora. Tenho um trabalho que me mantém ocupado, mas não tenho que me arrepiar. Não tenho que prestar atenção em cada palavra que digo com medo de ofender pessoas que nem gostam de mim. Posso andar pela casa sem sapatos, e sem gravata.

— Você está entediado.

— Conquistei o direito de me entediar. — Ryan fez uma pausa, bebeu um gole de café, e depois tentou mudar de assunto. — O que Pat Martin anda fazendo?

— Não quer ser ministro da Justiça de novo — respondeu van Damm. — Ensina direito em Notre Dame. E também conduz seminários para juízes recém-nomeados.

— Por que não foi para Harvard ou para Yale? — perguntou Ryan.

— Harvard não o aceitaria. Eles gostariam da ideia de ter um ex-ministro da Justiça lá, é claro, mas não o seu. E, de qualquer maneira, Pat não iria para lá. Ele é torcedor fanático de futebol americano, e Harvard tem seu time, mas não como o de Notre Dame.

— Eu lembro — reconheceu Jack. — Eles não queriam nem jogar conosco, católicos metidos do Boston College. — E os BC Eagles de vez em quando derrotavam até o Notre Dame, quando as Moiras permitiam.

— Quer pensar no assunto? — perguntou Arnie.

— Os Estados Unidos da América escolhem seu próprio presidente, Arnie.

— É verdade, mas é como um restaurante com menu reduzido. Só se pode escolher entre o que o cozinheiro faz, e não se pode sair e ir para uma lanchonete se não estiver contente com a seleção.

— Quem mandou você aqui?

— As pessoas conversam comigo. Principalmente as que têm afinidade política com você...

Jack o interrompeu levantando a mão.

— Não sou afiliado a nada, lembra?

— Isso deve deixar o Partido Socialista dos Trabalhadores muito feliz. Então concorra como Independente. Funde seu próprio partido. Teddy Roosevelt fez isso.

— E perdeu.

— É melhor tentar e fracassar do que...

— Sei, sei.

— O país precisa de você. Kealty já está se cagando. Mandou o pessoal dele que pesquisa a oposição cavar coisas sobre você. Não soube disso?

— Besteira.

— Já faz mais de um mês que fazem isso. O caso de Georgetown os deixou preocupados. Estou lhe dizendo, Jack, precisamos agarrar isso enquanto é possível. — Ryan começou a balançar a cabeça. — Escute, você não planejou isso. As pessoas estão em cima da história porque seus números ainda são altos.

— Malditos votos de simpatia...

— Não vai ser assim, acredite em mim, mas no que diz respeito a entradas espetaculares em cena, essa foi de ouro. Então: há alguma roupa suja espalhada por aí?

— Nada que você não conheça. — Mas Jack conseguiu soltar essa mentira. Apenas Pat Martin sabia sobre a herança particular que Ryan havia deixado para trás. Ele nunca contara sequer para Robby. — Sou chato demais para virar político. Talvez seja por isso que a mídia jamais gostou de mim.

— Esse pessoal de pesquisa da oposição vai ter acesso a tudo, Jack, até aos documentos da CIA. Você deve ter deixado algumas coisas desagradáveis para trás — insistiu Van Damm. — Todo mundo deixa.

— Depende da interpretação, suponho. Mas revelar qualquer uma delas seria crime federal. Quantos políticos, por mais desprezíveis que sejam, arriscariam isso?

— Você ainda é um bebezinho perdido, Jack. Fora ser filmado estuprando uma garota ou batendo uma punheta num menino, não há muito que um político não arrisque pela presidência.

— Isso provoca uma pergunta que eu não consigo deixar de pensar: será que Kealty gosta de ser presidente?

— Ele provavelmente nem se reconhece. Está fazendo um bom trabalho? Não, realmente não. Mas nem sabe disso. Acha que está indo tão bem quanto qualquer um poderia, e melhor que a maioria. Ele gosta de jogar esse jogo. Gosta de atender ao telefone. Gosta de ter pessoas vindo até ele quando estão com um problema. Gosta de ser o sujeito que responde as perguntas, mesmo quando não tem a menor ideia do que responder. Lembra o que Mel Brooks disse uma vez? “É bom ser rei”, mesmo que o rei seja uma merda total. Ele quer estar lá, e que ninguém mais esteja, porque foi político a vida inteira. É o monte Everest, e ele o escalou porque está ali, e de que adianta chegar ao topo e não ter nada para fazer lá? Estar lá, estar no cume, e ninguém mais estar. Será que ele mataria pelo cargo? Provavelmente, se tivesse colhões para isso. Mas não tem. Vai mandar um de seus soldados fazer isso, de modo que possa negar, sem nada registrado por escrito. Sempre se consegue achar pessoas para fazer esse tipo de coisa, e que se foda se for pego.

— Eu nunca...

— Esse tal de John Clark. Ele matou pessoas, e as razões para isso nem sempre passariam pelo teste do escrutínio público. Você tem que fazer esse tipo de coisa quando comanda um país, e bem, talvez não seja tecnicamente legal, mas você mantém em segredo porque não ficaria bem se aparecesse na primeira página dos



jornais. Se você deixou algo desse tipo para trás, Kealty vai divulgar através de intermediários e de vazamentos cuidadosamente estruturados.

— Se chegar a isso, sei como lidar com o assunto — disse Ryan friamente. Ele nunca reagira bem a ameaças e raramente as fazia, não sem ter munição suficiente. Mas Kealty jamais deixaria isso acontecer. Como tantos “grandes” homens, e como muitos políticos, na verdade, ele era um covarde. Covardes eram os primeiros a optar por uma demonstração de força. É o tipo de poder que alguns homens acham embriagante. Ryan sempre achara isso assustador, mas sob nenhuma condição tivera que liberar essa munição sem ter uma razão muito importante. — Arnie, não tenho medo de nada que esse filho da mãe possa jogar em cima de mim, se isso chegar a acontecer. Mas por que deveria chegar a esse ponto?

— Porque o país precisa de você, Jack.

— Tentei consertar a coisa. Tive mais de cinco anos, e falhei.

— O sistema é corrupto demais, não?

— Tive um Congresso decente. A maioria era decente, os que voltaram para casa por causa de promessas de campanha. Droga, esses eram os honestos, não é? O Congresso melhorou muito, mas é o presidente que dá o tom da nação, e não consegui mudar isso. Você sabe como tentei.

— Callie Weston escreveu para você alguns discursos muito bons. Você poderia ter sido um bom padre. — Arnie se inclinou para beber o restante do café. — Você fez um grande esforço, Jack. Mas não foi o suficiente.

— E aí você quer que eu tente de novo. Quando você bate com a cabeça num muro de pedra, aquele barulho de esguicho fica um tanto deprimente depois de algum tempo.

— Os amigos de Cathy já descobriram a cura para o câncer?

— Não.

— E pararam de tentar?

— Não — teve que reconhecer Jack.

— Porque vale a pena tentar, mesmo que seja impossível.

— Brincar com as leis da ciência é mais fácil que mudar a natureza humana.

— Está bem, você sempre pode ficar aí sentado vendo a CNN, lendo os jornais e se enfezando.

*E faça muito isso*, Jack não precisava nem reconhecer. A questão de Arnie era que ele sabia como manipular Ryan do mesmo modo como uma garotinha de 4 anos manipula o pai. Sem esforço e inocentemente. Tão inocente quanto Bonnie e Clyde dentro de um banco, evidentemente, mas Arnie sabia como fazer a coisa.

— Vou dizer mais uma vez, Jack. Seu país...

— E eu pergunto mais uma vez: quem mandou você aqui?

— Por que você acha que alguém me mandou aqui?

— Arnie.

— Ninguém, Jack. Verdade. Também estou aposentado, lembra?

— Você sente falta da ação?

— Não sei, mas digo uma coisa: eu pensava que a política era a forma mais elevada da atividade humana, porém você me curou disso. Você tem que tomar posição. Kealty não faz isso. Ele simplesmente quer ser o presidente dos Estados Unidos porque acha que estava na linha de sucessão, e era a vez dele. Pelo menos é como ele vê a coisa.

— Então você entraria no barco comigo? — perguntou Ryan.

— Estarei lá para ajudar, e aconselhar você, e talvez dessa vez você escute mais a voz da razão.

— Essa coisa de terrorismo é trabalho demais para quatro anos.

— Concordo. Você pode restabelecer seu programa de reconstrução da CIA. Reforçar o recrutamento, colocar as operações de volta nos trilhos. Kealty aleijou o programa, mas não o destruiu completamente.

— Levaria uma década. Talvez mais.

— Então você põe as coisas nos trilhos, fica de lado e deixa outro completar o serviço.

— A maioria dos membros do gabinete não voltaria.

— E daí? Descubra outros — observou Arnie friamente. — O país é cheio de pessoas talentosas. Descubra algumas honestas e aplique a mágica Jack Ryan em cima delas.

Ryan Senior bufou.

— Vai ser uma campanha comprida.

— Sua primeira campanha de verdade. Quatro anos atrás você estava concorrendo à coroação, e isso funcionou. Foi asquerosamente fácil, voando por aí e discursando sempre para plateias amistosas, a maioria das pessoas só queria conhecer o cara em quem iam votar. Com Kealty vai ser diferente. Você vai ter até que debater com ele, e não o subestime. Ele é um operador político consumado, e sabe dar um golpe baixo — avisou Arnie. — Você não está acostumado com isso.

Ryan suspirou.

— Você é um filho da puta, sabia? Se quer que eu me comprometa com isso, vai se desapontar. Tenho que pensar no assunto. E tenha uma esposa e quatro filhos.

— Cathy vai concordar. Ela é muito mais durona e esperta do que as pessoas pensam — notou Van Damm. — Sabe o que Kealty disse semana passada?

— O quê?

— Sobre o plano de saúde nacional. Uma equipe da televisão local em Baltimore a entrevistou. Ela deve ter tido um momento de fraqueza e falou que não achava que planos de saúde governamentais fossem uma boa ideia. A reação de Kealty foi: “Que diabos uma médica sabe sobre assuntos de saúde?”

— E como isso não chegou aos jornais? — Afinal, é suculento e delicioso.

— Anne Quinlan é a chefe de imprensa de Ed. Ela conseguiu convencer o *Times* a não publicar. Anne não é nenhuma boba. O editor executivo em Nova York é amigo

dela.

— E como é que sempre me esculhambavam quando eu falava? — perguntou Ryan.

— Jack, Ed é um deles. Você, por outro lado, não é. Você nunca dá uma folga para seus amigos? Eles também. Também são seres humanos. — A postura de Arnie estava mais relaxada. Ele vencera a batalha principal. Era a hora da magnanimidade.

Ter que pensar em jornalistas como seres humanos já era trabalhoso demais para Ryan, no momento.



Quase um quarto do estoque mundial de guindastes pesados, pensou Badr, olhando na direção do porto Rachid. Cerca de 30 mil do total mundial de 125 mil guindastes, todos reunidos em um só lugar e com um único objetivo: transformar Dubai na joia do planeta e paraíso para os mais ricos de seus habitantes.

De onde estava, podia ver ao largo as ilhas Palmeira e Mundo — enormes arquipélagos artificiais, um na forma da própria árvore, e o outro, da terra —, assim como o hotel Burj Al Arab, um arranha-céu de mais de 300 metros com a forma de uma gigantesca vela.

Para o interior, a cidade era um mar de arranha-céus e rodovias se entrecruzando e equipamentos de construção. E em mais cinco anos, atrações continuariam pipocando na paisagem: o Dubai Waterfront, um crescente que se estendia por 80 quilômetros no oceano; o Hydropolis, um hotel submarino; a Cidade dos Esportes e o complexo de esqui; o Mundo da Ciência Espacial. Em menos de uma década, Dubai havia deixado de ser o que muitos consideravam apenas um desolado e atrasado ponto no mapa para se transformar em um dos principais destinos mundiais de resorts, um parque de diversão para os super-ricos. Muito em breve, pensou Badr, as atrações e amenidades de Dubai irão superar até mesmo as de Las Vegas. Ou talvez não, lembrou-se. A crise econômica mundial também tinha atingido os Emirados Árabes Unidos. Muitos dos guindastes que se assomavam pela cidade estavam na verdade imóveis, pois os projetos de construção haviam sido interrompidos. Badr suspeitava que nisso tudo estava a mão de Alá. Era impensável tal decadência em um país árabe.

— Magnífico, não é? — escutou atrás de si Badr e se voltou.

— Minhas desculpas por estar atrasado — disse o corretor de imóveis. — Como provavelmente já notou, às vezes as construções podem ser uma confusão. Sr. Almasi, não?

Badr assentiu. Não era seu nome, claro, e o corretor provavelmente suspeitava disso, mas outro dos muito admirados traços de Dubai era um respeito universal pela discrição e pelo anonimato entre seu exército de banqueiros, corretores e agentes. Negócios são negócios e dinheiro é dinheiro, e os dois eram muito mais estimados do

que códigos de conduta arbitrários e totalmente subjetivos.

— Sim — respondeu Badr. — Obrigado por vir se encontrar comigo.

— Por nada. Por aqui, por favor.

O corretor caminhou até um carro de golfe elétrico. Badr entrou e os dois dirigiram pelo cais.

— Provavelmente já notou que a doca não é de concreto — disse o corretor.

— Sim. — De fato, a superfície tinha um leve tom de terracota.

— É um material composto, algo parecido com material sintético para docas, me disseram, porém muito mais forte e durável, e a cor vai se manter enquanto ela existir. Os designers consideraram isso mais atraente que o padrão cinza de concreto.

Pararam diante de um armazém no final do cais e saíram.

— O senhor mencionou a necessidade de privacidade — disse o agente. — Será que isso o satisfaz?

— Sim, acho que sim.

— Como pode ver, é uma unidade de esquina, com pontos de acesso à água pela frente e pelo lado, suficientes para acomodar dois navios de 90 metros de extensão. É claro, paus de carga móveis estão disponíveis para alugar, se precisar.

A verdade era que Badr pouco sabia sobre as necessidades de seu cliente além do tamanho e do formato do armazém e do período de tempo que seria usado. Acesso e privacidade, lhe disseram, eram de maior importância.

— Posso ver por dentro? — perguntou.

— Claro.

O corretor tirou um cartão magnético que deslizou pelo leitor ao lado da porta. Um bipe suave soou. O corretor apertou o polegar numa almofada ao lado do leitor. Pouco depois a fechadura fez um clique e se abriu.

— Os cartões-chave e o leitor biométrico são totalmente programáveis pelo inquilino. Você, e apenas você, controla quem tem acesso ao local.

— Como isso é feito?

— Através de nosso site seguro. Uma vez criada sua conta, você simplesmente se registra, programa os cartões e escaneia os registros de digitais. Todos os dados são criptografados com o que é conhecido como NST, ou Nível de Segurança de Transmissão, e com certificados digitais.

— Muito bem. E a polícia?

— Nos últimos dez anos posso contar em apenas uma das mãos quantas vezes a polícia solicitou mandados de busca para nossas instalações. Desses, todos menos um foram negados pelos tribunais. Nós nos orgulhamos de proporcionar segurança e anonimato, ambos dentro dos limites legais dos Emirados, é claro.

Os dois entraram. O espaço, que media quase 200 metros quadrados, estava vazio. O chão e as paredes eram feitas do mesmo material da doca, mas de cor creme. Sem janelas, também, o que era um item que estava na lista do cliente. Não uma necessidade absoluta, mas certamente uma vantagem. O ar estava frio, por volta dos

23 graus, avaliou.

— Confortável, não? — perguntou o corretor.

Badr assentiu.

— Sistemas de controle de incêndio e roubo?

— Ambos. Monitorados por nosso centro de controle a um quilômetro e meio daqui. Em caso de incêndio, um sistema de supressão a halometano é ativado. No caso de entrada não autorizada, o inquilino é contatado para dar instruções.

— A polícia não é contatada?

— Apenas com aprovação do inquilino.

— E a sua companhia? Certamente tem acesso ao...

— Não. Se o aluguel do inquilino está sete dias em atraso, fazemos todo o possível para entrar em contato. No 14º dia, se o contato ainda não estiver estabelecido, o leitor de cartões e o escâner biométrico são removidos e o sistema de trancas é desmontado, um processo caro e que leva tempo e que seria, é claro, debitado na conta do inquilino, tal como a reinstalação desses sistemas. No mesmo caso, todo o conteúdo do armazém é embargado.

— Não terão problemas conosco, pode ter certeza — afirmou Badr.

— Não tenho dúvida. Fazemos o contrato pelo período mínimo de um ano, com incrementos semestrais depois disso.

— Um ano deverá ser o suficiente. — Na verdade, bastaria um mês, segundo lhe disseram. O armazém ficaria vazio depois disso. Seu propósito, seja lá qual fosse, já teria sido alcançado. De fato, dias depois da partida de seu cliente, os artifícios financeiros estabelecidos para pagar o aluguel seriam a única coisa deixada para as autoridades descobrirem, e mesmo esses levariam apenas a mais contas fechadas e companhias de fachada. A “trilha de dinheiro”, que a comunidade de inteligência americana era tão boa em seguir, já estaria completamente gelada.

— Podemos proporcionar assistência para facilitar os procedimentos alfandegários, caso tenham que descarregar carga — disse o corretor. — Mas licenças de exportação, entretanto, seriam de sua responsabilidade.

— Compreendo — respondeu Badr com um sorriso maldisfarçado. Algo lhe dizia que a última preocupação de seus clientes seria com licenças de exportação. Deu uma olhada final e depois se voltou para o corretor. — Em quanto tempo pode ter o contrato de aluguel pronto?

Apesar de Adnan jamais vir a saber, seus contrapartes estavam não apenas mais adiantados em sua missão como também navegavam no conforto relativo de um barco fretado — ainda que fosse um barco de desembarque russo convertido.

Durante dias, Adnan e seus homens viajaram subindo a estrada da costa nas bordas do mar de Kara, passando por aldeias de pescadores e povoados abandonados e pela paisagem branca e desolada, vendo apenas um veículo ocasional

na estrada, nenhum seguindo na mesma direção — fato que Adnan fazia o melhor possível para não tomar como presságio. Não conseguia imaginar alguém vivendo ali por vontade própria. Pelo menos no deserto se pode tirar alegria da luz do sol. Ali, céus nublados e cinzentos pareciam ser mais a regra que a exceção.

Como esperava, encontrar abrigo para suas paradas noturnas não era difícil, mas achar algum que fosse um pouco mais que uma choça era algo completamente diferente. Na primeira noite tiveram bastante sorte e acharam uma tenda abandonada com um aquecedor à lenha que funcionava, e, apesar de a lona estar furada e ter perdido seu revestimento à prova d'água, os polos de sustentação permaneciam bem-enterrados no solo e os arames de suporte ainda estavam esticados, de modo que passaram a noite em relativo conforto enquanto lá fora o vento quase de tempestade chicoteava a neve e o gelo contra a lona como estilhaços de metralha, e as ondas rugiam contra os rochedos. Na segunda noite foram menos afortunados, tendo que se amontoar em seus sacos de dormir na traseira do caminhão cuja lona parecia uma peneira e batia com o vento. Depois de tentar dormir por várias horas, desistiram e passaram o restante da noite bebendo chá preparado no fogão de acampamento portátil e esperando os primeiros sinais da alvorada.

E agora, depois de três dias de viagem, encontravam-se a no máximo um dia e meio de seu destino — pelo menos segundo o mapa, que Adnan consultava com atenção, verificando duas vezes as marcas e medidas com as de seu GPS portátil. *Destino* não era exatamente a palavra, não é? *Ponto de partida*, talvez. Contanto que o capitão do barco fretado fosse tão bom quanto dizia e quisesse ganhar o restante do pagamento, eles estariam um passo mais perto de seu objetivo, uma ideia que provocava um bocado de agitação em Adnan. Pelo pouco que lera sobre o lugar, ali onde estavam no momento, desolado como era, logo mostraria ser comparativamente luxuoso. E também havia a doença. Tinha pílulas para isso, mas o médico que lhes dera não tinha certeza sobre sua eficácia. Elas ajudariam, disseram a Adnan, mas não havia garantia disso. A melhor proteção seria rapidez e cuidado. Quanto mais tempo passassem ali, maior o risco. O pior é que nenhum deles saberia se estava a salvo até que transcorressem muitos anos, jamais sabendo, até ser tarde demais, que a morte invisível os devorava por dentro. *Não importa*, disse a si mesmo. Morte era morte, simplesmente uma passagem para o paraíso, e seus homens sabiam disso tanto quanto ele. Duvidar era um insulto a Alá.

A despeito do frio brutal e das rações escassas, nenhum deles tinha manifestado uma única queixa. Eram bons homens, fiéis tanto a Alá quanto à causa — que eram, é claro, uma única e mesma coisa. E, apesar de ele ter uma confiança razoável de que todos permaneceriam decididos quando ele finalmente revelasse o propósito da jornada, sabia que não podia abaixar a guarda. O Emir o escolhera pessoalmente para a missão, e o trabalho deles era importante demais para que o temor os fizesse recuar.

*Mas e quanto à própria missão?*, perguntou-se Adnan. Suas instruções eram

detalhadas e claras, e facilmente acessíveis na sua mochila — várias dúzias de páginas laminadas —, mas e se houvesse complicações? Se suas ferramentas fossem inadequadas para o serviço? E se cortassem no lugar errado e o guincho não suportasse a carga? E se, Deus não permita, as medidas de segurança tivessem mudado desde que receberam a informação?

*Pare*, ordenou a si mesmo. Como o medo, a dúvida era um truque da mente, uma fraqueza a ser superada através da fé em Alá e no Emir. Ele era um sábio, um grande homem, e havia assegurado a Adnan que seu prêmio estaria esperando por eles. Eles podiam descobri-lo, fazer o que fosse necessário para capturá-lo, e depois voltar.

Mais três dias, então mais cinco de retorno.





Jack Jr. desligou o computador e deixou seu cubículo, dirigindo-se ao estacionamento e a seu Hummer H2 amarelo, um dos poucos *guilty pleasures* de sua vida. Ainda assim, com o preço da gasolina e a situação geral da economia, sentia uma pontada de culpa sempre que ligava a chave de ignição daquela maldita coisa. Ele não era nenhum abraçador de árvores, com certeza, mas talvez fosse o momento de pensar em recuar. Droga, a chata da sua irmã ecomilitante o aporrinhava. Ele tinha ouvido dizer que a Cadillac estava fazendo um Escalade híbrido bem decente. Talvez valesse a pena fazer uma visita à concessionária.

Tinha um dos raros jantares com sua mãe e seu pai programado para aquela noite. Sally também estaria lá, provavelmente cheia de ideias da sua faculdade de medicina. Ela precisava escolher sua especialidade e por conta disso ocupava muito a orelha da mãe. E Katie estaria encantadora como sempre, paparicando o irmão mais velho, o que podia ser uma chatice, mas SANDBOX não era tão ruim no papel de irmã mais nova. Noite familiar, bifês e salada de espinafre, batata assada e milho na espiga, pois esse era o menu preferido do pai para os jantares familiares. Talvez uma taça de vinho, agora que ele estava mais velho.

A vida de um filho de ex-presidente tinha seus problemas, como Jack aprendera havia muito tempo. A segurança não o acompanhava mais, ainda bem, apesar de ele nunca ter certeza absoluta de não ter alguma cobertura disfarçada. Perguntou a Andrea sobre isso e lhe foi dito que não havia mais tropas cuidando dele, mas quem saberia dizer se ela estava sendo totalmente sincera sobre isso?

Estacionou na rua em frente a seu apartamento e subiu para trocar de roupa, descendo com uma calça esporte e camisa de flanela. Em pouco tempo, estava na I-97 para a viagem até Annapolis e, de lá, até Peregrine Cliff.

Seus pais construíram uma casa bem grande antes de entrar no serviço público. A notícia ruim era que todo mundo sabia onde ela estava. Carros dirigiam pela estrada municipal estreita e paravam para observá-la, sem saber que cada placa era registrada e verificada pelo computador do Serviço Secreto, através de um emaranhado de câmeras de TV escondidas. Eles podiam adivinhar que a estrutura protegida a uns 60 metros da casa principal abrigava um mínimo de seis agentes

armados para o caso de alguém tentar passar pelo portão e dirigir estrada acima. Ele sabia que seu pai achava aquilo opressivo. Era necessária toda uma produção até para ir à padaria comprar pão e leite.

*O prisioneiro na gaiola dourada*, pensou Jack.

— SHORTSTOP, entrando — informou na portaria, e uma câmera se certificou de que se tratava dele mesmo antes de abrir o portão. O Serviço Secreto não gostava do seu carro. O amarelo brilhante do Hummer era conspícuo, com certeza.

Ele estacionou, saiu e foi até a porta, ao lado da qual encontrou Andrea.

— Não tive oportunidade de falar com você depois daquilo — disse-lhe ela. — Foi algo fantástico o que você fez, Jack. Se você não tivesse sacado a coisa...

— Então você teria que dar um tiro mais de longe, só isso.

— Talvez. Mesmo assim, obrigada.

— De nada. Já sabemos alguma coisa sobre o sujeito? Escutei um boato de que ele poderia ser do CRO.

Andrea considerou sua resposta por um instante.

— Não posso confirmar nem negar — disse com um sorriso e uma ênfase clara no *confirmar*.

*Então o Emir tentou liquidar meu pai*, pensou Jack. *Que merda inacreditável*. Controlou o impulso de voltar para seu computador no Campus. O Emir estava lá fora, e mais cedo ou mais tarde não teria para onde correr. Infelizmente, talvez, pensou Jack, ele não estaria lá quando isso acontecesse.

— Motivo?

— Choque de valores, é o que achamos. Seu pai pode ser um “ex”, mas ainda é muito popular. Além disso, a logística é menos complicada: é mais fácil matar um presidente aposentado do que um no exercício do cargo.

— Talvez seja menos complicada, mas não é fácil droga nenhuma. Você provou isso.

— Nós provamos isso — disse Andrea sorrindo. — Quer um formulário para se candidatar ao emprego?

Jack sorriu.

— Eu lhe conto como anda o negócio de ações. Obrigado, Andrea. — Ele empurrou a porta. — Ei, já cheguei! — gritou.

— Olá, Jack — disse sua mãe, saindo da cozinha para lhe dar um abraço e um beijo. — Você está ótimo.

— Você também, senhora professora de cirurgia. Onde anda o meu pai?

Ela apontou para a direita.

— Biblioteca. Tem companhia. Arnie.

Jack caminhou para lá, subindo os poucos degraus e dobrando à esquerda até o lugar de trabalho do pai, que estava sentado numa poltrona giratória, com Arnie van Damm esparramado numa cadeira ao lado.

— Sobre o que vocês dois estão conspirando? — perguntou quando entrou na

sala.

— Conspirações não funcionam — disse o pai, cansado. Houvera muitos rumores durante sua presidência, e o pai detestava tudo aquilo, apesar de uma vez ter feito uma piada sobre pintar o helicóptero presidencial de preto só para irritar os idiotas que acreditavam que nada acontecia no planeta sem alguma obscura conspiração por detrás. Não ajudava o fato de John Patrick Ryan Senior ser, ao mesmo tempo, rico e ex-empregado da CIA, é claro; uma combinação que certamente criava um rumor de conspirações, reais ou imaginárias.

— E isso não é uma pena, pai? — brincou Jack, avançando para o abraço. — O que Sally está fazendo?

— Foi até a loja comprar coisas para a salada. Levou o carro da mãe. Quais as novidades?

— Aprendendo arbitragem de câmbio. É tipo meio misterioso.

— Já está ganhando algum dinheiro?

— Bem, ainda não, não muito, de qualquer maneira, mas aconselho pessoas.

— Contas teóricas?

— Sim, semana passada ganhei meio milhão de dólares virtuais.

— Você não pode gastar dólares virtuais, Jack.

— Eu sei, mas é preciso começar de algum lugar, certo? Então, Arnie, tentando fazer o meu pai concorrer de novo?

— Por que você diz isso? — perguntou Van Damm.

Talvez fosse o ambiente, pensou Jack. Suas sobranceiras subiram um pouco, mas ele não forçou o assunto. E então todos na sala sabiam de algo que os demais não sabiam. Arnie não sabia nada sobre o Campus e o papel de seu pai em estabelecê-lo, não sabia nada sobre o perdão abrangente, não sabia o que seu pai autorizara. O pai não sabia que seu filho trabalhava lá. E Arnie conhecia mais segredos políticos que qualquer pessoa desde a administração Kennedy, a maior parte dos quais jamais saíra de seus lábios, nem mesmo para os ouvidos do presidente em exercício.

— Washington está uma confusão — comentou Jack, imaginando o que poderia sair dali.

Van Damm não engoliu a isca:

— Geralmente é.

— Faz imaginar o que as pessoas pensavam em 1914, como o país estava se afundando na época, mas ninguém se lembra disso agora. Isso porque alguém consertou o estrago, ou porque a coisa realmente não era importante?

— O primeiro mandato de Wilson — respondeu Arnie. — A guerra começando na Europa, mas ninguém percebeu como aquilo ainda se tornaria ruim. Levou mais de um ano para as pessoas perceberem, e então era tarde demais para achar uma saída. Henry Ford tentou, mas riram da cara dele.

— Mas isso porque o problema era grande demais ou as pessoas que eram muito mesquinhas e idiotas? — divagou Jack.

— Não perceberam o problema chegando — disse o Ryan mais velho. — Estavam ocupadas demais lidando com o dia a dia para parar e perceber as grandes tendências históricas.

— Como todos os políticos?

— Os políticos profissionais tendem a focar nos temas pequenos, não nos grandes — concordou Arnie. — Tentam manter a continuidade porque é mais fácil manter o trem nos mesmos trilhos. O problema é: o que fazer quando os trilhos estão soltos na curva seguinte? Por isso é que é um trabalho difícil, mesmo para pessoas espertas.

— E ninguém viu o terrorismo chegando também.

— Não, Jack, não vimos, pelo menos não completamente — admitiu o ex-presidente. — Alguns perceberam. Droga, com um serviço de inteligência melhor talvez tivéssemos percebido, mas o estrago foi feito há trinta anos, e ninguém jamais tentou realmente consertar isso.

— O que funciona? — perguntou Jack. — O que teria feito diferença? — Era uma pergunta suficientemente ampla que poderia gerar uma resposta honesta.

— Inteligência eletrônica é importante, e provavelmente nós ainda somos os melhores nisso, mas não há substituto para a inteligência humana; os verdadeiros espões de campo, falando com pessoas reais e descobrindo o que elas realmente pensam.

— E matando alguns? — perguntou Jack, só para ver no que ia dar.

— Não há muito disso — respondeu seu pai. — Pelo menos, não fora de Hollywood.

— Não é o que os jornais dizem.

— Eles também continuam noticiando aparições de Elvis — respondeu Arnie.

— Caramba, talvez fosse ótimo se James Bond existisse, mas não existe — observou o ex-presidente. Podia ter sido o desmonte feito na administração Kennedy, que começara a acreditar na ficção do 007, exceto por um idiota chamado Oswald. Será que a maioria das grandes viradas na história acontecem por conta de acidentes, assassinatos e azar? Talvez na época fosse possível ter uma conspiração decente, mas agora não mais. Advogados demais, repórteres demais, blogueiros demais e câmeras e filmadoras digitais demais.

— E como consertamos isso?

Isso fez a cabeça do Ryan mais velho se voltar para cima, um tanto tristemente, seu filho pensou.

— Já tentei uma vez, se lembra? — falou o pai.

— Então por que Arnie está aqui?

— Desde quando você ficou tão curioso?

— Meu trabalho é olhar as coisas e tirar sentido delas.

— A maldição da família — observou Van Damm.

Sally entrou nesse instante na sala.

— Bem, olha só quem apareceu.

— Já terminou de dissecar seu cadáver? — perguntou Junior.

— O difícil é colocar tudo de volta no lugar e fazer com que ele saia pela porta dos fundos — disparou de volta Olivia Barbara Ryan. — É melhor do que lidar com dinheiro. Coisa suja, o dinheiro, cheia de germes.

— Não quando você faz isso pelo computador. Assim é limpo e bonitinho.

— Como está minha garota número um? — perguntou o ex-presidente.

— Bem, trouxe alface. Orgânico. Só pode ser assim. Mamãe mandou dizer que já é hora de você colocar os bifes para grelhar.

Sally não aprovava bifes, mas era a única coisa que seu pai sabia fazer, assim como hambúrgueres. Como não era verão, devia fazer isso na grelha da cozinha em vez de usar a churrasqueira externa de carvão. Foi o suficiente para fazer o pai se levantar e ir para a cozinha, deixando Junior e Arnie juntos.

— Então, Sr. Van Damm, ele vai topar?

— Acho que tem que fazer isso, aceite ou não a ideia agora. O país precisa que ele o faça. E agora me chame de Arnie, Jack.

Jack suspirou.

— Esse é um negócio de família pelo qual não tenho o menor interesse. Não paga o suficiente pelas angústias que acompanham.

— Talvez, mas como você diz não para seu país?

— Jamais me perguntaram — respondeu Jack, mentindo em pequeno grau.

— A questão é sempre interior. E seu pai está escutando isso agora. O que ele vai fazer? Droga, você é filho dele. Você o conhece melhor do que jamais conhecerei.

— A coisa mais difícil para o meu pai diz respeito a nós, mamãe e as garotas. Acho que a primeira lealdade dele é para conosco.

— E é assim que deve ser. Me conte: alguma garota simpática na sua vida? — perguntou Van Damm.

— Ainda não.

Não era completamente verdade. Ele e Brenda estavam saindo havia mais de um mês, e ela era especial, mas Jack não tinha certeza se era o especial *certo*. Do tipo de levar para casa e apresentar aos pais.

— Ela ainda está por aí, esperando ser achada. A boa notícia é que ela também está procurando você neste mesmo instante.

— Aceito sua palavra. A pergunta é: será que vou estar velho e grisalho quando isso acontecer?

— Está com pressa?

— Não especialmente.

Sally apareceu na porta.

— Jantar, para os que querem devorar a carne de uma criatura pacífica e inofensiva, provavelmente assassinada em Omaha.

— Bem, ela teve uma vida gratificante — observou Jack.

Arnie entrou na conversa:

— Ah, sim, levavam a comida direto para ela, teve muitos amigos, todos de sua idade, nunca precisou andar muito nem se preocupar com os lobos, teve boa assistência médica para cuidar de qualquer doença que a preocupasse...

— Só tem uma coisa — disparou de volta Sally, conduzindo-os pelas escadas. — Fizeram com que ela subisse por uma rampa inclinada até uma jaula apertada e destroçaram seu cérebro com um martelo hidráulico.

— Já lhe ocorreu, minha jovem, que um pé de alface pode gritar quando é cortado?

— Mas é difícil de ouvir — intrometeu-se Jack. — As cordas vocais são pequenas. Nós somos carnívoros, Sally. Por isso é que temos pouco esmalte nos dentes.

— Nesse caso, somos mal-adaptados. O colesterol nos mata logo depois de chegarmos à idade reprodutiva.

— Jesus, Sally, você quer andar pelo mundo pelada com uma faca de pedra para sobreviver? E que tal seu Ford Explorer? — perguntou Jack. — E o boizinho que nos proporcionou o jantar também forneceu o couro para seus sapatos estilosos. Você pode empurrar a ecochatice longe demais, lembra?

— A coisa vira religião, Jack — avisou Arnie. — E você não pode discutir religião com as pessoas.

— Tem muito disso por aí. E nem tudo se expressa em palavras.

— Verdade — concedeu Arnie. — Mas não precisamos aumentar a confusão.

— Está certo, ótimo. Sally, conte para nós sobre o buraco na camada de ozônio — convidou Jack. Ele havia vencido aquela. Sally gostava demais de se bronzear.



Como Vitaliy havia previsto, seus passageiros não bebiam vodca. Ele comprara quatro litros para o estoque de seu próprio armário, mas, apesar de todos eles fumarem, não bebiam. Isso apenas confirmava o que suspeitava. Não que isso importasse. O dinheiro deles seria gasto da mesma maneira que o de outros.

Ele aportou seu barco de desembarque na margem em uma leve inclinação coberta de pedregulhos, que era o que passava por praia por ali. Manteve a rampa de desembarque levantada, afinal um urso podia vagar e entrar a bordo. Eles estavam seguindo na direção dos melhores pontos de caça, apesar de a temporada já ter terminado. Seus passageiros tinham armas de fogo, mas não eram do tipo que ia atrás de caça. Ele pensou em caçar alguma coisa para seus próprios propósitos. Daria uma boa decoração na cabine de pilotagem, algo que faria os clientes se lembrarem dele. Mas não achou tempo para isso.

Os passageiros que fretaram o barco estavam acampados na área de carga. Vitaliy instalara colchões de plástico e cadeiras dobráveis. Eles ficavam sentados lá, fumando e conversando em voz baixa entre si, não o importunando para quase nada. Tinham até levado a própria comida. Não era uma ideia ruim. Vanya não era um cozinheiro gourmet por nenhum padrão, e se alimentava principalmente com rações do Exército russo, que comprava à vista de um sargento intendente em Arcangel.

A região era fantasmagoricamente silenciosa. Os aviões voavam alto demais, e até mesmo observar suas luzes anticollisão era difícil e muito raro, tão afastada da civilização era essa parte da Rússia, terra para aventureiros ou naturalistas ocasionais, assim como dos pescadores locais que tentavam arrancar sua reduzida sobrevivência do mar. Chamar essa parte da Rússia de “economicamente estagnada” era até um elogio. Salvo a moribunda Marinha russa, não havia nada ali para os homens fazerem, e metade disso era limpar os restos da confusão ou do desastre que tivesse matado muitos marinheiros, os pobres coitados.

Mas foi isso, lembrou-se ele, que o levava até ali, e por alguma razão gostava do lugar. O ar era sempre fresco, e os invernos muito mais que rígidos, algo que um verdadeiro russo tinha no sangue, o que o fazia diferente dessas raças europeias menores.

Verificou seu relógio. O sol levantaria bem cedo. Ele acordaria seus passageiros dentro de mais ou menos cinco horas, deixando que bebessem chá e comessem pão com manteiga como jejum. Tinha bacon para completar, mas não ovos.

Pela manhã, ele sairia para o mar e observaria o trânsito dos navios mercantes. Havia uma quantidade surpreendente deles. Faziam mais sentido econômico que caminhões e trens para viajar até os novos campos petrolíferos e o complexo de mineração de ouro do lago Yessey. E estavam construindo um oleoduto para transportar petróleo para a Rússia europeia, financiado principalmente por empresas petrolíferas americanas. Os locais chamavam isso de “invasão americana”.

*Vamos encerrar o dia*, pensou. Tomou um último gole de vodka e se ajeitou no colchão que colocara na cabine de pilotagem, antecipando cinco ou seis horas de sono.

Salvo o escrutínio extra na alfândega de Dallas, que disseram a Shasif ser provável por causa do seu nome e rosto, a conexão de voos ocorrera tranquilamente. Tal como fora instruído, ele comprara uma passagem de ida e volta e levava bagagem suficiente para uma semana nos Estados Unidos. Da mesma maneira, havia reservado um carro de aluguel, feito a reserva de hotel e estava bem abastecido com folhetos das atrações locais, assim como e-mails de amigos da área. Shasif supunha que fossem pessoas reais; de qualquer maneira, era altamente improvável que as autoridades verificassem isso.

Todos os pontos que podiam levantar bandeiras vermelhas estavam cobertos. Ainda assim, a inspeção fora estressante, mas, no final das contas, não causara problemas. Com um aceno o deixaram passar pelo controle e sair pelo portão.

Sete horas depois de sair de Toronto, ele aterrissou no Aeroporto Internacional de Los Angeles às dez e quarenta e cinco, pouco mais de duas horas de diferença em seu relógio, pois viajara no sentido contrário do fuso horário enquanto atravessava o país.

Depois de passar pela alfândega, dessa vez sob o olhar ainda menos amistoso dos agentes da Administração de Segurança de Transporte em Los Angeles, Shasif foi até o balcão da Alamo e pacientemente esperou 15 minutos. Dez minutos depois já estava em seu Dodge Intrepid rumo a leste do Century Boulevard. O carro estava equipado com um desses computadores de navegação, de modo que ele parou num posto de gasolina, digitou o endereço no computador, voltou para o fluxo de trânsito e começou a seguir as setas indicadas na tela.

Quando ele finalmente entrou na 405 seguindo pela direção norte já era quase hora do almoço, de modo que o trânsito estava mais intenso. Quando alcançou a rodovia 10, a Santa Monica Freeway, os carros se movimentavam na velocidade letárgica de



50 quilômetros por hora. Shasif não conseguia imaginar como as pessoas podiam viver num lugar assim. Certamente era bonito, mas todo esse barulho e confusão... Como alguém podia esperar ouvir a voz tranquila de Deus? Não era à toa que a América estava em tal estado de confusão moral.

A Santa Monica Freeway permitiu uma velocidade maior, e assim chegou ao acesso da Pacific Coast Highway em mais dez minutos. Quinze quilômetros depois ele chegou ao seu destino, Topanga Beach. Entrou no estacionamento, que estava com uns três quartos de lotação, e achou uma vaga perto do acesso à praia, onde estacionou.

Desceu do carro. Havia um vento forte vindo do oceano, e ele podia escutar o grasnado dos pássaros à distância. Para além das dunas, viu os surfistas, cinco ou seis deles, remando pela arrebentação. Shasif atravessou o estacionamento e caminhou até uma ladeira ladeada por arbustos perto da estrada de serviço. Uns 15 metros abaixo, pela extensão de terra, estava uma figura solitária, olhando para o oceano. O homem era de ascendência árabe. Shasif verificou o relógio. Bem na hora. E caminhou até o homem.

— Desculpe — disse Shasif. — Estou procurando o Reel Inn. Acho que passei sem ver.

O homem se virou. Seus olhos estavam cobertos pelos óculos de sol.

— Passou sim — respondeu. — Há uns 300 metros. Se estiver procurando um cozido de peixe, entretanto, eu experimentaria o Gladstone. É mais caro, mas a comida é melhor.

— Obrigado.

Isso feito, Shasif não sabia mais o que dizer. Simplesmente entregar o pacote e ir embora? O sujeito tomou a decisão por ele, estendendo a mão. Shasif tirou a caixa com o CD-ROM do bolso do paletó e a entregou ao homem, e quando fez isso notou as cicatrizes nas mãos do contato.

*Fogo*, pensou Shasif.

— Vai ficar um pouco por aqui? — perguntou o homem.

— Sim. Três dias.

— Que hotel?

— O Doubletree. Distrito comercial.

— Fique perto do telefone. Pode ser que tenhamos algo para você. Você fez um bom trabalho. Se estiver interessado, pode ser que peçamos para você realizar um papel maior.

— Claro. Qualquer coisa que esteja a meu alcance.

— Entraremos em contato.

Então o homem foi embora, descendo pela estrada.



O telefone particular de Jack Ryan Senior tocou, e ele atendeu, esperando alguma distração da escrita.

— Jack Ryan.

— Senhor presidente?

— Bem, sim, já fui — disse Ryan, inclinando-se na cadeira. — Quem fala?

— Senhor, aqui é Marion Diggs. Eles me promoveram a FORCECOM. Estou no Fort McPherson, na Geórgia... na verdade, em Atlanta.

— Já é um quatro estrelas? — Ryan lembrou que Diggs havia ficado famoso há alguns anos na Arábia Saudita. Um bom comandante de campo como Buford-Six.

— Sim, senhor, correto.

— E como anda a vida em Atlanta?

— Nada mau. O comando tem suas vantagens. Senhor... — A voz dele parecia um pouco inquieta. — Senhor, preciso falar com o senhor.

— Sobre o quê?

— Prefiro dizer isso pessoalmente, senhor, não pelo telefone.

— Muito bem. Pode vir até aqui?

— Sim, senhor. Tenho um bimotor à minha disposição. Posso chegar no Aeroporto de Baltimore em, digamos, duas horas e meia, mais ou menos. Depois posso dirigir até sua casa.

— Muito bem. Me informe a hora aproximada de chegada e mando o Serviço Secreto pegar você. Está bem assim?

— Sim, senhor. Isso seria ótimo. Posso sair daqui em 15 minutos.

— Muito bem. Isso coloca você em Baltimore por volta de, vejamos, mais ou menos uma e meia da tarde?

— Sim, senhor.

— Faça isso, general. Irão encontrar você no aeroporto.

— Obrigado, senhor. O vejo dentro de algumas horas.

Ryan desligou e chamou Andrea Price-O'Day pelo intercomunicador.

— Sim, senhor presidente?

— Tenho uma companhia chegando, o general Marion Diggs. É o FORCECOM

de Atlanta. Chegará no Aeroporto de Baltimore. Pode cuidar para que ele seja recebido e trazido até aqui?

— Certamente, senhor. A que horas ele chega?

— Por volta de uma e meia, no terminal de aviação geral.

— Vou mandar alguém para lá.

O U-21 bimotor do general pousou e taxiou normalmente, parando diante do Ford Crown Victoria. O general era facilmente reconhecível com sua camisa verde com quatro estrelas de prata nas dragonas. A própria Andrea fora recebê-lo, e os dois não conversaram muito na viagem até Peregrine Cliff.

Ryan havia preparado ele mesmo o almoço, incluindo 700 gramas de *corned beef* do Attman's de Lombard Street, em Baltimore. A viagem e a chegada do general tinham sido bem rápidas. Menos de quarenta minutos depois do pouso, Diggs estava à porta. O próprio Ryan foi abrir.

Ryan encontrara Diggs apenas uma ou duas vezes antes. Era um homem de altura média, negro como um pedaço de carvão, e tudo nele dizia “soldado”, inclusive, Jack percebeu, certa inquietação.

— Olá, general, bem-vindo — disse Ryan, apertando a mão dele. — O que posso fazer pelo senhor?

— Senhor... estou... bem, um tanto inquieto sobre isso, mas tenho um problema e acho que o senhor deveria saber disso.

— Muito bem, entre e prepare seu sanduíche. Bebe Coca-Cola?

— Sim, obrigado, senhor.

Ryan o conduziu até a cozinha. Depois de os dois terem montado seus sanduíches, Ryan sentou. Andrea passeava pelos arredores. General ou não, ele não era exatamente um frequentador regular da casa, e o trabalho de Andrea era manter Ryan vivo em todas as eventualidades.

— Então, qual é o problema? — perguntou o ex-presidente.

— Senhor, o presidente Kealty quer processar e julgar um sargento do Exército dos EUA sob a alegação de assassinato no Afeganistão.

— Assassinato?

— É assim que o Departamento de Justiça está qualificando o caso. Mandaram um procurador-geral assistente até o meu comando ontem, que me interrogou pessoalmente. Como comandante em chefe do Comando das Forças, eu sou legalmente responsável por todas as forças operacionais do Exército dos Estados Unidos; de outras forças também, mas esse caso é realmente um assunto do Exército. O soldado em questão é um primeiro-sargento de companhia (E-8) chamado Sam Driscoll. É um soldado de operações especiais, parte do 75º Regimento Ranger em Fort Benning. Puxei seu arquivo pessoal. É um soldado muito sério, a ficha de combate excelente, um soldado para cartaz de recrutamento e um excelente Ranger.

— Muito bem. — Ryan considerou a observação final. Ele estivera em Fort Benning e fizera o tour VIP da base. Os Rangers, nos trinques para aquele dia, o impressionaram muito como rapazes extraordinariamente bem-preparados, para os quais matar era uma exigência especial da sua linha de trabalho. Era o pessoal das operações especiais, o equivalente americano do regimento SAS britânico. — Qual o problema?

— Senhor, há algum tempo tivemos um sinal da inteligência de que o Emir poderia estar numa determinada caverna, e assim montamos uma operação especial para ir até lá agarrá-lo. Por fim ele não estava lá. O problema, senhor, é que Driscoll matou nove dos bandidos, e algumas pessoas ficaram preocupadas pelo modo como ele fez isso.

Ryan tinha dado duas mordidas em seu sanduíche.

— E?

— E chegou a chamar a atenção do presidente, que instruiu o Departamento de Justiça a processá-lo, isto é, investigar o incidente como uma possível investigação de assassinato, pois ele poderia ou não ter violado uma ordem executiva sobre conduta no campo de batalha. Driscoll liquidou nove pessoas, algumas delas dormindo.

— Assassinato? Acordados ou dormindo eram combatentes inimigos, certo?

— Sim, senhor. Driscoll enfrentou uma situação tática adversa, e, usando seu julgamento como suboficial superior no local, teve que eliminá-los antes de continuar a missão. E fez isso. Mas os caras na Justiça, todos nomeações políticas, se é que isso importa, parecem pensar que ele deveria tê-los aprisionado em vez de matá-los.

— E onde é que Kealty entra nisso? — perguntou Jack, bebericando sua Coca-Cola.

— Ele leu o relatório e ficou preocupado. Então chamou a atenção do procurador-geral, que mandou uma pessoa dele até mim para começar a investigação. — Diggs deixou seu sanduíche de lado. — Senhor, isso é difícil para mim. Jurei defender a Constituição, e o presidente é meu comandante em chefe, mas, Deus do céu, se trata de um dos meus soldados, um bom soldado, fazendo um trabalho difícil. Tenho o dever de ser leal ao presidente, mas...

— Mas também tem a responsabilidade de ser leal para com seus sargentos — Ryan terminou a frase.

— Sim, senhor. Driscoll pode não representar muito no grande esquema das coisas, mas é um ótimo soldado.

Ryan pensou no caso. Para Kealty, Driscoll era apenas um soldado, uma forma inferior de vida. Se fosse um motorista sindicalizado a coisa podia ser diferente, mas o Exército dos Estados Unidos ainda não tinha sindicatos. Para Diggs, era uma questão de justiça, e uma questão de moral, que seria abalada em todas as Forças Armadas se esse soldado fosse preso, ou fosse a uma corte marcial por causa do incidente.

— O que diz a lei sobre isso? — perguntou Jack.

— Senhor, a coisa é um tanto turva. O presidente emitiu ordens, mas essas não

eram absolutamente claras, e, de qualquer maneira, tais ordens geralmente não se aplicam a operações especiais. A missão dele era localizar e capturar o Emir caso o localizasse, ou matá-lo se precisasse. Soldados não são policiais. Não são treinados para isso, e são medíocres quando tentam. Do meu ponto de vista, Driscoll não fez nada de errado. Pelas regras da guerra, você não tem que avisar a um inimigo antes de matá-lo. É problema *dele* cuidar de sua segurança, e, se ele ferra com as coisas, bem, azar o dele. Atirar num sujeito pelas costas é perfeitamente aceitável no campo de batalha. É assim que os soldados são treinados. Nesse caso, quatro bandidos dormiam nos beliches, e o sargento Driscoll providenciou para que não acordassem. Fim da história.

— E essa coisa vai adiante?

— O procurador-geral assistente parecia bastante animadinho com o caso. Tentei explicar a ele como são as coisas da vida, mas ele simplesmente tentou me explicar como eram essas coisas da vida do modo como pensava. Senhor, sou soldado há 34 anos. Nunca ouvi falar de uma coisa dessas. — Fez uma pausa. — O presidente nos mandou para lá. Tal como para o Iraque, mas está comandando essa coisa como... como já aconteceu no Vietnã, suponho. Perdemos um bocado de pessoas por lá, boas pessoas, por conta desse microgerenciamento deles, mas esse caso... Jesus, senhor, simplesmente não sei o que fazer.

— E não há muito que eu possa fazer, general. Não sou mais o presidente.

— Sim, senhor, mas eu tinha que procurar alguém. Geralmente eu me reporto diretamente ao secretário de Defesa, mas nesse caso seria uma perda de tempo.

— E você falou com o presidente Kealty?

— Perda de tempo, senhor. Ele não está muito interessado em falar com pessoas uniformizadas.

— E eu estou?

— Sim, senhor. O senhor sempre foi alguém com quem podíamos falar.

— E o que quer que eu faça?

— Senhor, o sargento Driscoll merece um tratamento justo. Nós o mandamos para as montanhas com uma missão. A missão não foi um sucesso, mas não foi culpa dele. Já fomos um monte de poços secos por lá. Esse foi mais um, mas droga, senhor, se mandarmos mais tropas para essas colinas, e se massacrarmos esse sujeito por ter feito seu trabalho, todos os poços que furarmos estarão secos.

— Muito bem, general, já apresentou seu ponto de vista. Temos que apoiar nosso pessoal. O sujeito poderia ter feito alguma coisa diferente?

— Não, senhor. É um soldado caxias. Tudo que fez é consistente com seu treinamento e com sua experiência. O Regimento Ranger... bem, eles são pagos para matar, talvez, mas às vezes é útil ter esse tipo de serviço à mão. O que se quer na guerra é matar. Não mandamos recados. Não tentamos educar nossos inimigos. Quando vamos a campo, nosso trabalho é matar. Algumas pessoas não gostam disso, mas é para isso que somos pagos.

— Muito bem, vou olhar o material e talvez levantar alguma poeira. O que me trouxe?

— Trouxe uma cópia do relatório do sargento Driscoll para que leia, juntamente com o nome do advogado que tentou enfiar isso pelo meu rabo. Droga, senhor, se trata de um bom soldado.

— Está certo, general. Algo mais?

— Não, senhor. Obrigado pelo almoço.

Ryan percebeu que ele mal dera uma mordida no sanduíche. Diggs voltou para o carro.



O voo transcorreu sem problemas. O taxiamento terminou, e eles já estavam no avião havia oito horas e meia quando o ônibus de transferência parou ao lado da escada que saía da porta dianteira esquerda do 777. Clark não sentou. Fizera isso por tempo demais, o suficiente para deixar suas pernas duras. O mesmo aconteceu com seu neto, que olhava animado para sua terra natal — na verdade, ele nascera na Inglaterra, mas já tinha uma bola de beisebol e sua primeira luva. Dentro de seis meses jogaria T-ball e começaria a comer cachorro-quente de verdade, como um garoto americano devia fazer. Dentro de um pãozinho, com mostarda, e talvez algumas cebolas e molho picante.

— Feliz por estar de volta em casa, querida? — perguntou Ding a Patsy.

— Gostava de lá, e vou sentir falta dos amigos, mas nossa terra é nosso lar.

A despeito do pedido para que continuassem a viagem, feito tanto por Chavez quanto por Clark, suas esposas saíram do avião em Heathrow, e não houve argumento que as fizesse mudar de ideia.

— Voltaremos para casa juntos — declarou Sandy, encerrando com firmeza e discussão.

A operação em Trípoli transcorreu sem maiores tropeços. Oito bandidos mortos em ação e apenas ferimentos leves entre os reféns. Cinco minutos depois da autorização que Clark dera a Masudi, ambulâncias locais chegaram à embaixada para cuidar dos reféns, a maioria dos quais sofria apenas de desidratação. Minutos depois, a Sakerhetspolisen e a Rikskriminalpolisen suecas chegaram e tomaram conta da embaixada. Duas horas mais tarde, a Rainbow estava a bordo do mesmo Piaggio P180 Avanti que os trouxera, rumo norte para Taranto, e depois para Londres.

A avaliação oficial da operação com Stanley, Weber e os demais viria mais tarde, provavelmente através de uma conferência segura via webcam, quando Clark e Chavez já estivessem instalados nos Estados Unidos. Incluí-los na avaliação era tanto uma cortesia quanto uma necessidade, provavelmente um pouco mais a primeira. Ele e Ding estavam oficialmente separados da Rainbow, e Stanley estava lá em Trípoli, de modo que, além do capítulo das “lições aprendidas” que sempre faziam depois de cada operação, Clark tinha pouco a contribuir com o relatório oficial.

— Como você se sente? — perguntou John Clark à esposa.

— Depois de dormir ficarei bem. — O jet lag em direção a oeste era sempre mais fácil de lidar. O que acontecia quando se viajava para leste era terrível. Ela espreguiçou. Mesmo as poltronas de primeira classe da British Airways tinham suas limitações. As viagens aéreas, apesar de convenientes, raramente faziam bem para as pessoas. — Pegou os passaportes e as outras coisas?

— Bem aqui comigo — assegurou-lhe Ding, dando um tapinha no bolso do paletó. J.C. deve ter sido um dos americanos mais jovens a obter um passaporte diplomático negro. Mas Ding também tinha sua Beretta automática .45, e o escudo de ouro e o cartão de identidade que o qualificava como delegado federal dos Estados Unidos, o que realmente era muito útil para alguém armado em um aeroporto internacional. Possuía ainda uma licença para porte de armas britânica, tão raro que a própria rainha praticamente tinha que assiná-lo. Isso permitiu que passassem rapidamente pela alfândega e pela imigração.

Depois da alfândega, perceberam no saguão de recepção público um sujeito bem comum segurando uma placa de papelão com CLARK escrito, e os cinco foram até ele.

— Como foi o voo? — A pergunta usual.

— Ótimo. — A resposta padrão.

— Estou estacionado aí fora. Um Plymouth Voyager azul com placa da Virgínia. Vocês vão ficar no Key Bridge Marriott, as duas suítes do último andar. — *Que já foi cuidadosamente vasculhada*, ele não precisou acrescentar. A cadeia Marriott fazia muitos negócios com o governo, especialmente essa unidade na Key Bridge, com vista para Washington.

— E amanhã? — perguntou John.

— Vocês estão programados para as oito e quinze da manhã.

— Quem vamos encontrar? — perguntou Clark.

O sujeito deu de ombros.

— Vai ser no sétimo andar.

Clark e Chavez trocaram um olhar de *oh, que merda*, mas na verdade isso não era surpreendente, e ambos estavam prontos para uma longa noite de sono que provavelmente terminaria por volta das cinco e meia no máximo, mas desta vez sem a corrida de 5 quilômetros e as dúzias diárias de exercícios físicos.

— Como foi na Inglaterra? — perguntou o recepcionista/motorista enquanto saíam.

— Civilizada. Algumas vezes bem agitada — disse Chavez, mas depois percebeu que o recepcionista oficial era apenas um oficial de campo novato que não tinha a menor pista do que eles andaram fazendo na velha terra. Mas isso não importava. Ele não tinha aparência de ex-militar, apesar de isso nem sempre ser evidente.

— Foram assistir a jogos de rúgbi quando estavam por lá? — perguntou o acompanhante.

— Alguns. É preciso ser maluco para jogar aquilo sem os equipamentos de



proteção — comentou Clark. — Mas por lá eles são mesmo um pouco excêntricos.

— Ou talvez mais durões do que nós.

A viagem até Washington transcorreu sem problemas, ajudada pelo fato de estarem fazendo isso antes do engarrafamento da hora do rush e não entrando muito na cidade. Os efeitos do jet lag atingem até mesmo passageiros experimentados, e, quando chegaram ao hotel, ficaram bastante satisfeitos com a presença de carregadores. Em cinco minutos, estavam no último andar, acomodados em suítes vizinhas, e J. C. já estava observando a cama king-size que o acomodaria. Patsy deu o mesmo tipo de olhada para a banheira — era menor que os monstros construídos pelos britânicos, mas havia espaço para se sentar e um suprimento ilimitado de água quente do outro lado da torneira. Ding escolheu uma cadeira e pegou o controle remoto para se refamiliarizar com a televisão americana.

Na porta ao lado, Clark deixou Sandy desfazer as bagagens e foi até o frigobar pegar uma miniatura de Jack Daniel's Old nº 7. Os britânicos não entendiam de Bourbon nem do seu primo do Tennessee, e o primeiro gole puro, mesmo sem gelo, foi de enorme prazer.

— E amanhã? — perguntou Sandy.

— Temos uma reunião no sétimo andar.

— Com quem?

— Ele não disse. Provavelmente um vice-diretor assistente de operações. Não acompanhei a dança das cadeiras em Langley. Seja lá quem for, vai me falar sobre o grande pacote de aposentadoria que arrumaram para mim. Sandy, acho que já está na hora de pendurar o paletó.

Ele não podia acrescentar que realmente nunca havia considerado a possibilidade de viver tanto tempo. Então, sua sorte ainda não tinha terminado? Notável. Devia comprar um laptop e encarar seriamente uma autobiografia. Mas, por enquanto: levante-se, espreguice, pegue seu paletó e pendure no armário antes que Sandy brigue novamente por ser desleixado. Na lapela estava a faixa azul-celeste e as cinco estrelas brancas que representavam a Medalha de Honra que Jack Ryan arranajara para ele, depois de olhar sua folha de serviços na Marinha e um longo documento escrito pelo vice-almirante Dutch Maxwell, que Deus o tenha. Ele estava fora quando Maxwell descansou, aos 83 anos — estava no Irã, entre todos os lugares. Tentando ver se uma rede de agentes fora completamente liquidada pela segurança iraniana. O processo havia começado, mas John conseguira tirar do país cinco deles, vivos e com suas famílias, através dos Emirados Árabes Unidos. Sonny Maxwell ainda voava, capitão sênior para a Delta, pai de quatro. A medalha viera por ter tirado Sonny do Vietnã do Norte. Agora parecia que isso tudo acontecera durante a última era glacial. Mas ele possuía essa pequena faixa para comprovar, e isso era melhor que um chute nos colhões. Guardado em algum lugar, estava o uniforme social e os sapatos pretos de

sargento-mor, juntamente com o escudo dourado de Navy SEAL. Na maioria dos clubes de suboficiais não lhe permitiriam pagar sua própria cerveja, mas, Jesus, hoje os sargentos pareciam ser cada vez mais jovens. Houve época em que todos pareciam o próprio Noé.

A boa notícia era que ele ainda não estava morto. E podia ter a perspectiva de uma aposentadoria honrosa, e talvez escrever a tal autobiografia, se é que Langley alguma vez permitiria que fosse publicada. Bastante improvável. Ele sabia de um monte de coisas que não podiam ser reveladas, e fizera uma ou duas coisas que provavelmente não deveriam ter sido feitas, mas, durante a vida, havia encarado esse problema. Coisas como essas nem sempre faziam sentido para as pessoas que ocupavam escrivadinhas no Old Headquarters Building, mas, para eles, o ponto alto do dia era encontrar um bom lugar para estacionar e descobrir se haveria ou não seu bolo preferido no mostruário de sobremesas da cafeteria.

Ele podia ver Washington, D.C., pela janela. O edifício do Capitólio, o Lincoln Memorial e o obelisco de mármore de George Washington, além dos terrivelmente feios edifícios que abrigavam os vários departamentos do governo.

Para John Terrence Clark, essa era simplesmente uma cidade inteira cheia de babacas burocratas, para os quais a realidade era uma pasta na qual os papéis deviam ser adequadamente arquivados, e, se alguém tinha que derramar sangue para que as coisas fossem assim, bem, isso era apenas objeto de um interesse distante. Centenas de milhares deles. A maioria tinha esposas — ou maridos —, e filhos, mas, mesmo assim, era difícil não observá-los com desgosto — e ocasionalmente com puro ódio. Mas eles tinham seu mundo, e ele, o dele. Podiam até se sobrepor, mas realmente jamais se encontravam.

— Feliz por estar de volta, John? — perguntou Sandy.

— Sim, algo assim. — A mudança era difícil, mas inevitável. Quanto à direção que sua vida tomaria a partir dali... o tempo diria.

Na manhã seguinte, Clark pegou a saída à direita pela George Washington Parkway, contornando pela esquerda e passando pela portaria, cuja guarda armada tinha seu número de identificação anotado como “estranho permitido” para entrar. Deixaram que John estacionasse na área de visitantes, bem diante e à esquerda do grande toldo na entrada.

— Então, quanto tempo antes de eles nos dizerem que temos que procurar um novo emprego, John? — perguntou Domingo.

— Calculo que por volta de uns quarenta minutos. Serão bem-educados, tenho certeza.

Com essa avaliação, os dois desceram do Chevy alugado e caminharam até a porta principal, onde foram recebidos por um OPS, ou oficial de segurança e proteção, que nenhum dos dois conhecia.

— Sr. Clark, Sr. Chavez. Sou Pete Simmons. Bem-vindos ao lar.

— É bom estar de volta — respondeu John. — E você é...

— Sou um OPS, esperando uma designação de campo. Saí da Fazenda há dois meses.

— Quem foi seu instrutor de treinamento?

— Max DuPont.

— Max ainda não se aposentou? Bom sujeito.

— Bom professor. Ele nos contou algumas histórias sobre vocês dois, e vimos o filme de treinamento que fizeram lá em 2002.

— Me lembro disso — disse Chavez. — Sacudido, não mexido. — E deu uma risadinha breve.

— Não bebo martinis, Domingo, lembra?

— Também não é boa-pinta como o Sean Connery. O que você aprendeu naquele filme, Simmons?

— Mantenha suas opções abertas e não ande pelo meio da rua. — Que eram, de fato, boas lições para um agente de campo.

— Então, quem vamos encontrar?

— O vice-diretor assistente Charles Sumner Alden.

— Indicação política?

— Correto. Kennedy School, Harvard, sim. É bastante amistoso, mas às vezes eu me pergunto se ele realmente aprova o que fazemos por aqui.

— E o que Ed e Mary Pat andam fazendo agora?

— Ed está aposentado — contou Simmons. — Escrevendo um livro, pelo que ouvi dizer. Mary Pat está por aqui, no NCTC. É uma fera.

— Ela tem os melhores instintos de agente de campo que jamais encontrei — disse Clark. — Se ela afirma uma coisa, você pode botar a mão no fogo.

— O que me leva a perguntar por que o presidente Kealty não manteve na folha de pagamento ela e Ed — observou Chavez.

*Sujeira, sujeira*, pensou Clark.

— E o moral, como anda? — perguntou a caminho dos leitores de cartões de segurança. Simmons tratou disso, com um aceno para o guarda no final da fila de entrada.

— Poderia estar melhor. Temos um monte de gente andando em círculos por aqui. Estão aumentando a diretoria de inteligência, mas a minha foi a última turma a passar pela Fazenda por enquanto, e nenhum de nós recebeu designações para o campo ainda.

— De onde você veio?

— Polícia de Boston. Fui contratado pelo Plano Azul. Sou formado pela Universidade de Boston, não por Harvard. Línguas.

— Quais?

— Sérvio, um pouco de árabe e um pouco de pashtun. Supostamente eu deveria ter

ido a Monterrey para dar uma caprichada nisso, mas me engavetaram.

— Você vai precisar das duas últimas — aconselhou John. — E dê um trato no seu jogging. Afeganistão, já passei algum tempo por lá nos meados dos anos 1980, e por lá até um cabrito-montês se cansa.

— É tão ruim assim?

— O pessoal dali guerreia por diversão, e não há nenhum bonzinho. Eu me vi sentindo pena dos russos. Os afegãos são um povo duro. Acho que é culpa da geografia, mas o islamismo é apenas um verniz por cima de uma cultura que já tem mais de 3 mil anos.

— Obrigado pela dica. Vou tirar o lugar da minha lista de preferências — disse Simmons quando o elevador chegou ao sétimo andar.

Ele deixou os dois à mesa da secretária. O carpete fofo informou que se tratava de um escritório importante — parecia bem novo. Clark pegou uma revista e folheou um pouco enquanto Domingo olhava placidamente a parede. Sua antiga vida de soldado o tornara bastante tolerante à chateação.



Depois de quarenta minutos, Charles Alden chegou na antessala, sorrindo do mesmo modo que um vendedor de carros usados. Alto e magro como um corredor, velho o suficiente para parecer importante para si mesmo, fosse lá o que tivesse feito para merecer esse posto. Clark estava preparado para lhe dar o benefício da dúvida, mas as dúvidas se empilhavam rapidamente.

— Então você é o famoso Sr. Clark — disse Allen, cumprimentando-o; e sem se desculpar pelo atraso, percebeu Clark.

— Não tão famoso — respondeu Clark.

— Bem, pelo menos nesta comunidade. — Allen conduziu seu convidado para seu escritório, sem convidar Chavez para se reunir a eles.

— Acabei de ler seu arquivo.

*Em 15 minutos?*, pensou Clark. Talvez com leitura dinâmica.

— Espero que tenha sido esclarecedor.

— Peculiar. Tirar a família Gerasimov da Rússia foi um grande trabalho. E a missão em Tóquio, com um disfarce russo... impressionante. Ex-SEAL... E vi que o presidente Ryan lhe deu a Medalha de Honra. Está há 29 anos com a Agência. É um recorde — disse Alden, acenando para que Clark sentasse. Era uma cadeira menor que a do próprio Alden e desenhada para ser desconfortável. *Jogo de poder*, pensou Clark.

— Simplesmente cumpri as missões que me deram, da melhor maneira que pude, e consegui sobreviver a todas elas.

— Suas missões tendiam a ser um tanto físicas.

Clark encolheu os ombros.

— Agora tentamos evitar isso — observou Alden.

— Tentei evitar isso na época. Com melhor planejamento.

— Sabe, Jim Greer deixou um longo documento sobre como você atraiu a atenção da Agência.

— O almirante Greer era um cavalheiro particularmente honrado e agradável — observou John, subitamente de guarda em relação ao que esse documento podia dizer. James Greer gostava de seus registros escritos. Até ele tinha suas fraquezas. Bem, todo

mundo tem as suas.

— Ele também descobriu Jack Ryan, correto?

— E muitos outros.

— Disso eu já soube.

— Desculpe, senhor, estamos aqui para fazer pesquisa?

— Na verdade, não, mas gosto de saber com quem estou conversando. Você também fez alguns recrutamentos. Chavez, por exemplo.

— É um bom oficial. Mesmo se descontar as coisas que fizemos na Inglaterra, Ding sempre esteve onde seu país precisava dele. Também obteve educação formal.

— Oh, sim, ele conseguiu o grau de mestre na George Mason, não foi?

— Certo.

— Um tanto físico também, como você. Não é um agente de campo de verdade, tal como a maioria das pessoas entende o termo.

— Nem todos podemos ser um Ed Foley ou uma Mary Pat.

— Eles também possuem arquivos peculiares, mas estamos tentando nos afastar disso enquanto o mundo evolui.

— É mesmo?

— Bem, hoje é assim. O mundo mudou. Aquele caso da Romênia com que você e Chavez lidaram... deve ter sido interessante.

— É um modo de perceber a coisa. Não é sempre que alguém se vê em um país estrangeiro no meio de uma revolução, mas fizemos o trabalho antes de deixá-lo.

— Você matou seu alvo — disse Alden com uma careta de desgosto.

— Ele precisava ser morto — respondeu Clark, olhos fixos no rosto de Alden.

— Era contra a lei.

— Não sou advogado, senhor. — E uma ordem executiva, mesmo presidencial, não era exatamente lei ou de acordo com a constituição. John logo compreendeu que o sujeito ali era a quintessência do piloto de escrivadinha. Se não estivesse escrito, não era verdadeiro, e se não tivesse autorização escrita então estava errado. — Quando alguém aponta uma arma carregada para você, já é um pouco tarde demais para negociações formais.

— Você tentou evitar essa contingência?

— Sim. — *É melhor liquidar o filho da mãe pelas costas e desarmado, mas nem sempre isso é possível*, pensou Clark. Quando se trata de vida ou morte, o conceito de luta justa pula pela janela. — Minha missão era capturar aquele indivíduo e, se possível, entregá-lo às autoridades adequadas. Não foi possível.

— O seu relacionamento com a aplicação da lei nem sempre foi amistoso — disse Alden, folheando as páginas do arquivo confidencial.

— Me desculpe, senhor, mas esse arquivo tem minha ficha como motorista?

— Sua amizade com pessoas de cima foi muito útil para sua carreira.

— Suponho que sim, mas isso acontece com muita gente. De modo geral, eu cumpri as missões que me deram, e foi por isso que fiquei tanto tempo por aqui. Sr.

Alden, qual é o objetivo desta entrevista?

— Bem, como vice-diretor de operações, tenho que me familiarizar com as pessoas do Serviço Clandestino, e lendo isso aqui, percebi que você teve uma das carreiras mais peculiares. Você teve sorte de durar tanto tempo, e agora poder contemplar uma carreira tão singular.

— E sobre meu próximo posto?

— Não há novo posto. Ah, você pode voltar para a Fazenda como um dos treinadores, mas realmente meu conselho é que aceite sua aposentadoria. É bem-merecida. Seus papéis de aposentadoria estão prontos para serem processados. Você os mereceu, John — disse ele, sem conseguir esconder uma ponta fria de sorriso.

— Mas, se eu fosse vinte anos mais novo, você não teria um lugar para mim?

— Talvez um posto em uma embaixada — disse Alden. — Mas nenhum de nós é vinte anos mais novo. A Agência mudou, Sr. Clark. Estamos saindo desse negócio de ações paramilitares, salvo quando tivermos pessoas diretamente enviadas para nós pela Força Delta, por exemplo, mas estamos tentando nos afastar dessa atitude de mão na massa na qual você e Chavez se especializaram. O mundo é um lugar mais suave e gentil.

— Contou isso para os nova-iorquinos? — perguntou Clark calmamente.

— Há outros modos de lidar com coisas assim. O truque é descobrir tudo antes e encorajar as pessoas a tomar um rumo diferente se quiserem ganhar nossa atenção.

— Como, exatamente, alguém faz isso... teoricamente, claro?

— É um assunto que enfrentamos aqui no sétimo andar, estudando caso a caso.

— Quando se está no campo, casos como esse nem sempre caem no seu colo de modo que possa ser submetido ao quartel-general. É preciso confiar no seu pessoal para que tome iniciativa, e apoiá-lo quando faz isso de modo inteligente. Já estive lá. A situação pode se tornar terrivelmente solitária no campo se você não confia nas pessoas que estão atrás de você, especialmente quando estão a 8 mil quilômetros de distância.

— A iniciativa funciona bem nos filmes, mas não no mundo real.

*Quando foi a última vez que você esteve em campo no mundo real?*, queria perguntar Clark, mas não fez isso. Não estava ali para argumentar ou discutir. Estava ali simplesmente para ouvir a voz de Deus, transmitida por esse babaca acadêmico. Acontecera antes na Agência, mas lá atrás, nos anos 1970, quando tinha evitado uma aposentadoria involuntária pela primeira vez, com ajuda de James Greer, e havia construído um nome trabalhando na União Soviética em missões “especiais”. Fora ótimo, durante algum tempo, ter um inimigo em que todos acreditavam.

— Então estou fora?

— Você vai se aposentar honrosamente, com os agradecimentos da nação, a qual você serviu bem e sob risco de morte. Sabe, lendo isso aqui, pensei como foi possível você não ter uma estrela na parede do átrio. — Ele se referia ao saguão de mármore

branco com estrelas douradas que lembravam o nome dos agentes de campo mortos a serviço da CIA.

O livro que listava esses nomes — estava numa caixa de cobre e vidro — tinha muitos espaços em branco mostrando apenas datas, porque os próprios nomes eram sigilosos, mesmo cinquenta anos depois do fato. Muito provavelmente, Alden usava o elevador executivo desde o estacionamento de segurança no subsolo, de modo que não era rotineiramente obrigado a olhar a parede — droga, nem sequer a passar por ela.

— E quanto a Chavez?

— Como lhe disse, ele já terá tempo para aposentadoria dentro de apenas mais dez semanas, contando seu tempo no Exército. Vai se aposentar como GS-12, com todos os benefícios, é claro. Ou, se insistir, podemos colocá-lo como instrutor de treinamento na Fazenda por um ou dois anos, antes de enviá-lo para a África, provavelmente.

— Por que a África?

— Há coisas acontecendo por lá, o suficiente para nos manter interessados.

*Claro. Mandem Chavez para Angola, onde vão confundir seu sotaque espanhol com português e ajudá-lo a ser liquidado por algum resto de guerrilha, certo? Não que você se importe com isso, Alden.* Essas pessoas gentis e amorosas realmente nunca se importavam muito com os indivíduos. Interessavam-se apenas pelos grandes assuntos do dia, tentando enfiar peças quadradas de realidade nos buracos redondos teóricos de como o mundo supostamente deveria parecer e agir. Era uma deficiência comum entre os politicamente astutos.

Clark disse:

— Bem, isso é com ele, suponho, e depois de 29 anos, acho que minha aposentadoria está no limite, não?

— Muito bem — concordou Alden, com um sorriso tão autêntico como o de um sujeito que está pronto para fechar a venda de um Ford Pinto 1971.

Clark levantou. Não estendeu a mão, mas Alden o fez, e Clark teve de apertá-la simplesmente para manter os bons modos, e boas maneiras sempre desarmavam os babacas do mundo.

— Ah, quase esqueci. Tem alguém que quer ver você. Conhece James Hardesty?

— Já trabalhei com ele uma vez, sim — respondeu Clark. — Também não está aposentado ainda?

— Não, ainda não. Trabalha com os arquivos operacionais, parte de um projeto no qual a diretoria de operações vem trabalhando há uns 14 meses, uma espécie de projeto de história sigiloso. De qualquer modo, o escritório dele é no quarto andar, passando pelo quiosque de vendas perto dos elevadores. — Alden entregou um número de escritório escrito numa folha de papel em branco.

Clark pegou, dobrou e guardou no bolso. Jimmy Hardesty ainda estava por ali? Como diabos ele conseguira escapar da atenção de sacanas como esse Alden?

— Muito bem, obrigado. Passo por ele a caminho da saída.

— Precisam de mim lá? — perguntou Ding a Clark quando ele saiu.



— Não, desta vez ele só me queria. — Clark ajustou a gravata fazendo um sinal previamente combinado, diante do qual Chavez não reagiu. E com isso os dois tomaram o elevador para descer ao quarto andar. Passaram pelo quiosque com uma equipe de trabalhadores cegos que vendiam coisas como barras de chocolate e Coca-Cola, o que sempre surpreendia os visitantes como algo horripilante e sinistro, mas que para a CIA era uma atitude louvável de proporcionar emprego para os deficientes. Se é que eram realmente cegos. Ninguém nunca podia ter certeza de qualquer coisa nesse edifício, mas isso era apenas parte da sua atmosfera mística.

Acharam o escritório de Hardesty e bateram à porta trancada com código. Ela se abriu em segundos.

— Grande John — disse Hardesty como saudação.

— Olá, Jimmy. O que você anda fazendo aqui neste ninho de ratos?

— Escrevendo uma história de operações que ninguém jamais lerá, pelo menos não enquanto nós estivermos vivos. Você é Chavez? — perguntou a Ding.

— Sim, senhor.

— Vamos, entrem. — Hardesty acenou para que entrassem na sala, que tinha duas cadeiras extras e espaço quase suficiente para as pernas extras, mais uma mesa de trabalho que servia como escrivaninha improvisada.

— Em que ano você está? — perguntou John.

— Você acredita que em 1953? Passei toda a semana passada no caso Hans Tofte e no do cargueiro norueguês. Esse trabalho realmente teve baixas, e nem todos eram bandidos. Era o custo da profissão naquela época, acho, e os marinheiros daquele navio deviam ter pensado duas vezes antes de se alistar.

— Antes da nossa época, Jimmy. Você conversou com o juiz Moore sobre isso? Acho que ele teve uma participação nessa operação.

Hardesty assentiu.

— Esteve aqui na sexta-feira passada. O juiz deve ter aprontado quando jovem, antes de sentar na poltrona por trás da banca. Tanto ele quanto Ritter.

— O que Ritter anda fazendo agora?

— Você não ouviu falar? Merda. Morreu há três meses lá no Texas; câncer no fígado.

— Que idade tinha? — perguntou Chavez.

— Tinha 75 anos. Estava no MD Anderson Cancer Center, no Texas, de modo que teve o melhor tratamento possível, mas não adiantou.

— Todo mundo morre de alguma coisa — observou Clark. — Mais cedo ou mais tarde. Ninguém nos contou sobre Ritter lá na Inglaterra. Eu me pergunto por quê.

— A atual administração não gostava muito dele.

Isso fazia sentido, pensou John. Ele fora um guerreiro dos piores daqueles velhos tempos, que trabalhara na terra dos vermelhos contra o principal inimigo da época, e

os guerreiros frios eram duros de morrer.

— Beberei à sua memória. A gente se estranhava de vez em quando, mas ele nunca me atacou pelas costas. Tenho minhas dúvidas é com esse tal de Alden.

— Não é nosso tipo de gente, John. Supostamente devo fazer um relatório completo sobre as pessoas que liquidamos pelo caminho, quais leis podem ter sido violadas, esse tipo de coisa.

— Então, o que posso fazer por você? — perguntou Clark.

— Alden lhe vendeu a aposentadoria?

— Foram 29 anos. E ainda estou vivo. Meio milagroso, quando você pensa no assunto — observou John em um momento de reflexão.

— Bem, se você precisar de algo para fazer, tenho um número para o qual pode ligar. Seus conhecimentos são um ativo, você pode ganhar dinheiro com isso. Talvez comprar um carro novo para Sandy.

— Que tipo de trabalho?

— Algo que você vai achar interessante. Não sei se realmente vai fazer seu tipo, mas diabos, na pior das possibilidades, você ganha um almoço.

— Quem está nisso?

Hardesty não respondeu à pergunta. Em vez disso lhe entregou outro pedaço de papel com um número.

— Dê uma ligada para eles, John. A menos que você queira escrever suas memórias e tentar fazer com que passem pelo pessoal do sétimo andar.

Clark deu uma risada.

— De jeito nenhum.

Hardesty se levantou e estendeu a mão.

— Desculpe ter que parar por aqui, mas tenho uma tonelada de trabalho. Dê uma ligada para eles; ou não, se achar que não tem interesse. É com você. Talvez a aposentadoria lhe faça bem.

Clark se levantou.

— Está certo. Obrigado.

Feito isso, bastava mais uma viagem de elevador e a porta de saída estava à frente. John e Ding pararam para olhar o muro. Para algumas pessoas da CIA, aquelas estrelas representavam os Mortos de Honra, nada menos que o cemitério de Arlington, apesar de se permitir aos turistas vê-las.

— Qual é o número, John?

— Algum lugar de Maryland, a julgar pelo código de área. — Ele viu as horas e tirou seu celular novo do bolso. — Vamos ver onde...

A checagem do tráfego eletrônico que Jack fazia diariamente tomou noventa minutos de seu tempo e não proporcionou nada de substancial. Sendo assim, ele pegou sua terceira xícara de café, escolheu algumas roscas e voltou para seu escritório,

começando o que ele chamava de sua “ronda matinal” na miríade de papéis interceptados que o Campus recebia da comunidade de inteligência dos Estados Unidos. Quarenta minutos depois do que parecia ser um exercício crescente de frustração, uma interceptação do Departamento de Segurança Interna, o DHS, atraiu seu olhar. *Epa, essa é interessante*, pensou, e pegou o telefone.

Cinco minutos depois estava no escritório de Jerry Rounds.

— O que você pescou? — perguntou Rounds.

— Uma interceptação do DHS/FBI/ATF. Estão procurando um avião desaparecido.

Isso atraiu a atenção de Rounds. O Departamento de Segurança Interna tinha uma espécie de sistema de patamar de eventos em funcionamento que geralmente fazia um bom trabalho tirando inquéritos triviais de seu menu de inteligência. O fato de esse inquérito ter subido tanto na cadeia alimentar sugeria que outra agência fizera o trabalho rotineiro de pesquisa e confirmara que o avião em questão não havia sido simplesmente tratado como fora do lugar por alguma companhia de voos charter em algum tipo de confusão administrativa.

— ATF, hein? — murmurou Rounds.

Álcool, Tabaco e Armas de Fogo também se especializava em investigações relacionadas a explosivos. *Combine isso com um avião desaparecido...* pensou Jack.

— De que tipo? — perguntou Rounds.

— Não informa. Tem que ser pequeno, não comercial, se não a notícia teria vazado. — Qualquer avião 757 perdido gera notícia.

— Há quanto tempo?

— Três dias.

— Sabemos a fonte?

— O roteamento parecia ser interno. De modo que talvez tenha vindo da FAA ou do NTSB. Verifiquei ontem e hoje, e nem um pio de ninguém. — O que significava que alguém havia colocado um tampão sobre o assunto. — Talvez haja outro meio de avançar nisso.

— Me diga.

— Siga o dinheiro — disse Jack.

Rounds sorriu.

— Seguro.



O telefone tocou às dez e quarenta e sete da manhã e Tom Davis havia recém-concluído uma negociação bem grande em ações, uma que renderia ao Campus um lucro de 1,35 milhão de dólares, o que não era nada mal para três dias de trabalho. Ele agarrou o telefone no segundo toque.

— Tom Davis.

— Sr. Davis, meu nome é John Clark. Me disseram para ligar para o senhor. Talvez para almoçarmos.

— Quem disse?

— Jimmy Hardesty — respondeu Clark. — Vou levar um amigo comigo. O nome dele é Domingo Chavez.

Davis pensou um instante, imediatamente cauteloso, mas isso era mais uma reação instintiva que uma necessidade. Hardesty não fazia apresentações à toa.

— Claro, vamos conversar — respondeu Davis. Deu o endereço a Clark e disse: — Espero vocês por volta do meio-dia.

— Olá, Gerry — disse Davis entrando no escritório da cobertura. — Acabei de receber um telefonema.

— Alguém que conhecemos? — perguntou o chefe.

— Hardesty mandou de Langley dois sujeitos para nos ver. Os dois estão sendo aposentados pela CIA. John Clark e Domingo Chavez.

O olhos de Hendley se arregalaram um pouco.

— O John Clark?

— É o que parece. Chega aqui por volta das onze.

— E nós o queremos? — perguntou o ex-senador, já meio que prevendo a resposta.

— Certamente vale a pena conversar com ele, chefe. Quando nada, pode ser um magnífico instrutor para o nosso pessoal de campo. Só o conheço pela reputação. Ed e Mary Pat Foley adoram o sujeito, e essa é uma recomendação que não se pode ignorar. Ele não se importa de pôr a mão na massa, pensa por conta própria. Bons instintos, muito esperto. Chavez segue a mesma linha. Fazia parte da Rainbow junto

com Clark.

— Confiável?

— Temos que conversar com eles, mas provavelmente sim.

— Muito bem. Traga os dois para cá se achar que vale a pena.

— Farei isso — disse Davis, saindo.

*Meu Jesus Cristo, pensou Hendley. John Clark.*

— À esquerda aqui — disse Domingo quando chegaram a uns 100 metros do farol.

— Sim. Deve ser aquele edifício ali à direita. Está vendo a plantação de antenas?

— Estou — observou Chavez enquanto faziam a curva. — Pegam uma porrada de FM com isso.

Clark deu uma risadinha.

— Não estou vendo nenhuma segurança. Bom sinal. — Os profissionais sabem quando podem bancar os inofensivos.

Ele estacionou o carro alugado no que parecia ser uma vaga para visitantes, desceram do veículo e caminharam até a porta da frente.

— Bom dia, senhor — saudou um guarda de segurança uniformizado, e o nome no crachá dizia CHAMBERS. — Em que posso ajudá-lo?

— Estou aqui para encontrar o Sr. Davis. John Clark e Domingo Chavez.

Chambers levantou o fone e apertou algumas teclas.

— Sr. Davis? Chambers aqui da portaria. Dois cavalheiros estão aqui para vê-lo. Sim, senhor, obrigado. — O fone voltou para o lugar. — Ele está descendo para recebê-los, cavalheiros.

Davis apareceu em menos de um minuto. Era negro, de estatura média, com cerca de 50 anos, estimou Clark. Bem-vestido, mangas arregaçadas, gravata desapertada. O corretor ocupado.

— Obrigado, Ernie — disse ao guarda de segurança, e depois: — Você deve ser John Clark.

— Culpado — admitiu John. — E este é Domingo Chavez.

Apertos de mão foram trocados.

— Vamos subir. — Davis os levou até o elevador.

— Já vi seu rosto antes. Do outro lado do rio — esclareceu Chavez.

— Ah, é? — reagiu Davis, desconfiado.

— Na sala de operações. Oficial de turno?

— Bem, antes fui um oficial de informações nacionais. Aqui sou um mero corretor de ações. Principalmente de corporações, mas de alguns assuntos governamentais.

Os dois seguiram Davis até o último andar e dali até seu escritório. O escritório era ao lado do de Rick Bell e alguém se dirigia para lá.

— Olá. — Clark ouviu e se virou para ver Jack Ryan Jr. vindo pelo corredor.

Clark apertou a mão dele e dessa vez seu rosto mostrou surpresa.

— Jack... você trabalha aqui, é?

— Bem, sim.

— Fazendo o quê?

— Arbitragem de câmbio, principalmente. Movimentando dinheiro de um lado para o outro, coisas assim.

— Pensei que os negócios da família se concentravam em ações e títulos — observou Clark.

— Não estou nisso... ainda — respondeu Jack. — Bem, tenho que me mandar. Vejo você depois, talvez?

— Claro — disse Clark. Seu cérebro não estava realmente girando de surpresa, mas ele ainda não conseguia processar bem todas as descobertas do dia.

— Entrem — disse Davis em seguida, abrindo a porta para eles.

O escritório era confortável e não estava cheio de móveis feitos nas prisões federais, tais como os que havia na sede da CIA. Davis apontou cadeiras para eles.

— Então, há quanto tempo conhecem Jimmy Hardesty?

— Há uns dez ou 15 anos — respondeu Clark. — Bom sujeito.

— É mesmo. Então, você quer se aposentar?

— Na verdade nunca pensei sobre isso.

— E quanto a você, Sr. Chavez?

— Eu também não estou pronto para virar aposentado, e acho que tenho algumas habilidades que valem no mercado. Tenho esposa e filho, com outro a caminho, mas o que vocês fazem aqui parece estar a quilômetros do que nós sabemos fazer.

— Bem, aqui todo mundo tem pelo menos que conhecer a gíria — falou Davis. — Mas, além disso... — Davis sacudiu o ombro. — Qual é o nível de autorização de segurança de vocês?

— Altamente secreto/informações especiais de inteligência/poli... — respondeu Clark. — Pelo menos até que Langley despache nossos papéis. Qual a razão?

— Porque o que fazemos aqui não é para disseminação pública. Terão que assinar alguns compromissos de não difusão bem estritos — disse ele. — Algum problema com isso?

— Nenhum — disse John imediatamente. Sua curiosidade tinha sido bem espicada e azeitada de um modo como não sentia havia anos. Percebeu que não tinham pedido que eles fizessem um juramento. De qualquer maneira isso era ultrapassado, e os tribunais o tinham invalidado havia muito tempo, se você falasse para os jornais.

As assinaturas levaram menos de dois minutos. Os formulários não tinham nada que eles não tivessem visto antes, apesar de o ambiente ser totalmente novidade.

Davis verificou os formulários e depois os enfiou numa gaveta.

— Muito bem, aqui vai a versão curta da coisa. Recebemos muitas informações confidenciais através de canais irregulares. A NSA mantém o comércio internacional sob vigilância por razões de segurança. Se lembram de quando o Japão armou contra

nós? Conseguiram paralisar Wall Street, e isso fez os federais pensarem que deviam ficar de olho nessas coisas. A guerra econômica é real, e você realmente pode prejudicar muito um país se paralisar suas instituições financeiras. Isso funciona para nós, especialmente no mercado de câmbio. É ali que ganhamos a maior parte do nosso dinheiro.

— E por que isso é importante? — perguntou Chavez.

— Porque nos autofinanciamos. Estamos fora do orçamento federal, Sr. Chavez, e portanto fora do radar. Nenhum dinheiro dos contribuintes entra aqui. Ganhamos o que gastamos, e o que não gastamos, guardamos.

*Cada vez mais curioso, pensou Clark.*

Pode-se manter uma coisa em segredo se o Congresso não a financia, e sem que o Escritório de Administração e Orçamento tenha que fazer auditorias. Se o governo não financia, para Washington você só existe como pagador de impostos, e uma boa firma de contabilidade pode assegurar que a Hendley Associates — a cobertura oficial do Campus — mantenha-se discreta. Simplesmente pague tudo e no prazo. E, se alguém sabia como esconder dinheiro, seriam esses caras. Gerry Hendley certamente tinha contatos suficientes em Washington para não chamar atenção para seus negócios. E isso se faz principalmente sendo honesto. Havia muitos escroques caros nos Estados Unidos para manter a Receita Federal e a Comissão de Negócios Mobiliários ocupados e, como todas as agências governamentais, eles não precisavam tomar a iniciativa de procurar outros trambiqueiros se não tivessem uma pista sólida. Enquanto você mantivesse a reputação de ser bom no que faz, ou navegasse bem a favor do vento, não havia por que aparecer nos radares.

— Quantos clientes verdadeiros vocês têm? — perguntou Chavez.

— Essencialmente, as únicas contas particulares que administramos pertencem aos nossos empregadores, e elas têm um ótimo desempenho. Nos últimos três anos tivemos um retorno médio de 23 por cento, descontando as despesas, inclusive os salários. Também oferecemos bons benefícios, especialmente na área educacional para nossos empregados que têm filhos.

— Impressionante. Mas exatamente o que é preciso fazer? — perguntou Ding. — Matar pessoas? — Ele pensou que fazia uma piadinha inconsequente.

— Ocasionalmente — comentou Davis. — Meio que depende do dia.

Por um instante, o silêncio reinou na sala.

— Você não está brincando — declarou Clark.

— Não — disse Davis.

— Quem autoriza isso?

— Nós. — Davis fez uma pausa para deixá-lo absorver a informação. — Empregamos algumas pessoas muito habilidosas, pessoas que pensam primeiro e agem cuidadosamente. Mas, sim, fazemos isso quando as circunstâncias exigem. Fizemos isso nos últimos dois meses, na Europa, todos com afiliação terrorista. Nenhum tiro pela culatra até agora.

— Quem faz isso?

Davis conseguiu sorrir.

— Você acabou de se encontrar com um deles.

— Você só pode estar de sacanagem com nós dois — disse Chavez. — Jack Jr.?

SHORTSTOP?

— Sim, ele empacotou um em Roma há seis semanas. Uma falha operacional. Ele meio que caiu de cabeça em cima disso, mas fez um trabalho decente. O nome do alvo era Mohammed Hassan Al-din, um dos operativos qualificados do grupo terrorista que anda nos dando dores de cabeça. Lembra daqueles tiroteios no shopping?

— Claro.

— Trabalho dele. Conseguimos pescá-lo e liquidá-lo.

— Não chegou aos jornais — objetou Clark.

— Ele morreu de um ataque cardíaco, como declarou o patologista criminal da polícia da cidade de Roma — concluiu Davis.

— E o pai de Jack não sabe disso?

— Absolutamente nada. Como disse, o papel dele foi planejado de modo diferente, mas merdas acontecem, e ele lidou com o caso. Se soubéssemos, provavelmente faríamos alguma outra coisa, mas não aconteceu assim.

— Nem vou perguntar como Jack provocou um ataque cardíaco no sujeito — disse Clark.

— Ótimo, porque eu não iria contar; pelo menos por enquanto.

— Qual é a sua cobertura? — perguntou Clark.

— Enquanto você estiver nos Estados Unidos, estará completamente coberto. Já no exterior a coisa é diferente. Claro que tomaremos conta de sua família, mas, se você for preso no exterior, bem, contratamos o melhor advogado que conseguirmos. Porém, fora isso, você é simplesmente um cidadão particular que foi pego fazendo algo ruim.

— Já estou acostumado com isso — disse Clark. — Desde que minha esposa e meus filhos fiquem protegidos. Então, no exterior sou apenas um cidadão particular, certo?

— Correto — confirmou Davis.

— Fazendo o quê?

— Fazendo os bandidos desaparecerem. Pode aguentar isso?

— Há muito tempo que faço isso, e nem sempre sou pago pelo Tio Sam. Às vezes tinha problemas em Langley por causa dessa questão, mas sempre foi taticamente necessário, então eu... na verdade, nós, sempre livramos a barra. Mas, se alguma coisa acontece aqui, sabe, como conspiração para cometer assassinato...

— Há um perdão presidencial à sua espera.

— Diga de novo? — pediu John.

— Foi Jack Ryan quem persuadiu Gerry Hendley a montar isso aqui. E esse foi o preço de Gerry. Assim que o presidente Ryan assinou cem perdões em branco.



— E isso é legal? — perguntou Chavez.

— Pat Martin disse que sim. Ele é um dos que sabem que este lugar existe. Outro é Dan Murray. E também Gus Werner. E vocês conhecem Jimmy Hardesty. Mas não os Foley, entretanto. Pensamos em envolvê-los, mas Jack decidiu contra. Mesmo os que eu nomeei apenas sabem como recrutar pessoas com credenciais especiais. Sabem que existe um lugar especial, mas não o que fazemos aqui. Nem mesmo o presidente Ryan tem informações operacionais. Tudo permanece dentro deste edifício.

— É preciso muito para um sujeito do governo confiar tanto em alguém — observou Clark.

— É preciso escolher as pessoas com bastante cuidado — concordou Davis. — Jimmy acha que vocês são confiáveis. Conheço a história dos dois e acredito que ele esteja certo.

— Sr. Davis, isto aqui é uma grande ideia — disse Clark, inclinando-se na cadeira.

Por mais de vinte anos ele tinha devaneado sobre como seria ótimo ter um lugar como esse. Uma vez, havia sido enviado por Langley para localizar Abu Nidal e determinar *se* era possível mandá-lo ver Deus de uma vez. Isso fora tão perigoso quanto a própria missão em si, e o puro insulto de tal designação de missão fez seu sangue ferver na época, mas ele a cumpriu, e voltou para casa com a fotografia para mostrar que, sim, era possível liquidar o filho da mãe, mas cabeças mais frias ou intestinos mais frouxos em Washington abortaram a missão, o que fez seu risco não servir para nada. Assim, mais tarde, o Exército israelense matou o sujeito com um míssil Hellfire disparado de um helicóptero de ataque Apache, que fez muito mais sujeira que um rifle a 180 metros de distância faria e também causou um considerável dano colateral, o que realmente não abalou muito os israelenses.

— Muito bem — disse Chavez. — Se e quando saímos em uma missão, supostamente liquidamos alguém que merece ser liquidado. Se formos pegos, azar o nosso. Do ponto de vista prático, as chances são de cinquenta por cento de sermos mortos na hora, e essa é a aposta; isso eu saquei. Mas até que é bacana ter o cobertor azul do governo nos envolvendo quando fazemos esse tipo de coisa.

— Há mais de uma maneira de servir seu país.

— Talvez sim — reconheceu Ding.

Clark disse:

— Há um sujeito lá em Langley que está verificando meu passado, um sujeito chamado Alden, no DO. Evidentemente, Jim Greer deixou por lá um dossiê sobre mim e as coisas que fiz antes de entrar. Não sei exatamente o que está nele, mas pode ser problemático.

— Como assim?

— Eu liquidei alguns traficantes de drogas. Nem queira saber por quê, mas liquidei toda uma quadrilha de traficantes. O pai de Jack Ryan Senior era detetive da polícia, e queria me prender, mas eu o convenci a não fazer isso e forcei minha própria morte. Ryan conhece a história, ou pelo menos parte dela. De qualquer modo, a

Agência pode ter alguma coisa por escrito sobre isso. Você precisa saber.

— Bem, se surgir algum problema a partir disso, temos esse perdão presidencial para cuidar de você. Acha que esse tal de Alden pode querer usar essa história contra você?

— Ele é um animal político.

— E você quer algum tempo para pensar a respeito?

— Com certeza — respondeu Chavez pelos dois.

— Durmam com isso na mente, e voltem amanhã. Se quiserem ir além, conhecerão o chefe. Só uma lembrança: o que conversamos...

— Sr. Davis, há muito tempo que guardo segredos. Nós dois. Se acha que precisamos ser lembrados disso, nos avaliou mal.

— Anotado. — Davis se levantou, encerrando a reunião. — Vejo vocês amanhã.

Não trocaram palavras até saírem, caminhando para o carro.

— Cara, puxa, cara, Jack Jr. liquidou alguém? — perguntou Chavez aos céus.

— É o que parece — respondeu Clark, pensando que já era hora de parar de chamá-lo de Junior. — No fim das contas, parece que ele está no negócio da família.

— Seu pai não iria gostar disso.

— Provavelmente — concordou John. *E isso não é nada comparado com a reação que a mãe teria.*

Alguns minutos depois, no carro, Chavez disse:

— Tenho uma confissão a fazer, John.

— Fale comigo, meu filho.

— Fodi com a coisa, e de verdade. — Chavez se inclinou no banco, retirou um objeto do bolso de trás, e o colocou no console central do carro.

— O que é isso?

— Um drive USB. Sabe, para computadores...

— Sei o que é, Ding. Por que está me mostrando isso?

— Tirei de um dos babacas lá na embaixada de Trípoli. Fizemos uma revista rápida, apalpamos todos eles, coisa assim. Descobri isso com o chefe, o cara que liquidei perto do laptop.

A despeito de estar com uma bala 9 milímetros da MP5 de Chavez enfiada no flanco, um dos terroristas conseguiu tropeçar até o laptop e apertar a combinação de teclas que fritou o disco rígido e o cartão wireless, ambos os quais estavam agora nas mãos dos suecos, para o que pudessem fazer com isso.

O consenso era de que os bandidos usavam o laptop para se comunicar com alguém de fora. Era a maldição da era digital, sabia Clark. O estado da tecnologia wireless da internet era tal que esses sinais não apenas tinham maior alcance como também um padrão criptográfico mais robusto. Mesmo que os líbios estivessem colaborando ativamente, as chances de que a Rainbow pudesse monitorar ou

arrebentar com todos os pontos wireless em volta da embaixada eram praticamente inexistentes, de modo que, a menos que os suecos pudessem recuperar o disco ou o cartão, jamais saberiam com quem falavam os terroristas na embaixada.

*Ou talvez não*, pensou Clark.

— Jesus, Ding, essa foi uma puta distração.

— Coloquei no bolso e nem pensei mais no assunto até voltar e arrumar a bagagem. Desculpe. Então, o que quer fazer com isso? — perguntou Ding, sorrindo maleficamente. — Entregar para o Alden?

— Me deixa pensar um pouco.

Já era bem no meio da tarde quando Jack descobriu o que queria. Embora, por lei, as seguradoras de aviação tivessem que tornar públicos os pedidos de indenização, não havia regulamentos que obrigassem a facilitar o acesso. Consequentemente, a maioria das seguradoras fazia com que as buscas digitais de pedidos de indenização fossem terrivelmente complicadas.

— XLIS-XL Seguradora Suíça — contou Jack a Rounds. — Faz muitos negócios com aviação por lá. Há três semanas, um pedido de indenização foi feito por um Dassault Falcon 9000. É um pequeno jato executivo. Construído pela mesma fábrica dos caças Mirage. O pedido foi feito por uma mulher chamada Marguerite Hlasek, coproprietária da Hlasek Air com seu marido, Lars, que também é piloto. Está baseada em Zurique. Mas o caso é que cruzei as referências com nossas interceptações, misturei e combinei algumas palavras-chave e consegui um resultado: dois dias atrás, o FBI fez contato com seus adidos em Estocolmo e Zurique. Alguém buscava informações sobre a Hlasek Air.

— Por que Estocolmo?

— É apenas um palpite, mas acho que queriam olhar a base da Hlasek, e talvez o último aeroporto visitado pelo Falcon.

— E o que mais sabemos sobre essa Hlasek?

— São escorregadios. Descobri quatro queixas separadas apresentadas ou para a Administração Sueca de Aviação Civil ou para a Autoridade Sueca de Aviação Civil...

— Qual a diferença?

— Uma controla os aeroportos de propriedade do Estado e o controle do tráfego aéreo; a outra lida com aviação comercial e segurança de voo. Quatro queixas nos últimos dois anos: três sobre irregularidades na papelada da alfândega e uma sobre plano de voo irregular.

— Voe pelos amigáveis céus terroristas — murmurou Rounds.

— Pode ser. E, se for, é o tipo de serviço que não sai barato.

— Valos falar com Gerry.

Hendley estava com Granger. O chefe mandou que entrassem.

— Jack pode ter algo — disse Rounds, e Jack explicou tudo.

— Pouco provável — observou Granger.

— Aeronave perdida, envolvimento da ATF, o FBI fazendo perguntas pela Suécia, e uma companhia de fretes aéreos meio duvidosa — contrapôs Rounds. — Já vimos isso antes, certo? Hlasek Air transportando pessoas que ou não *querem* voar comercialmente ou não *podem* voar comercialmente. Provavelmente isso não vai nos levar aonde queremos chegar, mas talvez seja uma meada que valha a pena puxar. Ou um gatilho sobre um grupo misto de sacanas.

Hendley considerou a questão, depois olhou Granger, que sacudiu os ombros e assentiu. Hendley disse:

— Jack?

— Não custa nada sair e sacudir os galhos de vez em quando, chefe.

— Isso é verdade. Onde estão os rapazes Caruso?



Lidar com um intermediário não era comum, mas não tão incomum que chegasse a preocupar Melinda. Geralmente significava que o cliente era casado e/ou um indivíduo notável em posição proeminente, o que por sua vez resultava em mais dinheiro, como era o caso. O intermediário — um sujeito da região do Mediterrâneo chamado Paolo, com cicatrizes de queimaduras nas mãos — havia lhe dado metade dos 3 mil dólares adiantado, juntamente com o endereço de uma esquina no qual ela deveria aguardar ser recolhida — mais uma vez, um *modus operandi* incomum, mas dinheiro era dinheiro, e esse era muito maior que sua tarifa habitual.

O maior perigo possível era o cliente querer algum tipo de sexo bizarro que ela não topasse. E então o problema se transformava em como desviar desse assunto sem perder a viagem. A maioria dos homens era facilmente controlável nesses casos, mas de vez em quando se topava com algum com ideia fixa em algo perverso. Nesses casos — já acontecera duas vezes com ela —, a discrição, ela descobriu, era a melhor saída. Dizer obrigada, mas não, obrigada e dar no pé.

Estatisticamente não havia muitos assassinos em série por aí, mas a metade deles matava putas — desde Jack, o Estripador, no bairro de Whitechapel, em Londres. As senhoras da noite, na elegante frase da Londres vitoriana, levavam seus clientes para lugares escondidos para uma “tremida de joelho”, onde o assassinato era mais fácil que no meio de uma rua movimentada, de modo que ela e algumas de suas colegas tinham evoluído e adotaram um sistema simples de segurança mútua, compartilhando entre si os detalhes dos respectivos programas.

Nesse caso, era um Lincoln Town Car com janelas escurecidas. Parou no meio-fio e Melinda escutou a porta traseira destravar. A janela não abaixou. Depois de um momento de indecisão, ela entrou.

— Por que as janelas escurecidas? — perguntou ao motorista, tentando parecer des preocupada.

— Proteção contra o sol — respondeu.

Razoável, pensou Melinda, mantendo a mão perto da bolsa, onde tinha uma Colt calibre .25, muito velha, modelo automático de bolso, bem leve, com 350 gramas. Raramente atirava com ela, mas estava totalmente carregada com sete balas, com a

segurança travada. Não era exatamente um Magnum .44, mas também não era um beijinho no rosto.

Verificou o relógio. Já estavam fora da cidade havia trinta minutos, percebeu. Boa e má notícia. Um lugar realmente privado era um bom lugar para matar uma puta e fazer o cadáver desaparecer. Mas ela não iria se preocupar com nada, e sua bolsa estava só a 1 centímetro da mão direita, e a pequena Sra. Colt bem ali.

O carro deu uma girada brusca à esquerda, entrando num beco, e depois mais uma à esquerda, entrando na garagem de um condomínio. Uma garagem particular em vez de uma coletiva, o que significava entrada privativa. Pelo menos não era em um parque de trailers. As pessoas que vivem neles a assustavam, apesar de não constituir sua clientela habitual. Melinda cobrava entre mil e 2 mil por uma trepada, e 4.500 dólares para passar toda a noite. O notável era ver quantos se dispunham a pagar, o que era uma bela complementação para seu salário regular como recepcionista do sistema de escolas públicas de Las Vegas. O homem saiu do carro, abriu a porta e lhe ofereceu a mão para ajudá-la a sair.

— Bem-vinda — disse uma voz adulta. Ela caminhou na direção e viu um homem mais alto na sala de estar. Ele sorriu agradavelmente. Ela estava acostumada com isso. — Como você se chama? — perguntou. Tinha uma bela voz. Melódica.

— Melinda — respondeu, caminhando em sua direção, com uma rebolada extra nos quadris.

— Gostaria de uma taça de vinho, Melinda?

— Obrigada — respondeu ela e lhe foi oferecida uma bela taça de cristal.

Paolo havia desaparecido — para onde, ela não fazia a menor ideia —, mas o ambiente a fez desligar seu sistema de alarmes. Seja lá quem fosse o sujeito, era rico, e tinha ampla experiência com esses. Agora podia relaxar um pouco. Melinda era excelente em sacar qual era a dos homens — o que mais ela fazia para viver? —, e esse sujeito não era nada ameaçador. Só queria dar uma trepada, e esse era seu negócio. Cobrava caro porque era boa nisso, e os homens não se importavam em pagar porque ela valia o que fazia. Era um sistema econômico perfeitamente *laissez-faire*, bem conhecido no pedaço, apesar de Melinda jamais na vida ter votado nos republicanos.

— Esse vinho é muito bom — observou, depois de tomar um gole.

— Obrigado. Tento ser um bom anfitrião. — Ele acenou com um gesto cortês para um sofá de couro, e Melinda sentou, colocando a bolsa do lado esquerdo, mas deixando o zíper aberto.

— Prefere receber sua remuneração agora?

— Sim, se você não se importar.

— De modo algum. — Ele enfiou a mão no bolso de trás e puxou um envelope, que entregou a ela. Dentro, estavam vinte notas de 100 dólares, o que dava conta do

programa pelo resto da noite. Talvez até mais, se ele ficasse particularmente satisfeito com o desenrolar das coisas.

— Posso perguntar seu nome? — disse ela.

— Você vai rir, mas meu nome é mesmo John. Isso acontece, sabe?

— Isso é ótimo, John — respondeu com um sorriso que derreteria o para-choque de um Chevy 1957. Ela colocou a taça na mesa. — Então... — E seu trabalho começou.

Três horas mais tarde Melinda havia tomado sua ducha e escovado os cabelos. Era parte da sua rotina pós-sexo, fazer o cliente sentir como se tivesse tocado sua alma. Mas isso era impensável para a maioria dos homens, e muito mais ainda para o cliente daquela noite. Também tirou o cheiro que ele espalhou sobre ela. O odor era vagamente familiar, embora ela não conseguisse se lembrar de onde. Algo levemente medicinal, considerou, deixando o pensamento de lado. Provavelmente pé de atleta ou coisa assim. Ereto e alto, ele não era feio de se ver. Italiano, talvez. Do Mediterrâneo ou do Oriente Médio, com certeza. Havia muitos desses por ali, e seus modos certamente indicavam que ele não batalhava duro por seu dinheiro.

Ela terminou de se vestir e saiu do banheiro sorrindo como uma coquete.

— John — disse com sua voz mais sincera —, foi maravilhoso. Espero que possamos repetir isso mais vezes.

— Você é muito doce, Melinda — respondeu John, e depois a beijou. Na verdade ele beijava muito bem. E mais ainda depois de lhe entregar outro envelope com mais vinte notas de 100 dólares. Por elas, ganhou um abraço.

*Isso pode virar alguma coisa*, pensou. Talvez, só talvez, se ela tivesse feito o serviço direito, fosse novamente convidada. Clientes ricos e exclusivos eram o melhor tipo.

— Ela foi adequada? — perguntou Tariq depois de ter deixado Melinda.

— Bastante — disse o Emir, reclinando-se no sofá. *Na verdade, mais do que adequada*, pensou. — Uma grande melhoria em relação à primeira.

— Minhas desculpas por aquele erro.

— Não precisa se desculpar, meu amigo. A nossa situação é única. Você estava sendo cuidadoso, como espero que sempre seja.

A outra mulher, Trixie, fora mal-educada e expedita demais na cama, mas esses eram traços que o Emir podia perdoar. Se não tivesse feito tantas perguntas, sido tão curiosa, teria voltado tranquilamente para sua esquina, onde continuaria a levar sua vida patética — sua única punição seria deixar de ser chamada de volta. *Infelizmente, mas necessário*, pensou o Emir. E uma lição necessária. Trazer Trixie diretamente para a casa fora um equívoco, que ele fizera Tariq corrigir alugando o apartamento,

que serviria de escudo caso fosse necessário liquidar outra vagabunda.

— Algo mais antes de eu dormir? — perguntou. Eles passariam a noite ali antes de voltar para a casa. Carros indo e vindo durante a noite tendiam a atrair a atenção de vizinhos fofoqueiros.

— Sim, quatro pontos — respondeu Tariq, sentando na cadeira em frente. — Um: Hadi já está de volta a Paris. Ele e Ibrahim se encontrarão amanhã.

— Você revisou o pacote de Hadi?

— Sim. Quatro instalações parecem promissoras. Nosso agente trabalhou em cada uma delas nos últimos dois anos, e parece que a segurança mudou dramaticamente em apenas uma delas.

— Paulínia?

— Correto.

Isso fazia sentido, pensou o Emir. A instalação da Petrobras tinha sido designada para receber o novo influxo, o que por sua vez exigia novas construções — e isso, ele sabia, era onde residia a vulnerabilidade. Já tinham visto isso acontecer em Riad nos anos 1970 e 1980, um déficit de pessoal de segurança competente e treinado que acompanhasse o ritmo da expansão. Era o preço da cobiça.

— Vai demorar um ano até a segurança deles ficar perfeita.

— Você provavelmente está certo, mas não vamos esperar para verificar isso. Recrutamento?

— Ibrahim está quase pronto — concluiu Tariq. — Seu relatório diz que terá tudo pronto em duas semanas. Propôs que Hadi fosse recrutado para a equipe.

O Emir considerou o assunto.

— O que você acha?

— Hadi é confiável, isso nós sabemos, e não há dúvidas sobre sua lealdade. Tem um pouco de treinamento de campo, mas pouca experiência além do que fez no Brasil, o que foi sólido. Se Ibrahim acha que ele está pronto, tendo a concordar.

— Muito bem. Transmita minha bênção a Ibrahim. O que mais?

— Uma atualização da mulher. O relacionamento está bem-estabelecido e ela faz progressos, mas não acha que ele esteja pronto para a fisgada.

— Ela previu algum prazo?

— Três a quatro semanas.

O Emir projetou mentalmente a informação em um calendário. A informação dela era crucial. Sem isso, ele teria que considerar o adiamento por mais um ano. Mais um ano para que os americanos aperfeiçoassem suas redes e para que línguas se soltassem. E para que alguém em algum lugar tivesse sorte e topasse com o fio que desenrolasse toda a meada.

Não, decidiu, tinha que ser naquele ano.

— Diga a ela que esperamos no máximo três semanas. O que mais?

— A mensagem de Nayoan em São Francisco. Seus homens estão no lugar esperando ordens.



Da miríade de partes e peças do Lótus, a de Nayoan se confirmara como sendo a mais fácil, pelo menos nas fases de infiltração e preparação. Era relativamente fácil conseguir vistos de estudante, e mais fácil ainda conseguir alguém na posição de Nayoan. Além do mais, ignorantes como eram os americanos sobre o mundo fora de suas fronteiras, os indonésios eram vistos simplesmente como asiáticos ou “orientais”, e não como membros da maior concentração de muçulmanos do planeta. Intolerância e estreiteza mental, pensou o Emir, eram armas que o CRO ficava muito feliz em usar.

— Ótimo — disse o Emir. — Amanhã revisaremos novamente os alvos. Se for preciso fazer mudanças, melhor fazer logo. O que mais?

— Último ponto. O senhor viu as notícias sobre a embaixada em Trípoli?

O Emir assentiu.

— Negócio idiota. Um desperdício.

— Quem planejou foi um dos nossos.

O Emir sentou, seus olhos endurecidos.

— Como é?

Oito meses antes havia sido passada a mensagem a todos os membros do CRO em nível de célula que todas as missões estavam proibidas até aviso posterior. A operação atual era muito delicada, muito intrincada. Operações menores — a maioria fracassos com pequenas baixas — tinham seu lugar na criação da ilusão de desorganização e de que as coisas continuavam como antes, mas uma coisa dessas...

— Qual o nome dele?

— Dirar al-Kariim.

— Não me lembro.

— Jordaniano. Recrutado na mesquita de Hussein, em Amã, há três anos. Um soldado, nada mais. A mesma missão tinha sido proposta ano passado pelo nosso pessoal em Benghazi, e nós declinamos.

— Quantos mortos?

— Seis a oito dos nossos. Nenhum do outro lado.

— Graças a Deus por isso. — Sem reféns mortos, a imprensa ocidental logo esqueceria, e frequentemente as agências de inteligência seguiam na direção apontada pela imprensa. Era o preço de se empenhar na sua “guerra global contra o terror”. Pareciam o proverbial holandêsinho com o dedo enfiado no dique.

— Sabemos quem ele recrutou?

— Estamos investigando. Também não sabemos se alguém sobreviveu ao ataque, salvo o próprio al-Kariim — acrescentou Tariq. — De fato, ele sequer participou.

— Imbecil! Então esse... esse nada planeja uma missão sem nossa aprovação, estraga tudo e não tem o bom senso ou a honra de morrer na tentativa... Sabemos onde ele está?

— Não, mas não deve ser difícil saber. Especialmente se estendermos a mão. Deve estar fugindo, procurando abrigo.

O Emir assentiu pensativamente.

— Ótimo. Faça isso. Ofereça a ele o ramo de oliveira, mas à distância. Mande Almasi cuidar da situação.

— E quando o tivermos em mão?

— Faça dele um exemplo para os demais.



No *arrondissement* de Montparnasse em Paris, Shasif Hadi estava sentado bebericando seu café e fazendo o melhor possível para não parecer nervoso.

Como prometido, sua conexão em Topanga Beach entrara em contato no dia seguinte ao encontro dos dois e lhe dera instruções sobre onde recolher os pacotes de volta, cada um dos quais encontrou em caixas postais alugadas na área de Los Angeles. Não ficou surpreso ao constatar que cada pacote continha apenas um CD-ROM sem rótulo, mas se surpreendeu ao achar uma nota escrita à máquina presa em um deles — “Indiana Café, Montparnasse, Av. Maine, 77” — juntamente com data e hora. Hadi não sabia se a nota indicava que deveria fazer novamente o simples papel de mensageiro ou algo mais.

Argelino de nascimento, Hadi emigrou para a França no começo da adolescência, quando seu pai se mudou à procura de emprego. Hadi falava bom francês, com o sotaque de *pied-noir*, os “pés-negros”, nome dado duzentos anos antes aos cidadãos da então colônia francesa no norte da África, que deixou de existir no começo dos anos 1960, depois de uma sangrenta e demorada guerra colonial e civil que a República Francesa mais abandonou do que foi derrotada. Mas a Argélia não exatamente floresceu, de modo que os árabes exportaram milhões de seus cidadãos para a Europa, onde foram recebidos a contragosto, principalmente na última década do século XX, quando descobriram sua identidade islâmica em um país que ainda mantinha a ideia da miscigenação. Fale a língua (pronuncie corretamente as palavras), adote os costumes e você vira francês, e a raça francesa não se importava tanto com a cor da sua pele. Ainda que nominalmente fosse um país católico, os franceses não se importavam com que igreja você frequentasse, pois não eram uma nação de igrejeiros, tampouco. Mas o islamismo mudou isso. Talvez lembrando a vitória de Charles Martel na Batalha de Tours no ano de 732, eles sabiam que haviam guerreado contra os muçulmanos, mas reclamavam principalmente do fato destes imigrantes rejeitarem sua cultura, adotando modos de vestir e costumes que não caíam bem para os bons-vivants bebedores de vinho, e, assim, escapavam da integração. *E por que algum homem ou alguma mulher não iria querer virar francês?*, perguntavam-se. Desse modo, a miríade de agências policiais francesas

ficava de olho nessas pessoas. Hadi sabia disso e, portanto, se esforçava para se integrar, na esperança de que Alá compreendesse e o perdoasse com sua infinita misericórdia. Além disso, ele dificilmente era o único muçulmano que bebia álcool. A polícia francesa reparara nisso e, por consequência, o ignorava. Ele tinha emprego, como balconista de uma loja de vídeos, se dava bem com seus colegas de trabalho, vivia em um apartamento modesto, mas confortável, na rue Dolomieu, no 5º *arrondissement* (“distrito”, em Paris), dirigia um sedan Citroën, e não criava problemas com ninguém. Ninguém notava que ele levava uma vida um tanto acima dos seus ganhos. Os policiais franceses eram bons, mas não perfeitos.

Também não notaram que ele viajava um pouco, principalmente dentro da Europa, e em algumas ocasiões se encontrava com pessoas de fora do país, geralmente em um bistrô confortável. Hadi gostava em particular de um tinto leve do vale do Loire, sem saber que o vinhateiro era um judeu que apoiava com vigor Israel. Infelizmente, o antisemitismo estava mais uma vez vivo na França, agradando os 5 milhões de muçulmanos que viviam lá.

— Você se importa que eu me sente aqui? — disse uma voz perto do ombro de Hadi.

Hadi se virou.

— Fique à vontade.

Ibrahim se sentou.

— Como foi a viagem?

— Sem problemas.

— Então, o que você trouxe para mim?

Hadi tirou do bolso do paletó os CD-ROM, que entregou ao outro sem nenhuma tentativa de disfarçar a transferência. Tentar parecer inconspícuo era muitas vezes conspícuo por si só. Além disso, se o estranho casual ou mesmo um experimentado agente alfândegário, diga-se de passagem, vissem o conteúdo de cada CD, só descobririam uma apresentação digital de slides das férias de verão de alguém.

— Você olhou isso? — perguntou Ibrahim.

— Claro que não.

— Algum problema com a alfândega?

— Não. Na verdade fiquei surpreso com isso — disse Hadi.

— Somos 5 milhões aqui. Não podem vigiar todos nós, e mantenho um perfil discreto. Eles acham que um muçulmano que bebe álcool não é perigo para eles.

Manter um perfil discreto significava jamais frequentar uma mesquita e não ir a lugares usados por fundamentalistas islâmicos, chamados de “integristas” pelos franceses, porque o termo “fundamentalista” era localmente usado para designar os fanáticos cristãos, que provavelmente andavam bêbados demais para constituir ameaça para alguém, pensou Hadi. *Infêéis*.

— Mencionaram a possibilidade de uma mudança na minha atuação — adiantou Hadi.

Os dois estavam em uma mesa de calçada. Havia pessoas em um raio de 3 metros, mas também havia o barulho de trânsito e o alvoroço comum das grandes cidades. Os dois sabiam que não podiam se inclinar sobre a mesa em atitude conspiradora. Isso tinha sumido com os filmes da década de 1930. Era muito melhor beber vinho anonimamente, fumar e virar a cabeça para olhar as mulheres passando com seus vestidos chiques e pernas despidas. Os franceses entendiam isso muito bem.

— Se você estiver interessado — respondeu Ibrahim.

— Estou sim.

— Vai ser diferente do que você se acostumou. Há um pouco de risco.

— Se for da vontade de Deus.

Ibrahim olhou fixamente para ele por alguns segundos, depois assentiu.

— Sua viagem ao Brasil... Quantas vezes você esteve lá?

— Sete, nos últimos quatro meses.

— Gostou de lá?

— Acho que foi suficientemente bom.

— Bom o suficiente para voltar se lhe pedirem?

— Certamente.

— Temos alguém lá. Gostaria que você se encontrasse com ele e arranjasse acomodações.

Hadi assentiu.

— Quando viajo?

— Consegui — disse Jack, entregando as páginas.

Bell pegou e se inclinou na poltrona.

— França? — perguntou. — O anúncio de nascimento?

Explorando suas suspeitas sobre a súbita mudança no protocolo de comunicações da CRO, Jack revisou e cruzou as referências até conseguir identificar uma das chaves alfanuméricas, revelando um novo nome na lista de distribuição de e-mails.

— Sim. Seu nome é Shasif Hadi. Parece que mora em Roma, não sei exatamente onde, mas é muçulmano, provavelmente de origem argelina, e provavelmente fazendo o melhor possível para ficar abaixo do radar. Andou passando muito tempo em Paris.

Bell deu uma risadinha.

— Os italianos nem devem ter ideia de que ele exista.

— E eles são bons? — perguntou Jack.

— Os italianos? Os serviços de inteligência deles são de primeira linha, e historicamente não se importam de fazer trabalho pesado. A polícia deles também é bastante eficiente. Os caras não têm tantas restrições quanto os nossos rapazes. São melhores na localização de pessoas e na investigação do pano de fundo do que permitimos ao nosso pessoal. Podem instalar os grampos de forma administrativa,

sem ordem judicial, diferente da gente. Eu evitaria chamar a atenção deles se estivesse contra a lei. É o velho estilo europeu; eles gostam de saber o máximo possível sobre as pessoas e o que elas andam fazendo. Se seu nariz estiver limpo, eles o deixam em paz. Se não, podem tornar sua vida bem difícil. O sistema legal deles não é como o nosso, mas no todo é bem justo.

“Eles ficam de olho na população muçulmana porque andaram escutando alguns murmúrios, mas não muito mais que isso. Mas você está certo: se esse sujeito está na jogada, deve saber como manter a cabeça baixa, beber seu vinho, comer seu pão e ver TV como todo mundo. Eles já tiveram problemas com terrorismo, mas não muito sério. Se você recuar até a OES nos anos 1960, sim, esse foi um problema sério, e muito assustador, mas lidaram com muita eficiência com o assunto. E também sem piedade. Os italianos sabem como fazer as coisas que têm que ser feitas. Então esse Hadi... está estático?”

— Não, andou viajando muito nos últimos seis meses. Olhe: Europa ocidental, América do Sul...

— Especificamente onde?

— Caracas, Paris, Dubai...

— Além disso e do e-mail, o que faz você pensar que ele seja quente? — perguntou Bell. — Você sabe, uma vez recebi uma ligação da Comcast. Aparentemente eu andava acidentalmente pegando carona no wi-fi da internet do meu vizinho. E não tinha a menor ideia disso.

— Não é o caso aqui — contrapôs Jack. — Chequei e rechequei isso; é a conta de Hadi. Ela se origina em um ISP alemão baseado em Monte Sacro, um subúrbio de Roma, mas isso não quer dizer nada. Pode ser acessado de qualquer lugar da Europa. A questão é: por que mandar isso criptografado pela internet quando poderia fazê-lo pelo telefone ou encontrando o sujeito em um restaurante? Obviamente o remetente acha que é um assunto sensível. Talvez não conheça Hadi de vista, ou não queira fazer ligações telefônicas ou uma entrega disfarçada, ou talvez não saiba fazer isso. Esses sujeitos se amarram na internet. É uma fraqueza operacional que tentam transformar em virtude. Têm uma organização pequena e que não é profissionalmente treinada. Se esses sujeitos fossem da KGB dos velhos tempos, nós estaríamos na merda, mas eles estão usando a tecnologia para compensar suas debilidades estruturais. São poucos, e isso os ajuda a se esconder, mas precisam usar a tecnologia eletrônica ocidental para se comunicar e coordenar suas atividades, e isso é ótimo, mas sabemos que eles também estão fora da Europa. Cruzar fronteiras tecnológicas pode ser escorregadio. Razões a mais para usar mensageiros para transmitir as instruções mais sérias.

“Se fossem um Estado-nação, teriam melhores recursos, mas então seríamos capazes de localizá-los e conhecer sua cadeia de comando com mais eficiência. Boas notícias e más notícias. Você pode usar uma escopeta contra um vampiro, mas não contra um mosquito. O mosquito não pode nos machucar de verdade, mas pode

tornar nossas vidas miseráveis. Nossa vulnerabilidade é valorizarmos a vida humana muito mais que eles. Se não fosse assim, eles não poderiam nos atingir, mas somos assim e isso não vai mudar. Eles tentam usar nossas fraquezas e nossos princípios fundamentais contra nós mesmos, e é difícil usarmos o que dispomos contra eles. A menos que consigamos identificar esses pássaros, eles vão continuar nos picando, esperando nos deixar loucos. Enquanto isso, vão tentar alavancar suas habilidades, e nossa tecnologia, contra nós.

— Então: recomendações?

— Vamos esquadrinhar a conta ISP do sujeito se pudermos, e ver o que aparece nas finanças dele. Seguir o dinheiro. Em um mundo ideal poderíamos pedir a cooperação do BND alemão, mas não podemos fazer nada disso. Droga, não podemos nem mesmo pedir à Agência que faça isso para nós, não é?

E com essa pergunta, Jack havia identificado o verdadeiro problema do Campus. Como não existia, não poderia irradiar suas descobertas para a comunidade oficial de inteligência e daí seguir as coisas através dos canais convencionais. Mesmo se descobrissem petróleo no Kansas e enriquecessem pessoas, algum burocrata ou outro revisaria a notícia só para descobrir quem a enviou, e desse modo estouraria a cobertura do Campus. Ser supersecreto é tanto uma desvantagem quanto uma vantagem. Ou mesmo mais. Poderiam transmitir um pedido de pesquisa para Fort Meade como se fosse uma pergunta da Agência, mas até mesmo isso era perigoso, e precisava ser aprovado pelo próprio Gerry Hendley. Bom, tinha-se que engolir o doce junto com o amargo. Em um mundo onde duas ou mais cabeças eram, de fato, melhores do que apenas uma para solucionar um problema, o Campus estava sozinho.

— Receio que não, Jack — respondeu Bell. — Bem, a menos que esse Hadi esteja na lista de alguém por acidente ou o próprio e-mail seja inócuo, eu diria que estamos sacando um mensageiro.

Apesar de não ser o meio mais rápido de comunicação, mensageiros eram os mais seguros. Dados criptografados e mensagens, facilmente escondidos em um documento ou em um CD-ROM, eram coisas que o pessoal da segurança dos aeroportos não estava preparado para descobrir. A menos que se saiba a identidade do mensageiro — o que talvez tivessem agora —, os bandidos podiam estar planejando o fim do mundo e os mocinhos jamais tomariam conhecimento disso.

— Concordo — disse Jack. — A menos que ele esteja trabalhando para a *National Geographic*, tem alguma coisa aí. Ele é operacional ou está dando suporte.

O garoto pensava operacionalmente e isso, também, não era uma característica ruim, pensou consigo mesmo Rick Bell.

— Muito bem — disse Bell a Jack. — Coloque isso no topo da sua lista e me informe imediatamente.

— Certo — falou Jack e se levantou. Caminhou na direção da porta, e depois voltou.

—Alguna coisa na sua mente? — perguntou Bell.

— Sim. Quero sentar e ter uma conversa com o chefe.

— Sobre o quê?

Jack lhe disse. Bell tentou manter a surpresa longe do rosto. Cruzou os dedos e olhou Jack.

— De onde veio isso? O caso do MoHa? Porque aquilo não é a vida real, Jack. Trabalho no campo é...

— Eu sei, eu sei. Só quero sentir que estou fazendo alguma coisa.

— Mas você está.

— Você sabe o que quero dizer, Rick. Fazer alguma coisa. Ando pensando muito nisso. Pelo menos me ponha na mesa diante de Gerry.

Bell considerou o assunto, depois sacudiu os ombros.

— Muito bem. Vou cuidar disso.

*Quinze mil quilômetros e nem a porra de uma cerveja*, pensou Sam Driscoll, mas só por um instante, pois se lembrou mais uma vez que podia estar fazendo a viagem de volta para casa dentro de um saco plástico. Alguns centímetros para um lado ou para o outro, disseram os médicos, e o estilhaço teria rasgado ou a veia braquial, ou a cefálica ou a veia basilica, e ele poderia ter perdido todo o sangue antes mesmo de chegar ao Chinook. *Mas perdi dois pelo caminho*. Barnes e Gomez tinham levado o grosso do RPG. Young e Peterson levaram alguns estilhaços nas pernas, mas conseguiram subir a bordo do Chinook por conta própria. Dali foi um pulo até a base avançada em Kala Gush, onde ele se separou da equipe, menos do capitão Wilson e sua perna quebrada, que o acompanhou primeiro até a Base Aérea de Ramstein, e depois para o Brooke Army Medical Center, em Fort Sam Houston. O resultado foi que os dois precisavam do tipo de cirurgia ortopédica na qual Brooke era especializado. E Demerol. As enfermeiras dali eram realmente boas com os remédios para dor, que ajudava muito a esquecer que cinco dias antes ele tinha um pedaço do granito do Hindu Kush enfiado no ombro.

A missão fora um fracasso, pelo menos em termos do objetivo principal, e os Rangers não estavam acostumados a fracassar, seja por culpa deles ou não. Se considerasse que a informação estava correta e o alvo deles estivesse em algum momento naquela caverna, tinha escapulido de lá provavelmente um dia antes da chegada deles. Ainda assim, Driscoll se lembrou, em função da tempestade de merda que caíra sobre eles no caminho de volta para a zona de pouso, de que podia ter sido pior. Havia perdido dois homens, mas voltou com 13. *Barnes e Gomez. Puta merda.*

A porta abriu e o capitão Wilson rolou para dentro em sua cadeira de roda.

— Tem um tempinho para um visitante?

— Pode apostar que sim. Como está a perna?

— Ainda quebrada.



Driscoll deu uma risadinha.

— Vai ficar assim por algum tempo, senhor.

— Sem pinos ou placas, entretanto, de modo que a coisa vai indo para mim. E quanto a você?

— Não sei. Os médicos estão ariscos. A cirurgia foi bem, sem danos vasculares, o que seria uma droga de azar. Juntas e ossos são mais fáceis de emendar, acho. Teve notícias dos rapazes?

— Sim, estão bem. Desfrutando de uma merecida folga.

— Young e Peterson?

— Ambos muito bem. Serviço leve por algumas semanas. Escute, Sam, tem alguma coisa acontecendo.

— Sua cara me diz que não é uma visita de Carrie Underwood.

— Receio que não. Investigação criminal. Dois agentes lá no Batalhão.

— Nós dois?

Wilson assentiu.

— Requisitaram nossos relatórios pós-ação. Há algo que eu deva saber, Sam?

— Não, senhor. Levei uma multa de estacionamento no ginásio mês passado, mas fora isso tenho sido um bom rapaz.

— E tudo kosher lá na caverna?

— Merda padrão, major. Como escrevi.

— Bem, de qualquer modo eles virão hoje à tarde. Jogue às claras. Deve funcionar.

Driscoll não demorou mais que um minuto para sacar que a corja da investigação queria: sua cabeça. Quem, ou por que, ele não sabia, mas alguém tinha apontado o dedo para ele por conta do que acontecera na caverna.

— E quantas sentinelas vocês encontraram?

— Duas.

— Ambas abatidas?

— Sim.

— Muito bem, então vocês entraram na caverna propriamente dita. Quantos dos ocupantes estavam armados? — perguntou um dos investigadores.

— Depois que policiamos tudo, contamos...

— Não, queremos saber quando vocês entraram na caverna. Quantos deles estavam armados?

— Defina “armado”.

— Não banque o espertinho, sargento. Quantos homens armados vocês encontraram quando entraram na caverna?

— Está no meu relatório.

— Três, correto?

— Parece que sim — respondeu Driscoll.

— E os demais estavam dormindo.

— Com o AK embaixo do travesseiro. Vocês não estão entendendo nada. Estão falando sobre prisioneiros, certo? Não funciona assim, não no mundo real. Se você se envolve em um tiroteio dentro de uma caverna com apenas um bandido, você termina com Rangers mortos.

— Você não tentou incapacitar os homens adormecidos?

Driscoll sorriu com o comentário.

— Diria que eles ficaram completamente incapacitados.

— Você atirou neles enquanto dormiam.

Driscoll suspirou.

— Rapazes, por que não dizem logo o que vieram dizer?

— Como queira, sargento. Há evidências suficientes no seu relatório pós-ação para acusá-lo do assassinato de combatentes desarmados. Adicionalmente, teremos as declarações do restante da sua equipe...

— Que vocês ainda não tomaram oficialmente, certo?

— Não, ainda não.

— Porque sabem que isso é um monte de merda, e preferem colocar minha cabeça no cepo gentil e calmamente em vez de armar confusão. E por que estão fazendo isso? Eu estava fazendo meu trabalho. Façam seu dever de casa. O que nós fizemos foi procedimento padrão. Ninguém dá aos babacas a oportunidade de apontar as armas para nós.

— E aparentemente você não deu a eles a oportunidade para que se rendessem, não foi?

— Deus Todo-Poderoso... Cavalheiros, esses idiotas não se rendem. Em matéria de fanatismo, eles fazem os pilotos camicases parecerem um bando de frouxos. O que vocês estão falando aí só faria com que vários dos meus homens morressem, e isso eu não admito.

— Sargento, está admitindo agora que executou preventivamente os homens dentro daquela caverna?

— O que estou dizendo é que acabamos com essa conversa até que eu fale com meu advogado do Serviço de Defesa.



— Perda de tempo — disse Brian Caruso, olhando a paisagem pela janela do banco de passageiros. — Mas há lugares piores para isso, acho. — A Suécia era muito bonita, com muito verde e, pelo menos pelo que observaram desde que saíram de Estocolmo, rodovias de primeira qualidade. Nada de lixo à vista. Estavam a 150 quilômetros ao norte da capital sueca; a 20 quilômetros ao nordeste, as águas do golfo de Bótnia brilhavam sob um céu parcialmente nublado. — Onde você acha que eles guardam a turma de biquíni?

Dominic riu.

— São todas geradas por computadores, cara. Ninguém jamais as viu pessoalmente.

— Bobagem, são de verdade. A que distância ainda estamos do tal lugar? Como é mesmo o nome? Söderhamn?

— Isso. Mais uns 250 quilômetros.

Jack e Sam Granger deram as instruções para os dois, e, apesar de os irmãos Caruso concordarem com a avaliação do chefe de operações de que o trabalho era “um tiro no escuro”, eles também gostavam da ideia de vasculhar coisas. Mais ainda, era um bom jeito de aprimorar suas habilidades. Até então a maior parte do trabalho que fizeram para o Campus tinha sido na Europa. Quanto mais treinamento tivessem em um ambiente operacional verdadeiro, melhor. Os dois se sentiam mais que um pouco despidos sem armas, mas isso, também, era uma realidade operacional: era sempre mais provável que, quando estivessem no exterior, andassem desarmados.

Nenhum dos dois sabia exatamente como Jack descobrira a conexão da Hlasek Air com o pequeno aeroporto de Söderhamn, mas seja lá onde o Dassault Falcon tivesse se perdido, seu último pouso conhecido fora ali. Era, explicou Dominic, muito parecido com localizar uma pessoa perdida. Onde ela foi vista pela última vez, e por quem? Como exatamente eles conseguiriam responder a essa pergunta quando chegassem a Söderhamn era outra questão. A sugestão de Jack, oferecida com um sorriso encabulado, provavelmente se revelaria presciente: *improvisem*. Com esse objetivo, o pessoal de documentação do Campus, que trabalhava em algum cubículo nas profundezas do edifício, havia providenciado para os dois um conjunto completo

de papéis timbrados, cartões de visita e credenciais da divisão de investigação de indenizações da Lloyd's of London, companhia controladora da XL Insurance Switzerland.

Já era começo da tarde quando alcançaram os arredores do Söderhamn, com 12 mil habitantes, e Dominic saiu da E4, seguindo as indicações pictográficas para o aeroporto por 8 quilômetros antes de parar no pátio de estacionamento quase vazio do local. Contaram três carros. Pelo muro de arame de 2,5 metros de altura, viram um conjunto de quatro hangares com teto branco. Um único caminhão-tanque de combustível estava ao lado do concreto trincado da pista.

— Acho que foi uma boa ideia vir no fim de semana — observou Brian. A teoria era de que haveria poucos responsáveis no aeroporto em uma tarde de sábado, o que significava, esperavam, menos oportunidades de encontrar alguém com autoridade de verdade. Se tivessem ainda mais sorte, achariam o escritório ocupado por um trabalhador de meio expediente e salário baixo que só queria passar a tarde com o mínimo de trabalho. — Marque outro ponto para o priminho.

Os dois saíram, foram até o escritório e entraram. Um rapaz louro de pouco mais de 20 anos estava atrás do balcão, os pés apoiados num arquivo. Atrás dele, uma caixa de som explodia com a última versão do techno-pop sueco. O rapaz levantou e abaixou o volume.

— *God middag* — disse.

Dominic colocou suas credenciais no balcão.

— *God middag*.

Gastaram apenas cinco minutos bajulando e fazendo ameaças oblíquas para ter acesso ao registro diário dos voos do aeroporto, que mostravam apenas dois pousos do Dassault Falcon nas últimas oito semanas, uma vindo de Moscou há um mês e meio e outra de Zurique, onde ficava baseada a Hlasek Air, três semanas atrás.

— Precisamos ver o manifesto, o plano de voo e os registros de manutenção para esse avião — disse Dominic, dando um tapinha sobre o fichário.

— Não tenho isso aqui. Deve estar no hangar principal.

— Então vamos lá.

O garoto pegou o telefone.

O mecânico de voo de plantão, Harold, era apenas um pouco mais velho que o sujeito do escritório e ainda mais perturbado com a presença deles. *Investigador de seguros, aeronave perdida e registro de manutenção* era um trio de expressões que nenhum mecânico de voo queria ouvir, especialmente quando combinado com Lloyd's of

London, que, com quase trezentos anos de existência, exibia uma reputação como poucas companhias no mundo.

Harold os levou até o escritório da manutenção, e, logo depois, Dominic e Brian estavam diante dos registros que pediram e de duas xícaras de café. Harold se demorou, parado na porta, até que o olhar especial de *suma daqui* de um marine que Brian lhe dirigiu surtiu efeito imediato.

O plano de voo da Hlasek Air listava Madri, na Espanha, como destino do Falcon, mas planos de voo eram somente isso: planos. Uma vez fora do espaço aéreo de Söderhamn, o Falcon podia ter ido a qualquer lugar. Havia complicações nisso, é claro, mas nada insuperável. Os registros de manutenção pareciam também ser rotineiros até que eles passaram do sumário e leram os detalhes. Além de completar os tanques do Falcon, o mecânico de voo havia executado um diagnóstico do transponder do avião.

Dominic se levantou, bateu na janela de vidro do escritório e acenou para que Harold entrasse. Mostrou ao mecânico o relatório de manutenção.

— Esse mecânico, Anton Rolf, gostaríamos de falar com ele.

— Hã, ele não está aqui hoje.

— Já imaginávamos. Onde podemos achá-lo?

— Não sei.

— O que isso quer dizer? — perguntou Brian.

— Faz uma semana que Anton não aparece no trabalho. Ninguém o viu nem soube dele.

A polícia de Söderhamn, explicou Harold em seguida, fora ao aeroporto na quarta-feira anterior, investigando uma queixa de pessoa desaparecida feita pela tia de Rolf, com quem Anton vivia. O sobrinho não voltara para casa depois do trabalho na sexta-feira da semana anterior.

Supondo que a polícia já havia feito o trabalho de rotina, Brian e Dominic dirigiram até Söderhamn, hospedaram-se no Hotel Linblomman e dormiram até as seis da noite, depois acharam um restaurante por perto, onde comeram e fizeram hora até ir a pé para um pub chamado Dälig Radisa — Rabanete Ruim —, o qual, segundo Harold, era o lugar preferido de Anton Rolf.

Depois de darem uma volta de reconhecimento pelo quarteirão, entraram pela porta da frente do bar e foram atingidos por uma onda de fumaça de cigarro e heavy metal, e envolvidos por um mar de corpos com cabelos louros que ou disputavam uma posição no bar ou dançavam em qualquer espaço livre que houvesse.

— Pelo menos não é aquela merda tecno — gritou Brian por cima da cacofonia.

Dominic agarrou uma garçonete que passava e usou seu precário sueco para pedir duas cervejas. Ela desapareceu e voltou cinco minutos depois.

— Você fala inglês? — perguntou a ela.

— Sim, inglês. Você é inglês?

— Americano.

— Olá, americano. Que legal, hein?

— Estamos procurando Anton. Tem visto ele?

— Qual Anton? Vêm muitos por aqui.

— Rolf — respondeu Brian. — Mecânico. Trabalha no aeroporto.

— Sim, ok, Anton. Acho que faz mais de uma semana que não aparece.

— Sabe onde podemos achá-lo?

O sorriso da garçonete esmaeceu um pouco.

— E por que vocês estão procurando ele?

— Nós o conhecemos pelo Facebook no ano passado. E dissemos que o procuraríamos da próxima vez que passássemos por aqui.

— Ah, tá, Facebook. Legal. Os amigos dele estão ali. Pode ser que saibam. Bem ali, no canto. — Ela apontou uma mesa com uma meia dúzia de jovens de 20 e poucos anos, com camisas de clubes.

— Obrigado — disse Brian, e a garçonete se virou para ir embora. Dominic a deteve.

— Ei, só por curiosidade: por que você perguntou a razão de estarmos procurando por Anton?

— Houve outros. Não simpáticos como vocês.

— Quando?

— Na última terça-feira? Não, desculpe, segunda-feira.

— A polícia, talvez?

— Não, não era a polícia. Conheço todos os policiais. Quatro homens, não eram brancos, mas não eram negros também. Talvez do Oriente Médio.

Quando ela se foi, Dominic gritou no ouvido de Brian:

— Segunda. Três dias depois que a tia de Rolf disse que ele não voltou para casa.

— Talvez ele não queira ser encontrado — respondeu Brian. — Merda, cara, eles tinham que ser torcedores de futebol.

— E daí?

— Você nunca assistiu à Copa do Mundo, cara? Esses caras gostam de brigar mais do que de beber.

— Então não deve ser difícil conseguir alguma reação deles.

— Dom, não é como se fosse pugilismo. Estou falando de briga de rua tipo arranco sua orelha e piso nos seus colhões. Acrescente a isso todo um grupo e o que você tem?

— O quê?

— Um monte de dentes — respondeu Brian com um sorriso malévolo.

— Ei, pessoal, estamos procurando Anton — disse Dominic. — A garçonete disse que

vocês são amigos deles.

— Não falo inglês — disse um deles. Tinha uma treliça de cicatrizes viscosas na testa.

— Ora, vai se foder, Frankenstein — disse Brian.

O homem empurrou a cadeira para trás e se levantou, assumindo uma postura de ataque. O restante o imitou imediatamente.

— Agora você fala inglês, não? — gritou Brian.

— Apenas digam a Anton que estamos procurando por ele — falou Dominic, levantando as mãos na altura do ombro. — Se não, vamos fazer uma visita à tia dele.

Brian e Dominic deram a volta pelo grupo e foram para a saída que dava para o beco.

— Quanto tempo você acha? — perguntou Brian.

— Trinta segundos, não mais — respondeu Dominic.

Lá no beco, Brian agarrou uma lata de lixo de aço, e Dominic, um pedaço de vergalhão enferrujado do tamanho do seu antebraço, e se viraram a tempo de ver a porta girar e se abrir. Brian, parado atrás da porta, deixou três dos torcedores saírem e correrem para cima de Dominic, depois chutou a porta na cara do quarto e avançou, balançando a lata de lixo como uma foice. Dominic deu um chute na canela do líder, desviou a cabeça de um soco dado pelo segundo e desceu o vergalhão no antebraço dele, quebrando-o. Brian se virou quando a porta abriu de novo, enfiou o fundo arredondado da lata de lixo bem na testa do quarto sujeito, esperou que ele desabasse e jogou a lata nos joelhos dos dois que avançavam pela soleira. O primeiro caiu aos pés de Brian, tentou se levantar apoiado nas mãos e nos joelhos, mas Brian lhe deu um chute na cabeça, derrubando-o de vez. O último torcedor, punhos fechados e agitando os braços, atacava Dominic, que recuou, mantendo-se fora do seu alcance, antes de desviar para o lado e tascar o vergalhão no lado da cabeça do sujeito. Ele caiu por cima da parede do beco e depois desabou.

— Tudo bem? — perguntou Dominic ao irmão.

— Tudo, e você?

— Alguém acordado?

— Sim, esse aqui. — Brian se ajoelhou ao lado do primeiro torcedor que saíra pela porta. Ele gemia e rolava de um lado para o outro, segurando o joelho fraturado. — Ei, Frankenstein, diga a Anton que estamos procurando por ele.

Eles deixaram os torcedores de futebol no beco e andaram da rua do bar até um parque, onde Dominic ficou sentado em um banco. Brian foi correndo para o hotel, pegou o carro de aluguel, voltou e estacionou do outro lado do parque.

— Nada de polícia? — perguntou Brian, aproximando-se do banco onde estava Dominic pelo meio das árvores.

— Nada. Eles não me pareceram ser do tipo que gosta muito da polícia.

— Nem para mim. — Esperaram cinco minutos, depois a porta da frente se abriu e dois dos torcedores saíram e se enfiaram em um carro estacionado mais abaixo no quarteirão. — Bons amigos.

— Ingênuos, mas bons amigos.





Eles seguiram o carro dos torcedores de futebol, um Citroën azul-escuro, passando pelo centro de Söderhamn até os subúrbios do leste da cidade, e depois pelo campo. Após 6 quilômetros entraram em outra cidade, com mais ou menos um quarto do tamanho de Söderhamn. “Forsbacka”, Brian leu no mapa. O Citroën saiu da rua principal, fez uma série de curvas à direita e à esquerda antes de estacionar na entrada de um chalé verde-hortelã. Dominic passou pela casa, entrou à direita na esquina seguinte e estacionou no meio-fio sob uma árvore. Pela janela traseira, os dois podiam ver a porta da frente do chalé. Os torcedores já estavam no alpendre. Um deles bateu. Passados trinta segundos, a luz do alpendre acendeu e a porta abriu.

— O que você acha? Entramos ou esperamos? — perguntou Dominic.

— Esperamos. Se for Rolf, acho que foi bem esperto desaparecendo por uma semana. Não vai sair disparado antes de pensar um pouco.

Após vinte minutos, a porta da frente abriu novamente e os torcedores emergiram. Voltaram para o Citroën, ligaram o carro e seguiram pelo quarteirão. Brian e Dominic esperaram até as lanternas traseiras sumirem na esquina, depois saíram, cruzaram a rua e caminharam até o chalé. Uma sebe de lilases bem-crescidos separava a casa da do vizinho. Seguiram a cerca, passando por duas janelas escuras, até chegarem a uma garagem externa, onde deram a volta até ver os fundos da casa: uma porta traseira flanqueada por duas janelas. Todas escuras menos uma. Enquanto observavam, uma figura masculina passou pela janela e parou diante de um armário de cozinha, que abriu e posteriormente fechou. Dez segundos depois, o homem saiu carregando uma maleta. Brian e Dominic se abaixaram. A porta do lado da garagem abriu, seguida por uma porta de carro abrindo e fechando. A porta da garagem fechou novamente, e então a porta dos fundos da casa bateu, trancando.

— Está pegando a estrada. Melhor assumir que Anton é torcedor de futebol como seus amigos.

— Estava pensando a mesma coisa. Duvido que tenha uma arma, as leis suecas são rígidas demais quanto a isso. Mas é melhor prevenir do que remediar. Vamos

cair em cima dele e derrubá-lo de uma vez.

— Certo.

Tomaram posição nos dois lados da porta traseira e esperaram. Cinco minutos se passaram. Podiam escutar o homem se movimentando lá dentro. Brian abriu a tela traseira e experimentou a maçaneta da porta. Destrancada. Olhou para Dominic e acenou levemente para ele, depois girou a maçaneta, abriu a porta, parou. Esperou. Nada. Brian entrou e segurou a porta para Dominic, que o seguiu.

Estavam em uma cozinha estreita. À esquerda, depois do refrigerador, havia uma sala de jantar. À direita, um corredor curto que seguia para a frente da casa até o que parecia ser uma sala de estar. Uma televisão estava ligada em algum lugar. Brian deu um passo para o lado e olhou pela esquina. Recuou e assinalou para Dominic: *Olhos em um homem. Vou entrar*. Dominic assentiu.

Brian deu um passo, parou, depois outro, e já estava na metade do corredor.

O assoalho gemeu sob seus pés.

Na sala de estar, Anton Rolf, de pé diante da televisão, olhou e viu Brian, e disparou para a porta da frente. Brian avançou, inclinou-se colocando as mãos na mesa de café de madeira comprida e a empurrou, espremendo Rolf contra a porta parcialmente aberta. Rolf perdeu o equilíbrio e caiu para trás. Brian já se movimentava, pulando na mesa de café e avançando. Agarrou a cabeça de Rolf pelos cabelos e bateu sua testa contra a maçaneta uma, duas e três vezes. Rolf desabou.

Acharam um rolo de corda de pendurar roupa numa gaveta da cozinha e amarraram Rolf. Enquanto Brian o vigiava, Dominic revistou a casa, mas não achou nada fora do comum, salvo a maleta que Rolf estava arrumando.

— Arrumou rapidamente as coisas — disse Brian, revistando as roupas e os artigos de toalete que foram enfiados na maleta. Parecia claro que a decisão de Rolf de ir embora havia sido precipitada pela visita de seus amigos.

Ouviram o ruído de pneus freando lá fora. Brian foi até a janela, olhou e sacudiu a cabeça. Dominic foi até a cozinha. Chegou à janela da pia bem a tempo de ver uma mulher dobrando a esquina e caminhando para a porta traseira, que abriu um instante depois, bem na hora em que Dominic se colocou por trás dela. A mulher entrou, Dominic empurrou e fechou a porta, apertou a mão direita sobre a boca da mulher e girou-lhe a cabeça para imobilizá-la contra seu ombro.

— Silêncio — sussurrou em sueco. — Você fala inglês?

Ela assentiu. A maioria dos suecos falava, eles já haviam percebido, o que parecia ser o caso na maioria dos países europeus. Os americanos eram singulares a esse respeito, pois na sua maioria permaneciam alfabetizados apenas em inglês — e, às vezes, precariamente.

— Vou tirar minha mão. Não vamos machucá-la, mas, se você gritar, eu a amordaço. Compreendeu?

Ela assentiu.

Dominic removeu a mão e gentilmente a empurrou para uma das cadeiras da sala de jantar. Brian entrou.

— Qual é o seu nome? — perguntou Dominic.

— Maria.

— Anton é seu namorado?

— Sim.

— Tem pessoas procurando por vocês, sabia?

— Vocês estão atrás dele.

— Além de nós — respondeu Brian. — A garçonete do Rabanete nos disse que alguns sujeitos do Oriente Médio estavam atrás dele. — Maria não respondeu. — Ele não contou isso para você, não é?

— Não.

— Provavelmente não queria que ficasse preocupada.

Maria rolou os olhos, e Brian deu uma risadinha.

— Às vezes nós somos meio estúpidos.

Isso fez Maria sorrir.

— Sim, sei disso.

— Anton disse por que estava se escondendo? — perguntou Dominic.

— Algo a ver com a polícia.

Brian e Dominic trocaram olhares. Teria Anton suposto que a polícia estava atrás dele por alguma outra razão? Algo além da queixa de desaparecimento feita por sua tia?

— Aonde vocês dois iam?

— Estocolmo. Ele tem amigos lá.

— Muito bem, escute: se quiséssemos machucar vocês, já teríamos feito isso. Compreende?

Ela assentiu.

— Quem são vocês?

— Não importa. Queremos que você faça Anton compreender isso. Se ele responder nossas perguntas, veremos o que podemos fazer para ajudar vocês. Ok? Se não, as coisas vão ficar complicadas.

— Ok.

Brian pegou uma jarra de água fria na cozinha e jogou na cabeça de Anton. Depois, ele e Dominic recuaram para o outro lado da sala de estar enquanto Maria se ajoelhava em frente à cadeira em que Anton estava preso e começava a sussurrar para ele. Após cinco minutos, ela se virou e assentiu para os dois.

— Minha tia fez uma queixa — disse Anton alguns minutos depois.

Dominic assentiu.

— Ela não te viu. Acho que estava preocupada. Você achou que era sobre alguma outra coisa? Algo a ver com aquele avião?

— Como vocês sabem disso?

— Um palpite — respondeu Brian. — Até agora. Você fez alguma coisa com o transponder?

Anton assentiu.

— O quê?

— Dupliquei os códigos.

— Para outro avião, um Gulfstream?

— Certo.

— Quem contratou você?

— O cara... o proprietário.

— Da Hlasek Air. Lars?

— Sim.

— Não foi a primeira vez que você fez isso para ele, certo? — perguntou Brian.

— Não.

— Como ele paga?

— Dinheiro... à vista.

— Você estava lá na noite em que o Dassault chegou e partiu?

— Sim.

— Nos conte sobre isso — disse Dominic.

— Quatro passageiros, do Oriente Médio, chegaram numa limusine. Embarcaram e o avião decolou. Isso é tudo.

— Você pode descrever algum deles?

Rolf fez que não com a cabeça.

— Estava muito escuro. Você disse alguma coisa sobre o Rabanete. Alguém anda atrás de mim?

— Segundo a garçonete. Quatro homens do Oriente Médio. Alguma ideia da razão pela qual procuram você? — perguntou Brian.

Rolf olhou fixo para ele. Perguntou:

— Está querendo bancar o engraçadinho?

— Não, desculpe.

Dominic e Brian deixaram Anton com Maria e foram ao corredor.

— Você acha que ele está falando a verdade?

— Sim, acho. Está se cagando de medo, e feliz da vida por serem caras brancos que entraram aqui.

— Isso não muda muito, entretanto. Não tem nada que possamos usar. Nenhum nome, nem um rosto, nem rastros de papel, só gente do Oriente Médio viajando incógnita não se sabe para onde. Se o DHS ou o FBI tivessem a pista da Hlasek ou do piloto, não iriam pedir a Zurique e Estocolmo para vasculhar por aqui.

— Provavelmente é verdade — respondeu Dominic.

— E o que fazemos com esses dois?

— O melhor que podemos fazer é levá-los até Estocolmo. Se Anton for esperto, vai se entregar na Rikskriminalpolisen e rezar para que acreditem na história dele.

Dominic vigiou enquanto Anton e Maria apanhavam suas coisas. Brian saiu pelos fundos para trazer o carro. Voltou três minutos depois, ofegante.

— Problema. Os pneus do carro alugado estão rasgados.

Dominic se voltou para Anton.

— Seus amigos?

— Não. Disse a eles que não voltassem.

O barulho de uma freada veio de fora. Dominic apagou a lâmpada da mesa. Brian trancou a porta da frente e olhou pelo olho mágico.

— Quatro homens — sussurrou. — Armados. Dois vindo pela frente e dois dando a volta para trás.

— Você foi seguida — disse Dominic a Maria.

— Não vi ninguém...

— Bem, esse é o ponto.

— Você tem uma arma? — perguntou Brian a Anton.

— Não.

Dominic e Brian se entreolharam. Cada um sabia o que o outro pensava: tarde demais para chamar a polícia. E, mesmo que não fosse, o envolvimento deles traria mais problemas que soluções.

— Vão para a cozinha — ordenou Dominic a Anton e Maria. — Tranquem a porta, depois deem no chão. Fiquem em silêncio. — Dominic e Brian os seguiram até lá.

— Facas? — sussurrou Brian para Anton, que apontou para uma gaveta. Agachado na altura da janela, Brian foi até lá, abriu a gaveta e encontrou um par de facas inoxidáveis para carne com 12 centímetros de comprimento. Entregou uma delas para Dominic, depois apontou para si e em seguida para a sala de estar, e depois foi naquele caminho. Dominic o seguiu e, juntos, encostaram o sofá, a mesa de café e uma cadeira contra a porta. Isso não deteria quem quer que estivesse vindo, mas os retardaria e, esperavam, equilibraria as chances. Apesar de inevitável, Brian e Dominic haviam, de fato, levado facas para um tiroteio. Dominic fez um gesto de boa sorte para o irmão e depois voltou para a cozinha. Brian se posicionou na ponta do corredor, os olhos fixados na porta da frente.

Do chão, Maria sussurrou:

— O que...

Dominic levantou a palma da mão e balançou a cabeça.

Do lado de fora da janela da cozinha se ouviu um par de vozes abafadas. Dez segundos transcorreram. A maçaneta na porta dos fundos girou, primeiro para um

lado, depois para o outro. Dominic se moveu agachado dando a volta por Anton e Maria, e depois se colocou contra a parede ao lado da maçaneta.

Silêncio.

Mais vozes abafadas.

Do lado da casa veio o barulho de vidro quebrado. Dominic escutou o ruído de uma pedra batendo no chão. Uma distração, decidiu, sabendo que Brian tinha concluído a mesma coisa. A porta de tela gemeu quando foi aberta.

Algo volumoso se jogou contra a porta. Depois mais uma vez. O batente de madeira do lado da cabeça de Dominic rachou. Na terceira batida, a porta voou para dentro. Um punho e uma mão segurando um revólver apareceram primeiro, seguidos um segundo depois por um rosto. Dominic esperou que seu alvo — o pedaço suave logo abaixo da orelha — aparecesse, então esticou o braço com a faca, enterrando-a até o cabo no pescoço do homem, usando-a depois como alavanca para fazer o corpo avançar mais pela porta. O homem deixou cair a arma e Dominic a chutou para dentro, onde Brian a recolheu. Dominic retirou a faca, avançou e agarrou a porta, empurrando-a para que se fechasse, jogando o sujeito que entrava de volta para fora.

Ouviu dois disparos vindo da frente. A janela estilhaçou, Brian se agachou e apontou o revólver para a porta de entrada. Dominic se aproximou de Maria e Rolf, agachado, então deu uma espiadela pela janela da cozinha. Do lado de fora, dois homens se ajoelharam ao lado de seu parceiro. Um deles levantou a cabeça, viu Dominic e disparou dois tiros pela janela.

Apoiado agora nas mãos e nos joelhos, Dominic perguntou a Maria:

— Óleo de cozinha? — Ela apontou para o armário baixo em frente. Dominic mandou que os dois fossem para a sala de estar com Brian, em seguida pegou o óleo e jogou o conteúdo da garrafa no linóleo por uns 2 metros além da porta, e depois se dirigiu para a sala de estar. Quando foi para o lado de Brian, a porta traseira se abriu novamente. Um vulto entrou correndo, seguido por um outro. O primeiro atingiu o chão oleado e caiu, arrastando o parceiro consigo. Revólver à frente, Brian passou pelo corredor, o ombro esquerdo encostado à parede, e abriu fogo. Acertou duas balas no primeiro e três no segundo homem, depois agarrou as armas deles e jogou uma para Dominic, que já vinha pelo corredor, empurrando Rolf e Maria à sua frente.

Com cuidado para evitar o óleo, Dominic passou por cima dos corpos, olhou pela porta dos fundos e recuou.

— Limpo...

Ouviram a porta da frente se quebrando na sala de estar, seguida pelo arrastar de mobília pelo chão de assoalho.

— Vão para o carro — disse Dominic a Brian. — Ligue o motor, façam barulho.

— Saquei.

Enquanto Brian empurrava Rolf e Maria pela porta dos fundos, Dominic olhou pelo corredor e viu um vulto avançando e passando por cima da mobília. Dominic se

enfiou pela porta dos fundos e correu pelo gramado, dando a volta pela esquina da garagem; lá dentro, Brian havia ligado o motor e acelerava. Dominic se ajoelhou e ficou espiando pelo canto; o muro atrás dele era escuro e coberto de relva. Seu perfil ficava praticamente invisível.

O último homem apareceu na porta. Após ver seus camaradas mortos na cozinha, este estava mais cuidadoso, olhando de um lado para outro antes de sair. Parou um instante, depois deslizou pela parede e verificou a entrada antes de começar a atravessar o gramado. Dominic esperou até a mão estar quase tocando a maçaneta da porta da garagem, e depois soltou:

— Ei!

Deixou que o homem girasse ligeiramente, apenas o suficiente para se oferecer como uma massa sólida de alvo, e atirou duas vezes. Ambos os disparos atingiram o homem no esterno. Ele tropeçou para trás, caiu de joelhos e depois desabou de vez.



*Hora de arrumar um novo emprego*, disse Clark a si mesmo depois do desjejum. Havia ligado e acertado a chegada para as dez e meia, depois despertou Chavez e os dois se encontraram no carro às nove e meia.

— Bem, vamos ver quanto pagam — observou Ding. — Estou pronto para ficar impressionado.

— Não fique lá muito animado — avisou Clark enquanto ligava o carro. — Droga, nunca esperei ganhar 100 mil por ano quando comecei em Langley. Meu salário inicial foi 95 mil.

— Bem, o sujeito disse que os benefícios adicionais funcionam muito bem, e vi todos aqueles carrões no estacionamento. Deixo você levar a conversa — sugeriu Chavez.

— É, você só fica lá sentadinho com cara de mau. — John se permitiu uma risada.

— Você acha que eles realmente querem que eliminemos pessoas?

— Acho que vamos ter que descobrir isso.

O trânsito na American Legion Bridge não estava muito ruim, com a hora do rush chegando ao fim, e logo se dirigiram para o norte pela US 29.

— Você já decidiu o que fazer a respeito da minha cagada?

— Sim, acho que sei. Vamos nos enfiar de vez nisso, Ding... bem mais fundo do que fomos antes. Então, vamos logo até o final. Entregamos a coisa para eles e veremos o que conseguem tirar de lá.

— Muito bem. E esse tal de Hendley... o que sabemos sobre ele?

— Senador pela Carolina do Sul, democrata, atuava no Comitê de Inteligência. Lá em Langley gostavam dele; esperto, direto. Ryan também gostava do sujeito. Hendley perdeu a família num acidente de carro. Esposa e dois rapazes, acho. É muito rico. Assim como Ryan, fez uma pilha de dinheiro com negociação de ações. É bom em enxergar o que os outros não conseguem.

Os dois estavam adequadamente vestidos, com ternos decentes que compraram em Londres enquanto estavam na Rainbow, gravatas Turnbull & Asser, e belos sapatos engraxados. Na verdade, engraxar os sapatos era algo que Chavez ainda fazia todos os dias, lembrança de seus tempos no Exército, enquanto Clark precisava ser



lembrado disso de vez em quando.

Estacionaram no espaço para visitantes e entraram. Ernie Chambers ainda cuidava da portaria.

— Olá, estamos aqui de novo para ver o Sr. Davis.

— Sim, senhor. Por favor, sentem enquanto ligo lá para cima.

Clark e Chavez sentaram, e John pegou um número atual da revista *Time*. Tinha que se acostumar a ler as notícias com quatro dias de atraso. Davis apareceu no saguão.

— Obrigado por voltarem. Queiram me acompanhar.

Dois minutos depois, os três estavam no escritório de Tom Davis, com vista para a zona rural de Maryland.

— Então, estão interessados? — perguntou Davis.

— Sim. — respondeu Clark pelos dois.

— Muito bem, ótimo. Regras: primeiro, o que acontece aqui fica aqui. Este lugar não existe, e muito menos qualquer atividade que possa ou não acontecer aqui.

— Sr. Davis, nós dois sabemos o que é guardar segredos. Nenhum de nós fala muito, e não contamos historinhas por aí.

— Terão que assinar mais um conjunto de acordos de confidencialidade. Não podemos obrigá-los a nada legalmente, mas podemos tirar todo o dinheiro de vocês.

— Devemos mostrar esses papéis para nossos advogados particulares revisarem?

— Se quiserem, podem. Não há nada comprometedor nos contratos, mas depois podem rasgar tudo. Não podemos permitir advogados especulando sobre o que fazemos aqui. Nem tudo, falando estritamente, é legal.

— Quanta viagem? — perguntou John em seguida.

— Menos do que estão habituados, acho. Ainda estamos revisando isso. Por enquanto passarão a maior parte do tempo aqui, examinando dados e planejando operações.

— Fontes dos dados?

— Principalmente Langley e Fort Meade, mas garimpamos um pouco do FBI, da Imigração e Alfândega, do DHS... Esses tipos de lugares. Temos uma equipe técnica muito boa. Vocês provavelmente notaram aquele ouriço no nosso teto.

— Sim.

— Somos o único edifício em uma linha direta da CIA com a NSA. Eles trocam dados por micro-ondas, e nós baixamos todas as transmissões interagências. É assim também que fazemos as transações financeiras. A NSA fica de olho nos bancos nacionais e estrangeiros. E também podem entrar nos sistemas de computadores dos bancos e em suas comunicações internas.

— O que você disse outro dia sobre nosso trabalho...

— Até agora fizemos uma única operação, as quatro pessoas que mencionei ontem. A verdade é que estávamos um tanto curiosos sobre o que poderia acontecer. De fato, não aconteceu muita coisa. Talvez tenhamos coberto nossos rastros muito

bem. Todas as mortes pareceram ser resultados de ataques cardíacos, as vítimas foram publicadas e todos os relatórios de autópsia declararam “causas naturais”. Acharmos que a oposição comprou a história e seguiu em frente. O quarto, MoHa, nos deixou um laptop com chaves de criptografia, então estamos lendo agora alguns de seus e-mails internos; ou estávamos, até recentemente. Parece que trocaram seus protocolos de comunicação semana passada.

— Assim do nada? — perguntou Clark.

— Sim. Interceptamos um anúncio de nascimento. Grande lista de distribuição. Dentro de horas, tudo silenciou.

— Trocando de canais — disse Chavez.

— Sim. Estamos trabalhando numa pista que pode nos levar de volta.

— Quem mais estará operando como nós?

— Vocês os conhecerão no devido tempo — prometeu Davis.

— E o pagamento?

— Podemos começar com vocês a 250 mil por ano. Vocês podem participar do plano de investimentos do escritório com quanto quiserem de seu salário. Já lhes contei sobre nossa taxa de retorno. Também pagamos por gastos educacionais razoáveis para as crianças. Até um Ph.D. ou graduação profissional. Esse é o limite.

— E se minha mulher quiser voltar para a faculdade de medicina para algum estudo adicional? Ela é clínica geral, mas pensa em se aperfeiçoar em obstetria/ginecologia.

— Isso nós cobrimos.

— E se ela perguntar o que faço aqui, o que respondo?

— Consultoria de segurança para uma grande corretora de valores. Sempre funciona — assegurou Davis. — Ela deve saber que você trabalhava para a Agência.

— É filha dele. — Chavez apontou para Clark.

— Então ela compreenderá, não é? E sua esposa, Sr. Clark?

— Pode me chamar de John. Sim, Sandy conhece a receita. Talvez agora ela possa dizer qual é o meu trabalho verdadeiro — acrescentou com um sorrisinho.

— Então, que tal conhecerem o chefe?

— Por nós, tudo bem — disse Clark pelos dois.

— Os perdões são verdadeiros — assegurou-lhes Hendley alguns minutos depois. — Quando Ryan me vendeu a ideia de montar este lugar, disse que seria necessário proteger o pessoal de campo quando os mandássemos para a rua, de modo que assinou cem. Nunca tivemos que usar nenhum, mas são uma apólice de seguro caso se tornem necessários. Alguma coisa sobre a qual tenham curiosidade e que Tom não tenha explicado?

— Como os alvos são selecionados? — perguntou Clark.

— Vocês farão parte do processo na maioria dos casos. Temos que ser cuidadosos

na escolha das pessoas que queremos despachar.

— Também escolhemos os métodos? — perguntou Clark delicadamente.

— Você já lhes contou sobre as canetas? — Hendley dirigiu-se a Davis.

— Esse é um dos métodos que usamos. — Davis levantou uma caneta de ouro. — Injeta aproximadamente 7 miligramas de sucinilcolina. É um sedativo usado em procedimentos cirúrgicos. Interrompe a respiração e os movimentos musculares voluntários. Mas não o coração. Você não pode se mexer, não pode falar e não pode respirar. O coração continua batendo por mais ou menos um minuto, mas é privado de oxigênio, de modo que na necropsia a morte aparece como causada por ataque cardíaco. Evidentemente parece mesmo com isso.

— Reversível? — perguntou Clark.

— Sim, se a vítima for levada imediatamente a um respirador. A droga se dissolve, se metaboliza, em aproximadamente cinco minutos. Não deixa traços, a menos que a vítima seja necropsiada por um patologista realmente especialista que saiba o que está procurando. A coisa é quase perfeita.

— Fico surpreso pelos russos não terem aparecido com algo parecido com isso.

— Certamente tentaram — respondeu Davis. — Mas a sucinilcolina não chegou aos hospitais deles, suponho. Conseguimos isso de um médico amigo da Faculdade de Medicina e Cirurgia da Columbia, que tinha um ajuste pessoal a ser feito. Seu irmão, um corretor sênior com a Cantor Fitzgerald, morreu no 11 de Setembro.

— Impressionante — disse Clark, examinando a caneta. — Poderia ser também um bom instrumento de interrogatório. Seria difícil achar um freguês que quisesse passar duas vezes por essa experiência.

Davis passou a caneta para ele.

— Não está carregada. Você gira a extremidade e muda a ponta. Escreve perfeitamente bem.

— Bem bolado. Bem, isso responde a uma pergunta. Mas poderemos usar meios mais convencionais?

— Apenas se, e na medida em que, a missão o exija — confirmou Davis assentindo. — Mas para nós sempre se trata de não deixarmos rastros, de modo que devam manter isso no fundo da mente.

— Entendido.

— E quanto a você, Sr. Chavez? — perguntou Hendley.

— Senhor, sempre tento escutar e aprender — respondeu Ding ao chefe.

— Ele é tão esperto assim, John? — perguntou o ex-senador.

— Na verdade é ainda mais. Nós trabalhamos bem juntos.

— É disso que precisamos. Bem-vindos a bordo, cavalheiros.

— Mais uma coisa — disse Clark. Tirou o pen drive de Ding do bolso e o colocou sobre a mesa. — Tomamos isso de um dos bandidos em Trípoli.

— Percebo. E por que está em cima da minha mesa?

— Uma distração — respondeu Clark. — Pode chamar de “efeito da idade”. Acho

que podemos devolvê-lo para os suecos ou para Langley, mas suspeito que aqui teremos chances de fazer melhor uso disso.

— Já olhou o que há aí?

— Imagens em formato JPEG, cerca de uma dúzia. Para mim, pareciam fotos de férias, mas quem sabe — respondeu Chavez.

Hendley considerou a questão, depois assentiu:

— Muito bem, vamos dar uma olhada. Tom, temos um escritório para os dois?

— Lá embaixo com os garotos Caruso.

— Ótimo. Deem uma olhada por aí, rapazes, e nos veremos amanhã cedo.

Hendley se levantou, encorajando os demais a fazer o mesmo. Davis se encaminhou para a porta, seguido por Chavez e Clark.

— John, pode ficar mais um instante?

— Claro. Ding, alcanço você depois.

Quando ficaram a sós, Hendley disse:

— Você já circulou por essas áreas por muito tempo, John. Gostaria de revisar com você alguns pontos.

— Diga.

— Somos bem novos nisso, em todo esse conceito, de fato que muito disso é tentativa de acerto e erro. E começo a achar que nosso fluxo de trabalho está um tanto complicado.

Clark deu uma risadinha.

— Sem ofensa, Gerry, mas quando você usa palavras como *fluxo de trabalho* num negócio desses, algo me diz que você tem razão. Como é a linha de comando?

Hendley descreveu a estrutura organizacional do Campus, e Clark disse:

— Parece com Langley. Escute, o trabalho de inteligência é principalmente orgânico, certo? Não se pode dispensar a análise, mas tentar enfiar o processo em alguma estrutura artificial é esperar a merda ser jogada no ventilador.

— Você não pega leve no palavreado, certo?

— Gostaria que eu fizesse isso?

— Não.

— Muitas boas ideias se perdem abrindo caminho pela cadeia de comando. Meu conselho: ponha seus ajudantes principais em uma sala uma vez por dia e faça um *brainstorm*. Pode ser um clichê, mas funciona. Se houver pessoas preocupadas sobre se o pensamento criativo delas está fazendo a diferença, você estará desperdiçando talento.

Hendley assoviou baixinho, sorrindo.

— Não me leve a mal, John, mas com certeza você não é nenhum homem-primata, certo?

Clark deu de ombros, mas não respondeu.

— Bem — continuou Hendley —, você meio que bateu no ponto certo. Andava pensando no mesmo. Mas é bom ouvir uma segunda opinião.

— Algo mais?

— Sim. Jack Ryan veio falar comigo outro dia. Quer fazer mais trabalho de campo.

*Junior não é mais tão junior*, Clark fez questão de se lembrar.

— Tom contou para você o caso do MoHa? — perguntou Hendley.

— Contou.

— Bem, ouvi dizer que os irmãos Caruso levaram Jack até o *Hogan's Alley* para aliviar um pouco do estresse. E ele se saiu muito bem, pelo que me disseram. Cometeu alguns erros, coisa de principiante, mas de qualquer modo foi muito bem.

*Então ele tem algum talento*, pensou Clark. Talvez fosse genético, se acreditasse nesse tipo de coisas. Havia visto o pai de Jack em ação, e ele também era bom no galtilho. E frio sob pressão. Ambas as coisas podem ser ensinadas, mas a última era mais uma questão mental e de temperamento. Parecia que Jack possuía as duas, além de mão firme.

— E a cabeça dele? — perguntou Clark.

— Sem ilusões, acho. De qualquer modo, não me parece um caçador de glórias.

— E não é. Foi bem-educado pelos pais.

— É um analista ótimo, leva realmente jeito para a coisa, mas acha que está marcando passo. Quer entrar no mato. O problema é que não sei como o pai dele iria...

— Se você for tomar decisões a respeito dele baseado no que o pai pensaria ou diria, então...

— Diga.

— Então precisa começar a se preocupar sobre onde está a sua cabeça, e não a do garoto. Jack é adulto e a vida é dele. Você precisa tomar a decisão se baseado no fato de ele ser ou não bom na coisa, e se ajudaria ou não o Campus. Se trata disso, apenas disso.

— Está certo. Bem, preciso pensar um pouco mais sobre o assunto. Se decidir mandar Jack para o campo, ele vai precisar de alguém que o treine.

— Você já tem quem faça isso.

— Posso usar mais um, ou dois. Pete Alexander é muito bom, mas gostaria que você colocasse Jack debaixo da sua asa.

Clark considerou o assunto. *É hora de praticar o que você pregou para o patrão, John.*

— Claro, farei isso.

— Obrigado. Estamos também sempre procurando por mais pessoas como você e Chavez, então, peço que pense nisso. Temos nossos caçadores de talentos, mas é sempre bom ter candidatos em excesso.

— Verdade. Vou pensar um pouco. Posso ter um ou dois nomes.

Hendley sorriu.

— Alguns operadores recém-aposentados, talvez?

Clark sorriu de volta.

— Talvez.



— Local de trocas — anunciou Mary Pat Foley, abrindo caminho pela porta de vidro da sala de conferências da NCTC. Foi até o painel de cortiça onde haviam pregado tanto o mapa militar quanto o mapa de Peshawar do Baedeker e apontou para um dos conjuntos de pontos.

— Como é mesmo? — perguntou John Turnbull.

— A legenda no verso, setas para cima e para baixo combinadas com conjuntos de pontos, os locais de troca deles. A seta para o alto é um sinal de recolhimento, e a seta para baixo indica o local de entrega. A localização do primeiro diz em que lugar verificar o pacote. Um conjunto de três pontos é o sinal de localização do recolhimento, o conjunto de quatro pontos é o da localização da caixa de entrega.

— Essa merda vem bem do miolo da Guerra Fria — disse Janet Cummings.

— É experimentado e sólido; vem desde a Roma antiga.

O fato de seus colegas parecerem surpresos por essa virada informou a Mary Pat que eles — e talvez toda a CIA — ainda estavam trabalhando com um déficit de percepção no que dizia respeito à capacidade da inteligência do CRO. Desde que os agentes que operassem as entregas e os recolhimentos fossem cuidadosos, o sistema era um modo eficaz de trocar mensagens.

— Mas não há como saber se ainda estão ativos — disse ela. — Não sem vermos as pegadas cobrindo o terreno.

O telefone ao lado do cotovelo de Margolin tocou. Ele o pegou, escutou por trinta segundos e depois desligou.

— Até agora nada, mas os computadores estão mastigando a coisa. A boa notícia é que eliminamos um raio de 100 quilômetros ao redor da caverna.

— Muitas variáveis — disse John Turnbull, chefe da Estação Acre.

— Sim — respondeu Janet Cummings, chefe de operações do NCTC.

A ideia de Mary Pat Foley para solucionar o enigma de “Onde fica isso no mundo?”, que rodeava o caixão de areia que Driscoll e sua equipe recuperaram na caverna do Hindu Kush, envolvia um projeto da CIA com o codinome de Colagem.

Idéia de algum matemático na Diretoria de Ciência e Tecnologia de Langley, Colagem saíra da frustração da Estação Acre em responder a uma pergunta de Mary

Pat, no caso: “Onde ele se esconde?” O Emir e seus tenentes há tempos gostavam muito de divulgar fotos e vídeos deles mesmos vagueando pelas terras inóspitas do Paquistão e do Afeganistão, dando à comunidade de inteligência dos Estados Unidos muitas dicas sobre o clima e o terreno de suas localizações, mas nunca o suficiente para ser de ajuda para os drones ou para as equipes das forças especiais na área. Sem um contexto mais amplo, pontos de referência e uma escala confiável, uma pedra era uma pedra, e nada além de uma pedra.

Colagem ajudou a resolver esse problema ao relacionar todos os pedaços disponíveis de informações topográficas, das imagens dos satélites comerciais e militares Landsat a radares de imagens tais como o Lacrosse e o Ônix, a fotos de famílias no Facebook e fotos de viagens no Flickr — desde que a localização da imagem pudesse ser solidamente fixada em escala em qualquer ponto da terra. Com essas informações, Colagem enfiava tudo no triturador para digestão e cuspiu um gabarito da superfície da terra. Nessa mistura entrava também uma estonteante quantidade de variáveis: características geológicas, padrões atuais e passados de clima, planos de desmatamento, atividade sísmica... Caso dissesse respeito à superfície da Terra e sua aparência a qualquer momento, era alimentado no Colagem.

Perguntas que ninguém pensava em fazer, como “Qual a aparência do granito no Hindu Kush quando este está molhado?” ou “Em que direção certa sombra se inclinaria com uma cobertura de nuvens de trinta por cento e um ponto de orvalho  $x$ ?” e “Com dez dias de ventos entre 19 e 22 quilômetros por hora, qual a altura provável que uma duna de areia alcançaria no Sudão?”. As permutações eram assustadoras, assim como era a modelagem matemática enterrada na estrutura do código do Colagem, que ultrapassava muito o milhão de linhas. O problema era que a matemática não se baseava apenas nas variáveis conhecidas, como também nas imaginárias, sem mencionar os encadeamentos de probabilidades, afinal o programa tinha que fazer suposições não apenas a partir dos dados brutos, como também do que era visto em uma imagem ou em um trecho de vídeo. Em, digamos, trinta segundos de um vídeo com resolução de 640x480, a primeira passagem do Colagem identificaria algo entre 500 mil a 3 milhões de pontos de referência para os quais tinha que atribuir um valor — preto ou branco ou escala de cinza (na qual existem 16 mil variáveis) —, tamanho relativo e ângulo do objeto; distância do fundo, vizinhos no fundo e nas laterais, intensidade e distância angular da luz do sol ou espessura e velocidade do ar da cobertura de nuvens, e assim por diante. Uma vez designados esses valores, eram alimentados na matriz do gabarito do Colagem, e começava a caçada por uma equivalência.

Colagem já obtivera alguns sucessos, mas nada que tivesse significado em tempo real, e Mary Pat começava a suspeitar que o sistema ia ficar devendo ali também. Se isso acontecesse, a falha não seria do programa, e sim da alimentação de dados. Eles nem tinham ideia de se o caixão de areia era uma representação verdadeira de alguma coisa, muito menos se estava em escala ou dentro de um raio de 1.600



quilômetros do Hindu Kush.

— Em que pé estamos com o Lótus? — perguntou Mary Pat. A NSA estava escarafunchando suas interceptações por qualquer referência a Lótus, na esperança de descobrir um padrão dentro do qual o NCTC pudesse começar a reconstituir um quadro. Como o modelo com o qual o Colagem fora construído, o número de questões que tinham que responder para montar o quebra-cabeça era estarrecedor: quando o termo foi usado pela primeira vez? Em que frequência? Em que partes do mundo? Como era mais frequentemente disseminado — por e-mail, por telefone, através de sites ou alguma outra coisa que ainda não tivesse sido considerada? Lótus precedeu ou seguiu algum grande incidente terrorista? E daí por diante. Droga, não havia certeza de que Lótus significasse alguma coisa. Podia até mesmo ser um apelido carinhoso da namorada do Emir.

— Muito bem, vamos imaginar o pior cenário possível — disse Margolin, colocando as coisas de volta nos trilhos.

— Acho que é melhor dobrar e cobrir nossas apostas — respondeu Cummings. — Sabemos onde está a caverna, e sabemos que o sinal tinha um alcance bem modesto, algumas dezenas de quilômetros para cada lado da fronteira. Assumindo que Lótus signifique qualquer coisa, há boas chances de que tenha provocado algum tipo de movimento: de pessoal, de logística, de dinheiro... Quem sabe?

O problema, pensou Mary Pat, era que pessoal e logística frequentemente eram mais bem-monitorados com inteligência humana do que através de inteligência por sinais, e naquele momento eles não tinham nenhum desses ativos na área.

— Você sabe qual seria meu voto — disse Mary Pat ao diretor do NCTC.

— Todos nós temos a mesma lista de desejos, mas os recursos simplesmente não estão lá, pelo menos na profundidade que gostaríamos.

*Graças a Ed Kealty e o DCI Scott Kilborn*, pensou ela, com amargura. Depois de passar a maior parte de uma década reconstruindo seu quadro de supervisores de caso — muito graças ao Plano Azul —, o Serviço Clandestino recebeu a ordem de retroceder em sua presença no exterior em favor da inteligência gerada por aliados. Homens e mulheres que arriscaram suas vidas na construção de redes nas áreas selvagens do Paquistão, do Afeganistão e do Irã estavam batendo em retirada para embaixadas e consulados sem nenhum agradecimento.

*Deus nos salve da miopia da politização da inteligência.*

— Então vamos sair dessa linha de raciocínio — disse Mary Pat. — Temos ativos que podemos mobilizar aqui, só que não são nossos. Vamos sair em busca de inteligência gerada do modo antigo pelos nossos aliados.

— Os ingleses? — perguntou Turnbull.

— Claro. Eles têm mais experiência na Ásia Central que qualquer um, incluindo os russos. Perguntar não ofende. Façam alguém verificar os pontos de troca, ver se ainda são viáveis.

— E então?

— Atravessamos essa ponte quando chegarmos nela.

Na ponta da mesa de conferências, Margolin inclinou a cabeça para trás e encarou o teto por algum tempo.

— O problema não é perguntar: o problema é ter permissão para perguntar.

— Você deve estar me sacaneando, porra — disse Cummings.

Ele não estava fazendo isso, Mary Pat sabia. Mesmo que os auxiliares de Kilborn na Inteligência e no Serviço Clandestino não tivessem se empanturrado de Kool-Aid como o DCI, certamente o haviam bebido. Ao escolher Kilborn, o presidente Kealty tinha assegurado que o alto escalão da CIA seguiria a nova linha do executivo, independentemente das consequências para a agência ou para o conjunto da comunidade de inteligência.

— Então não peça — disse Mary Pat com simplicidade.

— O quê? — perguntou Margolin.

— Se não perguntarmos, não obteremos não como resposta. Estamos por aqui discutindo ideias, certo? Nada é operacional, nada tem orçamento. Só estamos pescando. Isso é o que fazemos; e isso que eles nos pagam para fazer. Desde quando temos que perguntar a alguém se podemos ter uma conversinha com um aliado?

Margolin olhou fixamente para ela por alguns instantes, depois sacudiu os ombros. O gesto dizia nada e tudo. Ela conhecia seu chefe o suficiente para saber que marcara um ponto. Como ela, Margolin adorava sua carreira, mas não à custa de fazer seu trabalho.

— Nós nunca tivemos essa conversa — disse Margolin. — Deixe-me hastear essa bandeira. Se nos queimarem, vamos fazer do seu jeito.

Essa era a verdadeira Rússia, pensou Vitaliy, com os invernos mais rigorosos em uma nação famosa por seu clima ingrato. Os ursos polares ali agora estavam gordos, cobertos por uma grossa camada acumulada para o insulamento, o suficiente para permitir que dormissem por meses em cavernas escavadas no meio das cristas de pressão e seracs, os grandes blocos de gelo fragmentados, despertando ocasionalmente para agarrar alguma foca que se aventurasse perto demais do buraco de respiração.

Vitaliy se levantou e se sacudiu para despertar, depois se arrastou até a cozinha para esquentar água para o chá. A temperatura mal estava acima do ponto de congelamento — e era o que caracterizava um cálido dia outonal. Não havia gelo formado durante a noite, pelo menos nada que seu barco não pudesse esmagar ou passar ao largo, mas o convés estava coberto por uma camada de 2 centímetros de gelo formado pela brisa congelada, algo que ele e Vanya teriam que quebrar e limpar para que o barco não desequilibrasse. Embarcar naquelas águas significava morte quase certa; sem roupas de mergulho, um homem ficaria inconsciente em quatro minutos e morto em 15. Apesar de ter quantidade suficiente dessas roupas para todos

a bordo, seus passageiros mostraram pouco interesse em sua explicação sobre como usá-las.

O grupo de passageiros do frete já estava desperto, lutando para bater os pés e apertar os braços por cima do peito. Todos acenderam cigarros e foram até as precárias latrinas da popa. Todos comeram o pão com manteiga congelada que havia para o desjejum.

Vitaliy esperou mais uma hora para começar o dia, e então ligou os motores a diesel e recuou da praia de seixos onde passaram a noite. Seus mapas já estavam abertos, e ele navegou para o leste a 10 nós. Vanya revezava com ele no leme. Os dois escutavam um velho, mas eficiente, rádio AM, principalmente a música clássica irradiada de Archangel. Isso ajudava a passar o tempo. Faltavam ainda dez horas de navegação até chegarem a seu destino. Cerca de 160 quilômetros. Dez horas a 10 nós, dizia o mapa.

— Aquilo ali não parece nada bom — disse Vanya, apontando a estibordo da proa.

O horizonte a leste tinha uma linha de nuvens negras inchadas, tão baixas que pareciam se misturar com a superfície do oceano.

— Nada bom — concordou Vitaliy. E pioraria, sabia ele. Para chegar ao destino teriam que passar pela tempestade. Ou isso ou sair muito do caminho, ou até mesmo aportar e esperar passar. — Peça ao Fred para vir até aqui, sim?

Vanya desceu e voltou um minuto depois com o líder do grupo.

— Algum problema, capitão?

Vitaliy apontou a linha de instabilidade pela janela.

— Aquilo.

— Chuva?

— Aqui não chove, Fred. Há tempestades. A única pergunta é: em que grau? E aquele troço ali, receio, vai ser ruim. — *Pior ainda para um barco de desembarque T-4 com fundo chato e 1 metro de calado*, ele não acrescentou.

— Quanto tempo até a alcançarmos?

— Três horas, talvez um pouco mais.

— Podemos resistir a ela?

— Provavelmente, mas por aqui nada é certo. De qualquer maneira, vai ser um trecho complicado.

— Quais são as alternativas? — perguntou Fred.

— Regressar para onde passamos a noite ou tomar rumo sul e tentar dar a volta pela borda da tempestade. Qualquer uma das opções vai nos custar um ou dois dias do tempo de viagem.

— Inaceitável — respondeu Fred.

— Vai ser arriscado passar no meio daquilo, e você e seus homens vão se sentir péssimos.

— Nós lidaremos com isso. Talvez uma bonificação pela dificuldade torne essa

inconveniência mais palatável?

Vitaliy deu de ombros.

— Se você topa, eu topo.

— Então avance.

Duas horas depois ele viu um navio no horizonte, rumo oeste. Provavelmente um navio de suprimentos, voltando da entrega da carga de equipamento de perfuração de petróleo para o novo campo descoberto mais a leste, acima do rio Lena, ao sul de Tiksi. A julgar por sua esteira, o barco estava na maior velocidade que podia, obviamente tentando fugir da tempestade para a qual eles se dirigiam.

Vanya apareceu ao seu lado.

— Os motores estão bem. Estamos bem vedados. — Vitaliy lhe pediu que preparasse o barco para a tempestade iminente. O que eles não conseguiriam fazer era preparar seus passageiros para o que viria nem se preparar para o que o mar poderia fazer com o barco. A Mãe Natureza era caprichosa e cruel.

Antes, Vitaliy pedira a Fred que seus homens os ajudassem a tirar o gelo do barco, o que fizeram, apesar das pernas tremerem e da palidez esverdeada de enjoo que todos apresentaram. Enquanto metade quebrava o gelo com marretas, a outra, sob supervisão de Vanya, usava pás de carregamento de grãos para jogar os pedaços pela amurada.

— Que tal se depois disso nós nos mudarmos para Sochi e manejarmos o barco a partir de lá? — perguntou Vanya a seu capitão, depois de liberar os passageiros para descer e descansar.

— Quente demais lá. Não é lugar para um homem viver. — A mentalidade ártica usual. Homens de verdade viviam e trabalhavam no frio, e se gabavam de quão duros eram. Além disso, a vodca ficava mais gostosa.

A 16 quilômetros da proa, a tempestade assomava, uma parede rolante cinza e negra que parecia avançar visivelmente diante dos olhos de Vitaliy.

— Vanya, desça e dê um curso rápido de uso das vestes isolantes para os nossos passageiros.

Vanya se dirigiu para a escada.

— E veja se desta vez eles prestam atenção — acrescentou Vitaliy.

Como capitão, ele tinha a responsabilidade profissional de cuidar da segurança de seus passageiros. Porém, mais importante é que ele duvidava que seja lá quem fosse o sujeito para quem seus passageiros trabalhavam o desculparia caso todos eles morressem.

Um exercício idiota, pensou Musa Merdasan, observando aquele russo que parecia um gnomo desdobrar a roupa amarela de salvamento no convés. Primeiro, nenhum

navio de salvamento os alcançaria a tempo, com ou sem aquele equipamento; segundo, nenhum de seus homens usaria aquilo em nenhuma circunstância. Se Alá achasse por bem entregá-los ao mar, eles aceitariam o destino. Mais ainda, Merdasan não queria que nenhum deles fosse pescado do mar de jeito nenhum; se fossem, rezava ele, que estivessem em um estado inidentificável. Isso era algo a considerar, como ter a certeza de que nem o capitão nem seu marinheiro sobreviveriam a tal catástrofe, de modo que a natureza da viagem e seus passageiros fosse investigada. Ele não podia contar com uma pistola se caíssem na água. Faca, então, e preferivelmente antes que abandonassem o navio. E talvez rasgar suas barrigas para ter certeza de que afundariam.

— Primeiro estendam a roupa completamente no convés, abaiquem o zíper, e depois sintem com o traseiro logo acima do ponto mais baixo do fecho — dizia o russo.

Merdasan e seus homens, é claro, acompanhavam tudo, fazendo o melhor possível para darem a impressão de estarem atentos. Mas nenhum deles parecia estar bem, a crescente agitação do mar já havia dissolvido toda a cor de seus rostos. A cabine fedia a vômito, suor e vegetais recozidos.

— As pernas primeiro, e depois um braço de cada vez, seguido pelo capuz. Quando isso estiver feito, ponham-se de joelhos, puxem o zíper para fechar completamente e fechem as abas de velcro na parte inferior do rosto.

O russo passou por cada homem, assegurando que cada um deles seguia suas instruções. Satisfeito, olhou ao redor e disse:

— Alguma pergunta?

Não havia nenhuma.

— Se vocês forem lançados para fora das amuradas, seu EPIRB...

— Nosso o quê? — perguntou um deles.

— Rádio emergencial indicador de posição, essa coisa presa no colarinho, será automaticamente ativada logo que submergir. Alguma pergunta sobre isso?

Nenhuma.

— Muito bem, sugiro que se acomodem nos beliches e se segurem.

Ainda que Vitaliy soubesse o que esperar, a velocidade e a ferocidade com que a tempestade os atingiu foram assustadoras. O céu estava escuro como a noite ao seu redor, e em cinco minutos o mar passou de uma relativa calma, com ondas que não passavam dos 2,5 metros, para uma superfície que rolava com ondas de mais de 6 metros que se esmagavam na proa como a própria mão de Deus.

Grandes colunas de borrifos e espuma dançavam por cima das amuradas retas e bombardeavam a cabine de comando com punhados de gelo que obliteravam a visão de Vitaliy por dez segundos antes que os limpadores pudessem compensar, permitindo apenas um vislumbre da onda seguinte. A cada poucos segundos, toneladas de água do mar saltavam pela amurada de estibordo e inundavam o convés de água até a

altura dos joelhos, sobrecarregando as calhas, que não davam conta do volume. Com as mãos apertadas no timão, Vitaliy conseguia perceber o leme afrouxar enquanto a água se jogava de um lado para o outro pela amurada.

— Desça e cuide dos motores e das bombas — ordenou Vitaliy a Vanya, que se arrastou pela escada.

Jogando com as duas hélices, Vitaliy lutava para manter a proa apontada nas ondas que chegavam. Se deixasse o barco balançar de lado na subida da onda estaria provocando uma virada fatal que os capotaria. O casco chato do T-4 virtualmente não tinha condições de se endireitar além de um balanço de mais de 15 graus. Se capotasse, afundaria em um ou dois minutos.

Por outro lado, Vitaliy estava bem consciente das limitações estruturais da rampa da proa. Apesar de ele e Vanya terem trabalhado muito para se assegurar de que ela estivesse bem-presa e vedada, não havia como superar as limitações do projeto: era projetada para cair aberta em uma praia e regurgitar soldados. A cada onda que batia, a rampa tremia, e mesmo com o rugido da tempestade, Vitaliy conseguia ouvir o martelar de metal contra metal nos pinos de segurança de 2 centímetros de espessura.

Outra onda assomou por cima do parapeito e quebrou, metade caindo em cascata sobre o convés e outra metade martelando as janelas da cabine de comando. O barco cambaleou a bombordo. Vitaliy perdeu o equilíbrio e deslizou, batendo com a cabeça no console. Conseguiu se equilibrar e piscou várias vezes, vagamente consciente de alguma coisa molhada escorrendo pela testa. Tirou uma das mãos do leme e tocou a testa; seus dedos ficaram ensanguentados. Não é tão ruim assim, concluiu. Uns dois pontos.

A voz de Vanya chegou abafada pelo intercomunicador:

— Bomba... falhou... tentando religar...

## VIAGEM AO CABO MORRASALE



*Droga.* Eles podiam se virar sem uma bomba, mas Vitaliy sabia que a maioria dos barcos afundava não por causa de um único incidente catastrófico, e sim devido ao efeito dominó disso, um depois do outro, até que as funções vitais do barco eram sobrepujadas. E se isso acontecesse ali... Ele não aguentava nem pensar.

Sessenta segundos transcorreram, então Vanya falou novamente:

— Bomba religada!

— Compreendido! — respondeu Vitaliy.

Ouviu uma voz gritar lá debaixo:

— Não, não faça isso! Volte para cá!

Vitaliy deslizou para sua direita e encostou o rosto na janela do lado. Na direção da popa viu uma figura sair tropeçando pela porta da cabine e seguir para o convés oscilante. Era um dos homens de Fred.

O homem tropeçou, caiu de joelhos. O vômito jorrava de sua boca. Ele estava em pânico, percebeu Vitaliy. Preso abaixo do convés, o instinto de escapar do sujeito sobrepujara a parte racional de seu cérebro.

Vitaliy pegou o intercomunicador com a casa de máquinas.

— Vanya, há um homem no convés de ré...

A popa do barco subiu no ar. Quando desceu, uma onda transversa bateu na amurada de estibordo. O homem, que já estava no ar, foi jogado para o lado e se chocou contra a amurada. Ficou pendurado ali por um instante, dobrado na borda como um boneco de trapos, as pernas do lado do convés, o torso pendurado no espaço, e depois caiu e desapareceu.

— Homem ao mar, homem ao mar! — gritou Vitaliy pelo intercomunicador geral do barco. E ficou espreitando pela janela, em busca de uma passagem entre as ondas por onde pudesse voltar.

— Não. — Escutou uma voz atrás dele.

Virou-se e viu Fred parado no alto da escada, as mãos agarrando o corrimão de segurança. A frente da camisa dele estava manchada de vômito.

— O quê? — perguntou Vitaliy.

— Ele se foi. Esqueça.

— Você está louco? Não podemos...

— Se você virar o barco, corremos o risco de emborcar, certo?

— Sim, mas...

— Ele sabia dos riscos, capitão. Não vou deixar que esse erro ponha em risco o restante de nós.

Vitaliy sabia que Fred estava certo pela lógica, mas abandonar um homem no mar sem nem mesmo tentar recuperá-lo lhe parecia desumano. E fazer isso sem o menor traço de emoção no rosto...

Como se sentisse a indecisão de Vitaliy, o homem conhecido como Fred falou:



— Meus homens são responsabilidade minha; a sua é a segurança do barco e de seus passageiros, correto?

— Correto.

— Então continuamos.



— Alô? — começou o ex-presidente Jack Ryan. Ele ainda gostava de atender seu próprio telefone, pelo menos essa linha.

— Senhor presidente?

— Sim, quem fala? — Seja lá quem fosse, tinha acesso à linha particular de Jack. E não havia muitas pessoas nessa condição.

— John Clark. Voltei da Inglaterra anteontem.

— John, como você está? Então eles conseguiram, não é? Mandaram os ianques de volta.

— Receio que sim. De qualquer modo, eu e Ding estamos de volta. Liguei porque, bem, acho que eu e Ding devemos a você uma visita de cortesia. Pode ser?

— Claro que sim. Venham almoçar. Me diga quando.

— Talvez dentro de uma hora e meia?

— Está bem, podem vir almoçar. Então vejo vocês por volta das onze?

— Sim, senhor.

— Meu nome ainda é Jack, lembra?

Clark deu uma risadinha.

— Vou tentar lembrar.

A ligação terminou. Ryan trocou de linha e bipou Andrea.

— Sim, senhor presidente?

— Dois amigos vão chegar por volta das onze. John Clark e Domingo Chavez. Lembra deles?

— Sim, senhor. Muito bem, vou colocá-los na lista — respondeu numa voz cuidadosamente neutra. Essas duas pessoas, ela bem lembrava, eram do tipo perigoso, apesar de parecerem bem leais. Como agente especial do Serviço Secreto dos Estados Unidos, ela não confiava em ninguém. — Para o almoço?

— Provavelmente.

Foi um passeio agradável pela US Route 50, depois rumo sul antes de chegar a Annapolis. Clark conseguiu quase automaticamente se readaptar a dirigir pela direita

da estrada, depois de anos dirigindo pela esquerda. Evidentemente o condicionamento de uma vida inteira facilmente sobrepujou os ajustes que fizera quando morava na Inglaterra, ainda que ocasionalmente tivesse que ficar alerta. A sinalização verde ajudava. Os sinais correspondentes na Inglaterra e em Gales eram azuis, e eram uma lembrança conveniente de que estava em uma terra estrangeira, apesar da cerveja melhor.

— Então, qual é o plano? — perguntou Chavez.

— Vamos dizer a ele que nos engajamos.

— E sobre Junior?

— Você sabe o que decidir, Ding, mas eu vejo assim: o que pai e filho contam um ao outro é assunto deles, não nosso. Jack Jr. é um adulto. O que ele faz com sua vida é assunto dele, e o que ele informa para quem também.

— Sim, entendi o que você quer dizer, mas, cara, se ele for ferido... Deus do céu, eu não vou querer estar por perto da merda que vai voar pelo ventilador.

*Nem eu*, pensou Clark.

— Mas então, o que você poderia dizer? — continuou Ding. — O homem pede que você o treine, e não há como negar.

— Você entendeu direito. — A verdade é que Clark se sentia mal por não contar a Ryan Senior, afinal, os dois tinham uma longa história juntos, e ele devia muito ao ex-presidente, mas havia passado boa parte de sua vida guardando os segredos de outras pessoas. Isso era pessoal, é claro, mas Jack já era um rapaz crescido e com uma boa cabeça sobre os ombros. O que não queria dizer que ele não tentaria convencer Jack a contar a seu pai sobre seu trabalho no Campus.

Depois de quarenta minutos, eles entraram à direita na Peregrine Cliff Road, sem dúvida sob vigilância de televisão a partir desse ponto, onde os agentes do Serviço Secreto estariam em seus computadores checando a placa deles, e, após verificar que estavam dirigindo um carro alugado, acessariam rapidamente os computadores da Hertz para identificar quem alugara. Isso os deixaria ligeiramente preocupados, ainda que apenas em um sentido institucional, algo que o Serviço Secreto fazia bem. Finalmente chegaram ao pilar de pedra que marcava a entrada do acesso de 500 metros até a casa de Ryan.

— Por favor, identifique-se — disse a voz por controle remoto no altofalante do portal.

— Rainbow 6 entrando para ver SWORDSMAN.

— Prossiga — respondeu a voz, seguida por um sinal eletrônico e o ruído hidráulico dos controles do portão abrindo.

— Você não me mencionou para eles — objetou Chavez.

— Só deixe suas mãos à vista — gracejou Clark.

Andrea Price-O'Day estava no portal quando os dois chegaram. A chefe do

destacamento, notou Clark. Talvez achem que sou importante. Às vezes é útil ser amigo do patrão.

— Olá, Chefe — disse ela, cumprimentando.

*Ela gosta de mim?*, pensou Clark. Apenas seus amigos o chamavam de Chefe.

— Bom dia, senhora. Como anda o patrão?

— Trabalhando no seu livro, como sempre — respondeu Andrea. — Seja bem-vindo.

— Obrigado. — E apertou a mão que lhe era oferecida. — Acredito que já conheça Domingo.

— Claro que sim. Como vai a família?

— Ótima. Feliz por estar de volta em casa. E estamos com outro a caminho.

— Parabéns!

— Como é que ele anda? — perguntou Clark em seguida. — Subindo pelas paredes?

— Veja você mesmo. — Andrea abriu a porta da frente.

Os dois já estiveram ali, a grande sala de estar aberta, com assoalho de cedro e as amplas janelas que se abriam para a baía de Chesapeake, além do piano de cauda de Cathy, que ela provavelmente tocava quase todos os dias. Andrea os levou pelos degraus acarpetados até a porta do escritório/biblioteca de Ryan e se retirou.

Eles encontraram Ryan digitando no teclado com golpes fortes o suficiente para destruir pelo menos um a cada dois anos. Ryan levantou o rosto quando entraram.

— Grandes pensamentos, senhor presidente? — perguntou Clark, sorrindo.

— Olá, John! Ding, como vai. Bem-vindos! — Passos avançaram e apertos de mãos foram trocados. — Sentem e fiquem à vontade — ordenou Jack, e suas ordens foram seguidas. Velho amigo ou não, ele era ex-presidente dos Estados Unidos, e ambos usavam uniformes há não muito tempo atrás.

— É bom vê-lo inteiro — disse Clark.

— O ocorrido em Georgetown? — Ryan meneou a cabeça. — Não chegou nem perto. Andrea derrubou o sujeito como se não fosse nada. Com uma dica de Jack.

— Como assim?

— Ele estava lá. Avisou Andrea. Notou alguma coisa no zelador que não estava correta.

— Como o quê? — perguntou Clark.

— Estava usando uma chave de fenda no polidor de uma enceradeira, quando deveria usar uma chave de boca.

— Garoto esperto — observou Chavez. — Deixando o papai orgulhoso.

— Pode apostar — disse o ex-presidente Ryan, sem esconder o orgulho. — Querem café?

— Isso é algo que não fazem bem na Inglaterra, senhor — concordou Chavez. — A Starbucks já chegou lá, mas para mim não é a mesma coisa que o daqui.

— Preparo um para vocês. Venham. — Ele se levantou e foi para a cozinha, onde

havia uma cafeteira cheia com café de grãos havaianos e xícaras por perto. — E como foi a vida lá nas ilhas britânicas?

— Boa gente. Nossa base estava perto da fronteira com Gales... boa gente por lá, bons pubs, e a comida local era bem gostosa. Gostava especialmente do pão — relatou Clark. — Mas eles acham que *corned beef* é uma coisa que sai da lata.

Ryan riu.

— É, comida de cachorro. Trabalhei quase três anos em Londres, e nunca encontrei um *corned beef* decente por lá. Eles chamam de “*salt beef*”, mas não é a mesma coisa. Então escaparam da Rainbow, hein?

— Acho que simplesmente esgotamos nossa cota de boas-vindas — disse Clark.

— Quem vocês deixaram por lá? — perguntou o presidente Ryan.

— Duas equipes prontas e treinadas, metade com pessoal do SAS do Exército britânico. São muito bons — assegurou Clark. — Mas os outros contingentes europeus estão sendo retirados. Isso é ruim. Alguns deles eram ases na operação. O apoio de informações também está virando fumaça. A Rainbow ainda pode funcionar, se deixarem. Mas os burocratas locais, quero dizer, principalmente os europeus, meio que se mijam quando meus rapazes se deslocam.

— É, bem, temos disso por aqui também — respondeu Ryan. — Faz a gente pensar onde foi parar Wyatt Earp.

Isso provocou uma risadinha nos dois hóspedes.

— O que SHORTSTOP anda fazendo agora? — perguntou Clark. Era uma pergunta natural a ser feita entre amigos que há tempos não se viam. Não a fazer é que poderia chamar atenção.

— Negociações de títulos, como eu fiz. Nem perguntei onde. Ser filho de um presidente pode ser frustrante na idade dele, sabem?

— Especialmente os carros da segurança quando ele sai para encontrar uma garota — sugeriu Chavez, sorrindo. — Acho que eu não gostaria disso.

Passaram dez minutos papeando e se informando sobre as respectivas famílias, sobre esportes e sobre a situação geral do mundo. Então Ryan perguntou:

— O que vocês vão fazer? Imagino que a CIA sugeriu que se aposentassem. Se precisarem de uma carta de referência, me avisem. Os dois serviram bem ao país.

— Isso é uma das coisas sobre a qual queríamos conversar — disse Clark. — Encontramos Jimmy Hardesty lá em Langley, e ele nos colocou em contato com Tom Davis.

— Ah, é? — disse Ryan, abaixando a xícara.

Clark assentiu.

— Ele nos ofereceu um trabalho.

O ex-presidente Ryan considerou o assunto por um instante.

— Bem, não é que eu não tenha pensado nisso antes. Vocês dois são preparados, sem dúvida. O que acharam da instalação?

— Boa. Algumas dores de crescimento, acho, mas isso seria de esperar.

— Gerry Hendley é um bom sujeito. Não teria endossado aquilo se ele não fosse. Vocês sabem, sobre os perdões?

Chavez respondeu essa:

— Sim, e desde já, obrigado. Tomara que não precisemos de um, mas é bom saber que estão lá.

Ryan assentiu.

— Que tal almoçar?

*E assim terminou a conversa*, notou Clark. Fosse ou não ideia de Ryan, o Campus era algo a ser mantido a certa distância.

— Achei que você não ia mais perguntar isso — disse Clark, sem perder o ritmo. — Posso ter esperança de termos *corned beef*?

— De um lugar chamado Attman, lá em Baltimore. Uma coisa boa do Serviço Secreto é que eles não me deixam fazer nada, e assim fazem um monte de servicinhos.

— Nos velhos tempos, aposto que mandariam vir de avião do Carnegie, em Nova York — especulou Chavez.

Foi a vez de Ryan sorrir.

— De vez em quando — respondeu ele. — É preciso ser cuidadoso com esse tipo de coisa. Você pode ficar mimado, e começar a achar que merece tudo isso. Droga, sinto falta de poder circular e eu mesmo fazer minhas compras, mas Andrea e a tropa dela teriam um ataque se eu tentasse isso. — O Serviço Secreto insistira, por exemplo, que a casa tivesse um sistema de sprinklers. Ryan se submetera e pagara ele mesmo a conta, embora pudesse ter mandado o Departamento do Tesouro pagar. Não queria começar a se sentir como um rei. Com isso decidido, levou seus hóspedes para a cozinha, onde o *corned beef* já estava cortado, com pães e mostarda.

— Graças a Deus por um almoço americano — disse Clark em voz alta. — Adoro os ingleses, e gostaria de tomar um *pint* de John Smith com essa comida, mas nada como o lar.

No carro, Ryan falou:

— Agora que você é um homem livre, me diga: como é a nova Langley?

Clark respondeu:

— Você me conhece, Jack. Há quanto tempo eu grito pedindo que continuem reforçando o DO? — perguntou, querendo se referir ao Serviço Clandestino da CIA, os espíões de verdade, os agentes de campo da inteligência. — O Plano Azul decolou apenas o suficiente para ser abatido em chamas por esse punheteiro do Kealty.

— Você fala árabe, certo?

— Nós dois — confirmou Chavez. — John é melhor que eu, mas consigo achar o banheiro masculino quando preciso. Mas nada de pashtun.

— O meu anda muito enferrujado — disse Clark. — Faz uns vinte anos que não vou por lá. Povo interessante, os afegãos. São duros, mas primitivos. A coisa é que

aquele lugar funciona em função da papoula.

— E qual o tamanho do problema?

— Tem alguns bilionários de verdade por lá, tudo vindo do ópio. Vivem como reis, espalham o dinheiro por ali principalmente na forma de armas e munição, mas todas as drogas pesadas que se pode comprar na rua, na zona sudoeste de Washington, vêm do Afeganistão. Parece que ninguém reconhece isso. Toda ela, ou quase toda. Isso gera dinheiro suficiente para corromper a cultura deles, e a nossa. Eles não precisam de ajuda. Até a chegada dos russos em 1979, eles mesmos matavam uns aos outros. Então, se juntaram e provocaram a maior caganeira no Ivan, porém, talvez duas semanas depois de o Exército Vermelho dar no pé, começaram a se matar de novo. Não sabem o que significa paz. Não sabem o que é prosperidade. Se construirmos escolas para os garotos deles, eles as explodem. Vivi um ano por lá, subindo pelas montanhas e atirando no Ivan, tentando treiná-los. Há muitas coisas legais sobre eles, mas não lhes dê as costas. E ainda tem o terreno. Alguns lugares são altos demais e os helicópteros não podem voar. Realmente não é o seu lugar para férias. Mas a cultura deles é que é difícil. Povo da Idade da Pedra com armas modernas. Parece que têm um conhecimento genético sobre como matar alguém. São diferentes de qualquer pessoa que você tenha conhecido. A única coisa que não fazem é devorar seu cadáver depois de te matar. São muçulmanos o suficiente para isso. De qualquer maneira, enquanto a papoula levar dinheiro para lá, esse é o motor que põe o país para andar, e nada vai mudar isso.

— Parece pavoroso — observou Ryan.

— *Pavoroso* não é a palavra. Droga, os russos tentaram tudo que sabiam: construíram escolas, hospitais e estradas; só na tentativa de facilitar sua campanha, comprá-los, e olhe só o que conseguiram. Essas pessoas lutam para se divertir. É possível comprar a lealdade deles com comida e coisas, sim, mas tente construir hospitais e estradas. Deveria funcionar, mas não aposte seu rancho nisso. É preciso descobrir um modo de apagar 3 mil anos de guerras tribais, brigas de sangue, e desconfiança por estranhos. Osso duro de roer. Olha, eu servi no Vietnã, e o Vietnã parece a porra de uma Disneylândia comparado com o Afeganistão.

— E em algum lugar desse Reino Mágico o Emir está brincando de esconde-esconde — observou Chavez.

— Ou talvez não — contrapôs Clark. — Todo mundo supõe que ele continua por lá.

— E você sabe de alguma coisa que não sabemos? — perguntou Ryan, sorrindo.

— Não, só tento pensar como o sujeito. No SEAL, esta é a regra número um no treinamento de evasão e fuga: vá aonde os bandidos não estão. Sim, as opções dele são limitadas, mas eles têm uma infraestrutura decente e dinheiro à beça.

— Talvez esteja em Dubai — sugeriu Ding —, numa daquelas vilas luxuosas.

O ex-presidente Ryan riu com essa.

— Bem, estamos procurando bastante. O problema é que, sem um diretor de

inteligência para fazer as perguntas certas, nem um diretor de operações para ir fundo o suficiente para pegá-lo, o que se faz é marcar o passo. Todos os caras que Kealty colocou lá são do tipo que pensam no cenário completo, mas não fazem o serviço.

Duas horas mais tarde Clark e Chavez voltavam para Washington, digerindo o almoço e pensando no que descobriram. Apesar de Ryan não ter feito mais que um comentário passageiro sobre o assunto, para Clark era claro que outra corrida para a Casa Branca estava pesando muito na cabeça do antigo comandante em chefe.

— Ele vai fazer isso — observou Chavez.

— Sim — concordou Clark. — Ele se sente em uma armadilha.

— Ele está em uma armadilha.

— Assim como nós, Domingo. Novo emprego, a mesma merda.

— Não exatamente a mesma. Vai ser interessante, com certeza. Imagina o quanto...

— Nem tanto assim, acho. Cadáveres geralmente são ruins para os negócios, e não contam muitas coisas. Agora estamos no negócio da informação.

— Mas às vezes alguém do rebanho precisa ser sacrificado.

— Verdade. Em Langley o problema sempre foi fazer alguém assinar a ordem. A papelada dura para sempre, sabia? No Vietnã, tivemos uma guerra de verdade, e as ordens podiam ser verbais, mas, quando isso terminou, os pilotos de escrivania começaram a se borrar de medo, e os advogados puseram as cabeças para fora, mas a verdade é que isso não é totalmente ruim. Não podemos ter funcionários públicos dando esse tipo de ordem cada vez que sentem vontade. Cedo ou tarde a pessoa A vai se empolgar e a pessoa B vai ter um ataque de consciência e dedar a primeira, não importando o quanto o bandido precisasse desse encontro com Deus. É uma maravilha o quanto a consciência pode ser perigosa, e geralmente no momento errado. Vivemos em um mundo imperfeito, Ding, e não existe regra que diga que o mundo precisa fazer sentido.

— Um perdão presidencial em branco — observou Chavez, mudando de assunto. — É legal?

— Bem, foi isso que o homem disse. Lembro quando *007 contra o satânico Dr.* No estreou. Eu estava no colégio. O trailer do filme dizia: “O duplo zero significa que ele tem licença para matar quem quiser, quando quiser.” Isso era bem legal lá nos anos 1960, antes de Watergate e tudo isso, e a administração Kennedy também gostou da ideia. Daí começaram a Operação Mangusto. Foi uma merda total, é claro, mas nunca se revelou o tamanho todo da merda. Política — explicou Clark. — Acho que você nunca ouviu falar dessas histórias.

— Não no programa de estudos lá na Fazenda.

— Ainda bem. Quem iria querer trabalhar para uma agência que fez uma coisa idiota como aquela? Liquidar um chefe de Estado estrangeiro é realmente uma carga



pesada, filho. Mesmo que um dos nossos presidentes achasse legal ser um sociopata. O engraçado é como as pessoas não gostam de chegar até o fim.

— Como nós?

— Não quando você liquida algumas pessoas que não são lá muito importantes.

— E essa merda sobre esse Ranger?

— Sam Driscoll — respondeu Clark. Ryan lhes contara sobre Kealty estar forçando uma investigação criminal. — Subi algumas colinas com Driscoll lá pelos anos 1990. Bom sujeito.

— Estão fazendo alguma coisa para parar com o processo?

— Não sei, mas Jack teve suas razões para nos contar isso.

— Novo recruta para o Campus?

— Certamente iria amaciar a queda de Driscoll, não é?

— Sim, mas ainda assim, ver sua carreira descer pelo ralo porque algum babaca quer provar um ponto... isso é errado, *mano*.

— De muitas maneiras.

Dirigiram em silêncio por alguns minutos, depois Chavez disse:

— Ele parece preocupado. Cansado.

— Quem? Jack? Eu também estaria. Pobre desgraçado. Ele só quer escrever suas memórias e talvez aperfeiçoar seu jogo de golfe, e bancar o paizinho com a garotada. Sabe, ele é realmente um bom sujeito.

— É o problema dele — assinalou Chavez.

— Claro que sim. — Era bom saber que seu genro não havia desperdiçado o tempo na Universidade George Mason. — O sentido de dever pode colocar você em posições difíceis. E daí você tem que descobrir como sair disso.

Em Peregrine Cliff, Ryan percebeu que sua mente devaneava, os dedos pousados no teclado. *Merda do Kealty...* Processar um soldado por matar inimigos. Era, pensou com tristeza, um testemunho perfeito do caráter do atual presidente.

Olhou para o telefone multilinhas. Por duas vezes pensou em pegá-lo, mas a mão parou, aparentemente por conta própria, em contradição com o ditado de santo Agostinho sobre vontade e resistência. Mas enfim agarrou o aparelho e digitou o número.

— Diga, Jack — respondeu a voz de Van Damm. Ele possuía um identificador de chamadas na linha particular.

— Muito bem, Arnie, puxe o gatilho. E que Deus me ajude — acrescentou.

— Deixe-me fazer algumas ligações. Falo com você amanhã.

— Muito bem. A gente se vê. — Ryan desligou.

*Que diabos você está fazendo?*, perguntou a si mesmo.

Mas sabia muito bem qual era a resposta.



Eles tinham que treinar para não parecer conspiradores, para se apresentarem como pessoas comuns que estavam em um almoço normal em um café parisiense num dia de garoa, o que os ajudava. Além deles, havia apenas dois clientes: um casal jovem em uma mesa coberta por um guarda-sol.

Ibrahim havia lhes dito como se vestir — como franceses de classe média —, e continuar assim dali em diante. Todos falavam francês, e, apesar de serem muçulmanos, nenhum deles frequentava mesquitas regularmente, fazendo suas preces diárias em casa, e jamais assistindo aos sermões dos imames mais radicais e loquazes, afinal todos eram mantidos sob observação constante pelas várias agências policiais francesas.

Ao se manter em locais públicos e conversar como pessoas normais, eles evitavam as reuniões conspiratórias em pequenas salas que podiam ser grampeadas por policiais espertos. Encontros ao ar livre eram facilmente observáveis, mas quase impossíveis de serem gravados. E praticamente todos os homens da França encontravam amigos regulares no almoço. Mesmo que a polícia francesa fosse grande e bem-financiada, não podiam investigar todo mundo nesse país infiel. Com a visibilidade regular vem o anonimato. Muitos outros já foram capturados ou mesmo mortos por seguirem o caminho contrário. Especialmente em Israel, onde as agências policiais eram notoriamente eficientes, principalmente devido ao dinheiro que tão generosamente espalhavam pelas ruas. Havia sempre os que gostavam de ganhar dinheiro dando informações, razão pela qual ele devia escolher muito cuidadosamente as pessoas.

Assim, as reuniões não começavam com cantos religiosos. De qualquer maneira, eles conheciam todos. E falavam exclusivamente em francês, para que ninguém notasse o uso de língua estrangeira. Muitos ocidentais estavam aprendendo a reconhecer os sons do árabe — e para eles isso sempre soava conspiratório. A missão deles era se tornar invisíveis à luz do sol. Felizmente, isso não era tão difícil.

— Então, qual é a missão? — perguntou Shasif Hadi.

— É uma instalação industrial — respondeu Ibrahim. — Por enquanto, isso é tudo que precisam saber. Quando estiverem no terreno, receberão a informação completa.

— Quantos? — perguntou Ahmed. Era o membro mais jovem da equipe, barbeado e com um bigode bem-cuidado.

— O objetivo não é provocar baixas; pelo menos não baixas humanas.

— Então, o quê? — Esse era Fa'ad. Era um kuaitiano, alto e bem-apegoado.

— Mais uma vez repito: vocês saberão mais quando for necessário. — Tirou um pedaço de papel do bolso e o desdobrou na mesa em frente. Era um mapa impresso por computador, alterado com algum software de edição de imagens, de modo que todos os nomes estavam apagados. — O problema é selecionar o melhor ponto de entrada — disse Ibrahim. — A instalação é bem-protegida, tanto por dentro quanto no perímetro. As cargas explosivas necessárias serão comuns, pequenas o suficiente para se levar numa mochila. Os guardas inspecionam a área duas vezes ao dia, de modo que a marcação do tempo será crítica.

— Se você me passar as especificações dos explosivos, posso começar a planejar — disse Fa'ad, satisfeito por ver sua educação usada pela Sagrada Causa de Alá. Os demais o acharam excessivamente orgulhoso de seu diploma de engenharia pela Universidade do Cairo.

Ibrahim assentiu.

— E o que há sobre os serviços de inteligência e a polícia do local? — perguntou Hadi.

Ibrahim balançou a mão em sinal de desprezo.

— Administrável.

O tom despreocupado contradizia seus pensamentos. Ele tinha realmente medo da investigação policial. Eram como os malignos djins no modo como conseguiam inspecionar algum tipo de prova e retirar magicamente dali todo tipo de informação. Não dava para dizer o que sabiam e como conseguiam ligar aquilo tudo. E sua função primária era não existir. Ninguém devia conhecer seus nomes e rostos. Ele viajava anônimo como o vento do deserto. O CRO poderia permanecer vivo apenas se ele permanecesse escondido. Por sua vez, Ibrahim viajava com vários cartões de crédito desconhecidos — dinheiro vivo, infelizmente, não era mais anônimo. A polícia temia os que usavam dinheiro vivo, e os revistavam rigorosamente. Ele tinha na sua casa passaportes em quantidade suficiente para satisfazer o Ministério de Relações Exteriores de um Estado-nação, cada um deles tendo custado uma fortuna e usado apenas algumas vezes antes de ser reduzido a cinzas. E ele se perguntava se mesmo isso seria precaução suficiente. Bastava apenas uma pessoa para o trair.

E as pessoas que podiam traí-lo eram precisamente aquelas em quem ele confiava absolutamente. Pensamentos como esse viravam e reviravam na mente. Bebeu um gole de café. Ele se preocupava até mesmo em falar enquanto dormia no avião em um voo transoceânico. Bastava apenas um deslize desses. Não era a morte o que ele temia — nenhum deles temia isso —, mas sim o fracasso.

Mas não eram os Sagrados Guerreiros de Alá aqueles que cumpriam as missões mais difíceis, e não seriam suas bênçãos proporcionais aos méritos? Ser lembrado. Ser

respeitado por seus compatriotas. Conseguir lutar pela causa — mesmo que fizesse isso sem reconhecimento, comparceria diante de Alá com a paz em seu coração.

— Já temos a autorização final? — perguntou Ahmed.

— Ainda não. Espero que logo, mas ainda não. Quando nos separarmos aqui, não nos veremos mais até estarmos no país.

— E como vamos saber disso?

— Tenho um tio em Riad. Ele planeja comprar um carro novo. Se meu e-mail disser que se trata de um carro vermelho, esperamos; se for verde, passamos para a etapa seguinte. E assim, cinco dias depois desse e-mail, vamos nos encontrar em Caracas, como planejado, e depois fazer o restante da viagem de carro.

Shasif Hadi sorriu e deu de ombros.

— Então vamos todos orar para que seja um carro verde.

O escritório já contava com placas com seus nomes nas portas, notou Clark. Tanto ele quanto Chavez tinham escritórios de tamanho médio, adjacentes, com mesas, cadeiras giratórias, duas cadeiras para visitante em cada um e computadores pessoais, completos, com os manuais sobre como usá-los e como acessar todo tipo de arquivo.

Por sua parte, Clark foi bem rápido para dominar o sistema do seu computador. Em vinte minutos, para seu próprio espanto, já navegava pelo andar localizado no porão, sob rochas, do quartel-general da CIA em Langley.

Dez minutos depois:

— Puta merda — sussurrou.

— É mesmo — disse Chavez desde a porta. — O que você achou?

— É um compartimento para o nível de diretor. Acabei de navegar por ali. Jesus, isso me deixa entrar na porra quase toda.

Davis estava de volta.

— Vocês são rápidos. O sistema de computadores permite que tenham acesso a muita coisa. Não é exatamente tudo, só aos compartimentos maiores. É tudo que precisamos. A mesma coisa com Fort Meade. Temos uma abertura para quase tudo classificado como inteligência computacional. Vão ter que ler muita coisa para se atualizarem. A palavra-chave EMIR os levará a 23 compartimentos, que é tudo o que temos sobre nossa caça, inclusive um perfil terrivelmente bom; ou pelo menos é o que achamos. Está identificado como ESOPO.

— Sim, estou vendo isso aqui — respondeu Clark.

— Um sujeito chamado Pizniak, professor de psiquiatria da faculdade de medicina de Yale. Leiam tudo e vejam o que acham. De qualquer maneira, se precisarem de mim, sabem onde é a minha loja. Não receiem fazer perguntas. A única pergunta idiota é a que não é feita. Ah, aliás, a secretária pessoal de Gerry é Helen Conolly. Trabalha com ele há muito tempo. Ela não está, e repito, não está por dentro do que

fazemos aqui. Gerry redige ele mesmo seus relatórios e coisas assim, mas neste nível de decisão geralmente fazemos tudo verbalmente. Aliás, John, ele me contou sobre sua ideia de reestruturação. Foi bom você ter lido aquilo, pois me poupou de levantar o assunto.

Clark deu uma risadinha.

— Fico sempre contente em bancar o cara malvado.

Davis saiu, e os dois voltaram ao trabalho. Primeiro, Clark viu as fotos que tinham do Emir, que não eram muitas e estavam em má qualidade. Os olhos, percebeu, eram frios. Quase sem vida, como os de um tubarão. Nenhuma expressão neles. *Isso não é interessante?*, pensou Clark. Muita gente dizia que os sauditas eram um povo sem humor — *como os alemães, mas sem o senso de humor* era a frase usada por muitas pessoas —, porém essa não fora sua experiência lá.

Clark jamais conhecera um saudita ruim. Havia alguns que ele conhecia desde sua vida na CIA, pessoas com as quais aprendera a língua. Todos eram religiosos, parte da conservadora seita wahabita do islamismo sunita. Não muito diferentes dos batistas sulistas no que dizia respeito à integridade de sua devoção. Por ele, tudo bem quanto a isso. Uma vez estivera em uma mesquita e observara a prática da religião, com cuidado para permanecer sem ser notado no fundo — e havia sido em boa medida uma lição em linguagem, mas era evidente a sinceridade da crença religiosa. Conversara sobre religião com seus amigos sauditas e não achou nada neles que pudesse objetar. Era difícil fazer amigos íntimos entre o povo, mas um verdadeiro amigo saudita se colocaria diante de uma bala para protegê-lo. As regras de sua religião sobre coisas como hospitalidade eram realmente admiráveis. E o islamismo proibia o racismo, algo que infelizmente o cristianismo tinha deixado de lado.

Clark não sabia se o Emir era ou não um muçulmano devoto, mas certamente não era nenhum idiota, e o ESPO deixava isso bem claro. Era naturalmente paciente, mas também capaz de ser muito resoluto na tomada de decisões. *Uma combinação rara*, pensou Clark, embora ele mesmo se comportasse assim. A paciência era uma virtude difícil de adquirir, ainda mais para um verdadeiro fiel em seja lá que causa tivesse escolhido como missão de vida.

O manual do seu computador tinha um diretório da biblioteca digitalizada interna da Agência, e também referências a partir da palavra-chave EMIR. Assim, Clark começou a navegar. Quanta coisa Langley teria sobre o sujeito? Que agentes de campo haviam trabalhado com ele? Que anedotas chegaram a relatar? Será que alguém tinha a chave para o caráter do cara?

Clark se sacudiu do devaneio e observou o relógio. Uma hora já havia passado.

— O tempo voa — murmurou, e pegou o telefone. Quando o outro lado respondeu, Clark disse: — Gerry, aqui é o John. Tem um minuto? Tom também, se estiver à mão.

Dois minutos mais tarde estava no escritório de Hendley. Tom Davis, caça-talentos do Campus, chegou um minuto depois.

— O que houve?

— Tenho um candidato, talvez — disse Clark, e então, antes que qualquer um dos dois pudesse fazer a pergunta óbvia, continuou: — Veio de Jack Ryan; o mais velho, quero dizer.

Isso atraiu a atenção de Hendley, que se inclinou na cadeira, mãos cruzadas sobre a almofada de anotações sobre a mesa.

— Prossiga.

— Não me pergunte como, porque não conheço todos os detalhes, mas há um Ranger, um veterano chamado Driscoll, que caiu na água quente. Os boatos dizem que Kealty quer fazer dele um exemplo.

— Em cima do quê?

— Uma missão no Hindu Kush. Matou um punhado de bandidos em uma caverna enquanto eles dormiam. Kealty e seu procurador-geral querem acusar Driscoll de assassinato.

— Deus do céu! — murmurou Tom Davis.

— Você conhece o sujeito? — perguntou Hendley.

Clark assentiu.

— Há uns dez anos, logo antes de começar a Rainbow, fiz um trabalhinho na Somália. Tinha uma equipe de Rangers fazendo a vigilância para mim. Driscoll era um deles. Ficamos em contato, tomamos uma cerveja de vez em quando. Sujeito sólido.

— Até onde já chegou esse assunto do procurador-geral?

— A investigação criminal do Exército está no caso. Investigação preliminar.

Hendley suspirou e coçou a cabeça.

— O que foi que Jack disse?

— Ele tinha suas razões para me contar. Sabe que estou aqui a bordo.

Hendley assentiu.

— Primeiro o mais importante: se isso está vindo da Casa Branca, Driscoll não vai se safar sem algum arranhão.

— Tenho certeza de que ele sabe disso.

— No melhor dos casos, vai para a reserva. Talvez fique com a pensão.

— Tenho certeza de que sabe disso, também.

— Onde ele está?

— Brooke Army Medical, lá em San Antonio. Ganhou uma lembrancinha no ombro durante a retirada.

— Coisa séria?

— Não sei.

— Muito bem, vá ter uma conversinha com ele. Veja como se sente. — Depois, para Davis: — Enquanto isso, Tom, abra uma pasta para Driscoll. Levantamento completo e tudo mais.

— Certo.

— Entre — disse Ben Margolin para Mary Pat. — Feche a porta.

Mais um dia no NCTC. Mais tráfico interceptado, mais pistas que poderiam levar a alguma coisa ou a coisa alguma. O volume era espantoso, e mesmo que isso não fosse novidade para nenhum deles, a maioria se preocupava achando que estava perdendo mais coisas do que captavam. Uma tecnologia melhor ajudaria, mas ninguém sabia quanto tempo ainda levaria para ter os novos sistemas instalados e funcionando. O fiasco do Trailblazer fez os poderes instituídos temerem outro fracasso, e então estavam fazendo testes de versões beta de tudo que havia naquela coisa. Enquanto isso, pensou Mary Pat, ela e o restante do NCTC se viravam, tentando manter o dedo no dique enquanto procuravam outras rachaduras.

Mary Pat fechou a porta como lhe mandaram e sentou diante da mesa de Margolin. Lá fora, o centro de operações zumbia de atividade.

— Liquidaram com a ideia de pedir ajuda externa — disse Margolin sem mais preâmbulos. — Não vamos usar nenhum dos agentes britânicos no Paquistão.

— Pelo amor de Deus. Por quê?

— Acima da minha competência, Mary Pat. Levei até onde pude, mas não consegui. Meu palpite: Iraque.

A mesma ideia ocorrera a Mary Pat antes mesmo que seu chefe dissesse a palavra. Com a pressão de seus cidadãos, o Reino Unido estava consistentemente se distanciando, tanto politicamente quanto na alocação de recursos de combate, da Guerra do Iraque. O boato era que, a despeito de seu tom conciliador em público, o presidente Kealty estava furioso com os britânicos, que o tinham, achava, deixado à mercê de uma queda iminente. Sem o apoio pelo menos nominal do Reino Unido, qualquer plano para retirar tropas americanas seria retardado, isso se já não corresse perigo. Pior ainda, a atitude de distanciamento dos britânicos tinha por sua vez encorajado o governo iraquiano, cujos pedidos pela retirada dos Estados Unidos haviam passado de educados e firmes para estridentes e agressivos, o que os cidadãos americanos não podiam deixar de notar. Primeiro, nosso aliado mais próximo, e depois, o próprio povo pelo qual tínhamos derramado nosso sangue para salvar. Depois de fazer sua campanha com a promessa de desentranhar os Estados Unidos do Iraque, Kealty estava descendo nas pesquisas, e alguns dos comentaristas da TV chegaram mesmo a acusar Kealty de suprimir a retirada para pressionar o Congresso, que ficara irresoluto diante de alguns dos projetos de estimação do novo presidente.

O fato de a solicitação de alistar os britânicos para seguir o ângulo do mapa de Peshawar ter sido negada não devia surpreender Mary Pat, veterana de mais pinimbas intergovernamentais de que conseguia se lembrar, mas foi o que aconteceu. Essa maldita caverna era a melhor pista que tiveram a respeito do paradeiro do Emir em anos. Ver isso escorrer pelos dedos por conta do que parecia ser um chique presidencial a deixava furiosa. É claro que o fato de seu próprio DCI, Scott Kilborn, ser um banana, não ajudava nada.

Mary Pat sacudiu a cabeça e suspirou.

— É uma pena que Driscoll tenha perdido seus prisioneiros.

— Um tanto de inalação de água tende a soltar as línguas — disse Margolin.

*Uma ideia popular*, pensou Mary Pat, *mas de pouca utilidade no mundo real*. Ela não tinha pudores nem era nenhuma Poliana para achar que a tortura não tinha seus méritos, mas geralmente essas técnicas deixavam a desejar na produção de informação confiável e verificável. Na maioria das vezes, era uma perda de tempo. Durante e pouco tempo depois da Segunda Guerra Mundial, o MI6 e o OSS conseguiram mais informações de generais alemães capturados durante um jogo de pingue-pongue ou de damas do que com alicates ou eletrodos.

O cenário tão falado do “tique-taque da bomba” era quase um mito. A maior parte das conspirações contra os Estados Unidos desde o 11 de Setembro haviam sido quebradas no berço, enquanto os bandidos estavam recrutando, movimentando dinheiro ou preparando a logística. A imagem de um terrorista com o dedo prestes a apertar um botão em algum lugar enquanto os bons rapazes tentavam extrair informação de algum compatriota dele era mais do que rara, era simplesmente uma invenção de Hollywood, e tinha tanta semelhança com o mundo real da inteligência quanto James Bond. De fato, em toda sua carreira, houvera apenas uma ocasião em que a situação de “tique-taque da bomba” aconteceu, e John Clark resolvera o caso em minutos ao quebrar alguns dedos e fazer as perguntas certas.

— Clichês são clichês por alguma razão — dissera-lhe Ed certa vez. — Porque são geralmente verdadeiros, as pessoas tendem a usá-los em demasia.

No que dizia respeito a Mary Pat, quando se tratava de interrogatórios, o clichê “pode-se pegar mais moscas com mel do que com vinagre” era o mais correto. A moralidade era apenas uma face na discussão de prós e contras. O que realmente importava era a eficácia. Faz-se o que for necessário para se conseguirem os melhores resultados. Ponto final.

— Então — disse ela a seu chefe —, de volta ao ponto de partida?

— Porra nenhuma. Aquele velho amigo do outro lado da poça que você mencionou... Dê uma ligadinha para ele, conversa informal.

Mary Pat sorriu, mas sacudiu a cabeça.

— Isso é o que chamam de matar o emprego, Ben.

Ele deu de ombros.

— Só se vive uma vez.

Melinda ficou agradavelmente surpresa ao vê-lo novamente. Ele a levara de carro para ver “John” na semana anterior. Pagara bem e não fizera nada abertamente perverso, o que estava ótimo para ela, principalmente a parte monetária.

O sujeito — bem, ele estava bem-apresentável, ou o que passava por isso por ali. Não era comum para ela aparecer em público assim. Era uma garota de programa,



não uma puta de rua, mas esse hotel tinha um restaurante particularmente agradável, e o *maître* a conhecia e gostava dela. Uma trepadinha grátis dava muitas vantagens para uma garota, e, verdade seja dita, ele era um cara decente, casado, como muitos de seus clientes e, portanto, confiável. Bem, quase confiável. Nunca se podia ter certeza, mas os homens na posição dele, que viviam por ali, geralmente conheciam as regras. E, se isso não funcionasse, ela ainda tinha sua Pequena Sra. Colt na bolsa.

Contato visual. Um sorriso de conhecedor. Era bonitinho, esse cafetão. Barba bem curta, como algo que Errol Flynn poderia exibir em um filme de pirata. Mas ela não era Olivia de Havilland. Era mais bonita, pensou Melinda, sem nem um traço de timidez. Dava duro para permanecer delgada. Os homens gostavam de mulheres cujas cinturas pudessem envolver com as mãos. Especialmente as que tinham belos peitos acima.

— Olá — disse ela com simpatia. Um sorriso que era simplesmente amigável no rosto, mas quem o recebia sabia que havia muito mais por trás dele.

— Boa noite, Melinda. Como você está nesta noite tão agradável?

— Muito bem, obrigada. — Um pouquinho de dentes aparecendo com o sorriso.

— Está ocupada esta noite?

— Não, agora não. — Mais dentes. — Mas nem sei seu nome.

— Ernest — respondeu ele com um sorriso gentil. O sujeito tinha certo charme, mas do tipo estrangeiro, pensou Melinda. Não europeu. De algum outro lugar. O inglês dele era bom, com um pouco de sotaque... Tinha aprendido inglês em algum outro lugar. Era isso. Aprendera bem... e o que mais? O que ele tinha de diferente? Ela se perguntou. Começou a catalogá-lo de modo mais completo. Magro, mais alto que ela, adoráveis olhos escuros, bem melancólicos. Mãos macias. Não trabalhava em construção. Mais tipo de quem mexia com dinheiro, esse Ernest, nome que certamente não era de nascimento. O olhar dele a avaliava. Ela estava acostumada com isso. Tipo *Como será a trepada dela?* Bem, ele tinha razões para saber que ela era muito boa. Seu patrão não havia se queixado, até pagara um extra. Sim, ela era mesmo *boa*. Melinda tinha muitos fregueses habituais, alguns dos quais conhecia pelo nome verdadeiro — ou pelo que eles diziam ser o nome verdadeiro. Ela dava nomes para seus clientes regulares, frequentemente relacionados com o tamanho de seus cacetes. *Ou com a cor, nesse caso*, pensou com um risinho abafado e um sorriso não reprimido que Ernest poderia guardar para si. Isso era algo que ela fazia quase instintivamente. De qualquer modo, já estava contando o dinheiro.

— Você gostaria de vir comigo? — perguntou ele, quase tímido. Os homens sabiam instintivamente, pelo menos os espertos, que a timidez é bem excitante para as mulheres.

— Gostaria sim. — E ser recatada também funcionava bem na outra direção. — Para ver seu amigo?

— Talvez. — O primeiro erro dele. Ernest não ficaria contrariado se provasse o produto ele mesmo. Ela podia ser uma puta suja, mas era boa amante, com muita

prática no negócio, e os desejos dele eram os mesmos que os dos outros homens. — Por favor, você vem comigo?

— Certamente.

Foi um trajeto curto, para surpresa de Melinda. Um apartamento bem na cidade, num edifício de luxo com seu próprio estacionamento subterrâneo. “Ernest” desceu do carro e galantemente abriu a porta para ela. Foram até os elevadores, e ele apertou o botão. Ela não conhecia o edifício, mas a fachada era suficientemente característica para que se lembrasse. Então John tinha uma casa na cidade? Mais conveniente para ela, e para ele?, perguntou-se. Ou talvez ele se lembrasse agradavelmente dela. A sua experiência lhe dizia que isso acontecia com frequência.

“John” estava de pé na entrada da cozinha, segurando uma bela taça de vinho branco.

— Bem, olá, John, que surpresa agradável — saudou Melinda, com seu melhor sorriso. Era um sorriso particularmente competente, capaz de aquecer o fundo do coração de um homem, e também outros órgãos, é claro. Ela foi até ele, beijando-o suavemente antes de aceitar a taça oferecida. Depois um pequeno gole. — John, você tem um ótimo gosto para vinhos. Italiano?

— *Pinot grigio* — confirmou.

— Eles também têm a melhor cozinha.

— Seus ancestrais são italianos? — perguntou John.

— Húngaros — admitiu ela. — Fazemos boas massas, mas os italianos fazem a melhor vitela do mundo. — Outro beijinho de boas-vindas. John era meio estranho, mas beijava bem. — Como você tem passado?

— Viajar é um problemão para mim — confessou ele, falsamente naquele momento.

— Para onde você teve que ir? — perguntou Melinda.

— Paris.

— E gosta do vinho de lá?

— O italiano é melhor — respondeu, já um pouco chateado com a conversa. Ela não estava ali por seus dotes de conversação. Todas as mulheres tinham isso, mas os talentos de Melinda eram melhores em outras áreas. — Você está com um belo vestido.

*Que posso tirar rapidamente*, ela não disse. Escolhia suas roupas de trabalho com isso em mente. Alguns homens gostam das mulheres despidas, mas um número surpreendente gosta de dar uma rapidinha com as mulheres parcialmente vestidas: saia levantada, inclinada sobre uma mesa ou sofá, com sutiã, mas com os seios à mostra... John também gostava do sexo oral ajoelhado, e ela nem se importava com isso, desde que ele não se entusiasmasse demais.

— Apenas algo que joguei por cima — respondeu ela. — Mas que belo apartamento.

— É conveniente. Gosto da vista.

Melinda aproveitou a oportunidade para olhar a grande janela envidraçada. *Ok, tudo bem.* Agora ela sabia exatamente onde estava. Havia muitas pessoas nas ruas, pelo menos no que eles consideravam ruas por ali, meros caminhos para passar de um hotel de luxo para outro, para os que eram pães-duros e não gostavam de pegar um táxi. Nem eram bem calçadas, entretanto. Não se ganhava dinheiro com calçadas. John simplesmente ficou atrás e olhou para ela.

— Melinda, você é uma visão — disse com um sorriso. Era o tipo de sorriso com o qual ela estava acostumada, o sorriso de “vamos-trepar-logo”. Um sorriso aparentemente polido, mas no fundo cheio de tesão. Uma olhadinha abaixo da linha da cintura de John confirmou seu palpite.

Era o momento de ir até ele para outro beijo. Poderia ter sido pior.

— *Hmmmm* — murmurou ela. *Muito bem, hora de trabalhar, John.* Seus braços a envolveram. Braços bem fortes, talvez para que ela soubesse que era propriedade dele. Os homens eram assim. Depois, gentilmente, ele a conduziu para o quarto.

*Nossa*, pensou ela. Seja lá quem tivesse decorado o quarto, sabia para que servia o apartamento. Provavelmente, não era a primeira decoração dele ou dela, disse Melinda tinha certeza, pelo detalhe da bela poltrona onde ela podia tirar a roupa. Ao pôr do sol teria sido uma porra de perfeição, pensou. Sentou-se e, antes de mais nada, tirou seus sapatos Manolo Blahnik. Apesar de serem bem bonitos, tirá-los era mais agradável do que colocá-los. Eram feitos para olhar, não para caminhar, e seus pés eram pequenos, de garota. Os homens sempre gostavam deles. O top tomara que caía saiu, foi colocado sobre a penteadeira, e ela se levantou. Nunca usava sutiã quando saía para trabalhar, e se sentia bem assim. Nada de caimento em seus seios tamanho 46, quase 48. Homens gostavam daquilo. Um momento depois, estava nua e se dirigia para ver John mais de perto.

— Posso ajudar? — perguntou. Os homens *sempre* gostavam que ela os despiu, especialmente se seu tom insinuasse um “me coma” urgente.

— Sim, por favor — respondeu John, com um sorriso sonhador. Seja lá de onde ele viesse, não estava acostumado com esse tipo de adoração. Bem, pagava caro para ter isso, que era uma das coisas em que ela era boa mesmo. Em um minuto, viu a razão pela qual se lembrava dele. Vermelho, um apelido perfeito. É claro, ela o beijou.

E, é claro, ele reagiu favoravelmente a isso. Pelo que pagava, ela queria que ele virasse cliente regular. Andava pensando em um carro novo. Uma BMW, ou talvez logo um Mercedes. Ele poderia ajudá-la com isso. Como na profissão, ela gostava de pagar em dinheiro. Bem, podia ser um cheque visado pelo carro certo. Um Mercedes-Benz Classe E, pensou. Gostava da solidez do carro alemão. Dava para se sentir segura dentro de um deles. Ela gostava de se sentir segura. Levantou-se.

— John, vai ser a noite toda? Isso custa mais, 2.500 dólares.

— Tanto assim? — perguntou ele, com um sorriso.

— Há um antigo ditado: você recebe pelo que paga.

— Esta noite não. Tenho que sair depois.

*Você não passa as noites aqui?*, pensou ela. *Será que aqui é só seu matadouro?* Ele devia ter uma tonelada de dinheiro para sair gastando assim. Só esse lugar devia ter custado 1 milhão, talvez 1,5 milhão. Se era do tipo que gostava tanto assim de sexo, ela realmente queria tê-lo como cliente regular. Os homens não gostavam de como as mulheres como ela os avaliavam, e muito menos que fossem a fundo nisso. Os homens eram tão idiotas, pensou Melinda, mesmo os ricos. *Especialmente os ricos.* Observou-o pegar um envelope, que entregou a ela.

Como sempre, Melinda abriu o envelope e contou as notas. Era importante que os homens soubessem que se tratava de uma transação de negócios, mesmo que fosse estimulado pelo melhor amor fingido que o dinheiro pudesse comprar. Vários deles haviam desejado que o relacionamento entre eles fosse mais que isso. Ela possuía um jeito extremamente charmoso de desviar essa conversa para outras direções.

O envelope foi para dentro da bolsa Gucci, do lado da Pequena Sra. Colt com cabo de madrepérola. Quando ela levantou, dava seu melhor sorriso. A parte dos negócios tinha acabado. Agora o amor podia começar.



*Será que foi um erro?*, perguntou-se o Emir. As coisas raramente eram perfeitamente claras nesse nível de responsabilidade operacional. O país-alvo era irrelevante, na verdade, mas o alvo em si tinha grande significado, ou significado potencial. Os efeitos do ataque se espalhariam como ondas em um lago, logo batendo nas margens do alvo real.

Entre todas as suas preocupações sobre a operação atual, nada havia em relação ao comandante no terreno. Ibrahim era ambicioso, mas também cuidadoso e minucioso, e mantinha sua equipe pequena e bem-organizada em todos os detalhes. Mas a verdade é que o verdadeiro teste aconteceria quando o plano se tornasse operacional, e essa era a decisão que ele enfrentava agora. A escolha do momento era tudo, assim como a habilidade de focar no “quadro geral”, como diziam os americanos. Havia uma quantidade de peças se movimentando pelo tabuleiro, e cada uma delas tinha que seguir na direção certa e no ritmo correto, para que nenhuma fosse surpreendida sozinha e sem apoio. Se isso acontecesse, o restante desabaria em seguida, e a Lótus entraria em colapso. E ele certamente morreria sem vê-la desabrochar. Caso ele movesse rápido demais, sua vida poderia terminar antes do florescimento. Se fosse muito devagar, o resultado seria o mesmo.

Assim ele deixaria Ibrahim continuar com seu reconhecimento do lugar, mas iria segurar a aprovação final para a operação até saber da disposição das outras peças.

*E se Ibrahim tiver sucesso?*, pensou. *O que aconteceria então?* Será que esse Kealty reagiria como esperavam? O perfil que tinha dele — codinome CASCADE — parecia dar a certeza disso, mas o Emir havia muito aprendido a desconfiar dos caprichos da mente humana.

CASCADE... “cascata”, um título adequado. Ele achava o nome e o conceito por trás bastante divertidos. Certamente as agências de inteligência do Ocidente também tinham perfis psicológicos dele — na verdade, ele já lera um —, de modo que achava muito interessante basear amplamente sua operação mais ambiciosa em um perfil feito por eles mesmo.

Kealty era um político consumado, o que na política americana era tido como sinônimo de líder. Como e quando começara essa bobagem ele não sabia. Nem se

importava. O povo americano escolhia por conta própria o político que conseguia se retratar da maneira mais hábil como líder, jamais se perguntando se essa imagem combinava com o caráter por trás. CASCADE dizia que não, e o Emir concordava. Pior ainda — ou melhor ainda, dependendo da perspectiva —, Kealty havia se cercado de sicofantas e puxa-sacos que nada faziam para melhorar suas credenciais.

Então, o que acontecia quando um homem de caráter fraco se defronta com uma cascata de catástrofes? Ele se desintegra, é claro — e com ele, o país.

Tal como prometido, o barco fretado os esperava. O capitão, um pescador local chamado Pyotor Salychev, sentado em uma cadeira de jardim no final do cais de madeira deserto, fumava seu cachimbo. Balançando na água escura e fria estava uma traineira de 12 metros de boca, fabricada pelo estaleiro inglês Halmatic. Salychev resmungou quando se levantou.

— Está atrasado — disse, depois saiu do cais e entrou no convés.

— Tempo ruim — respondeu Adnan. — E você, está pronto?

— Se não estivesse, não estava aqui.

Durante suas primeiras negociações, Salychev fizera poucas perguntas sobre quem eram e por que queriam ir até a ilha, mas Adnan, fazendo o papel de ecologista fanático, dera várias dicas durante a conversa. Grupos de vigilância ecológica há muito iam até lá para documentar as destruições da Guerra Fria, respondeu Salychev, dando de ombros. Enquanto pagassem e não colocassem ele ou seu barco em risco, levava feliz da vida qualquer um até aquele lugar esquecido por Deus.

— Não é da minha conta a estupidez — dissera a Adnan.

— É menor do que eu pensava — disse Adnan, olhando o barco.

— Você esperava encontrar algum cruzador? O barco é suficientemente resistente. Uma das poucas coisas boas feitas pelos ingleses, esse Halmatic. Coloco na rota e ele dispara. Se preocupe com você mesmo. Então, vamos, desatracamos em dez minutos.

O restante dos homens de Adnan terminou de descarregar o equipamento do caminhão, depois se apressaram para o cais e começaram a carregar o barco, enquanto Salychev gritava ordens sobre onde e como colocar cada coisa no lugar certo. Depois de verificar que tudo estava em ordem, Salychev soltou as amarras, deu um empurrão no cais e soltou o Halmatic. Segundos depois, estava na casa do leme, ligando o motor. Com um bafo de fumaça negra saindo pelo escapamento, o motor a diesel rugiu e a água começou a ferver na proa.

— Próxima parada — gritou Salychev por cima do ombro —, inferno.

Duas horas mais tarde, o promontório do sul da ilha apareceu através da neblina na amurada de estibordo. Adnan estava parado no meio do convés, observando o litoral pelos binóculos. Salychev havia lhe assegurado de que as patrulhas militares não

seriam problema, e Adnan não via nenhuma.

— Estão por aí — disse ele, da cabine do piloto —, mas não são muito brilhantes. Você pode acertar o relógio por eles. Mesmas rotas de patrulhamento, todos os dias na mesma hora.

— E quanto ao radar?

— Onde?

— Na ilha. Ouvi dizer que existe uma base aérea...

Salychev soltou uma risadinha.

— O quê, você está se referindo a Rogachevo? Na verdade, não existe mais. Não há dinheiro suficiente. Antes ali havia um regimento de caças, o 641º, acho, mas hoje em dia só há alguns aviões de carga e helicópteros. Quanto aos barcos-patrulha, eles têm uns instrumentos de navegação vagabundos e, como disse, são bem previsíveis. Quando estivermos perto da praia, já estaremos a salvo. Como você pode imaginar, eles querem manter distância.

Adnan podia perceber o motivo. Enquanto seus homens pouco sabiam sobre a natureza da missão, Adnan recebera instruções completas.

Novaya Zemlya era realmente um inferno na terra. Segundo o último censo, a ilha era o lar de 2.500 pessoas, a maioria das etnias nenets e avars, que moravam na comunidade de Belushya Guba. A ilha propriamente dita na verdade eram duas — Severny ao norte, e Yuzhny ao sul —, as duas separadas pelo estrito de Matochkin.

Era realmente uma pena, pensou Adnan, que o mundo inteiro só lembrasse de Novaya Zemlya por sua história na Guerra Fria. Os russos e os europeus a conheciam desde o século XI, inicialmente pelos mercadores de Novgorod, depois por uma corrente contínua de exploradores — Willoughby, Barents, Lütke, Hudson... Todos a visitaram centenas de anos antes de a ilha ser anexada pelos soviéticos em 1954, rebatizada de Campo de Testes de Novaya Zemlya, e dividida em zonas: A, Chyornaya Guba; B, Matochkin Shar; e C, Sukhoy Nos, onde a bomba de 50 megatons chamada de Bomba Tsar foi detonada em 1961.

Enquanto funcionou, Novaya Zemlya foi o local de mais de trezentas explosões nucleares, a última das quais em 1990. Desde então, o lugar se tornara muitas coisas para muitas pessoas — uma curiosidade, uma tragédia, uma recordação sombria... Mas para o governo russo carente de dinheiro, a ilha se transformara numa lixeira, um lugar onde abandonavam suas abominações.

Como era mesmo a frase americana?, perguntou-se Adnan. Ah, sim... O lixo de um é o tesouro de outro.

Eles estavam interessados na nova linha, percebeu Cassiano. Onde cruzava as estradas, quantos pilares de suporte por quilômetro... Um pedido interessante, e é claro que ele faria o melhor possível para conseguir a informação.

Também estavam interessados em trens, o que o intrigava. Era verdade que os

trens entravam e saíam diariamente, mas sua entrada nas instalações era estritamente limitada e monitorada. Se buscassem acesso à instalação, havia modos mais fáceis. Talvez essa fosse a resposta. Não estavam interessados nos trens como meio de infiltração, mas sim como instrumentos de medição. A produção da instalação era um segredo bem-guardado, mas, se os trens que entravam e saíam fossem monitorados e suas especificações conhecidas, podia-se fazer uma boa avaliação sobre os níveis de produção.

*Bem esperto*, pensou. E batia com o que conhecia sobre seus novos empregadores. A competição era uma coisa saudável, disseram-lhe, e nada podia ser feito sobre campos de petróleo recém-descobertos. O que podia ser controlado, entretanto, eram os preços e a capacidade de produção, que era o que ele suspeitava que seus empregadores pretendiam fazer. As nações da OPEP (nações islâmicas) haviam sido as maiores produtoras de petróleo por décadas e décadas, e se Cassiano pudesse ajudar a manter essa supremacia, faria isso com felicidade.





Em retrospectiva, Jenkins compreendeu que devia ter percebido a coisa, essa “promoção” que de fato não era mais que um enorme pé no saco. A instalação recebia visitas regulares de uma plethora de agências governamentais e seus funcionários, desde a Agência de Proteção Ambiental e de Segurança Interior ao Serviço Geológico dos Estados Unidos e o do Corpo de Engenheiros do Exército, todos os quais até então eram representados por um porta-voz do Departamento de Energia. A disputa recém-aquecida em Washington sobre o futuro da instalação havia mudado tudo isso, e parecia que todos os políticos ou burocratas que sabiam o caminho estavam indo até lá, armados com perguntas especulativas geradas pelas equipes de assessores mal pagos e com um profundo desejo de compreender todas as nuances da instalação.

— O que eles querem, Steve — dissera seu chefe —, é dar uma olhadinha por trás da cortina, e você é suficientemente grosseiro para fazê-los pensar que estão conseguindo isso.

Apesar do elogio disfarçado, Steve tinha que admitir que conhecia a instalação por dentro e por fora, e de trás para a frente, considerando que começara a trabalhar três anos depois de sair da faculdade, o que significava, na contagem de tempo de vida do projeto, 19 anos depois que o lugar fora identificado inicialmente como possível candidato, juntamente com dez outros em seis estados; 12 anos após ser designado para estudos de “caracterização local”; e dez anos depois de ter sido coroado vencedor do concurso de beleza. Ele trabalhara neste pedaço não tão pequeno do deserto pela maior parte de sua vida adulta, e ao custo atual de 11 bilhões de dólares, era um dos pedaços de terra mais estudados do mundo. E, dependendo de quem ganhasse a parada em Washington, esses 11 bilhões poderiam ser contabilizados como perdas. Como é que se podia fazer isso?, perguntava-se. Em que coluna da contabilidade federal cabia essa soma?

Completar o projeto havia se tornado uma questão de honra para os novecentos e tantos membros da equipe, e, apesar de variar a opinião de empregado para empregado sobre se desejavam viver ali perto, o investimento coletivo no sucesso era enorme. Ainda que tivesse apenas 37 anos, Steve era considerado um dos veteranos

do projeto, juntamente com cerca de uma centena de outros que estavam ali desde que ele se transformara de um rascunho em um pedaço de papel a um empreendimento posto em prática. Infelizmente, ele não podia falar para ninguém muita coisa sobre o que fazia, uma restrição a que não dava importância até conhecer Allison. Ela era intensa e autenticamente interessada no que ele fazia, sobre como passava seus dias, um traço inexistente nas duas namoradas anteriores. Deus, como ele tinha sorte. Descobrir uma mulher como ela, e tê-la atraída por *ele*... E o sexo. Deus dos céus, ele sabia que sua experiência era um tanto limitada, mas as coisas que ela fazia com ele, com as mãos, com a boca... Todas as vezes que estavam juntos, ele se sentia como se estivesse em uma carta de sacanagem do fórum da *Penthouse*.

Seus pensamentos foram interrompidos por uma indiscreta nuvem de poeira aparecendo no alto da colina em frente à entrada principal do túnel, indicando aproximação de veículos. Sessenta segundos depois, dois Chevy Suburbans negros apareceram na estrada norte e pararam no estacionamento. O trabalho vespertino tinha sido interrompido, e todos os caminhões e pallets com equipamentos haviam sido levados para o perímetro da área. Os Suburbans diminuíram a velocidade e pararam a cerca de 15 metros de distância, com os motores em ponto morto. Nenhuma das portas se abriu, e Steve imaginou os ocupantes temendo deixar o interior com ar-condicionado. E nem estava calor, pensou, não o calor do verão, pelo menos. Engraçado como as delegações de visitantes como essa tendiam a desaparecer entre junho e agosto.

Então as portas se abriram e dos carros saíram dez assessores enviados pelos respectivos governadores. Dois para cada um dos estados limítrofes. Já tendo enrolado as mangas das camisas e afrouxado as gravatas, o grupo ficou um instante parado, piscando e olhando ao redor, antes de ver Steve acenando o braço. Todos foram até ele e se reuniram em semicírculo.

— Boa tarde e bem-vindos — disse. — Meu nome é Steve Jenkins, e sou um dos engenheiros seniores do local. Farei o melhor possível para decorar o nome de todos antes de terminarmos, mas, por enquanto, peço para que vocês mesmos encontrem seus crachás de visitantes.

Segurou uma caixa de sapatos e, um a um, cada delegado avançou e descobriu seu crachá.

— Só um par de lembretes antes de sairmos do calor. Vou passar a vocês folhas com informações que devem cobrir tudo sobre o que vamos conversar nesta tarde, e tudo que tenho permissão para lhes contar.

Isso foi recebido com algumas risadas abafadas. Steve relaxou um pouco. Poderia não ser tão ruim assim.

— Dito isso, peço que não façam anotações, seja em papel seja nos seus palmtops. O mesmo vale para gravadores e câmeras.

— Por quê? — perguntou uma das delegadas, uma loura tipo californiana. — Há um monte de fotos na internet.

— É verdade, mas apenas as que queremos que estejam lá — respondeu Steve. — Acreditem, se eu puder responder a uma pergunta, responderei. Nosso objetivo é dar a vocês o máximo de informações que pudermos. Uma última coisa antes de entrarmos. Esse treco aí ao lado que parece parte lançador de foguetes, parte trailer e parte oleoduto é a nossa tuneladora, afetuosamente conhecida como Tatução. Para os que adoram fatos e números, o Tatução tem 140 metros de comprimento e 7,5 de largura, pesa 700 toneladas e pode perfurar até 5,5 metros de rocha sólida por hora. Para colocar em perspectiva, isso equivale mais ou menos ao comprimento de um dos Suburbans nos quais vieram até aqui.

Houve murmúrios apreciativos e risinhos na delegação.

— Muito bem, se me seguirem até a entrada do túnel, podemos começar.

— Estamos agora dentro do que chamamos de Instalações de Estudos Exploratórios — disse Jenkins. — Tem a forma de uma ferradura, com cerca de 8 quilômetros de comprimento e 8 metros de largura. Em vários lugares do IEE construímos alcovas do tamanho de celeiros, nas quais guardamos equipamentos e fazemos experiências, e há seis semanas completamos o primeiro deslocamento de posicionamento.

— Que é o quê?

— Trata-se essencialmente de onde os depósitos serão guardados quando e se a instalação entrar em atividade. Vocês verão a entrada do deslocamento dentro de poucos minutos.

— Não vamos entrar?

— Não, receio que não. Ainda estamos fazendo testes para ter certeza da estabilidade.

Isso era um enorme eufemismo, é claro. A escavação do deslocamento de posicionamento levava relativamente pouco tempo. Mas os testes e a experimentação levavam entre mais nove meses a um ano.

— Vamos falar um pouco de geografia — continuou Steve. — O sulco acima de nós se formou há uns 13 milhões de anos por um agora extinto vulcão de caldeira, e é composto por camadas alternadas de rochedo chamados de tufo soldado, também conhecido como “ignimbrito”, tufo não soldado e tufo semissoldado.

A mão de alguém se levantou.

— Ouvi direito o que você disse? Falou em “vulcão”?

— Sim. Mas extinto há muito tempo.

— Mas já tiveram terremotos aqui, certo?

— Sim, dois. Um medindo 5 na escala de Richter e outro medindo 4,4. O primeiro causou alguns danos menores nos edifícios na superfície, mas nem uma rachadura aqui embaixo. Eu estava aqui, bem aqui, nas duas ocasiões. Mal senti alguma coisa.

Havia, de fato, 39 falhas de terremotos e sete vulcões recentes em vários estágios de atividade no deserto que circundava a instalação. Isso estava na folha de

informações que ele havia entregado, mas, se ninguém tocasse no assunto, certamente não era ele quem faria isso. Quando as pessoas ouviam as palavras *vulcão* e *falha*, seus cérebros tendiam a voltar ao estágio do homem das cavernas.

— A verdade é que — continuou Steve — esse pedaço em particular de geologia é estudado por quase 25 anos, e há montanhas de evidências de que os três tipos de terrenos aqui são perfeitamente aptos para o armazenamento de resíduos nucleares.

— Quanto de resíduo, exatamente?

— Bem, essa é uma das perguntas que não estou autorizado a responder.

— Por ordem de quem?

— Pode escolher, Segurança Nacional, FBI, Departamento de Defesa... Basta dizer que essa instalação será o depósito primário de combustível nuclear usado.

A melhor estimativa colocava a capacidade máxima da instalação por volta de 135 mil toneladas métricas, com parte disso degradando para níveis “seguros” em décadas e partes permanecendo potencialmente letais por milhões de anos. O modelo favorito do lixo nuclear, o mais frequentemente citado pelos jornalistas — o plutônio-239, que tinha meia-vida de cerca de 25 mil anos —, estava longe de ser o que permanecia por mais tempo, sabia Steve. O urânio-235, usado tanto em reatores quanto em armas, tinha meia-vida de 704 milhões anos.

— Por que meios o lixo será transportado? — perguntou um dos delegados do Oregon.

— Por ferrovia e caminhões, ambos especialmente projetados para a tarefa.

— O que eu queria dizer era que suponho que não estamos falando de tambores de 55 galões.

— Não, senhor. Pode ver as informações detalhadas no material que entreguei, mas já vi essas coisas de perto e acompanhei os testes de estresse que são aplicados. São o mais perto de indestrutível a que já se conseguiu chegar.

— Disseram o mesmo sobre o *Titanic*.

— Tenho certeza de que a General Atomics lembrou disso muito bem enquanto desenvolvia essas coisas nos últimos dez ou 12 anos.

— E como é a segurança, Sr. Jenkins?

— Se a instalação entrar em funcionamento, a segurança primária será manejada pelas Forças de Proteção da Administração Nacional de Segurança Nuclear, a NNSA. É claro que haverá... forças suplementares de rápida mobilização, caso aconteça uma emergência.

— Que tipo de forças suplementares?

Steve sorriu.

— Do tipo que provoca pesadelos nos bandidos.

Mais risadas.

— Muito bem, vamos passar para o que vocês todos vieram ver. Se subirem nesses carrinhos nos trilhos, podemos prosseguir.

A viagem durou 15 minutos, mas perguntas frequentes fizeram o comboio parar. Finalmente diminuíram a velocidade ao lado da abertura do túnel principal. Os delegados desceram e se reuniram ao redor de Steve na entrada.

— O poço que estão vendo na direção do fundo tem 180 metros de comprimento e se liga ao deslocamento de posicionamento, que é uma grade de túneis menores que, por sua vez, levam a grandes áreas de depósito de lixo atômico.

— Como o lixo sai do trem ou do caminhão até o nível do depósito? — perguntou um dos assessores de Utah. — Permanece no recipiente de transporte?

— Desculpe, mas isso também é área ultrassecreta. O que posso dizer é como o lixo será guardado lá embaixo. Cada “pacote” será enfiado em dois recipientes aninhados, um feito com quase 2 centímetros de um metal resistente à alta corrosão chamado de Liga 22, depois um segundo recipiente com 5 centímetros de espessura feito com algo chamado 316NG, composto essencialmente por aço inoxidável de grau nuclear. Abrigando os recipientes aninhados haverá um escudo de titânio projetado para protegê-los de vazamentos e da queda de rochedos.

— E isso é algo que preocupa vocês?

Steve sorriu.

— Os engenheiros não se preocupam. Nós planejam. Nós planejam. Tentamos modelar todos os cenários possíveis e planejar para isso. Esses três componentes, os dois recipientes aninhados e o escudo de titânio, formam o que chamamos de “defesa em profundidade”. Os pacotes serão armazenados horizontalmente e combinados com diferentes graus de lixo, de modo que cada câmara manterá uma temperatura constante.

— E qual será o tamanho desses pacotes?

— Cerca de 2 metros de diâmetro e com o comprimento variando entre 3,5 a 5,5 metros.

— O que acontece se os pacotes forem... colocados fora do lugar? — perguntou o outro candidato da Califórnia.

— Não poderia acontecer. A quantidade de requerimentos envolvidos para a movimentação de um pacote e as pessoas de controle tornam isso virtualmente impossível. Pensem assim: todos nós temos chaves dos nossos carros, certo? Imaginem uma família de oito pessoas. Cada pessoa da família teria um conjunto duplicado de chaves; três vezes por dia, cada pessoa teria que assinar um formulário declarando que as chaves estão ou em sua posse ou colocadas em um lugar predeterminado; três vezes por dia cada pessoa teria que verificar se suas cópias da chave realmente funcionam nas portas e na ignição do carro; e finalmente, três vezes por dia cada pessoa teria que verificar com cada um dos outros membros da família e se certificar de que *essa* pessoa teria feito todos os passos acima mencionados. Começaram a entender o quadro?

Assentimentos ao redor.

— E tudo isso aconteceria a cada turno de todos os dias do ano. E teria uma

supervisão do processo por computador. Prometo a vocês, com a mesma certeza de que o sol nascerá amanhã, que nada vai ser colocado fora do lugar nesta instalação.

— Fale conosco sobre corrosão, Sr. Jenkins.

— Nossos testes de corrosão são feitos na ITCLPL. Desculpe, na Instalação de Teste de Corrosão a Longo Prazo Livermore.

— No Laboratório Nacional Lawrence Livermore?

*Obrigado pela deixa*, pensou Jenkins, mas não falou. Lawrence Livermore era um nome familiar, e, apesar de a maioria das pessoas não poder nem dizer exatamente o que se fazia lá, o INLL era tido em alto conceito. Assim, se Lawrence Livermore estava na jogada, para que se preocupar?

— Certo — disse. — O processo de testes envolve amostras de envelhecimento e de pressão dos metais chamadas de “cupões”. Neste momento eles testam 18 mil cupões representando 14 diferentes ligas de metal em soluções comuns a esta área. Por enquanto, o índice de corrosão dos cupões é de 20 nanômetros por ano. Um cabelo humano é 5 mil vezes mais espesso que isso. Com esse índice, a Liga 22 usada nos recipientes aninhados deve aguentar por cerca de 100 mil anos.

— Impressionante — disse um homem com chapéu de caubói, um dos delegados de Idaho, supôs Jenkins. — E que tal falarmos sobre os piores cenários. E se alguma coisa vaza e começa a filtrar pelo solo.

— As chances disso são...

— Vamos, nos conte.

— Antes de mais nada, precisam saber que o lençol freático por baixo de nossos pés é incomumente profundo, correndo a uma média de 450 metros, o que daria 335 metros abaixo do deslocamento de posicionamento.

Esse era outro ponto de debate acirrado, sabia Steve. Embora o que havia acabado de dizer aos delegados fosse verdade, alguns dos cientistas do projeto estavam pressionando para deslocamentos e posicionamentos mais profundos — alguns a 100 metros abaixo do atual. A verdade é que não havia uma resposta firme sobre a questão da filtragem. A rapidez com que vários líquidos vazariam pela rocha abaixo da instalação era desconhecida, tal como os efeitos que um terremoto poderia ter nos índices de filtragem. Mas, lembrou a si mesmo, pelas melhores estimativas, as chances de um terremoto catastrófico afetar os níveis de armazenamento eram de 1 em 70 milhões.

Se alguma coisa fosse assinalar um inevitável tocar de sinos fúnebres para a instalação, seria a natureza do lençol freático. Até dez meses antes, a crença geral era de que a área abaixo da instalação era o que se conhecia como *bacia hidrológica fechada*, uma formação que produzia água para dentro de si mesma e não oferecia saídas nem para os oceanos nem para os rios. Duas pesquisas exaustivas, uma pela Agência de Proteção Ambiental e outra pelo Serviço Geológico dos Estados Unidos, estavam agora contradizendo essa crença. Se fossem precisas, o aquífero podia se estender até a Costa Oeste e o golfo da Califórnia. Até que a disputa fosse resolvida,

entretanto, as ordens de Steve eram claras: o modelo de bacia hidrológica fechada era o padrão-ouro.

Então ele disse:

— Para que resíduos começassem a vaziar na rocha, dúzias de sistemas e subsistemas, tanto humanos quanto computadorizados, teriam que falhar. E temos que colocar isto em perspectiva: comparados com os protocolos de segurança com os quais esta instalação irá funcionar, entrar sorrateiramente em um silo de ICBM e disparar um míssil seria um passeio no parque.

— Alguns desses materiais são fisséis?

— Você pergunta se podem explodir?

— Sim.

— Bem, seria necessário alguém com vários Ph.D para explicar as razões, mas a resposta é não.

— Digamos que alguém conseguisse sorrateiramente passar pela segurança e descer até o nível de armazenamento com uma bomba...

— Por “alguém”, suponho que esteja se referindo ao Super-Homem ou ao Incrível Hulk?

Isso provocou uma risada geral.

— Certo, por que não? Vamos supor que conseguisse. Que tipo de danos poderia provocar?

Steve sacudiu a cabeça.

— Desculpe aguar seu leite, mas só a logística disso tornaria a façanha terrivelmente improvável. Antes de mais nada, vocês viram que este túnel diagonal tem 3 metros de largura. A quantidade de explosivos convencionais necessários para provocar algum dano significativo nos níveis de armazenamento não caberia em um caminhão de mudanças.

— E explosivos não convencionais? — perguntou o delegado de Idaho.

*Então, pensou Steve, teríamos um problema.*



— Muito bem, pessoal, é hora de acelerar o jogo — anunciou Gerry Hendley quando entrou na sala de conferências e achou uma cadeira.

Era mais uma manhã no Campus, e a mesa de conferências estava arrumada com cafeteiras ferventes e bandejas com biscoitos e rosquinhas doces. Jack se serviu uma xícara de café, agarrou um bagel de trigo integral — sem cream cheese — e achou um lugar vazio à mesa. Estavam também presentes Jerry Rounds, chefe de análise/inteligência, Sam Granger, chefe de operações, Clark e Chavez, e os irmãos Caruso.

— A hora é de fazermos uma abordagem focada. A partir de agora, todas as pessoas nesta sala não têm mais nada a ver com qualquer coisa que não seja o Emir e o Conselho Revolucionário Omíada, salvo eu, Sam e, é claro, Jerry. Também vamos manter as luzes acesas e as rosquinhas fresquinhas, mas o restante de vocês pode começar a transferir outras responsabilidades de trabalho. Vamos viver, respirar e comer o Emir 24 horas por dia até ele ser capturado ou morto.

— Oba! — disse Brian Caruso, provocando uma risada geral.

— Com esse objetivo, demos ao grupo um nome adequado: Kingfisher, o martim-pescador. O Emir acha que é uma espécie de rei; ótimo. Vamos pescá-lo. De agora em diante, este é o lugar de trabalho de vocês, e a porta de todos ficará sempre aberta, inclusive a minha, a de Sam e a de Jerry.

*Putá merda, pensou Jack. De onde veio isso?*

— Começemos pelo começo. Dom e Brian andaram seguindo pistas na Suécia — disse Hendley, e depois contou a descoberta de Jack da interceptação do DHS/FBI sobre a Hlasek Air. — Vamos continuar puxando essa meada, mas até agora nada apareceu. O mecânico se entregou à polícia nacional sueca, mas não tinha nada para contar. Pagamento em dinheiro por um trabalhinho em um transponder e um voo fretado cheio do que talvez fossem pessoas do Oriente Médio.

“Kingfisher — continuou Hendley. — Se tiverem alguma ideia, contem a alguém. Se quiserem experimentar alguma coisa nova, perguntem. Se apenas quiserem trocar ideias ou jogar o jogo do ‘se’, reúnam-se e façam isso. As únicas perguntas idiotas são as que não são feitas. Vamos nos manter orgânicos, pessoal. Esqueçam o modo como



trabalhamos antes e comecem a pensar de forma diferente. Podem apostar o rabo de vocês que o Emir faz isso. Então: perguntas?”

— Sim — disse Dominic Caruso. — Por que a mudança?

— Recentemente recebi alguns bons conselhos.

Jack viu Hendley relancear quase imperceptivelmente para John Clark, e então a coisa fez sentido.

— Somos uma equipe muito pequena para funcionar com burocracia — acrescentou Jerry Rounds. — Nós três vamos nos revezar por aqui regularmente para certificar se continuamos nos trilhos, mas a questão final é essa: o Emir é um sujeito extraordinário, e temos que mudar nossas táticas para corresponder a isso.

— O que isso significa para o lado operacional da coisa? — perguntou Chavez.

Sam Granger respondeu:

— Mais ação, esperamos. Boa parte do que formos produzindo não vai ser verificável hipoteticamente. Isso significa sair em campo e seguir as pistas. Muita coisa vai ser rotineira, mas tudo soma. Não me entendam errado, todos nós adoramos marcar pontos, mas não tropeçando e caindo de bunda. É preciso trabalhar para isso.

— E quando começamos? — perguntou Jack.

— Agora mesmo — respondeu Hendley. — O primeiro ponto é ter certeza de que estamos todos sintonizados. Vamos expor o que sabemos, do que suspeitamos e o que ainda temos que descobrir. — Consultou o relógio. — Vamos parar para o almoço, e depois nos encontramos aqui outra vez.

Jack enfiou a cabeça dentro do escritório de Clark.

— Não sei o que você fez, John, mas com certeza chamou atenção de Hendley.

Clark meneou a cabeça.

— Não fiz nada mais que dar um empurrão no rumo por onde ele já estava seguindo. É esperto. Ia acabar percebendo a coisa. Vamos, entre. Tem um minutinho?

— Claro. — Jack se sentou do outro lado da mesa.

— Ouvi dizer que você quer meter a mão na massa.

— O quê? Ah, sim. Ele contou para você, não foi?

— Pediu que o treinasse.

— Bem, para mim isso é ótimo. Mais que ótimo, aliás.

— Por que você quer fazer isso, Jack?

— Hendley não lhe disse...

— Quero ouvir da sua boca.

Jack se mexeu na cadeira.

— John, fico aqui sentado o dia inteiro, lendo o tráfego, tentando tirar um sentido de informações que podem ser alguma coisa ou nada, e sim, sei que isso é importante e tem que ser feito, mas eu quero fazer algo, sabe?

Clark assentiu.

— Como MoHa.

— Sim, tipo isso.

— Nem sempre é assim tão limpo.

— Sei disso.

— Sabe mesmo? Já fiz isso, Jack, cara a cara e corpo a corpo. Na maioria das vezes a coisa é feia e suja, e você nunca esquece. Os rostos vão sumindo, assim como o lugar e as circunstâncias, mas o ato, o fato em si, fica preso em você. Se não estiver preparado para lidar com isso, a coisa pode devorá-lo.

Jack respirou fundo, olhos no assoalho. Será que estava pronto? Ele sentia a verdade do que Clark dizia, mas naquele momento era uma abstração. Sabia que a coisa não era como nos filmes, ou nos romances, mas saber o que algo não era parecia inútil, como descrever a cor vermelha dizendo que não era azul. *Sem pontos de referência, ou quase sem pontos de referência*, ele fez questão de se lembrar. Houvera MoHa.

Como se lesse sua mente, Clark disse:

— E não se engane: MoHa foi uma anomalia, Jack. Você caiu naquilo, não teve nem chance de pensar a respeito, e tinha certeza de que o sujeito era bandido. Nem sempre é assim tão claro. De fato, raramente é assim. Você tem que ficar à vontade com a incerteza. Pode fazer isso?

— Para dizer a verdade, John, não sei. Não posso lhe dar uma resposta. Sei que não é a resposta certa, mas...

— Na verdade, essa é exatamente a resposta certa.

— Hã?

— Quando eu passei pelo processo de seleção na BUD's, a Escola Básica de Demolição Submarina, todo mundo tinha que ser entrevistado por um psicólogo. Estava no saguão, esperando, e um amigo meu saiu do consultório. Perguntei a ele como tinha sido. Ele disse que o doutor havia perguntado se ele achava que podia matar um homem. Meu amigo, ansioso para mostrar coragem, disse “Claro que sim”. Quando chegou minha vez e o doutor me fez a mesma pergunta, eu falei que achava que sim, mas não tinha cem por cento de certeza. Um de nós entrou, o outro não.

*Que coisa*, pensou Jack. Imaginar John Clark como um recruta imberbe em vez de um sujeito que parecia um deus das operações especiais era um conceito difícil de realizar. Mas todo mundo precisa começar em algum momento.

Clark continuou:

— Se você me mostrar alguém que responde “Claro que sim” para esse tipo de pergunta, eu digo que o cara é um maluco, um mentiroso ou alguém que não pensou bastante sobre o assunto. E digo mais. Pergunte qualquer hora aí a Ding. Na primeira vez que ele teve que liquidar alguém, a coisa ia mal até o momento em que apertou o gatilho. Ele sabia que podia fazer aquilo, e tinha 95 por cento de certeza de que faria, mas até disparar o percussor ainda havia a vizinha na cabeça.

- E quanto a você?
- A mesma coisa.
- Difícil de acreditar — respondeu Jack.
- Pois acredite.
- Então, o que você me diz? Devo ficar com meu teclado e o monitor do computador?
- A escolha é sua. Só queria ter certeza de que está com a cabeça certa quanto a isso. Se não, você se torna um perigo para você mesmo e para todos os demais.
- Muito bem.
- Mais uma coisa. Quero que você considere contar para seu pai.
- Jesus, está brincando...
- Não, não estou não. Vou manter o segredo, Jack, porque você é adulto e a escolha é sua, mas acho que já é hora de assumir o que você é, e não vai poder fazer isso enquanto estiver com medo de ficar diante dele. Até então, você ainda não assumiu seu próprio papel.
- Você não pega leve mesmo, não é?
- Clark sorriu.
- Recentemente, ando ouvindo isso muitas vezes. — Deu uma olhada no relógio.
- Já é quase hora de voltarmos. Pense mais um dia sobre o assunto, sobre os dois assuntos. Se ainda quiser ir, eu ensino o que puder.

O contato de Mary Pat na Legolândia — a sede do Serviço Secreto de Inteligência Britânico em Vauxhall Cross, nas margens do Tâmis, era coloquialmente conhecida como Legolândia ou Babilônia, em razão da arquitetura achatada, como se fosse um zigurate — havia lhe dado apenas um nome em resposta à sua pergunta. Nigel Embling, disseram-lhe, era um veterano já aposentado dos “istão”, e tinha esquecido mais do que a maioria das pessoas sabia sobre a região. Mary Pat supunha que os britânicos possuíam agentes ativos por lá, mas, se Embling era ou não um desses, ela não tinha como ter certeza. Provavelmente não. Seu contato da linha dos fundos deixara claro que ela estava ligeiramente fora do prumo, caso em que os chefões do SIS não o olhariam com a menor simpatia se ele lhe desse um agente autêntico.

É claro que ter um contato era apenas metade da batalha. Embling era um homem mais velho que já havia deixado para trás seus tempos de trabalho de campo, o que significava que era preciso colocar alguém em campo para andar com ele. Mary Pat nem teve que pensar muito sobre quem poderia ser. Dois nomes imediatamente lhe vieram à mente, e, se a fofoca fosse verdadeira, esses indivíduos em particular poderiam ter interesse em um trabalhinho sob contrato. O NCTC tinha alguns fundos que podiam usar à vontade, e ela e Ben Margolin concordaram que esse seria um gasto que valia a pena.

Só foram necessárias duas ligações para confirmar o boato e outras duas para

conseguir um número de telefone em uso.

O celular de Clark, enfiado na gaveta de cima de sua mesa, tocou uma vez, e depois outra. Ele agarrou a atendeu no terceiro toque.

— Alô.

— John, aqui é Mary Pat Foley.

— Olá, Mary Pat, você estava na minha lista de pendências.

— Como assim?

— Eu e Ding saímos recentemente da Rainbow. Queria dar um alô.

— Que tal fazer isso pessoalmente? Tenho algo para conversar com você.

O radar interno de Clark ligou.

— Claro. Quando e onde?

— Logo que for possível.

Clark olhou o relógio.

— Posso sair para almoçar agora mesmo.

— Ótimo. Você conhece o Huck's em Gainesville?

— Sim, logo na saída da Linton Hall Road.

— Esse mesmo. Encontro você lá.

Clark desligou o computador e foi até a sala de Sam Granger. Relatou a ligação para o chefe de operações do Campus.

— Acho que não se trata de um almoço social — disse Granger.

— Duvido. Ela estava com a voz de quem está no jogo.

— Ela sabe que você está saindo da Agência?

— Pouca coisa escapa de Mary Pat.

Granger considerou o assunto.

— Muito bem. Me avise quando voltar.

Clark já havia passado pelo Huck's, mas nunca tinha entrado. Disseram a ele que ali havia as melhores tortas da Virgínia. *Pela fachada não dá para perceber isso*, pensou enquanto estacionava na diagonal diante do restaurante. Duas grandes janelas de vidro ao lado de uma única porta protegida por um toldo vermelho e branco desbotado. Uma luz neon na vitrine piscava “ucks”. *Mau presságio?*, pensou Clark. *Provavelmente não.*

A verdade é que ele só tinha boas lembranças de Gainesville, tendo passado muitas horas caminhando por suas ruas, ensinando agentes de campo da CIA técnicas de vigilância e contravigilância. Não era possível aprender tudo nas salas de aula do Camp Perry. Sem conhecimento dos cidadãos de Gainesville e de uma dúzia de outras

cidades de Maryland e da Virgínia, a qualquer hora suas ruas eram atravessadas por espíões brincando de permanecer vivos antes de ter que fazer isso no mundo lá fora.

Ele empurrou a porta e viu Mary Pat sentada em um banco do balcão. Os dois se abraçaram, e Clark sentou. Um sujeito corpulento de cabelos ruivos já ralos e mãos manchadas de farinha de trigo foi até eles.

— O que trago para vocês?

— Maçã — disse Mary Pat sem hesitar. — Para viagem.

Clark sacudiu os ombros e pediu o mesmo.

— Como anda o Ed?

— Está bem. Um pouco eremita, acho. Está escrevendo um livro.

— Bom para ele.

Quando as tortas chegaram, ela perguntou:

— Que tal uma volta?

— Claro.

Lá fora, saíram pela calçada, falando miudezas até chegar a um parque grande coberto de grama verde e cercas vivas arrumadinhas. Acharam um banco e sentaram.

— Estou com um problema, John — disse Mary Pat depois dos dois darem umas mordidas nas tortas. — E acho que você e Ding podem ajudar.

— Se pudermos. Mas vamos começar pelo começo: você sabe que nós...

— Sim, já soube. Sinto muito. Conheço o excelentíssimo Charles Sumner Alden. É um babaca.

— Parece que muitos deles andam por Langley atualmente.

— Infelizmente, é verdade. Aquilo lá está começando a parecer a Idade das Trevas. Mas me diga: o que você acha do Paquistão?

— Belo lugar para visitar... — respondeu Clark, com um sorriso.

Mary Pat caiu na risada.

— É uma operação bem simples, cinco ou seis dias, talvez. Temos algumas coisas que precisam ser levantadas, mas não temos ninguém em campo por lá; pelo menos ninguém que possamos usar. A nova administração está podando a diretoria de operações como se fosse uma liquidação relâmpago. Temos um sujeito, britânico, que conhece a área, mas já passou do seu auge.

— Defina “coisas que precisam ser levantadas”.

— Deve ser uma simples coleta de informações. Trabalho de campo.

— Suponho que estejamos falando sobre algo periférico ao peixe grande? — Mary Pat assentiu. — E você já tentou pescar isso através de Langley? — Outro assentimento. Clark respirou fundo, e soltou. — Você está bem longe do padrão com isso.

— Mas só assim posso colher a fruta.

— Qual o seu cronograma?

— Quanto mais cedo, melhor.

— Me deixe pensar até mais tarde.

Uma hora depois ele estava de volta ao Campus. Achou Granger na sala de Hendley. Bateu na maçaneta, viu o gesto de Hendley mandando-o entrar, e sentou.

— Sam já me disse — falou Hendley. — Experimentou a torta?

— Maçã. Talvez não seja a melhor, mas é bem perto disso. Ela tentou me vender um contrato. Paquistão. — E delineou a conversa entre os dois.

— Ora — disse Granger. — Ela é do NCTC, de modo que não é difícil perceber o que está no radar deles. O que você disse a ela?

— Que ligaria mais tarde com uma resposta. Na verdade, não é difícil. Mas o problema é: se aceitar, não quero deixá-la no escuro.

— Sobre o Campus? — disse Granger. — Não sei...

— Desculpe — disse Clark. — Eu e Mary Pat temos uma longa história, e ela está arriscando muito com isso. Não vou enganá-la. Olhe, vocês conhecem a reputação dela, e sabem o que Jack Ryan pensa a respeito de Mary Pat. Se isso não for garantia suficiente, não sei mais o que seria.

Hendley ficou um instante matutando, depois assentiu.

— Muito bem. Mas aja com cuidado. Para quando ela precisa de você?

— Acho que para ontem — respondeu Clark.



— O que sabemos sobre o Emir e o CRO é limitado — disse Jerry Rounds, reiniciando a reunião. — Vamos começar pelo que sabemos com *quase* certeza. Até recentemente o CRO dependia bastante da internet para comunicações, mas não conseguimos chegar até um ISP porque é sempre algo diferente, e dependemos da NSA para pegar as informações do método de criptografia. E, mesmo assim, nem sempre conseguimos identificar o ISP, mas eles sabem que passam de um país para outro.

Dominic aproveitou a deixa:

— A menos que estejamos perdendo uma quantidade grande de tráfego eletrônico, o que sempre é possível, podemos considerar que eles têm coisas importantes transmitidas de um lugar para outro, o que significa mensageiros. Talvez levando CD-ROMs ou alguma outra mídia portátil que possam usar em um laptop, ou entregar para alguém mais da organização que tenha um desktop ligado em uma linha telefônica ou a um cabo. Ou em um ponto de wi-fi.

— Pontos de wi-fi não são muito seguros — sugeriu Brian.

— Pode ser que não importe — contestou Chavez. — Uma das ideias não era de que usavam tabelas únicas?

— Sim — disse Rounds.

— Com uma dessas você pode dizer o que quiser. Quem quer que intercepte só vai ver um bando de números randômicos, ou letras, ou palavras.

— O que leva à pergunta: os mensageiros simplesmente carregam as mensagens, ou vão com as tabelas de decodificação também? Isso é, se eles as estiverem usando... — disse Jack.

Rounds interrompeu:

— Jack, ponha todo mundo a par do que você descobriu sobre esse sujeito...

— Shasif Hadi — respondeu Jack. — Estava em uma lista de distribuição de e-mails que vigiávamos. A conta ISP dele não estava tão isolada quanto as outras. Estamos tentando descascar suas finanças. Se isso vai levar a algo mais do que descobrir em que mercearia ele faz as compras, não sei.

— Sobre os mensageiros — disse Chavez. — O FBI não monitora os viajantes frequentes nas companhias aéreas? Existe alguma maneira de descobrir um padrão

com isso? Descobrir alguma ligação entre o tráfego de e-mails do CRO e padrões de viagem?

Dominic respondeu:

— Você tem ideia de quantas pessoas voam sobre o Atlântico regularmente? Milhares, e o Bureau registra todos. Mas levaria um tempo enorme para verificar apenas um quarto deles. É como se lêssemos um catálogo telefônico oito horas por dia. E, pelo que sabemos, os filhos da mãe podem mandar os CD-ROMs por FedEx ou mesmo pelo correio regular. Uma caixa postal é ótima para esconder alguma coisa.

O laptop de Jerry Rounds tocou um aviso e ele verificou a tela. Leu durante um minuto inteiro, depois disse:

— Isso complica as coisas.

— O quê? — perguntou Jack.

— Temos um resquício de informação sobre a coisa da embaixada em Trípoli. Ding, sem perceber, embolsou um pen drive de um dos bandidos. Ele tem um monte de arquivos JPEG.

— Fotos do esconderijo do Emir?

— Quem dera. Os bandidos estão aumentando as apostas. Estão usando esteganografia.

— O quê?

— Esteganografia. É essencialmente um método de criptografia que consiste em esconder uma mensagem dentro de uma imagem.

— Como tinta invisível.

— Mais ou menos, mas é ainda mais antigo que isso. Na Grécia Antiga costumavam raspar uma porção da cabeça do servo, tatuar a mensagem no crânio, e, após deixar o cabelo crescer de novo, mandá-lo através das linhas inimigas. Aqui estamos falando de fotografias digitais, mas o conceito é o mesmo. Vejam, uma imagem digital é nada mais que um monte de pontinhos coloridos.

— Pixels — contribuiu Chavez.

— Certo. Cada pixel tem um número designado, um valor de vermelho, azul e verde, geralmente entre 0 e 255, dependendo da intensidade. Cada um desses, por sua vez, é armazenado em oito bits, começando em 128 e descendo até 1, caindo pela metade a cada passo, de modo que de 128 passa para 64, 32, e assim por diante. Uma diferença em um, dois ou até mesmo quatro valores na escala RGB é imperceptível para o olho humano...

— Estou ficando perdido — disse Brian. — O ponto principal, por favor.

— Você está basicamente escondendo caracteres dentro de uma foto digital, alterando ligeiramente seus pixels.

— Quanta informação?

— Digamos, uma imagem de 640x480 pixels... Mais ou menos meio milhão de caracteres. Um romance de bom tamanho.

— Droga — murmurou Chavez.



— É mesmo um inferno — disse Jack. — Se estiverem usando esteganografia, provavelmente são suficientemente espertos para manter as mensagens curtas. Estamos falando de mais ou menos uma dúzia de pixels em uma imagem que contém milhões. É a proverbial agulha no palheiro.

— E é difícil fazer essa codificação? — perguntou Chavez. — Há algum modo de recuperar isso por aí?

— Improvável. Existem toneladas de programas em shareware e freeware por aí que fazem isso. Alguns são melhores que outros, mas não é uma coisa especializada. Não precisa ser, quando apenas o remetente e quem recebe a mensagem possuem a chave de decifração.

— E que tal extrair das mensagens? Isso pode ser feito? O que é preciso?

Rounds respondeu:

— No fundo, trata-se de fazer engenharia reversa de cada imagem; desconstruindo, descobrindo que pixels foram alterados e em que medida, e depois extraindo a mensagem.

— Parece coisa da área da NSA — disse Brian. — Nós podemos pescar...

— Não — respondeu Rounds. — Adoraria, pode acreditar, mas interceptar o tráfego deles é uma coisa. Tentar invadir os seus sistemas é outra. De qualquer modo, talvez não precisemos de algo assim tão forte. Jack, existem programas comerciais por aí?

— Sim, mas não sei se têm a capacidade que precisamos. Vou começar a procurar. Se nada funcionar, talvez possamos modelar nosso próprio programa. Verifico isso com Gavin.

— Então essa coisa de Trípoli — perguntou Dominic. — Estou supondo que a consideramos como operação do CRO?

— Certo. Todos os operativos eram de grupos afiliados ao CRO, metade deles de uma célula de Benghazi, a outra metade de fontes diversas.

— Operação mista — declarou Jack. — Por tudo que li, isso é muito incomum para uma ação do CRO. Geralmente eles confiam na integridade de uma célula. Isso tem que significar algo.

— Concordo — disse Rounds. — Vamos retomar a partir daí e ver no que dá. Por que razão quebraram a rotina?

— E onde estão os outros membros de Benghazi? — acrescentou Brian.

— Certo. Muito bem, de volta à esteganografia. A menos que isso seja uma anomalia, temos que supor que é prática padrão do CRO, e pode ser assim já há muito tempo, o que dificulta muitíssimo nosso trabalho. Cada caixa de mensagem e site que o CRO tenha usado ou esteja usando se torna agora uma fonte potencial. Precisamos escarafunchar todos procurando arquivos de imagem: JPEG, GIF, bitmap, PNG, qualquer coisa.

— Vídeos? — indagou Chavez.

— Sim, pode ser feito, mas é mais difícil. Alguns programas de compressão mexem

com os pixels. É melhor nos concentrarmos em imagens fixas e protetores de tela, por enquanto. Vamos pegar tudo que pudermos e começar a dissecar atrás de imagens embutidas.

— Temos que garantir uma base de IP benigna, caso alguém esteja monitorando — sugeriu Jack.

— Que tal falar isso em língua de gente? — disse Brian. — Você sabe, eu sou apenas um marine grande e idiota.

— IP é um protocolo de internet; sabe aquela série de números que você tem na sua rede caseira... assim como 67.165.216.132?

— Sim.

— Se bombardearmos os sites com o mesmo IP e alguém estiver observando, vão saber que estão sendo testados. Vou pedir a Gavin que estabeleça um rodízio aleatório de IPs de modo que pareçamos visitantes regulares. Talvez até mesmo possamos usar como fantasmas alguns sites islâmicos.

— Ótimo — disse Rounds. — Muito bem, vamos continuar. O que mais? Podem jogar na mesa.

— Há como verificar quando as fotos são postadas em um site? — perguntou Dominic.

— Talvez — respondeu Jack. — Por quê?

— Combine as datas de postagens com e-mails, operações conhecidas, esse tipo de coisa. Talvez alguma foto sendo postada dispare um e-mail, ou vice-versa. Talvez haja um padrão que podemos começar a reconhecer.

Jack anotou.

— Boa ideia.

— Vamos fazer suposições — propôs Chavez. — Estamos supondo que o Emir está em algum lugar no Paquistão ou no Afeganistão. Qual foi a última vez que isso foi confirmado?

— Há um ano — respondeu Jack. — Já circulamos isso por aí, a ideia de ele ter se repositicionado ou mesmo mudado sua aparência, mas não há evidências.

— Vamos fingir que há. Por que razão ele mudaria?

— Ou por razões operacionais ou por estarmos chegando perto demais do buraco onde ele se esconde para deixá-lo confortável. — Foi a vez de Rounds responder.

— E para onde iria?

— Eu voto na Europa ocidental — disse Dominic.

— Por quê?

— Fronteiras, em primeiro lugar. Muito mais fácil de se movimentar.

O Tratado de Schengen garantia isso, Jack sabia, tendo padronizado os controles de fronteira e exigências para ingresso entre a maioria das nações da União Europeia, fazendo com que a viagem entre elas fosse quase tão fácil quanto se movimentar entre os estados nos EUA.

— E não se esqueça da moeda — acrescentou Brian. — O euro é aceito

praticamente em todos os lugares. Isso facilita muito movimentar dinheiro e montar casas.

— Supondo que ele não tenha mudado sua aparência, seria muito mais fácil para ele se misturar em algum lugar do sul, no Mediterrâneo: Chipre, Grécia, Itália, Portugal, Espanha...

— Um território bem grande.

— E como fazemos essa triangulação? — perguntou Rounds.

— Seguindo o dinheiro — sugeriu Dominic.

— Já faz um ano que andamos fazendo isso, e Langley também — respondeu Jack.

— A estrutura financeira do CRO faz o labirinto de Cnossos parecer um labirinto de descanso de mesa numa lanchonete.

— Bela referência obscura, primo — soltou Brian, com um sorriso.

— Desculpe. Educação católica. A questão é que, sem uma ponta solta para começar a descascar, acho que o ângulo financeiro não avança. Pelo menos, não por si só.

— Alguém organizou isso? — perguntou Chavez. — Pegar o que sabemos sobre o manejo do dinheiro deles, vincular com o tráfego de e-mail e anúncios em sites, e cruzar essas referências com incidentes?

— Boa questão — respondeu Rounds.

— Ficaria surpreso se o NCTC ou Langley já não tivessem tentado isso. Se tivessem tido um pouco de sorte, o cara já estaria empacotado.

— Talvez — disse Rounds —, mas *nós* não tentamos.

— E, se o Campus não fez, isso não pode ser feito? — sugeriu Brian.

— Exatamente. Vamos supor que eles não tentaram. Ou, assumamos que tentaram, mas do modo errado. O que é preciso para fazer certo?

— Um software desenhado especialmente para isso — respondeu Jack.

— Nós temos as pessoas e o dinheiro. Vamos explorar isso.

— Gavin vai começar a nos odiar — disse Dominic, sorrindo.

— Compre para ele um pacote de biscoitinhos e água mineral — disparou Brian. — Com isso, ele fica bem.

— E se colocarmos os pés no terreno em Trípoli? — disse Dominic, mudando de direção. — Esse trabalho na embaixada não aconteceu em um vácuo. Vamos até lá sacudir essa árvore. Talvez também ir a Benghazi.

Rounds considerou o assunto.

— Vou falar com Sam e Gerry.

Continuaram com o jogo de adivinhas por cerca de uma hora, até Rounds decidir encerrar a reunião.

— Vamos parar por aqui e voltar ao trabalho — disse. — Nos encontramos de novo amanhã de manhã.

Todos saíram, menos Jack, que girou sua cadeira e olhou pela janela.

— Posso ver as engrenagens rodando — disse Chavez da porta.

— Desculpe... o quê?

— É o mesmo olhar que seu pai tem quando a cabeça dele está em marcha rápida.

— Ainda estou brincando do jogo do “se”.

Ding puxou uma cadeira e sentou.

— Mande.

— A pergunta que não fizemos é “por quê?”. Se o Emir saiu do Paquistão ou do Afeganistão para algum lugar desconhecido, por quê? Por que agora? Tanto quanto sabemos, ele não deixou aquela área pelo menos por quatro anos. Estávamos chegando perto demais dele ou foi por outra razão?

— Tal como?

— Não sei. Só tento pensar como ele. Se eu tivesse cozinhando alguma coisa, uma operação realmente grande, ficaria tentado a aumentar o negócio e procurar outro esconderijo, para ter certeza de não ser preso e entregar o ouro para os interrogadores.

— Movimento arriscado.

— Talvez, mas talvez não tão arriscado quanto ficar dando sopa no mesmo lugar, sabendo que estaria aumentando as chances de ser preso. Se você muda e arruma a banca em outro lugar, não apenas permanece livre, como também é capaz de manter a mão na massa.

Chavez ficou em silêncio por um tempo.

— Você tem uma boa cabeça, Jack.

— Obrigado, mas acho que tenho esperança de estar errado quanto a isso. Se não estiver, é possível que algo grande esteja a caminho.

Eles conseguiram sobreviver à tempestade, mas a situação se aproximou de um desastre, com o barco sofrendo até quase o ponto de quebrar. Quatro horas depois de terem entrado na tempestade, saíram pela sua borda ocidental, vendo-se novamente em águas calmas e céu azul. Vitaliy e Vania passaram o restante do dia e parte da noite checando o barco, que levaram até uma praia, à procura de danos, mas não acharam nada que exigisse voltar ao porto. E mesmo que houvesse, Vitaliy imaginou se Fred permitiria. O sacrifício de um de seus homens havia sido um choque para Vitaliy — não tanto pela decisão por si só, mas pela falta de emoção que Fred demonstrara. Era realmente um grupo de homens sérios, muito sérios.

O farol era o objetivo deles, apesar de Vitaliy ainda não ter a menor ideia da razão pela qual alguém desejaria ir até lá. Situado no alto do cabo Morrasale no golfo de Baidaratzkaya, não era uma ajuda importante para a navegação — pelo menos não agora. Antes havia um povoamento, provavelmente uma estação de monitoramento dos testes nucleares em Novaya Zemlya, e alguns pescadores comerciais tentaram se estabelecer por ali, mas se passaram apenas quatro estações antes que homens e barcos mudassem para um terreno melhor. Os mapas mostravam

profundidade de 10 a 12 braças, de modo que havia pouco perigo de encalhar, e, além disso, a maioria dos barcos atualmente tinham GPS fabricados no Ocidente para que navegassem em águas seguras.

Seus passageiros agora verificavam o caminhão, testando o motor e o guindaste. O que eles planejavam fazer deveria tê-lo deixado ofendido, mas Vitaliy não pescava ali, assim como ninguém que conhecesse.

Ele mal podia vez a luz, piscando a cada oito segundos, tal como informava o mapa. Quando chegasse à terra, o farol estaria a menos de 1 quilômetro de distância, por uma estrada cheia de curvas em espiral que levava até o alto do despenhadeiro. Essa seria a parte mais difícil, sabia Vitaliy. As estradas não tinham mais do que 3 metros de largura, o que mal permitia a passagem do GAZ.

*Qual a razão de vir até aqui?*, perguntou-se mais uma vez. O mar já era suficientemente ameaçador, mas a jornada de caminhão por todo aquele deserto não era tarefa para covardes ou irresolutos. Fred e seus homens não deviam levar mais que dez minutos para chegar ao farol, mas ele informou a Vitaliy que passariam o dia todo fora, talvez até precisassem pernoitar. O que poderiam fazer para que demorassem tanto? Vitaliy não deu bola para a questão, pois não era trabalho seu pensar nisso. Seu trabalho era apenas pilotar o barco.

O mar parecia liso como vidro, e era difícil escutar o marulho das ondas nas bordas de aço do seu barco de desembarque. No convés, os homens que o fretaram preparavam café em um pequeno fogão a gasolina que trouxeram consigo.

O ronco dos motores a diesel aumentou quando Vitaliy os colocou em reverso para sair da praia de cascalhos. Depois de 100 metros, girou o timão para endireitar o barco e consultou a bússola giroscópica para corrigir o rumo, desta vez apumando para zero-três-cinco.

Vitaliy levantou o binóculo e vasculhou o horizonte. Não havia nada à vista que não tivesse sido colocada ali por Deus, salvo uma ou duas balizas. No inverno, o gelo muitas vezes as varria para a costa ou as esmagava, afundando-as, e a Marinha não se dava ao trabalho de substituí-las como deveria, afinal ninguém aparecia por ali navegando em barcos de grande calado. Outro indicador do quanto estavam enfiados nos cafundós.

Quatro horas depois ele abriu a janela lateral e avisou:

— Atenção! Atracação em cinco minutos. — Apontou para seu relógio e levantou cinco dedos. Fred acenou de volta. Dois membros do grupo foram até o caminhão para ligar o motor, enquanto outros dois começaram a jogar as mochilas na carroceria.

Observando pela janela, seu olhar escolheu um lugar para aportar, e para lá se dirigiu a cerca de 5 nós, o suficiente para chegar à praia, mas sem muita força para que a proa não se prendesse nas pedras.

A uns 50 metros de distância ele inconscientemente se preparou para o choque e desligou a hélice. Mas dificilmente tinha com o que se preocupar. O T-4 bateu no fundo, não muito duro, e rapidamente parou com o ruído de aço sobre cascalhos.

— Lanço a âncora? — perguntou Vanya. Havia uma de tamanho razoável na popa para puxar o barco para longe de algum litoral pegajoso.

— Não, a maré está baixa, não é? — respondeu Vitaliy.

Ele colocou os motores em ponto morto e foi até a alavanca de controle da rampa, soltando o mecanismo hidráulico. A rampa caiu com seu próprio peso na praia. A faixa de areia tinha uma pendente bem acentuada, ao que parecia. A água mal espirrou quando a rampa desceu. Um dos homens subiu na boleia do GAZ e avançou, as luzes de freio piscando enquanto ele navegava sobre a rampa, e depois saiu pelo cascalho, a corrente do guindaste balançando na ponta como a tromba de um elefante de circo. O caminhão finalmente parou. Fred e os demais caminharam pela rampa até a praia — menos um, percebeu Vitaliy, que ficou de pé na ponta da rampa.

Vitaliy saiu da cabine e foi até a frente.

— Você não vai levar esse aqui? — perguntou a Fred.

— Ele fica aí para lhe dar uma ajuda caso seja necessário.

— Não é preciso. Nós nos viramos.

Como resposta, Fred simplesmente sorriu e levantou a mão em um aceno.

— Voltaremos.



Clark considerava um sinal do avanço da idade o fato de estar cada vez mais intolerante a viagens aéreas. As poltronas apertadas, a comida ruim, o barulho... A única coisa que tornava aquilo razoavelmente tolerável eram os fones Bose de cancelamento de ruído, um travesseiro-ferradura que ganhara em um Natal, e alguns comprimidos de Lorax que Sandy lhe dera para a viagem. Por sua vez, Chavez estava na poltrona da janela, olhos fechados enquanto escutava música em seu iPod Nano. Pelo menos a poltrona entre os dois estava vazia, o que lhes dava um pouco mais de espaço para os cotovelos.

Depois de sua conversa com Hendley e Granger, ele procurara Ding e o colocara a par, depois ligou para o celular de Mary Pat, combinando de encontrá-la em sua casa no final da tarde. A pedido da própria, chegou mais cedo e ficou papeando com Ed por uma hora antes de ela chegar. Enquanto Ed preparava o jantar, Clark e Mary Pat foram para o pátio dos fundos com um par de cervejas.

Ignorando o aviso de Hendley de “lidar com cuidado”, Clark colocou suas cartas na mesa. Os dois se conheciam havia muito tempo para que pudesse ser diferente. Mary Pat nem piscou.

— Então Jack arranjou a coisa, não é? Sempre me perguntei se ele faria mesmo isso. Coisa boa o que ele fez. Bem, eles não perderam tempo para agarrar vocês dois, hein? Quem lhe deu a dica?

— Jimmy Hardesty, uns dez minutos depois que Alden nos botou para fora. Acontece, Mary Pat, que acho que tentamos decifrar a mesma charada. Se você não estiver de acordo em compartilhar as informações que conseguimos...

— E por que não estaria?

— Para início de conversa, estaríamos infringindo pelo menos três leis federais. E você arriscaria a ira dos Alden lá de Langley.

— Se nós conseguirmos pegar esse babaca, ou pelo menos chegarmos um pouco mais perto disso, por mim está tudo bem. — Mary Pat bebeu um gole de cerveja e olhou de soslaio para Clark. — Isso significa que Hendley está pagando a conta?

Clark deu um risinho.

— Digamos que é um gesto de boa vontade. Então, como vai ser? Apenas um

negócio ou o começo de uma maravilhosa amizade?

— Compartilhar tudo — respondeu Mary Pat. — Dane-se a burocracia. Se tivermos que encostar nossas cabecinhas para pegar o sujeito, que assim seja. É claro — acrescentou sorrindo —, vamos ter que ficar com o crédito, considerando que vocês não existem.

Meio comprimido de Lorax e uma cerveja ajudaram Clark a passar as últimas cinco horas do voo em um sono profundo e sem perturbações. Quando o avião bateu os pneus no aeroporto de Peshawar, ele abriu os olhos e observou ao redor. A seu lado, Chavez enfiava o iPod e um livro na bolsa.

— Hora de trabalhar, chefe.

— Vamos lá.

Sem surpreender nenhum dos dois, as filas de passagem pela imigração e pela alfândega do aeroporto prosseguiram lentamente, mas sem incidentes. Uma hora depois de chegarem ao terminal, os dois estavam lá fora no meio-fio da área de transporte terrestre. Quando Clark levantou a mão para chamar um táxi, uma voz com sotaque falou atrás deles:

— Aconselharia não fazer isso, cavalheiros.

Clark e Chavez se viraram para observar um homem magricela de cabelos brancos vestindo um termo azul-escuro e um chapéu branco de abas largas atrás deles.

— Aqui os táxis são armadilhas mortais.

— Você deve ser o Sr. Embling — disse Clark.

— De fato.

Clark se apresentou e fez o mesmo por Chavez, usando apenas os nomes de batismo.

— Como você...

— Um amigo mandou um e-mail com as informações de seu voo. Depois foi só procurar dois sujeitos com o ar adequado. Nada óbvio, veja bem, mas já desenvolvi uma espécie de... radar; acho que chamaria assim. Vamos?

Embling os levou até um Range Rover verde com vidros escurecidos, estacionado mais adiante. Clark ficou no assento do passageiro, e Chavez foi para o banco de trás. Logo estavam em meio ao trânsito.

Clark disse:

— Desculpe, mas seu sotaque...

— Holandês. Uma regressão do meu tempo de serviço. Existe uma população significativa de muçulmanos na Holanda, sabe, e são realmente bem-tratados. É mais fácil fazer amigos, e permanecer vivo, passando por holandês. É um caso de



autopreservação, percebem. E a cobertura de vocês?

— Escritor freelance canadense e fotógrafo. Material especial para a *National Geographic*.

— Funciona em curto prazo, acho. O truque para se misturar é parecer que faz tempo que andam por aqui.

— E como você faz isso? — perguntou Chavez.

— Parecendo assustado e desestimulado, meu rapaz. Recentemente, isso se tornou o passatempo favorito dos paquistaneses.

— Que tal uma volta rápida pelos pontos quentes? — perguntou Embling alguns minutos depois. Iam na direção leste pela Jamrud Fort Road, em direção ao coração da cidade. — Um pouco do quem é quem em Peshawar?

— Claro — respondeu Clark.

Passados dez minutos, saíram da Jamrud e foram para o sul na Bacha Kan.

— Aqui é Hayatabad, a versão de Peshawar do South Central da Los Angeles de vocês. Densamente habitada, empobrecida, pouca presença da polícia, drogas, crimes de rua...

— E pouca obediência às regras de trânsito — disse Chavez, acenando pela janela para a corrente de carros, caminhões, carretas puxadas por homens e bicicletas motorizadas que ziguezagueavam entre si.

— Nenhuma regra, receio. Atropelamentos com fuga por aqui são quase um esporte nacional. Alguns anos atrás, a cidade fez algum esforço para melhorar esse bairro, sabe, mas não conseguiram muita coisa.

— Mau sinal quando a polícia deixa de aparecer — observou Clark.

— Oh, mas eles aparecem. Dois ou três carros passam duas vezes por dia, mas a menos que vejam um assassinato acontecendo, raramente param. Só na semana passada perderam dois carros e dois policiais. E quando eu digo “perderam”, quero dizer que desapareceram.

— Meu Deus do céu! — disse Chavez.

— Não dá as caras por aqui — murmurou Embling.

Nos dez minutos seguintes eles entraram ainda mais em Hayatabad. As ruas foram se tornando cada vez mais estreitas e as casas, mais decrepitas, até passarem por choças de metal corrugado e cartolina impermeável. Olhares vazios observavam o Range Rover de Embling de portais sombrios. Em cada esquina, grupos de homens se amontoavam, fumando o que Clark supunha não ser tabaco. O lixo se amontoava nas calçadas e escorria pelo pavimento, empurrado por redemoinhos.

— Eu me sentiria muito mais confortável se estivesse armado — murmurou Chavez.

— Não se preocupe, meu rapaz. Por sorte, o Grupo de Serviços Especiais do Exército gosta muito de Range Rovers com vidros escurecidos. De fato, se olhar para

trás agora vai ver um homem correndo pela rua.

Chavez se virou:

— Estou vendo.

— Quando chegarmos à próxima rua, vamos encontrar portas sendo batidas.

John Clark sorriu.

— Sr. Embling, percebo que estamos com a pessoa certa.

— Gentileza sua. E o nome é Nigel, aliás.

Deram mais uma volta e entraram em uma rua com uma mistura de lojas de blocos de concreto e residências de vários andares construídas com tijolos crus e madeira, e onde muitas fachadas estavam enegrecidas pelo fogo, com marcas de balas, ou ambas as coisas.

— Bem-vindos ao paraíso dos extremistas — anunciou Embling.

Apontava para edifícios quando passavam, recitando o nome de grupos terroristas — Lashkar-e-Omar, Tehreek-e-Jafaria Paquistão, Sipah-e-Muhammad Paquistão, Nadeem Commando, Frente Popular de Resistência Armada, Harkat-ul-Mujahideen al-Alami — até darem outra volta, onde a lista continuava.

— Nenhum desses é a sede oficial, claro — disse. — Mas, sim, algo semelhante a clubes, ou fraternidades. De vez em quando a polícia ou o Exército dá uma batida. Às vezes, o grupo visado desaparece completamente. Às vezes, estão de volta no dia seguinte.

— Quantos ao todo? — perguntou Clark.

— Oficialmente... quase quarenta, e o número só cresce. O problema é que quem faz a contagem é a ISI — respondeu, referindo-se à Diretório para os Interserviços de Inteligência, o equivalente paquistanês da CIA. — A inteligência militar também realiza algum controle. É a proverbial raposa guardando o galinheiro. A maior parte desses grupos recebe fundos, recursos ou inteligência da ISI. O negócio é tão enrolado que duvido que ela ainda esteja controlando a catraca.

— Aqueles danos por aí — disse Chavez. — São das batidas policiais?

— Não, não. Isso é trabalho do Conselho Revolucionário Omíada. Sem dúvida eles são os mandachuvas do pedaço. Cada vez que um desses peixinhos nada no poço errado, o CRO vem e engole, e, ao contrário das autoridades locais, quando isso acontece, o grupo some de vez.

— Isso é sintomático — respondeu Clark.

— Realmente.

Eles viram pelo para-brisas uma coluna de fumaça subindo a alguns quilômetros de distância. Logo depois sentiram estouros da explosão no estômago.

— Carro-bomba — disse Embling despreocupado. — A média por aqui é de três por dia, mais um par de ataques de morteiro para arrematar. Ao anoitecer é que as coisas ficam realmente interessantes. Acredito que vocês consigam dormir ouvindo

tiroteio, certo?

— Já passamos por isso — respondeu Clark. — Tenho que lhe dizer, Sr. Embling, que você pinta um quadro negro de Peshawar.

— Então lhes dei um quadro preciso. Volta e meia ando por aqui por quase quatro décadas, e na minha avaliação o Paquistão está em um momento crucial. Mais um ou dois anos e saberemos, mas o país está mais perto de se tornar um Estado falido do que jamais esteve em vinte anos.

— Um Estado falido com armas nucleares — acrescentou Clark.

— Certo.

— E por que você fica aqui? — perguntou Chavez.

— Porque é o meu lar.

Alguns minutos depois, Chavez disse:

— Voltando para Hayatabad... O que me pergunto é: quem *não* vive lá?

— E essa é uma boa pergunta — disse Embling. — Ainda que seja uma medida subjetiva, os três maiores atores aqui, que são o CRO, o Lashkar-e-Taiba e o Sipah-e-Sahaba, anteriormente conhecido como Anjuman, geralmente estão agrupados em volta do acantonamento militar de Peshawar, a Cidade Velha, e na área de Saddar. Quanto mais perto do acantonamento estejam, mais dominantes são. Quem atualmente tem esse título é o CRO.

— Por sorte, estamos interessados primariamente nessas áreas — disse Clark.

— Imaginei. — Um sorriso de Embling. — Minha casa é logo fora do acantonamento, perto do forte Balahisar. Vamos ter um almocinho e falar de negócios.

Mahmood, o doméstico de Embling — um termo que Clark tinha dificuldade para fazer sua cabeça entender completamente, apesar de saber que era comum por ali —, serviu a eles um almoço de *raita*, uma salada de iogurte e vegetais; lentilhas cozidas; e *kheer*, um pudim de arroz, que Chavez imediatamente adorou devorar.

— Qual é a história do rapaz? — perguntou Clark.

— A família dele foi assassinada naqueles dias ruins que se seguiram ao assassinato de Bhutto. Ano que vem irá para Harrow, em Middlesex.

— Está fazendo uma boa coisa, Nigel — disse Chavez. — Você não tem nenhum...

— Não. — Seco.

— Desculpe. Não pretendia enfiar o nariz nos seus assuntos.

— Não precisa se desculpar. Perdi minha esposa em 1979, quando os soviéticos invadiram. Lugar errado, hora errada. Quem quer chá? — Depois de servir uma xícara para cada um, disse: — O que teremos, cavalheiros? Pessoa, lugar, ou coisa? De que vocês estão atrás, quero dizer.

— Para começar, um lugar. Na verdade, lugares — respondeu Clark. Tirou da pasta uma ampliação digital do mapa Baedeker, empurrou para o lado xícaras e pratos, e o abriu sobre a mesa. — Se você olhar de perto...

— Locais de troca — interrompeu Embling. Observou as expressões atônitas de Clark e Chavez e sorriu. — Nos antigos dias da espionagem, cavalheiros, locais de troca eram o nosso pão com manteiga. Três pontos para ponto de entrega; quatro para recolhimento?

— Reverta isso.

— O quão recente é o mapa?

— Não tenho ideia.

— Então não temos como saber se os pontos ainda estão ativos. Onde vocês...

— Nas montanhas — respondeu Chavez.

— Em um lugar escuro e úmido, suponho. Os proprietários anteriores... estavam presentes?

Clark assentiu.

— E fizeram todo o possível para destruí-lo.

— É um ponto a nosso favor. A menos que eu esteja desatualizado, os três pontinhos representam tanto um lugar de recolhimento quanto um sinal para o próximo recolhimento.

— Também achamos isso — respondeu Clark.

— Vocês estão interessados no que está sendo deixado e recolhido, ou em quem faz cada uma ou as duas coisas?

— Em quem.

— E vocês conhecem o sinal?

— Não.

— Bem, provavelmente essa é a menor de nossas preocupações.

— Como assim? — perguntou Chavez.

— Não estamos muito interessados na correção do sinal e sim em identificar quem se interessa por ele. Nesse caso, temos que escolher cuidadosamente nossa localização.

— Embling ficou em silêncio, estalando a língua e olhando o mapa. — Aqui vai minha sugestão. Aproveitamos a tarde para fazer uma campana...

— Uma o quê? — perguntou Chavez.

— Reconhecimento.

— Devo ter perdido a palavra quando andei por lá.

— Passamos algum tempo em Hereford — explicou Clark a Embling.

— Uma turma bem sombria — respondeu Embling. — É bom ver que vocês não perderam o sorriso. Muito bem, deixaremos os senhores confortáveis com o território, e amanhã começamos a jogar iscas. Se não, temo que hoje possamos perder a luz do dia.

Apesar de a maior parte dos pontos estar bem fora do acantonamento, decidiram se concentrar nos quatro dentro da Cidade Velha, primeiro passando de carro pelo perímetro, seguindo mais ou menos a muralha que encerrava o local até meados dos anos 1950.

— Havia 16 portões na muralha, completos com torreões e bastiões para arqueiros — disse Embling, apontando para fora da janela de passageiros. — De fato, em persa, *Peshawar* quer dizer “O Forte Alto”.

Clark gostou de Embling, em parte porque durante seu período com a Rainbow ele chegara a conhecer um pouco melhor a mentalidade britânica, e em parte por ele ser um personagem autêntico — com ênfase nesse último aspecto. Dada a maneira como se entusiasmava ao falar de Peshawar, Clark meio que imaginava se o sujeito não havia nascido cem anos atrasado. Nigel Embling estaria bem à vontade ali durante a época do domínio britânico.

Embling achou um lugar para estacionar perto do Lady Reading Hospital, onde desceram e caminharam para dentro da Cidade Velha. As ruas do acantonamento fervilhavam de atividade: corpos, movendo-se ombro a ombro, saíam e entravam de becos e debaixo de toldos de lona; crianças olhavam os passantes através de barras de ferro nos balcões no alto das casas. O cheiro de carne assada e tabaco forte enchia o ar, juntamente com a Babel de vozes misturadas falando em urdu, punjabi e pashtun.

Depois de caminhar alguns minutos, entraram numa grande praça.

— Chowk Yadgaar — anunciou Embling. — Todos os pontos de entrega estão a menos de 1 quilômetro desta praça.

— Escolhida provavelmente por causa da multidão — disse Chavez. — Difícil de ser visto, fácil de desaparecer.

— Outra observação astuta, jovem Domingo — disse Embling.

— Tenho meus momentos.

Clark disse:

— Vamos nos separar e checar os pontos. Nos encontramos aqui de novo em uma hora. — Decidiram quem iria para cada ponto e se separaram.

Encontraram-se novamente e compararam suas anotações. Dois dos pontos — um dentro de um pequeno pátio entre o bazar dos joalheiros e a mesquita Mahabbat Khan, e outro em um beco perto do local do Portão Kohati — mostravam leves traços de uma marca de giz, o padrão-ouro para sinalizar pontos de recolhimento desde a Guerra Fria. O giz desbotava facilmente e era facilmente tomado por brincadeira de crianças. Clark tirou o mapa, e Embling verificou as duas localizações.

— Portão Kohati — disse. — Mais fácil de vigiar, e o lugar mais próximo da saída do acantonamento.

— Feito — disse Clark.

— Ainda é cedo — declarou Embling. — Vocês se interessam por críquete?



Sem querer arriscar serem vistos colocando a marca do recolhimento, Clark e Chavez despertaram na manhã seguinte bem antes de o sol nascer e viram que Embling já estava de pé, fazendo café e preparando uma frascadeira com rações para o dia. Assim munidos, dirigiram-se para o acantonamento, dessa vez no outro carro de Embling, um Honda City 2002 azul, malconservado, e chegaram em Chowk Yadgaar 15 minutos depois, separando-se na escuridão de antes do amanhecer: Chavez e Clark fazendo uma caminhada para se familiarizar novamente com a área e testar os rádios portáteis com o fone de ouvido, o microfone e o sistema “aperte para falar” com que Gavin Biery os equipara; Embling vigiando o local do Portão Kohati e colocando a marca. Quarenta minutos depois, todos se encontraram em Chowk Yadgaar.

— Tenham em mente — disse Embling — que há um posto policial a poucas centenas de metros abaixo da praça. Se forem detidos... — Parou e riu. — Olhem só para mim, tagarelando. Imagino que vocês dois já fizeram esse tipo de coisas antes.

— Uma ou duas vezes — disse Clark. *Ou cem.* Operar pontos de entrega não era uma tarefa assim tão comum, mas os métodos universais de vigilância e contravigilância ainda se aplicavam. Como esperavam pelo adversário em vez de segui-lo, a distração seria o inimigo mais poderoso. Distraia-se, perca o foco, deixe passar alguma coisa. No fundo da mente de Clark um relógio contava o tempo: quanto tempo permaneceriam em Peshawar esperando alguém que verificasse o ponto antes de decidir que a rede estava morta?

— Então, tudo certo — disse Nigel. — Vou estacionar o carro mais perto do Portão Kohati. Estou com o celular ligado.

Quando os primeiros camelôs chegaram para levantar seus toldos e montar quiosques e mesinhas, Chavez assumiu o primeiro turno.

— Posicionado — emitiu ele pelo rádio.

— Entendido — respondeu Clark pelo microfone no colarinho. — Me avise quando Nigel passar.

Dez minutos transcorreram.

— Já o vi. Acabou de passar pelo Portão Kohati. Está estacionando.  
Agora a gente espera, pensou Clark.

Enquanto a Cidade Velha se enchia de movimento e os turistas e locais começavam a afluir, Clark, Chavez e Embling se revezavam pela área do Portão Kohati, fluidamente e sem nem mesmo trocar um olhar, transferindo a vigilância para o seguinte, que fazia o melhor possível para passar o tempo sem parecer óbvio: parando pelos quiosques para regatear com os proprietários o preço de um colar ou de um camelo esculpido em madeira, fotografando a arquitetura, e falando eventualmente com algum local que se interessasse por saber de onde era e o que o levava até Peshawar — e durante todo o tempo mantendo metade de sua atenção focada na marca de giz feita no tijolo de argila na parede do beco no lado oposto ao portão.

Às onze e quinze, Clark, que estava de turno, sentiu um tapinha no ombro e deu de cara com um policial.

— Americano? — perguntou a Clark em um inglês arrevesado.

Clark respondeu com um sorriso de simpatia:

— Não, canadense.

— Passaporte. — Clark entregou. O policial o examinou por trinta segundos, fechou e o devolveu. Apontou para a câmera digital de Clark. — Que fotos?

— Desculpe?

— Você fotografa. O quê?

Clark acenou para os edifícios próximos.

— Arquitetura. Trabalho para a *National Geographic*. Estamos fazendo uma matéria sobre Peshawar.

— Você tem permissão?

— Não sabia que precisava de uma.

— Permissão.

Clark compreendeu. *Baksheesh*. No mundo muçulmano, o termo significava tanto esmola para mendigos, gorjetas, ou suborno, o que era o caso ali.

— Quando custa a permissão?

O policial olhou Clark de cima a baixo, avaliando o quanto valia.

— Mil e quinhentas rupias.

Cerca de 20 dólares. Clark tirou um maço de notas amarrotadas do bolso “leve” e entregou três notas de 500 rupias.

— Só este dia ficar aqui?

— Talvez volte amanhã — respondeu Clark com um sorriso amistososo. — Posso pagar adiantado pela permissão?

A oferta provocou um sorriso no rosto do policial, que até então permanecia sério.



— Claro que sim.

— Há desconto para pagamento adiantado? — A maioria dos comerciantes paquistaneses ficavam ligeiramente ofendidos se as vítimas não regateassem um pouco.

— Mil e quatrocentas rupias.

— Mil e duzentas.

Depois, previsivelmente:

— Mil e trezentas.

Clark entregou as notas, o policial assentiu e deu no pé.

— O que ele queria, chefe? — Chavez perguntou pelo rádio de algum lugar não visível.

— Me extorquir. Tudo bem.

A voz de Embling:

— Temos um peixe beliscando, John.

Clark levantou a câmera e, olhando pelo visor, virou vagarosamente, como um turista procurando uma boa foto, até que o beco e o Portão Kohati estivessem enquadrados. Um garoto de 7 ou 8 anos, usando roupas imundas de lona branca e uma camiseta azul da Pepsi, estava inclinado ao lado do tijolo com a marca. Depois de um instante, cuspiu nas mãos e esfregou vigorosamente até limpá-lo.

— E mordeu — informou Clark. — Está saindo pelo portão. Calça branca, camiseta azul da Pepsi.

— Estou a caminho — acrescentou Chavez.

— Indo para o carro — relatou Embling. — Encontro vocês lá fora.

Chavez alcançou Clark, que tinha acabado de chegar ao lado de fora do portão, em menos de um minuto.

— Ele desceu a rua. Do nosso lado, acabou de passar pelo Opel azul.

— Estou vendo.

Embling ligou o Honda e os dois entraram. O inglês saiu, virou para evitar um caminhão de entrega que se aproximava do portão, acelerou forte por cinco segundos e depois voltou para o limite de velocidade quando se aproximaram e ultrapassaram o garoto. Embling entrou na primeira à direita, adentrou uns 30 metros pela rua lateral e fez um retorno rápido e retornou para o cruzamento, parando a uns 10 metros. Pela janela, puderam ver o garoto virar à esquerda ainda na sua rua, cruzando-a diagonalmente num trote e entrando em uma tabacaria.

— Vou lá — disse Chavez no banco traseiro, estendendo a mão para a maçaneta.

— Espere — murmurou Embling, olhar fixado na loja.

— Por quê?

— Seja lá para quem ele trabalhe, provavelmente tem outros à disposição. É um hábito local; pequenos mensageiros para tarefas sem importância.

Sessenta segundos depois, o garoto reapareceu na calçada. Olhou para os dois lados, depois chamou um homem sentado em um banco duas portas abaixo. O

homem respondeu alguma coisa e apontou diretamente para o Honda de Embling.

— Virada desalentadora — disse Embling.

Clark respondeu com calma:

— Não se ele vier em nossa direção. Se estivermos queimados, ele vai para o lado oposto.

Não foi. Dando uma arrancada, correndo e se esquivando de uma corrente de carros buzinando e desviando, o garoto cruzou as ruas e passou bem ao lado deles. Do assento traseiro, Chavez disse:

— Um quarteirão mais para cima, virou para leste.

Nigel engatou o carro e foi até o semáforo, esperando por uma brecha no trânsito. Quando apareceu, dobrou à esquerda.

— Aqui vamos paralelos a ele por dois quarteirões. — Na parada seguinte, ele dobrou à direita e depois à esquerda, e parou diante do playground de uma escola.

— Já o vi — disse Clark, com o olhar fixado no retrovisor lateral.

O garoto se enfiou por uma porta coberta por um toldo vermelho e voltou alguns segundos depois com outro rapaz, esse já adolescente, de cabelos negros crespos e um casaco de couro. Enquanto o primeiro garoto falava e gesticulava, o adolescente foi até um posto próximo e começou a abrir uma corrente com cadeado que protegia uma mobinete amarela.

— Boa jogada, Nigel — disse Clark.

— Veremos. Esses garotos com mobinetes por aqui acham que manejam motocicletas de corrida.

Aquele, logo perceberam, não era exceção. Apesar de sua velocidade máxima não ultrapassar os 40 quilômetros por hora, o adolescente costurava pelo meio do trânsito com uma irregularidade aparente que fez Clark se lembrar de uma pipa em dia de vento. Por sua vez, Nigel não seguia o motociclista em todas as suas mudanças de faixa. Em vez disso, continuava em frente, sempre mantendo a mobinete amarela à vista e mudando de pista só quando se fazia necessário.

O adolescente seguiu rumo sudoeste para fora do acantonamento, primeiro pela estrada de Bara, depois para noroeste, passando pelo viaduto do anel viário. As placas de rua, escritas em urdu, eram indecifráveis para Clark e Chavez, mas Embling comentava o trajeto.

— Cruzando o canal Cabul — anunciou.

— Estamos nos aproximando de Hayatabad, não é? — perguntou Chavez.

— Boa observação. Sim, estamos. Mais uns 5 quilômetros. Chegando a Gul Mohar.

No último momento, a mobinete dobrou à direita cruzando duas pistas e pegou a saída. Embling, que já estava na pista direita, simplesmente ligou o pisca-pisca e entrou.

Nos vinte minutos seguintes, o adolescente fez o que só podia ser um trajeto de precauções — e fez um trabalho bem decente nesse sentido, Clark teve que admitir. Passaram pela Universidade de Peshawar, pelos escritórios do Departamento de Turismo, e pelo Cemitério Inglês, até que finalmente o garoto seguiu para norte pela estrada de Pajjagi, passou pelo Clube de Golfe de Peshawar, e mais uma vez cruzou o canal Cabul. Logo estavam nos arredores da cidade. Campos irrigados apareciam à direita e à esquerda deles. Embling diminuiu a velocidade até a mobilete se tornar apenas uma mancha de amarelo brilhante.

Depois de 10 quilômetros, a mobilete dobrou para oeste e seguiu por uma estrada sinuosa e arborizada antes de se enfiar numa estreita entrada para carros. Embling parou a algumas centenas de metros antes, fez a volta e desligou o motor. Esperaram. Assim tão longe da cidade não havia buzinas tocando nem motores acelerando. Os minutos tiquetaqueavam até passar meia hora.

O barulho de um motor desceu pela estrada. Embling ligou o carro e acelerou até outra entrada, a uns 500 metros dali, e entrou, descendo por uma estrada de terra até que a via principal mal fosse visível pela janela traseira. Adiante havia um celeiro velho, o telhado parcialmente destruído. Chavez se virou no banco. Um instante mais tarde, a cabeça do rapaz passou pela janela.

— Você é quem manda, John.

— Deixa ele ir. Acho que encontramos o que procurávamos. Se o garoto for verificar o ponto de recolhimento, logo mais vai estar de volta.

E voltou, quarenta minutos depois, passando disparado pela entrada onde estavam. Um pouco depois, o motor da mobilete se silenciou.

— Diria que você encontrou sua presa — disse Embling.

Clark assentiu.

— Vamos passar por lá de carro e ver o que for possível.

Uma hora mais tarde, de volta à casa de Embling, Clark e Chavez tomavam chá enquanto seu anfitrião fazia três chamadas telefônicas falando rápido em urdu. Desligou e disse:

— É uma empresa de segurança particular.

— Eu me pergunto do quem ele tem medo.

O que eles viram quando passaram foi uma van branca com um cartaz branco e vermelho, parada na estrada de terra e, próxima a ela, uma casa de fazenda de dois andares.

— Isso eu não sei, nem consegui descobrir o nome do cliente. A empresa foi contratada há pouco tempo, entretanto. De fato, na semana passada. Dois homens por turno, cobertura 24 horas.

Clark verificou o relógio. O pôr do sol seria dali a cinco horas. Olhou para Chavez, que já havia lido a mente de seu parceiro.

— Vamos lá pegá-lo.

— Nigel, suponho que você não tenha ferramentas...

— Tenho sim. De fato, um belo conjunto.



Duas horas depois do pôr do sol, Clark enfiou o Honda de Embling na entrada do celeiro abandonado. Deixou em ponto morto, desligou o motor, e permitiu que o impulso fizesse o carro descer pela pendente até a sombra ao lado da parede da construção. Quando o carro parou, Clark engrenou na primeira, Chavez desligou a luz interna e os dois desceram.

Nigel não havia exagerado o tamanho de seu esconderijo de armas, que guardava num velho baú de navio no seu vestiário. Eles escolheram um par de pistolas SIG Sauer P226 9 milímetros, com silenciador. Armamento de mão padrão para o SAS britânico. Os dois tinham passado muitas horas no estande de tiros com a P226. Por insistência de Embling, cada um pegou também um cassete de couro e chumbo.

— Nunca se sabe quando é preciso ter um momento de misericórdia — disse ele, com um sorriso.

Chavez sussurrou:

— Qual é o plano?

— Provavelmente um guarda do lado de fora, parado ou patrulhando, e outro lá dentro. Abatemos o primeiro e depois lidamos com o outro quando o momento chegar. Ding, primeiro experimente o cassete. Quanto menos cadáveres deixarmos, melhor.

— Por mim, tudo bem.

Os dois se separaram, Clark indo para oeste através das árvores atrás do celeiro e Chavez seguindo a vala de drenagem que margeava a estrada principal.

— Posicionado. — Clark escutou pelo fone de ouvido.

*Essa foi rápida,* pensou ele. *Ah, ser jovem mais uma vez.*

— Aguarde aí.

Ele se demorou na movimentação entre os arbustos, verificando cuidadosamente galhos baixos ou no chão que pudessem denunciar sua posição no escuro. Depois de uns 400 metros, as árvores começaram a diminuir, e logo ele se viu na ponta norte do retorno, a 25 metros do outro lado da entrada.

— Posicionado — sussurrou. — Onde está você?

— No fim da vala de drenagem, perto do acostamento da entrada.

— Vejo uma sentinela. Sentada numa cadeira de jardim diante do para-choque da van.

— Pode repetir?

— Sentado numa cadeira de jardim, fumando, olhando na minha direção. — Quem os contratara não estava recebendo pelo que pagou. — Tem uma Type 56 encostada no para-choque à direita dele. — O Type 56 era uma cópia chinesa do AK-47. Não tinha a mesma qualidade, mas certamente era de se preocupar.

Chavez disse:

— Vejo uma luz acesa, andar de baixo, do meu lado.

— Aqui tudo escuro. Sem movimentos. Avance quando estiver pronto.

— Entendido.

Mesmo sabendo que Ding estava se movimentando, Clark não o localizou até estar a 3 metros do para-choque traseiro da van. *Os ninjas são os donos da noite* era o lema da antiga unidade de Chavez. E ele ainda fazia justiça a isso, sabia Clark.

Chavez alcançou o para-choque, deu uma olhada pelo lado e caiu de cócoras para esperar.

— Ainda nada — sussurrou Clark depois de um minuto.

Recebeu um clique duplo de *entendido* como resposta.

Chavez recuou, movimentando-se pelo outro lado da van, fora de vista. Dez segundos depois, uma sombra apareceu ao lado do guarda sentado. Um dos braços se levantou para trás e desceu. O guarda caiu para a frente, deslizando de lado pela grade do radiador da van. Chavez o puxou de volta e apagou o cigarro caído no chão.

— Apagado.

— Entendido. Movendo.

Os dois se encontraram nas sombras da parede sul da casa. A varanda e a porta da frente estavam à sua esquerda. Com Clark adiante, os dois deslizaram até avistar a entrada. A porta interna estava aberta, mas a entrada com tela estava fechada. Subiram na varanda e se posicionaram a cada lado da porta. Podiam agora ouvir o ruído longínquo de uma televisão dentro da casa. Clark, ao lado da maçaneta, estendeu a mão e a experimentou. Trancada. Pegou seu canivete no bolso de trás da calça e, gentil e cuidadosamente, enfiou a ponta no arame até fazer uma abertura de uns 15 centímetros. Fechou o canivete e o colocou de volta no bolso, depois passou a mão e foi tateando até achar o que procurava. Um suave *clique*. Retirou a mão e ficou imóvel por um minuto.

Clark acenou para Chavez, que retribuiu, e depois veio andando de cócoras, passando pela porta e se posicionando atrás dele, que estendeu o braço e girou a maçaneta. Abriu a porta cerca de 2 centímetros, parou, depois abriu mais uns 5. Independentemente da idade ou das condições, portas de tela sempre tendem a estalar.

Talvez seja a exposição aos elementos.

Aquela porta não desapontou. No meio do caminho as dobradiças rangeram. Clark se imobilizou. Chavez avançou para poder observar por baixo do braço estendido de Clark para dentro da casa. Recuou e assinalou *limpo*. Centímetro a centímetro, vagarosamente, Clark abriu a porta até o fim. Entrou com a arma à frente. Chavez segurou a porta e o seguiu, fechando-a cuidadosamente atrás de si sem provocar mais que outro barulho metálico.

Estavam na cozinha. Balcões de madeira, armários e uma pia à esquerda, mesa de jantar redonda no centro. Uma passagem arqueada à direita levava a outra sala. Chavez verificou e apontou o polegar para cima. Entraram no que evidentemente era uma sala de estar. À direita, escadas levavam ao segundo andar. Adiante, um saguão pequeno. Era dali que vinha o ruído de televisão. Cada um em uma parede, os dois se movimentaram pelo corredor, avançando e pausando, avançando e pausando, até chegarem a 3 metros da porta aberta. Clark percebeu lá dentro a luz azul-acinzentada da televisão refletindo nas paredes.

Clark percorreu o restante da distância e tomou posição ao lado da maçaneta. Acenou para Ding, que veio pela parede da direita até ter um ângulo por onde podia ver além da porta. Recuou dois pés e gesticulou: *Dois homens sentados*. O que estava mais perto da porta estava armado. Clark sinalizou de volta: *Eu pego esse; você varre a sala*.

Chavez assentiu.

Clark passou a arma para a mão esquerda e tirou o cassetete do cinto. Com um leve sinal com a cabeça, inclinou-se pela esquina, localizou seu alvo e golpeou com o cassetete na testa do homem. Enquanto o sujeito deslizava para o chão, Chavez já estava dentro da sala, arma em punho. Parou. Sua testa franziu. Balançou o dedo para Clark, que avançou pela porta.

O homem estava dormindo.

Chavez o despertou com uma pancadinha do cano da pistola no seu nariz. Os olhos piscaram e abriram, e Chavez disse:

— Inglês?

O homem se espremeu ao máximo contra o fundo da cadeira.

— Inglês? — repetiu Chavez.

— Sim, falo inglês.

Clark disse:

— Se assegure de que este aqui e o Sr. Cadeira de Jardim estão mesmo incapacitados para ação. Eu cuido dele. — Chavez empurrou o guarda para o chão, depois agarrou seus punhos e o arrastou pelo corredor até a sala de estar, e saiu.

— Como você se chama? — perguntou Clark ao anfitrião deles.

Nenhuma resposta.

— Se você não quer me dizer nem seu nome, vamos passar uma noite longa e feia aqui. Vamos começar com seu primeiro nome. Não há problema nisso.

— Abbas.

Clark puxou a cadeira vazia onde o guarda estivera, girou e sentou de modo que estivessem de joelho contra joelho.

A porta de tela abriu e fechou. Chavez voltou com o primeiro guarda no ombro do jeito que bombeiros carregam. Sem cerimônias, jogou-o ao lado do seu colega.

— Achei um rolo de fita crepe na van — disse a Clark, e começou a trabalhar nos dois. Quando terminou, juntou-se a Clark.

— Vamos nos assegurar de que começamos com o pé direito — disse Clark a Abbas. — Você sabe o que isso quer dizer?

— Sim.

— Não acredito que seu nome seja Abbas. Vou pedir a meu amigo que reviste a casa procurando por qualquer coisa que tenha um nome escrito. Se não for Abbas, vamos começar a machucar você.

— Meu nome é Obaid. Obaid Masood.

— Ótimo. — Clark acenou para Ding, que começou a vasculhar por ali. — Quer mudar sua resposta enquanto ainda há tempo?

— Meu nome é Obaid Masood. Quem são vocês?

— Depende de como responda minhas perguntas. Coopere e somos amigos. Não coopere... Conte para mim sobre esses guardas. Você acha que precisa deles?

Masood deu de ombros.

— Escute, se você estivesse preocupado com a polícia ou com o Exército, provavelmente eles já teriam passado por aqui, o que me sugere que você andou com más companhias. Talvez alguém para quem você trabalhou?

Chavez reapareceu. Assentiu: *Está dizendo a verdade.*

— Alguém para quem você trabalhou? — repetiu Clark.

— Talvez.

— O Conselho Revolucionário Omíada?

— Não.

— Você assiste a beisebol?

A testa de Masood franziu.

— Já assistiu, sim.

— Vamos dizer que esse seu “não” foi a segunda falta — disse Clark. — Mais uma e vou atirar no seu pé. Você já se perguntou como o achamos?

— As marcas de mensagens?

— Certo. E de quem você supõe que conseguimos isso?

— Percebo.

— Acho que não. Nós descobrimos você. Eles podem te achar.

— Você é americano.

— É verdade. O que você vai ter que decidir é se nos odeia mais do que tem medo



deles. Porque, se não começarmos a ouvir algumas respostas, vamos levar você até Hayatabad e jogá-lo para fora do carro.

Isso despertou a atenção de Masood.

— Não faça isso.

— Me convença.

— Eu trabalhei para o ISI. Eu... transportava pessoas. As realocava.

— Como um agente de viagem clandestino? — observou Chavez.

— Sim, acho que sim. Há oito meses me procuraram.

— Quem?

— Não o conhecia, e nunca mais o vi novamente.

— Mas era do CRO, correto?

— Descobri isso mais tarde. Ele me ofereceu um monte de dinheiro para mover alguém.

— Quanto?

— Duzentos mil dólares americanos.

— E você conheceu essa pessoa?

— Não.

— O que exatamente você fez por eles?

— Passaportes, documentação, aviões particulares. Assegurar que as pessoas certas na alfândega e na imigração fossem pagas. Levei cinco meses para preparar tudo. Eram muito meticolosos nas suas exigências e me faziam conferir duas ou três vezes cada um dos arranjos.

— E quando você entregou tudo?

— Há dois meses.

— Você entregou tudo para eles? — perguntou Chavez.

— O que você quer dizer?

— Guardou cópias?

— Cópias em papel?

— *Qualquer* tipo de cópias, Obaid. — Clark endureceu um pouco mais a voz.

— Tenho um disco rígido.

— Aqui?

Masood assentiu.

— Preso com fita adesiva embaixo da pia da cozinha, dentro de um saco plástico.

Chavez saiu e voltou um minuto depois, com um saco Ziploc. Dentro havia um disco rígido do tamanho de um maço de baralhos.

— Oito giga — disse Chavez.

— Em inglês, Ding.

— Muito espaço de armazenamento. — Mostrou o saco para Masood. — Tudo o que você fez para eles está aqui?

— Sim. Escâneres digitais, e-mails... Tudo. Vocês podem me tirar daqui? Para fora do país?

— Pode levar algum tempo — disse Clark —, mas faremos isso. Até lá, não vamos perder você de vista. Levante.

Masood assim o fez. Clark lhe deu uma palmadinha nas costas.

— Bem-vindo ao lado dos mocinhos. — Empurrou Masood para a porta.

Ding pegou no cotovelo de Clark e falou:

— Um instante?

— Vá na frente, Obaid. Espere por nós aí.

Chavez disse:

— Você pensa em escondê-lo com Nigel?

— Sim.

— Existe uma grande chance de que alguém o descubra. E, se acharem, a coisa acaba para Nigel e para o garoto.

— Alguma ideia melhor?

Chavez fez uma pausa.

— Estamos com o disco. Talvez possamos cortar as pontas soltas e... — Chavez inclinou a cabeça para o lado, olhando por cima do ombro de Clark. — Merda.

Passos soaram na outra sala.

— Ele me ouviu! Droga!

Chavez disparou pela porta, atravessou a sala de estar e entrou na cozinha bem na hora em que a porta de tela fechou.

— Ah, maldição! — Estava na metade do caminho para a tela quando um *crack* o deteve. De cócoras, recuou até a sala de estar. Clark já estava lá, espichando a cabeça para olhar pelo parapeito. Viu dois fachos de luz vindos de um carro estacionado na entrada. Deitado no foco de um dos fachos estava Masood. Uma pessoa carregando uma pistola foi até ele, ajoelhou-se e disparou duas vezes na sua cabeça, depois se levantou e caminhou de volta para os faróis. Uma porta bateu, seguida pelo barulho de pneus no cascalho.

Silêncio.

— O que diabos acabou de acontecer? — sussurrou Chavez.

— Eram os visitantes que o preocupavam.

— E nós?

— Devem ter suposto que Masood fugia deles. Vamos dar o fora daqui antes que pensem duas vezes.



Jack escutou no computador a melodia que anunciava a chegada de um e-mail. Olhou de imediato, e conferiu novamente.

— Olá... — Pegou o telefone, ligou para Rick Bell e lhe contou o que tinha, e alguns instantes depois estavam na sala de conferências com Sam Granger.

— Conte a ele, Jack — indicou Bell.

— Sabe o sujeito que achamos que pode ser um mensageiro do CRO?

— Hadi?

— Certo. Achei algo sobre as finanças dele; um cartão de crédito. Está se movimentando, agora mesmo. Um avião 747 da Alitalia que saiu do Aeroporto Da Vinci em Roma para Pearson, em Toronto.

— E de lá?

— Chicago, mas nada além disso em seu cartão de crédito, ainda.

— Ou é o destino ou uma parada de despiste — disse Bell, usando o velho jargão da CIA para vigilância de viagens. — Chicago é um aeroporto de conexões; de lá ele pode ir para qualquer lugar, dentro do país ou sair para o exterior novamente.

— Quanto tempo temos? — perguntou Granger.

— Quatro horas — respondeu Jack.

Granger perguntou:

— Rick, quanto de certeza temos sobre esse sujeito?

— Setenta e cinco por cento. Está numa lista conhecida de distribuição do CRO, se movimenta muito por aqui, pela Europa e pela América do Sul. Melhor possibilidade: ou é um mensageiro tempo integral ou freelancer fazendo logística para eles. Nos dois casos, vale a pena o esforço. Estamos com ele dentro de um avião, com destino e hora de chegada conhecidos. Nada muito além disso.

Granger ficou em silêncio por um instante, e depois:

— Muito bem, chamem o Kingfisher para a sala de conferências. Estou descendo.

— Então, o que está acontecendo? — perguntou Dominic Caruso ao entrar na sala de conferências. Exceto por Clark e Chavez, todos os demais já estavam reunidos. Brian,

Rick Bell, Jerry Rounds.

Jack explicou brevemente.

— Puta merda — falou Dominic.

— Exatamente as minhas palavras.

— Quando o avião aterrissa?

— O horário é às três e vinte — respondeu Jack.

Sam Granger entrou e sentou à cabeceira da mesa de conferências.

— Muito bem, são oito e quarenta aqui, calcule uns setenta, 75 minutos até Toronto. Não temos tempo para fazer muita coisa. Pelo menos não sem apoio oficial. A que horas Clark e Chavez chegam?

Rick Bell conferiu no relógio.

— Em uns quarenta minutos.

— Vamos ver se conseguimos enfiar os dois também nisso. Jack, você tem o pedigree de Hadi?

— Sim.

Distribuí os documentos e se seguiram sessenta segundos de silêncio até que todos folhassem as páginas.

— Temos alguma foto do cara? — perguntou Brian.

— Nada — respondeu Jack. — Nenhuma descrição.

— De Roma para Toronto, e de lá para Chicago e depois... Nenhuma informação, certo?

— Correto — confirmou Jack com um aceno.

— Se essa fosse uma operação do Bureau — disse Dominic —, entraríamos em contato com a Polícia Montada do Canadá e inundaríamos o aeroporto com policiais à paisana para tentar identificar o sujeito e segui-lo para onde fosse. Mas não podemos fazer isso, não é?

— Voamos até Toronto — disse Jack. — Usamos o padrão de reconhecimento visual e rezamos para ter sorte. Vamos supor que conseguimos identificar o nosso alvo. Então, o que podemos fazer?

— Vigilância encoberta — disse Dominic. — Tentar segui-lo até qualquer buraco aonde vá. E não vai ser fácil. Mesmo que consigamos, não podemos prendê-lo, não podemos interrogá-lo, não podemos fazer muita coisa, a menos que alguém autorize que ele seja liquidado.

— De modo algum — declarou Granger. — É a única pista que conseguimos de um perdigueiro do CRO. Nós o seguimos, o marcamos ou o capturamos, nessa ordem.

— Vamos conseguir informação — disse-lhes Bell. — Qualquer coisa que conseguirmos é mais do que temos agora. Pequenos passos, rapazes.

— Vamos ver o chefe — disse Granger.

— Temos um pássaro no ar — informou Jack a Hendley poucos minutos depois. — O nome do alvo é Hadi, a caminho de Toronto. Seu avião chega depois das três da tarde, hora local.

— Querem tentar localizar o sujeito? — perguntou Hendley.

— É uma possível bola com efeito que caiu no nosso colo — disse Rounds. — Mas a informação sobre ele é um tanto escassa — precisou admitir.

— Então, o que temos exatamente? — perguntou Hendley. Jack lhe entregou o impresso e Hendley sentou para ler. — Boa pescaria — disse, após examinar brevemente o papel. — Muito bem, vamos mandar todo mundo...

— Clark e Chavez estão quase aterrissando. Vamos ver se conseguimos interceptá-los.

— Ótimo. Jack, Dom, Brian, peguem cartões de crédito e celulares do segundo andar.

Todos foram juntos para o Aeroporto Internacional de Baltimore-Washington no Mercedes Classe C de Brian. Havia um 747 com horário marcado para sair rumo ao Canadá dentro de 75 minutos, informou Rounds pelo telefone. Havia passagens esperando para todos eles. Uma vez no terminal, recolheram as passagens, localizaram o voo de Chavez e Clark no painel e foram para lá.

— Como são os policiais canadenses? — perguntou Brian a Dominic.

— Tradição britânica, mas com aspectos locais. A RCMP, os Montados, existem há muito tempo, e são muito bons na investigação, mas nunca interagi com eles.

— Usam casacos vermelho vivos — disse Brian. — Mas isso pode os tornar um alvo fácil, especialmente quando estão em cima de um cavalo.

— Também são bons sujeitos — lembrou Dominic ao irmão.

Brian soltou uma risadinha.

— Só uma observação casual.

Clark e Chavez saíram do avião, viram Jack e os demais e foram na direção deles.

— Serviço porta a porta? — perguntou Clark.

— Temos algo no forno. Vocês estão prontos para seguir?

— Desde que primeiro você me arranje uma Starbucks — disse Chavez.

Jack explicou a situação quando saíram do posto de segurança e foram até o balcão buscar os cartões de embarque para Clark e Chavez.

— Então, como fazemos isso? — perguntou Jack a Clark, depois de passarem pela

segurança.

— Procurem por um sujeito que pareça não fazer parte do ambiente. Ele deve ter algum treinamento de espionagem, e presumivelmente sabe como se fazer invisível. Procurem isso. Não vai ficar olhando por aí como a maioria dos turistas, não fará nada que possa chamar atenção para ele, mas provavelmente não demonstrará ampla familiaridade com a localização. Então, um tipo de negociante que parece não conhecer o local. Quando ele olhar ao redor, vai fazer isso cuidadosamente. Provavelmente vai ser cuidadoso, procurando ver se está sendo vigiado. Vocês já aprenderam como fazer isso. Procurem por alguém que esteja fazendo o mesmo que ensinaram a vocês. É mais uma arte do que uma ciência.

— Então o que diabos vamos fazer? — exigiu Brian.

— Pareçam turistas americanos. Desliguem tudo, todo o treinamento. Sejam simplesmente idiotas normais. Ninguém presta atenção neles. A menos que você esteja na Terra Vermelha, na velha União Soviética, por exemplo. Lá você, sobretudo, nunca sorri. Os russos quase nunca sorriem, é uma coisa estranha da cultura deles. Não é fácil, eu sei. Mas faço isso há quase trinta anos. É um pouco mais fácil lembrar quando é seu rabo que está na reta — concluiu com um sorriso.

— Quantas vezes?

— Rússia? Mais de uma vez, e em todas fiquei apavorado. Você entra lá nu, sem arma, sem lugar para onde fugir, apenas com um “rótulo”, e alguma cobertura na retaguarda se você tiver sorte.

— Cobertura na retaguarda?

— Referências que podem aguentar uma investigação leve. O hotel onde você ficou na última cidade, o telefone do empregador... Coisas assim.

— Faz tempo que quero perguntar — disse Dominic. — Que tal são esses sujeitos, nossos inimigos atuais?

Clark pensou no assunto. Então, respondeu:

— Parte de mim diz que são a mesma coisa: motivação diferente, perspectiva diferente, tudo isso, mas fazendo a mesma merda. Mas outra parte não tem tanta certeza. Esse bando pelo menos acredita em Deus, mas depois violam as leis de sua própria religião. Personalidades sociopatas? Droga, não sei. Eles têm as versões deles do mundo, e nós a nossa, e as duas não batem.

O voo foi chamado e todos entraram juntos. Fileira de cinco assentos, separadas pelo corredor, classe econômica. Chavez, que tinha pernas curtas, não se importava, mas Clark sim. Quanto mais velho, mais enrijecido ficava. A rotina comum de segurança. Clark já estava com o cinto amarrado e apertado. No decorrer dos anos, aprendeu a não desprezar as regras de segurança em nenhuma de suas manifestações. O 737-400 taxiou e decolou tão rotineiramente como se o piloto estivesse dirigindo um carro. Clark pegou a revista de bordo e começou a folhear a seção de catálogo. Parou,

olhando um anúncio de caixa de ferramentas.

— Então, como exatamente vamos fazer isso? — perguntou Jack a Clark.

— Indo pelo ouvido — respondeu Clark, e voltou ao catálogo.

O pouso foi quase tão suave quanto a decolagem, seguido pela frenagem, taxiamento até o terminal e desembarque no *finger*. O terminal possuía a mesma aparência difícil de descrever de todos os demais ao redor do mundo. Dobraram à esquerda e entraram no saguão amplo e anônimo. A sinalização os dirigiu até a área de chegadas internacionais, e foi uma caminhada suficiente para fazer o sangue circular novamente em suas pernas. A informação nos monitores lhes informou que o voo da Alitalia ainda levaria noventa minutos para chegar. Uma verificação rápida da área mostrou que era facilmente vigiável. Melhor ainda, havia uma lanchonete bem na linha de visão, com as cadeiras de plástico usuais ao redor das mesas de plástico.

— Muito bem, rapazes, temos aí umas duas horas, contando o tempo de nosso personagem passar pela imigração — pensou Clark em voz alta.

— Só isso? — perguntou Jack.

— Talvez eles tenham um cão passeando pelas malas, cheirando atrás de drogas, mas nada muito mais que isso. Os canadenses não estão sendo muito cuidadosos. Os bandidos transitam pelo Canadá. Não ficam aqui para seus malfeitos. Boa sorte para eles, acho. Permite que economizem dinheiro nos gastos de segurança.

— Se os bandidos dão sopa por aqui, podiam bem empacotar alguns deles e colocar em um barco para Buffalo.

— E aí — continuou o raciocínio Dominic —, fariam inimigos que não precisam. São negócios.

— Boa observação — disse Chavez. — Negócios são negócios, e você deixa o cachorro dormindo sozinho até levar uma mordida. Eu me pergunto quando isso vai acontecer com eles.

— Depende dos bandidos, mas fazer inimigos gratuitos não é bom para os negócios. Lembre que o terrorista é um negociante cujo ramo é matar pessoas. Talvez sejam motivados ideologicamente, mas negócios ainda são negócios.

— Quantos você já liquidou? — perguntou Dominic a Clark.

— Alguns. Todos na Europa. Não são bem-treinados. Alertas, e podem ser matreiros como uma raposa, mas isso não é a mesma coisa que treinamento. Assim, só é preciso ter cuidado e abatê-los. Melhor se atirar pelas costas. É difícil eles responderem a fogo dessa maneira.

Dominic franziu a testa.

— Hã?

— Não se supõe que você seja leal. Isso não é uma olimpíada.

— Acho que tem razão.

— Mas isso vai contra sua sensibilidade, não é?

Dominic pensou um pouco, depois encolheu os ombros.

— Não sei nada de sensibilidade. É só outra maneira de pensar.

Clark sorriu sombrio.

— Bem-vindo ao outro lado do espelho. — Verificou o relógio. O voo devia estar pousando.

Hadi teve consciência de que o solo sob o avião sempre parecia o mesmo, mas diferente. Distante, mas chamativo quando você pousava. Como nos Estados Unidos, todas as estradas e carros entrando na visão. Ele avaliava a altitude pela possibilidade de distinguir ou não carros e caminhões individualmente. O “Air Show” que aparecia na miniTV informava que a altitude era de 1.500 metros e baixando, e a velocidade sobre o solo era de 400 quilômetros por hora, muito abaixo da altitude e da velocidade de cruzeiro sobre o oceano. Logo pousariam. Dez minutos, segundo o computador. Hora para despertar completamente. A comissária retirou sua xícara de café. O café italiano era bem parecido com o de sua distante juventude quanto à acidez e, verdade seja dita, ele gostava muito da comida italiana, apesar de eles servirem carne de porco demais, e, apesar de beber vinho, traçava um limite quanto à carne suína. Ele desembarcaria, passaria sem dificuldades pela alfândega e pela imigração, localizaria seu recepcionista, receberia dele a passagem para Chicago, que também o levaria até sua conexão no voo da United Airlines 1108, e fumaria um cigarro, mas nada de conversa.

Tinha que ficar alerta ao passar pela alfândega e pela imigração. Não tinha nada a declarar, é claro, nem mesmo uma garrafa de vinho italiano. Viajante de negócios, para quem esse tipo de voo era rotina. Negociante de joias, essa era sua cobertura. Conhecia o tema o bastante para conversar brevemente sobre o assunto. Não o suficiente para impressionar ou iludir um verdadeiro mercador de joias judeu, claro, mas ele sabia como evitar conversas, até mesmo fingir sotaques. Bem, era mesmo uma espécie de viajante a negócios, e esse tipo de viagem era rotina, apesar de ser sua primeira visita ao Canadá. Mais um país infiel, com regras simples e gentis para pessoas em trânsito, e ficariam felizes ao vê-lo seguir caminho, sem prestar atenção nele, desde que não portasse armas ou cometesse algum crime.

O pouso foi um pouco duro. Talvez a tripulação também estivesse cansada. Que vida horrível levavam, pensou Hadi. Sentados o dia inteiro, sem caminhar, constantemente trocando os relógios corporais em função dos lugares e das horas diferentes. Mas todos os homens tinham seus lugares no mundo, e o deles era bem-pago, apenas desagradável, mesmo para infiéis. Seu trabalho e sua cobertura o obrigavam a ser gentil com todos que encontrava. Isso incluía infiéis que rotineiramente comiam carne de porco. Era difícil, mas exigido por seu lugar na vida. O avião parou, e juntamente com os demais 153 passageiros a bordo, ele levantou, pegou sua bagagem de mão e saiu tropeçando para a porta.



Logo distingui os funcionários canadenses com seus quepes azul-marinho, rostos inexpressivos, e olhares observadores. Recepcionistas que não se importavam nada com quem recebiam em seu país infiel. Provavelmente havia mesquitas em um raio de poucos quilômetros dali, mas ele jamais chegaria perto de uma delas. O governo local podia permitir que os muçulmanos venerassem Alá em um local próprio, mas certamente eram todos vigiados, e os que entravam eram fotografados. O trabalho de Hadi era ser invisível.

— Pousou — disse Clark, olhando o monitor de TV pendurado a 7 metros de distância.

— E tudo o que sabemos é que ele mija de pé — lembrou Dominic.

*Onde é o banheiro mais próximo?*, pensou Clark. Muitas pessoas iam direto ao banheiro logo após o desembarque, nervosas demais para usar um no avião. Não seria má ideia acampar alguém por lá por conta dessa possibilidade. Espiões não eram robôs. Cada um tinha suas próprias peculiaridades, e essas, uma vez identificadas, os deixavam vulneráveis. Ele se deu conta de que nunca havia sido contraespião. Identificar espiões era algo em que ele sempre tinha trabalhado para prevenir... mas talvez isso lhe desse os recursos necessários para o trabalho. Logo veria. Estavam atrás de um árabe, provavelmente entre o final dos 30 e meados dos 40 anos, homem. Altura, peso, cor dos cabelos e cor dos olhos eram desconhecidos. Era um operador treinado. E provavelmente agiria como um operador treinado.

Bem, ele seria recebido. Isso eles sabiam. Alguém devia lhe entregar um bilhete para o voo de conexão. Provavelmente não tão bem-treinado. Provavelmente um freelancer. Talvez alguém que esperasse conseguir uma promoção seja lá a que organização pertencesse. Talvez tão esperto, mas não tão experiente ou treinado. Alguém que conhecesse de vista o personagem que chegava? Talvez sim, talvez não. Provavelmente um motorista. Estaria procurando para fazer a entrega. Esquadrinhando os rostos em busca de reconhecimento. Segurando um cartaz? *É. Talvez O EMIR ME MANDOU*, pensou Clark com um resmungo. Ele já vira alguns idiotas ao longo do tempo, mas não tão idiotas assim. Talvez fosse mais proveitoso enfiar uma arma na boca e disparar diante das câmaras de TV. Esses sujeitos podiam não ser profissionais tal como ele definia o termo, mas também não eram estúpidos. Alguém os tinha treinado ou instruído sua organização sobre como agir no campo. Não era tão difícil assim. As nuances vinham com a experiência, mas o básico era algo que até um semi-idiota poderia sacar por conta própria. Eles quatro estavam parados em uma fila. Isso não era esperto. Ele se moveu até Dominic.

— Fiquem em duplas, em lados opostos do corredor. Dominic, você e Brian. Jack, você fica comigo e com Ding.

Dominic e Brian pegaram a escada rolante e desceram, logo dando a volta até um lugar do lado oposto a Clark e Chavez. John deu uma batidinha no nariz e os gêmeos

repetiram o sinal.

— O que você está achando, Domingo?

— Quem, eles? Bons instintos, um pouco irregulares nas bordas, mas isso é normal. Se houver problemas, acho que lidarão bem com isso.

— Para um ninja, é um bom elogio — respondeu Clark.

— Nós somos donos da noite, cara. — Isso fora há algum tempo, mas era parte central da identidade de Domingo. Ele dificilmente era localizado. Baixo como era, as pessoas muitas vezes não prestavam atenção nele. Seus olhos podiam denunciá-lo, mas só se alguém tomasse um tempo para examinar seu rosto, e ele realmente não era grande demais para que um cara durão se preocupasse, até que esse alguém se visse no chão, se perguntando como diabos chegara ali. As coisas haviam mudado desde sua época nos SEAL. O terceiro grupo do SOG já tivera alguns tipos John Wayne, mas os novos pareciam mais corredores de maratona, baixos e magros. Tendiam a viver mais, pois eram mais dificilmente atingidos. Porém seus olhos eram diferentes, e ali é que morava o perigo. Se você fosse esperto o suficiente para perceber.

— Um pouco nervoso — admitiu Jack.

— Simples e relaxado — respondeu Clark. — Nem tente muito. E jamais fixe diretamente o olhar no suspeito, salvo talvez para verificar a direção para onde ele olha, mas apenas breve e cuidadosamente.

*Quem é você, Hadi?,* pensou Clark. *Qual a razão de estar aqui? Para onde vai? Quem você quer encontrar?* Altamente improvável que fizesse essas perguntas ou tivesse respostas. Mas a mente agia por conta própria o tempo todo, mais ainda se fosse uma mente realmente ativa e inteligente.



Hadi poderia ter sido o primeiro da fila, mas fabricou um falso contratempo para evitar isso. Não precisava fingir cansaço. Contando o voo doméstico de Marselha e a conexão em Milão, estava no ar havia 15 horas, e a pressão parcialmente reduzida de oxigênio tinha deixado marcas em seu organismo. Mais uma razão para pensar na tripulação e em seu trabalho miserável.

— Olá, Sr. Klein — disse o funcionário da imigração com o que parecia ser um sorriso.

— Bom dia — respondeu Hadi, lembrando-se novamente de sua identidade falsa. Felizmente ninguém tentou conversar com ele durante o voo, salvo a comissária, que manteve sua taça de vinho abastecida. E a comida tinha sido tolerável, uma agradável surpresa.

— Qual o propósito de sua visita? — perguntou o funcionário, estudando o rosto de Hadi.

— Negócios. — O que era até verdade.

— Duração?

— Ainda não tenho certeza, mas provavelmente quatro ou cinco dias. É importante?

— Só para o senhor. — O funcionário escaneou o passaporte, passou a capa pelo leitor de código de barras, perguntando-se se a luz vermelha acenderia, mas quase nunca acendia, como não acendeu desta vez. — Algo a declarar?

— Nada — respondeu Hadi.

— Bem-vindo ao Canadá. A saída é por ali — disse o funcionário, apontando.

— Obrigado. — Hadi recebeu de volta o passaporte e caminhou para as portas múltiplas. Os países ocidentais eram tão autodestrutivamente acolhedores para seus inimigos, notou mais uma vez. Imaginava que eles queriam apenas o dinheiro proporcionado pelos turistas. Realmente não podiam abrigar tanta hospitalidade em seus corações infelizes, não é?

— Prestem atenção — disse John. As duas primeiras pessoas que passaram pelas

portas eram mulheres, e Hadi não era uma delas... A menos que a informação fosse realmente muito ruim, pensou Clark. Já havia acontecido com ele mais de uma vez.

*Muito bem, quem procuramos?* Homem, de 35 a 45 anos, altura média, talvez um pouco menos pelos padrões americanos. Olhos escuros, sem olhar muito ao redor, fingindo estar relaxado, mas ainda assim olhando ao redor. Curiosidade, mas curiosidade controlada. Deve estar um pouco cansado pela viagem. Voar geralmente cansa as pessoas. Um tanto abatido pelas bebidas que provavelmente tomou... mas também deveria ter dormido um pouco.

Então viram um casaco castanho, a meia altura de comprimento. Parecia italiano. *Supostamente Hadi estava baseado na Itália, em Roma, certo?* Aproximadamente 1,70m, complexão média, um tanto para magro. Olhos escuros. *Escuros como o inferno, quase negros*, pensou John. Olhando cuidadosamente para a frente, não para o lado, empurrando um carrinho com uma mala grande e uma pequena. Não pareciam muito pesadas, e a grande tinha rodinhas... preguiçoso ou cansado? Os cabelos eram tão negros quanto os olhos, um corte normal. Barba raspada. Sem barba, talvez — provavelmente? — por deliberação. Duas outras pessoas saíram depois dele, obviamente canadenses, pele clara e ruivos. Um deles acenou para alguém ao lado de Clark. Esse estava fora. De volta para o casaco castanho. Seus olhos se moviam para a direita e para a esquerda, mas a cabeça permanecia parada. *Bom treinamento de campo*, pensou John imediatamente ao notar aquilo. Depois se fixaram em algo: a cabeça de Clark girou e viu alguém de terno escuro, como um motorista, mas sem boné, segurando uma cartolina branca com KLEIN escrito com pincel atômico.

— É esse — sussurrou consigo mesmo. Para Chavez: — Faça a ligação com os irmãos e observe os flancos. Vou dar uma volta. Jack, venha comigo.

Os dois percorreram o saguão.

— Viu algo que eu não vi? — perguntou Jack.

— O nome dele não é Klein, isso posso apostar.

Nenhuma parada no banheiro, percebeu Clark. Descartar essa ideia. O alvo, perceberam, parecia não falar com quem viera recebê-lo. *Bem-disciplinado, ou já se conheciam?*

— Está com uma câmera? — perguntou John.

— Sim, digital. Pronta para usar. É capaz de já ter uma foto do nosso amigo, mas ainda não verifiquei.

— Se ele entrar em um carro, vamos nos assegurar...

— Claro. Marca, modelo e placa. Como estamos?

— Não acredito que tenha nos visto. Certeza absoluta de que não olhou para onde estávamos, dos dois lados. Ou é um cara bem frio ou está puro como a neve. Pode escolher.

— Parece meio judeu — disse Jack.

— Existe uma piada antiga em Israel. Se ele parece ser judeu e estiver vendendo

bagels, é árabe. Nem sempre verdadeiro, mas uma boa piada.

— Salvo pelo cabelo, posso até imaginá-lo usando um chapéu de caubói e casaco preto comprido, na rua 47, em Nova York, lidando com diamantes. Não é um mau disfarce. Mas ele é tão judeu quanto eu.

Passaram pelas bancas de jornal, pelos bares de cerveja, pela porta de saída com detector de metais e entraram no saguão principal. Não para descer pelas escadas rolantes para a área de bagagens, mas era evidente que ele já havia feito isso. Em direção ao portão principal na parede envidraçada, saindo para o ar frio do outono canadense. Passaram pelo ponto de desembarque dos táxis e cruzaram a rua para o estacionamento. Seja quem fosse o recepcionista, tinha estacionado na área de cobrança por hora, e não na área de permanência de um dia ou mais. Muito bem, aquela era uma recepção programada. E nenhum telefonema feito do telefone do avião. Entraram no estacionamento, e então Clark teve que desacelerar sua rotina de segui-lo... e seguir direto para um carro estacionado.

— Câmera — disse Clark abruptamente, esperando que Jack soubesse como tirar fotos escondido.

Na verdade, ele fez isso muito bem, com as lentes se abrindo em telescópio para usar um zoom de duas ou três ampliações. Era um modelo novo preto do Ford Crown Victoria, do tipo comum usado por serviços de carros. Até ali tudo correspondia a um perfil, pensou Clark, quando começaram a encurtar a distância.

— Aqui está seu bilhete para Chicago — disse o motorista, entregando o envelope por cima do espaldar do assento.

Hadi abriu o envelope e estudou o bilhete. Ficou surpreso com seu destino. Verificou as horas. A cronometragem era quase perfeita. E o fato de os passageiros da primeira classe passarem primeiro pela imigração ajudava.

— Quanto tempo para chegar ao outro terminal?

— Só alguns minutos — respondeu o motorista.

— Ótimo. — E Hadi acendeu um cigarro.

O carro arrancou. Clark notou, mas continuou caminhando. Até o carro estar a uns 100 metros, então deu a volta para o trânsito da chegada e pegou um táxi.

— Para onde? — perguntou o motorista.

— Já digo em um minuto. Jack: olho vivo?

— Já peguei — assegurou Jack. O Crown Vic tinha entrado na fila para pagar o estacionamento. Ele tirou mais duas fotos para pegar o número da placa, apesar de já ter memorizado. Só para ter certeza, escreveu o número na caderneta que mantinha no bolso do paletó.

— Muito bem — disse Clark ao motorista. — Está vendo aquele Ford preto ali?

— Sim, senhor.

— Siga-o.

— Isso é um filme? — perguntou animado o motorista.

— Sim, e eu sou a estrela.

— Já fiz isso, sabe? Filmes de verdade. Eles pagam muito bem para dirigir carros.

Clark percebeu a deixa, pescou a carteira e entregou um par de notas de 20 ao motorista.

— Está bem assim?

— Sim, senhor. Aposto que vão para o Terminal Três.

— Vamos ver — respondeu Clark. Estava com os olhos grudados no Crown Vic, que fazia o trajeto tortuoso comum nos aeroportos, cujas vias de acesso sem dúvida eram projetadas pelo mesmo idiota desalmado responsável pela arquitetura dos terminais. Clark já havia passado suficientemente por aeroportos para saber que todos os arquitetos tinham frequentado a mesma escola.

O taxista estava certo. O Crown Vic parou diante de uma placa da UNITED AIRLINES em diagonal sobre o meio-fio. A porta do motorista abriu, ele desceu e foi até a porta do passageiro.

— Bom palpite... como é mesmo seu nome? — perguntou Clark.

— Tony.

— Obrigado, Tony. Tenha um bom dia. — Clark e Jack saltaram. A câmera estava na mão de Jack, bem-escondida, mas pronta para ação.

— Ele fuma — observou Clark.

Melhor ainda, posava muito bem. Às vezes a sorte trabalha a seu favor.

— Ok, bata uma minha — disse Clark, fazendo pose. O que Jack fez devidamente, e em seguida Clark se aproximou para dizer algo inócuo, seguido de: — Conseguiu pegá-lo?

— Perfeitamente. E agora?

— Agora vou tentar conseguir uma passagem para Chicago. Você o segue até o portão e me liga quando identificar o voo.

— Você acha que pode conseguir um bilhete assim rapidamente?

— Bem, se falhar, não vamos estar piores do que estamos agora.

— Saquei — concordou Jack. — Estou com seu número. — E seguiu em frente, assumindo posição a uns 40 metros de seu amigo Hadi, que desfrutou todas as tragadas possíveis do cigarro antes de caminhar para o terminal. Ele tinha uma boa foto do cara, percebeu Jack, verificando a tela anterior.

Clark foi até o balcão da United, satisfeito por não haver muita fila para suportar.

Hadi terminou o cigarro e jogou a guimba no meio-fio, respirou fundo a atmosfera de fora do avião, e entrou. Dominic seguia a uma distância discreta, com o celular de segurança na mão esquerda. Hadi foi direto para o saguão correto e

verificou o monitor para se certificar do portão de embarque. Foi andando como uma pessoa comum que tentasse pegar o voo. Em menos de dez minutos estava sentado no portão D-28. Brian fez a ligação.

— Clark — respondeu a voz na outra ponta.

— Aqui é o Jack. Portão D-28, voo um-um-zero-oito.

— Anotado. Parece estar cheio?

— Não, mas o alvo já está no portão, e a hora prevista para decolagem é daqui a vinte minutos. Melhor se mover.

— A caminho. — John foi até o balcão, teve que esperar que um cara de negócios pagasse seu bilhete, depois sorriu para a balconista. — Voo um-um-zero-oito para Chicago, por favor. Primeira classe, se possível, mas econômica, caso contrário. — E entregou a ela seu MasterCard Gold.

— Sim, senhor — respondeu educadamente a atendente. Comprovou ser maravilhosamente eficiente, e o computador cuspiu o bilhete em apenas três minutos.

— Obrigado, senhora.

— À direita. — E apontou, como se ele pudesse não saber qual era a direita. John caminhou calmamente. Vinte minutos para alcançar o voo. *Sem problema*. Esse apareceu quando ele passou pelo detector de metais, que disparou, para surpresa de John. Então um segurança passou o detector manual, que disparou novamente sobre o bolso de seu paletó. John descobriu que seu escudo de U.S. Marshal havia provocado aquilo. O detector de metais estava mesmo bem-afinado.

— Oh, tudo bem, senhor.

— Eu nem estou aqui de forma oficial — disse Clark, com um sorriso tímido. — Está tudo certo mesmo?

— Sim, senhor. Obrigado.

— Certo. — Da próxima vez, ele passaria aquilo pela esteira e deixaria todo mundo pensar que era um policial. *Ele não* tinha disparado com a caneta em seu bolso. Isso era interessante, ou poderia ser, se ele estivesse com a Caneta Mágica. Mas não estava. Azar.

Era um Boeing 737. Seattle deve ter vendido um monte deles, pensou Clark, olhando o saguão desconfortável. O mesmo arquiteto, as mesmas cadeiras vagabundas. *Mesma empresa que faz as poltronas de avião? Será que isso não era conflito de interesses?*

Lá estava Hadi, sentado na área para não fumantes. Sem tentar chamar atenção para si mesmo? Se fosse o caso, tinha boa postura em campo. Simplesmente sentado ali, lendo uma revista, a *Neusweek*, pouco atento. Mais dez minutos e chamaram o voo. Clark teve sorte e conseguiu uma poltrona na primeira classe, 4C. No corredor, o que era útil. Lembrou-se de outro voo comercial recente, mas na ocasião ele estava com uma pistola, sem que a tripulação da cabine da British Airways soubesse; isso os teria assustado tanto quanto se estivesse carregando uma bolsa cheia de bananas de dinamite. Bem, a maior parte das comissárias era composta por moças bonitinhas, e

não seria bom fazê-las se preocupar com isso. Trabalhavam duro por salários baixos. Hadi entrou a bordo com três pessoas na sua frente, percebeu John, e sentou-se no 1A, a poltrona com janela mais à frente do lado esquerdo, talvez uns 5 metros distante de Clark, à sua esquerda. Três passadas e podia quebrar o pescoço do cara como se fosse um graveto. Ele não tinha feito isso, dessa maneira, desde o Vietnã, onde os homens muitas vezes tinham pescoços magrinhos. Mas isso fora havia muito tempo, e mesmo então, ele quase conseguia esquecer tudo. Lembranças de tempos antigos. Mais exatamente, a 5 metros do banheiro da frente. Quanto mais velho ficava, mas precisava localizar esse tipo de coisa.

*Os avisos de segurança de sempre. O cinto de segurança é igual ao do seu carro, bobinho e, se você precisar, a mamãezinha vem fechá-lo para você; mas nada de bebida para você!* Os banheiros estão na dianteira e na traseira, e estão assinalados com desenhos, caso você seja idiota e não consiga ler. A idiotização da sociedade também acontecia no Canadá. *Uma pena*, pensou John. A menos que a United voasse apenas com cidadãos americanos.

O voo foi totalmente comum, praticamente sem turbulência e levou menos de uma hora para pousar em O'Hare, assim nomeado em homenagem a um aviador naval da Segunda Guerra Mundial que ganhou a Medalha de Honra antes de ser derrubado, provavelmente por fogo amigo, que te mata do mesmo jeito que o de outro tipo. Clark se perguntou quão difícil seria para o piloto achar o portão de desembarque, mas provavelmente já devia ter feito esse voo antes, talvez centenas de vezes. Agora vinha a parte difícil, percebeu John. Para onde iria Hadi, e será que ele conseguiria um assento no mesmo voo? Uma pena que não pudesse simplesmente perguntar para o filho da mãe. Ele precisaria passar pela imigração, porque os Estados Unidos tinham ficado sérios com controle de quem entrava no país. Isso, na verdade, significava que estava suficientemente complicado para obrigar os bandidos a pensarem durante um minuto inteiro antes de descobrir uma forma de se esgueirar para dentro. Talvez fosse algo que detivesse os realmente idiotas. Mas os idiotas não eram muita ameaça, eram?

Isso estava muito acima de sua alçada, entretanto, e os que tomavam tais decisões raramente consultavam as abelhas operárias que viviam onde o rabo delas corria perigo. Isso assustara Clark já no Vietnã, quando seu nome ainda era Kelly. Portanto, talvez esse tipo de coisa nunca mudasse. Era um pensamento assustador, mas pensamentos assustadores vinham com o trabalho, e ele tinha aceitado isso havia mais de trinta anos. Os procedimentos de entrada não chegavam nem a ser superficiais. Seu passaporte sequer foi carimbado, uma surpresa considerável. Outra mudança de procedimento? Talvez para evitar que a tinta sujasse os dedos do funcionário?

— Muito bem, o que está acontecendo? — perguntou Granger pela linha segura.



— Clark pegou o mesmo voo que nosso amigo — respondeu Jack. — Temos algumas fotos dele. Com sorte, continuará seguindo o cara até onde estiver indo.

*Improvável*, o chefe de operações pensou na outra ponta. *Não temos gente suficiente, nem recursos suficientes*. Bem, nem tudo podia ser feito por uma corporação privada, e isso mantinha os custos baixos.

— Ok, me mantenha a par. Quando vocês voltam?

— Temos reserva em um voo para o aeroporto D.C. National; sai daqui a trinta minutos. Estaremos de volta no edifício por volta de cinco e meia ou seis horas da tarde, provavelmente. — O que significava um dia completamente desperdiçado, a menos que se considerasse algumas fotos como sucesso, pensou Jack. Diabos, era mais do que tinham antes.



Clark estava no corredor subterrâneo entre um complexo do terminal e outro. Na maior parte do tempo, andando em esteiras móveis, como as esteiras de bagagem. E pareciam mesmo longas. Observou Hadi sair ao ar livre para fumar mais um cigarro antes de voltar, apressando-se pelos detectores de metal — milagrosamente seu escudo de marshal não fez a coisa disparar ali —, descendo o túnel comprido e depois subindo as escadas rolantes até o terminal de embarque, onde já era hora de trabalhar. Hadi dobrou à esquerda no alto. Viu seu portão em um monitor — sem examinar o bilhete para ver o número do voo. Será que isso fazia dele um profissional treinado ou simplesmente um cara com boa memória ou confiança excessiva?, perguntou-se Clark. Bem, você paga para ver e faz suas escolhas. No alto, Hadi tomou a esquerda na direção do Saguão F. Caminhava rapidamente. *Será que está apressado?*, pensou. Se for isso, má notícia para ele. E logo o alvo se voltou para verificar um monitor, orientou-se e se dirigiu à esquerda para o Portão F-5, onde sentou, como se tivesse necessidade de relaxar. O F-5 era um voo para... Las Vegas? O McCarran International era um aeroporto de bom tamanho com um número enorme de conexões sabe-se lá para quantos outros destinos. Apenas um atalho para Hadi? Isso era prudente? *Hmm*. Quem, se é que houvera alguém, treinara esse alvo? Alguém da KGB, ou uma pessoa de dentro da organização? Seja lá qual fosse a resposta, o voo saía em 15 minutos, e não havia tempo suficiente para John voltar ao Terminal 1 e conseguir um bilhete para segui-lo. O exercício de rastreamento terminaria ali. *Droga*. Nem podia se esforçar para examinar o sujeito de modo óbvio demais, ou observá-lo mais de perto. Hadi podia ter olhado ao redor, e seria capaz, assim, de reconhecer seu rosto. Devia ter sido treinado por um profissional, e podia ter a mesma habilidade de Clark para se lembrar de rostos que apareciam e desapareciam no transcorrer da vida. Para um espião de campo essa era uma habilidade de sobrevivência de importância considerável. Clark foi até a loja de presentes e comprou uma barra de chocolates, além de uma Coca Light, permitindo que seu olhar varresse o saguão. Hadi estava sentando, sem nem mesmo procurar o local fechado para fumar onde as pessoas podiam exercitar seu mau hábito atrás de vidros. Talvez ele conseguisse controlar suas paixões, pensou John. Esse tipo de gente

pode ser perigoso. Mas então o voo foi chamado, os bilhetes da primeira classe antes, e Hadi se levantou, caminhou até o portão de embarque e mostrou o seu. Até mesmo sorriu para o funcionário que o inspecionou e acenou para que entrasse no antigo DC-9 para desfrutar da poltrona larga e das bebidas grátis em sua viagem para Las Vegas, onde as pessoas podiam exercitar todo tipo de maus hábitos à vontade. John terminou de comer e voltou para a entrada do túnel. Como antes, a escada rolante parecia descer até o inferno, e ele agradeceu a seja lá qual arquiteto que tivesse especificado os corredores rolantes. Clark já tinha idade suficiente para apreciá-los. Lembrou-se de não franzir a testa quando pensou no que considerava uma missão estourada. Parcialmente estourada, de qualquer modo. Agora sabiam de coisas sobre o alvo que não conheciam antes, inclusive uma foto. Ele gostava de viajar usando uma cobertura de judeu; quase esperto, mas bastante óbvio. Judeus e árabes eram primos genéticos, afinal de contas, e suas crenças religiosas não eram tão separadas — apesar da fúria que ambos demonstravam diante desse mero pensamento, é claro. Cristãos, também. São todos Povos do Livro, como uma vez lhe explicaram seus amigos sauditas. Mas pessoas religiosas geralmente não assassinam. Deus pode não concordar. De qualquer maneira, seu trabalho atual era voar de volta ao Campus. Esperou para ver o portão de embarque fechar e observou o avião de turbinas duplas se afastar do terminal, e taxiar até a pista. Três horas até Las Vegas? Talvez um pouco menos, passando por Iowa, Nebraska e Wyoming, a caminho da cidade que celebrava o pecado. *E de lá, para onde?* Seja para onde fosse, ele não iria descobrir tão cedo. Bem, essa missão toda era duvidosa, e não podia ficar tão desapontado assim se ela resultara em um fracasso. Droga, pelo menos tinham algumas fotos do sujeito. Achou um balcão onde lhe ofereceram um voo de volta para o Baltimore-Washington em noventa minutos. Ligou para se certificar de que haveria alguém o esperando com um carro.

Hadi, na poltrona 1D de seu voo, examinou o menu enquanto bebericava o vinho branco que o recepcionou — o da Itália era melhor, mas isso não era surpresa —, e se repreendeu pela distinção de seu olfato para vinhos. O solo abaixo era quase sempre plano, com uns estranhos bolsões verdes, que, ele sabia, marcavam o sistema de irrigação que os fazendeiros americanos usavam nas pradarias. Essa área já havia sido chamada por exploradores de o Grande Deserto Americano. Hoje era o celeiro do mundo, apesar de outros desertos, verdadeiros, estarem mais adiante, além das montanhas. Que país grande e estranho era esse, cheio de pessoas estranhas, a maioria infiéis. Mas eram pessoas diante das quais ele tinha que se cuidar, e tinha que estar atento a si mesmo e à sua conduta a cada minuto, muito mais do que na Itália. Era difícil para um homem nunca relaxar, jamais baixar a guarda. Com sorte, poderia relaxar quando encontrasse seu amigo, dependendo da próxima escala de seu voo. Que estranho que ele jamais soubesse onde o Emir vivia. Eram amigos havia

muitos e muitos anos. Tinham aprendido juntos a cavalgar, na mesma época e no mesmo lugar, quando eram muito jovens, estudaram na mesma escola, brincaram e correram juntos. Mas o vinho cobrou seu preço, e ele tinha passado por um longo dia. Seus olhos ficaram pesados e Hadi deslizou para o sono enquanto a noite alcançava a aeronave.

Clark embarcou em outro avião, sentou na sua poltrona de primeira classe e fechou os olhos, não para dormir e sim para repassar os acontecimentos do dia. O que ele tinha feito? O que havia feito de errado? Que coisas deram errado? O que tinha feito certo e por que isso não fora suficiente?

Para encurtar a história, era uma questão de mão de obra. Os rapazes Caruso pareciam ser bem competentes, e Jack agiu bem, mas isso não era grande surpresa. O garoto tinha bons instintos. Talvez questão de hereditariedade. Considerando tudo, não foi uma operação ruim, dado como foi montada apressadamente. Sabiam que ele se dirigia para Chicago. Teria sido melhor se dividissem em equipes de dois e depois enviar eletronicamente a foto para facilitar o acompanhamento? Poderiam ter feito isso? Tecnicamente possível, talvez, mas só porque poderia ter sido possível não significa que teria funcionado. Em coisas desse tipo era preciso ter múltiplas reservas de apoio, porque não podiam contar com os acontecimentos casuais exceto para estragar as coisas. Droga, não se podia contar com operações cuidadosamente planejadas, mesmo com muitos profissionais treinados. O inimigo não tinha que ser profissional para que eventos ocasionais estragassem os melhores planos. Talvez fosse boa ideia, pensou, dar uma volta pelas missões europeias com os gêmeos, só para observar a capacidade de ação deles em campo. Pareciam bons, mas parecer bom é algo que modelos de moda podem fazer. Tudo dependia de treinamento e experiência. Muita experiência. O treinamento se desenvolve em campo, e experiência era algo que ele tentara incutir muito nos novos agentes da CIA na Fazenda, no litoral da Virgínia. Mas jamais soube o quanto daquilo funcionara. Alguns voltavam e compartilhavam cervejas com ele e Chavez. Mas o que dizer dos garotos que *não* voltavam? Que lições se podia tirar deles? Raramente se escutavam essas histórias, porque não voltar significava jamais voltar: uma estrela dourada na parede do lado direito do átrio da CIA, e geralmente uma página em branco no livro.

*Melhorar a comunicação interna entre as equipes, para começar*, pensou. Considerando que não tinham experiência em leitura de mentes, era imperativo que tivessem sólidos protocolos de comunicação. Recrutar mais tropas seria uma boa ideia, mas isso não aconteceria. Supunha-se que o Campus devia operar pequeno e esperto. Talvez tivessem habilidade para fazer isso, mas com certeza havia momentos em que muitas pessoas resolviam um bocado de problemas. Só que isso não aconteceria.

O avião de Clark pousou suavemente no Aeroporto Internacional de Baltimore-Washington. Levou cinco minutos taxiando até o portão D-3, permitindo que Clark desembarcasse rapidamente. Passou pelo banheiro e caminhou até o saguão, esperando que alguém estivesse esperando por ele. Resultou ser Jack, que acenou.

— Sei quem é você — disse Clark. — Não precisa avisar às outras pessoas que me conhece.

— Nossa, eu só queria...

— Eu sei o que você queria. Mas nunca se quebram as regras de campo até chegar em casa e abrir a primeira cerveja, rapaz. Não se esqueça disso.

— Saquei. O que você conseguiu saber?

— Ele voou para Las Vegas, e provavelmente está lá agora. Mas, sobretudo, aprendi que não temos pessoal suficiente para fazer nada importante no Campus — concluiu mal-humorado.

— Sim, bem, mas não podemos fazer o que fazemos se tivermos supervisão governamental. Você sabe disso.

— Suponho que sim, mas existem vantagens em fazer parte de uma organização maior, sabia?

— Sim. Acho que somos um tipo de parasitas no corpo político.

— Imagino que sim. Alguma tentativa de rastrear o alvo para onde ele foi?

Jack fez que não com a cabeça enquanto saíam do saguão.

— Nada.

— Aposto que ele continuou prosseguindo, talvez mais umas duas escalas, porém não há como saber.

— Por quê?

— Complexidade. Sempre que for possível dificulte as coisas para o adversário. Na nossa vida, é um princípio básico.

Do lado de fora do Aeroporto Internacional McCarran, Hadi dizia exatamente a mesma coisa para Tariq, que respondeu:

— Já discutimos isso longamente. Não sabemos de nenhum perigo. Nossas comunicações são as mais seguras que o dinheiro pode comprar, e ninguém penetrou na organização, caso contrário não estaríamos aqui, não é?

— E o que aconteceu com Uda bin Sali e os outros? — perguntou Hadi.

— Morreu de ataque cardíaco. Revisamos o relatório oficial da necropsia.

— E os demais?

— Todos os dias pessoas morrem com problemas no coração, mesmo os eleitos de Alá — assinalou Tariq.

— Talvez os judeus o tenham matado, mas os médicos em Roma disseram que morreu de ataque cardíaco.

— Talvez haja um meio, uma droga, quem sabe, que possa fazer parecer assim.

— Talvez. — Tariq dobrou à esquerda para entrar na cidade. — Mas nesse caso não precisamos temer os israelenses aqui.

— Talvez — concedeu Hadi. Estava cansado demais pela longa viagem para discordar seriamente. Muito tempo no ar, muito vinho e pouco sono decente para que reunisse sua energia intelectual. — Seu carro está limpo?

— Lavamos o carro a cada três dias. E quando fazemos isso revistamos em busca de todo tipo de aparelho de escuta.

— Então, como ele está?

— Você mesmo verá dentro de alguns minutos. Perceberá que está saudável e muito bem, do ponto de vista físico. Mas também vai achar difícil reconhecê-lo. Os cirurgiões suíços fizeram milagre com sua aparência. Poderia, se quisesse, caminhar aqui pelas ruas sem temer ser reconhecido.

Hadi aproveitou a oportunidade para olhar para fora do carro.

— E por que aqui? — perguntou, cansado.

— Ninguém admite viver aqui, salvo os ladrões proprietários de hotéis e cassinos. A cidade é notavelmente corrupta, tal como Beirute já foi, como meu pai me dizia. Muito jogo, mas Sua Alteza não faz apostas com dinheiro.

— Sei disso, apenas com sua vida. Mais perigoso de certa forma, mas, afinal, todos os homens morrem, não é?

— Os infieis locais agem como se não tivessem medo disso. É estranho ver a quantidade de igrejas cristãs que existem aqui. As pessoas gostam de casar nesta cidade, e não compreendo a razão disso, mas é assim. O Emir escolheu a cidade por causa do anonimato que aqui impera. Acho que foi sábio. Muitas pessoas vêm para cá jogar e pecar contra Alá. Existe bastante crime do tipo que mantém a polícia ocupada.

Tariq dobrou à direita para a aproximação final da casa de campo do Emir, e pensou no que dissera. Era muito mais confortável que as cavernas do Paquistão ocidental, o que era muito prazeroso para Tariq e para o restante da equipe, Alá seja louvado. Diminuiu a velocidade e acionou a seta para dobrar à esquerda. Ele e seus colegas obedeciam a todas as leis americanas que conheciam.

— É aqui?

— Sim — confirmou Tariq.

Tinha escolhido bem, mas Hadi não disse isso. O Emir poderia ter selecionado uma habitação com melhores defesas, mas isso poderia atrair a atenção de seus vizinhos, e seria contraproducente na era de helicópteros e aviões carregados de bombas. Na aproximação de Las Vegas, o piloto chamou atenção para uma grande base da Força Aérea dos Estados Unidos logo ao norte da cidade. Outra jogada esperta de seu amigo, se abrigar perto de uma grande instalação militar americana — aparentemente não era uma boa ideia, mas era essa a razão que a tornava brilhante. *Sua decisão de morar no coração do Ocidente infiel*, pensou Hadi com admiração. Por quanto tempo planejava isso? Como havia conseguido organizar tudo? Bem, por

isso ele era o líder da organização: por sua capacidade de ver o que os outros não viam. Conquistara seu lugar no mundo, e naquele lugar tinha a possibilidade — o direito — de obter o que queria com os homens... e com as mulheres, segundo o indivíduo atrás do volante. *Todos os homens têm suas necessidades, e suas fraquezas*, pensou Hadi consigo mesmo. E essa não era particularmente debilitante. Por sua vez, Hadi havia aproveitado algumas das alegrias de Roma. E quase nunca sentia culpa por isso. Então seu amigo fazia o mesmo. Nenhuma surpresa.

O carro estacionou na garagem. Notou que uma vaga estava vazia. Então ele tinha outro serviço? Saiu do carro, pegou a maleta no porta-malas e caminhou para a porta.

— Hadi? — soou a voz da porta da casa. A porta da garagem já estava descendo.

— Effendi — respondeu Hadi. Os homens se abraçaram e se beijaram como era costume em sua cultura.

— Como foi seu voo?

— Todos os quatro foram ótimos, mas cansativos. — Hadi passou algum tempo examinando seu rosto. A voz o tornava mais reconhecível. O rosto não. Saif Rahman Yasin estava transformado. O nariz, o cabelo, e até os olhos, de alguma maneira. *Ou não estariam?*, perguntou-se. Apenas a expressão neles. Evidentemente estava satisfeito em ver seu amigo de infância, e a jovialidade que apresentava era tão diferente de seu rosto formal visto na TV e nos jornais.

— Você está bem, meu amigo — disse Hadi.

— Levo aqui uma vida tranquila e confortável — explicou o Emir, com um raro sorriso. — Louvado seja Alá, não temos montanhas para subir. Há muita felicidade em viver debaixo dos narizes deles, como dizem.

— Quando soube disso, achei que você tinha enlouquecido, mas agora percebo sua sabedoria.

— Obrigado. — O Emir o levou para dentro da casa. — Você escolheu viajar como judeu, não foi? Isso é bom. Por aqui existem muitos deles.

— E a cidade é tão corrupta quanto dizem?

— Ainda mais. A população é muito móvel. As pessoas aqui não reconhecem ninguém, salvo talvez seus amigos mais íntimos. É como o Líbano costumava ser.

— Ou Bahrein ainda é.

— Mas isso é perto demais de casa. — Ele não precisava explicar. Muitos sauditas iam para lá em carros com motoristas, para desfrutar dos prazeres da carne, e vários poderiam reconhecer sua voz, ou seu novo rosto. A família real saudita queria vê-lo morto tanto quanto os americanos. De fato, eles até instalariam palanques para o público na praça da Justiça em Riad para que os infiéis vissem seus últimos minutos com suas minicâmeras e outros artefatos de gravação. Havia muitos prêmios por sua cabeça... E o dos americanos não era sequer o mais alto.

— Entre. Vamos colocar você numa cama de verdade.

Hadi o seguiu pela cozinha para dentro da casa, e foram para a esquerda rumo à

ala dos dormitórios.

— Você está seguro aqui? — perguntou Hadi.

— Sim, mas posso sumir em alguns minutos. Não é perfeito, mas é o melhor que se pode conseguir.

— E testa sempre sua rota de fuga?

— Semanalmente.

— Faço a mesma coisa na Itália.

— Descanse! — disse o Emir abrindo a porta do quarto. — Precisa de alguma coisa?

Hadi meneou a cabeça.

— Poderia comer, mas preciso dormir. Vejo você de manhã.

— Boa noite, meu amigo. — Um empurrão com o ombro, e o Emir fechou a porta. O sujeito tinha voado quase 10 mil quilômetros. Conquistara o direito de estar exausto.





Bell e Granger esperavam no escritório de Hendley quando Jack e Clark chegaram.

— Fracassei em Chicago — contou-lhes Clark, caindo numa cadeira giratória. — Ele voou para Las Vegas. Dali para a frente, quem sabe? McCarran tem voos para todos os lugares. Talvez Los Angeles, São Francisco, droga, ou talvez de volta para a costa leste.

— O nome de viagem dele? — perguntou Bell.

— Joel Klein. Judeu, imagine só? Mas faz sentido, acho. Podemos navegar pelos computadores para ver se reservou algum voo a partir dali, mas quem pode dizer se ele não tem várias outras identidades?

— Já estamos verificando — assegurou Granger. — Até agora sem resultados. E não tenho mais ideias.

— Se tivesse que apostar, diria que ele dormiu em algum lugar por lá, talvez programado para continuar sua viagem amanhã. Não temos homens suficientes, Rick. Precisamos de mais gente, de mais olhos para fazer isso.

— Temos o que temos — disse Bell.

— Pois é.

— Há outra possibilidade — declarou Jack. — E se o destino dele fosse Las Vegas? E aí o quê?

— Possibilidade bem assustadora — respondeu Granger. — Significa que temos uma célula operacional do CRO aqui mesmo.

— Conte-nos sobre Peshawar — disse Hendley alguns minutos depois.

Clark pescou o drive de Masood de sua pasta e o colocou na mesa. Deu a versão resumida da viagem.

— Não sei por que eles não revistaram a casa — disse. — Segundo Masood, ele copiou aqui tudo o que fez para o CRO. Tenho que supor que o sujeito que eles ajudaram a se mudar foi o Emir.

— Por enquanto vamos supor assim. — Hendley acenou a Bell. — Rick, pode levar isso para Gavin? Peça que ele descarregue o conteúdo logo que possível. — Para

Clark: — Quer chamar Mary Pat?

— Já fiz isso. Ela está a caminho.

Hendley pegou o aparelho de telefone e ligou para o saguão.

— Ernie, aqui é o Gerry. Temos uma visitante a caminho. Mary Pat Foley. Isso mesmo, obrigado.

Mary Pat apareceu na porta de Hendley quarenta minutos depois.

— Belas instalações — disse. — Parece que eu é que estou no negócio errado. — Avançou pelo carpete e apertou a mão de Hendley. — Que bom ver você de novo, Gerry.

— Você também, Mary Pat. Estes são Rick Bell e Sam Granger. E acho que já conhece Jack Ryan. — Mais apertos de mão e um olhar surpreso de Mary Pat.

— Mantendo o legado da família? — perguntou ela a Jack.

— Nos seus começos, sim, senhora.

— Mary Pat.

Hendley disse:

— Sente. — Ela escolheu a cadeira que estava ao lado de Clark. — Você parece cansado, John.

— Sempre pareço assim. É a iluminação.

— Vamos deixar todos na mesma página.

Clark recapitulou tudo para Mary Pat. Quando terminou, ela assobiou.

— Um sujeito que faz mudanças. Isso nos diz algo. Você não precisa usar alguém como Masood a menos que esteja deixando a região.

— Logo mais teremos o conteúdo do disco rígido — disse Granger.

— Mas não vai nos dizer onde ele está — predisse Mary Pat. — O Emir é escorregadio demais para isso. Provavelmente usou mais de um movimentador. Os usa para pular aonde possa sair do radar. O melhor que conseguiremos é uma aproximação.

— O que é muito melhor do que o que temos agora — observou Rick Bell.

Enquanto Biery e seus geeks mergulhavam no disco rígido de Masood, e Clark e Chavez se recuperavam um pouco tirando uma soneca nos sofás da sala de estar, Jack voltou sua atenção para o pen drive que Ding tirara de um dos bandidos em Trípoli. Depois de constatar que continha imagens estegocriptografadas, ele e Biery decidiram tentar craquear os arquivos com um algoritmo de força bruta, com um jantar pago pelo perdedor. Ocupado como Biery estava com o disco rígido de Masood, Jack sentiu confiança por começar na frente.

Após duas horas remoendo, um dos algoritmos deu certo e uma imagem começou a despixelizar em sua tela. Era um arquivo grande, quase 6 megabytes, de modo que

a decodificação levaria alguns minutos. Ele pegou o telefone e avisou Granger. Dois minutos depois, Jack estava com um auditório de oito pessoas de pé atrás de seu ombro, observando o monitor enquanto a foto se revelava.

— Que diabo é isso? — perguntou Brian, inclinando-se.

A foto estava borrada e sem saturação de cor. Jack a importou para o Photoshop e passou alguns filtros na imagem, trabalhando contraste e brilho até que ela ficasse clara.

Dez segundos de silêncio.

A imagem com 20x25 centímetros tinha um estilo das *pin-ups* dos anos 1940: uma mulher de cabelos escuros com uma saia simples de algodão branco, sentada num fardo de feno, as pernas timidamente cruzadas. Mas estava despida da cintura para cima, com os peitos impossivelmente grandes caindo até suas coxas.

— Peitos — disse Sam Granger. — Deus do céu, Jack, você descobriu peitos.

— Oh, merda — murmurou Jack.

Todos caíram na risada.

Dominic disse:

— Jack, seu taradinho... Nunca imaginei.

Depois Brian:

— Então, Jack, quanta “despixelização” você pratica nas horas vagas?

Mais risadas.

— Muito engraçado — resmungou Jack.

Quando a risada parou, Hendley disse.

— Muito bem, vamos parar por aqui e deixar o Sr. Hefner prosseguir. Belo trabalho, Jack.

Às quatro horas da tarde, Jack despertou Clark e Chavez.

— Hora do espetáculo, pessoal. Na sala de conferências em cinco minutos.

Em quatro minutos os dois estavam lá, ambos armados com um copo extragrande de café. Todos já estavam em seus lugares: Hendley, Granger, Bell, Rounds, Dominic e Mary Pat. Clark e Chavez sentaram. Rounds começou. Olhou um sumário que Biery lhe enviara minutos antes.

— Uma boa parte disso é constituída por porcas e parafusos que podem nos ajudar mais tarde. Os itens referentes ao grande quadro são três. — Pegou o controle remoto e apontou para a tela de 42 polegadas da TV. A página da frente de um passaporte surgiu na tela. — É assim que nosso homem parecia em algum momento entre os últimos seis a nove meses.

Houve dez segundos de silêncio ao redor da mesa.

— Tem uma semelhança com as poucas fotos que temos dele — disse Bell.

Rounds falou:

— Passaporte francês forjado. Trabalho de alta qualidade. Os carimbos, a

encadernação, a costura... tudo perfeito. Segundo o disco rígido de Masood, o Emir usou esses três meses atrás. De Peshawar para Dushanbe, Tajiquistão, depois para Ashgabat, Volgogrado e depois para São Petersburgo. Depois, nada.

— Foi até aí que Masood o levou — acrescentou Dominic.

— Não pode ser seu destino final — respondeu Jack. — Outro movimentador tomou conta a partir daí, talvez?

Clark falou:

— Se fizermos a média dos pulos, ele se dirigia na direção geral do nordeste. Expanda isso um pouco e você está na Finlândia ou na Suécia.

— Suécia — disse Mary Pat. — A coisa da cirurgia plástica?

— Talvez — disse Granger.

— O assunto com a Hlasek Air? — perguntou-se Chavez em voz alta.

— Isso também, talvez. Se São Petersburgo foi até onde Masood o levou, isso quer dizer que ele abandonou o passaporte francês e pegou outro. Se foi para a Suécia ou para a Finlândia com o novo, não podia ir mais a lugar nenhum além desse ponto, pelo menos não legitimamente.

— Explique — pediu Hendley.

— Ele não podia usar seu rosto antigo para o novo passaporte, e não há como conseguir outro cheio de ataduras, portanto tem que ficar quieto até os inchaços e os machucados desaparecerem. *Então* ele consegue outro passaporte.

— Vamos retroceder um pouco — disse Jack. — Quem assumiu como transportador em São Petersburgo? Essa é a pergunta que temos que fazer.

— Agulha num palheiro — comentou Bell.

— Talvez não — voltou Mary Pat. — Masood era ex-ISI. O CRO o escolheu porque era profissional. Iriam querer a mesma coisa na Rússia. Talvez tenhamos que procurar um ex-SVR, ou ex-KGB.

— Ou GRU — acrescentou Rounds. — Inteligência militar.

— Certo.

— Alguma maneira de estreitar essa lista, Mary Pat? — perguntou Clark.

— Talvez. É uma habilidade bem especializada. Provavelmente exigiria alguém que lide com ilegais. E ainda há muitos deles por aí.

— Mas quantos deles morreram? — disse Jack. — Em São Petersburgo. E nos últimos quatro meses. Eles provavelmente teriam matado Masood antes se ele não tivesse se escondido. Era uma ponta solta. O transportador russo também seria.

— Bom raciocínio, Jack — disse Hendley. — Acha que pode trabalhar nisso? — perguntou a Mary Pat.

— Me dê algumas horas.

Ela já estava de volta do NCTC em duas.

— Realmente não foi muito difícil. Jack, você acertou na mosca. Mês passado em

São Petersburgo, Yuriy Beketov, ex-oficial da KGB, Diretoria S, ilegais, da Primeira Diretoria Central. Morto a tiros em um restaurante checheno. Os policiais de São Petersburgo colocaram no quadro da Interpol. Botei umas pessoas para tentar descolar mais detalhes, mas Beketov parece caber no caso.

— Até lá, vamos jogar com essa possibilidade — disse Hendley. — Digamos que ele foi para a Suíça, ou Suécia ou Finlândia, para a cirurgia.

— A Suécia tem meu voto — disse Rounds. — Ele gostaria de alguém de alto nível, muito particular, com clientela selecionada. Há muito mais disso na Suécia que na Finlândia. É o lugar para começar a procurar.

— Google — disse Jack.

Já eram quase nove da noite quando acharam o que precisavam. Jack empurrou a cadeira para longe do laptop e passou as mãos pelo cabelo.

— Bem, tenho que reconhecer. Eles são consistentes. Implacáveis e consistentes.

— Pode nos iluminar — disse Clark.

— Há três semanas, Clínica Orrhogen, em Sundsvall. Completamente queimada com o diretor-gerente lá dentro. E mais: Sundsvall está apenas a 100 quilômetros ao norte de Söderhamn. Se Brian e Dominic não tivessem aparecido, uma aposta bem segura seria que o mecânico Rolf já estaria morto.

— Muito bem. Então o Emir faz a cirurgia, passa alguns dias em recuperação e depois vai embora — disse Granger. — Acredito que haja cinquenta por cento de chances de que ele não tenha outro passaporte. Precisaria alugar um avião, e um aeroporto particular, e um piloto que não se importasse em se sujar um pouco. — Hendley considerou o assunto. — E como exatamente ele faria isso?

— Rolf nos deu a resposta — respondeu Dominic. — Duplicação do código do transponder.

— Certo — respondeu Jack. — Hlasek desliga o primeiro código do transponder, sai do radar, liga o segundo código e estão em outro avião.

— Esse tipo de coisa certamente deve estar registrado em algum lugar — observou Rounds. — Temos entrada com a FAA ou a Transport Canada?

— Não — respondeu Granger. — O que não quer dizer que não podemos. — Pegou o telefone e, dois minutos depois, Gavin estava na sala de conferências.

Jack explicou o que buscavam, então perguntou:

— Factível?

Gavin bufou.

— Os firewalls da FAA são uma piada — respondeu ele. — E os da Transport Canada também. Me deem meia hora.

Cumprindo a palavra, trinta minutos depois Biery ligou para a sala de conferências.

Hendley o colocou no viva-voz.

— No período de tempo que você me deu, 18 voos saíram do radar seja no espaço aéreo dos EUA ou do Canadá. Dezesseis não eram nada, algum erro do operador, um era um Cessna que caiu perto de Albany, e o outro, um Dassault Falcon 9000, que também sumiu. O piloto relatou um problema com seu trem de aterrissagem a caminho de Moose Jaw. Minutos depois o perderam no radar.

— Onde é Moose Jaw? — perguntou Dominic.

— Canadá. Ao norte, mais ou menos na posição onde Dakota do Norte e Dakota do Sul se encontram — disse Jack.

— E tem mais — disse Biery. — Fiz uma pesquisa hackeando palavras-chave entre a Transport Canada, a FAA e o NTSB. Três dias depois que Moose Jaw perdeu o Falcon, um pescador na costa da Califórnia descobriu um FDR, a caixa-preta. Segundo o NTSB, a caixa pertencia a um Gulfstream, o tal que supostamente ainda está no hangar perto de Söderhamn. O caso é que os aviões Dassault são equipados com um protótipo de novo FDR. Está projetado para se soltar da fuselagem quando alcança certo limite cinético. E tem um flutuador e um farol; as caixas do Gulfstream só têm o farol. A caixa que descobriram pertence ao Falcon da Hlasek.

Hendley soltou um suspiro e olhou ao redor da mesa.

— Ele está aqui. O filho da puta se esconde bem embaixo do nosso nariz.

Clark assentiu.

— A questão é: o quê? Deve haver algo grande para fazê-lo sair.



— Nosso amigo chegou em segurança? — perguntou Ibrahim. Os cliques digitais interrompiam de vez em quando a voz de seu subordinado.

— Sim — respondeu o Emir. — Saiu daqui ontem. Li os detalhes do seu plano. Informe em que pé estão as coisas.

— Estamos prontos. Basta seu aviso e podemos estar no país em 72 horas.

Falar diretamente com o comandante de sua equipe no terreno foi uma decisão súbita de sua parte, e certamente perigosa, especialmente diante de suas próprias circunstâncias precárias, mas o risco valia a pena. O método de comunicações era tão seguro quanto qualquer outro; um pacote caseiro de criptografia que haviam conectado à conta VoIP — *Voice over Internet Protocol* — do Skype para comunicação entre computadores.

Ao decidir prosseguir com a operação de Ibrahim, o Emir queria ter uma discussão final, como uma medida tranquilizante não apenas para ele, como também para Ibrahim. Se por acaso ele perdesse a vida na missão, sua verdadeira recompensa estaria no paraíso, mas aqui na terra ele ainda era um soldado indo para a batalha, e soldados muitas vezes precisam de elogios e encorajamento.

— Quantas vezes você esteve lá? — perguntou o Emir.

— Quatro. Duas para recrutamento e duas para reconhecimento.

— Fale mais sobre seu contato.

— O nome dele é Cassiano Silva. Brasileiro de nascimento, educado na religião católica. Converteu-se ao islã há seis anos. É um dos fiéis, disso tenho certeza, e jamais deixou de providenciar tudo que pedi.

— Tariq me disse que você o recrutou de modo bem eficiente.

— Os serviços de inteligência ocidentais chamam o método de “falsa bandeira”. Ele acredita que sou da inteligência do Kuwait, com ligações com a Divisão de Análise de Mercado da OPEP. Achei que ele iria considerar a ideia de espionagem industrial mais... palatável.

— Estou impressionado, Ibrahim — disse o Emir, com convicção. — Você demonstrou bons instintos.

— Obrigado, senhor.

— E seu plano... você está confiante de que é factível?

— Estou, mas gostaria de continuar cuidadoso até chegar ao terreno. Na aparência, todas as partes se encaixam perfeitamente.

Portanto, ele deixaria Ibrahim prosseguir com o plano. Sabia que aquele seria o primeiro dominó de uma série, no final da qual aconteceria algo que realmente mudaria o mundo. Mas isso estava no futuro — não em um futuro distante, mas longe o suficiente para saber que, se focasse nisso excluindo as demais pequenas peças, poderia prejudicar o todo.

— Quantas baixas você calcula?

— Por enquanto é impossível calcular. Centenas, talvez. Mas, como você disse, esses números no fundo são irrelevantes.

— Certo, mas cadáveres aparecendo na televisão têm um efeito espantoso, algo que deve funcionar a nosso favor mais tarde. Quanto tempo deve levar seu reconhecimento final?

— De cinco a seis dias.

— E depois disso?

— De 48 a 72 horas para o próprio evento.

O Emir examinou mentalmente seu calendário. Manipulando mais de uma operação como era o caso, tinha que segurar a aprovação final até que pelo menos tivesse notícias da equipe na Rússia. As outras peças em Dubai e Dakar já estavam no lugar e esperando. A pedra fundamental, é claro, a adorável garota tártara, que não podia apressar tanto assim. Tariq tinha confiança de que ela se movimentava em ritmo adequado, e por enquanto ele precisaria se satisfazer com isso, mas no fundo da mente deveria considerar alternativas para o caso de ela fracassar. Eles seriam capazes de disfarçar suas ações ou colocar em prática algumas táticas de retardo, mas violência — especialmente o tipo de violência que provavelmente seria requerida — sem dúvida atrairia a atenção das autoridades.

Se tal ação se tornasse necessária, será que eles poderiam permanecer tão à frente das autoridades para poder completar o Lótus?

— Você tem minha aprovação final — disse o Emir.

O palpite de que o Emir muito provavelmente já estava nos Estados Unidos, escondido em algum lugar entre as Dakotas e a Califórnia, foi rapidamente seguido pela compreensão de que pouco havia a fazer para confirmar essa hipótese. É certo que sabiam que Shasif Hadi, viajando com o codinome de Joel Klein, tinha se dirigido para Las Vegas quando perderam seu rastro, mas isso não queria dizer nada. O passaporte Klein não havia mais aparecido no sistema, o que poderia significar que ele não seguira para além de Las Vegas ou que simplesmente tinha cumprido as regras do trabalho e trocara Klein por outra identidade. A recuperação que Jack fez das atividades anteriores de Hadi mostrava muitas viagens pelo Golfo Pérsico, pela



Europa Ocidental e pela América do Sul — que necessitavam muitas escalas. Salvo distribuir a foto de Hadi para as agências de segurança em Las Vegas, pouco poderiam fazer além de continuar trabalhando no problema de o que dispunham.

— Nossa! — disse Jack Ryan do fundo do seu cubículo.

— O quê? — perguntou Dominic da sala de conferências, onde a reunião estratégica diária mal tinha começado.

— Esperem aí, estou indo. — Digitou algumas teclas, enviando o arquivo para a ligação audiovisual da sala de conferências e pegou o controle remoto da mesa.

— Você está com cara de adolescente que acabou de ver o primeiro peitinho — falou Brian. — O que aconteceu?

— Estava rondando um dos sites do CRO quando topei com isso. — Dirigiu o controle remoto para o monitor de 42 polegadas na parede. Após alguns segundos, três imagens apareceram lado a lado na tela plana: a primeira mostrando um homem enforcado pelo pescoço em uma sala sem características marcantes; a segunda mostrando o mesmo homem deitado no chão, a cabeça decepada a seu lado; na terceira, a cabeça estava ladeada pelos pés cortados.

— Jesus Cristo, isso é mesmo muito sério — disse Brian.

— Qual site, Jack? — perguntou Rounds.

Ele recitou a URL e depois falou:

— É um portal do CRO, mas até agora tinha sido apenas propaganda. Tipo “rá, rá, enfim isso no infiel, pusemos eles para correr”.

— Bem, com certeza isso aqui não é conversa mole — falou Ding Chavez.

— É uma punição — declarou Clark, olhando a tela.

— Enforcamento é um modo bastante padrão de execução para eles, e a decapitação é uma humilhação adicional, algo tirado do Corão, se me lembro, mas os pés... Será que essa é a mensagem real?

— O quê? Será que ele tentou fugir? — perguntou Dominic. — Deixar o CRO?

— Não, ele fez alguma movimentação que não deixou os escalões superiores felizes. Vimos isso no Líbano em 1982. Algum grupo derivado do Hamas, não me lembro do nome, explodiu um ônibus em Haifa. Uma semana depois os líderes foram encontrados dessa mesma maneira: enforcados, decapitados e com os pés cortados.

— Que jeito de mostrar seu ponto — disse Chavez.

Rounds perguntou:

— Jack, de onde esse site é gerado?

— Esse é o lance — respondeu. — Vem de Benghazi.

— Bingo — disse Dominic. — Isso chegando tão perto e tão próximo do caso da embaixada em Trípoli... Quanto querem apostar que estamos vendo o final de uma missão feita sem sanção?

Ninguém da mesa aceitou a aposta.

— E se for mais que uma punição? — disse Jack.

— Explique — rebateu Rounds.

Clark respondeu:

— É um aviso. Aquela coisa no Líbano... Duas semanas depois, o Hamas tentou enfiar um carro-bomba dentro da embaixada britânica, um quarteirão distante do local da explosão. Falhou porque o pessoal da inteligência ainda estava trabalhando na explosão do ônibus.

— O mesmo princípio pode estar valendo aqui — disse Jack. — Estão avisando às outras células que tenham modos.

— Sim, mas a favor do quê? — perguntou Chavez.



Aestrada de cascalhos que saía da praia parecia quase imaculada, provavelmente porque havia pouco trânsito, se é que havia, passando por ali, e nem mesmo muitos animais que a pisoteassem, além do tempo inclemente que matara ou impedira o crescimento de qualquer vegetação.

Musa deu um adeus final a seu capitão, Vitaliy, depois assentiu solenemente para Idris, a quem ordenou que ficasse ali. Apesar de improvável, se o capitão tentasse sair antes que retornassem, Idris mataria os dois russos. Pilotar o barco de volta ao porto sem eles seria um desafio, mas Alá lhes mostraria o caminho.

Musa subiu no assento de passageiros do veículo. Fawwaz, já atrás do volante, deu a partida no motor, enquanto Numair e Thabit subiam na carroceria.

— Vamos — ordenou Musa. — Quanto mais cedo terminarmos o que viemos fazer, mais rápido saímos desse lugar amaldiçoado.

Fawwaz engatou a primeira e começou a subir a colina.

O farol e o abrigo vizinho estavam a apenas 1 quilômetro dali, talvez uns 500 metros colina acima. Vitaliy e Vanya sentaram nas cadeiras giratórias da casa do leme e observaram o progresso dos homens através de binóculos, bebendo chá e fumando cigarros, e desejando mais comida, enquanto a música no rádio ficava pior. O cão de guarda de Fred ficou na amurada, observando os dois. A leste estava a tundra verde-bandeira, e a vista era tão sem acidentes geográficos quanto a que um rato teria ao contemplar um carpete verde.

Vitaliy observou quando dois deles saíram do caminhão, e depois usaram sinais de mão para o motorista estacionar de costas no abrigo de aço.

Vitaliy jamais vira um dos geradores que faziam o farol funcionar. Tinha ouvido falar que tinham material radioativo, ainda que seu modo de funcionamento fosse além do seu conhecimento. Também havia ouvido dizer que alguns desapareceram, mas, se isso aconteceu, não foi com algum dos faróis importantes de seu pedaço da costa. Tanto quanto sabia, podiam muito bem ser pequenos geradores a diesel. A lâmpada do farol geralmente era pequena, dificilmente com mais de 100 watts, um

fato que surpreendia — na verdade, maravilhava — os que não sabiam disso. As lentes Fresnel focavam a luz em um raio pequeno, da espessura de um lápis, cujo alcance efetivo era determinado pela altura do farol, e qualquer luz aparecia brilhante na noite escura. Os faróis, falou a si mesmo, eram um resto obsoleto dos tempos antigos, dificilmente ainda necessários na era das ajudas eletrônicas. Então, que dano realmente ele podia estar provocando? Esse fretamento financiaria a aquisição por ele de um moderno sistema GPS, provavelmente um dos novos modelos japoneses que custavam 500 ou 600 euros, mais baratos que o carro novo que ele queria. E que droga importava isso?

Naquele instante, jamais lhe ocorreu que aquilo podia provocar a morte de milhares de pessoas.

Levou quatro horas, muito menos do que Fred havia sugerido. Poderia ter sido ainda mais rápido se simplesmente tivessem demolido o abrigo de placas corrugadas, mas evidentemente não queriam fazer aquilo. O farol parecia inteiramente normal durante o dia (com o sol completamente descoberto era difícil ver se a luz estava ou não acesa), e, à noite, poucos iam até aquele golfo para notar. E mesmo se fossem, tanta coisa na Rússia não funcionava como previsto que uma a mais dificilmente seria notícia. Duas xícaras de chá e cinco cigarros mais tarde, o caminhão ribombou voltando à vida e começou a descer a estrada de cascalhos até o barco. Só quando fizeram a volta para regressar é que Vitaliy viu algo pendurado no guindaste, com cerca de 1 metro, grosseiramente retangular com bordas curvas que sugeriam haver um cilindro ali dentro, talvez do tamanho de um barril de petróleo. Então aquilo era a bateria do farol? Ele havia se perguntado como era a aparência delas, e também como funcionavam. Parecia grande demais para proporcionar uma energia para uma lâmpada tão pequena. Isso a fazia tipicamente soviética, é claro: grande, desajeitada, mas geralmente funcional.

Um dos membros da equipe caminhava de costas atrás do caminhão guindaste, guiando-o de volta para o barco e, depois de três horas, quando a maré ficou novamente favorável, chegou a hora de levantar a rampa e partir. O homem na cabine do caminhão manobrou o guindaste para abaixar o gerador até o convés. Seus colegas não o amarraram no lugar. Não eram marinheiros, mas estavam cheios de euros.

Vitaliy ligou os motores em reverso e avançou para águas profundas, depois girou o leme para se dirigir de volta a noroeste, na direção do estreito de Kara. Então, ele ganhara seus 2 mil e tantos euros. No processo, talvez tivesse queimado 1.000 em óleo diesel — na verdade menos, mas as pessoas que o fretaram não sabiam disso —, e o restante era o desgaste de seu T-4, e de seu próprio e valioso tempo, é claro. Assim, a tarefa já estava concluída pela metade. Ao voltar para o porto, ele os descarregaria e deixaria que fossem para onde quisessem. Nem queria imaginar onde seria isso.

Não se interessava em saber. Verificou seu cronômetro. Exatamente 14 horas. Portanto, ele não aportaria antes do fim do dia; mais um dia para cobrar, e para ele isso era ótimo.

Sem ter conhecimento de que havia uma missão complementar a caminho a 300 milhas dali, Adnan e seus homens se preparavam para deixar o conforto relativo do barco. O capitão, Salychev, manobrava o Halmatic para dentro de uma enseada na costa ocidental da ilha. Adnan estava de pé na proa, observando os braços incrustados de neve da enseada se fecharem ao redor deles até a passagem não ter mais que 1 quilômetro de largura. O nevoeiro continuou subindo da superfície da água até que Adnan só conseguia vislumbrar os penhascos, escarpas marrons erodidas salpicadas de cascalhos e matacões.

O motor a diesel do Halmatic pipocava suavemente enquanto Salychev assoviava para si mesmo dentro da cabine. Adnan avançou e entrou.

— O quanto estamos distantes do povoado...

— Belushya Guba — completou Salychev por ele. — Não muito. Subindo pela costa está a cerca de 100, 150 quilômetros. Não se preocupe. As patrulhas não entram nas enseadas, ficam pela costa. Posso até escutá-las se o vento estiver certo, mas assim tão perto da terra os radares de navegação deles se embaralham. Não poderiam nos ver a menos que tropeçassem em nós.

— Houve detonações nesta área?

— Algumas, mas isso foi lá pelos anos 1960, 1961. E das pequenas. Nada mais que uns 15 quilotons. Só bebezinhas, nada com que se preocupar. Agora, costa acima, talvez uns 300 quilômetros ao norte de Belushya Guba, está Mityushev. Lá, sim, fizeram muitas. Dúzias e dúzias, todas com centenas de quilotons, um par de megatons, também. Se você quiser ver como é a lua, esse é o lugar para ir.

— Você já esteve lá?

— Ao largo. Não há dinheiro no mundo que me faça me enfiar por aquelas baías e canais. Não, o lugar para onde estamos indo é um paraíso comparado com Mityushev.

— É de admirar que qualquer coisa viva ali.

— Tudo é relativo. Você já ouviu falar do Pak Mozg?

— Não.

— A tradução é “caranguejo de cérebro”. Supostamente tem meio metro de altura, com uma casca partida ao fundo e com o sistema nervoso exposto, tipo pendurado pela abertura da carapaça.

— Você está brincando comigo.

Salychev deu de ombros.

— Não, nunca vi um, mas tenho um amigo que jura que já viu.

Adnan sacudiu a mão desdenhosamente.

— Bobagem. Quanto tempo até chegarmos ao estaleiro?

— Mais ou menos duas horas. Vai escurecer logo depois, de modo que vai ter que esperar amanhecer. Não vai querer zanzar por lá na escuridão.

— Não.

— Você nunca disse exatamente o que está procurando. Amostras, certo?

— Desculpe?

— Amostra de solo e rochas. É isso que a maioria dos tipos como você vem pegar aqui: lixo. Para testar seja lá o quê.

— Certo — respondeu Adnan. — Lixo.



O único problema seria se as pessoas observassem a entrada e a saída de carros.

Arnie chegou primeiro. O ex-presidente Ryan o recebeu e os dois foram até a sala de estar.

— Pronto? — perguntou o ex-chefe de Estado-Maior.

— Não tenho certeza — admitiu Jack.

— Bem, Jack, se você tem dúvidas, é melhor exorcizá-las hoje. Ou você quer mais quatro anos com Ed Kealty na Casa Branca?

— Droga, não — respondeu Jack quase imediatamente. Depois pensou de novo no assunto. Será que era tão arrogante que pensava ser *ele* o projetado salvador dos Estados Unidos da América? Tais momentos de introspecção lhe vinham rapidamente. Ele não era dos que mediam seu ego na escala Richter ou em notação na décima potência. A campanha que se aproximava não seria divertida sob nenhum aspecto. — O problema é: meu ponto forte são os assuntos de segurança nacional. Não sou especialista em assuntos domésticos.

— Kealty é, ou pelo menos é a imagem que projeta. Mas tem fendas na armadura, Jack, e vamos descobrir quais são. E tudo que *você* tem que fazer é persuadir 200 milhões de eleitores americanos de que é um homem melhor que ele.

— Você não está pedindo muito — resmungou Ryan. — Há muitas coisas para consertar. — *Um monte de coisas para consertar*, repetiu para si mesmo. — Muito bem, quem é o primeiro?

— George Winston e alguns de seus amigos de Wall Street. George vai ser o seu tesoureiro.

— E quanto isso vai custar?

— Acima de 100 milhões de dólares. Mais do que você pode suportar, Jack.

— E essas pessoas sabem o que estão comprando?

— Certamente George explicou para eles. E você tem que sustentar isso, é claro. Ei, olhe o lado bom. Sua administração não teve muitos casos de corrupção. Os repórteres farejaram à beça, mas ninguém descobriu muita coisa.

— Jack, esse sujeito é um perdedor — anunciou George Winston, com a concordância geral dos que estavam ao redor da mesa de jantar. — O país precisa de alguém diferente. Você, por exemplo.

— A pergunta é: você volta também? — perguntou Ryan.

— Já tive minha cota — respondeu o ex-secretário do Tesouro.

— Tentei dizer isso também, mas Arnie não está aceitando.

— Droga, estávamos com o sistema fiscal arrumado até que esse babaca veio e fodeu com tudo novamente, e ainda conseguiu diminuir a receita — enfatizou Winston, mostrando desgosto. Aumentar impostos invariavelmente diminui a receita assim que os contadores começam a trabalhar com o novo código. O novo e “justo” código fora uma dádiva divina para a comunidade dos sonegadores.

— E sobre o Iraque? — perguntou Tony Bretano, mudando o rumo da conversa. O antigo CEO da TRW tinha sido o secretário de Defesa escolhido por Ryan.

— Bem, gostemos ou não, estamos colados com eles — admitiu Ryan. — A questão é: podemos sair de lá espertamente? Mais espertamente do que Kealty está fazendo?

— Quando Mary Diggs fez o discurso há dois anos, quase foi fuzilado. — O general Marion Diggs tinha dado uma surra no Exército da República Islâmica Unida quando era chefe do Estado-Maior do Exército, mas suas observações sobre os conflitos mais recentes foram completamente ignoradas pela nova administração. O sucessor de Diggs no Pentágono havia se inclinado diante das ordens da Casa Branca e feito o que lhe disseram para fazer. Era uma falha comum dos militares de alto escalão e nem era novidade. Para muitos, o preço da quarta estrela era arrancar os colhões. A maioria deles não era antigo o suficiente para ter servido no Vietnã. Não viram amigos e colegas de classe morrer por conta de erros políticos, e as lições infligidas na classe anterior de oficiais se perderam no processo de algo que chamaram “progresso”. O fato de Ed Kealty ter dissolvido duas divisões de infantaria ligeira e depois ter se metido em um conflito que gritava por formações de infantaria ligeira era algo que as agências de notícias ignoravam totalmente. Além disso, os tanques eram muito mais fotogênicos.

— Isso posso dizer de você, Tony. Sempre escutou os conselhos — disse-lhe Ryan.

— Saber o que você não sabe ajuda. Sou bom engenheiro, mas não sei de tudo ainda. Esse sujeito que assumiu meu lugar de vez em quando está errado, mas jamais tem dúvidas. — O ex-secretário Bretano havia acabado de descrever a pessoa mais perigosa do planeta. — Jack. Tenho que dizer agora que não voltarei. Minha esposa está doente. Câncer de mama. Esperamos que tenha sido detectado suficientemente cedo, mas ainda não temos o resultado.

— Quem é o seu médico? — perguntou Ryan.

— Charlie Dean, da Universidade da Califórnia. Já me disseram que é muito bom — respondeu Bretano.

— Desejo boa sorte a vocês, amigo. Se Cathy puder ajudar, é só nos avisar, certo?



— Ryan tinha usado sua esposa para várias indicações médicas no decorrer dos anos e, ao contrário da maioria dos políticos, não achava que qualquer um que tivesse um “Dr.” antes do nome era a mesma coisa, pelo menos não no tratamento de outras pessoas.

— Certo, obrigado. — A notícia teve um efeito sóbrio na reunião. Valerie Bretano, uma vivaz mãe de três, era muito estimada por praticamente todos ali.

— E sobre o anúncio?

— É, é preciso fazer isso, não é?

— A menos que você queira uma campanha clandestina. Assim é meio difícil vencer — observou Arnie. — Posso chamar Callie Weston para rabiscar um discurso para você?

— Ela é boa com as palavras — reconheceu Ryan. — Quando terei que fazer isso?

— Quanto mais cedo, melhor. Para começar a enquadrar os problemas.

— Concordo — disse Winston. — Ele não sabe bater acima do cinturão. Alguma bagagem ruim, Jack?

— Nada que eu saiba, e isso não quer dizer nada que eu me lembre. Se alguma vez infringi a lei, vão ter que provar isso para mim e para um júri.

— É bom ouvir isso — observou Winston. — Acredito em você, Jack, mas se lembre dos advogados do diabo. Há muitos deles em Washington.

— E sobre Kealty? Que roupa suja ele tem por aí?

— Muita — respondeu Arnie. — Mas você só pode usar essa arma com cuidado. Não se esqueça de que ele tem a simpatia da imprensa. A menos que você tenha um videoteipe, eles farão um esforço extraordinário de verificação, e tentarão fazer com que ricocheteie em você. Posso ajudar um pouco nisso. Deixe os vazamentos comigo, Jack, e quanto menos você souber disso, melhor.

Não pela primeira vez, Ryan se viu perguntando qual a razão de Van Damm ser tão fiel a ele. Estava tão metido no sistema político que fazia e dizia coisas que Jack jamais compreendia exatamente. Se ele era um bebezinho, então Arnie van Damm era sua babá. Coisa útil, as babás.



Odiesel pipocava monotonamente enquanto o barco de desembarque navegava rumo oeste. Vitaliy permanecia no leme, sempre dando uma olhada na bússola giroscópica, observando a água deslizar por baixo da proa rombuda e pelos lados. Sem um navio ou barco de pesca à vista. Já era o meio da tarde. O caminhão estava de volta ao seu lugar. O aparelho cor bege que tinham trazido — *roubado? Bem, provavelmente sim* — estava no convés de aço enferrujado. Ele teria que raspar e pintar o convés antes que ficasse frio demais para isso. Pintar na atmosfera congelante era perda de tempo. Mesmo se secasse, simplesmente descascava. *Tenho que pintar logo*, disse a si mesmo. Vanya reclamaria disso. Como ex-marinheiro da Marinha soviética, considerava esse tipo de manutenção um insulto à sua hombridade. Mas Vanya não era o dono do barco, e Vitaliy se importava, e ponto final. Os passageiros relaxavam, fumando cigarros e bebendo chá. Era estranho que não bebessem vodka. Ele se dera ao trabalho de conseguir uma da boa, não aquela porcaria feita a partir de batatas. Vitaliy cedia ao desejo de beber. Apenas vodka pura, feita com grãos. Às vezes, ele se excedia e bebia Starka, a vodka marrom que antes era consumida apenas pelo Politburo e pelos chefes locais do partido. Mas essa época já tinha passado — para sempre? Só o tempo diria, e por enquanto ele não iria perturbar suas entranhas com vodka falsificada. Vodka permanecia sendo uma das coisas que seu país fazia bem — melhor que qualquer outro país do mundo. *Nasha lusche*, disse a si mesmo — *A nossa é a melhor* —, um antigo lugar-comum russo, apesar de ser fato. Ele logo daria conta do que esses bárbaros não bebiam.

O mapa mostrava sua posição. Vitaliy realmente tinha que comprar aquele sistema de navegação com GPS. Mesmo por aqui, não havia substituto para saber sua posição exata o tempo todo, porque as águas lisas e escuras não revelavam nada além de 1 metro abaixo... *Muito devaneio*, reprimiu-se. Um marinheiro supostamente devia estar alerta o tempo todo. Mesmo quando estava a bordo do único barco à vista em um mar liso e calmo.

Vanya apareceu a seu lado.

— Motores? — perguntou o proprietário ao imediato.

— Ronronando como gatinhos. — Gatinhos bem ruidosos, é claro, contudo

macios e regulares. — Os alemães projetaram muito bem.

— E você faz a manutenção adequada — assentiu aprovadamente Vitaliy.

— Não gostaria de perder força onde estamos. Eu também estou aqui, camarada capitão — acrescentou. Além disso, o trabalho era bem-pago. — Quer que o substitua no leme?

— Está ótimo — disse Vitaliy, recuando um passo.

— Para que eles querem aquela coisa?

— Talvez tenham lanternas grandes lá de onde vieram.

— Não existe ninguém assim tão forte — objetou Vanya, estourando de rir.

— Talvez queiram construir um farol próprio lá onde vivem, e essa bateria é cara demais para comprar.

— Quanto você acha que custa?

— Nada, se você tiver o caminhão certo — observou Vitaliy. — Não tem nem adesivos de aviso. Pelo menos, nada sobre tirá-la do lugar.

— Eu que não iria querer isso embaixo do meu travesseiro. É um gerador atômico.

— É mesmo? — Vitaliy nunca havia se informado sobre como operava o gerador.

— Sim, tem um triângulo tripro sinalizando no lado. Eu não chego perto dessa maldição — anunciou Vanya.

— *Humpf* — resmungou Vitaliy na mesa de mapas. Seja lá o que fosse, os passageiros deviam saber, e *eles* estavam bem perto da coisa. Então, como isso poderia ser perigoso? Mas decidiu não se aproximar muito. Coisa radioativa. Não se podia ver nem sentir o que fazia. Isso era o que a tornava assustadora. Bem, se eles queriam brincar com isso, problema deles. Lembrou-se da velha piada da Marinha soviética: *Como você reconhece um marinheiro da Frota do Norte? Ele brilha no escuro*. É claro que já havia escutado todo tipo de história sobre os homens designados para servir a bordo dos submarinos nucleares. Trabalho infeliz e, como a tripulação do *Kursk* descobrira para o azar deles, perigoso. *Não, que tipo de maluco vai ao mar em um navio que supostamente deve afundar?*, perguntou-se. Ainda por cima, uma usina elétrica que solta veneno invisível. Era preciso muito para fazer com que Vitaliy tremesse, mas tal pensamento conseguia o resultado. Um motor a diesel podia não ser tão poderoso, mas não tentava matá-lo só por estar por perto. Bem, 15 metros distante daquela bateria. Devia ser seguro. Seus passageiros estavam a apenas 5 metros, e pareciam bem contentes e confortáveis.

— O que você acha, Vanya? — perguntou o proprietário.

— Aquela bateria ali? Não vou me preocupar. Pelo menos não muito. — Ele dormia na popa e abaixo da cabine de comando. Apesar da pouca educação formal, Vanya era suficientemente esperto para lidar com as máquinas e suas personalidades.

Vitaliy olhou o volume de aço à frente da casa do leme. Era aço, afinal, e com 7 ou 8 milímetros de espessura. O suficiente para deter uma bala. Certamente era o suficiente para deter a radiação, não é? Bem, não é possível se preocupar com tudo.

Aportaram logo depois do pôr do sol, onde as coisas já estavam fechando. No cais dos navios de grande porte, um navio ro-ro estava meio carregado com caixas de carga para os campos petrolíferos a leste, e os estivadores voltavam para suas casas, esperando completar o carregamento no dia seguinte. Os bares próximos ao cais já limpavam as mesas à espera dos negócios da noite. No geral, uma modorrenta noite em um porto que, na maior parte do tempo, era modorrento. Vitaliy direcionou seu barco para um cais, o que tinha uma rampa para carregar caminhões e trailers em barcos como o dele. O cais parecia abandonado, como era normal, o chefe do cais já a caminho de um dos bares para beber e jantar.

— Os dias estão ficando curtos, capitão — observou Vanya, parado à esquerda do timão. Dentro de mais algumas semanas, eles dificilmente veriam o sol, e seria a época de manutenção invernal, sem ninguém fretando o barco. Até os ursos polares estariam procurando os covis onde dormiriam durante o duro inverno, enquanto os humanos faziam quase a mesma coisa, ajudados pela vodca. E um dos faróis permaneceria sem luz durante toda a estação. Não que isso fosse de muita importância.

— Assim podemos dormir mais, não é, Vanya?

*Sempre uma boa maneira de passar o tempo*, pensou o marinheiro.

Os passageiros ainda estavam no convés de desembarque, parados perto de seu caminhão. Não pareciam muito animados por estar de volta ao porto, percebeu Vitaliy. Bem, eram sistemáticos, e para ele tudo bem. Já estava com metade do preço do fretamento no bolso, e o restante do dinheiro logo chegaria, e talvez ele comprasse o sistema GPS para facilitar sua navegação, se conseguisse fazer um bom negócio. Yuriy Ivanov devia ter um bom estoque dos brinquedinhos no depósito e, por uma garrafa de Starka, talvez pudesse conseguir uma boa barganha no que ainda em muito parecia uma economia de trocas.

— Desça para controlar os motores, Vanya.

— Seguindo suas ordens, camarada capitão — respondeu o marinheiro, dirigindo-se para o porão da popa.

Ele simplesmente rebocaria o barco, decidiu Vitaliy. A rampa era de concreto coberto de cascalho e seu barco era feito para esse tipo de coisa. Alinhou cuidadosamente e moveu a apenas 2 ou 3 nós, o mínimo necessário. A luz diminuía, mas não tão rapidamente.

— A postos — disse pelo intercomunicador.

— A postos — respondeu Vanya do mesmo modo.

A mão esquerda de Vitaliy pegou no acelerador de mão, mas não o moveu ainda. *Trinta metros, aproximação suave*, disse a si mesmo. *Vinte metros*. Sua visão periférica mostrou apenas um barco de pesca, ancorado ao lado, ninguém à vista. *Estamos chegando... agora*.

Foi um barulho horrível, do tipo que faz os dentes das pessoas trincarem, e o fundo de aço se arrastou na rampa, mas o ruído logo parou, e Vitaliy colocou o

acelerador em ponto morto. E a viagem e o fretamento estavam completos.

— Desligue os motores, Vanya.

— Sim, camarada capitão. Desligando. — E o ribombo parou.

Vitaliy puxou a alavanca de soltar a rampa da cabine, e a rampa da proa desceu vagarosamente até a doca. Feito isso, desceu até a rampa de desembarque. Os passageiros foram até ele.

— Obrigado, capitão — disse o líder deles com um sorriso. Falou em inglês, com sotaque, mas Vitaliy nem notou.

— Tudo satisfatório?

— Sim — respondeu o estrangeiro. Depois falou em outro idioma com um de seus amigos, mas Vitaliy não compreendeu. Não era inglês e não era russo. É difícil reconhecer um idioma que não se fala e, como dizia a velha piada, tudo era grego para o capitão. Um dos passageiros entrou no caminhão e ligou o motor, levando-o para o cais, a carga pendurada pelo guindaste da carroceria. Sob a luz que diminuía, o selo de três triângulos de aviso de radiação brilhava muito, o que provavelmente era intencional. Um momento depois, outro caminhão apareceu no cais, e o antigo veículo do Exército encostou nele de ré. Outro dos passageiros ativou o controle do guincho, levantando, e depois descendo a bateria na área de carga do segundo caminhão. Seja lá quem fossem essas pessoas, eram razoavelmente eficientes. Alguém devia ter usado um celular para pedir auxílio, especulou Vitaliy.

— Então, aqui está seu dinheiro — disse o líder, entregando um envelope.

Vitaliy pegou, abriu e contou as notas. Dois mil euros, compensação nada insatisfatória pelo que tinha sido um trabalho bem simples. E o suficiente para comprar o sistema GPS, mais algumas Starka, e 100 para Vanya, é claro.

— Obrigado — disse Vitaliy educadamente e apertou sua mão. — Se precisar novamente de mim, sabe onde me encontrar.

— Posso vir amanhã, digamos, por volta das dez da manhã?

— Estaremos aqui — prometeu Vitaliy. Tinham que começar a pintar o convés, e o dia seguinte seria tão bom quanto qualquer outro.

— Então virei ver vocês — prometeu o líder. Depois apertaram as mãos e ele foi para o cais.

Em terra, falou com um companheiro, usando agora seu idioma nativo:

— Amanhã às dez — disse ao seu principal subordinado.

— E se o porto estiver movimentado?

— Faremos tudo lá dentro — explicou.

— A que hora pegamos o avião?

— Amanhã ao meio-dia.

— Excelente.

Eles apareceram pouco antes das dez, percebeu Vitaliy. Com o restante do dinheiro,

esperava. Dirigiam um carro diferente dessa vez. Um japonês. Eles estavam dominando a Rússia. Muitos de seus conterrâneos ainda não gostavam dos produtos alemães, uma atitude permanente que provavelmente tinha menos a ver com a história que com os filmes de guerra que a indústria cinematográfica russa produzia como se fossem maços de cigarro.

O homem usava uma parca, frouxa o suficiente para vestir um suéter por baixo, e foi sorrindo até o barco. Então, sim, talvez tivesse um bônus para ele. As pessoas geralmente sorriam antes de entregar dinheiro.

— Bom dia, capitão — chamou, entrando na cabine. Olhou ao redor. Não havia muita atividade à vista, salvo no cais dos navios de grande porte, onde estavam carregando as caixas de mercadorias, a meio quilômetro de distância. — Onde está seu imediato?

— Abaixo, mexendo nos motores.

— Ninguém mais por aqui? — perguntou, aparentando surpresa.

— Não, nós fazemos a manutenção do barco — disse Vitaliy, indo pegar seu caneco de chá. Não conseguiu. A bala 9 milímetros entrou nas suas costas sem aviso e atravessou seu coração, de trás para a frente, antes de sair pelo peito e através do casaco. Ele caiu no convés de aço, mal percebendo o que aconteceu, antes de perder a consciência pela última vez.

Então o líder dos passageiros do frete desceu a escada até a sala de máquinas, onde Vanya, tal como comunicado, trabalhava no cano de descarga do motor de estibordo. Ele mal levantou os olhos de suas ferramentas e nem viu a arma subir e disparar. Dessa vez foram dois tiros, bem no peito, de uma distância de 3 metros. Quando se certificou de que seu alvo estava morto, Musa colocou a pistola no bolso e subiu. Vitaliy estava caído de bruços no convés. Musa verificou o pulso da carótida, não sentiu nada, e, com a missão cumprida, saiu da cabine e desceu a escada, parando para se virar e acenar para o corpo na cabine, para o caso de alguém vê-lo descer. Depois, desceu a rampa até onde o carro alugado o esperava. Tirou o mapa para guiá-lo até o aeroporto local, e logo terminaria sua estada naquele país infiel.



No dia seguinte, estavam de pé pouco depois das seis horas, reunindo o equipamento no convés enquanto o velho e grisalho Salychev bebericava seu café e observava. O vento do dia anterior tinha esmaecido, deixando a baía lisa e calma, salvo o leve ondular contra as rochas a meio quilômetro de distância. No entanto, o céu não havia mudado desde o dia anterior, permanecendo na mesma cor de chumbo que tinha desde que chegaram à Rússia.

Quando todo o equipamento estava arrumado, Adnan fez uma relação dos itens novamente na sua lista mental, e depois mandou que tudo fosse arrumado em quatro mochilas grandes com armação externa. Em seguida, vieram os dois botes infláveis. Eram negros e pareciam antigos, mas os motores de popa montados no gio estavam em bom estado e não havia vazamentos nem remendos, afinal Adnan tinha se assegurado disso quando os comprara. Quando os botes estavam inflados na pressão máxima, os homens começaram a colocar as tábuas de convés nos respectivos chanfros.

— Esperem, esperem — disse Salychev. — Esse jeito está errado. — Foi até lá e removeu uma das tábuas e a virou, ajustando a ponta curva com o rebordo do convés do bote. — Assim, percebem?

— Obrigado — disse Adnan. — Isso faz diferença?

— Acho que depende se você quer viver ou morrer — respondeu o capitão. — Do jeito como vocês fizeram, o fundo iria se fechar como uma ostra. Vocês iam se ver na água antes de perceber.

— Oh.

Cinco minutos depois, os botes estavam completamente montados. Os homens os desceram pelo lado e amarram os cabos de atracação da proa nas braçadeiras na popa do Halmatic. Depois desceram os motores, em seguida as bolsas com equipamentos e finalmente os homens. Adnan passou por último pela amurada.

— Voltaremos antes que escureça — disse a Salychev.

— E se não voltarem?

— Voltaremos.

Salychev deu de ombros.

— Não queiram ser surpreendidos lá fora à noite, a menos que tenham equipamento ártico escondido nessas bolsas.

— Voltaremos — repetiu Adnan. — Certifique-se de estar aqui.

— Para isso é que você me paga.

Se não fossem os blocos de gelo flutuantes e as plataformas de gelo malsubmersas, a viagem até a praia teria durado dez minutos, mas passaram quase quarenta minutos antes de o nariz do bote da frente raspar a praia de seixos. Os botes foram puxados até um terreno mais alto e as mochilas descarregadas; Adnan ajudou cada um dos homens a preparar seu carregamento e depois levantou o seu.

— Inóspito — disse um dos homens, olhando em volta.

Afora uma linha de despenhadeiros marrons e regulares a 4 quilômetros a leste, o terreno era plano, coberto de pedras, tufo de relva marrom, e uma fina camada de gelo que esmagavam sob as botas.

— E o que vai ser dos botes? — perguntou outro dos homens.

— Vamos rebocá-los — disse Adnan. — As pedras são suficientemente lisas para permitir isso.

— Qual a distância? — perguntou outro.

— Seis quilômetros — respondeu Adnan. — Vamos.

Partiram seguindo a praia na direção norte e leste, mantendo a baía à sua esquerda até que se estreitasse a apenas 100 metros e se curvasse ao sul para o interior, onde o canal seguia paralelo aos despenhadeiros que tinham visto no desembarque. Mais perto, Adnan pôde ver que os despenhadeiros na verdade eram colinas com pendentes bem agudas, a superfície que sofreu erosão por séculos ou milênios de escoamentos de neve e vento. Depois de mais 2 quilômetros de caminhada, o canal subitamente se alargava em uma segunda baía, uma forma grosseiramente oval com 2 quilômetros quadrados de superfície.

Os navios haviam sido ancorados sem cuidado nem ordem, como Adnan podia ver, alguns adernados no vizinho, outros com proas e popas encostadas umas nas outras em ângulos diversos, enquanto ainda havia aqueles encalhados por rebocadores para abrir espaços para novas chegadas. Originalmente todos eram civis, a maioria cargueiros de carga seca e navios-oficinas e de reparos, mas o tamanho de todos oscilava entre 30 e 200 metros, alguns tão velhos que os cascos estavam completamente enferrujados e esburacados.

— Quantos estão ali? — perguntou um dos homens, olhando admirado.

— Dezoito, mais ou menos — respondeu Adnan.

Era uma estimativa grosseira, com certeza, baseada em suas próprias informações, mas provavelmente bem perto do que o próprio governo russo poderia estimar. Aquela baía havia se transformado num cemitério não oficial nos meados dos anos 1980, quando a corrida armamentista com o Ocidente começou a pesar na



infraestrutura financeira soviética e cada vez mais gastos eram aparados a favor dos gastos militares. Era mais barato descarregar e abandonar navios descomissionados do que transformá-los adequadamente em ferro-velho. Aquele era apenas um de dúzias de cemitérios marítimos nos mares de Barent e de Kara, a maioria cheios de navios que simplesmente constavam em alguma tabela como “ancorados, aguardando desmanche”. Ninguém informara a Adnan como esses cemitérios tinham atraído a atenção de seus superiores, nem ele conhecia os detalhes do que logo seria conhecido como o mais caro erro administrativo da história moderna.

Provavelmente o navio tinha um nome e uma designação, mas esses detalhes haviam sido excluídos do relatório de instruções entregue a Adnan. O que ele tinha era um mapa com as coordenadas de ancoragem e um esboço grosseiro da planta do porão de carga e das entradas no convés. Evidentemente, o mapa não viera nem da Atomflot nem do estaleiro, mas sim de uma fonte de primeira mão, provavelmente alguém da tripulação. Adnan também conhecia a história da embarcação e como ela chegara até ali.

Comissionado em 1970 como navio-oficina da Atomflot, fora designado para descarregar combustível usado e componentes danificados de embarcações atômicas civis no mar e levá-los de volta à terra para descarte. Em julho de 1986, sobrecarregado com varetas de alto nível de reatores nucleares de um quebra-gelo danificado, o navio perdeu velocidade de manobra quando estava em águas agitadas e se danificou, derramando água do mar nos porões e soltando as varetas de reatores. A contaminação foi tão severa e imediata que a tripulação, de 42 no total, morreu antes que barcos de salvamento chegassem ao local. Ansiosa por não revelar ao mundo outro desastre do nível de Chernobyl, que acontecera havia apenas três meses, Moscou ordenou que o navio fosse rebocado até uma angra isolada na costa leste da Novaya Zemlya e abandonado no local.

O erro que permitira que outras embarcações fossem depositadas ali foi monumental, mas tal é a natureza da burocracia, raciocinou Adnan. Certamente em algum momento o governo havia percebido o erro, mas então pouca coisa podia ser feita. A baía fora declarada como área restrita, e o segredo foi mantido. De vez em quando, equipes eram enviadas até lá para verificar se havia vazamentos no casco do navio ou sinais de invasão, mas, enquanto o tempo passava e as prioridades mudaram, o incidente deve ter se dissolvido nas páginas secretas da história da Guerra Fria soviética.

*O que os olhos não veem, o coração não sente*, acreditava Adnan.

O navio estava ancorado do lado norte da angra, a 50 metros da praia e escondido da vista por um par de cargueiros. Precisaram apenas de mais quarenta minutos para circunavegar a angra.

Começaram a descarregar o equipamento. Primeiro tiraram as vestes de proteção

impregnadas de borracha com proteção química L1, e depois as botas de borracha e as luvas. Como a maior parte dos equipamentos, as vestes eram originárias do Exército: verde-oliva e duras, e fedendo a tintura. Depois de verificar se os zíperes e os encaixes estavam fechados, cada homem colocou uma máscara respiradora GP-6 da era soviética.

— Para que mesmo isso vai adiantar? — perguntou um dos homens, com a voz abafada.

— Estão destinadas à exposição a curto prazo — respondeu Adnan. Parte dele lamentava a mentira, mas não havia o que pudesse ser feito. Mesmo que as roupas não tivessem já vinte anos, seriam de pouca utilidade contra outra coisa que não agentes químicos e biológicos.

Se contasse a verdadeira extensão do perigo que estava diante deles, os homens provavelmente iriam embora, mas essa era uma possibilidade com a qual não podia contar.

— Se estivermos fora daqui dentro de uma hora, não haverá danos a longo prazo. — Isso também era mentira.

Empurraram os botes para dentro d'água e se amontoaram neles, navegando para a escada de acesso à meia-nau, que estava abaixada, chegando a uns 30 ou 50 centímetros acima da água. A razão disso era desconhecida para Adnan, pois ninguém da tripulação escapara. Talvez o governo tivesse feito algum tipo de inspeção no passado.

Amarraram os botes na escada e subiram. A escada sacudiu e retiniu sob seus pés. No alto, viram que a grade da amurada estava fechada, mas bastaram algumas pancadas com a mão para Adnan soltar a fechadura e abri-la.

— Fiquem juntos e prestem atenção para não pisar em pontos frágeis do convés — disse ele. Verificou seu esboço, e depois se colocou de frente para a proa para se orientar. *Segunda escotilha descendo*, pensou, *descer uma escada e ir para a direita...*

Seguiram em frente, caminhando rígidos e com as pernas um tanto abertas, o tecido das vestimentas arranhando sovacos e coxas. Adnan manteve a cabeça se movendo, verificando tanto o convés a seus pés quanto a superestrutura acima. Tentou nem pensar nas partículas invisíveis bombardeando sua veste e penetrando em sua pele. Tal como a fechadura da grade, a alavanca para soltar a escotilha estava enferrujada e resistiu ao primeiro puxão. Outro membro da equipe se juntou a ele, e unidos conseguiram puxar a alavanca até a escotilha abrir.

Todos ligaram as lanternas e, um a um, passaram pela escotilha, onde começaram a descer. No convés seguinte viraram à direita em um corredor. Passaram por três corredores laterais, cada um cheio de portas de cabines ou escotilhas. Canos e conduítes de eletricidade cruzavam o teto como veias. Na quarta interseção, Adnan entrou à esquerda e parou na porta. Havia uma janelinha na altura dos olhos. Olhou por ali, mas não conseguiu ver nada.

Voltou-se para os homens.

— Provavelmente haverá água no convés. É o nosso maior risco. Não confiem muito em corrimões e passarelas. Se alguma coisa começar a ceder, devem ficar imóveis onde estão e não entrar em pânico. Compreenderam?

As cabeças assentiram ao redor.

— Com o que parece esse container?

— Um barril de petróleo, mas só com a metade do tamanho. Se Alá quiser, deve estar preso na parede da sala de contenção. — *Melhor seria se fosse vontade de Alá que essa porta de contenção ainda estivesse fechada e trancada*, pensou Adnan. De outra maneira, não havia como encontrar o que tinham vindo buscar antes da radiação matá-los. — Alguma outra pergunta?

## VIAGEM A GUBA CHERNAYA

Guba Chernaya

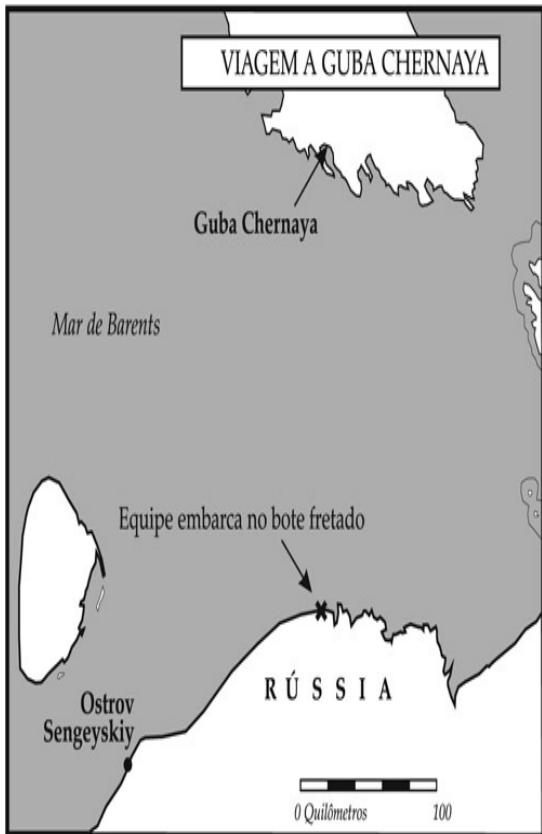
*Mar de Barents*

Equipe embarca no bote fretado

Ostrov  
Sengeyskiy

R Ú S S I A

0 Quilômetros 100



Não havia nenhuma.

Adnan se virou para a porta e experimentou a maçaneta. Bem protegida da maresia, ela girou livremente. Devagar, ele a empurrou apenas o suficiente para que pudessem passar, mas manteve a maçaneta segura para que a porta não balançasse e fechasse quando entrassem. Deu uma passada experimental adiante, colocando com cuidado o pé na passarela e vagarosamente aplicando seu peso para a frente, até ter certeza de que aguentaria. Deu mais um passo, depois se virou à esquerda, então mais dois passos. Olhou por cima do ombro e acenou. O homem seguinte entrou.

Em relação ao tamanho do espaço de carga, o deste navio era pequeno, medindo cerca de 10 metros quadrados de área e 6 metros de profundidade. A passarela onde estavam se estendia pela extensão do compartimento e terminava em uma escada. Depois que todos os homens passaram pela porta, Adnan começou a andar pela passarela. Na metade, ele parou e se aproximou do gradil, cuidando para não bater nele. Apontou a lanterna para cima e pôde ver o perfil da escotilha de carga, 8 metros por 8; por uma borda, percebeu uma faixa prateada de luz. Sabia que tinha sido por ali que entrara a água do mar. A escotilha de carga havia torcido em uma rolagem a estibordo e o selo quebrara. Apontou a luz da lanterna para baixo. Como temia, o convés estava inundado, uma lama de água do mar, poeira radioativa e pedaços de varetas de combustível, várias das quais ele podia ver flutuando na superfície. Em algum lugar ali embaixo estava o contêiner revestido de chumbo, o “sarcófago”. Quantas das fechaduras se romperam durante o acidente? Quantas varetas de combustível permaneciam trancadas nos recipientes?

Avançaram para a escada.

— É aquilo ali? — perguntou um dos homens, apontando a lanterna para baixo dos degraus.

No fundo, a 3 metros de área inundada, havia uma porta estilo cofre de banco presa por oito alavancas, três de cada lado e uma no alto e outra no fundo. Na altura da cintura, a partir do batente da esquerda, havia um mecanismo de tranca preso por um cadeado.

— Alá seja louvado — murmurou Adnan.



O aeroporto internacional fora de Arcangel recebia principalmente voos domésticos, e poucos desses, salvo no verão. A maioria tomava o trem para o sul, que era mais barato e acessível para os cidadãos locais. A Aeroflot ainda não tinha se livrado de sua antiga reputação de segurança de voo abaixo do padrão. Porém havia um terminal de carga bem mais ativo, usado principalmente para pescados que precisavam de transporte rápido para vários restaurantes internacionais. De modo que o pacote foi carregado no compartimento dianteiro de carga de um DC-8 com 40 anos, pertencente à Asin Air Freight. Voaria até Estocolmo, e dali, com nova tripulação, se dirigiria mais ao sul, parando em Atenas antes da perna final até o Aeroporto Internacional de Dubai nos Emirados Árabes Unidos.

— O que é isso? — perguntou o agente da alfândega, olhando o recém-pintado compartimento da “bateria”.

— Equipamento científico, de raio X, algo assim — respondeu seu colega.

O agente verificou que os papéis estavam corretamente preenchidos, e isso, realmente, era o que lhe importava. Não era uma bomba. Elas exigiam formulários diferentes. De modo que assinou na linha verde e carimbou o papel, tornando-o oficial. Ninguém nem mesmo precisou suborná-lo para isso. Se fosse munição, precisariam, mas obviamente aquilo não era nenhum tipo de arma. Ele não perguntou, eles não esclareceram. Para alívio deles, e indiferença dele. Uma empilhadeira movida a gás levantou a embalagem — que pesava uns 700 quilos —, e a levou até a plataforma colocada ao lado do compartimento de carga. Dali foi levantada nos braços a bordo e firmemente amarrada no convés de alumínio.

O piloto e o copiloto faziam a inspeção pré-voo da aeronave, andando ao redor, verificando vazamentos de fluidos, inspecionando visualmente a fuselagem em busca de qualquer coisa errada. O negócio de carga aérea não era conhecido pela qualidade de seus procedimentos de manutenção, e os tripulantes, cujas vidas viajam na cabine de comando, faziam o melhor possível para compensar esse fato perturbador. O pneu da popa do trem de pouso principal do lado esquerdo precisava de substituição em mais ou menos dez ciclos. Fora isso, parecia que o avião conseguiria voar pelas próximas oito horas. Voltaram para a sala da tripulação para beber um pouco do

(horrível) café local com pão (bem razoável). As marmitas com almoço já estavam a bordo, guardadas pelo engenheiro de voo, ocupado na verificação dos motores.

Trinta minutos mais tarde estavam de volta e subiram a antiquada escada para se colocar a caminho. Isso levou mais 15 minutos, e depois taxiaram até o final da pista um-oito para começar a corrida para levantar voo. A velha aeronave tinha 37 mil horas na fuselagem — começara a vida como avião de passageiros da United Airlines, na maioria das vezes cruzando da costa leste para a oeste e voltando, com algumas passagens por Saigon como *Freedom Bird*, que a aeronave, se tivesse memória, lembraria com um sorriso. Ascenderam até a velocidade de cruzeiro determinada, de 32 mil pés, e se dirigiram para oeste antes de pegar o rumo sul sobre a Finlândia, diminuindo a velocidade enquanto cruzavam o mar Báltico, e aterrissaram em Estocolmo. Tudo era rotina, terminando na pista dois-seis e dobrando à esquerda para o terminal de carga. Um caminhão-tanque imediatamente se aproximou para reabastecer e logo depois chegou a tripulação substituta, perguntando como fora a viagem e como estava a aeronave. Todas as respostas estavam dentro dos limites aceitáveis, e a tripulação que chegou desembarcou para tomar o carro que os levaria até o hotel usado pelas equipes de bordo. O hotel tinha um pub, que eles ficaram felizes em ver, com chope gelado. A tripulação substituta já estava com o DC-8 voando novamente antes que eles terminassem o primeiro *pint*.

De volta à Rússia, Musa estava no Aeroporto Domodedovo, em Moscou, no terminal principal, o que parecia uma espaçonave alienígena (mas que era um avanço em relação à adorada escola de design de bolo de noiva stalinista), fazendo uma ligação internacional para um amigo em Berlim. Quando a ligação se completou, disse ao amigo que o carro tinha sido adequadamente consertado, e que ele receberia o pagamento da próxima vez que se encontrassem. Seu amigo concordou, e a chamada terminou. Musa e seus homens foram então para o bar do aeroporto, onde desfrutaram largamente de doses de vodca russa com preço estupidamente alto, mas que, pelo menos, era de uma marca de qualidade, enquanto passavam duas horas esperando pelo voo da KLM que os levaria até a Holanda. O bar também lhes serviu fatias de pepino e pão para acomodar a vodca nos estômagos. Pagaram a conta em euro, deixando uma gorjeta miserável para o garçom antes de embarcar no 747 da KLM, na cabine da primeira classe, onde a bebida era grátis, e da qual também desfrutaram. Por sua vez, os pensamentos de Musa não se fixaram nos dois assassinatos que cometera. Fora necessário. Ele aceitara essa parte da missão antes de viajar para a Rússia e fretar o barco do infiel. Olhando em retrospectiva, surpreendeu-se por ele e seus amigos não terem aceitado bebidas enquanto estavam a bordo, mas havia o velho ditado sobre não misturar negócios com prazer, e não misturar álcool com os negócios certamente era um ditado ainda mais sábio. Será que aquele tal de Vitaliy tinha comentado sobre o fretamento com alguns amigos locais?

Impossível saber. Mas como ele não sabia seus nomes ou endereços, e ninguém havia tirado nenhuma fotografia, que evidências ele teria deixado para trás? O norte da Rússia lhe parecia como aqueles velhos filmes americanos de caubói, nos quais as coisas eram muito casuais para serem adequadamente investigadas pela polícia. As pistolas usadas tinham sido descartadas, e isso era tudo, imaginou. Com aquilo decidido, abaixou o assento e deixou que o álcool o levasse ao sono.

O 747 aterrissou no Aeroporto Tempelhof em Berlim à uma da manhã, hora local. Musa e os demais desembarcaram em separado, passaram pela complicação da imigração usando seus passaportes holandeses, atravessaram para recolher a bagagem e dali para o ponto de táxi, onde um alemão dirigindo um Mercedes foi direcionado, em inglês, até certo endereço. Estava no que localmente era conhecido como Cidade das Parabólicas, por conta da quantidade de antenas de televisão via satélite. Elas permitiam aos muitos residentes árabes assistir à TV em seu próprio idioma.

O anfitrião já estava esperando, avisado por um amigo em Amsterdã, de modo que ele só precisou bater uma vez. Apertos de mãos e beijos trocados, e Musa entrou na sala de estar do pequeno apartamento. Mustafa, o dono da casa, levantou um dedo aos lábios e depois à orelha esquerda. O apartamento podia estar grampeado, pensou. Bem, em um país infiel é preciso se precaver. Mustafa ligou a TV na reprise de um programa de jogos.

— Sua missão foi bem-sucedida? — perguntou Mustafa.

— Completamente.

— Ótimo. Posso servir alguma coisa?

— Vinho? — perguntou Musa. Mustafa foi até a cozinha e trouxe uma taça cheia de vinho branco do Reno. Musa tomou um longo gole, depois acendeu um cigarro. Tivera um dia longo, mais os dois assassinatos, que, constatou, tendiam a perturbá-lo por nenhuma razão que ele conseguisse perceber. De qualquer maneira, o sono veio rapidamente, tão logo Mustafa estendeu o saco de dormir, e ele terminou seu vinho do Reno. No dia seguinte seguiria para Paris, esperando a notícia de que o pacote havia chegado sem problemas, e depois prosseguiria. Em Dubai poderia desfrutar de algum tempo livre; o engenheiro designado para o pacote era confiável e competente, e necessitaria de pouca supervisão. Mas, pensou Musa, que tipo de supervisão ele poderia dar? O que deveria ser feito com o pacote estava além de suas habilidades.

Era um nome estranho para uma cidade, pensou Kersen Kaseke. O local da derrota final de Napoleão diante de Wellington. Talvez uma metáfora conveniente: uma mudança de sorte divinamente ordenada para um tirano que mantivera boa parte do mundo sob seu punho. Ainda assim, achar um lugar como aquele, no meio do



“cinturão do milho”, fora uma surpresa, como muita coisa nos Estados Unidos. As pessoas ali pareciam bem decentes e o tratavam bem, a despeito de seu nome engraçado e do inglês com sotaque pesado. Ajudava, ele tinha certeza, conseguir se fazer passar por cristão, filho adotivo de um missionário luterano que morrera dois anos antes em um ataque de morteiro nos arredores de Kuching. Apesar de achar repugnante negar diariamente o islã e o Verdadeiro Profeta, a história havia, efetivamente, amolecido os corações dos mais desconfiados dos moradores da cidade, a maioria dos quais eram operários ou fazendeiros. Não, na verdade ele não desprezava as pessoas, e sim o governo, e, por mais triste que pudesse ser, há milênios os cidadãos pagavam o preço de políticas brutais e fracassadas. Para as pessoas dali, tratava-se simplesmente de uma questão do destino finalmente alcançá-los. Destino e a vontade de Alá. Além disso, lembrou a si mesmo, o que viria para essas pessoas era apenas uma fração do que seu próprio país sofrera. Apesar de a história trágica de seus pais missionários ser tecnicamente falsa, era, no espírito, muito verdadeira. As ruas de Zagreb, Rijeka, Osijek e dúzias de outras tinham sido inundadas pelo sangue e pela miséria dos muçulmanos por décadas, sem que o Ocidente fizesse nada para salvá-los. O que teria acontecido, imaginou Kaseke, se tivessem sido crianças cristãs louras e de olhos azuis massacradas nas ruas de Londres ou Los Angeles? Então?

Como o e-mail instruiu, Kaseke dirigiu seu Ford Ranger 1995 até a estação de ônibus de Trailway em Sycamore, entre a 3 e a Park Avenue. Parou o Ranger no estacionamento do Doyle's Pub, caminhou de volta um quarteirão até a estação, e entrou. A chave que recebeu pelo correio uma semana antes coube no armário número 104. Lá dentro, achou uma caixa de papelão resistente embrulhada em papel marrom. Era pesada, quase 15 quilos, mas reforçada com fita adesiva. Não havia nada escrito no papel. Ele retirou a caixa, colocou-a no chão entre seus pés, olhou ao redor para ter certeza de que ninguém o observava antes de usar a manga de seu suéter para limpar a chave do armário. Teria tocado em alguma outra coisa? Deixou impressões digitais em algum lugar ali perto? Não, apenas na chave.

Kaseke pegou a caixa e saiu, caminhando de volta pelo quarteirão até sua caminhonete. A caixa foi para o banco de passageiros. Ele entrou pelo outro lado e ligou a ignição, depois fez uma pausa, perguntando-se rapidamente se deveria colocar a caixa no chão. Se ele sofresse um acidente... *Não*, pensou. *Não era necessário*. Ele sabia o que havia na caixa, ou pelo menos tinha uma boa ideia, dado o currículo de treinamento pelo qual passara no acampamento. Eles o haviam treinado bem para fazer uma coisa, e apenas uma coisa.

A carga era perfeitamente inofensiva. Por enquanto.



Eles tinham três pistas sobre o que — se é que havia mesmo algo — o Emir e o CRO planejavam: antigas interceptações de e-mails, que resultaram em pouca utilidade, salvo o anúncio de nascimento que parecia ter colocado o rádio de todas as células do CRO em silêncio, assim como movimentado algumas peças do grupo pelo tabuleiro: Hadi, um mensageiro e um rosto novo no cenário; e o pen drive que Chavez inadvertidamente retirara de um dos bandidos no assalto à embaixada em Trípoli. Até o momento, o fato de o CRO usar esteganografia não lhes tinha dado mais que centenas de gigabytes de fotos de sites afiliados ao Comitê datando de até oito anos antes. Descobrir uma mensagem de 5 kilobytes embutida em um arquivo JPEG duzentas vezes maior era tarefa que não apenas consumia tempo, como também era assustadora.

A quinta e mais promissora pista fora obtida acidentalmente por um dedo que continuou apertando um botão disparador por alguns segundos a mais que o pretendido.

Entre as duas dúzias ou mais de fotografias que Jack havia tirado de Hadi em Chicago, três eram importantes, mostrando o rosto do mensageiro de perfil ou de modo oblíquo, e com luz suficientemente boa. Resultou, entretanto, que não foi o rosto de Hadi que despertou o interesse do Campus, e sim suas mãos. Quando se trata de analisar inteligência, Jack sabia, nem sempre se tratava de descobrir o que se estava buscando, mas sim ver o que estava diante de si.

— Esta aqui — disse Jack, apertando o botão de avançar no controle remoto. A foto seguinte, que apareceu na tela de LCD da TV da sala de conferências, mostrava Hadi subindo no meio-fio e passando ao lado de outro pedestre a caminho da porta. Perto do fundo da foto, pouco visível na sombra, a mão de Hadi e a do estranho se pressionavam, e, entre as duas, um objeto indistinguível.

— Passada por fricção — disse Clark, inclinando-se. — E bem limpa.

— Boa pescaria, Jack — disse Hendley.

— Obrigado, chefe, mas foi pura sorte.

— Não existe isso, *mano* — declarou Chavez. — Sorte é sorte. Aproveite quando ela vem.

— Então temos um segundo rosto — disse Sam Granger. — O que isso serve para nós?

— Nada. Nada por si só — disse Jack. — Mas pode nos levar a algum lugar. — Apertou novamente o botão de avançar. — A maleta do sujeito, ampliada e retocada. Pedi que Gavin produzisse um pouco da mágica do Photoshop. Verifiquem o canto superior direito, aquele quadradinho branco meio enrolado. — Jack apertou novamente o avançar, e o objeto se expandiu e ficou nítido. — É um tíquete de bagagem.

— Puta merda — murmurou Brian Caruso. — É preciso mesmo adorar essa merda de computador.

Hendley se dirigiu a Dominic:

— Agente especial Caruso, essa pode ser uma tarefa adequada para você.

— É para já, chefe.

Munido do número do tíquete, um horário aproximado, e o número de seu escudo no FBI, Dominic levou menos de uma hora para voltar com um nome: Agong Nayoan, vice-cônsul para Assuntos Econômicos do Consulado Geral da República Islâmica da Indonésia em São Francisco.

— Nada de excepcional nele — disse Dominic. — Voou de Vancouver para Chicago e São Francisco na mesma manhã que Hadi. A agência de Frisco conferiu seus dados há alguns anos. Não apareceu nada. Nada de ligações com grupos extremistas, politicamente moderado, sem registros criminais...

— Pelo menos até onde Jacarta admite — disse Granger. — É isso ou ele cobriu bem seus rastros. Temos esse sujeito fazendo uma transferência para um mensageiro conhecido do CRO. Alguém em algum lugar pisou na bola na verificação de antecedentes.

Com uma população de quase 200 milhões de muçulmanos, a Indonésia estava, segundo muitas comunidades de inteligência, ocidentais ou não, rapidamente se tornando um ponto central de recrutamento de grupos terroristas extremistas, os mais poderosos dentre os quais — Jemaah Islamiah, Frente dos Defensores Islâmicos (FDI), Darul Islam e Laskar Jihad — não apenas tinham ligações operacionais e financeiras com o CRO do Emir, como também eram simpatizantes em todos os níveis do governo indonésio. Saber que Agong Nayoan, funcionário do consulado indonésio, tinha tais inclinações não surpreendeu Jack, mas o fato de Nayoan ter optado por ser um atalho para um mensageiro do CRO significava que estavam lidando ali com uma enrascada muito maior do que pensavam.

— Seja lá quem trouxe Nayoan para esse jogo deve ser grande — disse Jack. — Se for pego, o que ele provavelmente vai receber de nós é um PNG. — O que significava *persona non grata*, um termo burocrático para “não queremos mais você aqui”. Expulsão. — Jacarta trata as coisas de modo diferente, entretanto. E é bom se lembrar

disso.

A Agência Indonésia para a Coordenação da Assistência para a Consolidação da Segurança Nacional, ou BAKORSTANAS, tinha atribuições amplas e vagas para descobrir e eliminar ameaças à república, e que era, por sua vez, combinada com poucas restrições legais e supervisão. Se fosse expulso dos Estados Unidos acusado de ajudar o CRO, o melhor que Nayoan podia esperar era um buraco escuro na prisão de Cipinang, e anos ali para refletir sobre seus crimes. O governo de Jacarta nos últimos anos estava tentando se livrar da sombra econômica da China e se vender para o Ocidente como um contrapeso comercial. Seria difícil fazer isso com a fama de placa de Petri de terroristas.

— Ideias? — perguntou Hendley, olhando para Clark.

— Vamos rastrear o gato — respondeu Clark. — Sabemos que Hadi se dirigiu para Las Vegas e talvez mais além. Sabemos onde Nayoan está e de onde veio. Vamos grudar os olhos nele e ver aonde nos leva.

Hendley considerou o assunto; olhou para Granger, que assentiu.

— Você e Chavez — disse Granger. — Comecem em São Francisco, depois Vancouver. Dissequem o sujeito.

— E que tal Jack? — sugeriu Clark. — Boa oportunidade para ele dar os primeiros passos.

Hendley e Granger mais uma vez cruzaram olhares. O chefe olhou para Chavez e para os irmãos Caruso.

— Cavalheiros, podemos dispor da sala por alguns minutos? — Depois que eles saíram, Hendley disse a Jack: — Tem certeza de que quer isso?

— Sim, chefe.

— Então nos diga a razão. — Isso veio de Granger.

— Eu já...

— Diga novamente.

— Posso fazer coisas boas, acho...

— Está fazendo muito bem aqui onde está. E mais: não corremos o risco de queimar você... ou ver o filho de um ex-presidente assassinado. Você é um rosto, Jack.

— Um rosto comum. Conto nos dedos de uma só mão quantas vezes fui reconhecido nos últimos dois anos. O que os olhos não veem, o coração não sente. John e eu já tivemos essa conversa, certo? Não tenho visões românticas sobre a ação em campo.

Hendley olhou para Clark, que abriu os braços.

— Ou ele é bom ator ou está dizendo a verdade.

Jack sorriu.

— Olhem, no pior dos casos, vou ver como a outra metade vive e isso fará de mim um analista melhor, certo? É uma situação em que todos ganham.

— Muito bem, você está na equipe. Mas cuidado com seus modos. Nada de andar enfiando agulhas em pessoas desta vez, entendido?

Jack assentiu.

— Entendido.

— John, como você está com Driscoll?

— Conversei com ele hoje de manhã, dei algumas dicas. Acho que podemos ter como dado que o CID quer a cabeça dele. Está lidando calmamente com isso... melhor do que a maioria. Gosta do trabalho que faz. Acho que, se tiver uma oportunidade de sair de baixo e ainda manter a mão na massa, ele estaria interessado. Algum avanço do seu lado?

— Acho que teremos força suficiente para fazer a Procuradoria-Geral recuar, mas não para manter Driscoll com o uniforme. Quando voltar de Chicago, pode vender o caso para ele.

Clark assentiu.

— Chame-os de volta, Sam.

Depois que Chavez e os Caruso entraram, Brian disse:

— Ei, como finalmente estamos proativos sobre essa merda... O CRO matou esse tal de Dirar por alguma boa razão. Alguma ideia a mais sobre irmos a Trípoli dar uma sacudida na árvore?

— E o que você espera que caia? — perguntou Granger.

Dessa vez foi Dominic que respondeu:

— Ou Dirar foi liquidado diretamente pelo CRO, ou mandaram algum afiliado fazer o serviço. De qualquer modo, se descobirmos quem fez isso teremos mais uma peça do quebra-cabeça... Talvez alguma indicação sobre protocolos de comunicação, rotas de financiamento... Quem sabe?

Hendley assentiu.

— Preparem os documentos e peçam para Viagens preparar o itinerário. Vamos ver se vocês conseguem levantar algum contato em Trípoli, alguém na embaixada que não se importe em ter uma conversinha por fora. Vamos providenciar também um briefing para Dominic e Brian... Jack, talvez esse novo negócio no qual você e Gavin tem trabalhado?

— Deixa comigo, chefe.

Hendley levantou e olhou ao redor da mesa.

— Muito bem, cavalheiros, ao trabalho. Precisamos de uma ponta, algo a partir do qual possamos descascar e usar como alavanca.

\*

Cada homem iria precisar de um quarto para si, sabia Hadi, todos dentro de uma hora de carro de distância da instalação, e nenhum luxuoso demais para despertar curiosidade em uma estada de dez a 14 dias. Estrangeiros que chegavam a um novo

país procurando trabalho não tinham dinheiro para acomodações de luxo, e, apesar de fazer sentido que amigos ficassem juntos nesse tipo de viagem, quatro sujeitos de aparência árabe se acomodando em um único lugar poderia despertar o interesse da polícia local.

Havia uma grande quantidade de motéis duas estrelas em São Paulo; Hadi não estava preocupado em achá-los, mas essa era sua primeira incursão em trabalho de campo e ele não queria deixar nada ao acaso, tal como não havia deixado nada ao acaso em suas histórias de cobertura.

Cada um deles havia estudado ou sabia o suficiente sobre a indústria, de modo que sua chegada e a busca de trabalho subsequente despertaria a mínima atenção, pelo menos durante o pouco tempo que pretendiam passar no país. A recente prosperidade do Brasil provocara um fluxo de trabalhadores, muitos provenientes do Oriente Médio, cansados de receber salários miseráveis por trabalhos exaustivos e perigosos. Não, pensou Hadi, enquanto não fizessem nada que os destacasse, mais quatro árabes procurando trabalho passariam despercebidos.

A parte difícil seria o reconhecimento. Havia muitos quilômetros de trilhos e centenas de vagões para inspecionar; havia horários e rotas para conferir duas e três vezes; topografia e infraestrutura para estudar. A própria instalação, apesar de estar longe de ser inexpugnável, tinha sua própria força de segurança, e a pesquisa preparatória de Ibrahim sugeria que a instalação rotineiramente fazia exercícios envolvendo tanto a polícia quanto os militares, e os dois mantinham forças de reação imediata. Claro que tais forças só seriam úteis em certa medida. Se ele e os demais planejassem bem e se mantivessem sempre sob a orientação de Alá, nada poderia detê-los.



Steve havia passado com brilhantismo no último teste, decidiu Allison. Ela cancelou no último instante o encontro dos dois em Reno, alegando que seu chefe lhe pedira para substituí-lo numa conferência de representantes de laboratórios em Sacramento. A conferência era verdadeira, tal como os cartões de visita, as amostras grátis de remédios e os folhetos que ela carregava na pasta de couro sempre que se encontravam para fazer sexo, mas só até aí. Allison até gostava dele, mas no seu negócio essas coisas eram medidas por uma régua de cálculo. Steve não era repulsivo nem abusivo, e isso o colocava na parte superior da escala. Não que isso importasse para o desempenho dela, mas certamente tornava seus encontros toleráveis.

Tal como previsto, Steve ficou preocupado e desapontado com o cancelamento de última hora, e de modo igualmente previsível, imediatamente propôs uma solução. Ele pediria licença do trabalho e voaria para Sacramento durante o fim de semana para que pudessem passar algum tempo juntos. Ela poderia assistir à conferência durante o dia, e teriam as noites para eles. Allison demonstrou o nível adequado de surpresa e gratidão pela sugestão, e prometeu que o próximo fim de semana que passariam juntos seria memorável. Em algum momento desse fim de semana, ela enfiaria o anzol mais fundo, timidamente sugerindo que ele a apresentasse à família. Talvez ela até arranjasse um jeito para que ele a visse chorando, para então confessar que de algum modo estava abalada pela “conexão especial” que sentia para com ele.

Como ela sabia desde o começo, a parte complicada seria vender o peixe. Seu “controlador” — um termo russo do qual jamais gostara —, o homem com as mãos marcadas por queimaduras, propusera um ângulo que ela achou que valia a pena explorar, mas isso envolveria expô-la com uma história não corroborada que Steve poderia ficar tentado a verificar. Mas, de qualquer modo, se na hora de vender o peixe Steve não estivesse completamente sob seu controle, ela recuaria e tentaria outro caminho. Steve não era estúpido, mas, quando se tratava de assuntos do coração, os homens eram tão irracionais quanto as mulheres, ou talvez mais. Sexo, com todo seu poder, não era mais que um ponto de passagem, e, se ela estivesse julgando corretamente seu alvo, não estava mais que a alguns passos do prêmio.

A pergunta que Allison não se permitia pensar muito era a natureza da

informação que seu empregador procurava. Por que diabos, perguntou-se ela, eles se importavam com um lençol freático no meio do deserto?

Para um navio porta-contêiner padrão Panamax, o *Losan* era pequeno, uma “fileira de 12” com 2.700 TEU — unidades equivalentes a 6 metros —, o que equivalia a 165 metros, cuja capacidade fora há muito superada pelos Post-Panamax descendentes. Contudo, a Tarquay Industries de Smithfield, Virgínia, estava menos interessada em modernidade do que em cortar prejuízos.

Dos 120 tanques de quinhentos galões para propano que tinha vendido ao governo do Senegal, 46 foram declarados defeituosos, havendo passado pelo controle de qualidade com alças de manejo imprópriamente soldadas. Por si só esse não era um problema insuperável, e a Tarquay se oferecera para consertar sem custos adicionais no local, mas, ao serem examinados tanto pelos inspetores do governo senegalês quanto pelo engenheiro-chefe da Tarquay, verificou-se que as soldas tinham comprometido a integridade do casco e que nenhum dos tanques aguentaria a pressão estabelecida de 250 psi ou cerca de 1,72 milhão de pascals.

Como esse era o contrato inicial da Tarquay com o Senegal, e de fato seu primeiro negócio com o exterior, logo foi providenciada uma substituição, juntamente com um pedido oficial de desculpas da diretoria, e os tanques substitutos foram imediatamente despachados. Em Dacar, os tanques defeituosos foram listados no conhecimento de entrada com o código R3001c — “Reexportação de produtos não petrolíferos por rejeição de qualidade após armazenamento” —, depois transportados para um armazém da alfândega em Port Sud e enfim descarregados num terreno vazio e cheio de ervas daninhas, limitado por uma cerca de tela de 1 metro de altura.

Oito meses mais tarde foram feitos arranjos para que os tanques defeituosos fossem devolvidos a Smithfield. O *Losan*, fazendo sua última escala antes de cruzar o Atlântico de volta aos Estados Unidos, tinha o espaço necessário para levar a carga.

Dois dias antes da partida, os tanques foram carregados por empilhadeiras na plataforma de vagões ferroviários, lacrados no local e transportados por 3 quilômetros até a doca em que se encontrava o *Losan*, onde os tanques foram descarregados com guindastes e colocados em armações-contêineres abertas — quatro tanques em cada uma —, e depois içados para o *Losan* e arrumados em fileiras de 12.

Tendo sido inspecionados na entrada, os tanques, que estavam sob o controle da alfândega desde a chegada, não foram nem pesados nem examinados antes de serem carregados a bordo do *Losan*.

A dor de cabeça e a náusea tinham piorado progressivamente nas últimas dez horas, o que de algum modo surpreendeu Adnan; ele não esperava que os sintomas chegassem tão cedo. Suas mãos tremiam e a pele estava pegajosa. Evidentemente as



histórias sobre a toxicidade do navio não eram exageradas. *Não importa*, pensou, já era quase a hora. Segundo o mapa de Salychev, estavam a apenas 20 quilômetros do ponto de entrega.

Pela graça de Alá descobriram o barril de contenção precisamente onde deveria estar, ainda repousando na antepara da prateleira. Era mais leve do que Adnan esperava, o que era ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição. Ele sabia o peso aproximado do núcleo, de modo que era relativamente fácil estimar o peso do barril de contenção; obviamente era selado com chumbo, mas não tão espessamente quanto sua inteligência havia previsto. Isso significava que o próprio cofre tinha sido planejado como escudo primário, o que não os ajudaria. No entanto, o barril ainda estava selado e parecia não ter sofrido danos durante o incidente ocorrido havia tantos anos.

Soltaram a fechadura da prateleira, levantaram e puxaram o barril pelas quatro alças em forma de D, e o retiraram do depósito e pelo convés inundado até a escada. Ali se movimentaram vagarosamente e com cuidado, um passo de cada vez, até o passadiço, e então até o corredor principal. Os dois últimos grandes obstáculos — a escada até o convés superior e a escada para descer até os botes — foram ultrapassados sem incidentes, e logo estavam de volta à praia. Alegremente tiraram os macacões de proteção e as máscaras de gás, enfiaram tudo em uma das mochilas, onde colocaram também uma pedra para dar peso e a jogaram na enseada.

A caminhada de volta ao promontório levou uma hora. Adnan ordenou aos homens que colocassem o tambor no solo e descansassem, depois foi até a praia e perscrutou pela neblina na direção da baía. Mal podia ver a silhueta do barco de Salychev. Tirou um sinalizador da mochila, arrancou a capa de ignição e balançou o tubo brilhante sobre a cabeça. Passaram trinta segundos e então veio do bote a piscadela dupla de uma lanterna. Adnan se voltou para os demais e acenou para que descessem.

Trinta minutos mais tarde estavam novamente no barco e voltando pelo mesmo caminho da vinda. Quando chegaram à baía principal, o tambor de contenção já estava selado dentro do segundo, com o escudo mais pesado, que tinham trazido consigo. Salychev olhou desconfiado para o contêiner mas não disse nada enquanto navegava o barco para alto-mar.

Agora Adnan estava de pé ao lado de Salychev, na cabine de pilotagem. Já era quase meia-noite. E nada além do negrume aparecia pelas janelas.

— Certamente fez por merecer seu pagamento, capitão — disse Adnan. — Ficamos agradecidos.

Salychev sacudiu os ombros e não disse nada.

Perto de seu quadril, Adnan sentiu a silhueta quadrada do rádio se projetando do console de madeira do timão. Movimentando-se vagarosamente, retirou o canivete do bolso do casaco e abriu a lâmina com o polegar. Apertando-a contra o cabo de força do rádio. O clique quando este se partiu mal foi audível.

— Vou verificar como estão os homens — disse Adnan. — Posso lhe trazer um copo de café? Alguma coisa mais forte?

— Café.

Adnan desceu a escada até o salão principal, e depois mais uma escada pequena até o compartimento de dormir. Estava escuro, salvo pela pouca luz que se filtrava do salão. Todos dormiam, cada um em um beliche, todos deitados de costas. Mais cedo ele dera a cada um o que disse ser mais uma dose de iodeto de potássio; de fato, era uma dose de 3 gramas de lorazepam enfiada em uma cápsula genérica de celulose. Com uma dose três vezes maior que a padrão, o medicamento antiansiolítico era o suficiente para pôr os homens em sono profundo. *Uma bênção*, pensou Adnan.

Nas últimas quatro horas, ele pelejara com o que tinha que fazer em seguida — não sobre a necessidade, mas sobre o método. Esses homens já estavam morrendo, e nada podia mudar isso; ele estava morrendo, e nada tampouco podia mudar isso. Era o custo da guerra e o fardo dos fiéis. Ele se consolou um pouco sabendo que eles jamais despertariam, nem sentiriam dor alguma. A única outra consideração, então, era o barulho. Salychev era velho, mas duro e sazonado por uma vida no mar. Melhor pegá-lo de surpresa mais tarde.

Adnan foi até a mesa de trabalho montada na antepara da popa e abriu a gaveta do alto à esquerda. Lá estava a faca que havia descoberto em sua busca mais cedo. Tinha um formato em J, com uma ponta aguçada como uma agulha e uma borda finamente amolada, usada, ele supôs, para destripar peixes.

Agarrou o cabo de madeira, a lâmina para cima, e parou ao lado do primeiro beliche. Respirou fundo, depois colocou a mão esquerda sob o queixo do homem, girou a cabeça na direção do colchão e colocou a ponta da faca na depressão abaixo da orelha e a enfiou, puxando a lâmina na direção do queixo. O sangue jorrou da carótida cortada; na escuridão, parecia negro. O homem soltou um gemido suave sob a palma da mão de Adnan, depois teve um, dois espasmos, e ficou imóvel. Adnan se movimentou até o segundo, repetiu o processo, e depois fez o mesmo no terceiro. No total, não levou mais que noventa segundos. Deixou a faca no convés, subiu até o salão e lavou o sangue das mãos. Ajoelhou-se ao lado da pia, abriu a gaveta de baixo e tirou dali a pistola Yargin 9 milímetros que tinha escondido. Puxou um pouco a mola para ter certeza de que havia uma bala na câmara, girou a trava e enfiou a pistola no bolso do casaco. Finalmente, pegou um copo de café de plástico da prateleira.

Subiu a escada e foi para a cabine de pilotagem.

— Café — disse, entregando o copo a Salychev com a mão esquerda. O capitão se voltou para pegá-lo. Adnan sacou a Yargin do bolso e atirou em sua testa. Sangue e miolos se espalharam pela janela. Salychev se inclinou para trás e caiu na antepara. Adnan ligou o piloto automático no painel do timão, depois agarrou Salychev pelos tornozelos, arrastou-o até a escada e deixou que rolasse até o salão.

De volta ao leme, Adnan levou um minuto para verificar novamente a posição na

antiga unidade Loran-C, desligou o piloto automático e ajustou a rota.

A silhueta escura da ilha apareceu no horizonte uma hora depois. Mais uma hora se passou e Adnan diminuiu os motores e acompanhou a costa na direção leste até que o visor do Loran-C exibisse as coordenadas corretas.

A ilha era conhecida como Kolguyev e fazia parte, segundo o mapa de Adnan, do Okrug Autônomo de Nenets, um círculo quase perfeito de charcos, pântanos e colinas baixas com 80 quilômetros de largura e abrigo de apenas um assentamento chamado Bugrino, na costa sudoeste, habitado por algumas centenas de nenets, pescadores, agricultores e pastores de renas.

Adnan deixou o motor em ponto morto e desligou a ignição. Verificou seu relógio: dez minutos atrasado. Tirou o farol portátil do suporte na antepara e foi até o convés. A piscada em código do farol foi quase imediatamente seguida pela correta resposta da costa.

Cinco minutos depois, escutou o ruído suave de um motor de popa. Uma lancha saiu da escuridão e encostou na amurada de bombordo. Havia quatro homens a bordo, todos armados com AK-47. Adnan não reconheceu nenhum deles. Não que isso importasse, afinal o código de luz estava correto, e, se fosse uma armadilha, não havia nada que ele pudesse fazer.

— Você é Abdul-Baqi, Servo do Criador? — perguntou um dos homens, o líder, supôs Adnan.

— Não. Servo do Eterno — respondeu Adnan. — É bom vê-los aqui.

— E você também, irmão.

— Juguem a corda e subam a bordo. Pelo menos dois são necessários para levantar.

Enquanto Adnan amarrava a linha na braçadeira de bombordo, dois dos homens subiram a bordo, soltaram o vaso de contenção de sua posição no convés e o levaram até a amurada, onde os dois homens a bordo da lancha o agarraram e colocaram no convés. Em seguida os dois se juntaram a seus colegas.

— Algum problema? — perguntou o líder.

— Nenhum. Tudo correu como planejado.

— Podemos ajudar em mais alguma coisa?

Adnan sacudiu a cabeça.

— Não, obrigado. Já terminarei tudo. Aqui é profundo, quase 300 metros. O mar fará o resto.



Esta, sabia o almirante Stephen Netters, seria uma reunião desagradável, e tinha tanto a ver com quem estava presente quanto com quem não estava. Se tudo estivesse certo, o homem sentado do outro lado da escrivaninha diante dele deveria ser Robby Jackson, mas não era. Algum caipira com o coração cheio de ódio tinha evitado isso. Então, ali estava Edward Kealty. O homem errado para todas as horas. Netters e Jackson subiram juntos, começando na Academia Naval, e suas carreiras se cruzando aqui e ali enquanto subiam a ladeira até que finalmente, no ocaso da administração Ryan, Netters havia sido nomeado chefe do Estado-Maior Conjunto. Aceitara a tarefa por várias razões, e a ambição era a menor delas; o respeito por Ryan, a mais importante.

Foi difícil não sair depois daquilo tudo, especialmente depois que ficou claro que Kealty ganharia o Salão Oval não por seus méritos e sim por conta de uma idiotice do destino e uma tragédia. Mas, mesmo enquanto os votos eram contados e o mapa eleitoral se inclinava inexoravelmente em favor de Kealty, Netters sabia que tinha que permanecer, temendo que o novo presidente nomeasse um dos “príncipes perfumados” do Pentágono. Alguém só precisava observar a profundidade (ou a falta de) do ministério de Kealty para saber o que o sujeito esperava da sua equipe. E nisso residia o problema. Contradiga o rei com frequência ou com muito zelo e algum príncipe mais submisso seria achado. Deixe de contradizer o rei e o reino cai nas mãos dos bárbaros.

— Me diga o que estou vendo, almirante — disse o presidente Kealty com um resmungo, e empurrou a fotografia de satélite de volta para o lado de Netters.

— Senhor presidente, o que vemos são movimentos de tanques em larga escala, que juntamente com a infantaria mecanizada se dirigem a oeste na direção da fronteira.

— Isso eu posso perceber, almirante. De que números estamos falando, e que diabos eles pretendem fazer?

— Quanto à primeira pergunta, identificamos uma divisão blindada com três brigadas de tanques, com uma mistura de velhos tanques soviéticos, modelos T-54, T-62 e Zulficar como armamento principal; quatro batalhões de artilharia; e duas

divisões de infantaria mecanizada. Quanto ao que pretendem, senhor presidente, ainda não podemos pensar nesses termos. Precisamos nos concentrar no que eles são capazes de fazer, e daí avançar para suas intenções.

— Explique — disse a assessora de Segurança Nacional, Ann Reynolds.

Tradução: *não sei de que droga você está falando*. Tal como Scott Kilborn, a congressista democrata do Michigan era extremamente não qualificada, mas tanto a demografia de gênero quanto seu assento no Comitê de Inteligência da Câmara tinham feito dela uma favorita para o ministério de Kealty. Como CEO de uma companhia de Detroit que lidava com redes sociais em sites, Reynolds havia sido perspicaz e capaz, características que supôs serem facilmente transferidas para o papel de política e legisladora. Netters suspeitava que Reynolds ainda não tinha percebido que para ela não dava pé, um fato que o apavorava completamente. A assessora de Segurança Nacional metia os pés pelas mãos, esperando que os ternos poderosos de Donna Karan, os óculos severos e o estilo de falar disparado manteria os lobos à distância.

— Digamos que eu pretenda ultrapassar o recorde olímpico da maratona. Essa é minha intenção. O problema é que minhas pernas estão quebradas e tenho problemas cardíacos. Essa é minha capacidade. Essa última dita a primeira.

Reynolds assentiu sabiamente.

Scott Kilborn, o DCI, disse:

— Senhor presidente, Teerã vai dizer que se trata de um “exercício”, mas não podemos ignorar o óbvio. Em primeiro lugar, a força se movimenta na direção da depressão de Ilam; em voo direto, é o ponto mais próximo de Bagdá do que qualquer outro no Irã. Mais ou menos 12 quilômetros. Segundo, nós acabamos de colocar em execução nosso plano de retirada do Iraque. Na melhor das hipóteses, eles estão avisando aos sunitas para terem um bom comportamento. Na pior, a coisa é para valer e estão planejando uma incursão.

— Com que objetivo?

Kealty tinha feito a pergunta, o que era bom, pensou Netters, mas não havia nenhuma curiosidade por trás. Quando se tratava do Iraque, o presidente era completamente focado em uma solução. Desde o primeiro dia, havia deixado claro que pretendia retirar as forças dos EUA o mais rapidamente possível, com uma atenção apenas simbólica às questões de segurança. A Kealty faltavam dois ingredientes críticos para uma boa liderança: flexibilidade e curiosidade. Ele possuía os dois em abundância na arena política, mas isso se relacionava ao poder, e não a uma autêntica liderança.

— Esperando para ver como reagimos — respondeu Kilborn. — Quanto mais tempo demormos na retirada, mais tempo Teerã disporá para trabalhar por trás dos panos com as milícias xiitas. Se uma incursão não reverter nossa retirada, eles podem ter uma previsão.

— Discordo — disse o almirante Netters. — Eles não têm nada a ganhar e tudo a

perder se cruzarem a fronteira. Mais ainda: pegando leve.

— Explique.

— Mandaram a campo apenas elementos simbólicos de defesa antiaérea. E isso não é uma distração. Eles sabem que, se formos para cima deles, o primeiro ataque virá dos porta-aviões do golfo.

Ann Reynolds, a assessora de Segurança Nacional de Kealty, disse:

— Uma mensagem?

— Mais uma vez, Sra. Reynolds, isso cai na categoria das “intenções”, mas posso dizer o seguinte: apesar de todos os defeitos, os iranianos não são cegos, e acreditam fielmente no modelo de ordem de batalha dos soviéticos, que é grande em sistemas antiaéreos móveis. Eles viram o que nós fizemos nas duas guerras do golfo, e não esqueceram. Você não dispensa seus elementos antiaéreos assim por nada.

— E sobre cobertura aérea? — perguntou Reynolds. — Caças?

— Nenhuma mudança — respondeu Netters. — Nenhum movimento além dos voos rotineiros de patrulhamento.

O presidente Kealty franziu a testa. *Uma mosca em sua sopa*, pensou Netters. Ele prometeu ao país que iria retirar os Estados Unidos do Iraque, e o relógio estava tiquetaqueando não para as tropas ou para o bem-estar estratégico dos Estados Unidos, mas para as chances de Kealty conseguir um segundo mandato. É claro, Netters tivera, desde o começo, suas reservas quanto à guerra contra o Iraque, e ainda tinha, mas essas se tornaram minúsculas pela possibilidade muito real da coisa dar errado ali. Queira ou não, os Estados Unidos estavam metidos até o pescoço no Oriente Médio, mais do que jamais estiveram em toda a história. Uma retirada indolor era um sonho impossível que Kealty vendeu a uma nação compreensivelmente cansada de guerras. O plano de retirada atual jamais teria sucesso, mas era comedido o suficiente para que o Iraque deslizasse vagarosamente para o caos em vez de mergulhar de cabeça nele, e, nesse caso, ele esperava que Kealty tivesse um pouco da porra do bom senso de escutar os comandantes do teatro.

Mas Kilborn estava correto em um aspecto. Esse assunto na fronteira podia bem ser uma previsão para o final do jogo de Kealty no Iraque sem as tropas americanas, ainda que a possibilidade de o Irã mandar tropas para o terreno, uma vez que as forças dos EUA tivessem ido embora, era um mero jogo de adivinhação. Se fizessem isso, entretanto, usariam o aumento da violência dos sunitas contra os xiitas como justificativa.

Os iranianos estavam em um jogo irresoluto. Um atraso na retirada das tropas dos Estados Unidos parecia contrário aos interesses de Teerã. Ou pelo menos aqueles visíveis de Washington.

Kealty se inclinou na poltrona e juntou os dedos em ponta.

— Então, almirante, como não quer falar de intenções, eu farei isso por você — disse Kealty. — Os iranianos gostam de exibir força. Testar nossa decisão. Nós vamos ignorá-los, manter o plano de retirada e mandar nossa própria mensagem a

eles.

— Tal como? — perguntou o almirante Netters.

— Outro porta-aviões e seu grupo de apoio.

Uma mensagem. Outra missão sem objetivo. Ao mesmo tempo que era verdade que os porta-aviões diziam tudo a respeito de projeção de poder, o conceito era análogo à segurança básica de armas: não aponte uma arma se não tiver intenção de atirar. Nesse caso, Kealty só queria exibir o objeto.

— Que ativos temos disponíveis? — demandou Kealty.

Antes que Netters pudesse responder, Kilborn disse:

— O *Stennis*...

Netters interrompeu.

— Senhor, nesse caso estamos perto do limite. O grupo do *Stennis* foi dispensado na base há dez dias. Está há muito tempo precisando de...

— Droga, almirante, estou ficando cansado de escutar sobre o que não podemos fazer, compreendeu?

— Sim, senhor presidente, mas precisa entender que...

— Não, não preciso. Para isso você é pago, almirante. Faça o serviço e me traga um plano, ou vou achar alguém que o faça.

Tariq foi até a sala de estar, onde o Emir lia, e pegou o controle remoto da televisão.

— Algo que você deve ver. — Ligou a TV e mudou para um canal a cabo de notícias. A âncora lourinha, bonitinha e de olhos azuis estava no meio de uma frase.

— ... novamente, um porta-voz do Pentágono acabou de confirmar uma reportagem anterior da BBC sobre exercícios do Exército iraniano que estão sendo realizados em sua fronteira com o Iraque. Enquanto o Pentágono admite que o governo de Teerã deixou de anunciar o exercício, prosseguiu afirmando que tais eventos não eram incomuns, citando um movimento de tropas e equipamentos semelhante, ocorrido no começo de 2008...

Tariq desligou o som da TV.

— Estranhos companheiros de cama — murmurou o Emir.

— Desculpe?

Apesar de Teerã no geral não apoiar a causa do CRO, também não tinha sido um obstáculo, sabendo muito bem que nunca se podia prever quando os interesses poderiam coincidir. Nesse caso, o Ministério de Inteligência e Segurança Nacional do Irã, o VEVAK, havia recentemente voltado sua atenção sobre como poderia ser a configuração do Iraque pós-ocupação. Apesar de bem-representados por várias milícias e apoiados pela ajuda do Hezbollah e do Pasdaran, os xiitas iraquianos eram ainda uma minoria, e consequentemente vulneráveis à perseguição sunita, um desequilíbrio de poder que Teerã desprezava, e o CRO ficava feliz em explorar. Logo que os Estados Unidos começaram a bater o bumbo para a guerra, em 2002, o Emir

desenvolvera sua própria análise de custo-benefício, assim como uma estratégia para expandir os objetivos do CRO. O fato de essa estratégia estar obliquamente baseada no modelo econômico americano era algo que provavelmente jamais ocorreria a Washington.

Os Estados Unidos em algum momento sairiam, ou pelo menos diminuiriam sua presença a um nível nominal, ocasião na qual o Irã começaria seu jogo para a dominação do Iraque, uma façanha que não podia esperar obter sucesso sem alguma vantagem sobre a maioria sunita. Nesse sentido, o Irã tinha necessidades. Era um freguês em construção.

O envolvimento do CRO no Iraque havia começado em agosto de 2003, com o influxo de homens, suprimentos e experiência, todo o conjunto amplamente oferecido aos grupos extremistas sunitas. Baseados no ódio comum aos ocupantes dos EUA, recursos foram compartilhados e objetivos entrecruzados e, por volta de 2006, o CRO controlava ou tinha influência em grandes porções de Bagdá e na maior parte do triângulo sunita. Esses eram os bens ou serviços para os quais Teerã queria pagar.

Como Mary Pat Foley e o NCTC bem sabiam e Jack Ryan Jr. recentemente compreendera, a disponibilidade da informação na era digital podia ser tanto um obstáculo quanto uma bênção para o trabalho de inteligência. Os computadores podem categorizar, cotejar e disseminar quantidades maciças de informação, mas a mente humana só consegue absorver e usar parte disso. A aplicação de informação é o pivô em torno do qual decisões — boas, más ou neutras — são feitas, um fato que engenheiros, supervisores de jogos, cassinos e centenas de outras disciplinas aparentemente não relacionadas já reconheceram há muito tempo. Quem faz o que, onde e quando? Para um planejador urbano, uma lista dos cruzamentos onde acontecem mais engarrafamentos é virtualmente inútil; um mapa dinâmico no qual ele ou ela possam perceber os pontos quentes e as tendências, valiosíssimo. Tristemente, como era frequente no caso, o governo dos Estados Unidos ainda não estava pronto para alcançar o terreno da Visualização de Dados e da arquitetura da informação, tendo que terceirizar tais serviços para empresas experientes na cibernética enquanto a burocracia federal desperdiçava milhões de dólares e perdia tempo com o assunto.

Para Jack e Gavin Biery, o projeto que eventualmente terminaram apelidando de RELHA começara como um desafio técnico: como pegar a inundação de informação de fontes abertas na internet e transformá-la em algo útil — uma espada que pudessem usar para desbastar a sobrecarga. Apesar da metáfora ligeiramente floreada, rapidamente fizeram progresso, começando com um programa de software projetado para recolher obituários da costa leste e mapeá-los segundo vários agrupamentos: idade, local, causa do óbito, profissão etc. Muitos dos padrões que emergiram eram previsíveis — como a concentração da morte de pessoas mais velhas nas proximidades de asilos de idosos —, mas alguns não eram, tal como o recente



aumento da idade de permissão para beber em um estado precedendo o aumento na morte nas rodovias de jovens adultos que se dirigiam aos estados com idade menor de licença para beber. Isso também era mais ou menos previsível, admitiram, mas observar as marcações em um mapa era a proverbial imagem que substituíra mil palavras.

A outra surpresa foi a profundidade e a abrangência da informação aberta. Os dados realmente úteis, apesar de não serem inacessíveis, estavam enfiados bem no fundo de sites dos governos locais, estaduais e federal, disponíveis para qualquer um que tivesse paciência e conhecimentos tecnológicos para achá-los. Os países do Segundo e do Terceiro Mundo, nos quais aconteciam a maior parte dos incidentes terroristas, eram a presa mais fácil, muitas vezes fracassando em fechar a abertura entre os registros mantidos on-line e a segurança dos bancos de dados. Em outros casos, informações confidenciais como relatórios de prisões e arquivos de investigações correntes eram armazenadas em servidores sem segurança, às vezes sem nem mesmo um firewall ou senha de acesso entre eles e os portais governamentais.

E esse era o caso da Líbia. Quatro horas depois de receber o sinal verde de Hendley, Jack e Gavin tinham a RELHA arando gigabytes de dados, tanto de fontes abertas quanto de bancos de dados governamentais. Duas horas depois, a RELHA regurgitava informação na cópia do Google Earth Pro de Gavin. Jack chamou Hendley, Granger, Rounds e os irmãos Caruso para a sala de conferências na penumbra. A visão aprimorada de Trípoli via satélite proporcionada pela RELHA estava sobreposta com linhas multicoloridas que se entrecruzavam, pontos de agrupamento e quadrados. Jack ficou ao lado da tela LCD com o controle remoto na mão; Biery estava sentado no fundo contra a parede, o laptop aberto sobre suas pernas.

— Parece um quadro de Jackson Pollock — observou Brian. — Você está tentando nos dar um piripaque, Jack?

— Prestem atenção — respondeu Jack, e depois apertou um botão no controle remoto. O “tracejamento de dados”, como ele e Gavin chamavam aquilo, desapareceu. Jack passou cinco minutos explicando ao grupo sobre a RELHA, e depois apertou novamente o controle remoto. A imagem se aproximou do aeroporto de Trípoli, que agora tinha uma espécie de corola de flor em cima, o estigma dividido em pedaços de tortas coloridos, as pétalas quadriculadas e em vários ângulos.

— O estigma representa a média diária de chegadas. As manhãs são mais movimentadas; as tardes, mais calmas. As pétalas representam o número de buscas especiais efetivadas nos postos de controle do aeroporto. Como podem ver, há um salto nas manhãs, das sete às dez, e uma queda quanto mais se aproxima o meio-dia. Tradução: quintas-feiras entre dez e meia e meio-dia são o melhor momento para tentar deslizar algo pelos controles.

— Por quê? — perguntou Granger.

— Os postos de controle são manejados em capacidade total de manhã, mas o

pessoal faz uma rotação nos intervalos para o almoço no final da manhã; menos pessoal e mais passagens é igual a menos segurança. Mais ainda: quase dois terços do pessoal das máquinas e dos guardas de segurança trabalha de domingo até quinta-feira.

— Então as quintas-feiras são as sextas-feiras deles — disse Dominic. — Já estão pensando no fim de semana.

Jack assentiu.

— Foi o que pensamos. Também temos um gráfico igual para as decolagens. Pode ser bem útil para vocês.

Jack passou uma série de gabaritos coloridos descrevendo padrões de tráfego, atos de violência, sequestros, batidas feitas tanto por unidades militares quanto pela polícia, demonstrações antiocidente... Tudo categorizado por datas e horas, demografia, vizinhanças, etnicidade, envolvimento estrangeiro, afiliações religiosas e políticas, até finalmente sintetizar os dados em uma série de “fazer” e “não fazer” para Brian e Dominic: área a evitar, e a que horas do dia, bairros onde provavelmente encontrariam forte apoio ao CRO, ruas nas quais eram mais comuns as barreiras da polícia e dos militares.

— Jack, isso é fantástico — comentou Brian. — É como se fosse nosso próprio e bizarro guia de viagem.

— O quanto esses dados variam? — perguntou Dominic.

— Não muito. Há alguma flutuação durante e próxima aos dias santos islâmicos mais importantes, mas, a menos que vocês fiquem por mais de dez dias, não vão achar muita variação.

Granger perguntou:

— Eles podem acessar isso quando estiverem em campo?

— Gavin hackeou dois Sony Vaio VGN: tela de 8 polegadas com sistema operacional Ubuntu e uma...

— Em inglês, Jack — disse Rounds.

— Pequenos laptops. Terá todos os dados em formato Flash. Vocês poderão mudar e revisar os gabaritos da RELHA quando quiserem. Vamos mostrar para vocês quando acabarmos aqui.

— Ótimo trabalho, Jack... Gavin. Alguma pergunta, rapazes? — disse Hendley.

Brian e Dominic sacudiram as cabeças.

— Então, boa viagem.



Jack Ryan Senior deu o laço na gravata e olhou no espelho. Decidiu que estava suficientemente bom. Usava seu terno da sorte, uma camisa branca de mangas compridas e gravata vermelha. Tinha aparado os cabelos no dia anterior, e eles mostravam fios grisalhos o suficiente para assegurar que ele já não era um garoto, mas parecia suficientemente juvenil para um homem no começo dos 50 anos. Um sorriso de teste mostrou que havia escovado adequadamente os dentes. *Hora do jogo.*

Começaria em uma hora, diante de vinte ou mais câmaras e as centenas de repórteres e comentaristas por trás delas, poucos dos quais tinham realmente afeição por ele. Mas não era necessário que tivessem. O trabalho deles era relatar os fatos tal como os viam, clara e honestamente. A maioria, ou pelo menos alguns, fariam isso, se Deus quisesse. Mas Ryan devia falar corretamente, não vomitar nem cair diante das câmaras, por mais que isso fosse interessante para Jay Leno no final do dia.

Bateram na porta e Ryan foi abrir. Não era necessário que fosse muito cuidadoso. A equipe do Serviço Secreto que cuidava dele tinha guardado o andar inteiro como se fosse um silo nuclear da Força Aérea.

— Olá, Arnie e Callie — disse, cumprimentando os dois.

Arnie van Damm deu uma olhada geral.

— Bem, senhor presidente, é bom constatar que ainda sabe como se vestir bem.

— Tem outra gravata? — perguntou Callie Weston.

— O que há de errado com esta vermelha? — perguntou Ryan.

— Agressiva demais.

— O que você preferiria?

— Azul-celeste seria melhor.

— Callie, adoro seu trabalho, mas, por favor, deixe que eu mesmo me visto, está bem?

Callie Weston resmungou, mas deixou passar.

— Tudo pronto? — perguntou Arnie.

— Tarde demais para fugir — respondeu Ryan. E era mesmo. Dali para a frente seria um candidato para valer, pronto para disparar. Sangue nos olhos e espinha de aço.

Van Damm disse:

— Não posso mesmo convencê-lo a...

— Não. — Ele, Arnie e Callie haviam discutido sobre Georgetown: se incluíriam ou não a tentativa de assassinato no discurso de anúncio. Previsivelmente, os dois argumentaram pela inclusão, mas Ryan não quis saber disso. O incidente seria levantado durante a campanha, mas não por ele. No entanto também não o evitaria.

— Como está a audiência?

— Todos pregados — respondeu Arnie. — Por outro lado, temos um dia fraco de notícias, portanto ficarão felizes em vê-lo. Vai proporcionar a eles pelo menos uns cinco minutos de tempo no ar. Você vai vender muita pasta de dente para os caras, Jack. Droga, alguns na verdade gostam de você.

— É mesmo? Desde quando? — perguntou Ryan.

— Eles não são o inimigo. São a imprensa. São observadores neutros. Temos que nos colar a eles, com off-the-record. Tomar uma cerveja com eles. Deixar que gostem de você. Você é um sujeito simpático. Deixe isso funcionar a seu favor.

— Vou pensar no assunto. Café?

— O daqui é bom?

— Não tenho queixas — disse-lhes Jack. Foi até a bandeja do serviço de quarto e se sentou para servir outra xícara. Sua terceira. E essa marcava seu limite, caso contrário a caféina o deixaria inquieto. Na Casa Branca, o café presidencial era Jamaican Blue Mountain, da antiga colônia britânica, amplamente considerado o melhor do mundo. *Aquilo* era uma xícara de café. Talvez fosse a bauxita nos grãos, pensou Jack.

Mais uma vez a mente de Ryan voltou à questão central: *se* ganhasse, como colocar o país de volta em seu rumo? Governar um país tão complexo quanto os Estados Unidos era uma impossibilidade efetiva. Interesses demais, cada um deles um caso de vida ou morte para alguém, e esse alguém ia para a TV ou para os jornais desejando assegurar que suas visões tivessem a atenção adequada, de preferência barulhenta. O presidente podia ou não prestar atenção. Ele, ou ela, tinha uma equipe para assegurar que apenas os assuntos importantes chegassem à sua escrivaninha. Mas isso fazia do presidente refém da equipe, e até mesmo um bom sujeito podia ser direcionado de modo equivocado pelas pessoas que escolhera para o trabalho — e, na prática, a escolha da equipe era delegada aos funcionários mais graduados, todos os quais tinham um sentimento de autoimportância bem acentuado, como se uma mesa na Ala Oeste da Casa Branca ou no Antigo Edifício de Escritórios do Executivo fosse um dom pessoal outorgado pela própria mão de Deus. Tais pessoas podiam e efetivamente moldavam as ideias do presidente simplesmente selecionando o que ele veria. *E você está lutando para ter mais quatro anos disso?* perguntou-se Ryan. *Seu idiota babaca.*

— Conheço essa expressão — disse Arnie. — Sei o que você está pensando. O que posso dizer, Jack, salvo que acho que você realmente é o melhor homem para o cargo,

e que é necessário? Acredito nisso até os ossos. E você?

— Estou chegando lá — disse Ryan.

— Você viu esse negócio sobre o Irã? — perguntou Arnie.

— Que parte? O programa nuclear ou o exercício na fronteira?

— Ambas.

— Mesma coisa, só muda a fachada — disse Jack. — Teerã simplesmente sabe que basta sacudir um pouco os sabres para Kealty reagir, ou reagir excessivamente. Vai ver ele mandou Netters deslocar para lá um grupo de combate inteiro?

— Sim. *Stennis*. Cancelou o descanso em casa.

— Idiota. Estão fazendo o presidente dos Estados Unidos de marionete. — Verificou o relógio. — Quanto tempo me resta?

— Dez minutos — respondeu Callie. — Posso pedir que você coloque um pouco de maquiagem de TV?

— Nem no inferno! — trovejou Ryan em resposta. — Não sou nenhuma puta de 10 dólares da rua 16.

— Agora já estão mais caras, Jack. Inflação, lembra?

Ryan se levantou e foi até o banheiro. Perder o controle da bexiga era outra coisa a ser evitada, e algo que ele não podia fazer diante das câmeras. À medida que envelhecia, Ryan percebia que gostava cada vez menos de esperar na fila para dar uma mijadinha. Parte do processo de envelhecimento, percebeu. Bem, ele fez o serviço, puxou o zíper e voltou para vestir o paletó.

— Vamos lá, pessoal?

— Para a toca dos leões, senhor presidente. — Arnie o chamava de Jack apenas em particular. Callie Weston tinha o mesmo privilégio, o que a deixava desconfortável. Ao saírem do quarto viram que Andrea Price-O'Day já estava ali, juntamente com outros membros da segurança de Jack, as armas em segurança nos coldres.

— SWORDSMAN em movimento — comunicou Andrea ao restante da equipe pelo microfone da lapela.

Jack se dirigiu para o elevador, que estava, como sempre, seguro para ele, com outro agente armado dentro.

— Ok, Eddie — disse Andrea, e Eddie soltou a chave que segurava, e o elevador desceu até o segundo andar, onde ficava a sala de reuniões reservada para o anúncio daquele dia.

Quarenta segundos depois, as portas deslizaram se abrindo, e a equipe do Serviço Secreto saiu à frente do desfile. Havia um funil de espectadores, alguns deles cidadãos comuns, algo bastante notável, mas a maioria era formada por repórteres de várias tendências e suas câmeras de TV. Jack sorriu para eles — candidatos têm que sorrir o tempo todo —, acenando para alguns que conhecia de nome de quatro anos antes. O sorriso ameaçava fazer seu rosto rachar, pensou Jack.

— Senhor presidente, por favor, me acompanhe — disse o gerente do hotel,

pastoreando o grupo para o fundo da sala. Havia um atril. Jack foi imediatamente até lá. Agarrou firmemente o painel de madeira, o suficiente para que sua mão doesse um pouco. Era seu comportamento normal, e o ajudava a sincronizá-lo com a tarefa que tinha adiante.

— Senhoras e senhores — começou Jack. — Obrigado pela sua presença. Estou aqui para anunciar minha candidatura para disputar a presidência dos Estados Unidos no próximo ano. Desde que deixei a presidência, há três anos, observei desapontado o atual presidente exercer seu mandato. O presidente Kealty não respondeu bem aos desafios colocados diante do nosso país. No Afeganistão e no Iraque, soldados morreram sem necessidade, vítimas de uma política desgovernada de retirada. Mesmo quando uma guerra é malconcebida, quando se tem uma guerra, há que se lidar com ela, e fazer isso corretamente. Fugir de um conflito não é uma política. O presidente Kealty, quando senador dos Estados Unidos, não era amigo de nossas Forças Armadas, e aumentou seus erros anteriores usando essas forças de modo não eficiente, tentando fazer o microgerenciamento das atividades de campo a partir do Salão Oval, de maneira que levou nossos soldados à morte, em vez de escutar nossos comandantes no terreno.

“Além disso, o presidente Kealty também errou na condução da economia nacional. Quando deixei o cargo, a América tinha uma economia crescente e saudável. Em seus dois primeiros anos, a política fiscal equivocada do presidente Kealty encerrou abruptamente nosso crescimento. Neste último ano, a economia chegou ao fundo do poço e agora começa a crescer novamente, mas isso a despeito da política governamental, e não devido a ela. Sob minha administração, simplificamos a política fiscal. Isso desempregou uma boa quantidade de advogados e contadores; aliás, ainda é bom lembrar que sou contador registrado, e os novos códigos fiscais chegaram ao ponto em que *eu* não consigo mais compreendê-los. Talvez o presidente Kealty esteja feliz porque, em suas palavras, todo mundo paga sua parte dos impostos, mas a receita do governo federal *diminuiu*, e o déficit disso resultante está minando diariamente os Estados Unidos.

“Só posso considerar os primeiros três anos de Kealty na Casa Branca um erro para o nosso país, e, por essa razão, aqui estou para tentar voltar e corrigi-lo.

“Na questão da segurança nacional, nosso país precisa de um novo e eficiente olhar sobre onde nos colocamos no mundo. Quem são nossos inimigos, e como precisamos lidar com eles. Para início de conversa, precisamos de melhores serviços de inteligência. Consertar esse ponto será tarefa para anos, mas precisamos começar logo. Não é possível lidar com os inimigos a menos que se saiba quem são, e onde estão. Luta-se contra o inimigo apoiando e usando de modo eficiente nossos recursos militares. Evidentemente o presidente Kealty não fez isso bem. A segurança nacional é a primeira tarefa do governo federal. A vida, como disse Thomas Jefferson, vem antes da liberdade e da busca pela felicidade. Proteger a vida da nação é o dever do Exército, da Marinha, da Força Aérea e dos Fuzileiros Navais. Com esse objetivo, eles

precisam ser adequadamente apoiados, treinados à perfeição, para que depois possam fazer seu trabalho de acordo com os desejos e a experiência dos oficiais profissionais, sob a direção estratégica do presidente em exercício. O presidente Kealty não parece reconhecer esse simples fato.

“Senhoras e senhores, aqui estou porque alguém precisa substituir o presidente, e essa pessoa, acredito, é John Patrick Ryan. Peço seu apoio e o apoio dos cidadãos. Os Estados Unidos merecem mais do que ele fez, e ofereço a mim e à minha visão para consertar os problemas que foram criados nos últimos três anos. Minha missão é trazer os Estados Unidos de volta às velhas verdades que nos mantiveram saudáveis por duzentos anos. Nosso povo merece mais. Estou aqui para dar ao povo as coisas das quais necessita. E quais são elas? — perguntou retoricamente.

“Liberdade do medo. As pessoas precisam saber que estão seguras em seus lares e locais de trabalho. Precisam saber que seu governo está alerta, buscando aqueles que desejam fazer mal ao nosso país, e pronto para fazer justiça àqueles que atacam americanos na América ou em qualquer outro lugar do mundo.

“Liberdade para viver suas vidas sem interferência das pessoas que moram em Washington e que procuram impor sua vontade aos demais, vivam estes em Richmond, na Virgínia, ou em Cody, no Wyoming. A liberdade é um direito de nascença de todos os americanos, e esse direito de nascença é algo que protegerei com o melhor das minhas capacidades.

“Senhoras e senhores, a tarefa do governo não é a de ser a babá nacional. O cidadão médio pode cuidar de si e de suas necessidades sem a ajuda de alguém que trabalhe aqui em Washington. A América foi fundada porque seus cidadãos, há mais de duzentos anos, não queriam viver sob o governo distante de pessoas que não sabiam, e especialmente não se importavam, com seu bem-estar. A América é uma questão de liberdade. Liberdade para tomar suas próprias decisões, liberdade para viver em paz com seus vizinhos. Liberdade para levarmos nossos filhos para o Disney World na Flórida, ou para um riacho de pescar trutas no Colorado. Liberdade significa decidir o que *você* quer fazer com a *sua* vida. Liberdade é o estado natural da natureza. Assim Deus queria que vivêssemos. A tarefa do presidente dos Estados Unidos é preservar, proteger e defender nosso país. Quando o presidente cumpre essa tarefa, os cidadãos podem viver como querem. Esse é o objetivo do presidente: proteger as pessoas e deixá-las em paz.

“É isso o que me proponho a fazer. Reconstruirei as Forças Armadas, permitindo que treinem seus membros uniformizados, dando-lhes o apoio adequado e deixando que lidem com nossos inimigos. Reconstruirei nossa comunidade de inteligência para que possamos identificar e conter aqueles que queiram ferir nosso país e nossos cidadãos, antes que possam agir destrutivamente contra nós. Irei restabelecer um sistema racional de impostos que tire das pessoas apenas o dinheiro que o país precisa para cumprir suas funções, e que não sugue a vida de nossos cidadãos ao mesmo tempo que lhes diz como devem viver.

“Outra coisa recentemente atraiu minha atenção. O presidente Kealty atirou toda a força do Departamento de Justiça dos Estados Unidos sobre um conceituado soldado do Exército dos Estados Unidos. Esse soldado estava no Afeganistão buscando o Emir, Saif Rahman Yasin. A missão de prendê-lo fracassou, provavelmente devido a falhas de informação, mas, no desempenho dessa missão, esse soldado matou vários combatentes inimigos. E agora o Departamento de Justiça o está investigando por assassinato. Pesquisei esse incidente em particular. O soldado fez exatamente o que soldados fazem desde o começo dos tempos: matou inimigos de nosso país. Evidentemente, o presidente Kealty e eu temos ideias diferentes sobre o que devem fazer as Forças Armadas de nosso país. Esse processo é uma enorme injustiça. O governo supostamente deve servir a seus cidadãos, e um soldado do Exército dos Estados Unidos é, de fato, um cidadão uniformizado. Apelo ao presidente Kealty para que imediatamente cesse esse ultraje.

“Então, obrigado por sua presença. Minha campanha começa aqui e agora. Será longa e provavelmente dura, certamente mais dura que minha primeira. Mas estou na corrida, e veremos o que o povo dos Estados Unidos decidirá em novembro. Mais uma vez, obrigado pela presença.”

Ryan desceu do atril e respirou fundo. Precisava de um gole de água. Isso ele conseguiu de um copo no atril. Olhou na direção de Arnie e Callie, e viu seus polegares apontados para o alto. Bem, estava feito. A corrida começara. E que Deus o ajudasse.

— Filho da puta! — rosou Edward Kealty diante da TV. — A porra do mocinho cavalcando para salvar a nação sitiada! E o pior de tudo é que há milhões de cordeiros aí fora acreditando nessa merda.

McMullen e sua equipe sabiam do anúncio de Ryan e tentaram preparar Kealty para ele; evidentemente, tinham fracassado. A reação de Kealty se devia principalmente à raiva, isso McMullen sabia, mas também havia um medo real. Uma boa parte do público ainda estava incomodada com Kealty, em grande medida por conta de como a eleição se desenvolvera. A frase “Confisco da vitória” havia sido muito usada nos programas políticos depois da eleição de Kealty, e mesmo que os números das pesquisas não conseguissem capturar totalmente o sentimento do país, McMullen suspeitava que a maioria das pessoas achava que tinha faltado um ingrediente essencial na eleição: uma disputa longa e dura entre dois candidatos que desnudavam suas almas diante dos eleitores. Kealty tinha feito isso, ou quase conseguira, mas seu adversário não tivera a oportunidade.

— Como ele foi descobrir essa coisa sobre o Ranger? — demandou Kealty. — Quero saber.

— É impossível saber, senhor.

— Não me venha com essa merda, Wes! Descubra!



— Sim, senhor. Vamos ter que desistir do processo.

— Do soldadinho? Sim, percebi, droga. Enterre isso no ciclo do noticiário da sexta-feira. Se livre disso. E como estamos na pesquisa sobre a oposição?

— Ainda trabalhando. Nada que possamos morder com força; o problema é Langley. Muitas coisas que Ryan fez lá ainda estão compartimentalizadas.

— Chame Kilborn...

— Haverá vazamentos. E, se a imprensa descobrir que estamos fuxicando o passado de Ryan na CIA, a coisa explode de volta sobre nós. Temos que achar outra maneira.

— Faça o que for necessário. Esse babaca quer voltar, muito bem, mas vamos fazê-lo sofrer.

— Puta merda — disse Sam Driscoll da cama de hospital. — Aí está uma cara vinda do passado. Que diabos você faz por aqui?

John Clark sorriu.

— Ouvi um boato de que você fodeu com seu ombro jogando peteca.

— Bem que gostaria. Sente-se, cara.

— Trago presentes — disse Clark, que colocou a pasta na cama e abriu. Lá dentro havia duas garrafas de cerveja Sam Adams. Entregou uma a Driscoll e abriu a outra.

Driscoll tomou um gole e suspirou.

— Como você sabia? Quero dizer, sobre a cerveja.

— Me lembrei de você falar sobre isso depois da Somália.

— Que memória você tem. Tem também um pouco de cabelo grisalho, percebo.

— Olha só quem fala.

Driscoll tomou outro gole longo.

— Então, qual é o motivo verdadeiro?

— Queria principalmente verificar como você está, mas escutei falar dessa merda que o CID quer empurrar em cima de você. Como anda isso?

— Não tenho ideia. Já me entrevistaram três vezes. O palpite do meu advogado é que algum idiota sentado atrás de uma mesa está tentando imaginar como pode me acusar. É uma babaquice completa, John.

— Sacou certo. Ferrado se fizer o trabalho, ferrado se fracassar. O que os médicos dizem sobre seu ombro?

— Preciso fazer mais uma cirurgia. A pedra não alcançou veias importantes, mas fodeu com tendões e ligamentos. Calculam mais uns três meses de recuperação, depois mais três de reabilitação. Eles estão muito confiantes, mas não acho que vou conseguir pular de galho em galho novamente.

— E uma mochila grandalhona?

— Provavelmente isso também não. O médico que me cortou acha que não vou ser capaz de levantar meu ombro acima da orelha.

— Sinto muito, Sam.

— É, eu também. Vou sentir falta. Vou sentir falta da rapaziada.

— Você já tem tempo acumulado para passar para a reserva remunerada, não é?

— Até mais que o necessário, mas com essa merda do CID... Quem sabe?

Clark assentiu pensativo.

— Bem, você saiu estourando. Pegou informações importantes naquela caverna. Droga, você podia ter deslizado montanha abaixo com aquele caixão de areia.

Driscoll riu, e depois falou:

— Espere aí. Como você soube disso? Ah, sim, esquece. Você ainda está dentro, não é?

— Depende do que você quer dizer por “dentro”.

Uma enfermeira entrou no quarto carregando uma prancheta. Driscoll deslizou sua cerveja para baixo do lençol; Clark abaixou a sua para tirá-la de vista.

— Boa tarde, sargento Driscoll. Meu nome é Veronica. Ficarei com vocês até meia-noite. Como estamos?

— Estou bem, senhora, e você?

Veronica cuidadosamente verificou os itens de sua prancheta e fez algumas anotações.

— Posso trazer alguma coisa? Como está seu nível de dor, em uma escala de um a...

— Por volta de seis e se mantendo — disparou Driscoll de volta com um sorriso.

— Talvez um pouco de sorvete com o jantar?

— Vou ver o que posso fazer.

Veronica soltou um sorriso, voltou-se e caminhou para a porta. Por cima do ombro, disse:

— Apenas se certifiquem de fazer essas garrafas desaparecerem quando terminarem, cavalheiros.

Depois que Clark e Driscoll pararam de rir, Driscoll falou:

— O que quero dizer com “dentro” é “no governo”.

— Então não. Vim oferecer um trabalho, Sam. — Clark sabia que estava passando um pouco dos limites, mas duvidava que tivesse problemas para vender as qualificações de Driscoll.

— Fazendo o quê?

— O tipo de coisas que você anda fazendo, mas sem mochila e com salário melhor.

— Você está querendo me enfiar em algo ilegal, John?

— Nada com que você fique desconfortável. Nada que você não tenha feito antes. E mais: a coisa vem com um cartão para sair da cadeia grátis. Mas você teria que se mudar. Os invernos são mais frios que na Geórgia.

— Washington?

— Ali por perto.

Driscoll assentiu, vagarosamente, matutando sobre a oferta de Clark. De repente disse:

— O que é isso? — Agarrou o controle remoto da mesa de cabeceira e ligou o som da televisão na parede.

— ... Kealty atirou toda a força do Departamento de Justiça dos Estados Unidos sobre um conceituado soldado do Exército dos Estados Unidos — dizia o ex-presidente Jack Ryan. — Esse soldado estava no Afeganistão buscando o Emir, Saif Rahman Yasin. A missão para prendê-lo fracassou, provavelmente devido a falhas de informação, mas, no desempenho dessa missão, esse soldado matou vários combatentes inimigos. E agora o Departamento de Justiça o está investigando por assassinato. Pesquisei esse incidente em particular. O soldado fez exatamente o que soldados fazem desde o começo dos tempos: matou inimigos de nosso país...

Driscoll desligou o som da TV.

— Que merda é essa... Como diabos? — Clark sorria. — O quê? — disse Driscoll. — Você fez isso?

— Merda, não. Isso tudo é coisa do general Marion Diggs com Jack Ryan.

— Sua sincronia foi uma porra de perfeição, John.

— Pura coincidência. Eu suspeitava que ele faria alguma coisa assim, mas além disso... — Clark deu de ombros. — Diria que isso liquida esse seu problema com o CID, não acha?

— Por que você acha?

— Ryan está concorrendo à presidência, Sam, e ele simplesmente escolheu com Kealty em rede nacional. Então, ele pode deixar que essa merda de processar você ainda circule por mais algumas semanas no noticiário, ou jogar isso fora e esperar que as pessoas esqueçam. No momento, o monte de merda com que Kealty tem que se preocupar cresceu mais um pouco, e você virou café pequeno.

— Caramba. Obrigado, John.

— Não fiz nada.

— Minhas chances de falar com Jack Ryan ou com o general Diggs por telefone são bem baixas, de modo que você tem que agradecer por mim.

— Vou passar isso adiante. Pense na minha oferta. Vamos mantê-la aberta até você ficar de pé, depois o levaremos para uma reunião de reconhecimento. O que me diz?

— Parece bom.

Quarenta e três horas depois que Adnan abriu a válvula da trineira Halmadic de Salychiev e afundou juntamente com seus três camaradas sob a superfície do Mar de Barents, a 2.100 metros de profundidade, o segundo pacote chegou ao armazém de Dubai.

Desde a chegada de Musa, o engenheiro trabalhara duro, montando a tenda de

contenção forrada de chumbo no chão do armazém e verificando sua lista de inventário de componentes. Como a própria tenda, que havia sido fabricada na Malásia, baseada em especificações roubadas do currículo on-line do curso de Segurança Operacional de Radiação do Fort Leonard Wood (OPRAD), as partes componentes tinham sido fresadas e torneadas a laser em moldes de marroquim fabricados na Ucrânia.

*A beleza da simplicidade*, pensou Musa.

Cada um dos componentes do aparelho nasceu seja da tecnologia benigna de uso duplo ou a partir de plantas há muito abandonadas, consideradas obsoletas segundo os padrões modernos.

Os componentes que ele e sua equipe recuperaram existiam unicamente devido ao que grupos ambientalistas consideravam a atitude frouxa da Rússia em relação ao material nuclear, mas Musa sabia que isso era apenas parte da equação, as outras sendo o namoro do governo russo com programas nucleares inovadores e sua tendência à circunspeção para contar ao mundo sobre esses programas.

Distribuídos pelo curso das rotas de navegação do norte da Rússia havia uns 380 faróis RTG — geradores termoeletricos de radioisótopos —, a vasta maioria dos quais alimentados por núcleos de estrôncio-90, um radioisótopo de baixo nível, produtor de calor cuja meia-vida chegava aos 29 anos e com capacidade de produzir uma energia de até 80 watts. Distribuídos entre os quatro modelos de RTG — Beta-M, Efir-MA, Gorn e Gong —, havia um punhado deles planejados para usar um núcleo completamente diferente: plutônio-238, um material que, ao contrário do estrôncio, que no pior dos casos poderia ser usado na construção de uma bomba suja, era de qualidade fissionável. Entretanto, a quantidade de material de núcleo recuperável não seria suficiente para seus propósitos. Uma segunda fonte era exigida. Essa tinha sido a tarefa de Adnan, pela qual ele e seus homens deram as próprias vidas. O prêmio que recuperaram do quebra-gelo abandonado naquela ilha perdida foi a peça final do quebra-cabeça: um reator à água pressurizada OK-900A contendo 150 quilos de urânio-235 enriquecido.

*Ambos grátis para quem fosse buscá-los*, pensou Musa. Segurança apenas nominal e registros virtualmente inexistentes. Será que os idiotas chegariam a notar a perda, e, se o fizessem, quanto tempo levariam para isso?, pensou. De qualquer modo, seria tarde demais.

Por mais complexos que fossem os processos e as teorias por trás do funcionamento do aparato, sua elaboração não era mais complicada que a construção de um motor de automóvel de quatro cilindros a partir do zero, como haviam lhe dito o engenheiro. Os ajustes, é claro, tinham que ser de padrão exato, até a escala do micrômetro, o que o tornava meticuloso, mas a escolha de Musa do armazém em Dubai lhes assegurou privacidade e anonimato. O cronograma do Emir lhes garantia tempo bastante para

uma montagem adequada.

O engenheiro emergiu da porta fechada com zíper da área de trabalho da tenda, desvestiu o equipamento protetor na sala de trocas, e depois entrou no armazém.

— Os dois conjuntos foram adequadamente embalados — anunciou, aceitando uma garrafa de água de Musa. — À parte a radiação residual no exterior dos contêineres, não há vazamentos. Depois do almoço vou extrair os conteúdos. Minha maior preocupação é o segundo pacote.

— Por quê?

— As conexões onde os acionadores das varas de controle entram no recipiente podem ser problemáticas. Provavelmente foram seladas durante a operação original de salvamento, mas por qual método e quão bem é a questão. Até examiná-los não há como dizer se mantiveram sua integridade.

Musa pensou no assunto, depois assentiu.

— E o rendimento?

— Também só depois de desmontar tudo.

— Mas você compreende qual a quantidade mínima que precisamos, não é?

— Sim, e suspeito que não teremos problemas para alcançar isso, no entanto não posso prometer nada. Isso é importante: você tem certeza de que nenhum dos dois veio de plataformas militares, correto?

— Por que isso é importante?

— É muito importante. É tudo, meu amigo. O que estamos fazendo, essencialmente, é engenharia reversa do dispositivo. Para complicar as coisas, lidamos com fontes diferentes, usadas para objetivos bem diferentes. O modo como procedemos as desmontagens é quase tão importante quanto o que usaremos na montagem. Compreende?

— Compreendo. Foram obtidos tal como lhe disse. Os esquemas que você possui são para esses dois dispositivos.

— Bom, isso é ótimo. Então não prevejo problemas insuperáveis.

— E quanto tempo vai demorar?

— O desmonte, mais um dia. A montagem... dois ou três dias. Digamos, quatro dias até ficar pronto para o envio.



O Consulado Geral da República da Indonésia ficava na Columbus Avenue, alguns quarteirões ao sul do Embarcadero, ladeada pelo Telegraph Hill e pela Lombard Street e à vista da ilha de Alcatraz. Clark achou um lugar para estacionar na Jones Street, um quarteirão ao sul do consulado, e ali parou seu Ford Taurus alugado.

— Já esteve em Frisco, Jack? — perguntou Chavez do banco traseiro.

— Quando era garotinho. Só me lembro do Fisherman's Wharf, aquele submarino museu...

— USS *Pampanito* — disse Clark.

— Isso. E a Ilha do Tesouro. Segundo conta meu pai, chorei quando ele me disse que não era a mesma Ilha do Tesouro do livro.

Clark riu.

— Isso foi antes de ele lhe dar a notícia sobre o Coelhoinho da Páscoa e o Papai Noel?

Jack riu de volta.

— Acho que foi no mesmo dia.

Clark tirou o celular, um dos três desinfetados pré-pagos que pegaram no aeroporto. Discou um número e depois de um momento disse:

— Sim, bom dia, o Sr. Nayoan está aí hoje de manhã? Sim, obrigado. — Clark desligou. — Ele está lá. Vamos dar um passeio e reconhecer o terreno.

— O que estamos procurando?

— Nada e tudo — respondeu Clark. — O mapa não é o território, Jack. Você está se acimatando. Descubra onde estão os cafés, os caixas eletrônicos, os becos e as ruas laterais, as bancas de jornais, os telefones públicos. Qual o melhor lugar para pegar táxis ou subir num bonde? Aprender a sentir como se vivesse aqui.

— Ah, só isso?

Dessa vez foi Chavez quem respondeu:

— Não. Como as pessoas se movimentam, como interagem? Esperam o sinal verde para atravessar ou avançam? Encaram as pessoas nas calçadas ou trocam amabilidades? Quantos carros de polícia você vê? Verifique o estacionamento. Tem parquímetro ou é livre? Localize as entradas do BART.

- Bay Area Rapid Transit — acrescentou Clark antes que Jack pudesse perguntar.
- O metrô local.
- É muita merda para absorver.
- Esse é o trabalho — respondeu Clark. — Quer voltar para casa?
- De jeito nenhum.
- É uma questão de atitude, Jack. Mudar o modo como você observa a paisagem. Soldados buscam cobertura e pontos de emboscada; espões procuram locais de entrega e vigilância. Duas perguntas que você tem que se fazer o tempo todo: como posso seguir alguém aqui, e como posso me livrar de alguém aqui?
- Está bem.
- Clark conferiu o relógio.
- Vamos tomar uma hora e nos encontramos de volta no carro para ver se Nayoan está pronto para o almoço. Jack, você vai rumo ao sul; Ding e eu iremos pelo nordeste e noroeste.
- Por que essa cobertura? — perguntou Jack.
- A área fica mais residencial ao sul. Pelo menos durante o dia, Nayoan vai seguir o horário: reuniões, almoço, esse tipo de coisa. Use a caminhada para se aclimatizar.

Tal como instruído, Jack seguiu rumo sul pela Jones Street, depois para o oeste subindo a Lombard, exercitando-se ao subir pela calçada tortuosa e abrupta, até chegar nas quadras de tênis no alto da Telegraph Hill, de onde voltou novamente para o sul. As casas ali eram bem juntas e com pintura colorida, muitas com balcões e pórticos transbordando de flores. Jack tinha visto muitas fotografias do terremoto de 1906, e era difícil sobrepor-las mentalmente com o que via agora. A crosta da terra deslizando algumas dezenas de centímetros, ou talvez menos, e uma cidade é arruinada. Realmente, não se pode brincar com a Mãe Natureza. Mais recentemente, o Katrina lembrara os Estados Unidos disso, apesar de, dessa vez, o furacão ter sido apenas coadjuvante. O restante se deveu à péssima logística e aos suprimentos inadequados. É de se pensar como seriam as coisas se algo pior caísse sobre o país, natural ou artificial. Estaríamos realmente prontos para algo assim?, ponderou Jack. Melhor pergunta: existia mesmo isso de estar efetivamente preparado? China, Índia e Indonésia haviam enfrentado tsunamis e terremotos desde épocas imemoriais, e mesmo assim, quando acontecia agora, a resposta e a recuperação pareciam ser um caos malcontrolado. Talvez o problema fosse com a própria definição. Todos os sistemas, sejam governos ou corpos de bombeiros ou a polícia, apresentavam pontos de ruptura quando as circunstâncias ultrapassavam a mão de obra e os recursos. Pensando nisso, os humanos provavelmente eram diferentes, e, se assim fosse, o conceito de estar preparado se torna uma questão de vida ou morte, de sobrevivência ou extinção? Se você se achar vivo após uma catástrofe, será que isso aconteceu

porque estava preparado para ela?

*Pense no jogo de agora*, ordenou Jack a si mesmo.

Na marca dos quarenta minutos, ele voltou rumo norte na Feusier Octagon House e seguiu para o carro. Clark e Chavez ainda não tinham voltado, então ele arranhou um banco do outro lado da rua, sob uma árvore, e leu o jornal que havia comprado durante a caminhada.

— Foi esperto não ter entrado no carro. — Jack escutou atrás de si. Clark e Chavez estavam parados ali. — Por quê?

— Em um belo dia como este? Quem faria isso senão policiais, detetives ou perseguidores?

— É isso aí, rapaz. Se levante e venha até aqui. O mesmo princípio: três sujeitos não ficam simplesmente sentados em um banco juntos a menos que estejam esperando o ônibus ou sejam vagabundos. — Jack se reuniu a eles debaixo da árvore e ficaram em um semicírculo. — Muito bem, agora somos uns otários ocupados — disse Clark — conversando sobre o jogo da noite passada ou sobre o babaca do patrão. Então, o que você viu?

— A vibração é mais contida que em Nova York ou Baltimore — respondeu Jack. — As pessoas não parecem ter muita pressa. Mais contato visual e sorrisos.

— Bom. E o que mais?

— Bom sistema de transporte público, muitas paradas. Vi cinco carros de polícia, mas sem luzes nem sirenes. Quase todo mundo veste casaco ou suéter. Não há muitas buzinas. Muitos carros compactos, híbridos e bicicletas. Um bocado de lojinhas e cafés com entrada pelos fundos.

— Não está mal, Jack — disse Chavez. — Talvez tenha algo de espião no DNA do garoto, hein, John?

— Pode ser.

Depois de mais dez minutos dessa rotina de homens de negócio, Clark disse:

— Muito bem, já é quase hora do almoço. Ding, você dirige. Jack e eu perambulamos um pouco. A entrada principal do consulado é na esquina da Columbus com a Jones, mas há uma entrada lateral, mais ao sul pela Jones.

— Vi um caminhão de entrega de produtos estacionar ali durante a caminhada — disse Chavez. — É um par de funcionários lá fora, fumando.

— Bom. Vamos embora.

Vinte e cinco minutos depois, Jack estava ao telefone.

— Já pesquei o cara. Saindo pela entrada principal. A pé, na direção sul para a Columbus.

— Ding, fique onde está. Jack, não descole dele, pelo menos uns 15 metros atrás. Estou a um quarteirão de você, subindo pela Taylor.

— Entendido. — Um minuto depois: — Passando pelo Motor Coach Inn. A uns



trinta segundos da esquina da Taylor.

— Estou lá, rumo sul — respondeu Clark. — Seja lá o que ele fizer na esquina, cruze a rua e vá para o oeste descendo a Chestnut. Eu pego.

— Saquei. Está na esquina. Dobrou ao norte pela Taylor.

— Já o vi. Pode se separar e siga em frente.

Jack caminhou pela calçada até a Chestnut e continuou em frente. Pelo canto do olho viu Nayoan.

— Soltando... agora — avisou Jack.

E Clark:

— Ele vem na minha direção. Aguentem aí. — Um momento depois, a voz de Clark mudou. — Não, não, estou dizendo, esse ataque deles é uma merda. Não tem profundidade. Cara, você está errado. Dez paus como eles se afundam no primeiro jogo... — Alguns segundos depois. — Acabou de passar por mim. Entrou em um restaurante. Pat's Café, lado leste da rua. Jack, vamos almoçar. Vou pegar uma mesa para nós.

Ding se meteu:

— Para mim, sanduíche de pastrami no pão integral.

Jack voltou pelo norte na esquina da Chestnut com a Mason, e depois ao norte novamente até a Taylor. Achou Clark em uma mesa perto da porta, diante da janela. O lugar já começava a ficar movimentado, com a multidão que almoçava mais cedo. Jack se sentou.

— No balcão — disse Clark. — O terceiro partindo do fundo.

— Sim, já o vi.

— Quem está sentado nos dois lados dele?

— O quê?

— Ficar no rastro do seu alvo principal é só metade da batalha, Jack. Ele falou com alguém enquanto você o seguia, fez alguma parada?

— Não, nem passou perto de ninguém.

Clark deu de ombros.

— Até os imbecis têm que comer.

Jack pediu atum no pão de centeio; Clark, um sanduíche de bacon, com alface e tomate e uma sacola para levar o de Ding.

— Ele está terminando — disse Clark. — Eu pago a conta. Apertamos as mãos na saída e dizemos “Vejo você mês que vem”, e você vai direto para o carro. Eu levo nosso rapaz até em casa e depois encontro vocês na Starbucks na baía.

Trinta minutos mais tarde, estavam tomando suas três xícaras de café Gold Coast de torrefação escura, sentados em um reservado perto da janela. Lá fora, pedestres e

carros deslizavam pela brilhante luz solar. Na TV montada em uma esquina, Jack Ryan Senior discursava de pé atrás de um atril. O som estava desligado, mas os três sabiam o que estava acontecendo. Assim como o restante dos fregueses e os baristas, a maioria dos quais olhava a imagem ou pescava as notícias que saíam, enquanto cuidavam de suas vidas.

— Cara, ele está mesmo fazendo isso — disse Chavez. — Seu pai tem colhões de bronze, Jack.

Jack assentiu.

Clark perguntou:

— Ele falou com você a respeito, suponho.

Outro assentimento.

— Não acredito que esteja muito feliz com essa coisa toda, mas é o chamado do dever, sabe? Para aqueles a quem muito é dado, muito é pedido.

— Bem, ele já deu muito. Muito bem, vamos ao nosso negócio. O que aprendemos?

Jack bebeu um gole de café, e depois disse:

— Nayoan gosta de sopa de ervilhas e dá gorjetas ruins.

— Hã? — disse Chavez.

— Ele tomou uma sopa de ervilhas e comeu um sanduíche de peru com bacon. Doze paus, mais ou menos, segundo o menu. Deixou uns trocados. Além disso, não sei o que aprendemos.

— Não muito — concordou Clark. — Não esperava muito. Se ele estiver no bolso do CRO, deve ser algo que faz de vez em quando. As chances de o pegarmos na sujeira em um dia era praticamente zero.

— E daqui em diante?

— Segundo o site do consulado, eles têm uma recepção no Holiday Inn Express hoje à noite. Uma espécie de festa beneficente conjunta com o consulado polonês.

— Deixei meu smoking em casa — disse Chavez.

— Não vai precisar dele. O caso é: sabemos onde Nayoan estará hoje à noite, e não vai ser em casa.

A 13 mil quilômetros dali, o engenheiro emergiu do vestiário da tenda e usou um trapo para limpar o suor da testa e do pescoço. Com as pernas tremendo, foi até um tamborete próximo e se sentou.

— Então? — perguntou Musa.

— Terminei.

— E a potência?

— De 7 a 8 quilotons. Diminuta para os padrões de hoje. Por exemplo, a bomba de Hiroshima tinha 15 quilotons. Mas será mais que o suficiente para o que planejam. Deve produzir um impacto de 15 psi, ou mais de 103 mil pascals, atingindo uma

distância de 500 metros.

— Não parece muito.

O engenheiro sorriu cansado.

— Esses 15 psi são o suficiente para demolir concreto reforçado. Você disse que o chão é principalmente de terra?

— Correto. Com algumas estruturas subterrâneas reforçadas.

— Então não tem com que se preocupar, meu amigo. Esse espaço fechado que você mencionou... Tem certeza do volume?

— Sim.

— E a superestrutura? Qual é a composição?

— Me informaram que é algo chamado de ignimbrito. É...

— Sim, sei do que se trata. Também é chamada de rocha vulcânica piroclástica, ou tufo consolidado; essencialmente, trata-se de camadas compactas de rocha vulcânica. Isso é bom. Desde que a superestrutura seja suficientemente espessa, a onda de choque deve se dirigir para baixo com atenuação mínima. As exigências de penetração que você me forneceu serão alcançadas.

— Aceito sua palavra quanto a isso. Está pronta para o transporte?

— Claro. Tem uma assinatura de saída baixa, de modo que medidas de detecção passivas não devem preocupar. Mas medidas ativas são diferentes. Suponho que tenha se preparado para...

— Sim, tudo foi considerado.

— Então a deixo em suas boas mãos — disse o engenheiro, que se levantou e foi até o escritório no fundo do armazém. — Agora vou dormir. Acredito que o restante dos meus honorários estará depositado pela manhã.



O contato deles os encontrou perto da estrada Al Kurnish, do lado leste do parque Sendebad, a pouca distância do consulado australiano. Hendley evitou explicar a Brian e Dominic a natureza de seu relacionamento com o australiano, e o chefe tampouco considerou necessário compartilhar o nome do sujeito, mas nenhum dos irmãos achou que era coincidência o fato de seus passaportes falsos e vistos terem os carimbos australianos.

— Tarde, cavalheiros. Suponho que sejam os rapazes de Gerry, sim?

— Suponho que somos — disse Dominic.

— Archie. — Apertos de mão foram trocados. — Vamos dar um passeio, que tal? — Esperaram uma pausa no trânsito e atravessaram correndo a Al Kurnish até um parque malcuidado, ao lado do edifício em forma de roda de vagão da Al Fatah, e descendo até a beira da água.

— Então, compreendo que estão numa espécie de caçada como franco-atiradores? — disse Archie, por sobre a agitação da água.

— Acho que se pode chamar assim — disse Brian. — Um sujeito foi assassinado aqui na semana passada. Primeiro enforcado, depois decapitado e teve os pés cortados.

Archie assentia.

— Ouvi falar. Trabalhinho sujo, esse. Por aqui chamam de “danadinho sem pés”. Você acham que esse sujeito saiu da linha, andou fazendo algum trabalho por fora?

Dominic assentiu.

— A embaixada da Suécia, é isso?

Outro assentimento.

— E vocês estão atrás dos quem e dos porquês, suponho.

— Pegaremos o que for possível — disse Brian.

— Bem, a primeira coisa que vocês precisam saber sobre Trípoli é que é uma cidade danada de segura, de maneira geral. A média de crimes nas ruas é muito baixa, e os vizinhos vigiam uns aos outros. A polícia não fica muito preocupada com o fato de um grupo matar um de seus próprios membros, a menos que a coisa se espalhe pelas ruas ou que algum deles faça algo para chamar atenção. A última coisa

que o Coronel Cacheado quer é má notícia na imprensa internacional, não depois de todo o trabalho de relações públicas que ele andou fazendo. A verdade é que o CRO tem andando bem quieto já há uns oito ou nove meses. De fato, a fofoca nas ruas diz que esse negócio na embaixada da Suécia não foi coisa do CRO.

— Pelo menos, não sancionada.

— Ah, percebo. Uma cabeça cortada e pés decepados tendem a mandar um recado bem forte, não é? Ainda assim, poderia ser pior. Geralmente as joias da família entram na jogada. Bem, o apartamento onde esse sujeito foi liquidado fica perto da estrada Al Khums. Vizinhança bem fechada. Tal como fiquei sabendo, esse apartamento em particular estava vazio na época.

— Onde ouviu falar disso?

— Conheço alguns franceses que trabalham por aqui e são bastante amigos dos policiais.

— Então você acha que usaram o apartamento apenas por conveniência? — perguntou Dominic. — Um estúdio?

— Sim. O pobre coitado provavelmente foi liquidado em outro lugar. Vocês souberam através de algum site? CRO ou GILC? — disse Archie, referindo-se ao Grupo Islâmico Líbio de Combate.

— CRO — respondeu Brian. — Há mais gente que possa ter feito o serviço terceirizado para o CRO?

— Um monte. Nem é preciso que seja um grupo. Há criminosos em Medina, a Cidade Velha, que cortariam sua garganta por 20 dólares americanos. Veja bem, não para roubar, mas como crime encomendado. Mas esse vídeo... Parece um pouco elaborado demais para os macacos medianos.

— Então por que simplesmente não fizeram o serviço em outro lugar em Medina? — perguntou Brian. — Matar o sujeito, filmar tudo e depois jogar o corpo na rua.

— Então os policiais teriam que ir até Medina, percebe? Desse jeito todo mundo pode fingir que aconteceu em algum outro lugar e o balanço natural permanece. Em quantos sites esse vídeo apareceu?

— Seis, que nós sabemos — disse Dominic.

— Bem, por aqui há um monte de serviços de internet, mas os grupos que manejam esses sites geralmente fazem eles mesmos a hospedagem, com um servidor dedicado que podem pegar e movimentar, física e eletronicamente. Se o CRO encomendou o assassinato, então é provável que vocês estejam com azar; se eles mesmos fizeram isso, quer dizer que a mensagem veio bem do alto. O tipo de trabalho que não se deixa aberto ao acaso. Se esse for o caso, é possível que haja algum tipo de sobreposição, algum capitão local do CRO em contato com algum dos serviços de hospedagem móveis.

— Suponho que não seja possível entrar em contato com eles pelas páginas amarelas — disse Brian.

— Está supondo corretamente. Pode ser que eu conheça um sujeito. Me deixe fazer

algumas ligações. Onde vocês estão hospedados?

— No Al Mehari.

Archie verificou seu relógio.

— Encontro vocês lá às cinco da tarde, e tomamos um drinque.

Ele chegou uma hora mais cedo com seu próprio carro, um Opel verde-floresta de meados dos anos 1980; como quase tudo em Trípoli, o carro estava coberto com uma fina camada de poeira vermelho-amarronzada.

— Vocês alugaram um carro? — perguntou Archie enquanto saíam na direção oeste pela rua Al Fat'h, em meio a uma cacofonia de buzinas e freadas.

— Epa! — gritou Brian do assento traseiro.

— Aqui não existem leis de trânsito. Podem chamar de darwinismo básico. É a sobrevivência do motorista mais capaz. Então: carro de aluguel?

— Não alugamos nenhum.

— Depois que terminarmos, vocês podem me deixar na embaixada e usar este. Cuidado com a segunda marcha. Está meio frouxa.

— Desde que você não espere recebê-lo de volta inteiro.

— É hora do rush. Dentro de algumas horas melhora.

A labiríntica e amuralhada Medina da Trípoli moderna nasceu durante a ocupação otomana e por séculos serviu tanto para dissuasão dos invasores quanto como centro de comércio. Situada ao lado do porto e bordejada aos quatro lados pela estrada Al Kurnish, pela rua Al Fat'h, pela rua Sidi Omran e pela rua Al Ma'arri, a Medina era um labirinto de ruas estreitas, becos sem saída, calçadas cobertas de arcos e pequenos pátios.

Archie achou um lugar para estacionar próximo ao portão Bab Hawara, perto do muro sudoeste, e eles saíram e caminharam dois quarteirões ao sul até um café. Um homem com calça larga preta e camisa de mangas curtas marrom se levantou de uma mesa quando Archie se aproximou. Trocaram apertos de mão, se abraçaram e Archie apresentou Brian e Dominic como “velhos amigos”.

— Este é Ghazi — disse Archie. — Podem confiar nele.

— Sentem, por favor — disse Ghazi, e todos se acomodaram na mesa sob o guarda-sol. Apareceu um garçom, e Ghazi disparou alguma coisa em árabe. O garçom saiu e reapareceu um minuto depois com uma jarra, quatro copos pequenos e uma tigela com balas de menta. Quando o chá foi servido, Ghazi disse:

— Archie me contou que vocês estão interessados em sites.

— Dentre outras coisas — disse Dominic.

— Há muitas pessoas que proporcionam os serviços que Archie mencionou, mas uma em particular pode valer o tempo que dedicarem a ele. Seu nome é Rafiq Bari. No

dia seguinte ao que esse vídeo apareceu na web e um dia antes de o corpo do homem ser descoberto, ele mudou seu negócio, bem de repente e durante a noite...

— Isso é tudo? — disse Brian.

— Não. Existem boatos de que ele fez um trabalho para certas pessoas. Sites que aparecem e desaparecem: servidores proxy, redirecionamentos, nomes de domínio alternados, tudo isso. Essa é a especialidade de Bari.

— E sobre ISPs? — perguntou Dominic, referindo-se aos provedores de serviço de internet. — É possível que essas pessoas estejam criando os seus próprios em vez de usar companhias comerciais?

Archie respondeu:

— Trabalhadora demais, acho. Por aqui não existe muita supervisão com esse tipo de coisas. Um nome e um cartão de crédito são o suficiente. Nomes de domínios podem ser registrados no atacado e modificados num piscar de olhos. Não, o modo como esse tal de Bari faz é o usual, pelo menos por aqui.

Dominic perguntou a Ghazi:

— Com quem ele mora? Família?

— Aqui não. Tem uma esposa e uma filha em Benghazi.

— Quais são as chances de ele estar armado?

— O próprio Bari? Muito improvável, acho. Quando ele se movimenta por aí, às vezes tem proteção.

— Do CRO?

— Não, não diretamente, não acredito. Talvez contratados por eles, mas são simplesmente pessoas de Medina. Bandidos.

— Quantos? — perguntou Brian.

— Nas vezes que o vi... Dois ou três.

— Onde o encontramos? — disse Brian.

Quando deixaram Archie de volta no consulado, a borda de baixo do sol já quase tocava a superfície do mar a oeste. Por toda a cidade, lâmpadas de rua, faróis de automóveis e sinais de neon piscavam, se acendendo. Tinham decidido que Dominic, que fizera o curso de direção defensiva do FBI, ficaria no volante do Opel. Confirmando a previsão de Archie, o tráfego havia melhorado um pouco, mas as ruas ainda se pareciam mais com pistas de corrida do que com vias urbanas.

Archie desceu do carro e encostou os braços na porta de passageiro.

— O mapa de Medina que vocês têm é bastante preciso, mas não perfeito, então prestem atenção por onde andam. Têm certeza de que isso não pode esperar até amanhã?

— Provavelmente não — disse Brian.

— Bem, então fiquem relaxados e sorriam. Ajam como turistas. Olhem as vitrines, pechinchem um pouco, andem tranquilos. Não marchem pelo lugar como se fossem

sapadores...

— Sapadores?

— Soldados. Podem estacionar em alguma das ruas laterais perto do Corinthia, aquela monstruosidade de hotel que passamos a caminho daqui.

— Saquei.

— É visível de praticamente toda Medina. Caso se percam, rumem para lá.

— Droga, cara, você soa como se nós estivéssemos entrando na cova dos leões — disse Brian.

— Não é uma analogia ruim. Considerando tudo, Medina é segura à noite, mas a palavra corre se vocês se destacarem. Mais duas coisas: abandonem o carro se precisarem. Comunico que foi roubado. Segundo: há um saco de papel marrom debaixo do pneu no porta-malas com alguns presentinhos dentro.

— Suponho que você não esteja falando de guloseimas — disse Dominic.

— Disso eu não falo, colega.





Nayoan saiu do consulado às cinco horas da tarde, tomou o ônibus do estacionamento perto da Columbus e entrou num Toyota Camry azul. Com Clark ao volante, foi seguido até um apartamento no primeiro andar no sudoeste do famoso distrito de Tenderloin, em São Francisco, entre a prefeitura e a Market Street. Provavelmente era a pior vizinhança da cidade, com um índice acima do normal de pobreza, crime, moradores de rua, restaurantes étnicos, hotéis de carregação, clubes suspeitos e galerias de arte. Só podia haver uma razão para Nayoan escolher essa área para viver, consideraram Clark e os demais: o Tenderloin tinha uma população de asiáticos-americanos bem alta, o que lhe permitiria se movimentar relativamente anônimo.

Depois de um algumas horas em casa, Nayoan emergiu do apartamento vestindo um terno escuro e entrou no Camry. Dessa vez com Jack ao volante, eles o seguiram de volta ao centro até o Holiday Inn. Observaram-no entrar no saguão, esperaram dez minutos e voltaram para o Tenderloin.

— Por que chamam isso de Tenderloin? — perguntou Chavez enquanto Clark entrava na Hayes Street e começava a procurar um lugar para estacionar. Os faróis do carro passavam por cima de latas de lixo derrubadas e figuras na sombra dos pórticos.

— Ninguém tem certeza — disse Jack. — É uma espécie de lenda urbana. As histórias vão desde aqui ser a zona mais vulnerável da cidade até ter sido uma vizinhança perigosa para policiais, que podiam conseguir um extra e, com isso, os melhores cortes de carne.

— Andou lendo um guia de viagens, Jack?

— Isso e um pouco de Sun Tzu. Conheça seu inimigo, certo?

— O lugar tem estilo, com certeza.

Clark achou um lugar para estacionar embaixo de uma árvore entre dois postes de iluminação e entrou. Apagou os faróis e desligou o motor. O apartamento de Nayoan ficava a um quarteirão abaixo e do outro lado da rua.

Clark verificou o relógio.

— Oito horas. Nayoan deve estar na recepção. Trocar de roupa — disse Clark.

Eles trocaram as roupas de andar no centro — calças de gabardina, suéteres, casacos — pelos trajes estilo Tenderloin que compraram antes em uma loja de artigos usados: blusões de moletom, camisas de flanela, bonés e toucas de lã.

— Vinte minutos, então aqui de volta — disse Clark. — Círculo de três quarteirões. Mesmas instruções de antes. É um bairro de merda, então ajam de acordo.

— Como assim? — perguntou Jack.

Chavez respondeu:

— Você não se mete comigo que eu não me meto com você.

Encontraram-se de volta no carro, depois caminharam meio quarteirão para o sul e se juntaram debaixo de um pórtico vazio. Chavez começou:

— Só vi um carro de polícia. Parecia patrulha normal. Não estavam prestando muita atenção.

— Jack?

— Não vi luzes no apartamento. Há um beco ao lado e uma cerquinha de madeira meio arruinada com um portão sem tranca que dá para um pátio de concreto. Cães nos dois jardins adjacentes. Latiram quando passei, mas não vi rostos aparecendo nas janelas.

— Luzes na porta dos fundos? — perguntou Clark.

Jack assentiu.

— Lâmpada nua. E nenhuma porta com tela.

— E por que isso é importante?

Jack sacudiu o ombro.

— Portas de tela rangem e chacoalham.

— O garoto merece uma estrelinha dourada.

Com trinta segundos de diferença eles deram a volta no quarteirão, e depois se encontraram no beco. Chavez entrou primeiro pelo portão, subiu as escadas, afrouxou a lâmpada e desceu. Clark e Jack avançaram. Clark subiu os degraus e passou noventa segundos agachado à porta, trabalhando na fechadura e na trava. Sinalizou para que esperassem e depois deslizou pela porta. Uns sessenta segundos depois, estava de volta e acenou para que entrassem.

O interior do apartamento era uma imagem espelhada da arquitetura: comprido e estreito, corredores atravancados, assoalho de tábuas estreitas coberto com carpete gasto, rodapés e frisos escuros. Nayoan não ligava muito para decoração interior, percebeu Jack: cozinha utilitária e banheiro com ladrilhos axadrezados de porcelana, uma sala da frente com um sofá modulado, mesa de centro e uma televisão de 13 polegadas. Provavelmente não esperava ficar muito tempo ali, pensou Jack. Para que então se importar com algo além das necessidades básicas? Isso poderia significar

alguma coisa? Talvez valesse a pena verificar quanto tempo Nayoan ainda tinha de serviço na embaixada.

— Muito bem, vamos vasculhar tudo — ordenou Clark. — E tudo de volta ao mesmo lugar quando terminarmos.

Acenderam as lanternas e começaram a trabalhar.

Quase imediatamente Chavez achou um laptop Dell sobre uma mesinha de jogos no quarto de Nayoan. Jack o ligou e começou a revisar as pastas e os arquivos, o histórico do navegador e os arquivos de e-mail. Chavez e Clark deixaram que trabalhasse, e passaram trinta minutos dissecando cada cômodo do apartamento, verificando primeiro os lugares de esconderijo mais óbvios.

— Muito bem — disse Jack. — Não tem proteção de senha, nenhum software com chave de acesso... À parte um firewall padrão e um programa antivírus, essa coisa está bem aberta. Muita coisa aqui, mas nada que se destaque. A maior parte é de assuntos não secretos da embaixada e e-mails, alguns pessoais. Família e amigos de casa.

— Quanto mais você pode escavar? — perguntou Clark.

— Aqui? Não muito. Posso copiar todos arquivos, pastas e caixas de entrada, mas duplicar o disco rígido levaria muito tempo.

— Muito bem, pegue o que puder.

Jack conectou um HD portátil da Western Digital Passport na porta FireWire do Dell e começou a copiar os arquivos enquanto Clark e Chavez continuaram caçando. Depois de mais quarenta minutos, Chavez sussurrou da cozinha:

— Achei.

Voltou para o quarto carregando um saco plástico de sanduíche, desses que fecham por cima.

— Fundo falso na gaveta de ferramentas.

Jack pegou o saco e o examinou.

— DVD de leitura e gravação. — Abriu o drive do leitor do Dell e enfiou o DVD lá dentro. Clicou na letra da unidade apropriada, e a janela se abriu na tela. — Muitos dados aqui, John. Uns 60 gigabytes. E muitos são arquivos de imagem.

— Abra alguns.

Jack clicou duas vezes numa pasta e miniaturas de fotos apareceram.

— Parecem familiares.

— Realmente — disse Clark.

Jack bateu com a unha do indicador em três das fotografias.

— Com certeza essas vieram dos sites do CRO.

— Onde há fumaça... — declarou Chavez.

Clark olhou o relógio.

— Copie tudo. Ding, vamos arrumar as coisas. É hora de dar no pé.

Uma hora mais tarde estavam de volta ao hotel, o La Quinta Inn, perto do aeroporto. Jack usou um FTP — protocolo de transferência de arquivos — seguro para subir algumas das imagens ao servidor do Campus, e depois ligou para Gavin Biery, o geniozinho de informática, e o colocou no viva-voz.

— Já vimos essas antes — disse Biery. — No pen drive de Trípoli.

— Certo — disse Jack. — Precisamos saber se estão esteganocriptografadas.

— Estou dando os toques finais no algoritmo para decryptografar. Parte do problema é não sabermos que tipo de programa eles usaram para criptografar, comercial ou caseiro. Segundo o Centro de Análise e Pesquisa da Esteganografia...

— E esse lugar existe? — perguntou Chavez.

— ... até agora temos 725 aplicativos de esteganografia, e isso é só a parte comercial. E qualquer programador vagabundo pode fazer um e colocá-lo em um pen drive. Simplesmente sai por aí, pluga no computador e você já está no modo esteganografia.

— Então, como você vai quebrar isso? — perguntou Clark.

— Desenvolvi um processo em duas partes. Primeiro, verifico discrepâncias no arquivo, seja vídeo, imagem ou áudio. Se descobrir uma anomalia, então começo a rodar a segunda parte do programa, percorrendo o arquivo através dos modos de criptografia mais comuns. É um processo de força bruta, mas a chance é que o CRO tenha seu método favorito. Descobrimo-o, podemos apressar a dissecação.

— Quanto tempo? — perguntou Jack.

— Não tenho a menor ideia. Vou começar a alimentar o monstro e retorno a vocês.

O telefone tocou às três da manhã. Os três despertaram instantaneamente.

— Biery — disse Jack, esfregando e apertando os olhos para ver a identificação na tela do celular. Atendeu e colocou a chamada no viva-voz.

— Posso estar estourando o champagne um pouco cedo — começou Biery —, mas acredito que achamos o veio principal. Essa é a boa notícia. A má é que parece que eles usam três métodos diferentes de criptografia, de modo que vai demorar algum tempo.

— Você tem nossa atenção — respondeu Clark.

— Primeiro ponto: a imagem do banner que vimos no site do CRO mostrando a morte de Dirar... acho que é uma senha para usar uma única vez. Essencialmente é uma tabela para decodificar mensagens em linguagem comum. Se é ultrapassada ou vigente, ainda não sei.

Isso não foi surpresa para Jack. O que era velho voltava a ser novidade, ele sabia. O sistema de uso único de senha era antigo — o quão antigo era tema de debate entre os acadêmicos da criptografia, mas nascera nos tempos modernos, em 1917, com um engenheiro da AT&T chamado Gilbert Vernam —, e, apesar de existir uma variedade

de sabores no método, no fundo se trata de uma cifra de substituição, na maior parte das vezes arrumada na forma de uma grade alfanumérica aleatória: combina-se um dígito da margem esquerda com outro da margem de cima e onde os dois se entrecruzam no corpo da grade é o dígito único de substituição. Codificar e decodificar consumia tempo, mas, desde que a senha fosse de conhecimento restrito do remetente e do destinatário, era virtualmente inquebrável. Nesse caso, certos membros do CRO saberiam como verificar certos sites em dias específicos e baixar determinadas imagens, que seriam então esteganodecriptografadas, revelando a senha única através da qual telefonemas comuns, cartas e e-mails podiam ser transmitidos com segurança.

A questão era, pensou Jack, com que frequência o CRO alterava essa senha única on-line? A única maneira de saber isso era tentar combinar mensagens conhecidas do CRO com imagens criptografadas no mesmo período.

— Isso poderia explicar por que o e-mail com o anúncio do nascimento do bebê terminou com tudo — disse Jack. — Eles mudaram as grades e ficamos um passo atrás.

Clark assentiu e falou:

— Continue, Gavin.

— Segundo: uma das imagens mais pesadas do DVD de Nayoan não tinha correspondência com nenhuma que capturamos dos sites do CRO. O algoritmo ainda está mastigando a coisa, porém, baseado no que possuímos até agora, temos um monte de números de cartões de crédito e de roteadores de bancos.

— Nayoan é um tesoureiro do CRO. Puta merda — disse Chavez.

— Você está verificando os números? — perguntou Clark a Gavin.

— Ainda não. O que vocês preferem primeiro?

— Cartões de crédito. Mais fáceis de conseguir e de descartar que uma conta bancária. Comece com o material das contas de São Francisco e da Costa Oeste. É melhor aproveitar isso enquanto estamos por aqui.



Se a entrada deles em Medina provocou alguma curiosidade, foi bem disfarçada, consideraram os irmãos Caruso. Ainda não tinha escurecido, é claro, de modo que havia muitos turistas brancos e ocidentais se movimentando em volta das bancas dos vendedores e vagando pelos becos estreitos e ziguezagueantes; a presença deles não era notada. O sol, entretanto, baixava na linha do horizonte e, com a luz decrescente, Medina ia se esvaziando de forasteiros, deixando apenas os locais e os poucos e esparsos turistas que ou eram bem familiarizados com Trípoli ou ignoravam os riscos. Havia poucos assassinatos de turistas em Medina, segundo Archie lhes assegurara, mas assaltos noturnos ou bolsas arrancadas eram quase considerados esportes locais. Os ladrões sabiam distinguir bem os descuidados e fracos. Brian e Dominic não pareciam ser nenhuma das duas coisas, observou Archie, de modo que tinham pouco com que se preocupar. O presente do australiano no porta-malas — um par de semiautomáticas Browning 9 milímetros Hi-Power Mark III, sem números de série, e quatro pentes com cartuchos de baixa velocidade e pontas côncavas — garantiam isso duplamente. Os silenciadores que Andy havia providenciado eram canos de PVC, cada um mais ou menos do tamanho de duas latas de refrigerante emendadas e pintadas de preto com spray. Nada que durasse mais de cem disparos sem perder a eficácia, no entanto, como tinham apenas quarenta balas entre eles, esse ponto era irrelevante.

Os dois vagaram por vinte minutos entre os becos com muros de estuque e tijolo, parando diante de cada banca e loja para examinar as mercadorias, ao mesmo tempo seguindo o mapa de Archie, que Brian mantinha dobrado na mão. Archie lhes indicara vários roteiros até o apartamento de Rafiq Bari, e várias rotas de fuga, inclusive dois roteiros de E&E — evasão e escape —, um acréscimo que solidificou sua convicção de que seu contato era ex-militar, provavelmente do SASR — Regimento Especial da Força Aérea — australiano. Era um palpite bem reconfortante. A mentalidade dos australianos se alinhava com a deles.

— Tem alguma coisa cheirando bem — disse Dom, farejando.

A atmosfera era cheia de odores: carvão queimando, carne grelhada, especiarias, assim como o fedor de milhares de corpos suados amontoados em espaços fechados.

O barulho também era desorientador no começo, uma cacofonia em árabe, francês, magrebinho e inglês com sotaque pesado. A multidão parecia se movimentar como se fosse dirigida por algum guarda de trânsito invisível, passando pelos lados uns dos outros e saindo e entrando nos becos com apenas um ocasional contato visual ou hesitação.

— Carne de cachorro, talvez?

— Isso é na Ásia, cara, e menos comum do que você imagina. Talvez haja alguma coisa de cavalo por aqui, mas aposto que a maior parte é carneiro.

— Andou lendo de novo os guias.

— Quando em Roma...

— Algo me diz que a higiene não está no topo da lista de prioridades deles — disse Brian, acenando na direção de um vendedor que cortava pedaços de frango em uma tábua, o avental de lona respingado de sangue.

Dominic riu disso.

— Droga, não fizeram você comer insetos na SERE? — referindo-se à escola de Sobrevivência, Evasão, Resistência e Escape.

Como todos os demais marines, Brian havia passado pelo recrutamento nível A da SERE. Ele, porém, também decidira se alistar nos níveis B e C, reservados para treinamento de unidades de combate avançado e tripulações aéreas.

— Claro. Insetos em Bridgeport e cobras em Warner.

As escolas SERE nível B e C, da Marinha e dos Fuzileiros Navais, estavam sediadas em vários locais, inclusive no Centro de Treinamento de Guerra em Montanha em Bridgeport, na Califórnia, e na Base Aérea Naval em Warner Springs, também na Califórnia.

— Então que tal um pouco de carne de cavalo.

— Talvez na saída, ok? Estamos chegando perto ou não?

— Sim, mas temos que matar tempo. Vamos passar pela casa de Bari no crepúsculo, reconhecer o terreno. Mas esperamos escurecer para entrar.

— Tudo bem. Que horas são...

Como se fosse uma deixa, um alto-falante na entrada do beco estalou e começou a emitir o chamado do muezzim para as preces. Em volta deles, os becos foram vagarosamente silenciados enquanto os locais paravam o que faziam, abriam os tapetes de rezar e se ajoelhavam para o ritual. Juntamente com outros não muçulmanos, Brian e Dominic abriram espaço e ficaram quietos até terminar o ritual e a normalidade retornar. Os Caruso voltaram a caminhar. O pôr do sol se aproximava rapidamente, e luzes começavam a brilhar nas janelas e nos cafés ao ar livre.

— Não posso dizer que sou muito fã do islamismo — disse Dominic —, mas tenho que reconhecer que são dedicados.

— O que é um problema quando viram radicais. Esse tipo de dedicação é o primeiro passo em direção ao bombardeio suicida e a jogar aviões sobre edifícios.

— Sim, mas às vezes não posso deixar de pensar se não estamos falando da teoria da maçã podre.

— Como assim?

— Uma maçã podre no barril. Nesse caso, realmente há um bocado de maçãs bem podres, mas ainda assim provavelmente uma minoria muito pequena.

— Talvez sim, talvez não. Mas é o tipo de problema fora da sua alçada.

— Quero dizer, pense só: quantos muçulmanos existem no mundo?

— Um bilhão e meio, acho. Talvez dois.

— E quantos deles saem por aí explodindo a si mesmos? Melhor perguntando: quantos são terroristas radicais?

— Uns 20 ou 30 mil, provavelmente. Entendi seu ponto, cara, mas não me preocupo com as maçãs boas. Quem e como eles veneram é problema deles, até começarem a receber mensagens divinas mandando explodir um monte de inocentes.

— Bem, não há como discutir isso.

Já haviam tido essa conversa antes. Descartar todo um povo ou uma religião seria simplesmente um erro moral ou também um erro tático? Quando você coloca toda uma porção da demografia como inimigo, será que isso evita que reconheça quem são realmente os maus elementos, e também deixa de reconhecer um aliado? Como quase todos os países do mundo, os Estados Unidos tiveram inimigos que viraram amigos, e amigos que se tornaram inimigos. Os mujahidin afegãos eram um caso muitas vezes citado por Dominic. Os mesmos rebeldes que a CIA havia ajudado a expulsar os soviéticos do Afeganistão se transformaram no Talibã. Os livros de história continuariam debatendo para sempre como e por que isso acontecera, mas pouco adiantava discutir com a verdade no fundo. Um ponto sobre o qual os dois Caruso concordavam era o das semelhanças entre as perspectivas do soldado e do policial: conheça o melhor possível o seu inimigo, e seja flexível em suas táticas. Mais ainda, os dois tinham visto merda o suficiente em suas vidas para saber que não existia isso de preto ou branco no mundo real — o que era especialmente verdade no papel deles no Campus, onde o cinza era a norma. Havia uma boa razão pela qual espíões e o pessoal de operações especiais eram muitas vezes referidos como os “Guerreiros das Sombras”.

— Não me leve a mal — acrescentou Dominic. — Fico feliz da vida quando aperto o gatilho para o cara que ameaça meu país. Só estou falando que o sujeito que luta com mais esperteza é geralmente o que vence.

— Digo amém para isso. Há alguns milhões de soldados soviéticos que argumentariam contra, entretanto, e Stálin os enfiou dentro do moedor de carne na Frente Oriental como se fossem gado.

— Toda regra tem sua exceção.

Brian parou para checar o mapa.

— Estamos quase lá. À esquerda na próxima, depois direto no beco. O apartamento de Bari é a terceira porta à esquerda. Pintada de vermelho-sangue,



segundo Ghazi.

— Esperemos que não seja um mau sinal.

Encontraram o beco certo dez minutos depois e se enfiaram pelo portal. Como soldado, a visão noturna de Brian estava mais bem-calibrada que a de seu irmão, de modo que foi o primeiro a perceber que o homem que caminhava em sua direção era nada menos que o próprio Rafiq Bari. Não estava sozinho, e sim ladeado por um par de sujeitos, ambos vestidos com calças negras e camisas brancas de manga comprida abertas no pescoço e arregaçadas nos punhos.

— Barras-pesadas locais — murmurou Dominic.

— Sim. Vamos deixar que passem.

Bari caminhava rápido, tal como seus guarda-costas, mas tanto a sua linguagem corporal quanto a dos dois guarda-costas informaram aos Caruso que Bari não estava coagido. O relacionamento era claramente da natureza de empregador-empregados.

Brian e Dom alcançaram primeiro a porta vermelha e continuaram em frente, deixando Bari e seus companheiros passarem pela esquerda. Brian olhou rapidamente por sobre o ombro e viu Bari enfiando uma chave na porta. Brian continuou em frente. A porta abriu, e depois bateu, se fechando. Os Caruso dobraram à esquerda na esquina seguinte e pararam.

— Nem olhou para nós — disse Dominic. Os guarda-costas de Bari provavelmente eram bandidos comuns que supunham que familiaridade com a violência era treinamento suficiente para o trabalho, e provavelmente estavam certos na maioria das circunstâncias.

— Azar o deles, sorte nossa — respondeu Brian. — Mas ele estava apressado. Ou está com pressa para pegar seu programa favorito na TV ou está se mudando.

— Melhor supor que seja o seu último palpite. Hora de improvisar.

— Do jeito dos marines.

Acharam um portal aberto à sua esquerda, a uns 6 metros de onde estavam, no beco, e por ele entraram em um pequeno pátio com um chafariz circular seco no centro. Já estava quase completamente escuro, e os cantos estavam inteiramente nas sombras. Esperaram um instante para ajustar a visão. Encostada na parede dos fundos havia uma treliça coberta por heras secas. Foram até lá e testaram a madeira. Era frágil.

— Impulso — disse Brian, aproximando-se da parede e juntando as mãos para servir de apoio. Dominic subiu, levantou os braços e conseguiu agarrar o alto da parede. Arrastou-se para cima e depois fez a Brian o sinal de mão de *espere* e se arrastou dali. Estava de volta em três minutos. Fez o sinal de *tudo bem* e se inclinou para ajudar Brian a subir.

— A porta de Bari dá para um pátio interno. Corredor aberto na parede leste. Um

guarda-costas ali. Bari e o outro estão lá dentro. Os ouvi tropeçando por lá. Parece que estão com pressa.

— Então vamos.

Carregaram as Browning, afixaram o silenciador e começaram a atravessar o teto. À esquerda deles, no beco, veio o latido de um cachorro, e depois um golpe seco. O cachorro ganiu e ficou em silêncio. Brian levantou o punho fechado, comandando uma parada. Os dois se ajoelharam. Brian rastejou pelo telhado, olhou pela borda, e voltou.

— Quatro homens vindo pelo beco — sussurrou. — Se movendo como operadores. Ou como policiais.

— Talvez seja a causa da pressa de Bari — declarou Dominic. — Vamos observar?

— Se for a polícia, não temos escolha. Se não...

Dominic sacudiu os ombros e assentiu. Eles tinham vindo de longe atrás de Bari, e não desistiriam a menos que não houvesse opção. A questão era: se esses novos personagens tivessem vindo matar Bari, será que fariam isso ali ou o levariam para outro lugar?

Brian e Dominic se moveram para o beiral acima do pátio de Bari, deitaram de barriga para baixo e se aproximaram até poder ver. O guarda-costas solitário ainda estava diante da porta, uma mera sombra desenhada na escuridão. A ponta dourada de um cigarro brilhava e esmaecia.

Os passos soaram mais alto à esquerda deles, arrastando-se pelo beco coberto de areia e pedras antes de parar — presumivelmente na porta de Bari. Os Caruso sabiam que os momentos seguintes lhes diriam tudo que precisavam saber sobre seus concorrentes. A polícia entraria gritando; outros entrariam disparando.

Nada disso aconteceu.

Uma batida de leve na porta do pátio. O guarda-costas jogou fora o cigarro e se inclinou para o corredor aberto, disse alguma coisa e depois se dirigiu até a porta. Seu corpo não mostrava sinais de tensão; não fez nenhum movimento para sacar a arma que Brian e Dominic supunham estar enfiada em um coldre no cinto. Os dois se olharam: *Bari espera companhia?*

O guarda-costas deslizou a tranca e abriu a porta.

*Pop, pop.*

Os tiros foram suaves, o barulho não mais alto que uma batida com a palma da mão numa mesa. O guarda-costas tropeçou para trás e se esparramou no chão. Três figuras dispararam em direção à porta interna. Um quarto os seguiu, parou rapidamente ao lado do corpo do guarda-costas para disparar mais uma vez na sua testa, e continuou caminhando.

Mais dois disparos abafados de dentro da casa, depois um grito e silêncio. Dez segundos depois Bari saiu com as mãos por trás da cabeça, empurrado pelos três invasores. Foi impellido a ficar de joelhos diante do quarto homem — o líder, ao que

parecia —, que inclinou a cintura e disse algo a Bari. Ele sacudiu a cabeça. O homem o esbofeteou.

— Procurando alguma coisa — sussurrou Dominic.

— Sim. Você acha que é o CRO?

— Diria que sim. A menos que ele esteja trabalhando para alguém mais.

O interrogatório prosseguiu por mais dois ou três minutos, depois o líder fez um gesto para os demais homens, que o imobilizaram no chão. As mãos dele foram amarradas com fita crepe, e um trapo foi enfiado em sua boca. Depois o arrastaram de volta para a casa.

— O Sr. Bari vai perder algumas unhas.

— Se tiver sorte. Melhor nós o pegarmos antes que fodam demais com ele.

— Vamos dar mais alguns minutos. Ele vai ficar mais feliz quando a cavalaria chegar — disse Brian abrindo um sorriso que Dominic considerou meio malévolo.

— Porra, Brian, isso é cruel.

— Isso é um incentivo.

Os gritos abafados começaram quase imediatamente dentro da casa. Na marca dos cinco minutos, Dominic levantou os olhos do relógio e assentiu. Brian foi o primeiro a chegar à beirada, pendurando-se nela e caindo suavemente sobre os pés. Agachado e apontando a Browning para a porta, recuou até a parede e acenou para o irmão. Dez segundos depois, Dominic já estava embaixo e acorado ao lado da parede mais próxima.

Os dois avançaram ao mesmo tempo, deslizando como sombras pela parede até Dominic fazer o gesto de parar. Avançou mais um pouco até o ângulo lhe permitir ver pela porta. Gesticulou para Brian: *Três homens visíveis; sala à esquerda através da porta. Pequeno corredor a partir da porta. Duas baixas.*

Brian assentiu, depois sinalizou de volta o plano de entrada e recebeu uma confirmação. Dominic cruzou os últimos 3 metros até a parede ao lado da porta, depois foi avançando de lado até estar imprensado contra a maçaneta. Brian arremeteu até ficar do outro lado. Dominic deu uma última olhada, inclinando-se apenas o suficiente para enxergar através da porta. Assentiu.

Brian sinalizou... um... dois... três, e se levantou, passando pela porta e virando à esquerda, a Browning levantada diante dele. Dominic um passo atrás.

Dois dos homens tinham imprensado a cara de Bari sobre uma mesa de cavalete; a superfície escorregadiça de sangue, que brilhava escurecido sob a luz de uma luminária no canto. O líder estava sentado diante de Bari, uma faca de açougueiro na mão direita; a lâmina e sua mão estavam molhadas.

Um dos homens segurando Bari olhou para cima e viu Brian deslizar para dentro da sala. O primeiro disparo de Brian atingiu o homem na garganta, o segundo no meio da testa. Brian ajustou a mira e derrubou o segundo homem. O líder se virou, com uma arma na mão. Dominic já estava lá. Martelou o cabo da Browning na testa do sujeito, que caiu de lado no chão.

— Limpo.

— Limpo — sussurrou Brian. — Ele?

— Deixe tirar um cochilo.

Brian golpeou Bari com o cabo da Browning por trás da orelha, e depois verificou como ele estava.

— Ótimo.

Ambos se viraram, avançaram furtivamente pelo corredor e não viram nada, de modo que giraram para a esquerda, chegando ao pequeno saguão. Uma silhueta apareceu no portal do fundo. Dominic atirou duas vezes. O homem caiu. Escutaram de dentro da sala o rangido de madeira contra madeira.

— Janela — disse Dominic.

— Saquei.

Com três passadas, Brian estava na soleira. Olhou pelo canto e viu um homem subindo pela janela do outro lado da sala. Disparou. A bala 9 milímetros de ponta côncava entrou no quadril do sujeito. A perna cedeu sob ele, que caiu de costas na sala. Em sua mão esquerda havia uma pistola. Dominic avançou o passo e deu dois tiros no peito do homem.

— Limpo.

— Limpo.

O restante do apartamento consistia em um banheiro e um segundo quarto, ambos no final do pequeno corredor. Os dois quartos estavam vazios, tal como os armários. Descobriram o segundo guarda-costas de Bari na banheira, completamente vestido e com um belo buraco na cabeça. Voltaram para a sala da frente e perceberam que de fato era uma sala de estar, estilo quitinete. Bari estava jogado onde o tinham deixado, de cara na mesa e com os braços abertos.

— Jesus — disse Brian. — Que porra...

Nos curtos cinco minutos em que os visitantes de Bari haviam trabalhado nele, conseguiram cortar dois dedos de sua mão esquerda.

— Alguém deu o sinal verde para cima desse sujeito — disse Dominic.

— É. A questão é: por quê?



Seja lá qual fosse sua eficácia como burocrata, uma coisa logo ficou evidente para Clark, Jack e Chavez acerca de Agong Nayoan como operativo de inteligência: ou o sujeito não tinha treinamento sobre como se comportar em campo ou escolhera ignorar as regras, e em nenhum lugar isso era mais óbvio do que na sua escolha de senhas on-line, que Gavin Biery decifrou em poucas horas após Clark e companhia deixarem a casa do sujeito. O navegador no seu laptop tinha o conjunto normal de favoritos — de sites de compra aos de referência e tudo mais entre os dois —, mas também mantinha várias contas de e-mail on-line: uma no Google, uma no Yahoo! e uma no Hotmail. Cada caixa de e-mail continha dúzias de mensagens, a maior parte de amigos ou da família, mas também propaganda e spam, esses bem carregados com imagens em faixas que Biery escanearia à procura de traços de esteganografia.

Nayoan também era um usuário ávido do Google Maps, que Jack descobriu estar cheio de alfinetes digitais de marcação. A maioria desses assinalava restaurantes, cafés ou outras atrações de São Francisco a distância de caminhada da embaixada ou da sua casa. Um alfinete, entretanto, chamou a atenção de Jack; uma residência particular em San Rafael, a uns 20 quilômetros ao norte da cidade, do outro lado da ponte Golden Gate.

— Qual é o nome marcado nesse alfinete? — perguntou Clark.

— Sinaga — respondeu Jack.

— Parece um sobrenome.

— Já estou verificando — disse Jack antes que Clark pudesse fazer a sugestão. Um minuto depois estava com Biery na linha. — Preciso que você verifique as contas de Nayoan atrás de um nome: Sinaga.

Dez minutos depois Biery estava de volta.

— Kersan Sinaga. Nayoan emitiu sete cheques para ele nos últimos dois anos, desde 500 até uns 2 mil paus. Um dos resumos de cheque que saquei do site do banco tem uma anotação: “consultoria em computação”. Mas a parte interessante é esta: passei o nome pela Imigração, e ele está anotado. Supostamente deveria ter comparecido a uma audiência há oito meses e nunca apareceu. Também está marcado na lista dos que devem ser observados.

— Mau-olhado duplo — disse Chavez. — Faltar a uma audiência com o Serviço de Imigração não o colocaria automaticamente na lista.

— Não mesmo — concordou Clark. — O que mais?

— É procurado pela POLRI indonésia — respondeu Biery, referindo-se à Polisi Negara Republik Indonesia, a polícia nacional. — Parece que esse seu Kersan Sinaga é um falsificador de alto nível. Há quatro anos procuram por ele.

A viagem até o norte da cidade levou trinta minutos. Segundo o próprio mapa do Google que Jack usava, Sinaga morava na periferia leste de San Rafael, em um estacionamento de trailers pouco habitado. Passaram por lá, deram a volta e estacionaram a uns 100 metros do trailer de Sinaga, de largura dupla e cercado por uma tela de arame enferrujada e sebes.

— Ding, tenho um bloco de anotações dentro da pasta aí atrás — disse Clark por cima do ombro. — Pegue para mim, por favor.

Chavez lhe entregou.

— O que você pensa em fazer?

— Uma pesquisinha pela vizinhança. Volto em dez minutos.

Clark saiu, e Jack e Chavez o observaram ir pela calçada até o trailer mais próximo, onde subiu na escada e bateu à porta. Poucos segundos depois apareceu uma mulher, e Clark conversou com ela por meio minuto antes de passar pela casa seguinte, onde repetiu o processo, até chegar ao trailer de Sinaga. Quando reapareceu, foi até mais três trailers antes de voltar para o carro e entrar. Entregou o bloco para Jack. Estava coberto com nomes, endereços e assinaturas.

— Se importa em nos informar do que se trata? — disse Jack.

— Disse a eles que pensava em abrir um restaurante mais abaixo na estrada, e que precisava da assinatura de quinhentos residentes para solicitar uma licença de venda de bebidas. Sinaga não está em casa. Segundo seu vizinho, ele trabalha meio expediente na Best Buy perto da estrada. Deixa o serviço às duas da tarde.

Chavez verificou o relógio.

— Uma hora. Não é tempo suficiente.

— Vamos esperar escurecer — disse Clark.

— E então? — perguntou Jack.

— Então vamos sequestrar o filho da puta.

O raciocínio de Clark estava certo. Nayoan raramente entrava em contato com Sinaga, e mesmo assim apenas por e-mail, de modo que o desaparecimento do sujeito provavelmente não acionaria nenhum alarme. Melhor ainda: se fizessem o trabalho direito, poderiam ser capazes de explorar a associação eletrônica dele com Nayoan e transformá-lo numa fonte de informações. No pior dos casos, estariam com um corpo

quente que, mais que provavelmente, falsificara documentos para o CRO, talvez tanto ali quanto no exterior. Se Gerry Hendley gostaria da ideia de o Campus manter em custódia um tarefeiro do CRO era algo que eles não sabiam.

— É mais fácil pedir perdão do que permissão — observou Clark.

Dirigiram até a Best Buy e esperaram Sinaga aparecer, e o seguiram até o armazém próximo, e depois até sua casa. Esperaram trinta minutos, e então Clark reassumiu seu papel de proprietário de bar, dessa vez pegando o outro lado da rua antes de atravessar até o trailer de Sinaga. Cinco minutos depois estava de volta.

— Está sozinho. Jogando no Xbox e bebendo cerveja. Não vi toques femininos, de modo que provavelmente é solteiro — relatou Clark. — Mas tem um cachorro, um velho cocker spaniel. Não latiu até eu bater à porta.

Mataram tempo até escurecer, dirigiram de volta ao trailer e deram uma volta pelo quarteirão. O carro de Sinaga, um Honda Civic de cinco anos, estava estacionado sob o toldo da garagem, e havia luzes nas janelas. Uma única lâmpada iluminava a porta. Clark apagou as luzes do Taurus e desligou o motor, depois deu uma olhada no bloco de anotações.

— O vizinho, o tal que me disse que ele estava no trabalho, é um sujeito chamado Hector. Parece um pouco com você, Ding.

— Deixa que eu adivinho: vou pedir uma xícara de açúcar emprestada.

— Claro. Não há tela na porta, de modo que ela abre direto. Quando ele fizer isso, atrole-o, agarre o cachorro e o tranque no banheiro. Jack, você vai pelo portão lateral e cubra a janela dos fundos. Não há muita chance de ele chegar até lá, mas é melhor prevenir do que remediar.

— Muito bem.

— Não fique na espreita. Caminhe como se tivesse um propósito. Os vizinhos foram bem amistosos, de modo que, se alguém vir você, simplesmente acene ou diga alô como se fosse aqui da área. Vamos lá.

Desceram e caminharam pela rua, conversando em voz baixa, rindo de vez em quando, um trio de residentes voltando de algum lugar. Quando chegaram diante do trailer, Clark e Chavez se viraram na direção dele, Jack mergulhou nas sombras ao lado do portão e observou Clark se encostar na parede ao lado da porta e Chavez subir as escadas. Clark se virou e acenou de leve para Jack, que cuidadosamente empurrou o portão e entrou no quintal. Não havia muita grama por ali, mas um monte de raízes, pedaços de terra sem nada e pilhas de cocô de cachorro. Foi até o fundo do trailer e se ajoelhou, de maneira a conseguir enxergar todo o local. Havia duas janelas, porém uma era estreita demais para um adulto: a mais próxima dele era a única saída.

Lá da frente, Jack escutou Chavez bater à porta; alguns segundos depois seguiu-se um;

— Sim, quem está aí?

— Hector, seu vizinho do lado. Olha, cara, meu telefone foi desligado. Posso usar o seu um instante?

Passadas soaram no assoalho do trailer. Dobradiças rangeram.

— Ei!

Uma porta bateu, seguida por pisadas. Jack olhou para cima, alerta. *Merda... o que...*

— Indo para o seu lado! — avisou Clark. — Janela dos fundos!

Enquanto Clark falava, a janela deslizou e apareceu uma figura, mergulhando de cabeça. Aterrissou com um gemido, rolou e se levantou.

Jack parou momentaneamente e depois disse:

— Pare bem aí!

Sinaga girou para localizá-lo, a cabeça rodando primeiro para a esquerda, depois para a direita. Atacou Jack, e com a luz filtrada pela janela, Jack viu o brilho de aço nas mãos de Sinaga. *Faca*, avisou algum lugar distante em seu cérebro. E logo Sinaga avançava sobre ele, a faca cortando pelos lados. Jack recuou. O homem continuou avançando. Jack sentiu o arame da cerca bater em suas costas, e então viu Sinaga levantar o braço. Desviou a cabeça para o lado, sentiu um impacto no ombro direito. Ligeiramente desbalanceado pelo ataque selvagem, Sinaga tropeçou de lado. Jack agarrou seu braço, fechando a mão esquerda em seu punho, e o torceu; depois passou o braço direito pelo pescoço de Sinaga, pressionando a laringe do sujeito contra seu antebraço. Sinaga inclinou a cabeça para a frente, depois a jogou para trás. Jack percebeu o movimento, mas só foi capaz de girar o rosto de lado. A cabeça de Sinaga bateu no rosto de Jack. A dor inundou seus olhos de lágrimas. Sinaga se debateu, tentando se livrar, e jogou as costas de Jack outra vez contra a cerca, mas perdeu o apoio dos pés. Com as pernas sacudindo diante de si, Sinaga desabou e caiu sentado. Jack o manteve preso, e percebeu que se inclinava por cima da cabeça de Sinaga. *Não solte, não solte...* Com o braço ainda ao redor da garganta de Sinaga, Jack deu uma cambalhota. Ouviu um estalo abafado. Caiu e rolou para o lado, certo de que Sinaga ia para cima dele.

— Jack! — Era a voz de Chavez. Ding apareceu correndo pelo portão. Sem se deter, chutou a faca para longe da mão de Sinaga. Este não se movia. Sua cabeça estava numa posição estranha, de lado. Os olhos piscaram várias vezes, mas estavam fixos, olhando o vazio. Seu braço direito se movia espasmodicamente, batendo suavemente no chão.

— Jesus... — sussurrou Jack. — Jesus todo-poderoso.

Clark correu pelo portão, parou abruptamente e ajoelhou ao lado de Sinaga.

— O pescoço dele está quebrado. Ele já era. Jack, você está bem?

Jack não conseguia desviar o olhar de Sinaga. Enquanto observava, o braço do



homem parou de bater.

— Jack, acorde. Você está bem? — disse Clark.

Jack assentiu.

— Ding, leve-o para dentro. Rápido.

Dentro do trailer, Ding fez Jack sentar na poltrona, depois foi para o quarto e ajudou Clark a passar o corpo de Sinaga pela janela. Voltaram para a sala da frente. Lá no banheiro, o cocker latia.

— Nada se movimentando lá fora — relatou Clark, fechando a porta. — Ding, verifique a geladeira, veja se um pouco de comida deixa o Lulu mais calmo.

— Saquei.

Clark ficou de frente para Jack.

— Você está sangrando.

— Hein?

Clark apontou para o ombro direito de Jack. O tecido da camisa estava escuro de sangue.

— Tire a camisa.

Jack obedeceu, revelando um corte de quase 5 centímetros na clavícula. O sangue escorria para seu peito.

— Hã — murmurou Jack. — Não sabia. Senti que alguma coisa tinha atingido meu ombro, mas não percebi.

— Uns 2 centímetros mais para cima e você estaria liquidado, Jack. Aperte com o polegar. Ei, Ding, veja se Sinaga tem superbonder por aí.

O ruído de gavetas abrindo e fechando veio da cozinha e em seguida Chavez entrou e jogou um tubo para Clark, que o entregou a Jack.

— Coloque uma linha nesse corte.

— Está brincando.

— Não. É melhor do que pontos. Faça isso logo.

Jack tentou, mas suas mãos tremiam. Olhou para eles.

— Desculpe.

— É só a adrenalina, *mano* — disse Chavez, pegando o tubo. — Não esquente com isso.

— Ele está mesmo morto? — perguntou Jack a Clark.

Clark assentiu.

— Merda. Nós precisávamos dele vivo.

— A escolha foi dele, Jack, e não sua. Você pode se sentir mal por conta disso. É natural. Mas não se esqueça: ele tentou rasgar sua garganta.

— Sim, acho. Não sei.

— Não fique pensando muito nisso. Você está vivo, ele morreu. Preferia que fosse o contrário? — disse Chavez.

— Porra, não.

— Então marque isso como uma vitória e vamos em frente. — Chavez tampou o

tubo de superbonder e levantou.

— Só isso? Vamos em frente?

— Pode levar algum tempo para você processar isso tudo — respondeu Clark. — Mas, se não conseguir, é melhor continuar na sua mesa.

— Jesus, John.

— Se você carregar essa merda na cabeça, vai acabar provocando a sua morte ou a de alguém mais. Isso eu garanto. Esse trabalho não é para qualquer um, Jack. Não há vergonha nisso. É melhor você sacar isso agora do que mais tarde.

Jack respirou fundo, esfregou a testa.

— Muito bem.

— “Muito bem” o quê?

— Muito bem, vou pensar nisso. — Clark sorriu com a resposta. — O quê?

— Foi a resposta certa. Você acabou de matar um homem. Eu ficaria preocupado se você dispensasse a reflexão sobre isso.

Ding chamou da cozinha:

— Achei algo, John.

Três dias depois de deixar Dubai em um voo fretado, o aparelho desembarcou no Aeroporto Internacional de Vancouver, na British Columbia. Por ter chegado um dia antes, Musa já esperava o voo. Seu cartão de visitas e a carta lhe deram acesso ao armazém da alfândega, onde encontrou o inspetor.

— Silvio Manfredi — apresentou-se Musa, entregando sua documentação.

— Obrigado. Phil Nolan. Seu pacote está ali.

Foram até um estrado sobre o qual estava a caixa de plástico.

Nem o cartão nem o papel timbrado haviam sido difíceis de criar usando Photoshop e um programa de editoração de alto nível. É claro que o inspetor pouco iria se importar com uma carta do departamento de medicina veterinária da Universidade de Calgary, mas o efeito psicológico não podia ser ignorado. O inspetor estava tratando com um concidadão e com uma renomada universidade canadense.

O que os 14 meses de estudo de Musa tinham lhe ensinado era que os inspetores da alfândega do mundo eram sempre sobrecarregados de trabalho, mal remunerados, e viviam de conferir listas e formulários. Para esse tipo particular de carga — materiais radioativos —, o inspetor estaria preocupado com três formulários de documentação: a fatura e o recibo de carga para o aparelho; os carimbos e os selos do agente da Associação de Transporte Aéreo Internacional (IATA), em Dubai, declarando a origem da carga; e a miríade de papéis exigidos pela Comissão de Segurança Nuclear do Canadá e pelo Ministério do Transporte do Canadá, e a licença para Substâncias e Aparelhos Nucleares, o formulário de Substâncias Nucleares Canadenses, e o formulário de Transporte de Materiais Perigosos. Apesar de nenhum desses documentos terem sido difíceis de reproduzir, só o levantamento de

inteligência feito por Musa e seus homens levava oito meses.

— Então, o que é isso? — perguntou o inspetor alfandegário.

— É chamado de visor portátil de imagens equinas PXP-40HF.

— Como é?

Musa deu uma risadinha.

— Sei disso. É um palavrão. É uma máquina de raios X portátil para cavalos. Um amigo do presidente da universidade mora em Dubai. Seu garanhão árabe premiado vale mais do que você e eu ganharemos em toda nossa vida. O cavalo adoece, o amigo se queixa ao presidente, a universidade empresta a máquina.

O inspetor balançou a cabeça.

— Deve ser fantástica. O cavalo se recuperou?

— Sim. Saca esta: era apenas uma cólica. Passei uma semana lá bancando a babá de uma máquina de raios X porque o veterinário do sujeito não diagnosticou um caso simples de indigestão.

— Bem, pelo menos você pegou um pouco de sol. Ok... — disse o inspetor, folheando a papelada. — Preciso do código do radioisótopo, do nível de atividade, do nível de dosagem, dos limites de contaminação...

— Página quatro. E página nove. Na verdade, os limites são bem baixos.

— Sim, tudo bem, já vi. Então, esse troço é perigoso?

— Muito inofensivo, a menos que você consiga fazer uns duzentos exames nos seus colhões. Aí vai ter problemas.

O inspetor riu com isso.

— Não é mesmo uma arma de destruição em massa, certo?

Musa deu de ombros.

— Regras são regras. Melhor um pouco mais de precaução do que o contrário, acho.

— Sim. Diga, por que não mandaram você direto para Calgary?

— Não consegui um voo para cá até quarta-feira. Achei que seria melhor vir até aqui e alugar um carro. Com sorte, vou chegar em casa antes de escurecer.

O inspetor assinou onde precisava e colou selos adesivos na caixa. Fez Musa assinar os recibos nos lugares corretos, deu uma última olhada na papelada e a entregou de volta.

— Está liberado para ir.

— Meu carro alugado está no estacionamento...

— Vá até o portão. Vou dizer para deixarem você passar.

Musa apertou sua mão.

— Obrigado.

— Por nada. Boa viagem.



Após estancar o sangue que pulsava dos dedos cortados de Bari, colocaram-no em uma cadeira na sala de estar e prenderam seus pés com fita adesiva nas pernas da cadeira. Amarraram o líder do grupo com fita adesiva na mesa de cavalete. Os dois homens ainda estavam inconscientes. Finalmente, pegaram os cadáveres e os empilharam na banheira, sobre o corpo do segundo guarda-costas de Bari.

— Vou dar uma volta pelo quartirão — disse Dominic. — Verificar se os nativos estão inquietos. Acho que não atraímos atenção, mas...

— Boa ideia.

— Volto em cinco minutos.

Brian se sentou na sala de estar, estudando os cativos e fazendo uma necropsia mental da operação. *Porra de trabalho bem-feito*, pensou. Dominic sempre fora bom com armas e fera no *Hogan's Alley*, mas essa era a primeira vez que realmente enfrentavam a merda juntos. Claro, houvera aquela situação no shopping center, mas não era a mesma coisa, não é? Aqui eles haviam liquidado autênticos bandidos do CRO na sua própria terra. Mas realmente não estavam acostumados a fazer prisioneiros. Tinha que mudar o funcionamento mental quanto a isso. O cabo da Browning havia feito os dois desmaiar, é certo, mas não de maneira muito eficiente. Talvez um bastão de chumbo recoberto de couro pudesse ser melhor. Precisava dar uma pensada nessas coisas.

Ouviu o portão do pátio abrindo. Levantou-se, caminhou até a porta e olhou pelo canto.

— Sou eu mesmo, cara — disse Dominic, entrando.

— Como está a situação?

— Calma. O lugar realmente entra em coma depois que escurece. Mais umas duas horas e provavelmente isso aqui vai parecer uma cidade fantasma.

— O que levanta uma boa questão.

— Esses dois? — respondeu Dominic, apontando para Bari e para o outro.

— Claro. Se eles têm informações, precisamos decidir se tentamos espremer-los aqui ou tirá-los daqui.

— Bem, de uma coisa tenho certeza: não vamos conseguir tirá-los da Líbia por

conta própria. Talvez uma corrida para a Tunísia.

— Que distância?

— Uns 160 quilômetros a oeste, mais ou menos. Mas não vamos botar o carro na frente dos bois. Vamos ter uma conversinha com Bari e ver aonde isso nos leva.

Com um copo de água fria jogado em sua cabeça e uns tapinhas no rosto, conseguiram acordar Bari. Ele piscou várias vezes, olhou a sala, depois Brian e Dominic.

Disparou algumas palavras em árabe, e então falou em um inglês de sotaque carregado:

— Quem são vocês?

— A cavalaria — disse Brian.

Bari apertou os olhos e gemeu.

— Minha mão.

— Só dois dedos — disse Dominic. — Nós já estancamos o sangramento. Tome. — Entregou a Bari meia dúzia de tabletes de aspirina de um frasco que encontraram no banheiro. Bari enfiou os tabletes na boca, e depois aceitou um copo de água de Brian.

— Obrigado. Quem são vocês?

— Ao que parece, somos seus últimos amigos em Medina — disse Dominic. — Quem são eles?

— Estão todos mortos?

— Menos o cara com a faca de filetar — respondeu Brian. — Quem são eles?

— Não posso...

— Nosso palpite é que são do CRO. Alguém apertou seu botão, Sr. Bari.

— O que você quer dizer?

— Alguém ordenou que o matassem. Sobre o que eles interrogavam você?

Bari não respondeu.

— Olha, sem ajuda, eles vão te pegar. Pode ser que consiga se esconder por algum tempo, mas eles vão descobrir. E provavelmente também a sua família em Benghazi.

Bari ergueu a cabeça.

— Vocês sabem sobre eles?

Dominic assentiu.

— E se nós sabemos...

— Vocês são americanos, não é?

— Isso importa?

— Não, acho que não.

— Você nos ajuda e nós te ajudamos. Tentamos tirá-lo do país — disse Brian.

— Como?

— Deixa que a gente se preocupa com isso. Quem são eles?

— CRO.

— Os mesmos que liquidaram Dirar al-Kariim?

— Quem?

— De um vídeo da web. O cara que ficou sem pé, nem cabeça...

— Ah, sim. Foram eles.

— Qual é o nome dele, do sujeito com a faca? — perguntou Dominic.

— Eu o conheço como Fakhoury.

— E o que ele faz?

— O que você viu aqui. Assassinato. Punição. Um sujeito bem baixo nível. Ele se gabou sobre al-Kariim. Falou disso.

— E por que estava atrás de você?

— Não sei.

— Porra nenhuma. Você e seus guarda-costas estavam com pressa. Sabia que Fakhoury estava atrás de você. Como?

— Começou a circular pelas ruas que eu tinha falado para a polícia. Não é verdade. Não sei quem disse, mas para essas pessoas... a segurança é tudo. Me matar era uma precaução.

— E o que eles queriam de você? Você é o especialista deles na web, certo?

— Sim. Fakhoury queria saber se eu havia guardado dados.

— Tais como?

— Nomes de domínio. Senhas. Gráficos...

— Como imagens de um banner?

— Sim. Sim, ele perguntou por isso.

Dominic olhou Brian e murmurou:

— Esteganografia.

— Isso.

— Do que vocês estão falando? — perguntou Bari.

— Então, qual é a resposta? — perguntou Dominic. — Você guardou alguns dados? Algo para garantir um pouco da sua segurança, talvez?

Bari abriu a boca para falar, mas Brian o interrompeu:

— Se mentir para nós, libertamos Fakhoury e vamos embora.

— Sim, guardei dados. Está em um cartão SD, segurança digital, o mesmo que vai em câmeras. Está sob um ladrilho atrás da privada.

Brian já estava se movimentando.

— Saquei. — Dois minutos depois estava de volta com um cartão do tamanho de uma unha.

Dominic perguntou a Bari:

— Quem dá as ordens a Fakhoury?

— Só escutei boatos.

— Muito bem.

— Um sujeito chamado Almasi.

— Daqui mesmo?

— Não, tem uma casa perto de Zuwarah.

Dominic olhou para Brian.

— Uns 100 quilômetros a oeste daqui.

— E esse sujeito manda muito? Pode ter ordenado a execução de al-Kariim?

— É possível.

Deixaram Bari a sós e foram até o pátio.

— O que você acha? — perguntou Brian.

— Bari é uma boa presa, mas seria ótimo pegar um peixe mais acima na cadeia alimentar. Se esse Almasi pode mesmo dar sinal verde para liquidar um deles, pode ser que valha a pena a tentativa.

Brian verificou o relógio.

— Já são quase dez da noite. Calcule uma meia hora para voltar até o carro, depois duas horas até Zuwarah. Emboscamos o cara aí pelas duas da manhã, e depois pegamos o caminho de volta.

— Então levamos Bari, e agarramos Almasi se pudermos.

— E Fakhoury está sobrando.

— Peso morto, cara.

Dominic pensou no caso e suspirou.

Brian disse:

— É um assassino de sangue-frio, Dom.

— Não me diga. Mas tenho problemas em ligar minha cabeça nisso, sabe?

— Você já ligou antes. Naquele caso do sequestrador da garota.

— Era um pouco diferente.

— Não muito diferente. O bandido não ia parar por conta própria. A mesma coisa aqui.

Dominic considerou o assunto, depois assentiu.

— Pode deixar que eu faço.

— Não, cara. Esse é meu. Prepare Bari para sairmos. Vou fazer a limpeza.

Cinco minutos depois, Dominic e Bari estavam no pátio. Brian saiu e deixou uma bolsa de lona nos pés de Dominic.

— Meia dúzia de semiautomáticas e dez pentes. Volto já. — Brian entrou novamente.

— O que ele foi fazer? — perguntou Bari.

Um ruído como o de um tapa abafado veio de dentro, depois um segundo.

— Fakhoury? — disse Bari a Dominic. — Vocês o mataram.

— Preferia que ele ficasse vivo para vir atrás de você?

— Não, mas quem garante que vocês não farão o mesmo comigo quando terminarem?

— Eu garanto. Na pior das hipóteses, soltamos você.

— E na melhor?

— Isso depende do quão útil você for.

Brian saiu dez minutos depois. Ele e Dominic foram até a parede dos fundos, e Brian deu o impulso para Dominic subir até o telhado. Dez segundos depois estava de volta com as mochilas. Então os três foram até a porta do pátio.

Brian se virou para Bari.

— Só para deixar claro. Se você correr, ou chamar atenção sobre nós, metemos uma bala na sua cabeça.

— E por que eu faria tal coisa?

— Não sei e nem me importa. Se nos colocar em perigo, vai ser o primeiro a morrer.

— Compreendo.

Quarenta minutos mais tarde saíram de Medina pela Sidi Omran e caminharam dois quarteirões para leste, na direção do Corinthia, onde haviam estacionado o Opel. Cinco minutos depois, já estavam na Umar al Mukhtar, dirigindo para oeste e passando pelos subúrbios da cidade. O céu estava claro, com uma lua crescente e um campo de diamante de estrelas.

Dirigiram em silêncio, com Bari deitado no assento de trás, até passarem por Sabratah, a 60 quilômetros de Trípoli, na costa.

— Pode sentar — disse-lhe Dominic do banco de passageiros. — Como está a mão?

— Bem dolorida. O que fizeram com meus dedos?

— Dei descarga no banheiro — respondeu Brian.

Essa fora a parte mais fácil das tarefas dentro da casa de Bari. Além disso, inspecionou Fakhoury e seus homens à procura de tatuagens e identificações. Não encontrou nenhuma das primeiras, mas bastante das segundas, que colocou na bolsa de lona. Depois fez três disparos na parte de trás da cabeça de cada homem. As balas de ponta cônica fizeram seu serviço, transformando os rostos em hambúrgueres irreconhecíveis. A polícia provavelmente terminaria os identificando, mas, quando o CRO compreendesse que tinha perdido um dos seus, ele, Dominic e Bari já estariam fora do país.

— Você deu descarga nos meus dedos pela privada? — repetiu Bari. — Por quê?

Dessa vez, Dominic respondeu:

— Para não deixar rastros seus. Quanto mais coisas desconhecidas eles tiverem, melhor. Onde fica a casa de Almasi?

— A leste da cidade. Eu reconheço o desvio. Está diante de uma velha refinaria. — Cerca de vinte minutos depois, Bari disse: — Mais devagar. Essa próxima estrada à esquerda.

Brian diminuiu a velocidade e entrou na estrada de terra. Quase imediatamente a inclinação aumentou; adiante, a estrada desfilava por uma série de colinas baixas e



cobertas de mato. Após cinco minutos, dobrou subitamente à direita. Bari, olhando pela janela do lado do motorista, bateu no vidro.

— Ali. Aquela casa com as luzes acesas. É a de Almasi.

A uns 300 metros adiante, no final de uma descida erodida, Brian e Dominic puderam ver uma estrutura de dois andares em tijolo cru, cercada por um muro de barro e tijolos à altura dos ombros. A uns 50 metros dela, a oeste, um conjunto de quatro chalés de adobe. Bem atrás da casa havia um celeiro.

— Antiga fazenda? — perguntou Dominic.

— Sim. De cabras. Almasi a comprou como casa de campo há três anos.

Dominic disse:

— Percebeu as antenas no telhado, Bri?

— Sim. O sujeito está preparado para comunicações pesadas.

Continuaram por mais uns 800 metros, perdendo a casa de fazenda de vista, e diminuíram em um cruzamento. Num impulso, Brian dobrou à esquerda. A estrada de terra se estreitou por uns 50 metros antes de se abrir no que parecia ser uma pedreira de cascalhos.

— Aqui deve dar — disse Dominic.

Brian apagou as luzes, encostou o carro mais para o lado e desligou o motor. Os dois se viraram nas poltronas e olharam para Bari.

— O que mais você sabe sobre esse lugar? — perguntou Brian.

— Só onde está e mais nada.

— Já esteve aqui?

— Uma vez. Mas só passei por ali.

— E como isso aconteceu? Só curiosidade?

Bari hesitou.

— No meu negócio, é vantagem saber com quem se está lidando. Eu sabia que Fakhoury respondia a Almasi. Achei que seria prudente algum dia lidar diretamente com ele, de modo que fiz algumas perguntas.

— Que diligente — notou Dominic. — Então você nunca esteve lá, nunca entrou na casa?

— Não.

— E quanto a guarda-costas? — perguntou Brian.

— Com certeza deve haver, mas não sei quantos. — Brian e Dominic olharam fixamente para ele. — É a verdade, juro por meus filhos.

— Cães?

— Não sei.

— Me dê suas mãos — disse Brian. — Coloque-as sobre os apoios de cabeça.

Bari fez o que mandaram, hesitando. Brian e Dominic prenderam as mãos dele com fita adesiva nos apoios de cabeça.

— Isso é mesmo necessário?

— Ainda não chegamos à etapa da confiança mútua — explicou Dominic. — Não

tome isso como pessoal. Nós voltaremos.

— E se não voltarem?

— Então você está na merda — disse Brian.

Os dois saltaram, tiraram a bolsa do porta-malas, e sentaram no chão para separar o arsenal. Além de suas Browning, tinham quatro semiautomáticas MAB P15 9 milímetros de fabricação francesa, e dois revólveres .32 de cano curto.

— Temos sessenta balas para as P15 — disse Brian. — Parabellum 9 milímetros. Cabem nas nossas Browning. Se precisarmos de mais de sessenta, quer dizer que estamos mesmo fodidos.

Recarregaram os pentes das Browning e dividiram entre si as balas restantes, enfiando-as no bolso das calças cargo. Finalmente, colocaram mais alguns itens nas mochilas. Brian foi até a janela traseira do Opel. Bari disse:

— Preciso de mais aspirinas.

Brian pescou o frasco da mochila e o jogou para Dominic, que derramou meia dúzia na boca de Bari, e depois lhe deu um gole d'água do cantil.

— Não vá a lugar nenhum nem faça ruídos — disse Dominic. Voltou-se para Brian. — Pronto?

— Como nunca. Vamos empacotar o peixe grande.



— Como você se sente? — perguntou Gerry Hendley, quando Jack se sentou diante de sua mesa. Sam Granger estava de pé ao lado, encostado em uma janela, com os braços cruzados.

— Fora o fato de me perguntarem isso uma porrada de vezes, estou bem — respondeu Jack. — Foi só um arranhão, Gerry. Nada que um pouco de superbonder não pudesse controlar.

— Não é disso que estou falando.

— Sei do que você está falando.

— Jack, há menos de 12 horas você matou um homem. Se me disser que isso não o está incomodando, vou te acorrentar na sua mesa.

— Chefe...

— Ele está falando sério — disse Granger. — Goste ou não disso, você é filho do presidente Jack Ryan. Se acha que isso não nos faz dar uma pausa, pense novamente. E se por um segundo nós acharmos que sua cabeça não está bem-aparafusada, você volta para o banco.

— O que vocês querem de mim? A verdade é que minhas mãos ainda tremem e que meu estômago está revirado. Eu enfiei a agulha no MoHa porque ele merecia. Esse tal de Sinaga... não sei. Talvez merecesse, talvez não. Ele veio para cima de mim, tentou me matar... — Jack hesitou, pigarreou. — Se eu queria matá-lo? Não. Estou contente por ter sido ele e não eu? Podem apostar.

Gerry considerou o assunto por alguns instantes, depois assentiu.

— Pense um pouco no assunto e volte a falar comigo amanhã. Seja lá o que quiser fazer, tem seu lugar aqui.

— Obrigado.

— Sam, peça para eles entrarem, por favor.

— Espere um instante — disse Jack. — Já discuti o assunto com John e Ding... Se lembram do e-mail sobre o nascimento que conseguimos? — Hendley assentiu. — Não passou dali. Nenhuma resposta, nenhum encaminhamento. Nada de nada. Estou achando que aquele e-mail foi uma ordem de “mudar de canal”.

— Explique — pediu Granger.

— Sabemos que o CRO usa esteganografia para se comunicar. Provavelmente através das imagens nos banners em seus sites, e provavelmente fazem isso há algum tempo. E se o e-mail fosse um sinal para as células mudarem para um protocolo que use apenas esteganografia; digamos que seja a versão de silêncio de rádio deles.

— Com que objetivo?

— Operações especiais entram em silêncio de rádio quando estão prestes a entrar em ação. Talvez o Emir tenha dado o sinal verde para alguma operação.

— Observamos uma queda nas comunicações antes do 11 de Setembro — observou Granger. — E também em Bali e Madri.

Hendley assentiu.

— Jack, quero que fique grudado em Biery. Destrinchem o que conseguiram com Nayoan.

— Muito bem.

— Faça-os entrar, Sam.

Granger abriu a porta, e Clark e Chavez entraram e sentaram ao lado de Jack. Hendley disse a Clark:

— Já sabe?

— O quê?

— As acusações contra Driscoll já eram.

— Quem diria — falou Clark, sorrindo.

— O secretário de imprensa de Kealty anunciou isso ontem, bem no final do expediente. Bem a tempo de deslizar para o fim de semana. Sam conversou com um velho amigo em Benning. Driscoll está limpo. Retiro honroso, pensão completa mais adicional de deficiência. O ombro dele vai ser um problema?

— Só se você quiser que ele monte divisórias aqui no escritório, Gerry.

— Ótimo. Muito bem, vamos ver o que vocês têm.

— Não achei nada no trailer de Sinaga, a não ser uma câmera digital SLR — disse Clark. — Nikon, preço médio. Tinha um cartão SD lá dentro com algumas centenas de imagens. Principalmente fotos de paisagem, mas cerca de uma dúzia eram de rostos.

— Fotos para passaporte — acrescentou Chavez. — Todos homens, a maioria do Oriente Médio ou indonésios, ao que parece. E um deles já vimos antes. Se lembram do estafeta que seguimos, Shasif Hadi?

— Não brinca — disse Granger.

— Mas olha só — respondeu Jack. — Na foto de rosto que Sinaga tinha, Hadi está completamente barbeado. Quando o estávamos seguindo, usava barba e bigode. Barbeie, use um novo passaporte, e está pronto para outra.

— Isso pode responder à pergunta de para onde ele foi depois de Las Vegas, pelo menos parcialmente. Saiu do país — disse Clark.

Hendley assentiu.

— Mas para onde e por quê? Sam, o que mais sabemos sobre Sinaga?

— Ele está no topo da parada de sucessos em Jacarta. Conversei com um amigo de um amigo que é o chefe da estação em Surabaya. O sujeito era bom. Tinha uma queda especial por passaportes.

— E como estamos com o reconhecimento facial?

Essa foi respondida por Jack:

— Biery está com seu sistema em testes beta, mas não sabemos muito sobre o sistema que a Imigração e a Segurança Nacional estão usando. Os parâmetros deles podem ser diferentes dos nossos.

— FBI? — perguntou Granger.

— Provavelmente o mesmo sistema. Se não for, de qualquer maneira fazem polinização cruzada.

— Quando Dom voltar, vamos ver se ele solta um balão de ensaio. Considerando que Hadi é a nossa única variável conhecida, vamos focar primeiro nela. Descobrir aonde ele foi depois de Las Vegas. Sr. Clark, como deixou as coisas em São Francisco?

— Estamos limpos com Nayoan. Deixamos tudo no lugar, mas fizemos o download de muitos dados. Gavin está amaciando tudo agora. Uma coisa é certa: Nayoan era um grande operador de logística para o CRO. Dinheiro, documentação... Sabe mais lá o quê. Quanto a Sinaga, montamos um cenário de arrombamento. Ele perdeu a luta contra o assaltante e foi morto. Trouxe seu DVD, algum dinheiro, para dar consistência no caso.

— Vamos ficar de olho no noticiário de lá, para ver se está funcionando. Deveria. Fomos bem cuidadosos.

— Muito bem, então vamos esperar até nosso supernerd achar alguma coisa. Obrigado, cavalheiros. Sr. Clark, pode ficar mais um momento? — Depois que Jack e Chavez saíram e a porta fechou, Hendley disse: — Então?

Clark sacudiu o ombro.

— Ele está ok. Se vai ter gosto pelo trabalho de campo, só o tempo dirá, mas ele está lidando bem com isso. É um garoto esperto.

— E o que a esperteza tem a ver com isso? — perguntou Granger.

— Está bem, então. É equilibrado. Tal como o pai.

— Você o levaria novamente para o campo?

— Em um segundo, chefe. Ele tem bons instintos, boa capacidade de observação, e aprende muito rápido. E mais: tem um pouco de cinza nele, o que não prejudica.

— Cinza? — perguntou Hendley.

— O homem cinza — respondeu Clark. — Os melhores espões sabem como se dissolver na paisagem: como caminham, como se vestem, como falam. Você passa por eles na rua e nem os nota. Jack tem isso, e é natural.

— Mais da genética dos Ryan?

— Talvez. Não se esqueça de que ele cresceu sob o microscópio. Sem nem perceber, provavelmente pescou muitas coisas no ambiente. Os garotos são astutos. Jack

percebeu cedo o que todos aqueles sujeitos de terno escuro faziam por lá o tempo todo. Colocou suas antenas para funcionar.

— Você acha que ele vai contar ao pai?

— Sobre o Campus? Acho. Não é culpa de ninguém, mas Jack vive sob a sombra do pai, e é uma puta de uma sombra. Quando ele souber o que realmente quer, vai achar um modo de dizer.

Com a ajuda de um funcionário da alfândega, Musa carregou o contêiner na traseira de seu Subaru Outback alugado, acenou para o inspetor e dirigiu saindo pelo portão. Musa, é claro, não começou sua longa viagem para Calgary como dissera ao inspetor da alfândega, mas sim dirigiu uns 20 quilômetros para leste, até o subúrbio de Surrey, e entrou no estacionamento do Holiday Inn Express. Achou uma vaga de estacionamento bem em frente a seu quarto no térreo, entrou e passou o restante do dia cochilando e passando de um programa idiota de TV para outro até finalmente se fixar na CNN. Seu quarto tinha conexão wireless de internet, de modo que teve que resistir ao impulso de ligar o laptop, logar e procurar atualizações. Tinha um pen drive com a última tabela de uso único e o software de decodificação — e não entendia realmente nada das duas coisas —, mas logar em um site satélite nessa altura da operação não era prudente. No dia seguinte ao meio-dia seria a próxima verificação agendada, e mesmo essa seria breve. A menos que lhe dissessem o contrário, ele assumiria que as outras peças do plano estavam encaixando no lugar.

Musa ficou olhando o teto, deixando o blá-blá-blá da televisão ao fundo, e fez sua lista de verificação mental. Ele conhecia de cor as distâncias e as rotas, e sua documentação passaria por tudo, salvo um escrutínio intenso. É claro que o inspetor de alfândega do aeroporto havia sido uma barreira, mas aquilo não era nada comparado com as medidas de segurança dentro dos Estados Unidos. Ali a polícia era curiosa, atenta e hipervigilante. Mas, Musa lembrou a si mesmo, dentro de alguns dias tanto as forças de segurança estaduais quanto as federais estariam realmente com os pratos cheios, e ele já estaria em seu destino.

\*

Cochilou até o relógio o despertar às sete horas da noite. Sentou e esfregou os olhos. Podia perceber, mesmo com as cortinas puxadas, que os restos de luz do dia já diminuía. Acendeu a luminária de cabeceira. Na televisão, um dos âncoras estava entrevistando algum sujeito de Wall Street, picando e repicando a economia dos Estados Unidos.

— Atingiu o fundo do poço? — perguntava o âncora. — O país está entrando em

etapa de recuperação?

*Idiotas. Os Estados Unidos ainda veriam o fundo do poço. Em breve.*

Musa foi até o banheiro, jogou água no rosto, e em seguida vestiu o paletó. Ficou no meio do quarto, pensando, depois voltou ao banheiro e puxou uma toalha do aparador. Movimentando-se de trás para a frente, limpou todas as superfícies que tocara: balcão, assento da privada, maçaneta da descarga, interruptor de luz... Terminou com a mesa de cabeceira, o controle remoto e a lâmpada. Já havia pago pelo quarto, de modo que não precisava passar pela recepção. O recepcionista disse que ele podia deixar o cartão de entrada no quarto, o que ele fez, primeiro limpando-o bem, depois colocando-o sobre a televisão. Enfiou a toalha no bolso da calça. O que mais? Teria esquecido alguma coisa? Não, concluiu. Saiu, fechou a porta e caminhou até a traseira do Subaru. O contêiner estava no lugar. Destravou as portas, entrou e ligou o motor.

Depois de sair do estacionamento, entrou na rodovia 1 e dirigiu para sudoeste por 35 quilômetros até o acesso para a rodovia Fraser, pela qual foi em direção a leste por mais 11 quilômetros até a rua 264. Ali, dobrou para o sul e dirigiu por mais uns quatro minutos. Logo viu adiante as luzes do estádio. Era o cruzamento da 13 com a 539, um conjunto em forma de trevo ao lado da fronteira entre os EUA e o Canadá. Musa sentiu seus batimentos cardíacos aumentarem. Continuou em frente.

A uns 500 metros ao norte do conjunto a estrada se dividia; a pista da esquerda indo para o conjunto, e a pista da direita realizando uma curva até se inserir no que seu mapa chamava de Avenida Zero, e se dirigia a oeste. Ele apertou o botão de zerar o odômetro e olhou pelo retrovisor. Ninguém atrás dele. Levou o Subaru até o limite de velocidade, depois diminuiu um tantinho e ajustou o controle de velocidade máxima.

Estranho, pensou, que esse pedaço desinteressante de estrada com duas pistas, enquadrado dos dois lados por capões de árvores e campos de agricultores fosse a fronteira entre dois países. A única evidência que Musa viu disso foi uma cerca de arame na altura da cintura do lado sul da estrada. Os americanos gostavam de suas cercas, não é mesmo?

Ele dirigiu por 12 quilômetros, observando o sol se pôr e as estrelas aparecerem. Seus faróis refletiam no asfalto cinza, as faixas divisórias amarelas sumindo embaixo do carro, até depois do que pareceram ser horas, os faróis apontaram para uma interseção. Quando se aproximou, olhou a placa: rua 216. Ótimo. Agora ele estava perto. Em seguida, veio a 212, depois a 210. Musa desligou o controle de velocidade de cruzeiro e encostou o carro. Adiante e à sua esquerda viu algumas casas atrás de uma fileira de árvores. Observou pela janela do motorista, deixando que o carro continuasse diminuindo a velocidade... *Pronto.*

Ao lado de um grupo de pinheiros, uma abertura na cerca de arame. Uma placa

dizia: PROPRIEDADE PARTICULAR. MANTENHA DISTÂNCIA. Musa olhou adiante, não viu faróis, depois verificou no retrovisor. Limpo. Apagou os faróis, pisou no freio, girou à esquerda e, cruzando a outra pista, ele atravessou o portão.

Estava nos Estados Unidos.

A estrada quase imediatamente começou a descer, a terra aplainada ficando mais esburacada. À sua direita, 1 acre de tocos de pinheiros se destacava na paisagem. Alguma madeireira comprara esse pedaço da floresta e decidira derrubar as árvores.

A estrada ficou mais esburacada, mas o Subaru com sua tração nas quatro rodas lidou bem com isso. A estrada de madeireiros fazia meandros ao sul e ao leste, descendo por um terreno descoberto por mais uns 800 metros, antes de chegar a um cruzamento triplo de estradas de terra. Musa dobrou à esquerda. A estrada ficou mais suave minutos antes de emergir em outra interseção. Virou ali à esquerda, dirigindo-se mais uma vez a leste por algumas centenas de metros antes de girar para o sul mais uma vez. Cinco minutos depois apareceu o asfalto. Essa devia ser a estrada da rua H. Ele soltou a respiração. Se era para ser surpreendido atravessando a fronteira, isso já teria acontecido. Estava livre. Por enquanto.

Acendeu novamente os faróis e dobrou à direita na estrada. Mais 8 quilômetros o levariam à rodovia 5, logo ao norte de Blaine, Washington. De lá, ele dirigiria para o sul. Três dias de viagem fácil por grandes rodovias.





A casa de Almasi ficava em uma colina coberta de mato baixo, cuja pendente levava diretamente à pedreira. Dominic e Brian não tiveram pressa, mantendo-se nos canais cobertos de pedregulhos que subiam em meandros pela colina. Trinta minutos depois alcançaram o topo. Deitaram de bruços e rastejaram para a frente.

Pendente abaixo, talvez a uns 20 metros, estava a parede de trás do celeiro; à direita da construção, o conjunto de chalés de adobe. Não viram luzes nas janelas. À sua direita e em frente estava a varanda dos fundos da casa de fazenda. Uma única luz aparecia em uma janela do andar de cima.

— Já são quase três — sussurrou Brian. — Vamos nos agachar. Se Almasi tiver patrulhas, nós as veremos.

Dez minutos se passaram, depois vinte. Não viram nenhuma movimentação.

— Balançamos a árvore? — sugeriu Dominic. — Primeiro o celeiro.

— Por que não?

Brian recuou do cume, agarrou um punhado de pedras e voltou. Jogou a primeira pedra em um arco alto. Esta bateu no teto do celeiro, quicou pelo telhado e caiu no chão.

Nada se moveu. Nenhum ruído.

Brian jogou mais uma pedra, dessa vez com uma trajetória direta. A pedra se chocou contra a parede do celeiro. Passaram-se cinco minutos.

— Já temos meia hora.

— Então vamos. Primeiro o celeiro, depois as choças? — perguntou Dominic.

— Sim. Se houver reforços, é lá que devem estar.

Os dois saíram do topo e rastejaram pela direita até se posicionarem bem atrás do celeiro, voltaram para o cume e escolheram o caminho da ladeira até a parede dos fundos. As tábuas eram velhas, quebradiças e com bastante abertura entre elas. Brian e Dominic olharam lá dentro, mas não viram nada se mover. Brian gesticulou: *Para os chalés. Vou na dianteira.*

Agachados, saíram de trás do celeiro e foram rodeando a base da colina, mantendo a cabeça abaixo do mato. Depois de uns 15 metros, alcançaram uma trilha estreita de terra. Bem em frente estavam os chalés de adobe. Por cerca de 20 metros

sem cobertura. A uns 30 metros à esquerda deles estava a casa de fazenda. Em cima da porta traseira, a lâmpada ainda estava acesa.

Brian gesticulou: *Você vai; eu cubro.*

Dominic assentiu, deu mais uma olhada ao redor, e correu na ponta dos pés cruzando o caminho até a parede do chalé mais próximo. Verificou os dois cantos, e depois assinalou a Brian para que cruzasse. Dez segundos mais tarde estava ali. Dominic bateu na orelha, e depois na parede. Cerca de meio metro acima de suas cabeças havia a abertura de uma janela horizontal. Através dela escutaram ruído de roncoss.

*Vou olhar as duas mais ao norte,* gesticulou Dominic.

Eles se encontraram dois minutos depois. Brian encostou a mão no ouvido de Dominic e sussurrou:

— Dois homens, um em cada chalé. Cada um com um AK-47.

Dominic assentiu, levantou dois dedos, depois quatro. Quatro no total. Passou o polegar pelo pescoço, sacudiu os ombros. *Liquidamos com eles?*

Brian sacudiu a cabeça e apontou para a casa. Dominic assentiu. Com Brian na ponta, seguiram o contorno das paredes do chalé até o lado leste, o ponto de aproximação mais próximo da porta dos fundos da casa. Mais terreno descoberto, porém dessa vez apenas 7 metros.

Com a Browning pronta e apontando à direita e à esquerda, para cima e para baixo, Brian cruzou a distância e caiu de cócoras diante da porta. Após dois minutos, fez um gesto para Dominic atravessar. Brian apontou os degraus de madeira e passou o polegar pela garganta. *Velhos e barulhentos demais.* Dominic assentiu. Ele foi de cócoras até a extremidade da varanda e experimentou o corrimão. Voltou-se para Brian com o polegar para cima. Três minutos depois, passaram por cima do corrimão, sobre a varanda. Moveram-se até a porta, cada um de um lado do batente. Brian experimentou a maçaneta. Estava destrancada. Ele abriu 5 centímetros, e parou. Esperou. Empurrou o restante, olhou pelo canto, e recuou. Sacudiu a cabeça.

Passaram pela soleira com as Browning prontas e procurando sinal de movimento. Estavam em um saguão azulejado. Adiante e à esquerda, escadas que levavam a um balcão com várias portas. À esquerda e à direita, salas de estar. As paredes com reboco de estuque estavam pintadas de branco e pareciam brilhar na escuridão. Dominic apontou para si mesmo. *Comigo.* Brian assentiu e saiu para o lado, e juntos os dois entraram na sala de estar e na sala de jantar à frente, ao lado da qual havia uma cozinha. Abriram a porta oposta e se viram novamente na sala de estar à esquerda do saguão.

Brian assinalou as escadas e recebeu um assentimento de volta. Dominic se posicionou em um canto do saguão para vigiar enquanto Brian subia as escadas; uma vez no alto, ficou vigiando enquanto Dominic subia para se juntar a ele.

Havia quatro portas no corredor e uma na parede mais distante. Começaram pela primeira porta. Quarto. Vazio, cama feita. O ar cheirava a bolor, como se o cômodo

não fosse ocupado havia muito tempo. Foram para a segunda e a terceira portas e acharam mais dois quartos vazios. Atrás da quarta porta havia o que parecia ser o escritório da casa, completo com escrivaninha de carvalho, telefone multilinha, um equipamento de fax, scanner e copiadora, e um monitor de tela plana. Brian entrou e olhou em volta. Embutido em um aparador do lado oposto à escrivaninha havia um cofre de parede.

Foram até a última porta. Dominic apertou o ouvido na madeira, recuou e formulou sem som: *Roncando*. Gesticulou: *Vou pegar Almasi e você controla o quarto*.

Brian assentiu.

Dominic girou a maçaneta, empurrou a porta 2 centímetros e olhou pela fresta. Voltou-se, fez um sinal para Brian, e abriu a porta de uma vez. Em três passadas estava diante da cama com dossel de Almasi. Almasi estava deitado de costas, as mãos do lado. Brian inspecionou o quarto, verificando os cantos e todo o quarto principal. Assentiu para Dominic, que agarrou o braço do outro lado de Almasi, puxou virando-o sobre o estômago, e apertou sua cara no travesseiro. Almasi despertou instantaneamente, agitando os braços. Dominic enfiou o silenciador da Browning na base do pescoço do sujeito.

— Um ruído e você está morto. Balance a cabeça uma vez se compreendeu.

Almasi obedeceu.

— Estamos saindo, e você vem conosco. Dificulte nossa vida e pode ter certeza de que faço você morrer de um modo bem desagradável. Você tem um computador e um cofre no escritório. Vai nos dar a senha e a combinação, certo?

Almasi assentiu novamente.

Brian entregou um rolo de fita adesiva a Dominic; ele amarrou as mãos de Almasi e jogou o rolo de volta. Recuou da cama e gesticulou para Almasi levantar. Ele obedeceu. Com Brian na frente, voltaram para o corredor e entraram no escritório.

Dominic ligou o computador de Almasi, um Dell de última geração. O logotipo do Windows Vista logo apareceu, seguido por uma tela de login. Ele pegou um bloco e uma caneta na escrivaninha e empurrou até Almasi.

— Nome de usuário e senha.

Almasi não se moveu.

Brian puxou uma cadeira até perto da escrivaninha e empurrou Almasi sobre ela. Apertou a Browning sobre o joelho direito do homem.

— Começo por aqui. Joelhos, depois tornozelos e então cotovelos. — Pegou o bloco e a caneta da mesa e os colocou no colo de Almasi. — Nome de usuário e senha.

Dessa vez não houve hesitação. Quando terminou, Brian entregou o bloco a Dominic, que fez o login e começou a examinar os diretórios do computador.

— Ponha ele logo para resolver a combinação do cofre — disse Dominic. — Vou começar a fazer download, e depois revisto o quarto.

Inseriu o pen drive na entrada USB do gabinete e começou a transferir os arquivos.

Brian pôs Almasi de pé e o empurrou até o cofre.

— Abra.

— Minhas mãos.

— Você consegue.

Almasi ajoelhou e começou a girar o dial.

— Volto já — disse Dominic, e saiu da sala.

Almasi olhou para Brian.

— Pronto.

— Abra e recue.

Almasi obedeceu, deslizando para trás de joelhos. Brian se ajoelhou diante do cofre. Estava vazio, salvo por um único CD-ROM em um envelope. Ele estendeu a mão para pegar. Pelo canto dos olhos, percebeu as mãos amarradas de Almasi se movendo para a prateleira a seu lado. Virou-se, viu a pistola nas mãos dele, rolou e pegou a Browning enquanto tentava desviar. Ouviu um ruído seco. A sala ficou alaranjada. Da cintura, Brian disparou um tiro, atingindo Almasi no centro do esterno. O homem caiu de lado.

— Brian! — Dominic entrou pela porta, em duas passadas chutou a arma da mão de Almasi. Ajoelhou-se e verificou o pulso dele. — Esse já era.

— Ele apareceu com a pistola — arquejou Brian. — Tirei o olho de cima dele por um segundo. Porra.

— Epa, senta, Brian, senta.

— O quê?

— Você está sangrando.

— Hein?

Dominic o segurou até uma cadeira, agarrou sua mão direita e apertou acima da barriga. Brian sentiu o molhado, tirou a mão e olhou seus dedos.

— Porra, merda.

— Mantenha a pressão.

— Vamos ter companhia. Melhor verificar.

Dominic foi até a janela e afastou a cortina. Abaixo, luzes se acendiam nos chalés de adobe.

— Estão vindo. — Voltou-se para Brian, que tinha aberto a camisa. Havia um buraco da espessura de um dedo mindinho uns 15 centímetros abaixo do seu mamilo direito. Ele apertou a ponta dos dedos ao redor do ferimento e fez uma careta. O sangue espirrava dali.

— Costela quebrada? — perguntou Dominic da janela.

— Sim, acho que sim. Diminui o impacto. Ah, Jesus, dói para caramba. Merda, merda, merda! Pegue o CD que deixei cair, está bem? Estava no cofre.

Dominic pegou a mochila do chão, procurou lá dentro e tirou meia dúzia de absorventes. Entregou-os a Brian e voltou para a janela.

— Devíamos ter trazido curativos de verdade.

— Essas coisas são melhores, cara, realmente absorvem o sangue! — Abriu uma embalagem e a apertou contra o peito de Brian.

— Está vendo alguma coisa?

— As luzes estão acesas. Vão vir. Você consegue se mover?

— Sim.

— Vamos ver se faço eles se atrasarem um pouco.

Dominic pegou a pistola de Almasi — uma Beretta .32 Tomcat semiautomática — do chão.

— Que tipo de munição?

Dominic ejetou o pente e verificou.

— Ponta côncava.

— Hã. Ok. Mexa-se.

Dominic disparou pela porta, desceu as escadas e saiu. Acocorou-se ao lado das escadas, mirou no chalé mais perto e disparou três vezes pela janela. Gritos saíram lá de dentro. As luzes apagaram. Dominic correu de volta para a casa, trancou a porta. Virou à direita e foi até a janela do canto. Abriu e disparou quatro tiros no outro chalé, depois meteu mais cinco balas pela porta da frente. O pente da pistola soltou e abriu. Ele o jogou fora e correu de volta para cima. Brian estava de pé se apoiando na escrivaninha.

— Estou bem. O sangramento diminuiu. Você tem um plano?

— Sim. — Dominic pegou o CD-ROM do chão, enfiou na mochila, depois se inclinou sobre a mesa e arrancou o pen drive da entrada USB do computador. — O alpendre está bem abaixo de nós. Quando eles se movimentarem, você sai pela janela. Deita no telhado. Ao escutar a movimentação aqui dentro, desça para o chão e vá até o celeiro. Se achar que dá, siga até o carro. Eu encontro você no caminho. Passa sua arma.

— Dom...

— Cala a boca e passa sua arma. Consegue carregar a mochila? — Brian assentiu e Dominic a entregou a ele. — Você parece verde, cara. Tem certeza de que pode se movimentar?

— Temos escolha?

— Não.

— Observe a janela e vá narrando tudo para mim.

— Saquei.

Dominic colocou as duas Browning sobre a mesa e olhou em volta da sala. Agarrou a cadeira da mesa de Almasi e a empurrou para a porta, depois fez o mesmo com uma mesinha ao lado. Empurrou tudo pela porta, pelo corredor e até as escadas. Aquilo tudo rolou pelos degraus e se amontoou no fundo.

— Como está a situação?

— Nada ainda... Espera. Tem um saindo, dando a volta pelo oeste. Está com um AK.

Dominic foi até o primeiro quarto de hóspedes e agarrou uma mesa de cabeceira, um abajur e uma cadeira, e jogou tudo pelas escadas.

— O que você está fazendo, Dom?

— Improvisando uma barricada.

Repetiu o processo no quarto de hóspedes seguinte, e depois voltou para o escritório. Agarrou sua mochila e a colocou nas costas, depois pegou as Browning e tirou os silenciadores, que enfiou no cinto.

Na janela, Brian disse:

— Vá em frente, caubói. Os outros três acabaram de sair... Dois na direção do alpendre, outro pela porta da frente. O primeiro vem pelo lado leste agora. Ei, achei uma surpresa no armário. — Apontou para um canto, onde estava encostada uma carabina. — Mossberg 835, calibre 12. Seis cartuchos carregados.

Dominic foi até Brian e abriu suavemente a janela. Ajudou-o a sair e o segurou até ele ficar deitado sobre o telhado.

Dominic disse:

— Vou esperar até todos estarem na casa. Vou gritar pedindo mais munição. Quando ouvir isso, vá embora. De quanto tempo vai precisar?

— Dois minutos.

— Vou ficar logo atrás de você. Não podemos deixar que nos sigam.

Dominic fechou a janela. Deu a volta, agarrou a carabina e foi para o corredor. Da sala de estar do lado oeste veio o barulho de vidro quebrado. No saguão, alguém batia na porta. De novo e pela terceira vez. A lingueta estalou e abriu para dentro. Dominic armou a carabina, deitou de bruços e enfiou o cano 2 centímetros pelo balaústre. Escutou o som da perna de uma cadeira se arrastar na madeira vindo da sala de estar. Uma cabeça apareceu no canto, recuou, e depois voltou. Dominic ficou imóvel. Segurou a respiração. *Não tem nada para ver aqui, babaca.* As batidas na porta se tornaram mais insistentes e mais altas. O sujeito na sala de estar olhou pela última vez pelo canto, depois foi entrando, seu AK apontado e revistando o balcão. Deu a volta por uma das mesinhas de cabeceira e foi até a porta. Tirou a mão esquerda do rifle, procurando a maçaneta.

Dominic ajustou a carabina, apontou a mira para o peito do sujeito e disparou. O homem tropeçou para trás, bateu na porta e escorregou para o chão. Passos soaram pelo alpendre e sumiram. Momentos depois veio o ruído de vidro quebrado. *Um abatido, sobram três.* Um pensamento lhe veio à mente. Levantou, correu até o escritório e abriu a janela. Entregou uma das Browning a Brian.

— Caso eles decidam escalar. — Fechou a janela e voltou para o corredor.

No térreo, nada se movia. Um minuto completo transcorreu, e depois Dominic ouviu um sussurro à sua direita. A mão de alguém apareceu à esquerda e jogou alguma coisa para cima das escadas. *Granada*, pensou Dominic enquanto ela quicava no balcão. A forma lhe disse que não era de fragmentação, e sim de luz e barulho. Não queriam arriscar matar Almasi. *Tarde demais, rapazes.* Dominic tomou

impulso e rolou para dentro do escritório, colocando as mãos sobre as orelhas e comprimindo os olhos. O estrondo ressoou. A luz branca disparou por suas pálpebras. Sentiu o assoalho tremer embaixo de si. Rolou para ficar de bruços e rastejou até a porta. À sua esquerda, uma pessoa subia as escadas rapidamente, disparando. Balas se alojavam na parede. O homem chegou ao alto da escada e parou, acocorando-se atrás da coluna do canto. Dominic sacou a Browning do cinto, mirou e disparou. A bala atravessou o joelho exposto do sujeito. Ele gritou e caiu pela escada. Dominic pegou novamente a carabina, levantou e se movimentou rapidamente pelo corredor. Disparou na direção de uma cabeça que apareceu na porta da sala de estar. *Errei*. Armou outro cartucho na câmara, girou à direita e atirou da cintura, atingindo bem no meio do corpo do sujeito que tropeçara. Ele aterrissou no saguão e permaneceu imóvel. Dominic girou à esquerda, se enfiou no primeiro quarto de hóspedes e caiu de barriga no chão.

— Estou quase sem munição! — gritou. — Me passe alguma!

Dominic verificou o relógio. Dois minutos. Fez um inventário. Quase dois pentes cheios para a Browning e três cartuchos ainda na carabina. Rolou para a esquerda, ficou de pé e olhou pelo canto. No saguão, nada se mexia. Deu um passo para fora, mantendo-se atrás da coluna do canto. Verificou mais uma vez, depois girou e disparou pelo corredor. Balas atingiram a parede atrás dele. Ele se agachou, cobriu os últimos 3 metros e se enfiou no quarto principal de Almasi.

— Cara, onde está a porra da munição! — gritou Dominic.

Contou até dez, saiu, disparou duas vezes para o saguão, depois fechou a porta do escritório antes de entrar de volta no quarto. Bateu a porta com força para que ouvissem. Quando eles subissem pelas escadas, teriam que investigar primeiro os quartos de hóspedes, depois o escritório, deixando o quarto de Almasi para o final. A questão era quanto tempo levariam para isso. Quanto tempo um deles voltaria para o fundo para bloquear a saída pelas janelas?

Ele fechou a porta e apertou o ouvido contra a madeira. Passou um minuto, depois dois. Ouviu móveis se arrastando nos ladrilhos do saguão. Então o ranger de degraus da escada; Dominic se arrastou até a janela, abriu-a e saiu para o telhado. Deixou-a aberta. Olhou em volta e não viu ninguém. Caminhou agachado pela borda. Era uma queda de 3 metros. Enfiou a carabina entre a mochila e o ombro, rolou de barriga e deixou as pernas e o torso ficarem pendurados. Soltou-se. Logo que os pés atingiram o chão, dobrou os joelhos e rolou. Levantou e correu para dar a volta na casa pelo lado leste, em seguida subiu no alpendre e achou a janela quebrada. Deslizou para dentro e se arrastou pela sala de estar até o saguão. No balcão, apenas uma figura era visível. Estava de pé, de costas para Dominic, no batente do segundo quarto de hóspedes. Dominic levantou, abriu caminho pelo amontoado de móveis até o centro do saguão. Sacou a Browning, apontou e acertou o homem atrás da cabeça. Enquanto ele caía, Dominic já abria espaço e se abrigava embaixo da escada. Guardou a Browning e preparou a carabina.

Passadas soaram no balcão, e depois pararam. Elas voltaram, dessa vez se movendo com cuidado. Um barulho de madeira quebrando indicou uma porta se abrindo. *Escritório*, pensou Dominic. Trinta segundos transcorreram. Os passos saíram do escritório, então pausaram. A porta do quarto principal foi aberta com um chute.

*Veja a janela, babacão...*

Mais trinta segundos se passaram.

— *Yebnen kelp!* — gritou uma voz.

O árabe de Dominic era medíocre, mas o tom lhe informou que a frase era um palavrão, algo parecido com *merda* ou *filho da puta*.

As passadas soaram pelo corredor, depois descendo as escadas, até o saguão ladrilhado. Ele ouviu o barulho de uma fechadura sendo aberta. Dominic deu dois passos agachado, levantou a carabina e disparou no sujeito, alcançando as pernas por trás. O impacto o jogou contra a porta. Seu AK quicou nos ladrilhos enquanto ele caía de lado. Dominic se levantou e se livrou da carabina. Sacou a Browning e caminhou até o sujeito, que se contorcia e gemia no chão. O homem viu Dominic e levantou as mãos, clamando:

— Por favor...

— Tarde demais para isso.

E disparou na testa dele.

Encontrou Brian sentado no chão atrás do celeiro, as costas apoiadas na ladeira. Ele viu Dominic e ergueu a mão em um cumprimento.

— Acabou com eles?

— Até o último. Como você está?

Brian sacudiu hesitante a cabeça. Seu rosto estava cinzento e brilhando de suor.

— Tenho que fazer uma confissão.

— O quê?

— A bala não pegou as costelas, passou direto por elas. Está no meu fígado, Dom.

— Jesus, tem certeza? — Aproximou-se para abrir a camisa de Brian, mas o irmão o afastou.

— O sangue está bem escuro, quase preto. A bala de ponta côncava provavelmente destroçou meu fígado. Mal consigo sentir minhas pernas, também.

— Vou levar você para o hospital.

— Não. Perguntas demais.

— Foda-se. Zuwarah está a 15 quilômetros daqui.

Dominic ajoelhou, agarrou o braço de Brian do outro lado e o colocou sobre o ombro. Firmou o pé e levantou.

— Tudo bem?

— Sim — resmungou Brian.



A difícil caminhada subindo a colina levou dez minutos, depois mais dez para Dominic descobrir o caminho na pendente oposta. Quando alcançou a pedreira, começou a correr em direção ao Opel.

— Você ainda está comigo? — perguntou Dominic.

— ã-hã.

Alcançou o Opel, ajoelhou e abaixou Brian até o chão.

— O que aconteceu? — perguntou Bari do assento de trás.

— Levou um tiro. Existe um hospital em Zuwarah?

— Sim.

Dominic abriu a porta traseira e usou o canivete para cortar a fita e libertar Bari. Juntos, os dois colocaram Brian no banco de trás.

— Você sabe onde é? — perguntou Dominic a Bari, que assentiu. — Então vá dirigindo. Entre pelo caminho errado e disparo em você, compreendeu?

— Sim.

Bari foi para o assento do motorista e ligou o motor. Dominic deu a volta no carro e entrou no banco de trás com Brian.

— Vamos, vamos!



O alvo deles não estava exatamente em São Paulo, mas 120 quilômetros ao norte da cidade, no centro da explosiva economia petrolífera do Brasil. A maior das refinarias brasileiras, a Replan, em Paulínia, processava 400 mil barris de petróleo por dia, algo como 75 milhões de litros. O suficiente, Shasif Hadi lera em algum lugar, para encher mais de trinta piscinas olímpicas. É claro que, como Ibrahim lhe dissera nas instruções iniciais, sabotar tal refinaria não seria uma tarefa fácil. Havia uma infinidade de redundâncias de segurança a ser considerada, sem contar com as medidas de segurança física. Entrar na área da refinaria não seria realmente uma barreira (o muro mais alto do perímetro tinha apenas 3 metros), mas, uma vez lá dentro, havia pouco que pudessem fazer. Explosivos podiam destruir tanques de armazenamento, mas esses estavam colocados bem separados para que houvesse um efeito dominó. Do mesmo modo, as centenas de válvulas de controle (conhecidas como ESD — dispositivos de fechamento de emergência), que regulavam o fluxo de produtos químicos para o labirinto de colunas de destilação, torres de fracionamento, unidades de craqueamento e tanques de mistura e armazenamento, eram virtualmente invulneráveis, e recentemente haviam sido atualizados com algo chamado sistema Neles ValvGuard, que por sua vez era regulado pelo centro de controle da refinaria, o qual, desde suas primeiras viagens de reconhecimento, sabiam estar no subsolo e ser pesadamente fortificado. Shasif não compreendia nada desses detalhes, mas a essência do que Ibrahim dissera era clara. As chances de provocar um vazamento catastrófico dentro da Replan de Paulínia eram astronomicamente pequenas. Mas essa palavra — *dentro* —, lembrou Shasif a si mesmo, era o pivô da questão, não? Havia outras maneiras de começar a derrubar os dominós.

Como planejado, cada qual estava em um hotel separado, assim como tinha seu próprio carro alugado. Saindo em momentos predeterminados pela manhã, cada homem pegou a rodovia SP-348, a Rodovia dos Bandeirantes, para sair de São Paulo em direção a Campinas, 30 quilômetros ao sul de Paulínia. Ao meio-dia se encontraram em um restaurante chamado Fazendão Grill. Shasif foi o último a

chegar. Localizou Ibrahim, Fa'ad e Ahmed sentados a uma mesa no canto e foi até eles.

— Como foi a viagem? — perguntou Ibrahim.

— Sem problemas. E a sua?

— Também.

— É bom ver todos aqui — disse Shasif. Olhou ao redor da mesa e recebeu cumprimentos de volta.

Todos estavam há cinco dias no país, cada qual com suas próprias tarefas em São Paulo. Os explosivos — Semtex-H tcheco — haviam sido despachados para o país por correio comercial, 60 gramas de cada vez, para diminuir as chances de interceptação. Apesar de ser muito confiável, o Semtex carregava consigo uma falha perigosa: uma marcação química acrescentada durante a fabricação para fazer sua presença mais detectável a “farejadores”. Os marcadores não eram acrescentados antes de 1991, mas como esses lotes sem cheiro tinham validade máxima de dez anos quando armazenados, o ano 2000 foi, além de um marco social, também um divisor de águas para os terroristas, que ou fabricavam seus próprios explosivos sem marcadores ou desenvolviam técnicas especiais de manuseio para os novos lotes, borrifados com dinitrato de glicol ou com um composto conhecido como 2,3-dimetil-2,3-dinitrobutano, ou DMDNB, ambos conhecidos como “vaporizadores de baixa difusão”, que eram perfume para as narinas dos farejadores.

Para sorte de Shashif e dos demais, eles precisavam de apenas algo próximo de 500 gramas de explosivo para seus objetivos, de modo que as encomendas fracionadas levaram apenas algumas semanas. A partir desse quase meio quilo de Semtex eles fabricaram seis cargas: cinco com 60 gramas e a sexta com 190 gramas.

— Fiz uma última inspeção na refinaria ontem. Como esperávamos, o canal de desvio e o acostamento ainda não estão prontos. Se fizermos direito nosso trabalho não há como impedi-lo.

— Quantos galões, você acha? — perguntou Ahmed.

— É difícil dizer. A linha está completamente funcional, e a capacidade é de quase 3,2 bilhões de galões por ano, quase 9 milhões por dia. Daí em diante os cálculos se tornam complexos. Mas basta dizer que é o suficiente para nossos objetivos.

— Nenhuma mudança no plano de retirada? — perguntou Fa'ad.

Ibrahim olhou fixo para ele. Abaixou a voz:

— Nenhuma mudança. Mas não se esqueça: vivendo ou morrendo, precisamos ter sucesso. Os olhos de Alá estão sobre nós. Se Ele quiser, alguns de nós ou todos sobreviveremos. Ou não. Essas preocupações são secundárias, está entendido?

Um a um, cada homem assentiu.

Ibrahim verificou o relógio.

— São sete horas. Vejo vocês lá.

Depois que a empolgação inicial do primeiro fim de semana em que escapavam juntos e o rubor de fazer amor esvaneceu, ela começou a se distanciar dele, olhando pela janela, recusando a sugestão de saírem, permitindo apenas um beijinho em seus lábios... Depois de trinta minutos assim, Steve perguntou:

— O que há de errado?

— Nada — respondeu Allison.

— Tem alguma coisa. Posso ver no seu rosto. Você faz essa coisa com seus lábios.

— E sentou a seu lado na cama. — Me diga?

— É estúpido. Não é nada.

— Allison, por favor. Fiz algo de errado?

Essa era a pergunta que ela esperava. Steve de Coração Mole. Steve Tímido, tão preocupado em perdê-la.

— Tem certeza de que não vai rir?

— Prometo.

— Ontem eu estava conversando com minha irmã Jan. Ela disse que viu esse documentário, alguma coisa no Discovery Channel ou no National Geographic, acho. Era todo sobre a geologia do...

— De onde eu trabalho? Allison, eu disse...

— Você prometeu que não ia rir.

— Não estou rindo. Está bem, vá em frente.

— Ela disse que muitos cientistas são contra essa coisa toda. Existem protestos o tempo todo. Coisas legais tentando fechar aquilo. Dizem que há falhas de terremotos ao redor de toda a área. E estavam falando da água subterrânea, se houver vazamento.

— Não vai haver nenhum vazamento.

— Mas e se houver? — insistiu Allison.

— O menor vazamento seria detectado. Eles têm sensores por todos os lugares. Além disso, o lençol freático está a 300 metros abaixo.

— Mas o solo... não é suave, ou coisa parecida? Permeável?

— Sim, mas existem sistemas redundantes, níveis e mais níveis, e a coisa vai estar selada em barris. Você devia ver aquelas coisas, são como...

— Fico preocupada com você. E se alguma coisa acontecer?

— Não vai acontecer nada.

— Você não pode conseguir outro emprego? Se você e eu... Quero dizer, se nós continuarmos... Eu ficaria o tempo todo preocupada.

— Escute, por enquanto não está nem operacional. Droga, só estamos nos preparando para fazer um ensaio de entrega.

— O que é isso?

— Apenas uma simulação. Um ensaio. Um caminhão vem, nós descarregamos o barril. Sabe, verificamos todos os procedimentos para ter certeza de que tudo está funcionando como deveria.

Allison suspirou, cruzou os braços.

— Ei, não vou mentir. Acho legal que você esteja preocupada comigo, mas realmente não há por que se preocupar — disse Steve.

— Verdade? Toma, olha aqui. — Allison foi até a mesa de cabeceira, agarrou a bolsa e voltou. Procurou lá dentro e depois tirou uma folha de papel dobrada. — Jan me mandou isso por e-mail. — E entregou a ele.

Apesar de ser apenas o desenho em corte, era suficientemente detalhado para mostrar o andar principal da instalação, dois andares inferiores e, bem abaixo, atrás de camadas de “rocha” marrom e cinza, uma fita horizontal azul intitulada “lençol freático”.

— Onde ela conseguiu isso? — perguntou Steve.

— Pelo Google.

— Ally, há muito mais coisas no lugar do que mostra essa... caricatura.

— Sei disso. Não sou estúpida. — Ela levantou, foi até a janela do balcão e ficou olhando para fora.

— Não quis dizer isso — declarou Steve. — Não acho você estúpida.

— Então Jan está errada? Está me dizendo que ninguém naquele lugar se preocupa com essas coisas?

— Claro que nos preocupamos. É um assunto sério. Sabemos disso tudo. O DOE já...

— O quem?

— Departamento de Energia. Já realizou anos de pesquisas sobre isso. Gastou milhões só em estudos de adequabilidade.

— Mas esse documentário... ficou falando dessas falhas no chão. Pontos fracos.

Steve hesitou.

— Ally, realmente não posso falar sobre...

— Muito bem, esqueça. Eu paro de me preocupar. Que tal?

Allison podia senti-lo ali de pé, olhando fixo para suas costas. Devia estar com aquela cara de cachorrinho que levou uma bronca e com as mãos enfiadas nos bolsos dos jeans. Depois de trinta segundos, ele falou:

— Muito bem, se isso é importante para você.

— Não é isso que é importante para mim. É você.

Com os braços ainda cruzados, Allison se virou para ele. Forçou algumas lágrimas a saltarem de seus olhos. Ele estendeu a mão.

— Venha aqui.

— Para quê?

— Só venha aqui.

Ela avançou e pegou na mão dele. Steve disse:

— Só não fale para ninguém que contei sobre essas coisas, está bem? Eles me colocariam na cadeia.

Ela sorriu e limpou uma lágrima do queixo.

O cargueiro Panamax *Losan* estava há três dias do destino, depois de fazer a maior parte da travessia do Atlântico com mar calmo e céu claro. O capitão do *Losan*, um alemão de 47 anos chamado Hans Groder, há oito anos era o mestre do navio, e passara dez meses de cada um desses anos no mar. Uma agenda mais pesada que a do seu trabalho anterior — capitão de um navio de abastecimento Type 702, Classe Berlim, da Marinha alemã —, mas o pagamento era melhor, e o estresse, muito menor. Melhor ainda, o *Losan* era um barco de mar aberto, uma bela mudança para Groder, após 22 anos navegando pelas águas labirínticas ao redor das bases navais de Eckendorf e Kiel. Que prazer era simplesmente apontar a proa no Atlântico e navegar à toda força com centenas de milhares de metros de água embaixo do casco e nem uma mancha de terra no radar. Claro, nos seus dias de maior introspecção caía no espírito melancólico que todos os marinheiros e soldados sentem ao deixarem para trás a vida militar, mas, no balanço geral das coisas, ele gostava de sua vida e da autonomia que desfrutava. Respondia a apenas um homem, o proprietário, e não a uma cadeia de oficiais de peito estufado que não sabia a diferença entre um calço e uma escota.

Groder passeou pela ponte e deu uma olhada no radar. Não havia outra embarcação em um raio de 20 milhas. O radar de navegação deles não era o mais poderoso do mundo, mas o suficiente para seus propósitos. Para um capitão cuidadoso e com uma boa tripulação, 20 milhas dava tempo o bastante para ajustar o curso e deixar muito espaço para os companheiros viajantes. Groder foi até a janela e inspecionou o convés de avante, passando pelo exame instintivo dos tanques armazenados. Eles haviam sofrido um pouco de balanço, na maioria das vezes devido àquelas drogas dos tanques de propano. Com quatro embalados por contêiner, estavam bem seguros, mas sua forma não tinha a geometria amigável de caixas e paletas. Podia ser pior, Groder sabia. Pelo menos aquelas porcarias estavam vazias.



Mais tarde, Gerry Hendley refletiria que a parte mais difícil daquele maldito negócio — exceto pelo evento que provocara tudo, é claro — era simplesmente achar um lugar privado para onde trazê-los. Finalmente, o ex-presidente Ryan interferiu, fazendo uma ligação telefônica para o chefe do Estado-Maior da Força Aérea, que por sua vez ligou para o comandante da 316ª Ala, a unidade primária da Base Aérea de Andrews.

Eles chegaram em dois Chevy Tahoe pretos. Hendley, Jerry Rounds, Tom Davis, Rick Bell, Pete Alexander e Sam Granger no primeiro; Clark, Chavez e Jack Ryan Jr. no segundo. Os dois veículos dobraram à esquerda na rua C e encostaram ao lado de um hangar na margem da pista. O expresidente Ryan chegou cinco minutos depois em um Town Car, flanqueado pela equipe do Serviço Secreto em dois Suburbans.

O Gulfstream V pousou 11 minutos mais tarde, três minutos antes do horário, e taxiou até parar a 50 metros dali. Os motores arrefeceram, as escadas rolaram e se encaixaram na porta principal do avião.

Jack Ryan Jr. desceu do Tahoe, seguido pelos demais, que ficaram alguns passos atrás dele.

A porta do Gulfstream abriu, e trinta segundos depois Dominic Caruso apareceu na soleira. Piscou com a luz do sol, depois começou a descer as escadas. O rosto estava abatido e mostrava cinco dias de barba. Jack avançou e o encontrou no meio do caminho. Os dois se abraçaram.

— Sinto muito, cara — sussurrou Jack.

Dominic não respondeu, mas se soltou do abraço e assentiu.

— É — foi tudo que disse.

— Onde ele está?

— No porão de carga. Não me deixaram trazê-lo na cabine.

Depois de deixarem a pedreira, Bari dirigiu o mais rapidamente possível com os faróis do Opel desligados, conseguindo voltar para a estrada principal em menos de dez minutos. Brian oscilava entre a consciência e a inconsciência enquanto corriam para leste pela costa, e Dominic segurava sua mão, apoiando a cabeça do irmão em seu

colo. Mantinha a outra mão fazendo pressão sobre o ferimento, que continuava escorrendo sangue escuro, cobrindo a mão e o antebraço de Dominic, ensopando o assento embaixo de suas pernas. Dez quilômetros antes de Zuwarah, Brian começou a tossir, primeiro ligeiramente, depois em espasmos, o corpo saltando para fora da poltrona enquanto Dominic se inclinava sobre seu torso e sussurrava para que ele aguentasse. Passados alguns minutos, Brian pareceu relaxar e sua respiração se regularizou. E então parou. Dominic não perceberia isso até bem mais tarde, mas tinha sentido aquele momento, aquele ligeiro salto que separava Brian da vida para a morte. Dominic se ajustou na poltrona e a cabeça de Brian pendeu para o lado, seus olhos vazios encarando as costas do assento.

Ele mandou Bari encostar e parar o carro, o que ele fez, e Dominic pegou as chaves da ignição, saiu do carro e caminhou a 10 metros de distância. A leste, os primeiros débeis raios de sol começavam a aparecer no horizonte. Dominic sentou silencioso, observando o alvorecer e não querendo olhar para Brian, meio esperando que quando fizesse isso seu irmão estaria respirando novamente, olhando para ele com um sorriso estúpido, idiota. Claro que isso não aconteceu. Depois de dez minutos, voltou para o carro e mandou o líbio sair da rodovia principal e achar um lugar onde pudessem se abrigar. Depois de dirigir por trinta minutos, Bari achou um bosque de palmeiras, com sombra, e estacionou ali.

Dominic ligou para o celular de Archie; a ajuda do Campus demoraria demais. Em duas sentenças curtas, contou o que aconteceu ao australiano, depois entregou o telefone para Bari, que indicou a localização de onde estavam para Archie. Levou duas horas. Archie chegou em um Range Rover e, sem falar nada, tirou Dominic do Opel, colocou-o no banco de trás do Rover, depois puxou um saco para cadáveres do porta-malas e voltou ao Opel, onde ele e Bari deslizaram cuidadosamente o corpo de Brian para fora do assento e o selaram no saco. Após colocar o saco na área de carga do Rover, Archie voltou ao Opel e limpou tudo, jogando todas as armas e o equipamento no porta-malas. Quando teve certeza de que o carro estava limpo, Archie regou o interior do Opel com o conteúdo de uma lata de cinco galões de gasolina e tocou fogo.

Ao meio-dia estavam de volta a Trípoli. Archie nem passou pelo consulado e foi direto para o que Dominic supôs ser uma casa segura saindo de Bassel el Asad, perto do estádio. Bari, pés e mãos amarrados, foi trancado no banheiro, e, depois que Archie se assegurou de que o embaralhador da linha telefônica estava ligado, deixou Dominic sozinho para ligar para casa.

— Quem mais sabe? — perguntou Dominic ao primo.

— Ninguém — respondeu Jack. — Só quem está aqui. Achei que você queria fazer isso. Ou, se preferir, eu...

— Não.



— Quer ir para casa? — perguntou Jack.

— Não, pegamos algumas coisas. Vocês vão querer ver. Vamos voltar para o escritório. Hendley ou alguém tem que entrar em contato com Archie em Trípoli. Se quisermos Bari aqui, temos que...

— Dom, você não tem que se preocupar. Nós cuidamos disso.

O ex-presidente Ryan se aproximou, e ele e Dominic se abraçaram.

— Dizer que sinto muito não é o suficiente, filho, mas sinto muito.

Dominic assentiu. Para Jack:

— Vamos indo, ok?

— Claro.

Jack se voltou e fez um sinal para Clark e Chavez, que se aproximaram e escoltaram Dominic para o segundo Tahoe.

— Posso pegar uma carona com você? — perguntou Jack ao pai.

— Claro.

Jack fez um sinal para Hendley, depois seguiu o pai até o Town Car.

Viajaram em silêncio até os carros passarem pelo portão principal, então Ryan Senior disse:

— O diabo é que provavelmente nunca saberemos o que aconteceu. Por mais que queira, não vou perguntar a Gerry.

— Pergunte para mim — disse Jack.

— O quê?

— Eles estavam em Trípoli, pai, caçando algo.

— Do que você está falando? Como sabe disso?

— O que você acha?

Ryan Senior não respondeu imediatamente, mas ficou encarando o filho.

— Você está falando sério.

— Sim.

— Jesus, Jack.

— Você sempre me disse que eu tinha que traçar meu próprio caminho. É isso que estou fazendo.

— Há quanto tempo?

— Um ano e meio. Andei juntando coisa com coisa e percebi que havia mais no negócio de Gerry do que o que estava à vista. Fui lá e conversei com ele. Levei uma conversa e consegui um emprego, acho.

— Fazendo o quê?

— Principalmente análise.

— “Principalmente.” O que isso quer dizer? — A voz de Ryan Senior ficou mais dura.

— Andei fazendo algumas coisas em campo. Não muito, só para dar os primeiros

passos.

— De jeito nenhum, Jack. Isso acabou. Não vou deixar você...

— A decisão não é sua.

— Droga nenhuma que não é. O Campus foi ideia minha. Eu procurei Gerry e...

— E agora o espetáculo é dele, certo? Eu até que sou meio esperto, pai. Não preciso de você me vigiando. Já fizemos alguns bons trabalhos lá. Do mesmo tipo que você costumava fazer. Se estava ok para você, então por que não para mim?

— Porque você é meu filho, caramba.

Jack sorriu arresado para o pai.

— Então talvez esteja no sangue.

— Porcaria nenhuma.

— Olha, eu enfrentei o mundo financeiro e fui bem, mas não levei muito tempo para compreender que não queria trabalhar com aquilo pelo resto da minha vida. Quero fazer algo. Fazer diferença, servir meu país.

— Vá ensinar na escola dominical.

— Vem logo depois na minha lista.

Ryan Senior suspirou.

— Você não é mais um garotinho, acho.

— Não mesmo.

— Bem, não quer dizer que eu vá gostar disso, e provavelmente nunca chegarei a gostar, mas acho que esse é um problema meu. Com sua mãe, no entanto, vai ser uma história diferente.

— Eu falo com ela.

— Não vai não. Eu falo, quando for o momento certo.

— Não gosto de mentir para ela. — Ryan Senior abriu a boca para falar, mas Jack acrescentou rapidamente: — E também não gostava de mentir para você. Droga, se não fosse pelo John, talvez nunca contasse.

— John Clark?

Jack assentiu.

— Ele é tipo meu supervisor de treinamento de fato. Ele e Ding.

— Não há ninguém melhor nesse negócio do que esses dois.

— Então você concorda com isso?

— Digamos que sim. Vou contar um segredo, Jack. Quanto mais velho você fica, menos gosta de mudanças. Semana passada, a Starbucks parou de vender minha torrefação preferida. Me tirou do sério por vários dias.

Jack riu.

— Ainda bem que sou mais a Dunkin' Donuts.

— Essa também é boa. Você toma cuidado, certo?

— Com o café. Sim...

— Não banque o espertinho.

— Sim, sou cuidadoso.

— Então, em que vocês estão trabalhando?

Outro sorriso de Jack.

— Desculpe, pai, sua necessidade de saber expirou há algum tempo. Se ganhar a eleição, conversamos novamente.

Ryan Senior sacudiu a cabeça.

— Malditos espões.

Frank Weaver passou quatro anos no Exército, de modo que possuía bastante familiaridade com o modo enlouquecedor como o governo às vezes fazia as coisas, mas achou que havia deixado isso tudo para trás quando foi para a reserva e entrou na escola de direção de caminhões. Passara dez anos fazendo isso, percorrendo grandes trechos de costa a costa, às vezes levando junto a esposa, mas principalmente devorando os quilômetros enquanto ouvia rock clássico. *Deus ama as rádios via satélite*, pensou, e, graças a Deus, o governo o deixava continuar com o novo emprego. Ele não tinha se entusiasmado em voltar a trabalhar para o governo, mas o salário era bom demais para dispensar, com os adicionais de periculosidade e tudo mais. Eles não chamavam a coisa exatamente assim, mas era disso que se tratava. Tivera que frequentar um programa especial de treinamento e passar pelas verificações do FBI, mas não tinha nada a esconder e era ótimo motorista. Na verdade, não havia nada de extraordinário no que o mandavam fazer — isto é, salvo a carga, mas ele jamais havia precisado tocar naquela coisa. Bastava ir ao local, deixar alguém fazer o carregamento, depois dirigir com segurança até o destino e deixar alguém descarregar. O treinamento era principalmente sobre procedimentos de emergência: o que fazer se alguém tentasse roubar a carga; o que fazer caso se envolvesse em um acidente; o que fazer se um óvni descesse e usasse um raio para jogá-lo fora da cabine... Os instrutores do Departamento de Energia e da Comissão de Regulação Nuclear tinham procedimentos para todos “e se” que você pudesse imaginar, e mais uma centena que você nem pensaria. Além do mais, ele nunca dirigiria sozinho pela estrada. Ainda não tinham lhe dito se a escolta estaria em carros identificados ou não, mas podia apostar que estavam armados até os dentes.

Porém dessa vez não haveria guardas, o que surpreendeu um pouco Weaver. Sim, era apenas um treinamento e sua carga estaria vazia, mas, considerando o jeito como o DOE fazia tudo parecer real, ele esperava ter escolta. Mas talvez estivessem mentindo; talvez houvesse uma escolta que ele supostamente não deveria ver. Isso não mudava seu trabalho.

Weaver diminuiu a marcha e freou, manobrando o caminhão trucado para a entrada da Usina Nuclear de Callaway. Cerca de 100 metros adiante, viu a cabine da guarda. Freou até parar e entregou a identidade para o guarda. A entrada estava bloqueada por cinco pilares de concreto com o interior repleto de aço.

— Desligue o motor, por favor.

Weaver obedeceu.

O guarda examinou sua identidade, depois a guardou no bolso da frente e mandou que ele assinasse a prancheta. O caminhão de Weaver estava vazio, mas o guarda fez seu trabalho, primeiro dando uma volta completa em torno do caminhão, depois verificando o chassi por baixo com um daqueles carrinhos com espelho.

O guarda reapareceu ao lado da janela.

— Por favor, desça do caminhão. — Weaver desceu. O guarda mais uma vez examinou a identidade, levando uns bons dez segundos para verificar se os rostos combinavam. — Por favor, fique ao lado da cabine da guarda.

Weaver assim o fez, e o guarda subiu na cabine do caminhão e passou dois minutos revistando o interior antes de sair. Entregou de volta a identidade de Weaver.

— Doca número quatro. Vão encaminhar você pelo caminho. O limite de velocidade é de 15 quilômetros por hora.

— Saquei.

Weaver entrou de volta no caminhão e ligou o motor. O guarda levou o rádio portátil aos lábios e disse alguma coisa. Um momento depois, os pilares de concreto reentraram no solo. O guarda acenou para Weaver passar.

A doca número quatro estava a apenas 100 metros dali, nos fundos da instalação. No meio do caminho, um homem com um capacete de segurança e macacão acenou para que ele manobrasse. Weaver fez um retorno, encostou de ré na doca e desligou o motor.

O capataz da doca foi até a porta de Weaver.

— Pode esperar no saguão, se quiser. Vai levar mais ou menos uma hora.

Levou quase noventa minutos. Apesar de Weaver já ter visto fotos da coisa durante o treinamento, nunca vira uma pessoalmente. Ele e os demais motoristas a apelidaram de “Halteres do King Kong”, mas o pessoal do DOE tivera muito trabalho para enfiar os detalhes da coisa em seus cérebros. Oficialmente conhecido como Tonel para Transporte de Restos Nucleares em Caminhão de Peso Legal GA-4, o contêiner era uma impressionante peça de engenharia. Como eles chegaram a essa forma de halteres era algo que Weaver não sabia, mas supunha que tinha a ver com a durabilidade. Segundo os instrutores, os desenhistas do GA-4 haviam realizado verdadeiros testes de tortura na coisa, submetendo-a a queda livre, incineração, riscos de perfuração e submersão. Para cada tonelada de lixo nuclear — conjuntos de combustível tanto para reatores que funcionavam à base de pressão hidráulica quanto por vaporização de água —, o tonel do GA-4 recebia 4 toneladas de proteção.

*Caramba, pensou Weaver, é tão impossível entrar naquela coisa quanto roubá-la com algo menos que um caminhão, um guindaste e talvez um helicóptero de serviço pesado. Seria algo parecido com o que aqueles idiotas que às vezes se vê na televisão fazem. Prendem um caixa automático com uma corrente, arrastam e depois precisam*

jogar fora em algum lugar porque não conseguem abrir.

— Nunca vi um desses de perto — disse Weaver ao capataz da doca.

— Parece algo saído de um filme de ficção científica, não é?

— De certo modo, sim.

Pelo protocolo, os dois deram a volta pela plataforma, verificando os itens “pré-vo” enquanto passavam. Cada corrente de amarração era nova, e fora testada para estresse ainda na fábrica, tal como as linguetas, cada uma delas presa por cadeados duplos. Seguros de que o contêiner não iria deslizar antes de chegar a seu destino, Weaver e o capataz assinaram e contra-assinaram os formulários, cada um ficando com uma cópia.

Weaver acenou se despedindo e subiu na cabine. Quando o motor já estava funcionando, ligou o sistema de navegação via GPS fixo no painel, depois passou pelo menu e selecionou sua rota. A unidade havia sido programada pelo DOE com dúzias de possibilidades. Outra precaução, disseram-lhe. Nenhum motorista saberia sua rota até deixar a instalação de carga.

O percurso apareceu na tela como uma linha púrpura por sobre um mapa dos Estados Unidos. *Nada mal*, pensou Weaver. Rodovias principais na maior parte do caminho, 2.626 quilômetros. Quatro dias.



— Mensagem de texto da nossa garota russa — disse Tariq, entrando na sala de estar. O Emir estava de pé na janela, olhando o deserto. Voltou-se.

— Boas notícias, acredito.

— Saberei em sessenta segundos.

Tariq ligou o laptop, abriu o navegador, e foi até um site chamado storespot.com, um dentre as dúzias de sites de armazenamento de arquivos na internet. Para abrir uma conta eram necessários apenas um nome de usuário, uma senha e um endereço de e-mail, e para isso existiam sites que ofereciam endereços de e-mail descartáveis e “autodestrutivos”.

Tariq fez o login na conta, clicou em três links, e se viu na área de upload e download do site. Havia um documento esperando, um simples arquivo de texto. Segundo a anotação, o arquivo tinha subido 12 minutos atrás. Tariq o abriu, copiou o conteúdo em sua área de transferência e logo apagou o arquivo da conta. Então abriu o arquivo de texto original do laptop e colocou o conteúdo em novo arquivo. Levou dois minutos examinando o que continha.

— Está tudo aqui. Tudo que precisamos.

— Qual entrada?

— A do sul.

O Emir sorriu. Alá estava com eles. Das duas, a entrada sul da instalação tinha menos atividade que a do norte, a entrada principal. Isso significava menos pessoal de segurança.

— Exatamente por onde?

— O terceiro nível de deslocamento, 500 metros adentro e 300 metros abaixo da superfície. Segundo Jenkins, essa é a área que mais preocupa o departamento de engenharia. Na próxima semana terão uma reunião com o Departamento de Energia e com a Comissão de Regulamentação Nuclear para discutir sobre aterrar e selar todo esse nível antes de começar a receber carregamentos.

Havia, entretanto, um empecilho para usar a entrada sul, sabia o Emir. Minutos depois de o caminhão ingressar na estrada de serviço vindo da rodovia 95, sensores e câmeras provavelmente registrariam a passagem e alertariam o centro de

monitoramento na entrada principal. Como a equipe reagiria quando percebesse que o caminhão se dirigia para a entrada sul? Era improvável que um alarme fosse imediatamente disparado; afinal, era apenas um carregamento de ensaio, e o primeiro do tipo. O mais provável era que a equipe assumisse que o motorista tivesse errado o caminho. Telefonemas seriam dados, talvez enviassem um veículo para a entrada sul para redirecionar o caminhão desviado. Musa e seus homens cuidariam disso.

Entre todos os estudos de viabilidade que o CRO fizera nos estágios iniciais do Lótus, a questão mais perturbadora e nebulosa envolvia a segurança local da instalação, um ponto sobre o qual nem o DOE nem a Comissão de Regulamentação Nuclear tinham abordado publicamente, seja devido a preocupações de segurança, seja por decisões internas. Enquanto o planejamento para o Lótus progredia, ficava cada vez mais claro para o Emir que teriam de presumir a pior das possibilidades, o que, no caso de instalações nucleares, envolvia a presença de forças de proteção da NNSA — Administração Nacional de Segurança Nuclear —, uma força paramilitar bem-treinada e bem-equipada sob controle do DOE.

Tal como acontecera com muitas facetas do governo e da sociedade americana, o 11 de Setembro colocou em foco a necessidade de controles de materiais mais robustos e, para seu crédito, o DOE não poupou gastos para alcançar esse objetivo. As forças de proteção da NNSA eram treinadas com táticas de pequenas unidades antiterroristas e equipadas com veículos blindados e armas de grosso calibre, incluindo lança-granadas, munição de perfuração de blindagem e, em lugares selecionados, sistemas de fuzis e canhões automáticos Gatling M134D.

Nada nas informações de inteligência do CRO sugeria que a NNSA trabalharia na instalação com tanta antecedência, mas o Emir fora bem claro com Musa: *Presuma que vai encontrar resistência pesada. Presuma que possui apenas alguns minutos para cumprir sua missão.*

— E como estamos com os demais elementos? — perguntou o Emir a Tariq. — O caminhão?

— Deixou a usina esta tarde. O tempo de trânsito é de quatro dias. Ibrahim e sua equipe estão no terreno. A menos que mandemos o sinal de abortar, já devem estar se movimentando em — Tariq verificou seu relógio — três horas. O navio ainda está a dois dias de distância. Na situação atual, a embarcação provavelmente deverá ancorar uma noite ao largo antes de poder atracar.

— Bom. E os homens do Sr. Nayoan?

— No local e prontos. Não se movimentarão até o senhor dar a ordem. Precisam de 24 horas de antecedência. — O Emir assentiu, e Tariq perguntou: — O que quer fazer com a garota?

— Deixe-a ir. Ela não sabe nada sobre nós, e Beketov está morto. A ligação entre nós e o pessoal dela não existe mais. Mesmo se for pega, as únicas pistas que poderá dar não levarão a nada ou levarão aonde queremos. Ela mereceu o dinheiro.

— Ela sabe sobre a instalação.

— E daí? Foi contratada por um grupo ambientalista marginal para levantar informações que prejudicassem a instalação. Isso é tudo. É uma mercenária, Tariq. Vai pegar o dinheiro e se mandar.

Tariq considerou o assunto e assentiu.

— Muito bem.

— Um último detalhe: eu me unirei a Musa em sua missão.

— Desculpe?

— Vou gravar uma mensagem antes de ir. Quando tivermos sucesso, você fará com que chegue às mãos certas. — Tariq abriu a boca para falar, mas o Emir o impediu. — Velho amigo, você sabe que isso é necessário. Minha morte, e o que faremos lá, alimentará nossa guerra pelas próximas gerações.

— Quando decidiu isso?

— Planejei desde o começo. Por que outra razão viríamos para cá, para este lugar perdido no mundo?

— Deixe que eu me una a vocês.

O Emir balançou a cabeça.

— Ainda não é o seu momento. Precisa confiar em mim sobre isso. Prometa que fará o que peço.

Tariq assentiu.





Entrando na cidade de Paulínia logo depois do pôr do sol, Shasif Hadi podia ver as luzes da refinaria, distante ainda uns 6 quilômetros, muito antes de poder avistar o complexo. Sete quilômetros quadrados de colunas de destilação, torres de fracionamento, e linhas de alta-voltagem, tudo enfeitado com luzes vermelhas piscantes projetadas para avisar as aeronaves que voavam baixo, tudo desnecessário, no que dizia respeito a Hadi. Se algum piloto conseguisse a proeza de deixar de notar as dezenas de refletores de estádio que iluminavam as áreas de trabalho do complexo, então o sujeito merecia cair.

A rodovia principal de Campinas, a SP-332, se desdobrava pelos subúrbios ao norte de Paulínia antes de virar primeiro para oeste e depois para o norte, onde finalmente passava pelo complexo da refinaria, à esquerda. Hadi dirigiu passando por ali e continuou ao norte por mais 1,5 quilômetro até chegar a uma saída que dava em uma estrada de asfalto de duas pistas que ia na direção leste. Seguiu por ali exatamente 2,4 quilômetros, onde a estrada mais uma vez fazia uma curva e o asfalto dava lugar a cascalho. Uns 100 metros adiante, seus faróis captaram o que parecia ser uma ponte sobre a estrada. Hadi sentiu seu pulso aumentar. Aquilo não era uma ponte, e sim um oleoduto de etanol. Quando passou por baixo, olhou pela sua janela de passageiro e pôde ver um pasto fechado por uma porteira de gado. Parada diante da porteira, capô para a frente, havia uma picape branca. Hadi continuou, fazendo mais uma curva, desta vez para o sul, e entrando em uma estrada de terra. Diminuiu a velocidade depois de 50 metros, examinando as árvores à esquerda. Localizou a abertura entre elas, entrou e desligou os faróis enquanto estacionava. Verificou seu relógio: no horário.

Desceu, trancou a porta e saiu das árvores, indo até a margem da estrada. Tudo parecia certo. Uns 800 metros de estrada abaixo um par de faróis apareceu depois da curva. O Volkswagen azul de Ibrahim diminuiu a marcha ao chegar perto dele, os freios gemendo ligeiramente.

— Sem problemas? — perguntou Ibrahim.

— Nenhum.

Hadi sentou no banco traseiro. Fa'ad estava ao seu lado, e Ahmed, no banco do

carona. Como parte de seu plano de retirada, Fa'ad e Ahmed haviam estacionado seus carros em estradas secundárias a sudoeste e a nordeste da refinaria, onde foram recolhidos por Ibrahim. Se, por alguma razão, o grupo fosse separado, eles se encontrariam em um desses carros e seguiriam a caminho da costa.

Ahmed entregou uma pistola a Hadi, uma Glock 17 9 milímetros equipada com silenciador.

— O caminhão está ali — disse Hadi. — Não pude me certificar, mas acho que vi duas pessoas sentadas dentro.

— Ótimo. Ahmed, você faz a coisa.

Faróis apagados, Ibrahim engatou o carro e seguiu, voltando pelo caminho que Hadi fizera ao chegar. Parou o carro a 50 metros do oleoduto. Ahmed desceu, passou por trás do carro e entrou no bosque. Os demais esperaram em silêncio, Ibrahim controlando o tempo no relógio. Após dois minutos, ligou os faróis e avançaram novamente.

— Abaixem-se aí atrás — disse a eles. Hadi e Fa'ad se agacharam sob as janelas. Quando o carro emparelhou com a picape, Ibrahim parou e saiu. Tinha um mapa na mão direita.

— Desculpem — falou em português, enquanto caminhava na direção do caminhão. — Estou perdido. Podem me indicar a direção para voltar a Paulínia?

Ninguém respondeu.

— Desculpem, preciso de ajuda. Podem...

A mão de alguém apareceu na janela do motorista e acenou para que ele se aproximasse. Ibrahim caminhou até lá. O decalque na porta dizia SEGURANÇA DA PETROBRAS.

— Acho que passei da entrada. Paulínia está longe?

— Não muito — disse o guarda. — Siga por essa estrada até chegar à rodovia, e vire à esquerda.

Através da janela aberta do assento de passageiros, Ibrahim percebeu a silhueta de Ahmed emergir das árvores e caminhar em direção ao caminhão.

— Qual a distância? — perguntou Ibrahim.

Antes de o motorista responder, Ibrahim deu um passo atrás. O primeiro disparo abafado foi na testa do guarda passageiro; o segundo foi no pescoço do motorista, que caiu de lado. O silenciador, feito com latas de aço de sopa e um isolamento de fibra de vidro, funcionara bem. Os tiros não soaram mais altos que uma batida de mãos.

— Mais um em cada um — ordenou Ibrahim.

Ahmed disparou novamente no primeiro guarda. Depois enfiou a arma na cabine, apontou e atirou novamente no ouvido do outro. Ibrahim virou e fez sinal para o Volkswagen. Hadi assumiu o volante e levou o carro até a clareira. Ibrahim e Ahmed já haviam tirado os cadáveres do caminhão.

— Chaveiro — disse Ahmed, e o jogou para Ibrahim.

Começaram a arrastar os cadáveres para o bosque. Hadi pegou um par de toalhas brancas que trouxera do hotel, jogou uma para Fa'ad e os dois limparam o carro. As balas Glock de ponta cônica e macia desintegraram o interior dos crânios dos guardas, sem deixar ponto de saída, de modo que havia mais sangue que matéria cerebral. Uma vez feito isso, Hadi jogou a toalha para Fa'ad, que deu uma corridinha até as árvores para jogá-las ali.

Ibrahim voltou para a clareira, destrancou a porteira, depois jogou o chaveiro de volta a Hadi. Ele e Fa'ad entraram e passaram o caminhão pelo portão, seguidos por Ibrahim e Ahmed no Volkswagen. Hadi fechou e trancou o portão enquanto Ibrahim colocava o Volkswagen sob as árvores e fora da vista.

A estrada de serviço corria ao redor do oleoduto, montada sobre pilões de 1,5 metro de altura, espaçados a cada 30 metros, mais ou menos. Cercada em ambos os lados por árvores e cheia de sulcos, a estrada fora construída para acomodar equipamentos durante a construção do oleoduto e servia de acesso para as equipes de manutenção e segurança da refinaria.

Depois de 1,5 quilômetro, a estrada se desviava, seguindo pela direita enquanto o oleoduto seguia para a esquerda. No meio havia um pequeno bosque de árvores, acima das quais se podiam ver as luzes da refinaria. Ibrahim parou o caminhão, e todos desceram.

— Troca de roupas — ordenou.

Os macacões azul-celeste foram escolhidos não pela camuflagem, mas pelo anonimato. A maioria dos trabalhadores da refinaria usava macacões semelhantes. Se vistos à distância, Ibrahim e sua equipe seriam, ele esperava, confundidos com o pessoal da manutenção. Estavam agora a uns 500 metros da estrada e da cerca do perímetro da refinaria.

Vestidos com os macacões, caminharam pelo bosque até uma clareira. Nela o oleoduto ziguezagueava antes de se endireitar novamente, cruzando pela estrada, e depois de mais uns 500 metros, passava por baixo da cerca de segurança para dentro da refinaria propriamente dita.

O oleoduto de etanol acima de suas cabeças tinha menos de um ano e corria desde Goiás, cerca de 800 quilômetros ao norte, através de Paulínia, antes de continuar até o terminal de Japeri, no Rio de Janeiro, 320 quilômetros a nordeste dali. Por esse oleoduto que se estendia por um quarto da largura do Brasil, 3,2 bilhões de galões de etanol passavam por ano.

O CRO não fora capaz de descobrir o índice preciso de fluxo do oleoduto, mas as médias foram suficientes para convencer o Emir de que o plano era viável. Com um período de “funcionamento” estimado em 85 por cento, o oleoduto bombeava seus 3,2 bilhões de galões em um período de 310 dias, o que por sua vez significava que, a cada dia de operação, 10,3 milhões de galões fluíam de Goiás para o Rio. A qualquer

hora do dia, em qualquer trecho de 16 quilômetros do oleoduto, havia etanol para encher vinte caminhões-tanque.

— Quatro dispositivos de fechamento de emergência entre aqui e o perímetro — sussurrou Ibrahim. — Uma carga para desabilitar cada dispositivo, uma para o ponto central entre os últimos pilões, e uma para a detonação. Dessas duas cuido eu mesmo. Ahmed, você fica com a primeira válvula; Fa'ad, a segunda; Shasif, você cuida da terceira e da quarta. Quando eu instalar minha carga, recuo e coço a cabeça. Disparem os cronômetros. Quatro minutos exatos. Lembrem: caminhem para o caminhão. Não corram. Qualquer um que não esteja de volta quando a primeira carga disparar será deixado para trás. Alguma pergunta? — Não havia nenhuma. — Alá esteja conosco.

# REFINARIA REPLAN BRASIL

Instalações  
da  
REPLAN

OLEODUTO

VÁLVULA ESD

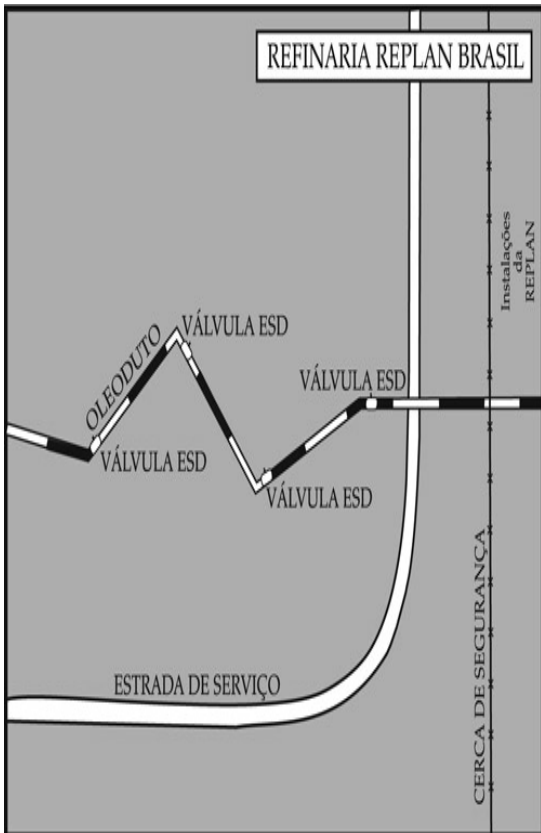
VÁLVULA ESD

VÁLVULA ESD

VÁLVULA ESD

ESTRADA DE SERVIÇO

CERCA DE SEGURANÇA



Saíram todos juntos, caminhando casualmente e batendo papo, tal como qualquer grupo de manutenção faria para suportar melhor um turno noturno. A 200 metros do bosque, alcançaram a primeira ESD. Ahmed se separou e se ajoelhou atrás da válvula do tamanho de um barril, depois foi a vez de Fa'ad e, finalmente, a de Shasif.

— Vejo vocês de volta no caminhão — disse Ibrahim, e continuou andando.

A estrada do perímetro estava 50 metros adiante. Uma picape branca apareceu à direita, andando vagarosamente enquanto o guarda passageiro lançava o facho de uma lanterna na cerca. Ibrahim verificou o relógio. *Cedo. Quinze minutos mais cedo!* O agente deles, Cassiano, tinha lhes dado certeza sobre os horários e as rotas da segurança da refinaria. Ou ele estava errado ou a rotina havia mudado. Se fosse o último, qual a razão? Rotina ou algo mais? Essa picape da segurança, Ibrahim sabia, percorreria a estrada do perímetro, depois sairia pelo portão oeste da instalação antes de contornar ao norte novamente até passar pela porteira de gado por onde Ibrahim e os demais haviam entrado. Quando os guardas não vissem nenhuma picape ali, como reagiriam? Ibrahim decidiu que o melhor era não descobrir.

Tinham 12 minutos. Digamos mais quatro minutos para colocar as cargas e oito para percorrer de volta o quilômetro e meio até o portão de gado. Seria muito apertado. Ou, pensou, havia outra opção.

Com o coração disparado, diminuiu os passos. O mesmo fez a picape, quase parando. Ibrahim levantou o braço em saudação e disse em português:

— Boa noite! — Inclinou levemente as costas, só para sentir se a Glock estava no lugar.

Depois de longos cinco segundos, o motorista acenou de volta.

— Como estão as coisas?

Ibrahim deu de ombros.

— Bem. — E começou a andar despreocupado na direção da picape. *Quanto me aproximo?*, perguntou-se. Para matar os dois homens antes que tivessem a chance de alcançar o rádio, deveria estar dentro de 10 ou 12 metros. Será que suspeitariam de seu rosto ou do uniforme? Atacar logo e começar a disparar? *Não*, decidiu. A picape iria disparar. Ibrahim parou de andar.

— O que você está fazendo? — perguntou o motorista.

— Verificação de soldas — respondeu Ibrahim. — Nosso chefe decidiu achar algo para a gente fazer.

O motorista deu uma risadinha.

— Sei como é. Até logo.

A transmissão engatou, e a picape avançou. E então parou. As luzes de ré acenderam, e o carro voltou até emparelhar novamente com Ibrahim.

— Você veio pelo portão de gado? — perguntou o motorista.

Com o coração na boca, Ibrahim assentiu.

- Havia uma picape por lá?
- Não vi nenhuma. Qual o problema?
- Paiva e Cabral não respondem o rádio.

Ibrahim apontou o polegar para os outros espalhados pelo oleoduto atrás dele.

- Os nossos também andaram estranhos esta noite.

— Manchas solares ou coisa assim — disse o motorista. — Sotaque interessante, esse seu. De onde é?

- Angola. Vivi lá até um ano atrás.

O motorista encolheu o ombro.

- Ok. Vá com calma.

A picape saiu e desapareceu na estrada. Ibrahim esperou até não ouvir mais o motor, e soltou a respiração. *Quase lá. Que Alá me guie.* Atravessou a estrada, escolheu o caminho pela calha de drenagem e subiu pelo outro lado. O muro agora estava à vista, 100 metros adiante. Passou pelo pilão final e começou a contar os passos. No meio do caminho, parou e se ajoelhou. O duto estava bem acima de sua cabeça. Podia escutar o gorgolejar do combustível através do aço.

A primeira carga, a maior das duas, pesava em torno de 250 gramas, mas cabia perfeitamente no bolso da calça cargo. A segunda carga, com 60 gramas, cabia na palma da mão. Ele ajustou o cronômetro digital da primeira carga para quatro minutos e dez segundos; a segunda, para cinco minutos. Comprimiu os olhos, fez rapidamente uma prece, levantou, fixou a carga principal na parte de baixo do duto, e ligou o cronômetro. Esperou dois segundos, saiu para o campo aberto, voltou-se e coçou a cabeça. Esperou o suficiente para que todos os três vissem seu sinal, depois acionou o cronômetro da segunda carga e a enfiou no estojo feito com plástico-bolha e fita adesiva.

Jogou o pacote por cima do muro e começou a andar.



Hendley, Granger e Rick Bell passaram parte da tarde e o começo da noite interrogando Dominic na sala de conferências. Jack Jr. e John Clark sentaram em cadeiras perto da parede e escutaram. Jack era da família e um bom amigo, e, apesar de Dominic parecer estar lidando bem com a situação, Hendley pensou que a presença de Jack poderia ser útil. Quanto a Clark, Hendley queria seu olhar profissional.

Jack observou cuidadosamente o primo enquanto ele levava Hendley e os demais pela missão em Trípoli: o encontro inicial com Archie, a entrada dos dois em Medina para pegar Bari, a viagem até a casa de Almasi, e finalmente a morte de Brian. A cada passo Dominic respondia as perguntas de modo sintético, mas completo, jamais perdendo a paciência e nunca hesitando. E sem mostrar nenhum traço de emoção, percebeu Jack. Seu primo não mostrava afeição nem no rosto nem na linguagem corporal. Estava completamente sem emoção.

— Fale novamente sobre Fakhoury — disse Sam Granger.

— Segundo Bari, era de nível inferior, simplesmente um executor. Decidimos que Almasi era um alvo melhor. Não queríamos nenhuma testemunha do desaparecimento de Bari, então conversamos sobre o que fazer com ele.

— E a decisão foi matá-lo?

— Ambos decidimos. Eu não tinha tanta certeza, mas Brian... Os argumentos dele faziam sentido.

— Foi você quem executou?

Dominic meneou a cabeça.

— Brian.

— Contando com Fakhoury, quantos mortos? — perguntou Bell.

— Seis. Quatro por nós.

— Vamos avançar até a casa de Almasi — disse Hendley.

Dominic repassou tudo novamente: estacionando na pedreira... infiltrando na casa de Almasi... o computador e o cofre... Brian atingido... O tiroteio e a retirada deles. Aí Dominic vacilou.

— O resto vocês sabem.

— Contagem de corpos — solicitou Granger.



— Cinco.

— Algum ferido?

Dominic sacudiu os ombros.

— Não quando deixamos a casa.

— O que isso quer dizer? — perguntou Rick Bell.

— Quer dizer que nos asseguramos de não deixar testemunhas. Não há como o CRO saber quem ou como aconteceu. Isso é uma das coisas importantes no que fazemos, certo?

Hendley assentiu.

— Certo. — Olhou para Bell e Granger. — Algo mais? Os dois homens fizeram que não com a cabeça. — Muito bem, Dom, obrigado.

Dominic se levantou para sair.

— Dom, sentimos muito por Brian — disse Hendley.

Dominic simplesmente assentiu.

— Vou mandar um carro levar você em casa.

— Não, vou achar um sofá e desabar.

— Se quiser, fazemos os arranjos para Brian... — falou Granger.

— Eu farei isso.

Dominic saiu, fechando a porta atrás de si. Hendley disse:

— Jack?

— É difícil dizer. Nunca o vi assim, mas a verdade é que não é exatamente uma situação comum. Para ninguém. Acho que ele está simplesmente atordoado. Exausto. Viu o irmão morrer no seu colo; e, certo ou errado, deve se sentir terrivelmente culpado por isso. Quando a ficha cair, ele vai desabar, e depois se recompor.

— Você concorda, John?

Clark levou um tempo para responder.

— Com a maior parte, sim, mas é um homem diferente, com certeza. Algum interruptor mudou de posição.

— Explique — pediu Bell.

— Ele estava em cima do muro quanto a liquidar Fakhoury. Brian teve que convencê-lo disso, e provavelmente fez ele mesmo o serviço porque sabia que Dom não estava preparado. Três horas depois, na casa de Almasi, Brian leva um tiro e Dom liquida homens feridos antes de sair da casa. Isso é passar do dia para a noite muito rapidamente.

— Então vamos supor que você esteja certo sobre esse interruptor — disse Hendley. — É algo ruim?

— Não sei. Depende de como, ou se, ele se restabelecerá. Nesse instante está com aquele olhar no nada. É aí que os operadores tomam um de dois caminhos: aprendem a lidar com o trabalho e colocam a coisa em perspectiva ou deixam que ela os devore.

— Ele vai estar bem para o trabalho de campo?

— Isso não é uma ciência exata, Gerry. Todo mundo é diferente.

— Na sua opinião. Ele estará bem para o campo?

Clark pensou no assunto.

— Não por conta própria.

— O que sabemos sobre o que Dom trouxe para casa? — perguntou Hendley a Rick Bell.

— Um pen drive cheio com os arquivos do computador de Almasi e um CD-ROM. Vamos levar algum tempo para filtrar os arquivos. O CD-ROM é uma mina de ouro: 365 imagens em JPEG de tabelas de uso único, grades 9x9 com os caracteres alfanuméricos de substituição. Não sei exatamente a matemática disso, mas estamos falando de cerca de milhões de combinações diferentes.

— Cerca de um ano de permutações — disse Hendley. — Uma para cada maldito dia. Por favor, me diga que estão datadas.

Bell sorriu.

— Pode apostar seu rabo. Vão até uns dez meses atrás, o que quer dizer que, a menos que puxem a tomada, temos ainda dois meses de futuras tabelas em nossas mãos.

— Então é assim que eles estão fazendo — murmurou Jack.

— O quê? — perguntou Clark.

— Estão duplicando tudo. Usam a esteganografia para embutir as tabelas em imagens do site. Os receptores baixam a imagem do site, usam um programa para descascar a camada esteganografada, e conseguem a tabela diária. Depois disso, são só números: vá até um fórum em um site do CRO, ache a postagem com uma fila de um par de centenas de combinações letras-números, passe pela tabela e você sai com as ordens do comando em mãos.

— Acompanhei a maior parte do seu raciocínio — disse Granger —, mas não a ideia do fórum. Não acho que o CRO iria disparar uma mensagem como essa. Querem que a mensagem alcance apenas os receptores que desejam. Sabemos que não é por e-mail, certo?

— Duvidoso. O tráfego do CRO está praticamente morto.

— E que tal e-mail on-line? — sugeriu Bell. — Google, Yahoo!... Agong Nayoan tinha uma conta do Google, não é, John?

— Sim, mas os nerds da tecnologia da informação peneiraram isso. Nada por ali. Meu palpite é: se o CRO entrou em silêncio de rádio em suas contas normais de e-mail, provavelmente baniram também as contas on-line.

— Então, o que eles precisariam ter — disse Hendley — é um hub. Algum lugar que alguém pode verificar todos os dias e ver se há mensagens só para ele.

— Puta merda — disse Jack. — É isso. — E começou a digitar em seu laptop. — Armazenamento de arquivos on-line.

— O que é isso mesmo? — perguntou Clark.

— São sites que oferecem backup para armazenamento de arquivos. Digamos que você tem um monte de músicas em MP3 e se preocupa em perdê-las caso seu computador dê pau. Você faz uma assinatura em um desses sites, sobe os arquivos, e eles ficam lá nos servidores.

— E quantos sites desse tipo existem por aí?

— Centenas. Em alguns é preciso pagar, mas a maioria é grátis se você lida com arquivos pequenos, qualquer coisa com menos de 1 gigabyte de dados.

— Que significa quanto?

Jack pensou por um instante.

— Digamos um arquivo padrão do Microsoft Word... Um gigabyte pode conter meio milhão de páginas.

— Droga.

— Mas aí está a beleza da coisa. Algum cara do CRO em Tanger faz o login em um desses sites, sobe um documento de texto com uma cadeia de algumas centenas de números, e então outro sujeito no Japão faz o login, baixa o arquivo, apaga do site, depois enfia os números numa tabela de uso único esteganográfica que recebeu do site do CRO e pronto, recebeu sua mensagem.

— E o que é preciso para assinar um desses sites? — indagou Hendley.

— Os que são grátis... um endereço de e-mail, e isso é a coisa mais fácil. Droga, existem lugares na internet que fornecem um endereço de e-mail que se autodestrói depois de 15 minutos.

— Isso é que é anonimato — disse Rick Bell. — Escutem, aceito isso tudo. Faz sentido, mas o que podemos fazer a respeito?

A porta da sala de conferências abriu e Chavez entrou.

— Tem algo que vocês vão querer ver. — Pegou o controle remoto da televisão, ligou a tela plana de LCD e colocou na CNN. O âncora estava no meio da frase.

— ... novamente, este é um sinal de televisão vindo do Brasil, através do helicóptero da Record News. A conflagração começou logo depois das oito da noite, hora local...

Jack se inclinou na cadeira.

— Deus do céu.

O helicóptero parecia estar filmando a uma distância de mais de 8 quilômetros, mas dois terços da tela estavam ocupados por chamas flamejando e grossos rolos de fumaça preta. Através da fumaça era possível ver algumas estruturas verticais e alguns dutos entrecruzados, além de tanques de armazenamento redondos.

— É uma refinaria — disse John Clark.

O âncora falava novamente:

— Segundo a Record News, o local do incêndio é uma refinaria da Petrobras conhecida como Replan de Paulínia. Paulínia é uma cidade de 60 mil habitantes, localizada cerca de 128 quilômetros ao norte de São Paulo.

Hendley se virou para Jack:

— Você pode...

Jack já estava com o laptop aberto.

— Já estou procurando.

— ... A Replan é a maior refinaria do Brasil, cobrindo cerca de 7 quilômetros quadrados e com uma produção de quase 400 mil barris por dia...

— Acidente? — sugeriu Rick Bell.

— Acho que não — respondeu Clark. — Sete quilômetros quadrados equivalem a cerca de três milhas e meia quadradas. O complexo está quase totalmente envolvido pelas chamas. Olhem, quando eu ainda estava aprendendo as coisas, fazíamos jogos de guerra desse tipo o tempo todo. As refinarias são alvos saborosos, mas são necessárias praticamente uma meia dúzia de bombas guiadas a laser para incendiar todo o complexo. Droga, nossas refinarias têm quase 35 anos e você pode contar em uma só mão o número de acidentes ocorridos. São muitos sistemas de emergência e backup.

Digitando no laptop, Jack disse:

— Paulínia é bem nova. Menos de 10 anos.

— Quantos trabalhadores?

— Pode chegar a mil. Talvez 1.200. É o turno noturno, de modo que há menos pessoal na administração, mas provavelmente estamos falando de pelo menos quatrocentas pessoas presentes.

— Ali — disse Clark. — Bem ali... — Ele levantou e foi até a televisão, apontando para uma área dentro do complexo da refinaria. — Essas chamas estão se movendo: isso é líquido, e a quantidade é grande.

Enquanto observavam, o helicóptero da Record News se aproximou das chamas, girando ao redor da refinaria até o lado norte aparecer.

— Muito bem, já saquei. Paulínia também é o terminal para um oleoduto de etanol. Vem do norte — falou Jack.

— Sim, estou vendo — disse Rick Bell. Foi até a televisão e apontou para um ponto no perímetro norte do complexo. Logo antes da cerca, o oleoduto estava aberto, emitindo um gêiser de etanol incendiado.

— Sim — concordou Clark. — E tiveram que liquidar alguns dispositivos de segurança... — Traçou com o dedo para o norte ao longo do oleoduto até chegar a um ponto de chamas isolado. — Aqui está um.

— E mais três linha abaixo — acrescentou Granger. — Quanto de oleoduto temos aí?

— Mais ou menos 800 metros — respondeu Clark.

— Algo em torno de 10 mil galões — disse Jack, levantando o olhar do laptop.

— O quê? — disse Chavez.

— Esse oleoduto transporta uns 3 bilhões de galões por ano. Faça as contas e essa seção provavelmente continha cerca de 10 mil galões, digamos o suficiente para encher um caminhão-tanque. Um tanto disso encharca o chão, mas é preciso calcular

que uns 7, talvez 8 mil galões foram jogados no complexo.

— A coisa toda vai pelos ares — disse Clark. — Os tanques de mistura e armazenamento... as torres. Vão começar a cozinhar.

Enquanto Clark dizia essas palavras, a câmara do helicóptero captou um trio de explosões, cada uma mandando uma nuvem em forma de cogumelo de chamas e fumaça negra a 1.600 metros pelo ar.

— Terão que evacuar toda essa maldita região — disse Sam Granger. — Então concordamos: isso não foi um acidente.

— Não há como. Foi preciso muito planejamento para isso. Um bocado de serviço na área e muita informação — replicou Clark.

— CRO? — especulou Chavez.

— E por que no Brasil? — perguntou Hendley.

— Acho que não tem nada a ver com o Brasil — disse Jack. — Isso está dirigido a nós. Kealty acabou de assinar um acordo com a Petrobras. Petróleo brasileiro com preços abaixo dos da OPEP. Eles estão com petróleo saindo pelo ladrão: os campos Lara e Tupi sozinhos podem colocar as reservas do Brasil por volta de 25 bilhões de barris. Isso é parte da equação. A outra parte é o quanto a Petrobras está atrasada na construção de refinarias. Paulínia era o carro-chefe. O novo complexo no Maranhão vai processar 60 mil barris, mas não entra em operação em menos de um ano.

— Então o Brasil tem petróleo mas não tem como processá-lo — declarou Hendley. — O que significa que o nosso negócio entra pelo cano.

— Pelo menos por um ano. Talvez dois.

O e-mail de Jack tocou o aviso de mensagem recebida. Ele olhou-a.

— Biery conseguiu marcas de reconhecimento de rosto em algumas fotos de passaporte de Sinaga. Dois são indonésios que entraram por Norfolk há duas semanas: Cîtra e Purnoma Salim.

— Cîtra é um nome feminino — disse Rick Bell. — Marido e mulher?

— Irmão e irmã. Ele com 19 anos e ela com 20. Segundo os formulários da imigração, estão de férias. O terceiro é nada menos que nosso misterioso mensageiro. Shasif Hadi. Está viajando como Yaseen Qudus. Dois dias depois de o perdemos de vista a caminho de Las Vegas, Hadi pegou um voo da United de São Francisco para São Paulo.

— Puta coincidência — disse Sam Granger.

— Não acredito nisso — respondeu Hendley. — Sr. Chavez, o que acha de uma viagem até lá?

— Por mim, tudo bem.

— Você concorda em levar Dom?

Chavez pensou no assunto. Já vira muitos homens na mesma condição de Dominic: perturbados, culpados, jogando o “O que eu poderia ter feito de diferente?” na cabeça... Sentindo-se culpado pelo outro ter morrido, e culpado por estar contente de estar vivo... Era uma situação de merda, mas Chavez tinha visto o olhar do ex-

agente do FBI: Dominic estava ferido e à procura de vingança, mas ainda sob controle.

— Claro — disse Chavez. — Se ele topar, eu topo. Mas há uma questão: o que faremos quando chegarmos lá? O país é grande, e Hadi e seja lá mais quem estiver com ele provavelmente submergiram.

— Ou fugiram do país — acrescentou Clark.

— Vamos supor que ainda estejam lá — respondeu Hendley. — Jack, voltemos à pergunta de Rick: considerando que você esteja certo com essa história de armazenamento on-line, o que faremos com isso?

— Faremos um atalho — respondeu Jack. — Por enquanto, Hadi é o membro mais importante do CRO que temos na nossa mira, correto?

— Sim — respondeu Chavez.

— E sabemos que ele foi de Las Vegas para São Francisco antes de se dirigir para São Paulo, provavelmente para pegar seu passaporte como Qudus de Agong Nayoan, o que significa que os dois provavelmente têm um contato direto; pelo menos de modo que Nayoan pôde lhe dizer onde recolher o passaporte.

— Prossiga — disse Hendley.

— Nayoan é preguiçoso. Quando revistamos seu apartamento, descobrimos que ele nunca limpa o registro de seu navegador. — Jack girou o laptop para que todos pudessem ver. A tela mostrava um arquivo de texto com centenas de linhas de endereços de sites. — Enquanto conversávamos, estive peneirando isso aqui. Desde que o CRO entrou em silêncio de rádio, Nayoan visitou um site de armazenamento todos os dias, três vezes ao dia, e rumou para um site diferente a cada dois dias.

— Puta merda — disse Sam Granger. — Bom trabalho, Jack.

— Obrigado. Até aqui, Nayoan rodou por 13 sites de armazenamento. Dez a um que descobriremos isso no computador de Hadi.

— O que só nos leva até metade do caminho — disse Bell. — Temos que usar seu nome de usuário e senha.

— Estatística — respondeu Jack. — Oitenta e cinco por cento do pessoal que navega na internet usa seu e-mail como nome de usuário ou alguma variação do seu prefixo de e-mail, as coisas que vêm antes do sinal de arroba. Pedimos a Biery que monte um script, verificaremos cada site e tentaremos diferentes permutações do e-mail de Hadi. Quando descobriremos o certo, arrombamos a senha com força bruta. E, quando estivermos dentro, usaremos as tabelas que Dom descobriu no cofre de Almasi e começaremos a puxar as cordinhas de Hadi.

— Um problema — disse Hendley. — A coisa toda se baseia em que Hadi verifica seu site de armazenamento on-line.

— Então vamos dar um motivo a ele — disse John Clark.

— Em que você está pensando?

— Assustá-lo. Passamos uma dica anônima para a Record News. Uma descrição vaga de Hadi e alguns esboços de detalhes. Ele vê isso, entra em pânico e verifica se

há novas ordens. Nós asseguramos que haja algo esperando por ele.

— Tem um problema — disse Rick Bell. — Se os policiais brasileiros puserem as mãos nele antes de nós, ficamos na merda.

Clark sorriu.

— Sem colhões não se ganha o grande prêmio.

Hendley ficou em silêncio por um tempo.

— É um tiro no escuro, mas vale a pena. Jack, ponha Biery para trabalhar nisso.

Jack assentiu.

— E que tal os indonésios de Norfolk?

— Você e John.

— Detesto azarar as coisas, mas estou com uma sensação ruim sobre tudo isso — disse Chavez.

— Como assim? — indagou Granger.

— Essa história da refinaria é só a primeira peça.



Logo depois das nove da manhã, Musa passou por Yakima, em Washington, e dirigiu mais alguns quilômetros até Toppenish, onde saiu da rodovia e entrou na cidade. Achou um restaurante, algo chamado Pioneer Kitchen, e parou. O estacionamento estava apenas com um quarto da lotação. Os americanos, havia muito Musa aprendera, preferiam tudo com rapidez e facilidade, especialmente comida. Apesar de não ter visto nenhum, supôs que Toppenish tinha sua boa porção de McDonald's, Burger King e Arby's. Sempre em movimento, cuidando de seus importantes negócios, os americanos não sentavam para comer a menos que estivessem no sofá diante da televisão. Uma pílula para cada doença, e uma enfermidade para cada falha de caráter.

Achou uma vaga para estacionar próxima à porta da frente e entrou. O cartaz no balcão do caixa informava que ele podia sentar onde quisesse. Achou um reservado perto da janela, de onde podia ficar de olho no Subaru, e sentou. Uma garçonete com avental cor de mostarda e blusa branca se aproximou.

— Bom dia. Posso trazer café?

— Sim, por favor.

— Precisa de um minuto para olhar o menu?

— Não. Torrada, sem manteiga, e frutas.

— Claro, sem problemas. Volto já. — Retornou com uma xícara e uma jarra de café e saiu.

Atrás dele ouviu uma voz perguntar:

— Ei, aquele é o seu carro?

Musa se virou. Um policial uniformizado estava ali parado. Tinha seus 50 e tantos anos, cabelo escovinha e pança. Os olhos eram perspicazes, entretanto. Olhar de policial. Musa respirou fundo para se acalmar e disse:

— Desculpe?

— Aquele carro. É seu?

— Qual deles?

— Aquele econômico ali.

— O Subaru?



— Sim.

— A luz de leitura está acesa. Notei quando entrava.

— Oh, obrigado, não reparei. Não vou demorar. Acho que não vai arriar a bateria.

— Provavelmente não. Só por curiosidade: o que é aquela coisa na traseira? Parece uma caixa grande de iscas.

— Não vai acreditar em mim se lhe contar.

— Experimente.

— É uma máquina de raios X portátil para cavalos.

O policial resmungou.

— Nem sabia que existia uma coisa dessas. Para onde você vai?

— Faculdade de veterinária na UNLV, Las Vegas.

— Longa viagem.

— Confundiram a papelada, a companhia aérea não queria colocar no porão de carga. Decidi que uma viagemzinha de carro não ia me fazer mal. Além disso, ganho 50 centavos por quilômetro rodado.

— Bem, boa sorte.

— Obrigado.

O policial se afastou e sentou numa banquetta ao balcão. Alguns minutos depois a garçonete voltou com a torrada e as frutas de Musa.

— Willie andou se metendo nos seus assuntos?

— Desculpe?

Ela apontou o policial com o polegar.

— Willie é o chefe de polícia. Faz um bom trabalho, mas é enxerido demais. Ano passado terminei com meu namorado e Willie sabia disso antes da minha mãe.

*Vá embora, mulher.* Musa deu de ombros.

— Cidades pequenas.

— É isso. Desfrute seu café. Volto daqui a pouco para ver se você quer algo mais. — E saiu.

*Alá, dê-me paciência,* pensou Musa. Verdade seja dita, ele geralmente achava os americanos toleráveis, ainda que um tanto faladores. Se sua pele fosse mais escura ou se tivesse sotaque, provavelmente esse não seria o caso. O destino era algo estranho. Aquelas pessoas eram, por um lado, decentes e viviam despreocupadas, mas adoravam um falso deus, tentando dar sentido a uma existência que não tinha significado fora do islã. Os americanos adoravam suas “zonas de conforto”. A vasta maioria deles jamais havia saído e jamais sairia dos confins dos Estados Unidos, tão certos estavam de que o restante do mundo não tinha nada a oferecer, salvo talvez algum estranho lugar para passar as férias. Mesmo os acontecimentos do 11 de Setembro pouco fizeram para que os americanos abrissem os olhos para fora de sua bolha. Muito pelo contrário. Encorajados por seu próprio governo, muitos haviam se retirado mais para o interior de suas conchas, consolando-se com seus rótulos e

placitudes: islamofascista. Extremista. Malfetores que odeiam nossa liberdade. Aqueles que tentavam destruir os Estados Unidos.

Os Estados Unidos não podiam ser destruídos de fora, disso Musa tinha certeza. E o Emir fora presciente nesse sentido. Cada um dos impérios caídos ao longo da história apodrecera por dentro, e o mesmo seria verdade ali. Lutando em duas guerras intratáveis, uma economia bagunçada, fábricas e bancos gigantescos falindo... Essas condições podiam mudar com o tempo, talvez até melhorar, mas os historiadores do futuro marcariam esses acontecimentos como o início da decadência. A triste verdade era que os Estados Unidos não podiam ser destruídos, por si sós, de dentro ou de fora, e certamente não pelo esforço de mortais. Se isso acontecesse, viria pela própria mão de Alá, e no tempo de Sua escolha. E, ao contrário de todos os líderes que vieram antes dele, o Emir sabia a verdade contida nisso e havia ajustado sua estratégia de acordo.

*Mais quatro dias*, pensou Musa, o mundo aterrorizador que os Estados Unidos temavam tanto em manter distante desabaria sobre eles.

Clark e Jack tinham reservas em um voo às seis da manhã pela US Airways saindo de Dulles para Norfolk; Chavez e Dominic sairiam no voo noturno da Northwest para o Rio de Janeiro. Deviam pousar nos respectivos destinos mais ou menos na mesma hora.

Noventa minutos depois do começo do incêndio em Paulínia, quando os céus da costa leste começaram a escurecer com a fumaça, São Paulo fechou o espaço aéreo para todo tráfego. Hendley e Granger acharam isso de bom augúrio: com sorte, os agressores da refinaria não teriam chegado ao aeroporto antes destes fecharem. Era quase certo terem algum plano alternativo de evacuação, mas qual a rapidez que este poderia retirá-los do país era desconhecida.

Enquanto os demais estavam sentados na sala de conferências observando a cobertura de notícias de Paulínia, Jack encontrou Dominic sentado na sala de descanso, as mãos fechadas sobre a mesa diante dele. Olhava para o nada. Só quando Jack ficou parado diante dele, Dominic levantou o olhar.

— Olá, Jack.

— Ding já informou você? São Paulo?

— Sim.

— Se você não estiver preparado para o trabalho, tenho certeza de que...

— Por que eu não estaria?

A pergunta surpreendeu Jack.

— Acho que eu não estaria, se estivesse em seu lugar. Dom, ele era meu primo e eu o adorava, mas era *seu* irmão.

— E qual é a sua questão?

— Minha questão é: vinte e poucas horas depois da morte de Brian, você está de

novo no ar e, quando te pergunto sobre isso, você me dá uma resposta inesperada. É só um pouco estranho.

— Desculpe.

— Não estou procurando pedidos de desculpa. Quero que você converse comigo.

— Brian está morto, Jack. Sei disso, está bem? Vi a faísca de vida deixá-lo. — Dominic estalou os dedos. — Desse jeito. Sabe a primeira coisa que pensei depois disso?

— O quê?

— Que se não fosse por causa daquele idiota do Bari, Brian provavelmente ainda estaria vivo.

— Você acredita nisso?

— Na verdade, não, mas tive que me controlar ao máximo para não sair do carro e meter uma bala na cabeça do sujeito. Eu cheguei a colocar minha mão na maçaneta. Queria matá-lo, depois voltar à casa de Almasi e ver se algum daqueles filhos da puta ainda estava vivo para poder matá-lo também.

— Você estava em choque. Ainda se sente assim?

— Não sinto muita coisa, Jack. Isso é o que me assusta.

— Isso se chama choque. Você pode se sentir assim por algum tempo. Todo mundo reage de forma diferente. Você lida com isso do jeito que lida com isso.

— Sim, e o que faz você especialista nessa merda?

— Você ouviu falar de Sinaga?

— O falsificador? O que tem ele?

— Eu estava vigiando os fundos quando John e Ding arrombaram a porta dele. Ele pulou pela janela, e de repente veio para cima de mim com uma faca. Nós lutamos, eu segurei o pescoço dele e tropecei em alguma coisa. Quando vi, ele estava ali deitado, estrebuchando. Olhando para mim. Nem sei exatamente como, mas quebrei o pescoço dele.

Dominic ouviu tudo, mas seu rosto permaneceu impassível.

— Acho que é minha vez de perguntar como você se sente.

— Bem, acho — respondeu Jack. — Acho que jamais vou apagar o rosto dele da minha cabeça, mas era ele ou eu. Me sinto mal por isso, mas com certeza não me sinto mal por estar vivo.

— Então você está um ponto na minha frente, primo. Se pudesse trocar de lugar com Brian, eu trocaria.

— Está tentando me dizer alguma coisa?

— Tipo o quê?

— Tipo se eu vou precisar esconder todas as facas de churrasco da próxima vez que você for assistir futebol lá em casa.

— Não, Jack. Mas vou dizer uma coisa: antes de isso tudo terminar, vou me vingar por Brian, e vou começar em São Paulo.

Jack abriu a boca para responder, mas Dominic levantou a mão, impedindo-o.

— Primeiro a missão, Jack. Só estou dizendo que, se aparecer um babaca na minha mira, líquido o idiota e faço um traço por conta do Bri.

Fora os olhares estranhos de seus companheiros viajantes enquanto olhavam o tonel do GA-4 ao passarem por ele na rodovia, o primeiro dia de viagem de Frank Weaver transcorreu sem incidentes. Como aquele era um carregamento experimental, o tonel em particular era simplesmente uma concha sem nada dos escudos de nêutrons e raios gama que a coisa de verdade exigiria. Também não tinha decalques ou estênceis. Nada que indicasse seu propósito. Era simplesmente um halter gigante de aço inoxidável sobre um caminhão-plataforma. As criancinhas em particular estavam se divertindo muito, apertando as caras com olhar arregalado pelas janelas quando passavam.

Mais de 670 quilômetros e sete horas após sair da fábrica de Calloway, Weaver pegou a saída 159 da rodovia 70 e dobrou ao sul na Vine Street. O Motel Super 8 estava a uns 400 metros dali. Ele seguiu a placa CAMINHÕES ENTRAM POR AQUI para o estacionamento, então freou e parou entre as linhas amarelas de uma vaga para caminhões. Três outros ocupavam vagas vizinhas.

Weaver desceu da cabine e espreguiçou.

*Um dia já se foi,* pensou Weaver. *Faltam três.*

Trancou o caminhão, e depois deu uma volta, verificando cada uma das linguetas com cadeados e a tensão de todas as correntes. Tudo certo. Atravessou o estacionamento em direção ao saguão.

A 50 metros dali, um Chrysler 300 azul-escuro entrou em outra vaga. No assento dianteiro, um homem levantou um binóculo e observou Weaver passar pelas portas do saguão.

Como fazia quatro vezes por dia durante as últimas duas semanas, Kersen Kaseke ligou o laptop, abriu o navegador e foi até o site de armazenamento on-line de arquivos. Ficou surpreso ao ver um arquivo esperando em sua caixa de entrada. Era uma imagem JPEG de algum tipo de pássaro — um gaio-azul, talvez. Baixou o arquivo para a pasta de documentos de seu disco, apagou a foto do site e fechou o navegador.

Achou o arquivo, clicou nele com o botão direito do mouse, e selecionou “Abrir com... Image Magnifier”. Cinco segundos depois, uma janela abriu mostrando a imagem do gaio-azul, que passou de colorido a preto e branco antes de começar a granular. Primeiro vagarosamente e depois mais rapidamente, pedaços de pixels começaram a desvanecer. Passados trinta segundos, só sobraram duas linhas de pares alfanuméricos — 168 deles. Finalmente, Kaseke clicou duas vezes na tabela de uso diário e a abriu. A decodificação era tediosa, levando quase dez minutos, mas,

quando terminou, tinha duas linhas de texto:

**Domingo. 8:50 da manhã**

**Igreja Congregacional do Coração Aberto**

*Uma Igreja Cristã*, pensou Kaseke. Muito melhor que uma biblioteca ou mesmo uma escola. Sabia onde se localizava e suspeitava que, como quase todas as igrejas em Waterloo, essa tinha vários serviços matinais. O horário de oito e cinquenta seria o momento aproximado em que as pessoas estariam saindo do primeiro serviço e chegando para o segundo. Dando alguns minutos para os membros recolherem suas coisas e se dirigirem para a porta... Nos reconhecimentos anteriores, ele estudara as idas e vindas dos membros da igreja. Eles gostavam de se reunir na porta entre os serviços, apertar as mãos, rir e conversar sobre seja lá o que fosse. Tanta frivolidade. O que passava por devoção ali era uma desgraça.

*Oito e cinquenta. Sim, era perfeito.* Haveria mais de cem pessoas paradas nos degraus e na calçada. Entretanto, provavelmente com a presença de crianças, e Kaseke não gostava especialmente dessa parte. Mas Alá o perdoaria. Sacrificar alguns pelo bem maior era aceitável.

Era noite de sexta-feira. Ele usaria a maior parte do sábado para determinar a localização, e durante a noite se asseguraria de que o disposto estava em ordem. Isso não levaria muito tempo, sabia. Seu trabalho seria simples: plantar o dispositivo, ajustar o timer e achar um bom ponto de observação para acompanhar os resultados.



O incêndio fora magnífico, pensou Shasif Hadi. Mesmo a 5 quilômetros de distância, o céu acima da copa das árvores brilhava quase como o sol. E então vieram as explosões, grandes cogumelos de chamas e de fumaça negra ascendendo silenciosamente para o céu, seguidas alguns segundos depois por um rugido tão forte que Hadi conseguiu senti-lo subindo pela estrada, através dos pneus do carro, e sacudindo o assento. *Através de nós quatro*, pensou Hadi, *a mão de Alá atacou e destruiu aquela refinaria.*

Após instalar as cargas, fizeram como Ibrahim instruiu e caminharam um a um de volta pelo oleoduto até o bosque onde trocaram os macacões. Sem maiores explicações, Ibrahim ordenou:

— Corram! — E saiu disparado. Estavam a 200 metros do portão de gado quando a primeira carga disparou.

Olhando pela janela traseira do carro, Hadi observou a explosão sincopada das válvulas, seguida pela explosão da carga maior e depois nada por mais 110 segundos, salvo pela sirene Klaxon de alarme da refinaria. Equipes de resposta de emergência provavelmente teriam alcançado o oleoduto destruído quando a carga final inflamou o etanol que se espalhava como uma onda da maré pelo complexo. Esses homens provavelmente morreram instantaneamente. Uma morte quase indolor, era o que Hadi esperava. O Brasil era um país principalmente cristão, o que o tornava inimigo do islã, mas isso não significava que não merecessem compaixão. Se sofressem, era a vontade de Alá; se pervessem rapidamente, também seria a vontade de Alá. De qualquer modo, ele e os demais tiveram sucesso na missão.

Uma vez no portão, dirigiram a picafe para o meio das árvores, depois voltaram para o Volkswagen e saíram, fechando o portão atrás deles. Cerca de noventa segundos depois estavam de volta ao carro de Hadi. Prosseguindo com o plano, Hadi seguiu Ibrahim e os demais até onde Fa'ad deixara seu carro, numa estrada de terra a alguns quilômetros dali. Quando chegaram lá, Ibrahim saiu e acenou para que Hadi fosse até ele.

— Esqueçemos de levar em conta um detalhe significativo — disse-lhes Ibrahim. — O vento.

— Não compreendo — disse Ahmed.

Ibrahim apontou para o oeste, na direção da refinaria. As chamas alcançavam agora centenas de metros, e estavam encimadas por um teto de fumaça negra e espessa. Enquanto observavam, podiam ver a fumaça se deslocando ao vento na direção sudeste.

— Está indo na direção de São Paulo. Logo fecharão o aeroporto, se já não fecharam.

— Ele está certo — replicou Hadi. — Ainda assim, de todos os erros que poderíamos ter cometido, esse é o que menos me preocupa. Se conseguirmos escapar, muito bem. Se não, morreremos sabendo que cumprimos nosso dever.

Fa'ad soltou um risinho e falou:

— Você tem razão, é claro, mas prefiro estar vivo para ver o resultado de nossos esforços. Que Alá perdoe minha vaidade.

— O que tiver que ser, será — declarou Ibrahim. — Ainda temos uma oportunidade. Vocês conhecem a rota alternativa. — Verificou o relógio. — Nos encontraremos amanhã ao meio-dia, no Jardim Botânico do Rio. Se, por alguma razão, alguém se atrasar, nos encontraremos na localização secundária, quatro horas mais tarde. Boa sorte.

Apesar de nenhum dos dois ter dormido mais que duas horas antes de deixar o aeroporto, o horário de embarque do voo, aquele ponto entre a madrugada e o amanhecer, deixava ambos agitados. A boa notícia era que não acharam assentos na classe econômica, de modo que viajavam na primeira classe por conta do Campus. E o café também não era tão ruim.

— Sabe, ainda não saquei a coisa, John — disse Jack.

— Como assim? — replicou Clark.

— Esses dois que estamos procurando... o irmão e a irmã. Mal saíram da adolescência. O que os leva a virem para outro país e matar pessoas que jamais conheceram?

— Antes de qualquer coisa, não sabemos de nada além do fato de terem entrado com passaportes falsos.

— Talvez sim, mas as chances indicam que não vieram para jogar vôlei.

— Concordo. Mas eu sempre disse que, nessa nossa linha de trabalho, é melhor esperar para ver como são as coisas. Palpites podem ser muito convenientes, mas também podem matar.

— Sei.

— Mas, para responder sua pergunta, não acho que exista uma resposta. Pelo menos não uma resposta simples. O que você está perguntando é: como são feitos os terroristas? Pobreza, desesperança, fervor religioso equivocado, a necessidade de sentir que faz parte de algo maior que você mesmo... Pode escolher.

— Droga, John, assim você quase soa condescendente.

— E sou. Até o ponto em que essas motivações levam alguém a pegar uma arma ou preparar uma bomba. Daí em diante, as apostas se anulam.

— E então o quê? Você simplesmente desliga a empatia?

— Isso é com você, Jack, mas parte desse tipo de trabalho é a disposição para usar antolhos. Lidar com o que está diante de você. Todo terrorista tem mãe e pai. Talvez filhos, talvez pessoas que o amam. Droga, em seis de cada sete dias ele pode ser um cidadão decente, mas naquele dia que decide pegar uma arma ou plantar uma bomba passa a ser uma ameaça. E, se você for o sujeito que está entre ele e vidas inocentes, é só com essa ameaça que deve se preocupar. Percebe o que estou dizendo?

Jack assentiu.

— Sim, acho que sim. — Mesmo que no mundo real existam graduações de cinza, quando chega a hora da verdade, só há espaço para o preto ou branco. Jack sorriu e brindou Clark com sua xícara de café. — Você é um sábio, John.

— Obrigado. Quando se envelhece, fica-se mais esperto. Pelo menos é assim que se supõe que funciona. Mas sempre existem exceções. Seu pai, por exemplo. Ele é sábio para além da idade. Soube disso logo que o conheci.

— É, quando foi isso?

— Boa tentativa, Jack. Você já conversou com ele?

— Sobre o Campus? Sim, quando voltávamos de Andrews. No começo ele ficou puto da vida, mas depois a coisa ficou melhor do que eu esperava.

— Me deixe adivinhar: ele quer ser quem vai contar para sua mãe?

Jack assentiu.

— E cá entre nós, fiquei bem contente. Meu pai é um filho da mãe durão, mas minha mãe... Ela tem aquele olhar... Aquele olhar que só uma mãe tem, sabe?

— Ah-hã.

Ficaram em silêncio por algum tempo, bebericando o café.

— Ando pensando sobre o Dom — disse Jack.

— Ele vai sair dessa. Mas você tem que lembrar que, salvo talvez por você, a transição dele foi a mais difícil. Era um agente do FBI e se transformou em espião. De uma agência que trabalha com regras e regulamentos para uma corretora falsa que caça bandidos à margem da lei. E agora isso com Brian... — Clark deu de ombros. — Não importa o jeito como você olha, é uma merda.

— Só estou pensando se não é cedo demais para ele voltar à ativa.

— Ding não acha, e para mim isso é o suficiente. Para Gerry também. Além do mais, somos apenas quatro e há muita coisa a cobrir. — Clark sorriu. — Droga, lembre com quem ele está. Eu confiei minha filha a esse sujeito, Jack, e nunca lamentei isso. Ele vai garantir que Dom atravessasse bem essa etapa.

Apesar de separados por menos de 600 quilômetros, tanto Raharjo Pranata quanto



Kersen Kaseke havia semanas seguiam virtualmente a mesma rotina: ir para a escola, não despertar atenção e aguardar ordens. As de Pranata chegaram apenas horas depois das de Kaseke, durante a verificação final diária. Ele ficou tão surpreso ao ver o arquivo de texto na caixa de entrada do site de armazenamento que errou a primeira tentativa de decodificar a mensagem.

O local que escolheram para ele estava a menos de 1 quilômetro de seu apartamento. Ele passava por ali quase todos os dias. Ao se tratar de um alvo, era quase ideal: grande o suficiente para acomodar centenas de pessoas, e cercado de edifícios por todos os lados. O horário do ataque também fazia sentido. Pranata vira cartazes anunciando o evento por toda a cidade, apesar de não ter prestado muita atenção nos detalhes. Uma inauguração de alguma coisa. Uma estátua ou fonte. Não que isso importasse.

Dos três alvos que lhe disseram para preparar, esse era o que oferecia maior potencial para enormes baixas. Como era mesmo o ditado? Pescar em balde?

O mapa que usou na preparação foi fácil de obter, e vários deles foram adquiridos no centro de visitantes da cidade. O mapa topográfico ele baixara de um site popular de caminhadas, e, apesar de ele não ter o menor interesse nas trilhas locais, as elevações e as distâncias estavam claramente marcadas, e um passeio pela cidade com seu GPS portátil confirmou a precisão.

Uma vez que assegurou ter todos os dados necessários, simplesmente inseriu os números na equação adequada e copiou os parâmetros.

Agora vinha a parte difícil: esperar. Passaria o tempo treinando montar e desmontar seu equipamento.

O segundo dia de viagem de Musa foi relativamente curto, levando-o de Toppenish, em Washington, até Nampa, em Idaho, cujo único atributo digno de nota, segundo uma placa na entrada, era que aquela não apenas era a maior cidade do Canyon County, Idaho, com uma população de 72.249, como era a que crescia mais rapidamente. Outra placa na estrada, menos de 100 metros distante da primeira, proclamava também que Nampa era “um ótimo lugar para viver!”.

Quando planejava sua rota desde Blaine, Musa decidira que suas paradas para dormir deveriam ser em cidades de médio porte — nem tão grandes que a força policial fosse agressiva ou particularmente bem-treinada, nem tão pequenas, para que a chegada de um estranho de pele escura provocasse curiosidade indevida. Toppenish, com uma população de apenas 8 mil, poderia se classificar na última categoria, se não fosse por sua proximidade com Yakima. É claro, seu encontro com Willie, o enxerido chefe de polícia de Toppenish, havia plantado uma semente de dúvida na mente de Musa. A situação não tinha evoluído, é claro, e isso não aconteceria, mesmo que o policial o questionasse mais. Tal como a documentação falsa que ele havia mostrado ao inspetor da alfândega em Vancouver, Musa estava agora munido de

cartões de visita, papel timbrado e formulários com o carimbo da Universidade de Nevada, Las Vegas. Sua cobertura era essencialmente a mesma: um proprietário de cavalos rico e neurótico de Bellingham, que não confiava no equipamento de raios X do veterinário local.

A tarde já avançava quando ele saiu da rodovia 84/30 e entrou no estacionamento do Fairfield Inn & Suites. Desligou a ignição, depois abriu o mapa de viagem que estava no banco de passageiros. Ele não tinha escrito nada nem feito marcações. Não havia necessidade; ele sabia a rota e as distâncias de cor.

*São 965 quilômetros pela frente*, pensou Musa. Se desejasse, poderia começar cedo no dia seguinte e provavelmente cobrir a distância que faltava para Beatty, em Nevada, em um dia. Era tentador, mas decidiu não fazer isso. O Emir fora bem específico em suas ordens. Ele seguiria o cronograma.



Descendo 20 mil pés de altitude para pousar no Rio de Janeiro, Chavez e Dominic podiam ver a cortina de fumaça flutuando sobre São Paulo, 400 quilômetros ao sul do Rio. Ao norte de São Paulo, o incêndio continuava enfurecido em Paulínia. A caminho do aeroporto, na noite anterior, ouviram no noticiário que os bombeiros e o pessoal de resgate da área tinham mudado de estratégia, focando não na extinção do inferno na refinaria e sim em evacuação e contenção. O etanol havia parado de se espalhar no oleoduto uma hora depois da explosão inicial, mas nesse meio-tempo algo como 10 mil galões de combustível se derramaram na refinaria e, apesar de um tanto disso ainda estar queimando, o problema agora dizia respeito às dezenas e dezenas de tanques de mistura e armazenamento. A conflagração certamente se extinguiria em algum momento, porém os especialistas tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos não concordavam em quanto tempo isso levaria para acontecer. Alguns previam quatro dias, outros duas semanas ou mais. O ponto no qual não havia desacordo, entretanto, era no custo ambiental que o desastre provocava. A fuligem de petróleo já cobria campos e casas tão ao sul quanto Colombo. Emergências de hospitais estavam inundadas de pacientes se queixando de problemas respiratórios.

— Se isso não for o inferno na terra, não sei o que pode ser — disse Dominic, com olhos grudados na janela.

— Não vou discutir isso, cara. Como você se sente? — Ding cochilara em sono leve durante boa parte do voo, mas Dominic parecia ter entrado em coma até uma hora atrás.

— Melhor, acho. Eu estava destruído.

— Em mais de um jeito, *mano*. Sei que já disse isso, mas sinto muito sobre Brian. Era um bom soldado.

— Obrigado. Então, quando pousarmos, qual o plano?

— Ligar para casa e verificar no noticiário se a informação sobre Hadi já atingiu as ondas. Se já tiver, saímos à caça. Se não, nos agachamos e esperamos.

Após desembarcar e passar pela alfândega e pela imigração, foram direto para o balcão da Avis e se identificaram. Dez minutos depois estavam parados no meio-fio, esperando o Hyundai Sonata ser levado até eles.

— Ar-condicionado? — perguntou Dominic.

— Sim, mas câmbio manual. Não se pode ter tudo.

O Sonata verde-escuro dobrou a esquina. O atendente desceu, entregou os formulários para Chavez assinar, depois acenou e foi embora. Os dois entraram e partiram. Dominic tirou o telefone via satélite da bolsa e ligou para o Campus.

— Já descemos — disse a Hendley, e ligou o viva voz do telefone.

— Ótimo. Vocês estão no viva voz. Sam e Rick estão aqui também. Biery está chegando. — Dominic escutou a porta abrir, e depois a cadeira se arrastando. Biery disse: — Dom, você está aí?

— Sim. Nós dois.

— Estamos no negócio. Passamos por dez sites de armazenamento antes de conseguir um contato. Ele usa um site chamado filecуда.com. Tal como Jack sacou, Hadi usava uma variação de seu e-mail como login. Quebramos a senha em dez minutos. Até agora não há nada na conta.

— Montamos uma mensagem que acreditamos que porá Hadi em nossa direção. Sam vai dar os detalhes — disse Rick Bell.

Granger entrou na conversa:

— Estamos um tanto preocupados que o vazamento de notícias realmente assuste Hadi, portanto iremos dar passinhos, movendo-o de um lugar a outro. Ele vai estar de guarda, de modo que imaginamos que, se ele for ao primeiro ponto e não sofrer nenhuma emboscada, vai começar a ficar mais confortável com a ideia. Quando acharmos que ele está fígado, diremos a ele para encontrar um contato na Rocinha...

— Onde?

Ding respondeu:

— É português. Significa “pequena fazenda”. Por aqui, os bairros pobres são chamados de *favelas*, e a Rocinha é a maior do Rio.

— Estamos pensando em movimentá-lo duas, talvez até três vezes antes de enviá-lo para a Rocinha. Depende do tom de suas respostas. Vou mandar uma lista e horários para vocês via e-mail.

— Por que lá?

— A polícia do Rio não sobe lá a menos que seja absolutamente necessário. Fica mais fácil para vocês operarem.

— Quando vocês vão mandar a dica sobre Hadi? — perguntou Dominic.

— Dentro de uns quarenta minutos, por fax para a Record News. Enviaremos nosso próprio esboço e descrição. Esperamos que seja suficientemente claro para que Hadi se reconheça, mas vago o suficiente para evitar que ele seja capturado imediatamente.

— E que certeza temos de que irão usar o material? — perguntou Chavez.

— Sobrevivência do mais forte. Eles são um canal de notícias e estão brigando por audiência durante o maior desastre da história brasileira. Vão receber a dica como um presente divino — disse Hendley.

— Não tem como não gostar desse jornalismo selvagem — respondeu Ding.

— Aqui estamos ligados em todos os canais. Logo que a coisa entrar no ar, ligamos para vocês.

Dominic desligou. Para Chavez:

— Vamos à caça?

— Sem porra de dúvida. Mas preciso primeiro fazer uma parada. Conheço um cara que conhece um cara.

— Que sabe onde colocar as mãos em algumas armas.

— Isso aí.

Frank Weaver despertou às cinco da manhã, bebeu duas xícaras de café feito na cafeteira do quarto, depois leu o jornal por vinte minutos antes de tomar uma chuveirada e ir para o saguão para seu café da manhã continental grátis. Às sete e quinze estava arrumado e saindo pela porta.

Sua carreta estava no mesmo lugar onde a deixara, assim como o tonel, mas ele sabia que estariam. O DOE equipara o caminhão com um equipamento imobilizador. Se o motor fosse ligado sem uma chave, os sistemas de combustível se fechariam. Um belo detalhe. Quanto ao tonel, ninguém poderia sair correndo com aquela coisa. Talvez o King Kong, se sentisse falta de um de seus halteres, porém ninguém mais.

Fez sua volta de inspeção habitual, verificando as presilhas, os cadeados e as correntes. Não achando nada fora do lugar, destrancou a porta do motorista e subiu na cabine. Estava colocando a chave na ignição quando se deteve.

Alguna coisa...

No começo não conseguiu perceber o que era, mas lentamente foi compreendendo: alguém havia entrado no caminhão. Mas isso não era possível. Como tudo mais nessa carreta, a tranca da porta era especial. Era preciso mais que um ladrãozinho com gazua para abri-la. Weaver olhou ao redor. Nada parecia fora do lugar. Verificou o porta-luvas e o console central para ver se faltava alguma coisa. O mesmo com o compartimento de dormir. Tudo estava como ele deixara.

*Arma.*

Ele procurou embaixo do assento. O revólver calibre .38 estava lá, bem enfiado no coldre de couro fixado na armação do assento.

Weaver ficou sentado ali por meio minuto antes de dar de ombros e se livrar daquela sensação estranha. Talvez o café do hotel fosse mais forte do que ele pensava e o deixara resabiado.

Ligou a unidade de GPS no painel e esperou que fizesse o ciclo de autodiagnóstico, e depois abriu sua rota. O terceiro de quatro dias. Mais 500 quilômetros fáceis até Saint George, em Utah.

Tariq achou o Emir no banheiro, arrumando as poucas coisas que trouxera dentro de uma caixa.

— Depois que eu gravar meu testamento e sair para encontrar Musa, queime estas coisas.

— Farei isso. Tenho duas peças de informação. Cada um dos quatro homens de Nayoan confirmou o sinal de avançar. O primeiro será em Waterloo, domingo de manhã.

— Ótimo.

— Segundo: nosso homem interceptou o caminhão sem problemas. Já temos a rota do motorista, incluindo paradas de descanso e abastecimento. Está com a chegada prevista entre duas e meia e três horas da tarde, depois de amanhã.

O Emir assentiu e fechou os olhos, mentalmente se lembrando do cronograma.

— Está perfeito, meu amigo. Musa estará no lugar pelo menos com quatro horas de antecedência. Vá preparar a câmera. Já é hora.



Quando Clark e Jack saíram do avião e receberam o carro alugado, já eram sete da manhã: hora do desjejum e de uma chamada para casa. Armados apenas com o nome dos irmãos — Citra e Purnoma Salim —, e com a data da chegada deles em Norfolk, Clark e Jack não tinham escolha senão depender do Campus para lhes dar um ponto de partida.

Pararam em um restaurante a 1,5 quilômetro ao sul do aeroporto na Military Highway, sentaram num reservado e pediram café, ovos e panquecas. Enquanto esperavam, Clark ligou para Rick Bell.

— Só temos o hotel que os Salim relacionaram no formulário de entrada — disse ele a Clark. — Se não se registraram lá, temos que apelar para a criatividade. A embaixada indonésia em Washington mantém uma lista de seus cidadãos viajando ou em férias nos EUA, mas, como eles vieram com um passaporte falso, é cara ou coroa se entraram no sistema.

— Vamos começar com o hotel — disse Clark. — Eles tiveram que dormir em algum lugar.

Bell lhes informou o nome do hotel e desligou.

— Econo Lodge em Little Creek — contou Clark a Jack. — Encha a barriga. Provavelmente vamos andar muito hoje.

Acharam o Econo Lodge a 3 quilômetros da Base de Veículos Anfíbios, e a uns 400 metros do canal de Little Creek.

— O SEAL está na base de anfíbios, certo? — perguntou Jack.

— Sim. Grupo Dois de Guerra Especial: Equipes Dois, Quatro e Oito, mais uma equipe de SDV, de veículos lançadores de nadadores.

— Sente falta?

— Às vezes, mas geralmente não. Sinto falta principalmente das pessoas, e do trabalho, mas também houve momentos bem feios.

— Se importa de elaborar mais?

Clark deu uma olhadinha de lado e sorriu.

— Não. É da natureza do que os SEAL fazem, Jack. Vão para lugares onde ninguém mais quer ir e fazem o que ninguém mais pode fazer. Atualmente chamam esses lugares de “áreas negadas”. Na nossa época, chamávamos de “território indígena”. O SEAL anda recebendo agora muito mais atenção do que na época em que eu fazia parte, e quanto mais, pior, no que me diz respeito. Quanto menos as pessoas falarem sobre isso, melhor para o trabalho.

— Então, o que mudou?

— Na verdade não sei. Mantenho contato com alguns caras que ainda estão lá, e eles também não sabem definir bem. Recebem um bocado de garotos que chegam pensando que vão correr na praia, fazer flexões e sair com o Budweiser. — Aqui Clark estava se referindo à insígnia tridente do SEAL. — Geralmente esses não duram nem uma semana.

— O joio do trigo — observou Jack.

— A uma média de 75 por cento. Bem, chegamos... — Clark saiu pelo Shore Drive e estacionou ao lado do saguão. — Pode ser que tenhamos que forçar um pouco para conseguir a informação que precisamos.

— Você guia, eu sigo.

Entraram e foram para o balcão de recepção. Uma garota loura, no começo dos seus 20 anos, com bronzado artificial disse:

— Bom dia.

— Bom dia. — Clark tirou seu distintivo de delegado federal e o exibiu rapidamente. — U.S. marshal. Procurando por um casal de jovens que se hospedaram aqui há algumas semanas.

— Opa. O que eles fizeram?

— Depende da rapidez com que os encontrarmos. Depois da meia-noite vamos ter que emitir um mandado de testemunha material contra eles. Por enquanto só queremos detalhes sobre um caso antigo. Os nomes são Salim: Cîtra e Purnoma Salim.

— Isso soa árabe. — Ela torceu o lábio.

— O que você quer dizer?

Clark colocou um pouco de dureza na voz. A garota se encolheu e disse:

— Nada, desculpa. Hã... Então vocês só querem saber se eles estiveram aqui?

— Para início de conversa.

A garota se sentou no computador e começou a digitar no teclado.

— Tem uma data?

— Um dia a mais ou a menos — disse Clark a ela.

— Muito bem, sim, aqui estão eles. Ficaram por uma noite e saíram.

— Dinheiro ou crédito?

— Pagaram com dinheiro, mas anotamos um cartão de crédito para o caso de danos.

— Está aí no seu arquivo?



— Não sei se posso informar isso. Posso me meter em confusão, não é?

Clark deu de ombro.

— Sem problemas, compreendo. — Voltou-se para Jack. — Ligue para o vice-procurador geral.

Jack não perdeu a deixa. Tirou o celular, apertou a discagem rápida e foi para o outro lado da sala.

— O que é isso? — perguntou a garota.

— O vice-procurador geral. Vou precisar do seu nome para o mandado.

— Hã?

— Temos que emitir o mandado para um indivíduo específico. É assim que funciona. Vou precisar também do nome do seu chefe. Então, qual é o seu nome?

— Lisa.

Para Jack, Clark informou:

— Lisa... — Jack assentiu e disse o nome dela no telefone. Clark, de volta para a garota: — Me diga seu sobrenome e número do registro no Seguro Social.

— Hã, espera. Espera um segundo... Então vocês só precisam da informação do cartão de crédito?

— Sim, mas não se preocupe com isso. Vamos ter uma equipe aqui em vinte minutos. A que horas você sai?

— Às nove.

Clark deu um risinho.

— Desculpe, mas hoje não vai ser assim.

Lisa digitava novamente o teclado.

— Eles usaram um Visa, número...

— Bem bolado — disse Jack, quando voltaram para o carro.

— Ninguém quer ser aporrinhado. Eu chamo isso da teoria do pequeno-grande. Faça com que o favor que você pediu pareça bem pequeno e as consequências bem complicadas. Então, o que você achou? Seu tipo?

— Ela? Bonitinha, mas algo me diz que não é exatamente o tipo que consegue fazer palavras cruzadas.

Clark riu.

— Então você se guarda para uma garota com beleza e cérebro.

— Algo errado com isso?

— Nada. Pegue o cartão. Ponha Bell para trabalhar nele.

Levou vinte minutos.

— Não houve mais despesas com motel, mas no dia em que fizeram o check-out peguei meia dúzia: lojas de suvenires, McDonald's, Starbucks... Só coisas ocasionais,

e apenas nesse dia. Estou mandando os detalhes e um mapa do Google.

— Para que o mapa? — perguntou Jack.

— Todas as despesas estavam dentro de 1 quilômetro quadrado uma da outra.

Jack desligou e deu as notícias a Clark.

— Trocaram de cartão de crédito, trocaram de nomes — disse Clark. — Bom sinal.

— Como assim?

— Cidadãos corretos não fazem isso, Jack.

O sinal de e-mail no celular de Jack tocou, e ele verificou.

— Para onde vamos? — perguntou Clark.

— Virginia Beach.

— Muito bem, pessoal, temos que tomar uma decisão — disse Sam Granger. — Texto simples ou codificado?

Granger, Hendley e Bell estavam discutindo o assunto havia mais de uma hora. Com Hadi e sua equipe tendo submergido depois do ataque a Paulínia, e com o CRO trocando diariamente suas tabelas de uso único, será que Hadi tinha condições de decodificar mensagens? Mais ainda: será que tinham condições de “desesteganizar” as imagens dentro das quais as ordens eram embutidas? Granger e Bell achavam que não, mas Hendley estava preocupado.

No passado, o CRO manejava suas grandes operações pela regra do “dispositivo do homem morto”: uma vez dada a ordem de executar, não há como dar para trás ou desligar o fio. Essa mudança veio após o fracasso do CRO em colocar uma bomba no U-Bahn de Berlim quando, logo depois de o sinal de avançar ser dado, o líder da célula do CRO em Munique foi capturado pelo Bundesamt für Verfassungsschutz — o Escritório Federal para a Proteção da Constituição — e persuadido a recuar os atacantes. É claro que, no contexto maior, nada disso importava: com a regra valendo ou não, Hadi receberia ou não a mensagem. Se tivesse condições de decodificar, uma mensagem de texto simples o assustaria e as chances deles se esvaneceriam.

— Olhem, temos que arriscar — disse Bell. — Vamos usar nossa mensagem para assustá-lo, mas a nosso favor. Fazê-lo ficar tão preocupado que nem questione o texto aberto.

Hendley considerou o assunto, depois olhou Granger.

— Sam?

— Muito bem. Vamos fazer isso. Vamos movimentar Hadi apenas uma vez, dizendo que é para limpeza final, e movê-lo para a Rocinha, onde Chavez e Dominic podem pegá-lo.

Bell levantou e caminhou para a porta.

— Vou fazer o upload. — E saiu.

Um minuto mais tarde, toca o telefone de Hendley. Era Gavin Biery.

— Vocês já mandaram a mensagem?

— Rick saiu para fazer isso.

— Merda. Parem ele, mandem ele voltar. Estou subindo.



Dois minutos depois Biery já estava no andar de cima, entrando no escritório de Hendley.

— Descobri um padrão — anunciou. — Se vocês mandarem isso em texto simples Hadi vai saber que é falsa.

A interceptação de Rick Bell no último instante era o resultado de uma maratona de madrugadas observando seu algoritmo recém-escrito mastigar as tabelas de uso único do CRO. Apesar de, por sua própria natureza, as letras de uma tabela dessas serem randômicas e, portanto, impenetráveis por qualquer um que trabalhasse fora da tabela corrente, era da natureza de Biery observar padrões onde ninguém pensava que existissem. Era, como uma vez explicou para Jack, uma espécie de projeto SETI (Busca de Inteligência Extraterrestre): “Provavelmente não existe nada lá, mas não seria ótimo se houvesse?” Nesse caso, o que Biery descobriu foi um padrão para as tabelas de uso único do CRO.

— As tabelas de uso único são ótimas, provavelmente a forma mais simples de criptografia “inquebrável” do mundo, apesar de nada ser realmente inquebrável — explicou quando Rick Bell regressou. — Na verdade, tudo é uma questão de probabilidade, realmente...

— Outra hora, Gavin — interrompeu-o Granger.

— Certo.

— Bem, como você imaginou, o Emir, ou seja lá quem montou isso, provavelmente estava preocupado com seu pessoal no campo. É meio estúpido levar uma tabela de uso único com você, ou ter no laptop que leva de um lado para o outro, então bolaram um sistema para recriar a tabela do dia enquanto se está fora. Consome algum tempo, mas é factível.

— Estamos ouvindo — disse Bell.

— Eles usam uma fórmula chamada método do quadrado do meio. Foi criada por um matemático húngaro chamado Von Neumann em 1946. Essencialmente, o que se faz é tomar um número semente, e o tamanho não importa, desde que seja um número par de dígitos, calcular o quadrado disso, depois tomar a parte do meio do resultado, mais uma vez, quantos dígitos você queira, e usar como seu novo número semente.

Como esses sujeitos provavelmente estarão fazendo as contas no papel, possivelmente usarão pequenos números, e constroem a partir daí. Por exemplo...

Biery pegou o bloco na mesa de Hendley e começou a escrever:

$$49 \times 49 = 2401. \text{ Novo número semente} = 40$$

— Considerando que não se pode usar zeros, faz-se o arredondamento. Então seu novo número semente é 41. Depois você calcula o quadrado disso e continua, até encher a grade da tabela.

— E os números são aleatórios? — perguntou Granger.

— Pseudoaleatórios, mas você não é capaz de saber disso a menos que tenha um monte de tabelas para mastigar os números. Quanto mais complicada a fórmula, mais aleatórios serão os números, mas em algum momento não se pode prosseguir nos cálculos com papel e lápis.

— Então, que fórmula estão usando?

— Dia, mês e ano, todos somados. Pegue hoje, por exemplo, 21 de maio de 2010...

— E escreveu:

$$21 + 5 + 2010 = 2036$$

— Você usa apenas os dois dígitos do meio. Arredondando o zero, é claro.

— E 13 é seu novo número semente — disse Hendley.

— Você sacou.

— E todas as tabelas de uso único usam o mesmo método?

— Todas as que pegamos no cofre de Almasi.

— Que belo trabalho, Gavin.

— Obrigado. — E saiu.

— Esse rapaz acabou de salvar nossa pele — comentou Granger.

Sabendo que Alá tomaria isso como falta de fé, Hadi sempre resistiu a acreditar em presságios, mas a proximidade do Jardim Botânico no Rio com a estátua do Cristo Redentor era enervante. Mas, então, lembrou a si mesmo que tudo no Rio parecia estar perto do Cristo Redentor. Colocada a 710 metros de altura, no alto do morro do Corcovado, olhando centenas de quilômetros quadrados de floresta e da mancha urbana, o monólito de 38 metros de altura e 1.145 toneladas de pedra-sabão era o marco mais famoso da cidade, lembrando a Hadi que ele se encontrava em um país essencialmente pagão.

Hadi tinha feito um bom tempo na viagem depois de se separar de Ibrahim e dos demais, mas passara as primeiras duas horas com as mãos apertadas no volante e olhando o retrovisor a cada vinte segundos.

Uma hora depois do amanhecer parou no município de Seropédica, nos subúrbios mais distantes a leste do Rio. A 50 quilômetros de distância podia ver o Rio de Janeiro propriamente dito: uma cidade que se espalhava por 1.300 quilômetros quadrados de área e com uns 12 milhões de almas — quase a metade da população da Arábia Saudita em apenas uma cidade. São Paulo era ainda maior, mas ele havia aterrissado lá à noite e margeara a parte norte da cidade até seu hotel em Caieiras.

Na entrada do Jardim Botânico, comprou um ingresso e uma brochura com mapa no caixa. A brochura descrevia as atrações do jardim: 141 hectares, 7 mil espécies de plantas tropicais, laboratórios de pesquisa... Folheou as páginas até encontrar a localização de espaços específicos. O aviário estava no começo da lista. Orientou-se pelo mapa e começou a caminhar. Era um dia claro e ensolarado, e a umidade quase insuportável. Distante ao sul, podia enxergar a capa de fumaça negra ocasionada pelo ataque em São Paulo, tão densa que parecia que a noite havia caído naquela seção da costa.

A meio caminho de seu destino, passou por uma sorveteria e olhou pela janela. Uma pequena televisão instalada no canto da loja estava ligada na Record News. Imagens do incêndio na refinaria, algumas obtidas do solo e outras de um helicóptero, eram transmitidas ao lado do rosto da âncora. Ela se virou para outra câmera, uma mudança de assunto, e subitamente apareceu um retrato falado na tela. A semelhança não era perfeita, mas era precisa o suficiente para Hadi sentir o coração pular no peito.

*Não pode ser*, pensou. *Quem me viu?* Eles não haviam deixado testemunhas, disso tinha certeza. A picate de segurança da refinaria que passou enquanto estavam colocando as cargas estava longe demais para vê-lo. *Uma câmera de vigilância, talvez?* Não, isso não estava certo. Se tivessem uma imagem verdadeira dele, teriam-na transmitido, e não um esboço.

Continuou a observar a reportagem, esperando ver seu retrato falado seguido por um de Ibrahim. Depois Fa'ad, depois Ahmed. Mas só ele permanecia na tela.

*Pense, pense...*

Percebeu uma loja de lembranças do outro lado da praça de alimentação. Foi até a loja e entrou. Verificou se havia aparelhos de televisão ou rádios. Não havia nenhum, de modo que ficou por ali, para não parecer ter pressa, antes de escolher um boné com o brasão do Jardim Botânico bordado. Pagou em dinheiro, dispensou a sacola, saiu e colocou o boné, puxando-o até bem perto das sobancelhas. Verificou o relógio. Estava adiantado pelo menos uns setenta minutos para o encontro. Foi até uma marquise de concreto e se sentou em um banco ao lado de um canteiro de samambaias.

Será que Ibrahim e os demais teriam visto o esboço? Se o viram, poderiam não

aparecer. Eles tinham discutido contingências para perseguição, para captura e para a morte de membros da equipe, mas não para isso.

Passou uns cinco minutos sentado ali, olhando para o espaço e pensando, então tomou uma decisão. Folheou a brochura até achar o que precisava.

O cyber café ficava do lado leste do jardim. Pagou à atendente por meia hora, e esta lhe designou um dos terminais. Levou um tempo para se lembrar do URL do site. Aquele era o quinto dia, de modo que logou no... bitroup.com.

Quando o site apareceu na tela, ele fez o login e clicou na área de mensagens. Ficou surpreso ao ver um arquivo de texto esperando na seção de uploads. Clicou duas vezes no arquivo e viu que continha duas linhas de pares alfanuméricos. Anotou-os no verso da brochura. Dava 334. Ele se desconectou da conta e saiu.

Levou trinta minutos para criar a tabela, e outros vinte para decodificar e verificar a mensagem duas vezes:

**Retrato falado na TV visto. Suspeito comprometido,  
um de sua equipe. Quebre contato.  
Proceda até o Tá Ligado Cyber Café na rua Bráulio  
Cordeiro para instruções. 1400 horas.  
Acuse o recebimento da mensagem pela codificação:  
9M, 6V, 4U, 4D, 7Z.**

Hadi leu a mensagem duas vezes. *Comprometido?* Sua mente girava. Não era possível. Ibrahim ou um dos outros o traíram? Por quê? Nada disso fazia sentido, mas a mensagem era autêntica. *Quebre contato.* Verificou o relógio: 11:45. Agora apressado, codificou os pares de recebimento da mensagem, voltou ao café, digitou a resposta em um arquivo de texto e fez o upload dele.

Ibrahim passou pelos carros de Fa'ad e Ahmed enquanto entrava no estacionamento. Achou uma vaga, estacionou e desligou o motor. Fa'ad e Ahmed estacionaram uma fila atrás dele, separados por uma dúzia de carros. Pela janela do passageiro, viu Hadi saindo pelo portão principal do Jardim Botânico. Seus passos eram apressados, a postura tensa. *Polícia?*, pensou Ibrahim. Continuou observando, meio que esperando ver homens correndo atrás de Hadi, mas nada aconteceu.

*O que é isso?*

Hadi alcançou seu carro e entrou.

Ibrahim tomou uma decisão de momento. Esperou até o carro de Hadi se dirigir para a entrada, deu a ré e o seguiu. Diminuiu a marcha ao lado do carro de Ahmed e fez um gesto para que o seguisse.

*O que deu em você, meu amigo?*





— Fisgamos ele — disse Chavez, desligando o telefone via satélite. — Estará às duas da tarde em um cyber café na rua Bráulio Cordeiro.

— Ótimo, onde diabos é isso? — replicou Dominic, desviando o carro quando um táxi passou por eles, o motorista buzinando e gritando. — Não que isso importe. Não vamos chegar lá inteiros mesmo.

Chavez passava o dedo seguindo um mapa da cidade.

— Continue no rumo leste. Eu copiloto você.

— Suponho que não vamos agarrá-lo lá?

— Não. Primeiro temos que ter certeza de que está sozinho. Dissemos a ele para quebrar o contato, mas quem sabe? Além disso, vamos precisar de alguma privacidade para fazer o que temos que fazer.

— Que é?

— O que for preciso.

Dominic soltou um sorriso sombrio.

Acharam o café e deram duas voltas pelo quarteirão para fazer o levantamento ambiente, depois acharam uma vaga de estacionamento 50 metros ao norte, do outro lado de um cruzamento. Saíram e caminharam para o sul. Entre uma farmácia e um borracheiro encontraram um beco que levava a um ferro-velho cheio de máquinas de lavar enferrujadas, eixos de carros e pilhas de velhos canos de esgoto. Chavez foi na frente até o final do quintal e por trás de um monte de lixo. Através de um muro feito com tábuas bem espaçadas, podiam ver a entrada do café do outro lado da rua.

— Merda — disse Chavez.

— O quê?

— Acabei de notar aquela calçada do lado ao café.

— Entrada dos fundos, talvez — disse Dominic. Olhou o relógio. Ainda faltavam vinte minutos. — Vou dar uma volta e ver se consigo dar uma olhada.

Dez minutos mais tarde, o telefone de Chavez tocou. Ele apertou o botão de resposta.

— Pode falar.

— Existe uma porta dos fundos, mas há uma lixeira fechando a entrada — disse Dom.

— Ruim em caso de incêndio, bom para nós. Volte para cá.

Chavez mal tirou o dedo do botão quando um Chevrolet Marajó verde diminuiu a marcha diante do café. Apesar do ângulo oblíquo, Chavez percebeu um único sujeito sentado atrás do volante. O Marajó avançou, depois freou e começou a dar a ré para estacionar.

— Dom, onde você está?

— Quase no cruzamento.

— Diminua a marcha. Pode ser nosso homem.

— Entendido.

Mais adiante, o motorista do Marajó saiu e foi na direção do café.

Chavez apertou o botão.

— É o nosso homem. — Descreveu o carro de Hadi para Dominic, e depois falou: — Volte para o Hyundai. Ele não deve demorar muito.

A resposta veio na forma de um clique duplo. *Entendido*. Ligou para o Campus. Sam Granger atendeu.

— Ele entrou — disse Chavez.

— A mensagem subiu. Estamos mandando Hadi para um salão de bilhar na esquina entre as travessas Roma e Alegria, na entrada sul da Rocinha.

— Hora?

— Às sete.

Chavez desligou. Passaram dez minutos, e depois Hadi saiu do café. Olhou para os dois lados da rua, foi até seu carro e entrou.

— Movimentando — disse Chavez. Ele correu pelo quintal, desceu o beco e saiu na rua. À sua esquerda, o Marajó de Hadi foi até o cruzamento e parou.

— Estou vendo ele — disse Dominic.

Hadi dobrou à esquerda.

— Estou chegando em você — disse Dominic pelo rádio.

— Negativo. Fique aí. — Chavez correu pela rua e alcançou o Hyundai em trinta segundos. — Muito bem, adiante. À esquerda no cruzamento, depois dobre à esquerda e pare no sinal.

Dominic fez como instruído. Quando chegaram no sinal, Hadi passou na frente deles, na direção norte. Dominic deixou dois carros passarem, e depois seguiu.

Quinze minutos depois.

— Tem alguém atrás de nós — disse Dominic. — Ou de Hadi.

Chavez olhou pelo espelho lateral.

— Lancia azul?

- E mais dois atrás. Um compacto Fiat verde, e um Ford Corcel vermelho.
- Que porra é essa? Tem certeza?
- Vi o Fiat e o Ford darem duas voltas no quarteirão quando rodeei para ir por trás do café. Não podem ser policiais.
- É? Por quê?
- Policias agiriam melhor que isso. Eles estão fazendo a porra de um comboio. Chavez verificou o mapa.
- Vamos olhar as caras.

Dominic diminuiu perto de uma vaga de estacionamento e ligou o alerta. Atrás dele, o Lancia buzinou. Chavez colocou a mão pela janela e acenou para que passasse. Quando o veículo desviou e ultrapassou, Chavez deu uma olhada.

— Parecem ser do mesmo grupo étnico de Hadi. Você acha que são seus parceiros de crime?

— Pode ser. Talvez Hadi não tenha conseguido cortar a ligação.

Dominic deixou passar o terceiro carro, o Corcel, depois esperou cinco segundos e saiu atrás dele.

O terceiro dia de viagem de Musa transcorreu suavemente como os dois primeiros, e no final da tarde ele chegou à sua última parada de pernoite: Winnemucca, em Nevada. População: 7.030 habitantes; 563 quilômetros a noroeste de Las Vegas.



Para seu crédito, Hadi fez o melhor possível para limpar seu rastro a caminho da Rocinha, contornando a favela por duas horas enquanto dirigia em círculos e fazia retornos, procurando sinais de perseguição que deveriam estar bem claros para ele. O Lancia, o Fiat e o Corcel permaneceram em formação de comboio, jamais trocando de posição e nunca a mais de 100 metros do para-choques traseiro de Hadi.

— Temos que tomar uma decisão — disse Dominic. — Melhor fazer isso agora, antes que tenhamos de enfrentá-la sem alternativa. — Se ele e Chavez tivessem uma oportunidade de agarrar Hadi e seus três associados, iriam fazer isso ou se concentrariam apenas em Hadi?

— Quanto mais, melhor — disse Chavez —, mas temos que lembrar que somos só nós dois e que a polícia do Rio não vai saber a diferença entre nós e o grupo de Hadi, se as coisas derem errado.

Às seis e quinze da noite interromperam a perseguição e tomaram o caminho de volta para a entrada sul da Rocinha. Deixar Hadi por conta própria tinha um risco, mas nenhum dos dois sabia nada sobre o local do encontro. Deviam esperar que os perseguidores não decidissem interceptá-lo nos próximos 45 minutos.

O sol descia por trás das montanhas a oeste, lançando uma luz dourada na favela.

Chavez e Dominic sabiam que o significado em português de Rocinha era algo como “Pequena Fazenda”, mas não sabiam mais nada sobre ela. Cobrindo aproximadamente uns 2 quilômetros de norte a sul e cerca de 400 metros de leste a oeste, a favela se situava em um vale não muito fundo, rodeada dos dois lados por florestas e despenhadeiros. Sombreadas por varais de secar roupa e toldos improvisados, as ruas estreitas serpenteavam por ladeiras densamente habitadas com apartamentos que pareciam caixinhas, alguns tão perto uns dos outros que as sacadas se tocavam e os tetos se misturavam. Escadas de concreto e tijolos quebrados, cobertas de musgo, saíam das ruas e desapareciam atrás das construções. Postes de telefone e luz enfeitados com centenas de metros de fios e cabos se estendiam em todas

as direções. Ao lado de cada beco, havia dezenas e dezenas de barracos feitos com placas de madeira e chapas de metal corrugado. O esgoto corria por calhas estreitas, rasas e cheias de lixo.

— Inacreditável — disse Dominic.

— Quantas pessoas moram aqui?

— Pelo menos 100 mil. Talvez 150.

Encontraram uma vaga para estacionar no começo do quarteirão do salão de sinuca e desceram.

— Você vai pelo fundo, eu vou pela frente. Me dê 15 minutos e depois entre.

— Entendido.

Dominic desceu pela rua e virou na esquina. Chavez andou pela rua, comprou uma garrafa de Coca-Cola de um ambulante, depois se encostou na parede sob um toldo. Abaixo, um único poste de iluminação piscava. Dez minutos transcorreram. Não havia sinal de Hadi, do Lancia, do Fiat ou do Corcel. Terminou a Coca-Cola, devolveu a garrafa para o ambulante, cruzou a rua e entrou no salão de sinuca.

Não era bem um salão, e sim um ambiente do tamanho de uma garagem dupla com duas mesas de sinuca no centro, um bar à direita e cadeiras de madeira alinhadas na parede da frente. No fundo do bar havia um lugar com quatro mesas redondas e cadeiras. No canto, três degraus que levavam até uma porta com uma placa de “Saída”. Debaixo de luminárias de plástico manchado e penduradas por correntes, ele viu homens reunidos ao redor das mesas de sinuca. O ar estava pesado de fumaça.

Ding sentou no bar e pediu uma cerveja. Cinco minutos depois, a porta se abriu e Dominic entrou. Foi até o bar, pediu uma cerveja e a levou até o fundo, escolhendo uma mesa.

Às sete e cinco, a porta abriu e Hadi entrou. Ficou perto da porta, olhando tudo nervosamente. Dominic levantou a garrafa de cerveja e acenou para Hadi, que hesitou e depois se dirigiu para a mesa de Dominic.

A porta se abriu novamente. O motorista do Lancia entrou. Como Hadi, ficou parado por trinta segundos, examinando o interior. A camisa estava para fora das calças, e no quadril direito Chavez percebeu uma saliência com um formato familiar. O exame do homem parou de súbito quando viu Hadi, que se aproximava da mesa de Dominic. O homem o seguiu. Chavez o deixou passar e depois se levantou da banqueta.

— Cadê o meu dinheiro, babaca? — disse Chavez em português.

O homem girou, com os punhos subindo. Chavez levantou as mãos à altura dos ouvidos.

— Calma, calma...

Enfiou a palma direita no rosto do homem, quebrando seu nariz. Ele tropeçou

para trás e Chavez avançou, dando um golpe com o polegar abaixo da laringe. O homem desabou. Os outros clientes observaram com curiosidade, mas ninguém se meteu. Dívidas eram dívidas.

No fundo da sala, Dominic já havia levantado e levava Hadi pela saída dos fundos.

Chavez foi até o sujeito do Lancia, pisou na mão armada e depois arrancou a arma do cinto dele.

— Você fala inglês?

O homem gaguejou e cuspiu.

— Acene se falar inglês.

O homem assentiu.

— Levanta ou atiro em você aqui mesmo.

Dominic esperava no beco. Já estava completamente escuro. À esquerda, a ruela terminava em um muro, no qual havia uma escada que levava à escuridão. À direita deles, a 20 metros de distância, a saída do beco.

Hadi estava contra o muro ao lado de um monte de latas de lixo. Dominic tinha sacado a arma e a mantinha entre as pernas. Chavez empurrou o homem do Lancia por trás, e ele bateu na parede ao lado de Hadi.

— Quem são vocês? — perguntou Hadi.

— Cala a boca — rosnou Dominic.

Chavez observou os dedos de Dom abrindo e fechando no punho da arma.

— Calma, Dom. — Pegou um pedaço de jornal do chão e jogou para o sujeito do Lancia. — Limpe o nariz.

— Vai se foder.

A porta se abriu de repente ao lado deles. Uma silhueta projetada pela luz fraca do salão de sinuca apareceu e Chavez viu uma pessoa a alguns passos adiante da soleira. Sua mão subiu e se estendeu na direção dela. Um golpe duplo no peito e o sujeito caiu. Chavez fechou a porta com um chute.

— Adiante, Dom. — Apontou a arma para o homem do Lancia e Hadi. — Mexam-se.

Na boca do beco apareceu um sujeito correndo na direção dele. O cano de uma pistola relampejou alaranjado, e depois mais duas vezes. Chavez foi para o lado, ficando atrás das latas de lixo, e disparou duas vezes. O sujeito se esquivou.

— Escadas — ordenou Chavez.

Cutucando o homem do Lancia e Hadi na frente, Dom foi seguindo para a escada. Chavez recuou com eles até sentir os ombros baterem na parede, depois se voltou e os seguiu.

Subindo pelos degraus nos calcanhares de Dominic, Chavez chegou no alto e deu uma olhada. Um beco se estendia da direita para a esquerda; sobre eles, janelas com sacadas. Atrás e à direita, outro retângulo abrindo em outra parede de tijolos. Chavez fez um gesto nessa direção. Dominic assentiu e empurrou o homem do Lancia e Hadi pelos degraus. Atrás, Chavez escutou um sapato se arrastando e olhou para baixo da escada. O sujeito que os perseguia estava ali, dando uma olhada pela esquina. Chavez recuou, ficou parado. Depois de dez segundos de silêncio, o arrastar do sapato ecoou pelas escadas.

Chavez enfiou a arma no cinto, deu dois passos à direita, depois subiu os braços e agarrou o parapeito da sacada. Subiu até ficar com o queixo ali, estendeu de novo a mão, agarrou o corrimão e se alçou. Deitou de bruços na sacada.

As passadas continuaram avançando: passo... pausa. Passo... pausa... À distância, escutou sirenes zumbindo. Será que alguns disparos seriam suficientes para fazer a polícia entrar na Rocinha?, perguntou-se. Fechou os olhos e escutou, esperando uma mudança no eco.

Passo... pausa. O sapato arranhou de novo. Agora não havia mais eco. O homem passou por baixo da sacada onde Chavez estava, obviamente tentando decidir. *Beco ou escadas?* Escolheu as escadas. Chavez ajoelhou silenciosamente, apoiou a arma no corrimão e disparou, enfiando uma única bala atrás da cabeça do sujeito.

Pulou, correu até o corpo, fez uma revista rápida e disparou pelas escadas. Dominic esperava no alto, acorrido atrás de uma lixeira, com o homem do Lancia e Hadi. Cem metros adiante, a ruela desembocava em um estacionamento fracamente iluminado por postes de rua. De algum lugar ali perto, chegou o ruído de um jogo de basquete e garotos gritando de um lado para o outro.

— Ficamos só com dois — disse Chavez.

— Dois são o suficiente.

Chavez derramou no chão os pertences que tirara do morto: passaporte, um maço de dinheiro, um chaveiro de carro. Pegou as chaves e balançou diante do homem do Lancia e de Hadi.

— De que carro é: do Fiat ou do Corcel?

Nenhum dos dois respondeu.

Dominic agarrou Hadi pelos cabelos, empurrou sua cabeça para trás e enfiou a pistola entre seus lábios. Hadi resistiu, cerrando os dentes. Dominic golpeou Hadi com a outra mão na garganta. Ele engasgou. Dominic enfiou a arma na boca de Hadi.

— Cinco segundos e vou espirrar seus miolos neste beco. — Hadi não respondeu. Dominic enfiou a arma mais fundo. Hadi começou a ter ânsias de vômito. — Quatro segundos. Três segundos.

Chavez observou seu companheiro, observou seu olhar. Expressões faciais podem ser manipuladas quando necessário, mas o olhar é mais difícil de fingir. A expressão no olhar de Dominic informou a Ding que ele falava a sério.

— Dom...

— Dois segundos...

— Dom! — rangeu Chavez.

Hadi estava assentindo, levantando as mãos em súplica. Dominic tirou a arma, e Hadi disse:

— Ford Corcel.

O do Lancia resmungou:

— Você é um traidor.

Dominic apontou a arma para o olho direito do homem do Lancia.

— Agora é você. Onde está estacionado?

Lancia não respondeu.

— Dessa vez você só tem três segundos — disse Dominic, depois trocou a arma de mão e a empurrou contra o joelho do homem. — Depois vai ter que usar bengala pelo resto da vida.

— Um quarteirão acima do salão de sinuca, no meio do quarteirão ao sul.

— Vá pegar. Eu banco a babá para os seus amigos — disse Chavez a Dom.

Cerca de 15 minutos depois, Chavez escutou uma buzina e olhou para o fim do beco. O Corcel estava parado ali, com a porta lateral aberta. Fez o homem e Hadi levantarem e andarem. No carro, cutucou os dois para que entrassem no assento traseiro.

— Achei isso aqui no porta-malas — disse Dominic, segurando um rolinho de arame para enfardar.

Chavez se inclinou sobre o assento.

— Passem as mãos.

Dominic começou a dirigir.

— Vamos precisar de um pouco de privacidade — disse Chavez. Estava sentado de lado no banco do passageiro, a arma apoiada no encosto.

— Acho que temos um lugar. Vi quando vínhamos para cá.

O edifício era quase idêntico a todos os demais — um retângulo de quatro andares com uma porta e janela com terraço —, salvo que as janelas e a porta estavam lacradas com tábuas. Ao lado do edifício, uma escadaria coberta de moitas subia para a escuridão. Um cartaz com aparência oficial estava colado na porta da frente e dizia: “Condenado.”

— Aqui — disse Dominic. — Volto já.

Saiu, abriu caminho pelas escadas cheias de mato e desapareceu. Em dois minutos estava de volta. Assentiu para Chavez, que saiu e ficou atrás do sujeito do Lancia e de Hadi, enquanto todos seguiam Dominic pelas escadas. Depois de uns 10 metros, o mato diminuía e os degraus terminavam em uma porta. Tal como a de baixo, essa



também tinha o cartaz de “Condenado”, mas estava presa apenas pela dobradiça de baixo. Dominic levantou a porta e a deixou de lado. Chavez mandou Lancia e Hadi entrarem.

Sob o brilho da lanterna de bolso de LED de Dominic, rapidamente se tornou evidente a razão pela qual o edifício fora condenado. As paredes, o chão e o teto estavam cobertos de fuligem e em alguns lugares queimados até as colunas. O assoalho era um xadrez de pedaços de linóleo, compensado chamuscado e buracos, através dos quais se podia ver os andares de baixo.

— Sentem — ordenou Chavez aos dois.

— Onde? — retrucou Lancia.

— Em qualquer lugar que não seja um buraco. Sentem.

Os dois obedeceram.

— Vou dar uma olhada — disse Dominic.

Chavez se sentou diante dos prisioneiros, ouvindo Dominic revistar as outras dependências. Voltou com um lampião de querosene manchado. Sacudiu e sentiu o combustível balançar lá dentro. Levou até um canto e acendeu. Uma luz amarelada encheu a sala.

Chavez olhou para Dom e sacudiu o ombro.

— Você é o chefe. O espetáculo é seu — falou Dominic.

Chavez levantou, caminhou até perto do sujeito e de Hadi, depois se ajoelhou novamente.

— Vou falar um pouco. Quero que escutem. Com atenção. Não vou falar merda para vocês e não quero que falem merda para mim. Se cooperarem, podem ter uma chance muito maior de ver o amanhecer. Como se chamam?

Nenhum dos dois respondeu.

— Vamos, só os primeiros nomes, para podermos conversar.

— Hadi.

O outro hesitou, com os lábios apertados. Finalmente disse:

— Ibrahim.

— Ótimo. Obrigado. Escutem, sabemos que vocês dois e seus dois amigos mortos incendiaram a refinaria de Paulínia. Sabemos disso, de modo que não vamos falar mais do assunto. Não somos policiais e não estamos aqui para prender vocês pela refinaria.

— Então quem são vocês? — perguntou Hadi.

— Alguém mais.

— E o que faz vocês pensarem que estamos envolvidos com aquele lugar? — perguntou Ibrahim.

— O que você acha? — disse Chavez dando uma olhadinha com meio sorriso na direção de Hadi.

— Por que você olhou para mim?

Para Ibrahim, Chavez perguntou:

— Por que vocês perseguiam Hadi? — Ibrahim não respondeu, e Chavez continuou: — Vou dar um palpite sobre uma coisa. Vocês fizeram o serviço na refinaria, mas não contaram que a fumaça fecharia o aeroporto de São Paulo e passaram para o plano B: vir para o Rio. Chegaram aqui e as coisas desandaram. Hadi sai fugindo; Ibrahim sai atrás dele. Por quê?

— Por que vocês não se importam com a refinaria? — insistiu Ibrahim.

— Não é no nosso país, não é problema nosso. Por que você perseguiu ele?

— É um traidor.

— Você é um mentiroso. Você é o traidor. Você, ou Ahmed, ou Fa'ad. Vocês vazaram o retrato falado — retrucou Hadi.

— Que retrato falado?

— O que apareceu na televisão. Eu vi. Parecia comigo. Quem mais poderia ter dado isso para eles?

— Quem disse isso tudo?

— O Em... quando vi o retrato falado, fiz contato. Havia uma mensagem esperando. Dizia que vocês tinham me traído e que eu devia fugir.

— Você foi enganado.

— Eu autentiquei. Era autêntica.

Ibrahim sacudia a cabeça.

— Não, você está enganado. Não traímos você.

— Então você e seus amigos só queriam se encontrar e bater um papo, é isso? — disse Chavez.

— Sim.

Chavez se inclinou para perto de Hadi.

— Isso é merda, e você sabe disso. Quer a mensagem fosse real ou não, eles só sabiam que você estava fugindo. Provavelmente para ir até a polícia. Eles não permitiriam isso. Você sabe que é verdade.

Hadi não disse nada.

— Muito bem, aqui está a proposta — disse Chavez. — No que nos diz respeito...

— Ainda não sabemos quem são vocês.

— Nosso sotaque não diz nada?

— Americanos.

— Certo. No que nos diz respeito, a refinaria está fora da jogada. O que queremos saber é quem opera nos EUA. Quantas células, onde se localizam... Tudo isso.

— Vai se foder — disse Ibrahim.

Chavez escutou Dominic levantar atrás dele. Virou e o viu se dirigindo até a cozinha. Ele se virou para Hadi.

— E quanto a você? Basta nos dizer...

Escutou os passos de Dominic regressando, mas em ritmo mais rápido e decidido. Voltou-se. Com a arma envolvida em um pano de prato cheio de mofo, Dominic caminhou até Ibrahim, colocou a arma sobre o joelho esquerdo dele e puxou o

gatilho. A toalha abafou o tiro, que fez um *pop* suave. Ibrahim gritou. Dominic enfiou uma segunda toalha em sua boca.

— Dom, Jesus... — disse Chavez.

Dominic mudou a posição da arma e fez um disparo no joelho direito de Ibrahim. Ibrahim se debatia, gritando com a toalha na boca, a cabeça batendo contra a parede atrás dele. Dominic se agachou a seu lado e o esbofeteou com força, uma, duas, três vezes. Ibrahim se aquietou. Lágrimas escorriam por seu rosto. Hadi havia se encolhido para longe do companheiro, tentando se esconder na parede.

Chavez apontou para ele.

— Nem mais um centímetro. — Agarrou o braço de Dominic e tentou levantá-lo. Dominic nem se mexeu, ficou ali acocorado diante de Ibrahim, ombros caídos, olhando o rosto dele.

— Dom! Levante.

Dominic tirou os olhos de cima de Ibrahim e se levantou. Chavez o puxou até a cozinha.

— Que porra foi essa?

— A terapia não estava funcionando, Ding.

— Essa não é uma decisão que cabe a você. Cristo! Se contenha. Agora ele é inútil para nós. Uma bala em cada joelho... Teremos sorte se ele conseguir emendar duas palavras.

Dominic sacudiu os ombros. Falou:

— De qualquer modo, Hadi é o nosso cara. Era mensageiro. Ibrahim é líder da célula. Sabe sobre Paulínia e só isso.

— Não sabemos disso. Vai me deixar fazer do meu modo?

— Tudo bem, certo.

— Está me ouvindo?

— Sim, caramba, eu disse que sim.

Chavez voltou para a sala e se ajoelhou novamente. Disse para Ibrahim:

— Vou tirar a toalha. Se gritar, ela volta.

Ibrahim assentiu. Seu rosto estava molhado de suor. Por baixo dos joelhos se acumulavam poças de sangue sobre o compensado.

Dominic removeu a toalha. Ibrahim ofegou, mas apertou o queixo e ficou quieto. Seu lábio inferior tremia.

— Meu amigo está um pouco nervoso hoje. Desculpe. Vamos falar dos Estados Unidos. Se você nos der alguma coisa, o levamos até um hospital.

Ibrahim sacudiu a cabeça.

Para Hadi:

— E você? Nos dê o que queremos e não levamos você de volta conosco.

Ibrahim gemeu:

— Não, Shasif...

Dominic se aproximou e se ajoelhou ao lado de Chavez, fazendo o gesto de *estou*

*bem* com a palma.

— Hadi — disse. — Vamos pôr as coisas sob perspectiva para você. Alguém o viu fazendo o trabalho na refinaria?

— Não, acho que não.

— Então quem sabia como você parecia? Quem poderia ter vazado o retrato falado? Ou Ibrahim ou alguém mais acima. Ninguém mais.

— Mas por quê?

— Pontas soltas. Talvez alguém ache que você não é confiável. Pense nisso. Ibrahim recebe uma ordem de cima para matar você; o retrato e a mensagem põe você em fuga. Ibrahim usa isso para convencer os outros dois a se unirem na caçada. De outro modo, Ibrahim teria que convencê-los a matar o amigo sem nenhuma razão. O que é mais fácil?

Hadi considerou isso por um momento, depois olhou de lado para Ibrahim, que sacudia a cabeça. Saliva escorria pelos cantos de sua boca e se espalhava pelo queixo.

— Não é verdade — falou.

— Hadi, ele traiu você, e agora está aí sentado ao seu lado, mentindo sobre isso. Isso não te emputece? — disse Dominic.

Hadi assentiu.

— Eu sei que realmente me emputece — continuou Dominic.

Dominic levantou a arma, estendeu na direção de Ibrahim, e atirou no seu olho. Sangue e miolos regaram a parede. Ibrahim caiu de lado e ficou imóvel, menos o braço esquerdo, que retorceu e bateu por dez segundos antes de parar.

Chavez bateu no braço de Dominic, afastando-o.

— Deus do céu! Que porra é essa!

Dominic levantou e recuou alguns passos. Hadi se encolheu em posição fetal e começou a choramingar. Dominic deu duas passadas até ele e apertou a arma na testa de Hadi.

— Não! Nem mais um movimento, Dom — gritou Chavez.

Dominic olhou de relance. Chavez estava com sua própria arma levantada na direção de Dominic, que simplesmente sacudiu a cabeça e voltou a atenção para o prisioneiro.

— Dom, não faça isso...

Dominic se inclinou e disse a Hadi:

— A menos que você tenha alguma coisa para nos dizer, seu merda, eu liquido você. Vou enfiar uma bala em sua orelha. Quando eu disser “fale”, ou você assente ou morre.



Jack e Clark chegaram a Virginia Beach em vinte minutos e acharam um estacionamento público a um quarteirão da praia. Todas as compras dos jovens Salim haviam sido feitas no raio de três quarteirões.

— Então o que pensa em fazer? — perguntou Jack quando desceram.

— Eles se hospedaram em algum dos hotéis por aqui usando um novo cartão e fizeram algumas compras com o antigo. Vamos bancar os delegados novamente e mostrar as fotos deles por aqui.

Na hora seguinte os dois foram de hotel em hotel, verificando todos os que estavam na lista de Jack. Entravam no estacionamento do Holiday Inn na Atlantic com a 28 quando Jack disse:

— Eles estão aqui.

— Sim, onde?

— Na piscina. Nas duas cadeiras perto do trampolim.

— Já vi. Continue caminhando.

Os dois pararam no saguão. Clark passou, franziu os lábios.

— Se lembra da floricultura que passamos na rua 27? Volte lá, compre algumas margaridas ou coisa assim. E um daqueles envelopes para cartão também.

— Hã?

— Explico depois. Não volte pelo mesmo caminho. Me encontre atrás do estacionamento.

Em 15 minutos Jack estava de volta. Encontrou Clark no fundo do estacionamento, parado ao lado de uma lixeira.

— Os dois se registraram com os mesmos primeiros nomes, sobrenome Pasaribu — informou Clark. — O quarto deles está no lado norte, no sentido oposto à piscina.

— Então passamos a gazua na porta e entramos.

— As camareiras estão por lá. Flores funcionam melhor.

Jack subiu antes, levando as margaridas. Clark foi pelo lado oposto, pela escada, e

parou no alto, fora da vista de quem estava no corredor. Quando Jack chegou à porta do quarto dos Salim, parou e bateu, esperou dez segundos e bateu novamente. Quatro portas abaixo, uma camareira saiu de outro quarto e pegou algumas toalhas do carrinho.

— Por favor, senhorita — disse Jack.

— Sim, senhor?

— Trouxe essas flores para minha namorada. Tenho que voltar para a base, mas queria deixá-las aqui para ela. O problema é que já entreguei meu cartão de entrada. Será que você pode abrir a porta? Coloco as flores na cama e saio em cinco segundos.

— Eu não posso fazer...

— Entro e saio em cinco segundos.

Uma pausa.

— Bem, ok.

Ela abriu a porta e ficou do lado.

Clark aproveitou a deixa e saiu de onde estava.

— Senhorita, ei, senhorita...

— Sim, senhor?

— Preciso de toalhas. — Clark foi até o carrinho e começou a remexer os suprimentos, derrubando barras de sabonete e frascos de xampu no chão. A camareira foi até lá.

— Deixe que eu pego, senhor.

Dentro do quarto dos Salim, Jack jogou as flores na cama e olhou em volta. Cartão de entrada, cartão de entrada... Percebeu um no cinzeiro, pegou-o e foi para a porta. Lá fora, chamou:

— Obrigado. — E foi rumo às escadas. Clark pegou suas toalhas e saiu na direção contrária, dando a volta até as escadas que Jack pegou. Esperaram até a camareira entrar no quarto que limpava, caminharam para a porta dos Salim, passaram o cartão e deslizaram para dentro.

— Como você sabia sobre o cartão? — perguntou Jack.

— Eles sempre oferecem dois cartões aos casais, e a maioria das pessoas leva os dois consigo... Mas não para a piscina.

— O que vamos procurar?

— Cartões de crédito e identificações. Além disso, qualquer coisa que atraia nossa atenção.

Saíram em três minutos. Clark ligou para o Campus enquanto caminhavam de volta para o carro.

— Eles têm mais quatro cartões de crédito e três passaportes para cada um — disse a Rick Bell. — Mando os detalhes para você via e-mail.

Além do novo hotel em Virginia Beach e ainda mais refeições no McDonald's e

frappuccinos da Starbucks, os Salim tinham apenas mais um débito: um carro alugado na Budget. Jack e Clark dirigiram de volta para o Holiday Inn e acharam o Intrepid platina no estacionamento dos fundos.

— Agora esperamos — disse Clark.

Um pouco antes das duas horas da tarde, Citra e Purnoma desceram pelas escadas dos fundos do hotel e entraram no Intrepid.

Da Virginia Beach seguiram para a 264 na direção leste, através de Norfolk, e depois para Portsmouth pela 460, antes de dobrar para o norte e pegar o túnel para cruzar a Hampton Roads Bay. Do outro lado, saíram pela Terminal Avenue e depois pela Jefferson até o King Lincoln Park no extremo sul da Newport News Point. Clark os seguiu até o estacionamento e observou os Salim descerem e entrarem no parque. Deixaram os irmãos assumir uma distância de 100 metros, saíram do carro, se separaram e seguiram os dois.

O parque tinha apenas uns 400 metros. No meio do caminho, Clark e Jack se encontraram nas quadras de basquete, onde um joguinho acontecia.

— Que diabos estão fazendo? — perguntou Jack. O parque era cercado de água pelos dois lados. — Eles simplesmente trocaram a capital do sol e do surf da Virginia por isto aqui.

— Isso não está certo — concordou Clark.

Os Salim alcançaram o final do parque, onde ele formava uma flecha entre a praia e a Jefferson Avenue. Enquanto os dois observavam, a garota tirou uma câmera e começou a fotografar; não o oceano, e sim o outro lado da rodovia.

— O terminal de cargas — murmurou Clark.

— Estão fazendo reconhecimento — informou Clark a Hendley e os demais pelo telefone, uma hora mais tarde. Eles simplesmente seguiram o Intrepid dos Salim de volta ao hotel e estavam sentados na Atlantic Avenue, a um quarteirão de distância, de onde podiam ver todos os carros que iam e vinham. — O Newport News Marine Terminal. Não sabemos exatamente em que estão interessados, mas tiraram dezenas de fotos.

— Algum navio militar atracado ali? Químicos, depósito de combustível?

— Nada — respondeu Clark. — Já verifiquei. A maioria é de navios contêineres com carga seca. Seguimos os dois desde a manhã. Fora a piscina e o terminal, não foram a nenhum outro lugar, e ninguém foi até o quarto deles.

— Se estiverem pesquisando alvos, isso pode continuar por semanas — disse Granger. — E nós realmente não estamos preparados para grandes vigilâncias. Acho melhor darmos a dica para o FBI e deixar o caso com eles.

— Nos dê mais um dia — pediu Clark. — Se nada acontecer, puxamos o carro e

voltamos para casa.

No Claridge Inn em Saint George, em Utah, Frank Weaver tomava uma chuveirada para tirar a sujeira de um dia de trabalho, esperando assistir a uma maratona de *Law & Order* na TNT, quando escutou uma batida em sua porta. Ele se enrolou na toalha e atravessou o quarto.

— Quem é?

— Recepção, Sr. Weaver. Temos um problema com seu cartão de crédito.

Weaver destrancou a porta e abriu uma fresta. A porta se abriu com um estouro e bateu na parede. Dois homens entraram, um fechando a porta, o outro dando duas passadas na direção de Weaver, que recuou pelo quarto, mas não rápido o suficiente. Sentiu algo duro fazendo pressão em seu plexo solar, depois uma martelada, então outra. Sentiu que estava caindo de costas. Quicou na cama e depois rolou pelo chão até ficar deitado de costas. Levantou a cabeça, olhou seu peito. Logo abaixo do esterno, dois buracos da grossura de um lápis estavam borbulhando sangue. O homem que atirara nele avançou e ficou por cima, uma perna de cada lado de seu peito. Frank Weaver viu o cano da pistola descendo na direção do seu rosto e fechou os olhos.





Os irmãos Salim deixaram o hotel às nove da manhã, e quase imediatamente Jack e Clark perceberam que retraçavam a mesma rota até Newport News Marine Terminal. Em Portsmouth, os dois saíram da rodovia e foram até um depósito da U-Haul na Butler Street. Clark seguiu adiante da entrada, dobrou na Conrad, desligou os faróis, fez um retorno e parou a 10 metros do cruzamento.

Abaixo no quarteirão, o Intrepid entrara em um estacionamento e parara diante da primeira fileira de unidades de armazenamento. Citra Salim desceu e trotou até uma unidade, que abriu com uma chave.

— Não gosto disso — disse Jack. — Para que dois jovens de férias precisam de uma unidade de armazenamento?

— Não é por um bom motivo — replicou Clark.

Citra saiu. Fechou e trancou a unidade, e voltou ao Intrepid. Carregava duas bolsas pequenas de lona.

Dentro de minutos estavam de volta na rodovia, na direção do túnel da baía. Quando chegaram do outro lado, o Intrepid continuou a refazer a rota da tarde anterior, terminando mais uma vez no King Lincoln Park. Entretanto não entraram no estacionamento, mas passaram e depois dobraram à direita na Jefferson e voltaram pela mesma direção.

— Você acha que eles nos notaram? — perguntou Jack.

— Não. Simplesmente estão sendo cuidadosos. Estamos seguros.

Estavam em uma área industrial: companhias de transporte, fornecedores de cascalho, ferros-velhos e lojas de manutenção de barcos. O Intrepid dobrou mais uma vez à direita.

— Rua 12 — falou Jack. — Novamente indo para o leste.

Clark deixou que se afastassem um pouco mais, depois desligou os faróis, deu a volta e parou no meio-fio. A 300 metros dali, o Intrepid entrou à direita, em um condomínio de apartamentos.

— Visitando novos amigos? — perguntou-se Jack.

— Vamos descobrir.

Clark acendeu os faróis e saiu novamente. Quando ficaram paralelos ao apartamento, duas pessoas saíram do estacionamento e desceram pela calçada. Eram os Salim. Com as mochilas. Clark passou por eles e olhou pelo retrovisor. Os dois caminharam de volta à Jefferson. Clark dobrou na esquina seguinte, parou de novo, luzes apagadas.

— Está vendo os dois?

— Sim, já pesquei.

Na Jefferson, os Salim cruzaram a rua e desapareceram por um canteiro central com grama alta atrás do muro de uma companhia de transporte.

— Hora de ir — disse Clark.

Com os faróis ainda apagados, ele fez a curva em U e passou da 12 para a Jefferson. Enquanto alcançavam a interseção, enxergaram os Salim virando à esquerda e sumindo atrás da cerca da transportadora.

— Estão ficando sem espaço — declarou Jack. A transportadora dava fundos para a 664, uma rodovia elevada com quatro pistas.

— Vamos a pé — disse Clark.

Estacionaram, saíram e trotaram para cruzar a rua até o canteiro central. No fundo da companhia de transporte, acharam um riacho pantanoso rodeado por arbustos cerrados e uma trilha estreita. Estavam no meio do caminho quando Clark percebeu onde estavam.

— É o canal da 664. Lembra à direita quando saímos do túnel? — Tinham visto dezenas de iates a motor e lanchas atracadas no canal.

Abaixo da trilha, um motor gorgolejou e ligou. Clark e Jack correram. Cerca de 50 metros adiante, no final de um cais, os Salim estavam sentados em uma lancha. O rapaz estava na cadeira do piloto e avançou o acelerador. O barco saiu do cais e se dirigiu ao canal.

Jack e Clark estavam de volta ao carro em um minuto. Entraram na Jefferson e foram para o sul. Depois de alguns quarteirões, o canal apareceu pela janela do passageiro. Puderam ver o barco dos Salim navegando na direção da boca do canal.

— Estão indo para o terminal — disse Clark.

— E a patrulha do porto?

— Jack, depois que passarem por volta do quebra-mar, estarão a 400 metros do primeiro atracadouro. Só temos cinco minutos, se tanto.

Clark fez o retorno e foi na outra direção.

Passaram por baixo da 664, dobraram ao sul para o Terminal. No final da rampa, a estrada se bifurcava em um conjunto de reservatórios. Clark se enfiou pela direita e seguiu por uma sinuosa estrada de terra. No meio do conjunto de reservatórios, Clark freou e parou. Cerca de 100 metros adiante havia uma guarita

iluminada. Um portão oscilante bloqueava a estrada.

— Merda.

— O distintivo de delegado não abre caminho?

— Uma vez lá dentro, sim, mas os portões principais passam a exigir uma TWIC, a Credencial de Identificação de Trabalhador em Transporte, e quem não tiver uma não entra.

— Como você sabe disso?

— A Rainbow tinha uma equipe cuidando de se manter atualizada com protocolos de identificação — respondeu Clark. — Os bandidos sempre tentam estar onde não devem. Prever o que vão tentar falsificar é meio caminho andado para saber qual é o alvo projetado.

Clark deu a ré pela estrada, um braço em cima do encosto enquanto manobrava pela janela traseira, até chegarem à bifurcação. Entrou pela esquerda e parou em um desvio perto da cerca do conjunto de reservatórios.

— A pé de novo — disse Clark.

À esquerda deles, do outro lado do conjunto de reservatórios, podiam ouvir o trânsito correndo pela 664. À direita, acompanhando a estrada de terra, havia uma berma coberta por arbustos. Os dois correram pelo aterro, depois abriram caminho pela folhagem, e desceram por uma ladeira oposta. Aí se viram em um terreno com mato baixo do tamanho de um campo de futebol. No final, podiam ver a guarita que tinham localizado antes. Correram pelo campo, subiram por outra encosta, atravessaram alguns arbustos, e terminaram em uma estrada de terra. À esquerda, havia um estacionamento de terra com fileiras e fileiras de contêineres de carregamento e dois barracões provisórios. Clark e Jack passaram pela estrada e entre os contêineres em trinta segundos. Pararam para recuperar o fôlego, depois continuaram.

Acharam caminho pelo meio dos contêineres até a borda do estacionamento. As docas estavam a 200 metros dali, três delas se projetando pelo porto, com um navio atracado de cada lado, seis no total.

— Muito campo aberto entre aqui e lá. E muita iluminação. Parece um estádio. Que navio?

— Só um palpite, mas diria que é aquele que ainda não descarregou. — Apontou para um navio contêiner atracado na extrema direita. O carregamento lotava o convés de proa. — Consegue ler o nome?

Jack apertou o olho.

— *Losan*.

A 300 metros de distância, Citra e Purnoma Salim ancoravam o barco no píer abaixo da popa do *Losan*.

— Tem certeza de que é este? — sussurrou Citra.

—Tenho sim. Tome. — Ela pegou a mochila e a enfiou sob o braço.

Purnoma levantou, agarrou a escada de aço de manutenção e amarrou o cabo da proa nela. Estabilizou o barco enquanto a irmã subia pela escada. Ao chegar no último degrau, levantou os braços, apanhou o cabo de proa e passou os pés por cima da borda. Quando ela estava no meio do caminho, Purnoma a seguiu. Um minuto depois estavam no cais.

— Não deve haver mais que dois tripulantes a bordo. Você liquida com eles, eu vou para os tanques. Quando você terminar, me avise que começo.

— Lembre: aja como se fizesse parte e você passa a fazer parte — disse Clark, depois levantou e caminhou pelo estacionamento. Jack o seguiu. Um trio de sujeitos fumava do lado de fora de um dos barracões. Clark levantou o braço, acenando. — E aí, pessoal. Como estão as coisas?

— Tudo bem. E com você?

Clark sacudiu exageradamente os ombros.

— Outro dia, outra merreca.

Os homens riram.

Clark e Jack continuaram andando, deixando o estacionamento e caminhando por uma alameda de carretas. Saíram no molhe e viraram à direita, passando pelos navios. Chegaram ao cais do *Losan*.

— Não pode ser assim tão fácil.

— Não atraia o azar, rapaz.

Começaram a descer pelo cais. Cerca de 50 metros adiante, podiam ver que a escada de desembarque do *Losan* estava abaixada, a base um pouco acima do cais.

— Eles devem ter um guarda — ponderou Jack.

— Vigia, Jack. No mundo marítimo são chamados de “vigias”. Logo saberemos.

Começaram a subir, os pés pisando suavemente os degraus de aço. No alto, a gaveta da balaustrada estava aberta, mas um pedaço de cabo bloqueava a entrada. Clark soltou uma ponta e os dois entraram. À direita, adiante, um arco levava ao convés de proa, à esquerda o convés descoberto se estendia até a popa. A antepara estava quebrada em três escotilhas. Clark sacou a pistola. Jack fez o mesmo. Foram até a primeira escotilha, silenciosamente desengataram a abertura e a abriram. Do porão vinha o ruído do que parecia ser duas raquetes de pingue-pongue batendo uma na outra. Clark fez uma mímica com a mão indicando uma arma, e Jack assentiu.

Um segundo tiro.

Então, do convés de proa, veio um suave ruído radiofônico ou de um celular a rádio.

Clark apontou para si mesmo, e então para baixo da escada, depois apontou para Jack e em seguida para o convés de proa. Jack assentiu, e Clark desapareceu lá dentro.

Jack deu dois passos na direção do convés e parou. Seu coração estava disparado. Respirou fundo para se acalmar. Mudou a arma para a mão esquerda e enxugou a palma da mão na calça. *Calma, Jack. Respire.* É como se estivesse jogando *Hogan's Alley*. É claro que não era exatamente assim, e ele sabia disso, mas fez o que conseguiu para expulsar o pensamento para o fundo de sua mente. *John vai se virar bem; não se preocupe com John. Foque no que está à sua frente...* Continuou caminhando, um passo cuidadoso de cada vez, a arma levantada e empunhada com as mãos, apontando para o final do convés, examinando a superestrutura acima de sua cabeça. Chegou ao arco do convés de proa. Parou. As esquinas eram o diabo, como lhe disseram Dominic e Brian. Nenhum policial gosta de esquinas. *Nunca avance por uma esquina*, Jack fez questão de se lembrar. *Dê uma olhadinha, veja o que há, e recue.*

Foi o que ele fez então: deu uma olhadinha e recuou. À sua esquerda, havia uma parede de aço de 12 a 15 metros de altura. Eram os *bulkainers*, os tanques armados para carga de líquidos embarcados, percebeu Jack. Quatro em cada armação e 12 pelo través. A parte frontal deles se encontrava com a plataforma levantada do porão de carga. Jack deu outra olhada, dessa vez examinando o convés aberto adiante do porão. Estava para recuar quando viu uma figura correr de trás do outro lado do *bulktaíner* e se ajoelhar ao lado da escotilha do porão. A figura começou a soltar as alavancas da escotilha. Quando terminou, abriu a escotilha uns 30 centímetros, depois correu novamente para fora de seu campo de visão.

Do estibordo veio o rangido de outra escotilha abrindo, depois fechando. Passadas soaram no convés. Agora vozes murmuradas. Jack saiu de lado e deslizou pelo tabique até o último *bulktaíner*. Deslizou até a frente deste, deu uma olhada pela esquina. Nada.

Então ouviu um sibilo, depois outro, e mais outro. Jack levou um momento para localizar o som: pés em uma escada de ferro. Olhou para cima. Pouco mais de 1 metro acima de sua cabeça havia uma escada pendurada. *Qual é a sua, cara?* Só havia um modo de descobrir. Colocou a arma de volta no coldre, agarrou o degrau de baixo e começou a subir. No alto, a escada do *bulktaíner* acima estava deslocada uns 30 centímetros para o lado, de modo que Jack teve que agarrar o degrau seguinte e deixar os pés balançando.

Escutou alguma coisa embaixo dele e olhou. Apesar de o convés estar escuro demais para ver o rosto, Jack reconheceu os cabelos longos e negros de Cítra Salim. Ela levantou a arma. Sem ponto de apoio, ele balançou ainda mais. O cano da arma de Cítra brilhou alaranjado. Jack sentiu alguma coisa bem quente passar pelo lado de sua queixo e bater no aço atrás de sua cabeça.

Do outro lado do *bulktaíner*, uma voz de homem:

— Cítra?

Jack tentou pegar a arma, mas antes mesmo que seus dedos tocassem o cabo, ele sabia que era tarde demais.

*Que modo idiota de acabar*, pensou.

Atrás de Cítra, uma figura apareceu atravessando o arco. John Clark deu uma passada rápida, levantou a arma e disparou na nuca da mulher. Ela desabou no convés.

— Cítra! Você está aí?

Jack apontou para bombordo. Clark assentiu e começou a se mover para aquele lado. Jack apertou a mão no rosto; seus dedos ficaram ensanguentados. *Não está jorrando*, pensou, o que era bom. Começou a subir novamente, passando do segundo para o terceiro nível. No meio da subida até o contêiner mais acima, parou, sacou a arma, e continuou. Deteve-se no alto. À sua esquerda, a cabine do piloto e os suportes estavam a 1 metro de sua cabeça. Ele espreitou por cima da borda do contêiner.

Quatro tanques cilíndricos de propano, totalmente brancos sobressaindo na escuridão, estavam colocados lado a lado, dois na frente e dois atrás. A cinco contêineres de distância Jack viu um objeto prateado disparar pelo ar e cair sobre o que estava. Ele esticou o pescoço, tentando localizar o objeto, quando viu um brilho amarelado crepitando embaixo, na frente de um dos tanques.

— John!

— Aqui!

— Ele tem alguma coisa. Uma bomba, uma granada... alguma coisa.

Outro objeto fez uma curva no ar. Dessa vez, Jack viu melhor. Uma bomba caseira em formato de tubo. Jack se jogou por cima da borda do contêiner, saiu andando de lado para a frente e começou a bordejar pelos outros cofres de carga, em marcha atlética. Viu a cabeça de Clark aparecer a estibordo acima do contêiner.

Equilibrando-se na parte frontal do contêiner, Jack espreitou cada um deles, a arma acompanhando o movimento. Outra bomba fez um arco no ar e quicou em um tanque. Então mais uma.

Ele saltou para o tanque seguinte, oscilou, conseguiu se equilibrar e pulou novamente. O pé escorregou e Jack bateu com o peito na borda do quarto contêiner. A estibordo, Clark havia subido na borda e ia na direção dele.

— Os fusíveis estão queimando, John — gritou Jack.

Ele se impulsionou para cima, enganchou a perna na borda, conseguiu se ajoelhar.

— Você o viu? — perguntou Clark, dando mais um passo.

Um torso apareceu atrás de um dos contêineres, disparou um tiro na direção de Clark e mergulhou novamente para fora de vista.

— Porra — murmurou Jack, e começou a correr, braços estendidos como se caminhasse na corda bamba. Estava atravessando o sexto contêiner quando Purnoma Salim apareceu por cima da borda do oitavo tanque e caiu em cima do outro. Depois se levantou, girando na direção de Clark, que estava no meio de um pulo entre duas

bordas. Purnoma levantou a arma. Ainda correndo, Jack girou a sua, braço esquerdo esticado para se equilibrar, e começou a disparar, tentando manter a mira no centro de massa. Purnoma caiu. Jack parou de disparar. Dois contêineres atrás dele, ouviu um estouro. O suporte treneu. *Estouro.*

— John, saia daí! — gritou Jack, e continuou correndo.

*Estouro.*

A borda balançou sob os pés de Jack, que tropeçou de lado, batendo no contêiner. Viu a curva branca de um tanque de propano disparando para cima dele. Girou o corpo de lado e jogou o impacto para os braços e os ombros, depois deslizou pela borda e se viu imprensado na parede do cofre de carga.

Em algum lugar do terminal, começou a soar uma sirene de alarme.

— Jack? — gritou Clark.

— Estou bem!

Ouviu um ruído sibilante. Olhou ao redor. Diretamente abaixo dele, vindo da parte inferior do fundo do tanque, viu um brilho amarelo. *Putá merda.*

— John, se mexa, saia!

Um tanque mais acima, outro estouro.

Jack rolou de costas e sentou, e ficou escarrapachado no tanque. Levantou e olhou ao redor. Não tinha para onde ir. Uma queda de 15 metros de cada lado, a escada mais próxima a mais de 7 metros de distância. *Cabine do piloto.* Jack correu por cima do tanque e pulou. Agarrou na sacada, balançou a perna e prendeu o tornozelo. Conseguiu subir e rolou por cima da cabine de pilotagem.

*Estouro.*

Jack rolou. Olhou para baixo. Ouvia barulho de líquido se movimentando dentro do tanque. O cheiro o atingiu. Os olhos começaram a lacrimejar.

— John! — gritou.

— Sim, a bombordo.

— Está sentindo o cheiro?

— Sim. Mexa seu rabo.

Jack levantou, correu por cima do teto, achou a escada da superestrutura e começou a descer. Clark estava esperando embaixo.

— Que porra é essa? — perguntou Jack.

— Gás de cloro, Jack.

Quarenta minutos depois, molhados e exaustos, alcançaram o carro e dirigiram de volta para a Terminal Avenue. Pelo retrovisor, podiam observar as luzes azuis e vermelhas piscando, do começo ao fim do terminal. Sabendo que sua presença criaria mais problemas que soluções, passaram para o outro lado do *Losan*, percorreram pela praia algumas centenas de metros, depois caminharam de volta pelo terminal, esquivando-se dos caminhões de bombeiros e carros de polícia até chegarem ao

conjunto de reservatórios.

Clark voltou pela 664 e foi na direção nordeste para Newport News, onde acharam um restaurante 24 horas. Jack ligou para o Campus. Hendley atendeu.

— Essa merda em Newport News... São vocês?

— Já está no noticiário?

— Em todos os canais. O que aconteceu?

Jack relatou os acontecimentos, depois perguntou:

— A coisa foi feia?

— Podia ser pior. Até agora, só uns trinta trabalhadores do terminal foram parar no hospital. Nenhuma morte. O que era aquilo. Que tipo de tanques?

— Propano, acho, uns cinquenta. Só jogaram meia dúzia de bombas, mas aposto que tinham muito mais nas mochilas.

— Os dois estão mortos?

— Sim.

— Preciso de vocês dois de volta no aeroporto. Já fizemos reservas no voo das três e meia de volta para cá.

— O que está acontecendo?

— Tivemos notícias de Chavez e de Caruso. Pegaram Hadi, e ele está falando.





Hendley e Granger esperavam os dois com um Suburban quando desceram em Dulles.

— Para onde vamos? — perguntou Clark.

— Andrews. Há um Gulfstream esperando — respondeu Hendley. — Já temos equipamento e roupas a bordo. Mas comecemos pelo começo: o navio, *Losan*. Você estava certo, Jack. Os Salim tinham duas dúzias de bombas. No manifesto de carga estavam listados 46 tanques de propano, todos com defeito e vazios, voltando do Senegal para o fabricante, a Tarquay Industries, em Smithfield.

— Bem, sabemos que não estavam vazios — disse Clark.

— Correto. Ainda demora uns dois dias para terem certeza, mas as equipes do Departamento de Materiais Perigosos suspeitam que havia em cada tanque algumas centenas de galões de amoníaco ou hipoclorito de sódio.

— Alvejantes — apontou Jack.

— Sim, parece. Alvejante comum de uso diário. Misture as duas e você tem gás cloro. Faça as contas e estamos falando de pelo menos 35 toneladas de precursores de gás cloro. Da maneira como ficou, sabemos que apenas umas duas centenas de galões foram misturados. Conseguiram conter a coisa.

— Puta merda! — exclamou Jack. — São 35 toneladas. Que tipo de danos isso poderia provocar?

— Depende muito do vento, da umidade e da temperatura, mas podíamos estar considerando milhares de mortos. Milhares a mais com queimaduras na pele e na mucosa, edema pulmonar, cegueira... É uma merda feia — respondeu Granger.

— Ponto seguinte da pauta. Chavez e Caruso agarraram Hadi — continuou Hendley.

— E os outros do grupo? — perguntou Chavez.

— Mortos na Rocinha. Isso pode ter algo a ver com o resultado, mas, quando Hadi começou a falar, não parou mais.

— Estamos com ele?

— Não, ele foi empacotado que nem um peru do Dia de Ação de Graças e deixado numa delegacia com um bilhete anexado. Jamais vai sair de uma prisão brasileira.

— Estávamos basicamente corretos sobre Hadi. Há muito tempo era mensageiro

do CRO, e foi recrutado para a operação em Paulínia no momento final. No seu último trabalho como mensageiro, de Chicago a Vegas e de lá para São Francisco, ele deu uma parada no caminho para visitar um velho amigo.

A expressão de Hendley respondeu à pergunta seguinte antes que Jack ou Clark pudesse formulá-la.

— Você está de sacanagem com a gente.

— Não. O Emir veio em um Dassault Falcon desde a Suécia há cerca de um mês. Vive nos arredores de Vegas desde então.

— E Hadi sabia onde...

— Sim.

— Isso é bobagem — declarou Jack. — Ele veio para cá por alguma razão. Essa coisa de Paulínia, o *Losan...* Ding está correto. O dominó começa a cair.

— Concordo — disse Granger. — Por essa razão é que vocês vão agarrá-lo; Chavez e Caruso já estão voando. Vão pousar mais ou menos uma hora depois de vocês.

— Então agarramos o cara e o colocamos na soleira do FBI? — disse Clark.

— Não tão cedo, e não até termos a oportunidade de espremê-lo um pouco.

— Isso pode levar algum tempo.

— Veremos.

Hendley disse isso com um sorriso que Jack só pôde descrever como ligeiramente maligno.

Em Andrews, o Gulfstream estava abastecido e pronto, a porta aberta e as escadas estendidas para eles. Jack e Clark pegaram seus equipamentos no porta-malas do Suburban, apertaram as mãos de Hendley e Granger, e entraram a bordo do avião. O copiloto os recebeu na porta.

— Sentem onde desejarem. — Recolheu as escadas, trancou a porta. — Estaremos taxiando em cinco minutos e com as rodas recolhidas em dez. Sirvam-se do que quiserem no refrigerador e no minibar.

Jack e Clark foram para a cabine. Na última fileira estava sentado um rosto familiar: Dr. Rich Pasternak.

— Gerry não me contou muita coisa — disse Pasternak. — Por favor, me digam se estou atravessando o país no meio da noite por conta de uma maldita boa razão.

Clark sorriu.

— Nada está escrito em pedra, doutor, mas acho que seu tempo vai valer a pena.

Com quatro horas de diferença de fuso horário e um voo de quatro horas e vinte minutos, tecnicamente pousaram no aeroporto de North Las Vegas apenas vinte minutos depois de deixar Andrews. Era um fenômeno que Jack compreendia, é claro,

mas pensar muito sobre a flexibilidade surrealista do mundo contemporâneo podia deixar uma pessoa com dor de cabeça.

Entre sonecas, ele e Clark dissecaram a missão no *Losan*, conversaram sobre beisebol e vasculharam a geladeira e o minibar. Por sua vez, Pasternak ficou sentado na poltrona, cochilando de vez em quando, mas principalmente olhando o espaço. Jack sabia que havia muita coisa na mente do médico. O homem tinha perdido um irmão naquela feia manhã de setembro, e agora estava ali, oito anos depois, talvez para conhecer o sujeito que planejava tudo aquilo. Embora “conhecer” não fosse exatamente a palavra certa, não é? O que Pasternak havia guardado para o Emir era algo que Jack não desejava para ninguém. Quase ninguém.

O avião parou, os motores pararam de girar. Jack, Clark e Pasternak recolheram seus pertences pessoais e foram para a porta. O copiloto saiu da cabine, abriu a porta e estendeu a escada.

— Doutor, quer que mandemos seu equipamento para o terminal?

— Não, aguardaremos por ele.

Na pista, Clark perguntou a Pasternak:

— Que equipamento?

— Ferramentas do ofício, Sr. Clark.

Pasternak disse isso sem qualquer traço de um sorriso.

Um ônibus do aeroporto os levou até o terminal, e dez minutos depois estavam numa minivan Ford rumo sul para Rancho Drive. Entraram no estacionamento rotativo do McCarran e acharam uma vaga. Jack ligou para o celular de Dominic, que respondeu no segundo toque.

— Já pousaram? — perguntou Jack.

— Há cinco minutos. Onde vocês estão?

— Pegamos vocês na saída.

Chavez e Dominic jogaram suas coisas na área de carga e entraram. Todos se cumprimentaram. Chavez disse:

— Droga, John, jamais pensei que veria você dirigindo um carrinho de mamãe levar filhos para o futebol.

— Engraçadinho.

Clark saiu e se dirigiu para a rodovia.

Em apenas 15 minutos, eles já entravam no condomínio de luxo. Seguindo as indicações de Chavez, Clark passou pela casa sem diminuir a marcha, depois dobrou na esquina e voltou para a entrada da seção. No sinal de parada, colocou a van em

ponto morto e desligou os faróis.

— Temos cerca de duas horas antes do amanhecer e nenhuma inteligência sobre o que há lá dentro, correto, Ding?

— Hadi viu a garagem, a cozinha e a sala de estar. Só isso.

— Sistemas de alarme?

— Não se lembra de ter visto nenhum teclado. Sabe com certeza que o Emir tem um guarda-costas, um sujeito chamado Tariq. Aparência regular, altura média, cabelos castanhos, mas suas mãos são todas queimadas. Hadi não sabia nada a respeito.

— Então com certeza temos dois lá dentro — disse Clark. — Provavelmente faz algum tempo que o Emir não atua como soldado, mas assumimos que ambos são durões. Perguntas?

Não havia nenhuma.

— Vamos em silêncio até a porta da garagem do lado, depois para a cozinha. Duas equipes. Alguém acha necessário misturarmos as duas?

— Não — respondeu Chavez.

Jack notou Dominic baixar ligeiramente a cabeça e olhar pela janela.

— Dom? — perguntou Clark.

— Nós funcionamos bem juntos. Eu meio que fodi um pouco as coisas, mas depois ajeitamos tudo, certo?

Ding assentiu.

— Podemos prosseguir.

— Ok — concordou Clark. — Duas equipes, revista padrão na casa. Precisamos de todos os vivos que consigamos, mas o Emir é nosso alvo primário. É melhor se não dispararmos nenhum tiro. Numa vizinhança destas vamos ter policiais aqui em cinco minutos. Doutor, vou pedir que fique aqui e cuide do forte. Chamamos depois de terminar. Se houver espaço na garagem, entre direto. Se não, vá pelo acesso.

Estacionaram a van no final do quarteirão e caminharam o restante do caminho. O céu estava claro, com lua cheia; o ar frio, o tipo de frio que só acontece numa noite no deserto.

Clark foi à frente, caminhando pela calçada, pelo portão do lado e a porta lateral. A tranca era uma maçaneta de girar, e ele a abriu com a gazua em quarenta segundos. Todos entraram na garagem. Dominic, na retaguarda, fechou a porta. A garagem estava vazia. Nenhum carro. Ficaram ali um minuto completo, escutando e deixando os olhos se acostumarem com a escuridão.

Clark foi até a porta da cozinha e experimentou a maçaneta. Olhou para os demais, e todos assentiram. Cada um sacou sua arma. Clark girou a maçaneta, parou, escutou e abriu a porta. Ficou parado na soleira por vinte segundos e examinou o umbral, procurando o bipe de um alarme. A casa estava em silêncio. A

cozinha e a copa estavam à direita; à esquerda, através de um arco, a sala de estar.

Clark entrou e foi para a direita, seguido por Jack, depois por Dominic e Chavez, e então foram na direção do arco. Quando Clark acenou, começaram a se movimentar pela casa. Do outro lado da cozinha havia uma porta aberta e, adiante, um corredor. Clark espiou pelo canto. A 3 metros, à sua esquerda, a cabeça de Ding apareceu no outro lado. O corredor se estendia pela direita de Clark. Três portas, uma de cada lado e uma no final do corredor. Clark fez gestos para Ding e Dominic pegarem a porta da esquerda. Quando chegaram na frente, Clark e Jack deslizaram do lado da porta da direita. As duas equipes entraram no mesmo momento e saíram dez segundos depois. Ambos eram quartos de hóspedes, e os dois estavam vazios.

Pararam diante da porta no final: Clark, Jack, Chavez e Caruso. Clark gesticulou: *dois a dois, direita e esquerda*. Todos assentiram. Clark experimentou a maçaneta, virou-se e assentiu. Todos avançaram pela porta, ocupando a direita e a esquerda, as armas acompanhando. Clark levantou o punho — *esperem* —, e indicou um amontoado sob as cobertas. Depois apontou para Chavez e em seguida para o closet. Ding verificou, e sacudiu a cabeça.

Clark deslizou até a cama. Jack e Dominic ficaram no pé, e Ding do outro lado. Todos os quatro apontaram as armas para a figura sob as cobertas. Clark colocou a pistola no coldre e ligou a lanterna-lápis de LED. Agarrou a ponta do lençol e puxou.

— Merda.



Kersen Kaseke saiu de casa às quatro da madrugada e dirigiu dois quarteirões até um posto de gasolina aberto 24 horas, e comprou uma xícara grande de café. Se o café era de fato *haraam* — proibido para muçulmanos —, Kaseke até então ainda não descobrira a verdade definitiva, de modo que se permitia aquela indulgência. Era apenas isso, afinal. Ele nem fumava nem bebia nem deixava os olhos se fixarem muito tempo na nudez relativa das mulheres dali.

Voltou para o carro e dirigiu para a Igreja Congregacional do Coração Aberto. As ruas da cidade, aliás raramente muito movimentadas, estavam especialmente tranquilas. Tinha chovido desde o meio da tarde, e agora as únicas pessoas que se deslocavam eram as que não tinham escolha: trabalhadores que entravam cedo, motoristas de entregas, a polícia... Destes últimos ele não viu nenhum carro; um sinal, acreditava, de que Alá estava com ele.

Deu duas voltas pela igreja, em seguida estacionou a um par de quarteirões ao norte, no estacionamento de uma loja de vídeos, colocou a mochila nas costas e saiu. Por força do hábito, não tomou o caminho mais direto até a igreja, e sim uma rota cheia de desvios. Ao finalmente se convencer de que não estava sendo seguido, Kaseke atravessou o gramado diante da igreja até as sebes que margeavam os degraus de entrada, onde se ajoelhou.

Retirou da mochila a primeira mina. Oficialmente conhecida como M18A1, e coloquialmente como “Claymore”, era projetada para uso como arma antipessoal e de vedação de área. Moldada como um retângulo convexo, as entranhas da Claymore não eram complicadas: uma camada de explosivo plástico C4 apoiando uma camada de setecentas bolas de aço de rolamento, cada uma do tamanho de chumbo de caça #4, embutidas em uma camada de resina. Quando detonada, o C4 espalha os setecentos fragmentos na velocidade de 1.220 metros por segundo. Como foi instruído e treinado, Kaseke tinha, na noite anterior, removido a embalagem externa da Claymore e espalhado cuidadosamente 225 gramas de bolinhas de veneno de rato entre as bolas de aço. O ingrediente ativo do veneno, difetialona, era um anticoagulante e, com sorte, impediria que mesmo os menores ferimentos coagulassem. Era uma tática usada com sucesso por seus irmãos palestinos na Faixa

de Gaza e na Margem Ocidental. Não demorou muito para que o pessoal de socorro israelense percebesse do que se tratava, mas durante um curto período muitas pessoas morreram, sangrando até a morte a partir do que pareciam ser apenas pequenas lacerações. Por jamais terem visto esse tipo de ataque antes, os paramédicos locais enfrentariam o mesmo horror e confusão.

Quando se certificou de que as bolinhas estavam bem distribuídas, Kaseke selou o veneno no local com uma fina camada de cera de vela, deixou endurecer e remontou a caixa da Claymore. O manual recomendava lenço de papel revestido integralmente com uma camada de adesivo para pano em spray, mas a cera funcionaria da mesma maneira, ele sabia. Em seguida, verificou cada parafuso, o ajuste, para ter certeza de que as camadas se encaixavam perfeitamente. O manual também era direto sobre isso: se as embalagens externas estivessem desalinhas, a força do explosivo poderia se dispersar. Essa instrução ele seguiu à risca.

Em seguida, Kaseke esticou os suportes em forma de tesoura da mina. Depois se assegurou de que a etiqueta — *frente na direção do inimigo* — estivesse apontada para a entrada daquela igreja que, dentro de algumas horas, estaria cheia de movimentação. Então enfiou as pernas no terreno suave dentro das sebes. Ficou de barriga, rastejou entre as cercas de plantas, em seguida deu a volta e olhou pelo visor colocado no topo da mina.

*Ótimo.* Havia escolhido a localização perfeita. A explosão abrangeria não apenas a entrada e as escadas como também parte da calçada.

Verificou o cronômetro da mina com seu próprio relógio. Estavam sincronizados. Ajustou o tempo e apertou o botão de início, e passou alguns segundos observando os tique-taques antes de levantar e ir embora.

Como costumava fazer nos fins de semana, Hank Alvey despertou cedo na manhã de domingo e silenciosamente tirou os três filhos da cama, alimentou-os com aveia e waffles de mirtilo, e depois os deixou sentados diante da TV — o volume bem baixo — para assistir a desenhos animados. As nuvens de chuva da noite anterior tinham sumido, deixando o céu azul brilhante. Raios de sol atravessavam as janelas da sala de estar e se refletiam no assoalho de madeira onde agora as crianças sentavam, mesmerizadas pela TV.

Um pouco antes das sete horas, preparou para Katie uma torrada com massa de pão fermentada, e a despertou com o café da manhã na cama. A loja de pneus da qual era o gerente fechava aos domingos, de modo que este era o único dia em que podia livrar a esposa do que ao contrário seria um trabalho de sete dias por semana. Cuidar das crianças para que ela pudesse dormir mais uma hora, dizia a esposa, era tão romântico e tão sexy. E, na maioria das noites de domingo, depois de as crianças dormirem, ela mostrava a ele exatamente o quanto apreciava aquele gesto.

Mas isso era para mais tarde, lembrou-se Hank, servindo o café, que estava ao

lado do pão recém-amanteigado. Na maioria das manhãs ele *quase* conseguia chegar na cama antes que Katie virasse e o recebesse com um sorriso sonolento. O que ela fez então.

— O que tem para o café da manhã?

— Adivinhe.

— Ah, meu favorito. — Ela se sentou e enfiou os travesseiros atrás das costas. — O que você fez com as crianças, trancou no closet?

— Estão vendo *Yo Gabba Gabba!* Acho que Jeremy tem uma paixonite pela Foofa.

Katie deu uma mordida na torrada.

— Qual é essa?

— Aquela com a florzinha rosa.

— Certo. Vamos à igreja?

— É bom irmos. Perdemos os dois últimos domingos. Podemos pegar o culto das nove e depois levar as crianças ao parque.

— Muito bem. Vou ficar bonita para sair.

— Feito — disse Hank, indo para a porta. — Vou soltar as crianças agora do closet.

Katie já descia as escadas, vestida, penteada e maquiada, antes mesmo de Hank estar pronto para a operação sapatos. O mais velho deles, Josh, já sabia atar os seus, mas Amanda e Jeremy não, de modo que Hank cuidou de um enquanto Katie ajudava o outro, e então estavam de saída, procurando os casacos e as chaves do carro, e verificando se a porta dos fundos estava trancada.

— Vamos chegar atrasados — disse Katie.

Hank verificou o relógio.

— Ainda faltam mais de 15 minutos. Chegamos lá em cinco minutos. Muito bem, garotos, a caminho...

E saíram.

Meio quarteirão ao norte e do lado oeste da igreja, Kaseke estava no seu terceiro café do dia, sentado em um banco da parada de ônibus. Daquele ângulo tinha uma visão perfeita das escadas da frente. *Pronto*. As portas se abriram e as pessoas começaram a sair. Kaseke verificou o relógio: 8:48. Pelo caminho que dava a volta na igreja até o estacionamento dos fundos chegava a fila dos fiéis das nove horas. Na frente do grupo vinha um jovem casal com três crianças — dois garotos e uma menina —, os três de mãos dadas e avançando adiante dos pais. Kaseke fechou os olhos e pediu forças a Alá. Isso era necessário. E as crianças, pequenas como eram, morreriam instantaneamente, tão rápido que a dor nem seria percebida por suas mentes.



O grupo que chegava parou no final do caminho, onde se reuniu na área comum diante das escadas.

Keseke verificou o relógio. Faltava menos de um minuto.

A 100 metros de onde tinha plantado a mina, não podia ver que seu plano estava sendo arruinado e, só mais tarde, depois de ele ser capturado, a polícia explicaria como fracassara.

Nas últimas cinco horas em que a Claymore ficou primeiro debaixo da chuva e depois sob o sol matinal, a cera de vela que Kaseke usara para cimentar as bolinhas de veneno de rato nas bolas de rolamento e sua base de resina começou a rachar. Isso por si só não interferiria nas funções da mina, mas o que Kaseke não sabia era que essa Claymore em particular, e outras oito, tinham mais de duas décadas de vida e haviam passado os últimos oito anos armazenadas de modo inadequado dentro de uma caixa de madeira em uma caverna úmida, ou enterradas no solo cozido pelo sol da província de Nargahar, no Afeganistão.

Enquanto a vela de cera rachava dentro do estojo, a resina, com seu prazo de validade há muito vencido e tão quebradiça quanto um biscoitinho, também rachou, mas apenas alguns milímetros. Era o suficiente, entretanto, para afrouxar os soquetes sobre os quais estavam 14 bolas de rolamento. Com *tinques* metálicos sobrepostos que ninguém poderia ouvir nas escadas da igreja, as 14 bolas de rolamento se soltaram e caíram contra o fundo do estojo. Se não fosse pelas dez horas de chuva, isso, também, não teria prejudicado a detonação da mina, mas os suportes que a sustentavam na posição no solo, agora amaciado e com consistência de lama, sucumbiram ao peso das bolas de rolamento, que mudaram de posição. Às 8:49:36, 24 segundos antes da detonação, a Claymore cuidadosamente apontada por Kaseke se inclinou para a frente e parou em um ângulo de 45 graus, metade da dianteira apontando para a terra, e a outra metade apontando para o concreto.

Quando acordou horas depois no hospital, os primeiros pensamentos de Katie Alvey foram: *Meu marido morreu e acho que meus filhos estão vivos*, seguido pela compreensão de que a sorte pura e simples teve grande participação no resultado, seja ele qual fosse.

Enquanto a mina de Kaseke se inclinava para baixo, a família Alvey subia as escadas junto com dúzias de outros atrasados que também começavam a subir. Hank caminhava mais perto das sebes que margeavam a escada, com Josh e Amanda à sua esquerda, depois Katie e Jeremy, que segurava a mão da mãe.

As testemunhas mais tarde descreveriam a explosão como um sopro intenso seguido de uma tempestade de granizo infernal. Katie não viu nem ouviu essas coisas, mas por alguma razão havia virado o rosto para Hank quando a Claymore

disparou. Das setecentas bolas de rolamento que estavam dentro da mina, umas quatrocentas foram na direção do chão, formando uma cratera no canteiro e arrancando um pedaço de 1 metro de largura do concreto. O restante das bolas deslizou pelo concreto, ferindo pés e panturrilhas, destroçando ossos e arrancando pedaços de carne, ou rebateu no concreto em vários ângulos e trajetórias. Os que tiveram o azar de serem atingidos por esses ou morreram instantaneamente ou sofreram horríveis ferimentos nos membros. Hank Alvey, com seu corpo protegendo o filho mais velho e a filha, foi atingido por uma bola por baixo do lado esquerdo do queixo, efetivamente destroçando sua cabeça em três partes. Katie viu isso, mas não teve tempo de reagir nem de agarrar qualquer uma das crianças ou proteger Jeremy com seu corpo. Felizmente, nada disso fora necessário.

Katie ficou parada piscando, os ouvidos zumbindo e o cérebro sem conseguir registrar a carnificina ao redor. Dos dois lados dela, Josh, Jeremy e Amanda estavam igualmente estonteados, mas isso passou rapidamente, e as lágrimas começaram a escorrer. Os degraus estavam banhados de sangue e forrados com braços, pernas e pedaços não identificáveis de... quem? Ela não reconheceu ninguém. Dúzias de pessoas estavam estendidas no concreto. Algumas não se mexiam, outras se contorciam de dor ou tentavam se arrastar para longe ou na direção dos seus bem amados, as bocas se mexendo, mas sem nenhum som saindo.

Então os ouvidos de Katie se abriram e ela escutou os gritos. E as sirenes.



Depois de se certificar de que todas as cortinas estavam fechadas, eles acenderam as luzes da casa, e então Jack chamou Pasternak e mandou que ele estacionasse a van na garagem. O médico entrou pela porta da cozinha e parou de súbito.

— É ele?

— Não, esse é Tariq, o guarda-costas do Emir — disse Jack.

De fato, precisaram de dez minutos para que Tariq apenas admitisse o próprio nome. Afora isso, não disse nada. Chavez e Domingo revistaram o restante da casa, mas até então ela mostrava toda a individualidade de um modelo do construtor. Não havia toques pessoais.

— Parece que acabamos de perder o próprio sujeito — disse Jack. — Vá se sentar na sala de estar, doutor. Logo o chamaremos. — Ele se reuniu com Clark na mesa diante de Tariq. Tinham amarrado suas mãos e seus tornozelos com fita crepe, e depois amarraram os pés na mesa da cozinha, também com fita adesiva.

— O que aconteceu com suas mãos? — perguntou Clark.

Tariq as tirou de cima da mesa e as colocou no colo.

— Um incêndio.

— Isso eu já supunha. Como, especificamente?

— Vocês invadem minha casa, me arrancam da cama. Não são da polícia. Quem são vocês, e o que querem?

— Você sabe por que estamos aqui — disse Jack. — Quando ele saiu?

— Quem? Moro aqui sozinho.

— Shasif Hadi nos contou uma história diferente.

Ao ser mencionado o nome de Hadi, os olhos de Tariq se estreitaram ligeiramente, mas logo voltaram ao normal.

— Não está interessado em saber como achamos Hadi? — indagou Jack. — Nós o pegamos no Rio de Janeiro. Depois do ataque à refinaria de Paulínia, o Emir ordenou que ele quebrasse contato com Ibrahim, Fa'ad e Ahmed. O Emir disse que os outros o haviam traído.

— Isso não é... — Tariq parou no meio da frase.

Clark interrompeu:

— Não é verdade? Está certo. A verdade é que quebramos sua criptografia. Todas essas tabelas de uso único embutidas nos banners dos sites... Quebramos isso, e mandamos uma mensagem para o site de armazenamento de Hadi para aquele dia, e o pusemos para correr, bem para o nosso colo. — Clark olhou Jack. — Levou o quê, uns dez minutos para ele ser quebrado?

— Nem isso. Olha só mais uma novidade, Tariq: o cargueiro *Losan*... paramos ele também. Os irmãos Salim estão mortos, e o corpo de bombeiros de Newport News está agora mesmo descarregando aqueles tanques de propano.

Dessa vez, Tariq não conseguiu se conter:

— Vocês estão mentindo!

— Sobre que parte? — provocou Clark. — Hadi ou o *Losan*?

— Ambos.

— Então está admitindo quem você é e que conhece o Emir.

Tariq fechou as mãos na mesa diante dele e olhou direto para a frente.

A voz de Ding veio do corredor:

— John, você vai querer ver isso.

Clark e Jack foram até Ding e Dominic, que estavam no quarto principal. Sobre uma cômoda com gavetas estava um laptop. Ding falou:

— Achamos isso na mesa de cabeceira. — Apertou o botão de retorno.

Depois de instantes o rosto do Emir apareceu na tela. O fundo era o sofá e a parede da sala de estar.

— Meu nome é Saif Rahman Yasin. Também sou conhecido como o Emir, e sou o comandante do Conselho Revolucionário Omíada. Falo a vocês hoje como um muçulmano devoto e humilde servo e soldado de Alá. A essa hora, o mundo já testemunhou a vingança que Alá impôs a essa nação infiel dos Estados Unidos da América...

Clark apertou o botão de parar, detendo o vídeo.

— É o testamento do filho da puta.

— Quando isso foi feito? — quis saber Jack.

— Ontem — respondeu Dominic.

— Cristo.

Todos seguiram Clark pelo corredor e de volta à copa. Clark sentou na mesa e todos ficaram olhando.

— Tariq.

— O quê?

— Quero que você me diga onde Saif está e o que vai fazer. Antes de responder, você precisa compreender a regra básica: você só tem uma oportunidade de responder, senão...

Tariq olhou para a frente.

— Vão me matar? Podem ir adiante; não temo a morte. Serei recepcionado no paraíso como um...

— Não vamos matar você, Tariq. Mas antes de passar uma hora, você vai desejar que tivéssemos feito isso.

Tariq se voltou e olhou Clark.

— Não tenho medo — desafiou.

Clark o olhou solenemente por alguns instantes, e depois, sem desviar o olhar de Tariq, disse para Ding por cima do ombro.

— Vá encher a banheira.

Clark realmente nunca compreendera a discussão sobre se afogamento era ou não tortura. Qualquer um que tivesse passado por isso ou visto a coisa sabia que era. Mas conseguia resultados cuja validade só podia ser avaliada por um interrogador particularmente astuto ou pela subsequente coleta de informações. Clark era abençoado com o primeiro atributo, mas infelizmente não tinha nem tempo nem recursos para o último.

Oito minutos, uma toalha encharcada e exatamente 1 litro de água foi todo o necessário. Satisfeito, Clark levantou da posição acocorada sobre Tariq, quase inconsciente e cuspidor água, e voltou-se para Ding, que estava de pé, braços cruzados, e apoiado na parede do banheiro.

— Pode esvaziar a banheira — ordenou Clark. — Limpe o cara e o tranque.

— Você acreditou, John.

— Sim. — Clark verificou o relógio. — De qualquer maneira, já estamos sem tempo.



Clark voltou à cozinha.

— Jack, pegue a lista telefônica. Precisamos do aeroporto mais próximo. Passeios comerciais de helicópteros são nossa melhor aposta.

— Já vendo.

— Dom, você dirige. Doutor, ficará confortável aqui com ele? — Ding vinha pelo corredor arrastando Tariq atrás de si. — Voltaremos para pegá-lo.

— Com certeza.

Jack anunciou:

— Paragon Air Helicopter Tour na rodovia 215. A 5 quilômetros daqui.

Em trinta segundos estavam no carro e em dois minutos na rodovia. Clark usou o telefone via satélite para ligar para o Campus. Rick Bell atendeu, e Clark falou:

— Preciso de você, Gerry e Sam para uma conversa em conferência imediatamente.

— Espera aí.

Transcorreram trinta segundos. Hendley entrou na linha.

— O que há, John?

— Estou com Jack na linha também. Nosso sujeito fugiu, saiu ontem. Um guarda-costas ainda estava na casa. Eles têm uma bomba, Gerry, provavelmente abaixo de 10 quilotons, mas grande o suficiente para o que planejaram.

— Espera, como é? Isso é confiável?

— Acredito que sim. E temos que assumir que é.

— Onde eles conseguiram isso?

— Não tenho ideia. Nosso sujeito não tinha essa informação.

— Muito bem, o que mais?

— O Emir irá se encontrar com seis homens a mais ou menos 160 quilômetros daqui. O guarda-costas não tinha os detalhes completos, mas o alvo deles é a montanha Yucca.

— A do depósito de lixo nuclear?

— Essa aí.

— Mas ainda nem está aberta. Não há nada ali.

— Há o lençol freático — rebateu Jack.

— Como é?

— Pense em um teste nuclear subterrâneo. Detone uma bomba nuclear sob 3 mil metros de rocha e a onda de choque desce direto. Os engenheiros de lá já têm túneis de armazenamento que descem a mais de 300 metros. O lençol freático está 150 metros mais abaixo. É uma peneira geológica — explicou Jack. — Toda a radiação da bomba desce direto para os aquíferos, e dali para o restante do sudoeste. Talvez chegue até a Costa Oeste. Estamos falando de milhares de quilômetros quadrados envenenados pelos próximos 10 mil anos.

O silêncio se fez na ponta do Campus. Depois Granger disse:

— Onde eles conseguiram essa porra?

— É de fabricação caseira, provavelmente algo estilo canhão primitivo: dispare um pedaço de urânio chamado “infiltrante” dentro de um pedaço maior chamado de “mina” e se consegue massa crítica — respondeu Clark.

— E o material? Onde obtiveram?

— Não tenho certeza. O guarda-costas disse que um dos capitães do Emir estava na Rússia até duas semanas atrás.

— Você é quem está no terreno, John. O que quer fazer? — indagou Hendley.

— Estamos com opções limitadas, Gerry. Seja lá quem chamemos, não vai simplesmente mandar a cavalaria. Há uma centena de questões antes que alguém se mexa: quem somos nós, onde conseguimos a informação, que provas temos... Você sabe como é isso.

— Sim.

— Estamos a uns dois minutos de uma pista de aviação. Vamos ver se conseguimos um helicóptero. Dependendo do que conseguirmos, podemos estar sobre Yucca em trinta minutos. Se chegarmos lá primeiro, protegeremos a base até você achar alguém que escute.

— E se chegarem lá em segundo lugar?

— Não quero nem pensar nisso. Ligo quando estivermos voando.

A 150 quilômetros do norte de Las Vegas, na rodovia 95 do Vale da Morte, o Emir diminuiu a marcha de seu carro e cruzou o canteiro central até o acostamento. A via de terra mal era perceptível através da berma de cactos anões, mas ele pegou o caminho para dentro de uma depressão e logo achou as marcas de pneu. Pelo parabrisa, a uns 500 metros adiante, as Skeleton Hills se levantavam do terreno desértico como montanhas lunares.

A trilha continuava descendo, depois virava ao norte e começava a correr paralela a um cânion raso. Ele viu um carro estacionado uns 400 metros adiante. Quando se aproximou, percebeu se tratar de um Subaru. Musa estava de pé ao lado da porta do motorista. O Emir diminuiu a marcha e parou ao lado dele, que entrou no carro. Os dois se abraçaram.

- Que bom ver você, irmão — disse Musa.
- E você também, velho amigo. Estão todos lá?
- Sim, logo adiante.
- E o dispositivo?
- Já está carregado e a bordo.

O Emir seguiu as indicações de Musa por mais uns 800 metros pela trilha, até onde esta fazia uma curva junto a uma colina baixa. A carreta de Frank Weaver estava estacionada, a frente virada para a estrada. O tonel GA-4 brilhava ao sol. Três homens estavam de pé ao lado da porta do motorista.

O Emir e Musa desceram e foram até lá.

— Minha equipe da Rússia — disse Musa. — Numair, Fawwaz e Idris.

O Emir acenou para cada um.

— Todos agiram muito bem. Alá sorrirá sobre vocês. — O Emir verificou o relógio. — Partiremos em 15 minutos.

O espaço era apertado, mas todos conseguiram se espremer na cabine do caminhão. Fawwaz, que era o mais parecido com Frank Weaver, dirigia. Cinco minutos mais tarde, estavam na rodovia em direção ao norte.

Uma placa na acostamento informava: RODOVIA 373 — 10 quilômetros.

Chavez parou no estacionamento da Paragon Air. Através da cerca podiam ver dois helicópteros — ambos Eurocopter EC-130 — parados na pista. Chavez foi até o escritório, e Clark desceu com Jack.

— Ding, dê a volta até o portão da manutenção. Abriremos para você.

Clark e Jack foram até o escritório. Uma mulher com cerca de 60 anos, usando um penteado que parecia uma colmeia vermelha, estava sentada atrás do balcão. À direita, através de uma meia porta de vidro, estava a área de manutenção.

— Bom dia — saudou Clark.

— Bom dia para você. Em que posso ajudar?

— Será que tem um piloto por aí com quem eu possa falar?

— Talvez seja algo que eu possa ajudar. Está interessado em um tour?

— Não, na verdade tenho uma pergunta técnica sobre o conjunto de sustentação do rotor do EC-130. Meu filho aqui estuda aviônica, e seria de enorme ajuda se pudesse ver um de perto.

— Só um instante, vou ver se Marty tem um tempinho.

Ela pegou o telefone, falou por um minuto, e depois disse:

— Ele já vem.

Clark e Jack foram rumo à porta. Um sujeito com macacão cinza se aproximou e a abriu. Clark estendeu a mão.



— Olá, Marty! Steve Barnes. Este é meu filho Jimmy... — Enquanto falava, avançou pela porta, levando Marty consigo. — Tenho uma pergunta sobre o EC-130.

Apenas mais duas pessoas eram visíveis no hangar, ambas no extremo oposto, perto de um Cessna.

— Claro — respondeu Marty. — Mas provavelmente deveríamos voltar lá para dentro.

Clark levantou a fralda da camisa e mostrou o cabo da Glock a Marty.

— ...Ah, merda, ei...

— Relaxa — disse Clark. — Só queremos pegar um helicóptero emprestado.

— Hã?

— E queremos que você pilote.

— Isso é uma piada?

— Nada disso. Você vai nos ajudar ou dou um tiro na sua perna e levo o helicóptero de qualquer jeito. Coopere, nos leve até onde queremos ir e estará de volta dentro de uma hora. Diga sim.

— Sim.

— Qual pássaro está pronto?

— Bem, nenhum...

— Não minta para mim, Marty. Estamos no fim de semana. Horário nobre para tours e lições.

— Ok. Aquele ali. — Marty apontou.

— Vá dizer à recepcionista que você vai dar uma saidinha rápida. Banque o espertinho e leva um tiro na bunda.

Marty abriu a porta, enfiou a cabeça, e fez o que mandaram.

Jack sussurrou a Clark:

— O que é conjunto de sustentação do rotor?

— Não faço ideia.

Marty virou as costas para a porta e Jack perguntou:

— Onde estão os controles para o portão lateral?

— Na parede de fora, do outro lado do hangar.

Jack seguiu naquela direção. Clark sorriu para Marty.

— Vamos indo.

— O que está acontecendo? — perguntou Marty enquanto se dirigiam para o EC-130. — O que vamos fazer?

— Você está salvando o dia, Marty.

Quando se aproximaram do helicóptero, Jack, Chavez e Dominic vieram pelo outro lado do hangar. Foram para o fundo, enquanto Clark sentou no banco de passageiro da frente. Marty entrou, apertou o cinto e começou a checagem anterior ao voo.

— Para onde vamos? — perguntou.

Jack respondeu:

— Noroeste. Quando você chegar nas rodovias 95 e 373, siga para o noroeste. — E deu a latitude e a longitude para o piloto.

— Esse espaço aéreo é restrito, cara — falou Marty. — É a área do Nellis Range e da área de testes nucleares de Nevada. Não podemos...

— Claro que podemos.

Oito minutos depois estavam no espaço aéreo. Clark ligou para Hendley e o informou:

— Estamos no ar.

— Rick Bell também está na linha. Mais fichas estão caindo. A CNN, a MSNBC, a Fox, todo mundo está cobrindo. Algum tipo de explosão em uma igreja em Waterloo, Iowa; estão falando de algo entre cinquenta e sessenta mortos, e talvez duas vezes esse número de feridos. Teve alguma coisa em Springfield, no Missouri, também. Uma estação de rádio local estava cobrindo a inauguração de uma estátua, e diz que parecia a porra da Omaha Beach. Também em uma cidade em Nevada... Brady... Alguém entrou na piscina de um colégio e rolou granadas por baixo da arquibancada. Deus do céu.

— Estão fazendo o que sempre fizeram — disse Clark. — Terror. O *Losan*, o incêndio de Paulínia, esses ataques. O CRO está mandando uma mensagem: ninguém está a salvo em nenhum lugar.

— Bem, vai haver muito mais fiéis depois disso tudo.

— É pior que isso — disse Bell. — Se lembra do mergulho que a economia deu depois do 11 de Setembro? Multiplique isso por mil, e é o que pode acontecer. O Emir e o CRO tentam terminar o serviço: fazer com que a economia destrua o país de dentro para fora. Atacaram nossa fonte de petróleo, tentaram atingir um grande porto, mataram sabe Deus quantos no coração do país, e agora estão tentando uma ação nuclear. As pessoas *são* a economia. Paralise uma, paralisa-se o restante. Acrescente Kealty a isso, considerando que ele está girando o totó, e temos uma porra de um problema.

— Faz sentido — respondeu Clark. — Nada do que esse sujeito faz é unidimensional.

— Qual sua previsão de horário de chegada? — quis saber Hendley.

Clark perguntou a Marty:

— Quanto tempo?

— Vinte e dois minutos.



A24 quilômetros do entroncamento com a 373, a rodovia 95 aparecia abaixo do C-130, uma linha cinzenta e reta cortando o deserto marrom.

— Estamos perto do Nellis Range? — perguntou Clark a Marty.

— Olhe pela janela e quase pode tocá-lo. Isso é o que estou dizendo: logo que cruzarmos para o noroeste, vamos iluminar as telas de radar. E esses caras não brincam em serviço.

— Temos que chegar na Yucca.

— Merda. Me diga que vocês não são terroristas.

— Somos a turma do bem.

— Que tipo de turma do bem?

— Difícil de explicar. Pode nos levar até lá antes que nos obriguem a descer?

— Qual entrada: norte ou sul?

— Sul.

— Se eu abrir todo o acelerador posso forçar o pássaro a chegar a 300 por hora, e se conseguir pousar... Calcule uns quatro minutos depois de desviarmos da rodovia. Pode me fazer um favor?

— O quê?

— Me ameace de novo. Quando me algemarem, quero ter algum tipo de defesa.

Cinco minutos depois, eles viram pela janela outra linha cinzenta se intersectar com a 95 vindo do sul.

— Seguindo pela 373 — anunciou Marty. Quando passaram pelo entroncamento, ele rumou para o noroeste e começou a descer até chegar a uns 10 metros acima do deserto.

Um cume diante deles.

— Busted Butte — anunciou Marty, subindo e estabilizando. — Cinco quilômetros. Sessenta segundos. — Girou novamente, primeiro para a esquerda, depois para a direita, e desceu em um vale raso.

Um lote de pouco menos de 1 hectare revestido de cascalho apareceu pela janela.

Do lado direito do lote, a colina tinha uma abertura recortada na forma de um buraco de fechadura, com uma enorme entrada de túnel no centro.

— Companhia — avisou Jack.

Da direção norte do lote, uma estrada se estendia pelo deserto. Uma carreta carregada com o que parecia ser um enorme haltere de aço entrava no lote.

— Que diabo é aquilo? — gritou Dominic.

— Um tonel GA-4 — respondeu Jack. — Para transportar varetas de combustível usadas.

— Pensei que este lugar ainda não estivesse funcionando.

— Não está. — Jack apontou os binóculos ao norte, pela estrada, até uma cabine de guarda do tamanho de uma cabine telefônica. Pôde observar dois corpos caídos no pavimento. — Homens abatidos na guarita.

Clark perguntou a Marty:

— Pode descer na...

— Não com aquele caminhão ali. Destroçaria o rotor. Posso pousar a uns 50 metros abaixo da estrada.

— Faça isso.

— Estou indo.

Marty girou abruptamente, espiralando de volta por onde haviam chegado antes de pairar sobre a estrada. No lote, o caminhão parou e homens desceram apressados da cabine.

— Conteí cinco — avisou Dominic.

Enquanto observavam, dois deles correram ao longo da carreta na direção do EC-130. Ainda correndo, os homens levantaram AK-47 e começaram a disparar.

— Merda! — exclamou Marty. — Que porra é essa?

— Esses são os bandidos — informou Clark.

Marty deslizou o helicóptero para a direita, mais adiante da estrada e atrás da colina.

— Aí está bom — disse Clark.

Marty desceu o EC-130 e pousou direto. Clark e os demais desceram. Clark se inclinou pela porta e gritou:

— Ache um abrigo e se esconda. Fique longe do rádio e esteja aqui quando voltarmos.

— Ah, deixa disso...

Clark apontou sua arma na direção de Marty.

— Isso ajuda?

— Sim!

Clark bateu a porta e correu para onde os outros tinham se agrupado 10 metros adiante. Areia bateu neles quando Marty subiu, girou à esquerda e seguiu estrada abaixo, onde girou novamente atrás de uma colina baixa. Após vinte segundos, o ruído do rotor sumiu.

— Escutem — pediu Jack.

Do outro lado da colina, a carreta estava em movimento.

Com Chavez na ponta, todos avançaram ladeira acima. Estavam a 3 metros da crista quando escutaram o pipocar de armas automáticas. Rajadas controladas de três tiros. Vozes gritaram, ecoando pelas paredes do cânion. Chavez caiu de barriga e rastejou para a frente. Pouco depois assinalou para os demais avançarem. Abaixo, a carreta estava entrando na reentrância na colina. Enquanto observavam, um homem com capacete amarelo correu pelo lote, na direção da estrada. Três *pops* sobrepostos, e o homem caiu para a frente e ficou parado.

— Conteí mais quatro — disse Dominic. — Não vejo nenhum deles se movendo. E vocês?

Ninguém respondeu.

Desceram correndo a encosta até o trecho acimentado na beira do lote, e continuaram para a pendente seguinte em direção à entrada. Rastejaram até a borda, deram uma espiada e foram recebidos com o ruído de aço arranhando. A cabine do caminhão desaparecia na boca do túnel. O tonel deslizou pela entrada, arranhando pela borda superior. O caminhão encalhou e parou, tentou avançar mais um pouco e parou novamente. O motor morreu.

Um homem apareceu na traseira da carreta, com um AK no ombro. Balas se enfiaram na terra aos pés deles. Todos recuaram e caíram no chão. Chavez zigzagueou para a frente, deu uma olhada, levantou-se e apoiou um joelho, e disparou três tiros, caindo novamente no chão.

— Um a menos.

— Sabemos qual é o tamanho dessa coisa? — perguntou Jack.

— Não é maior que um armário de vestiário, imagino — respondeu Clark. — Dois homens podem carregá-la. Vamos, vamos avançar. — Foram descendo pela borda de concreto, depois rolaram por ela um por um e caíram no solo. Ao longo da parede de concreto se amontoavam pilhas de caixas, rolos de arame, caixas de ferramentas com rodinhas, conjunto de acetileno e de arcos de soldagem. Atrás disso, a quina que levava à entrada.

Aos pares, eles foram avançando em turnos até Clark poder espiar pelo canto. Voltou-se, apontou para Jack e gesticulou para que ele avançasse, em seguida Dominic, e então Chavez. Nada se mexia na entrada. A carreta estava bem entalada, os dois lados pressionando as paredes e o tonel contra o teto.

O ruído de um motor veio do túnel. Depois foi diminuindo.

— Parece um carrinho de golfe — disse Dominic.

— Veículo utilitário Cushman. Meio parecido, só que mais rápido.

— O que você sabe sobre a planta? — indagou Clark.

— Vi alguns esboços na internet, mas como a obra não foi nem concluída, não

sei...

— Seu palpite.

— Esse túnel principal provavelmente vai até a entrada norte. Em intervalos, deve haver rampas que levam para baixo.

— Linha reta ou em curvas?

— Retas.

— Qual a profundidade?

— Uns 300 metros. No fundo, a rampa se nivela em um patamar, mas não sei o tamanho. Saindo desse patamar estão os túneis usados para depositar os tonéis. A boa notícia é que vão tentar plantar essa coisa na maior profundidade possível, o que significa que precisarão de uma rampa. Do túnel principal até o fundo provavelmente deve levar uns dez minutos.

Quando Clark fez o sinal, Jack e Chavez correram até a ré da carreta, subiram e começaram a avançar para além do tonel. Quando estavam quase na cabine, ele e Dominic passaram pela esquina, foram pelos dois lados do caminhão e correram ao longo das paredes dos dois lados da entrada. Clark deslizou, ajoelhou-se e olhou por baixo do chassi do caminhão. Levantou-se e assinalou a Jack: *dois homens lá dentro*. Jack assentiu e retransmitiu para Ding, que passou para Dominic, do outro lado.

Vagarosa e cuidadosamente, Jack abriu a janela traseira da cabine, recebeu um empurrão de Chavez e se espremeu pela abertura até o compartimento de dormir. Deslizou para o assoalho, rastejou até o painel. As paredes da rocha no exterior estavam a menos de 30 centímetros das janelas.

Subiu a cabeça para dar uma olhada por cima do painel, até poder ver através da janela dianteira. O túnel era mais imponente do que ele imaginara. Como o esqueleto de um submarino, as paredes e o teto eram reforçados por enormes vigas cintadas. Lâmpadas de halogêneo fixadas no teto se estendiam à distância.

Por cima do capuz, Jack percebeu o topo da cabeça de um homem se movimentar da direita para a esquerda e desaparecer da vista. Vinte metros túnel adentro, viu outro homem acorado ao lado de um Cushman amarelo. Com cuidado para manter a cabeça fora da vista, ele se contorceu para se sentar no lugar do motorista. Do compartimento de dormir, atrás, escutou uma única batidinha. Uma... Outra batida. Duas...

Na terceira, Jack apertou a mão na buzina.

Os tiros saíram dos dois lados da cabine. O homem ao lado do Cushman levantou e disparou uma rajada de balas do AK. A resposta foi um único *pop*, e depois outro. O homem tropeçou para a frente, caiu para fora do Cushman e deslizou para o chão.

— Pode sair, Jack — avisou Clark.

Aos pares, eles rastejaram por baixo do caminhão e entraram no túnel. O primeiro sujeito que Jack tinha visto estava deitado imóvel a alguns metros de distância. Dominic deu uma corrida até o Cushman e verificou o outro. Virou-se e passou o polegar pela garganta.

Eles recolheram os dois AK e depois, com Chavez na direção, subiram no Cushman e começaram a descer o túnel.

— Qual a estabilidade desse negócio que eles fizeram? — perguntou Jack a Clark.

— Bem estável. O disparador tem que ser enfiado no cano com bastante força. Precisa de uma boa carga, e precisa ser armado. Por quê?

— Trabalhando numa ideia.

Uns 50 metros mais adiante, a fileira de lâmpadas de halogêneo do teto se convergiu em um círculo.

— Primeira rampa — disse Jack.

— Calma, Dom — ordenou Clark.

Pararam a uns 20 metros de distância, saíram e caminharam até a entrada da rampa. Iluminada de cima por mais lâmpadas de halogêneo, a rampa fazia um ângulo de 25 graus para baixo.

— Já deveríamos ser capazes de escutar o Cushman deles — sussurrou Jack.

Ficaram em silêncio e escutaram. Nada.

Voltaram e prosseguiram. O túnel fazia uma curva para a direita. Dominic parou antes, e Jack saltou para olhar na curva. Voltou.

— Limpo.

Continuaram avançando. Chegaram à segunda rampa e pararam para escutar, mas não ouviram nada. A mesma coisa na terceira e na quarta. Quando se aproximaram da quinta, ouviram uma voz ecoando na rampa. Desceram, avançaram e olharam pelo túnel.

Puderam ver, à distância, a mancha amarela do Cushman aparecer sob uma lâmpada de halogêneo, depois sumir na sombra e voltar a aparecer novamente sob a luz.

— Três quartos da distância até o fundo — declarou Jack.

— Se você tem alguma ideia, chegou a hora — disse Clark.

— Depende da sua certeza sobre a estabilidade dessa coisa.

— Noventa por cento.

Jack assentiu.

— Ding, preciso da sua ajuda.

Subiram novamente no Cushman, fizeram um retorno e voltaram pelo túnel. Cerca de trinta segundos depois estavam de volta. Jack e Ding tiraram da traseira do Cushman, cada um, um cilindro de acetileno.

— Torpedo — falou Jack.

- Estão cheios?
- Quase vazios.
- Marcar o tempo é que vai ser difícil.
- Deixo isso com você. Você é o chefe.
- Vão em frente.

Jack e Chavez levaram os cilindros até a entrada da rampa, deitaram os dois transversalmente ao sentido da rampa, e depois deram um empurrão. Imediatamente começaram a rolar, ribombando contra as paredes enquanto desciam. Jack e Chavez correram de volta para o Cushman e entraram. Dominic se colocou na rampa e esperou.

Clark fez uma contagem de dez para zero, e depois disse:

- Vamos.

Quase imediatamente ficou evidente que o Cushman tinha freios inadequados. Depois de 50 metros, o marcador de velocidade batia acima da marca dos 80 quilômetros por hora. Eles passavam disparando pelas luzes do teto. Dominic freou, diminuindo ligeiramente a velocidade, mas fumaça começou a sair dos tambores. Cerca de 200 metros abaixo deles, os cilindros giravam e batiam como um par de bolas. O Cushman do Emir estava quase no fundo.

- Vai ser por pouco — disse Chavez.

- Diminua nossa velocidade, Dom — pediu Clark.

Dominic apertou os freios, sem resultados. Bateu no pedal. Nada aconteceu.

— Mantenham suas mãos para dentro — gritou, e desviou para a direita. O painel fronteiro do Cushman arranhou a parede do túnel, criando uma tempestade de faíscas. Diminuíram um pouco. Ele se afastou da parede, e depois voltou.

Cem metros abaixo na rampa, os cilindros atingiram o Cushman do Emir. Um cilindro quicou e passou por cima, mas o segundo se chocou contra o para-choque traseiro. O Cushman derrapou, inclinou para o lado, então capotou de vez e derrapou na plataforma.

- Faça a gente parar — ordenou Clark.

Dominic girou abruptamente a roda, colocando todo o lado esquerdo se arrastando pela parede. O Cushman vagarosamente foi parando. Todos saíram e correram rampa abaixo. Na plataforma, o Cushman do Emir havia capotado. A alguns metros de distância havia um corpo esparramado no concreto. Eles pararam na entrada da plataforma. À esquerda, o túnel continuava por mais uns 20 metros antes de virar acentuadamente à esquerda. Não havia ninguém no túnel. Chavez foi até o corpo e se ajoelhou.

- Não é ele — disse.



Todos saíram correndo pelo túnel. Depois de uma esquina, viram-se em um beco de 10 metros de largura. Por cima, as vigas curvas cobriam o teto. Podiam perceber as entradas circulares para os deslocamentos de armazenamento, espaçados em intervalos de 6 metros de cada lado do beco.

— Conte 12 em cada lado — anunciou Dominic.

— Vamos nos dividir — ordenou Clark. — Eu e Jack vamos pela direita, e vocês dois pela esquerda.

Clark e Jack atravessaram correndo até a parede oposta. Jack falou sem emitir som: *pego os seis últimos*. Clark assentiu. Jack saiu correndo, examinando cada deslocamento enquanto passava. Do outro lado, Dominic fazia o mesmo.

Jack atravessou o quinto deslocamento, não viu nada e continuou passando pelo sétimo e oitavo. Viu uma luz piscando uns 200 metros abaixo. Mal pôde perceber duas figuras acoradas ao lado do que parecia uma caixa de iscas industrial. Jack olhou ao redor. Clark avançava, mas estava longe demais. O mesmo valia para Dominic e Chavez.

— Que se dane.

E saiu correndo naquela direção.

Tinha coberto metade da distância até as figuras quando uma das cabeças levantou. A boca de uma arma brilhou com um relâmpago laranja. Jack continuou correndo. Levantou a arma e disparou duas vezes. Ouviu Clark gritar em cima:

— Por aqui!

O homem avançou, atirando da altura cintura. Jack se agachou e se encostou na parede, tentando diminuir o próprio volume. Ajustou a mira, colocou as guias no centro da massa do homem, e apertou duas vezes. O homem girou e caiu. O outro ignorou a queda de seu camarada e continuou trabalhando, suas mãos se movimentando dentro da caixa. Levantou o olhar, viu Jack e continuou trabalhando. Dez metros adiante. Jack levantou a arma e continuou disparando até o carregador abrir e mostrar o pente vazio. Seis metros. Uma cabeça olhou pelo lado da caixa e desapareceu novamente. Jack cobriu os últimos 3 metros em duas passadas, abaixou os ombros e se jogou contra a caixa. Sentiu uma coisa explodir em seu ombro, a dor subindo por sua nuca. A caixa escorregou. Os pés de Jack foram para trás, e ele se chocou de cara com o concreto. Com sangue espirrando do nariz quebrado, conseguiu se colocar de joelhos. Sua visão piscava. Olhou ao redor. O corpo do primeiro homem estava esparramado contra a curva da parede, seu AK a pouca distância. Jack rastejou até ele, agarrou a alça com a mão direita e arrastou a arma. Levantou e saiu tropeçando em volta da caixa.

Já de pé, o Emir caminhava em direção à caixa. Viu Jack e parou. Seu olhar piscou na direção da caixa, depois de volta para o rosto de Jack.

— Não! — gritou Jack. — Você está liquidado. Isso acabou.

Jack ouviu as pisadas correndo no túnel atrás dele.

— Não, não acabou — disse o Emir, e se ajoelhou diante da caixa.

Jack disparou.



Mais tarde, quando interrogado por Hendley e Granger, Jack Ryan Jr. respondera cautelosamente à pergunta se pretendia simplesmente ferir o Emir ou se, no calor da batalha, havia perdido o centro de seu alvo. A verdade era que Jack não tinha nenhuma certeza sobre isso. No momento crítico, o fluxo de adrenalina nas veias e o coração disparado se combinaram para aparentemente comprimir e alongar o tempo em seu cérebro. Pensamentos contraditórios disputavam o controle de suas habilidades motoras mais afinadas: disparar para matar, deter o Emir; disparar para ferir, ganhar uma mina de ouro de informações, mas arriscar que o sujeito apertasse o botão.

Ao ver Jack diante de si naquele túnel escuro, o Emir hesitou apenas um segundo antes de voltar sua atenção para a bomba, os olhos arregalados e febris, os dedos trabalhando no painel aberto do dispositivo. E levou apenas mais uma fração de segundo para Jack compreender que lidava com um homem que não se importava se viveria ou morreria, por tiro ou por detonação nuclear. O Emir viera terminar sua tarefa sagrada.

A arma de Jack deu um solavanco em suas mãos, e o túnel brilhou alaranjado, e, quando o ruído se dissipou, ele viu o Emir deitado de costas, os braços abertos, a lanterna iluminando seu rosto. Jack conseguiu ver que a bala 7.62 milímetros do AK-47 tinha entrado em ângulo reto pela coxa direita do Emir, subindo e perfurando sua nádega. Deu dois passos adiante, a arma levantada, pronto para disparar novamente, quando escutou os passos atrás dele. Depois Clark, Chavez e Dominic estavam ali, afastando-o.

Apesar de só descobrir a razão um dia depois, através de uma interceptação da Segurança Nacional, Clark e companhia emergiram na entrada do túnel principal com o seu inimigo agora amarrado e amordaçado, não para enfrentar o ruído de helicópteros e sirenes, mas sim para um silêncio mortal. Como Clark suspeitara, o curso do helicóptero deles para o norte ao longo da rodovia 95 e a subsequente intrusão no espaço aéreo sobre a montanha Yucca não havia passado despercebido

na rede de radares que cobria a Nellis Air Force Range e a área de testes nucleares de Nevada. No entanto, o alerta, que normalmente levaria helicópteros e forças de segurança do Terceiro Esquadrão de Operações Especiais da Base Aérea de Creech tinha sido abortado pelo carregamento de teste do DOE vindo da usina nuclear de Callaway. Em algum ponto no inevitável e muitas vezes incompreensível processo burocrático, o DOE esquecera de avisar à Força Aérea que havia dispensado a escolta de helicóptero para o carregamento. Assim, no que dizia respeito a Creech, o EC-130 roubado pela equipe de Clark era apenas a escolta do carregamento.

Seja por medo ou por suspeitar que seus passageiros fossem realmente os mocinhos, Marty levava a sério a ordem de Clark de “ficar por ali” e aguardou com o EC-130 em terra até Clark e os demais aparecerem correndo pela estrada de serviço. Vinte e cinco minutos mais tarde estavam na Paragon Air, onde descobriram que Marty havia ficado também fora do rádio.

— Espero não ter que lamentar isso — disse ele, quando todos desceram.

— Provavelmente você nunca vai saber, mas fez uma coisa ótima, meu amigo — disse-lhe Clark, que limpou sua Glock e deixou no chão do assento de passageiros. — Daqui à uma hora, chame a polícia. Mostre a arma para eles e dê minha descrição.

— O quê?

— Simplesmente faça isso. Vai te deixar longe da cadeia.

*Além do mais, não sou exatamente alguém “achável”,* pensou Clark, sem dizer.

Vinte minutos depois de deixarem a Paragon Air, estavam de volta na casa do Emir, onde entraram pela garagem e fecharam a porta. Chavez e Jack foram recolher Tariq, enquanto Pasternak e Dominic tiravam o Emir da traseira do veículo e o deitaram no chão da garagem, onde Pasternak se ajoelhou para um exame rápido.

— Vai viver? — perguntou Clark.

Pasternak abriu o apressado curativo de campo que aplicaram antes de sair de Yucca, apalpou a carne enrugada ao redor do ferimento de entrada, depois deslizou a mão pela nádega do Emir.

— Entrou e saiu limpo — proclamou Pasternak. — Nada de artérias, nada de ossos, acho. O sangue está coagulando. Que tipo de projétil?

— Uma 7.62 milímetros revestida.

— Ótimo. Sem fragmentos. A menos que infeccione, ele sobreviverá.

Clark assentiu.

— Dom, venha comigo — disse.

Os dois voltaram para a casa para fazer uma revista completa. Apesar de terem usado luvas o tempo todo em que estiveram ali, cedo ou tarde o FBI iria baixar no local, e ele era extremamente bom para descobrir evidências de traços onde não deveria existir nenhum.

Satisfeito, Clark fez sinal para que Dom voltasse para o carro, e discou para o

Campus. Em segundos estava com Hendley, Rounds e Granger em conferência telefônica. Clark os informou de toda a ação, e depois disse:

— Temos duas opções: ou o deixamos anonimamente embrulhado nas escadas do edifício Hoover ou cuidamos nós mesmos do assunto. De qualquer maneira, quanto menos tempo ficarmos aqui, melhor.

A linha ficou em silêncio. A decisão era de Hendley.

— Espere um instante — disse o diretor do Campus. Dois minutos depois estava de volta. — Voltem para o Gulfstream. O piloto sabe para onde vocês irão.

Chegaram ao aeroporto de North Las Vegas 40 minutos depois e pararam na pista ao lado do avião, onde foram recebidos pelo copiloto, que os fez entrar. Quando levantaram voo, Clark ligou novamente para Hendley, que começara o complicado processo de informar o governo dos EUA que o Depósito de Lixo Nuclear da Montanha Yucca fora penetrado por terroristas, agora mortos, e que, apesar de a bomba atômica portátil que tinham deixado para trás estar segura, era melhor tirar o artefato de lá o mais rápido possível.

— Como você pode ter certeza de que essa história não vai explodir de volta na nossa cara? — perguntou Clark.

— Não posso, mas não temos muita escolha no caso.

— É verdade.

— Como está nosso paciente?

— O doutor limpou os buracos, costurou tudo e lhe deu antibióticos. Está estável, mas como uma dor dos infernos. Jack provavelmente o aleijou para sempre.

— Essa é a última das suas preocupações — observou Hendley. — Está falando?

— Nem uma palavra. Aonde vamos?

— Aeroporto de Charlottesville-Albermale. Serão recepcionados lá.

— E de lá para onde? — pressionou Clark. Eles estavam na posse do terrorista mais procurado do mundo; quanto mais cedo achassem um esconderijo onde pudessem reagrupar e planejar os próximos movimentos, melhor.

— Algum lugar tranquilo. Um lugar onde o Dr. Pasternak possa trabalhar.

Diante da resposta, Clark sorriu.

Quatro curtas horas depois que saíram de Las Vegas, pousaram na pista única do CHO e taxiaram para o terminal executivo. Cumprindo a palavra, Hendley providenciara um par de Suburbans para esperá-los. Os dois se aproximaram do avião em formação, manobram simultaneamente e pararam de ré junto à escada. Hendley saiu pela porta de passageiros do primeiro Suburban e assinalou para que Clark e Jack viessem com ele, enquanto Caruso e Chavez, seguidos por Pasternak, escoltavam seus dois prisioneiros até o outro Suburban. Em poucos minutos, já

tinham saído do aeroporto e seguiam ao norte na direção da rodovia 29.

Hendley atualizou os dois com as informações. Do pouco que Gavin Biery conseguira garimpar da inundação de informações codificadas no tráfego eletrônico, o Terceiro Esquadrão de Operações Especiais da Base Aérea de Creech chegara em Yucca quarenta minutos depois da ligação de Hendley. Duas horas mais tarde, como evidência certa de que o Departamento de Energia, a Segurança Nacional e o FBI haviam descido em massa na montanha Yucca, o trânsito eletrônico secou.

— Já descobriram a casa do Emir?

— Ainda não.

— Não vão demorar muito para rastrear a Paragon Air — disse Clark. — Então, Gerry, cuspa logo o resto. Para onde vamos?

— Tenho alguns hectares de terreno de criação de cavalos e uma casa de campo perto de Middleburg.

— Quantos são alguns?

— Doze. Dá espaço para respirarmos um pouco. — Hendley verificou o relógio. — O equipamento do Dr. Pasternak já deve ter chegado lá.



Depois do fluxo quase constante de adrenalina que Clark e sua equipe receberam desde que desceram em Las Vegas 24 horas antes, o que aconteceu depois de chegarem à casa de Hendley foi um anticlímax. Para o óbvio desapontamento de todos, Pasternak anunciou que seria necessário mais um dia, talvez dois, antes que seu paciente estivesse estável o suficiente para ser interrogado. Isso deixou todos com tempo de sobra para desperdiçar e não fazer nada além de jogar cartas e ver os noticiários. Sem que surpreendesse ninguém, não houve nem rumor sobre o que acontecera em Yucca, mas sim a cobertura completa do que as redes de TV estavam universalmente chamando de “Ataques ao coração do país”. A explosão da Claymore na igreja em Waterloo, em Iowa, deixara 32 mortos e cinquenta feridos; o ataque de morteiros na inauguração da estátua em Springfield, no Missouri, deixara 22 mortos e 14 feridos; o caso das granadas na piscina em Brady, Nebraska, deixara apenas seis mortos e quatro feridos, graças à reação rápida de um policial de folga que atirou no atacante depois de ele ter rolando somente três granadas sob as arquibancadas. Os atacantes de Waterloo e Brady, que foram rastreados até suas residências horas depois dos acontecimentos, haviam liquidado as próprias vidas. Acrescentadas aos demais ataques, as baixas já alcançavam os três dígitos.

Graças à mão orientadora do FBI e da Segurança Nacional, o ataque quase frustrado de gás de cloro a bordo do *Losan* em Newport News fora atribuído a um incêndio na cozinha.

Por volta das quatro horas da tarde de seu primeiro dia na casa de campo de Hendley, quando a plastificada apresentadora e o âncora de queixo duro que dominavam o noticiário vespertino anunciaram coletivamente que o presidente Edward Kealty se dirigiria ao público às oito horas da noite, horário da Costa Leste, Clark se levantou e procurou Pasternak. Achou o médico na marcenaria de Hendley, um celeiro adaptado atrás da casa. A bancada com topo de bordo fora convertida em mesa de operações improvisada, incluindo lâmpadas de halogêneo de trabalho, respirador Dräger, máquina de eletrocardiograma e ressuscitador de Marquette, que continha até um desfibrilador manual externo para normalizar batimentos cardíacos irregulares. As duas máquinas eram novas, recém-retiradas dos caixotes dos

fabricantes, amontoados a alguns metros de distância. Tudo estava preparado para uso, faltando apenas o hóspede de honra, abrigado em um dos quartos sob os turnos de vigilância de Chavez, Jack e Dominic.

— Tudo pronto? — perguntou Clark.

Pasternak apertou vários botões na máquina de eletrocardiograma e recebeu uma série de bipes aparentemente satisfatórios como resposta. Desligou a unidade e olhou Clark.

— Sim.

— Alguma dúvida?

— Por que pergunta isso?

— Você não é exatamente um jogador de pôquer, doutor.

Pasternak sorriu com a resposta.

— Nunca fui bom nisso. Acho que é essa coisa do juramento de Hipócrates; coisa difícil de se livrar. Mas já passei dez anos pensando nisso, acho. Depois do 11 de Setembro, não conseguia distinguir se tudo se tratava apenas de vingança ou se de algo maior, tipo o bem comum e coisa assim.

— E o que concluiu?

— São as duas coisas, porém mais do último. Se conseguirmos tirar desse sujeito alguma coisa que ajude a salvar vidas, então acharei um jeito de lidar com o que fiz... com o que vou fazer. Ou, se Deus quiser, com o passar do tempo.

Clark considerou o que ele disse, e assentiu.

— Doutor, em maior ou menor grau, estamos todos no mesmo barco. O que podemos decidir é o que consideramos certo, fazer isso, e o resto vem como vier.

A expectativa fez todos se levantarem ao amanhecer no dia seguinte. Dominic, o melhor cozinheiro do grupo, preparou uma tigela de aveia e torradas de pão branco para o hóspede, o qual, completamente desperto e evidentemente com dores, teimosamente recusou.

Dr. Pasternak o examinou às sete horas. Demorou apenas alguns minutos. Pasternak olhou Hendley, parado na porta, o restante do grupo atrás dele.

— Sem febre nem sinais de infecção. Está pronto.

Hendley assentiu.

— Vamos levá-lo.

O Emir nem resistiu nem ajudou quando Chavez e Dominic o levaram pela porta dos fundos e pela entrada lateral do galpão. Só quando viu o balcão iluminado com lâmpadas de halogêneo e presilhas de couro improvisadas é que seu rosto mudou. Jack notou a expressão fugaz, mas realmente não conseguiu distinguir sua natureza: medo ou alívio? Medo pelo que viria ou alívio porque suspeitava que o martírio



estivesse próximo?

Como tinham treinado na noite anterior, Chavez e Dominic deitaram o Emir na bancada. Seu braço direito foi preso no suporte de couro, enquanto o esquerdo, que estava do mesmo lado dos equipamentos, foi esticado sobre uma toalha dobrada e preso do mesmo modo. Finalmente, as duas pernas foram atadas. Chavez e Dominic se afastaram da bancada.

Pasternak começou a ligar os equipamentos: primeiro a máquina de eletrocardiograma, depois o respirador, seguido por um autodiagnóstico do desfibrilador manual externo. Pasternak então voltou sua atenção para o carrinho com rodas ao lado da mesa, onde havia um conjunto de seringas e garrafas. Tudo observado de perto pelo Emir.

Ele devia estar curioso, pensou Jack, e internamente aterrorizado. Ninguém podia ficar indiferente ao que acontecia ao seu redor, muito menos o homem que estava acostumado a ser o controlador final de tudo que acontecia em seu entorno, acostumado a ter todas as suas ordens rapidamente obedecidas. O mundo que o cercava não estava mais sob seu controle. Não havia como ele pudesse estar confortável com isso, mas mantinha um sentido de dignidade que era, por sua vez, bem impressionante. Muito bem, ele era corajoso, mas a coragem não era uma qualidade infinita. Tinha seus limites, e os que estavam na sala com ele explorariam esses limites.

Dr. Pasternak enrolou a manga e desabotoou a camisa do Emir, depois se afastou da mesa, indo até o carrinho, de onde retirou uma seringa de plástico e um frasco de vidro. Verificou seu relógio e olhou os demais.

— Vou começar com 7 miligramas de succinilcolina — declarou Pasternak, medindo cuidadosamente a quantidade na seringa de plástico enquanto puxava o êmbolo. — Alguém anote isso, por favor.

Na prancheta em que Pasternak pediu que tudo fosse anotado, Ding escreveu a informação: 7mg @ 8:58.

— Muito bem — disse o médico. Enfiou a seringa na veia braquial na parte interna do cotovelo e empurrou o êmbolo.

Não houve nenhuma dor real para Saif Rahman Yasin, apenas a picada de alguma coisa perfurando a pele do lado de dentro do cotovelo, e a agulha logo foi retirada. Estariam o envenenando?, perguntou-se. Nada óbvio parecia estar acontecendo. Olhou para o homem que acabara de aplicar a injeção e viu um rosto que esperava por alguma coisa. Isso era vagamente assustador, mas era tarde demais para ter medo. Disse a si mesmo para ser forte e fiel a Alá, ter confiança em sua fé, porque Alá podia lidar com qualquer coisa que os homens fizessem, e ele, o Emir, se fortalecia em sua fé. Recitou para si mesmo sua profissão de fé, aprendida quando criança há mais de quarenta anos, de seu próprio pai, na casa da família em Riad. *Só há um Deus,*

*que é Alá, e Maomé é seu profeta. Allahu akbar. Deus é grande*, disse a si mesmo, pensando na sua declaração de fé o mais alto que podia no silêncio de sua mente.

Pasternak observava e esperava. Seu cérebro disparou. Estaria fazendo a coisa certa? Era tarde para se preocupar com isso, claro, mas, mesmo assim, a mente se fazia a pergunta. Os olhos do homem se fixavam nos deles agora, e o médico disse a si mesmo para não vacilar. Ele é que estava no controle. Completamente no controle do destino do homem que assassinara seu parente mais próximo, seu amado irmão, Mike. O homem que ordenara o piloto do avião a jogá-lo no World Trade Center, provocando o incêndio que enfraqueceria o aço estrutural e jogaria abaixo todo o escritório da Cantor Fitzgerald por 300 metros, até as ruas da Lower Manhattan, esmagando até a morte mais de 3 mil pessoas, mais do que os que morreram em Pearl Harbor. Ali estava o rosto do maldito assassino. Não, ele não iria mostrar nenhuma fraqueza agora, não diante desse bárbaro filho da puta...

O homem esperava algo, pensou o Emir, mas o quê? Não havia dor, nenhum desconforto. Ele simplesmente injetara alguma coisa em sua corrente sanguínea. O que seria? Se fosse veneno, bem, então o Emir logo veria o rosto de Alá, e poderia relatar a Ele que cumprira a vontade de Deus, como todos os homens faziam, soubessem ou não, porque tudo que acontecia no mundo era a comando de Alá, porque tudo que jamais acontecia na terra ou nos céus era escrito pela própria mão de Deus. Mas ele livremente escolhera cumprir a vontade de Alá.

Mas nada estava acontecendo. Ele não sabia, não podia perceber, que sua mente disparava na velocidade da luz, ultrapassando tudo, até mesmo o sangue em suas artérias, espalhando seja lá o que fosse que o médico injetara nele. Desejava que fosse veneno, pois aí logo veria o rosto de Alá, e então poderia dar-Lhe as contas de sua vida, sobre como havia obedecido Sua vontade da melhor forma como a compreendera... mas teria mesmo feito isso? Era o momento da verdade final. Ele tinha feito a vontade do Senhor Deus, não tinha? Não tinha estudado o Sagrado Corão durante toda sua vida? Não havia praticamente memorizado o Livro Sagrado? Não tinha discutido seu significado profundo com os mais proeminentes acadêmicos do reino da Arábia Saudita? Sim, ele discordara de vários deles, mas a natureza de sua discordância fora honrada e direta, fundamentada em sua visão pessoal da escritura, em sua interpretação da palavra divina tal como escrita e distribuída pelo profeta Maomé, que Bênçãos e Paz caíam sobre sua cabeça. O Profeta fora um homem grande e bondoso, como deveria para ser o escolhido pelo próprio Deus como Mensageiro Sagrado, o portador da vontade de Deus para os povos da terra.

Pasternak observava o movimento do ponteiro de segundos de seu relógio. Um minuto transcorrido... mais uns trinta segundos, calculou. Sete miligramas deviam ser o suficiente para essa aplicação, injetada como foi, diretamente na corrente sanguínea, fundindo-se nos tecidos corporais do homem... no começo seriam...

... os gânglios motores. Sim, eles seriam os primeiros. Esses nervos amplamente distribuídos, os que controlavam os sistemas periféricos, como os das pálpebras, bem assim... agora.

Pasternak moveu sua mão na direção do rosto do homem, batendo em suas pálpebras, e elas não piscaram.

Sim, estava começando.

O Emir viu a mão esbofeteando seu rosto, mas parando bem a tempo. Involuntariamente piscou os olhos... mas eles não piscaram... *Hã?* Tentou mover a cabeça, mas ela mal se mexeu um centímetro e caiu de volta... *O quê?* Ordenou que seu punho direito se fechasse e puxasse contra as algemas, e a mão começou e parou, caindo de volta para a posição de descanso sobre a superfície de madeira da mesa, os dedos se abrindo por conta própria.

Seu corpo não era seu...? O que era isso? O que era isso? Ele moveu as pernas, e elas se moveram ao comando de seu cérebro, só um pouco, mas se moveram como deveriam, tal como faziam desde o começo de suas lembranças de infância, seguindo os comandos de seu cérebro, como o corpo sempre fizera. Ordene seu braço, dissera um filósofo infiel, e ele se move; ordene sua mente, e ela resiste. Mas sua mente funcionava, e seu corpo não. O que era isso? Girou a cabeça para olhar pela sala. Sua cabeça não se moveu, a despeito de seus comandos; nem os olhos. Ele podia ver os painéis brancos do teto. Tentou focar seus olhos melhor neles, mas os olhos não funcionavam como deviam. Seu corpo era como se fosse o de outro homem; podia senti-lo, mas não mais comandá-lo. Mandou as pernas se moverem, e elas mal tremeram, depois se congelaram, completamente moles. Moles como um cadáver.

O que era isso? *Estou morrendo? É isso, a morte?* Mas não era a morte. De algum modo ele sabia disso, e...

Pela primeira vez, o Emir começou a sentir um começo do medo. Não compreendia o que acontecia. Só sabia que seria muito ruim.

Para Clark, parecia que o sujeito ia dormir. Seu corpo parou de se mexer. Houve alguns reflexos e pequenos espasmos, como o de alguém se arrumando na cama, mas tudo isso parou com rapidez surpreendente. O rosto ficou vazio, sem foco, sem exibição de força ou poder e ausência de medo. Agora tinha o rosto de um manequim. O rosto de um cadáver. Ele já havia visto isso frequentemente em sua vida. Nunca pensara como era para a mente por trás do rosto. Quando a morte acontecia, o

problema com aquele corpo terminava para sempre, permitindo-lhe passar para o problema seguinte, deixando aquele atrás para sempre. Nunca fora necessário para Clark destruir um cadáver. Quando morria, o corpo estava liquidado, certo? Uma parte de Clark queria se aproximar do médico e perguntar o que estava acontecendo, mas não o fez, não querendo perturbar o homem responsável pela atual operação ainda...

Ele podia sentir todo o corpo. Isso era de uma clareza cristalina para Saif. Não podia mover nenhuma parte, mas podia sentir tudo. Podia sentir o sangue bombeando por suas artérias. Mas não podia movimentar os dedos. O que era isso? Tinham roubado dele seu próprio corpo. Já não era mais seu. Podia senti-lo, mas não comandá-lo. Era prisioneiro em uma cela, e a cela era... ele mesmo...? O que era isso? Estavam o envenenando? Isso seria a aproximação da morte? Se assim fosse, não era para estar lhe dando boas-vindas? Será que o rosto de Deus estava a alguns momentos adiante? Se assim fosse, ordenou sua mente que sorrisse. Se o corpo não podia se movimentar, a alma podia, e Alá conseguia ver sua alma tão claramente quanto uma enorme pedra no meio do mar. Se isso fosse a morte, então ele lhe daria as boas-vindas como a culminação de sua vida, um dom que proporcionara a tantos homens e mulheres, a oportunidade de ver o rosto de Alá, como ele logo veria... sim... Sentiu o ar entrando em seus pulmões, dando a ele seus últimos segundos de vida enquanto esses infiéis a roubavam dele. Mas o Senhor Alá os faria pagar por isso. Disso ele tinha certeza. Certeza total.

Pasternak verificou novamente o relógio. Chegando à marca dos dois minutos, chegando à última parte. Ele se virou e olhou o ressuscitador. A luz piloto verde estava acesa. O mesmo com a do respirador. Ele os teria disponíveis caso necessitasse. Podia restaurar a vida desse filho da mãe. Imaginou o que Mike pensaria disso, mas o pensamento estava muito longe para que se grudasse nele agora. O que acontecia depois da morte era desconhecido para os vivos. No final, todos descobriam, mas ninguém podia voltar e relatar aos vivos. O grande mistério da vida, o assunto da filosofia e da religião, crenças, talvez, mas desconhecidos. Bem, esse tal de Emir iria dar uma espiadinha, mais ou menos. O que ele veria? O que ele aprenderia?

— Só mais um momento — informou Pasternak aos que estavam ao seu redor.

O Emir escutou e entendeu as palavras. Apenas um momento até ele ver o rosto de Deus. Apenas um instante antes do Paraíso. Bem, ele não chegara até onde pretendia ir. Não se tornara o líder mundial dos Fiéis. Mas tentara. Tentara o melhor possível, e seu melhor possível era muito, muito bom. Mas não o suficiente. Era uma pena, uma

grande pena. Ele poderia ter feito tanto. Alguém agora teria que fazer isso. Ahmed, talvez? Um bom homem, Ahmed, fiel e instruído, de bom coração e fé forte. Talvez fosse suficientemente bom... O Emir sentiu o ar entrando e saindo de seus pulmões. Sentia-o tão claramente. Era uma bela sensação, a própria sensação da vida. Como é possível que nunca tivesse apreciado isso, a beleza disso, a maravilha disso?

Então algo mais aconteceu.

Seus pulmões estavam parando. Seu diafragma não estava... não se mexendo. O ar não ia mais para os pulmões. Ele respirava desde o momento em que nasceu. Esse era o primeiro sinal de vida, quando o recém-nascido berrava abrindo seu caminho para o mundo, mas seus pulmões agora não se enchiam de ar. Não havia mais ar em seus pulmões... Isso era a morte chegando. Bem, ele havia enfrentado a morte nos últimos trinta anos. Nas mãos dos russos, nas mãos dos americanos, nas mãos dos afegãos que não aceitavam sua visão do Islã e do mundo. Tinha enfrentado a morte muitas, muitas vezes, o suficiente para que ela não o aterrorizasse. O Paraíso o aguardava. Tentou fechar os olhos e aceitar seu destino, mas seus olhos não fechavam. Ainda via os painéis do teto sobre sua cabeça, retângulos branco-gelo que o observavam de volta sem olhos. Era isso a morte? Era isso que os homens temiam? Que coisa estranha, sua mente observava, esperando, não com paciência, mas com confusão, pela escuridão total que o alcançaria. Seu coração continuava batendo. Ele podia senti-lo, latejando, bombeando sangue por seu corpo, e assim levando a vida, levando consciência, logo a terminar, mas ainda presente. Quando ele chegaria ao Paraíso?, perguntou-se o Emir. Quando veria o rosto de Alá?

— A respiração cessou aos três minutos e 16 segundos — relatou Pasternak. Chavez anotou também isso. O doutor pegou a máscara do respirador, verificando novamente se o sistema estava ligado. Apertou o botão na máscara de borracha e foi recompensado com o ruído mecânico do ar entrando por ela. Depois pegou as almofadas do ressuscitador e as pressionou contra o peito do homem, girando o olhar para o visor do ECG na pequena tela de computador. Observou que o ritmo cardíaco estava normal.

Isso não iria durar muito tempo.

O Emir ouviu sons estranhos ao redor, e sentiu coisas estranhas, mas era incapaz de desviar os olhos para buscar a fonte dos ruídos, pois estes estavam fixados nos painéis do teto. *Então*, pensou rapidamente, *assim que é a morte*. Foi assim para Tariq, com um tiro no peito? Ele fracassara diante de seu mestre, não por ser desleixado, mas porque o inimigo, neste caso, havia sido terrivelmente habilidoso e esperto. Isso podia acontecer com qualquer homem, e sem dúvida Tariq morreria envergonhado por fracassar na sua missão de vida. Mas Tariq agora estava no Paraíso, disse o Emir tinha certeza, talvez desfrutando de suas virgens, se isso realmente acontecia lá. Provavelmente não, sabia o Emir. O Corão não dizia isso, não

realmente. Desfrutando dos favores de Alá. Isso sim era certo, como ele, o Emir, logo descobriria. E seria o suficiente.

Começou a doer um pouco, bem ali no meio do peito. Ele não sabia que, quando a respiração parou, também havia cessado a infusão de oxigênio em seu sistema. O coração, um músculo poderoso, precisava de oxigênio para funcionar, e, quando o oxigênio foi interrompido, os tecidos do coração começaram a sofrer... e logo começariam a morrer; o coração era cheio de nervos, e estes relatavam a falta de oxigênio como dor para seu cérebro ainda funcionando. Grande dor, a maior dor que um homem poderia conhecer.

Ainda não, mas a caminho.

Seu rosto não mostrava nada, é claro. Os nervos motores periféricos estavam todos mortos, ou não funcionavam, como Pasternak sabia. Mas as sensações estariam ali. Talvez pudessem medir no eletroencefalograma, mas isso somente exibiria traços de tinta negra sobre o papel branco do formulário contínuo, não a incandescente agonia que os traços representavam.

— Muito bem — disse Pasternak em voz baixa. — Já está começando. Vamos dar a ele um minuto, talvez um pouco mais.

Aprisionado em seu corpo sem funcionamento, Saif sentiu a onda de dor. Começou distante, mas aumentou contínua... e rapidamente. Seu coração estava sendo arrancado do peito, como se alguém tivesse avançado com as mãos dentro dele e o puxasse, rasgando os vasos sanguíneos no processo, rasgando tudo como se fosse papel de um livro destruído. Mas não era papel. Era seu coração, o próprio centro de seu corpo, o órgão que proporcionava vida para o restante dele mesmo. Agora parecia estar incendiando, queimando como lenha seca em um campo aberto cercada de pedras, queimando, queimando, queimando... dentro do peito, queimando. O coração estava queimando vivo, queimando enquanto ele o sentia. Não batendo, não enviando sangue pelo corpo, mas queimando como madeira seca, como gasolina, como papel, queimando, queimando, queimando... queimando enquanto ele vivia. Se isso fosse a morte, então a morte era uma coisa horrível, pensou... a pior das coisas. E ele a infligira a outros. Tinha atirado em soldados russos, todos infiéis, mas ainda assim liquidara com suas vidas, os fez sofrer isso... e achara divertido? Uma diversão. Parte da vontade de Alá? Será que Alá achava também divertido? A dor continuava aumentando, tornando-se insuportável. Mas ele tinha que sofrê-la. Ela não desapareceria. Nem ele. Não podia fugir daquilo, não podia rezar em voz alta a Alá para que a parasse, não podia negá-la. Estava ali. Transformada em toda sua realidade. Massacrando toda sua consciência. Transformando-se em tudo. Era um incêndio no meio do seu corpo, e o queimava de dentro para fora, e era mais terrível

do que ele jamais imaginara que pudesse ser. A morte não vinha rapidamente? Não era Alá misericordioso em todas as coisas? Por que, então, Alá permitia que isso acontecesse com ele? Ele queria ranger os dentes para lutar contra a dor, queria, precisava, gritar alto para se proteger da agonia que vivia dentro de seu corpo.

Mas não conseguia comandar seu corpo a fazer nada. A realidade era somente a dor. Tudo que podia ver, sentir e ouvir era dor. Até mesmo o Senhor Alá era dor...

Alá fazia isso com ele. Tudo no mundo era vontade de Deus, então Deus desejava isso para ele? Como era possível? Não era Deus um deus de infinita misericórdia? Onde diabos estava essa Sua misericórdia agora? Será que Alá o abandonara? *Por quê?*

*Por quê?*

*POR QUÊ?*

Então sua mente se dissolveu na inconsciência, com um epílogo final de dor incandescente para colocá-lo no caminho.

No visor do ECG, as primeiras irregularidades começaram a aparecer. Isso atraiu a atenção de Pasternak. Normalmente, na sala de operações, como anestesista, sua tarefa era vigiar os sinais vitais do paciente. Isso incluía a máquina de ECG, e ele era, de fato, um cardiologista de primeira. Eles não queriam matar esse merda inútil, o que era uma pena. Podia simplesmente lhe dar uma morte como poucos homens sofreram, uma punição adequada para seus crimes, mas ele era médico, não carrasco, disse Pasternak a si mesmo, afastando-se da borda de um precipício alto e mortal. Não, tinham que trazer o sujeito de volta. Então ele pegou a máscara de ventilação. O “paciente”, como pensava, já estava inconsciente. Ele pressionou a máscara em seu rosto e apertou o botão, e a máquina infundiu ar nos pulmões flácidos e vazios. Pasternak levantou os olhos.

— Muito bem, anote o tempo. Estamos fazendo com que respire agora. O paciente está sem dúvida inconsciente, e estamos infundindo ar em seus pulmões. Isso deve demorar uns três ou quatro minutos, acho. Um de vocês pode vir até aqui?

Chavez era quem estava mais perto, e se aproximou imediatamente.

— Coloque essas almofadas no peito dele e segure bem.

Ding assim o fez, virando para olhar o visor do ECG. Os traços eletrônicos tinham se harmonizado e se repetiam regularmente, mas não no ritmo sinusal, algo que sua esposa poderia reconhecer, mas que para ele eram apenas coisas na TV. À sua esquerda, Dr. Pasternak apertava o botão de ventilação em intervalos regulares de oito ou nove segundos.

— O que está acontecendo, doutor?

— O coração dele se acalmou e agora está recebendo oxigênio. A sucinilcolina vai perder o efeito em mais uns dois minutos. Quando você observar o corpo dele se mexer, já estará quase toda eliminada. Vou fazer com que respire por mais uns quatro

minutos — relatou o médico.

— Por que tipo de coisa ele passou?

— Você não vai querer descobrir. Fizemos com que ele sofresse o equivalente a um forte ataque cardíaco. A dor deve ter sido intensa, quero dizer, realmente infernal. Para esse sujeito, talvez tenha sido apenas horrivelmente ruim, mas decididamente foi horrroso para cacete. Dentro de alguns minutos veremos como ele responderá a isso, rapazes, mas passou por algo que ninguém jamais desejaria repetir. Provavelmente ele pensa que chegou ao fundo do inferno. Veremos o que isso faz... fez com ele dentro de alguns minutos.

Demorou quatro minutos e trinta segundos até as pernas se moverem. Dr. Pasternak olhou o visor do ECG no ressuscitador e relaxou. O Emir já estava fora da influência da sucinilcolina, e seus músculos agora estavam sob controle de seus nervos, tal como supostamente deveriam estar.

— Ele ainda ficará inconsciente por alguns minutos, até que seu cérebro receba suficiente sangue oxigenado — explicou o anestesista. — Vamos deixar que desperte normalmente, e depois poderemos falar com ele.

— Como estará seu estado mental? — perguntava Clark. Ele jamais vira algo remotamente parecido com aquilo antes.

— Depende. Suponho que seja possível que permaneça forte e resistente, mas não esperaria isso. Ele passou por uma experiência singular e muito, muito adversa. Não vai querer repeti-la. Passou por uma dor que faz um parto parecer um piquenique no Central Park. Só posso especular sobre o quanto foi terrível. Não conheço ninguém que tivesse passado por isso... bem, talvez alguém que tenha sofrido um forte ataque cardíaco, mas eles geralmente não se lembram da intensidade da dor. O cérebro não funciona assim. Apaga as dores violentas como mecanismo de defesa. Mas não desta vez. Ele vai se lembrar da experiência, se não da própria dor. Se essa experiência não o assustar além de qualquer coisa pela qual tenha passado, bem, então estamos falando de John Wayne com anfetaminas. Pessoas assim não existem no mundo real. Existe a complicação de suas crenças religiosas. Essas podem ser bem fortes. O quão fortes, bem, vamos ver, mas, se ele continuar resistindo daqui em diante, ficarei surpreso.

— Se ele resistir, podemos repetir a experiência? — indagou Clark.

Pasternak se voltou.

— Sim, podemos, quase indefinidamente. Ouvi falar lá em Columbia que a Stasi na Alemanha Oriental usava essa técnica para interrogar prisioneiros políticos e espões, e que foi uniformemente bem-sucedida. Mas pararam de usar, não sei qual a razão. Talvez fosse maligna demais mesmo para eles. Como falei ontem, isso aqui saiu do programa da Escola de Medicina de Josef Mengele. O sujeito que dirigia a Stasi era judeu, se me lembro, Marcus Wolf, acho que era o nome dele. E talvez por



isso tenha ficado afetado.

— Como está se sentindo, Rich? — perguntou Hendley.

— Estou bem. Mas ele não. — O médico fez uma pausa. — Ainda irão executar esse cara?

— Depende de quem ficar com ele no final — respondeu Hendley. — Se o FBI o pegar, ele vai passar pelo sistema judiciário federal, e assim, finalmente acabar no nada em Terre Haute, na Indiana, depois do devido processo legal. Mas isso realmente não nos diz mais respeito.

*Porque isso pelo que ele passou é bem pior*, pensou Pasternak, mas não disse. Sua consciência estava sob controle, mas fazia ruídos. Aquilo realmente tinha saído do manual de brincadeiras de Josef Mengele, e não era algo calculado para deixar feliz um judeu nova-iorquino. Mas o corpo de seu irmão jamais fora recuperado, esmigalhado até o átomo pela queda da torre do WTC. Não havia nem um túmulo que pudesse visitar com os filhos de Mike. E esse filho da puta tinha feito aquilo acontecer, de modo que Rich Pasternak mandou sua consciência se calar. O que ele fazia, se não era por conta de Deus, era por conta de sua família, e para Pasternak era o suficiente. Sua consciência tinha que ficar muda sobre o assunto.

— Qual é exatamente o nome desse sujeito? — perguntou Pasternak.

Foi Clark quem respondeu:

— Saif Rahman Yasin. É o filho número cinquenta e tantos de seu pai, um sujeito de vigor notável, e também muito próximo da família real saudita.

— Ah, é? Não sabia disso.

— Porém ele odeia a família real saudita mais que Israel — explicou Clark. — Eles tentaram liquidar com ele há uns seis anos, mas a missão fracassou. Ele os odeia pela corrupção, segundo diz. Acho que eles têm algum... quero dizer, uma enorme quantidade de dinheiro controlada por um número relativamente pequeno de pessoas, e isso faz com que alguns queiram pegá-lo, mas, comparado a Washington, a coisa não é tão ruim assim. Já estive lá. Apreendi o idioma nos anos 1980. Os sauditas que conheci são boa gente. A religião deles é diferente da minha, mas, droga, a dos batistas também. Os sauditas querem essa figura morta mais que nós, pode acreditar. Adorariam levá-lo para a praça principal de Riad e cortar sua cabeça com uma espada. Para o povo, ele cuspiu no país, no rei e na religião. Três vezes três, e isso é ruim para caramba por lá. Doutor, os sauditas não são iguais a nós, mas os ingleses também não, certo? Também já vivi por lá.

— O que você acha que devemos fazer com ele?

— Não é da minha alçada, senhor. Sempre podemos matá-lo, mas é melhor fazer isso em público. Porra, bem que podia ser no intervalo do Super Bowl, com replay instantâneo e comentários da televisão. Eu gostaria disso. Mas a questão realmente é maior que essa. Ele é uma figura política, e sua remoção também será um ato político. Isso sempre ferra com as coisas — concluiu Clark.

Realmente ele não tinha, na prática, instintos políticos, nem queria ter. Seu mundo

era mais simples: se você assassinou, então devia morrer por isso. Não era elegante ou muito “sensível”, mas já havia funcionado uma vez, na verdade. O sistema legal funcionava bem melhor antes do país ser dominado pelos advogados. Porém não havia retorno, e ele não podia fazer nada a respeito. Clark não tinha ilusões sobre o comando do mundo. Seu cérebro simplesmente não chegava tão longe.

—Doutor, o que você o fez passar foi realmente assim tão ruim?

—Muito pior do que qualquer coisa que jamais cheguei perto de experimentar, pior do que qualquer coisa que vi em 26 anos de medicina, pior do que qualquer coisa que você possa fazer com uma pessoa sem matá-la de vez. Meu conhecimento disso, na verdade, é teórico, mas é algo que por nenhum motivo eu gostaria de passar.

Clark pensou em um sujeito chamado Billy, e seus momentos na câmara de recompressão de Clark. Lembrou-se de como friamente torturou aquele estupradorzinho de merda, e como isso não afetara nem um pouco sua consciência. Mas aquilo tinha sido pessoal, não profissional, e sua consciência não se importava muito. O homem fora deixado vivo em uma fazenda na Virgínia, e depois levado a um hospital e tratado por uma semana ou mais antes que o barotrauma liquidasse com sua vida imprestável de estuprador. Uma parte de Clark de vez em quando se perguntava se Billy gostava do inferno. Mas não com frequência.

Então isso era ainda pior? *Droga.*

Pasternak olhou para baixo e viu as pálpebras piscarem. Muito bem, ele estava voltando mesmo. *Ótimo. Ou quase.*

Clark foi até Hendley.

—Quem vai interrogá-lo? — perguntou John.

—Jerry Rounds, para começar.

—Quer que eu dê suporte?

—Provavelmente é uma boa ideia se todos nós ficarmos aqui. Quero dizer, seria melhor se tivéssemos um psiquiatra à mão, melhor ainda, um teólogo islâmico, mas não temos. Estamos sempre a pé, não é?

—Alegre-se. Langley jamais teria os colhões de fazer o que fizemos, não sem pelo menos uma faculdade de direito inteira ao lado para se intrometer, mais um repórter do *Post* para anotar tudo e alimentar sua indignação moral. Essa é uma coisa que realmente gosto neste lugar: não há vazamentos.

—Parte de mim gostaria de discutir isso com Jack Ryan. Ele não é psicocoiça, mas gosto de seus instintos. Mas não posso fazer isso. E você sabe a razão.

Clark assentiu; ele sabia. Jack Ryan também era conhecido por sofrer problemas de consciência. Ninguém é perfeito.

Hendley foi até um telefone e digitou uns dígitos. Alguns minutos depois, Jerry Rounds entrou.

—Bem? — perguntou Rounds.

—Nosso hóspede teve uma manhã desagradável — explicou Hendley. — Agora precisamos conversar com ele. É tarefa sua, Jerry.

— Parece que ainda está inconsciente — observou Rounds.

— Ainda continuará assim por alguns minutos — esclareceu Pasternak. — Mas vai ficar bem.

— Jesus, temos pessoas suficientes aqui? — apontou Rounds em seguida. Mais gente que nas reuniões ordinárias do conselho.

Então chegou uma câmera de TV, instalada em um tripé por Dominic, e as cortinas de lona alcatroada que tinham emendado com fita adesiva na noite anterior foram colocadas ao redor da bancada. A um sinal de Rounds, Dominic apertou o botão de gravar da câmera, e Hendley assumiu, anunciando, fora da câmera, a hora e a data. Gavin Biery, claro, iria alterar digitalmente a voz de Hendley posteriormente. Dominic reproduziu a sequência e declarou que a gravação estava perfeita.

— Joguinhos de manipulação? — perguntou Rounds, quase como para si mesmo, mas Clark estava bem do seu lado.

— Por que não? — respondeu Clark. — Não temos regras aqui, Jerry.

— Certo. — Clark levava jeito para chegar ao cerne da questão, notou o chefe de informações.

Clark imaginou se todos deveriam usar roupas de caubóis, jeans, cinturões de coldre e chapelões, para distorcer logo a percepção dele, entrar direto no jogo de manipulação com Saif. Mas provavelmente seria melhor manter tudo simples. Pensar demais sobre algo geralmente obscurecia tudo e terminava levando a nada. O simples geralmente era o melhor. Quase sempre.

Clark foi até a mesa e viu que Saif já estava se mexendo, mexendo e se contorcendo no sono. Quase pronto para despertar. Ficaria surpreso por ainda estar vivo?, perguntou-se Clark. Pensaria estar no inferno? Porque com toda certeza não estava no paraíso. Olhou o rosto atentamente. Pequenos músculos agora estavam se movendo. Ele estava perto de voltar ao mundo. Clark decidiu ficar onde estava.

— John? — Era Chavez.

— Fale, Ding?

— Foi mesmo assim tão ruim, hein?

— É o que o doutor diz. Ele é o especialista.

— Jesus.

— Deus errado, cara — observou Clark. — Ele provavelmente esperava ver Alá, ou talvez o demônio. — *Talvez eu possa representar isso para ele*, pensou John, refletindo. Olhou ao redor. Jerry Rounds parecia incomodado. Hendley mandara que ele fosse o batedor na última entrada, as bases estavam cheias e o jogo dependia do ponto final. Bem, ele não seria humano se não estivesse um tanto tenso, pensou John.

Sentiu que o arrastavam para aquilo. A coisa começou a lhe acontecer e, de repente, percebeu.

*Ah, merda*, pensou Clark. O que ele poderia dizer para esse filho da puta? Isso era trabalho para um psiquiatra. Talvez um clérigo muçulmano sério, ou um teólogo... Como é mesmo que eles chamam? Mufti? Algo assim. Alguém que conhecesse o Islã

muito melhor que ele.

Mas será que esse sujeito era realmente muçulmano? Não seria mais um candidato a político? Será que ele mesmo sabia o que era? Em que momento esse sujeito se tornara o que proclamava ser? Para Clark essas eram questões profundas. Profundas demais. Mas os olhos do sujeito piscavam. Depois se abriram, e Clark estava olhando para eles.

— É bom respirar, não é? — perguntou Clark. Não houve resposta, mas havia confusão no rosto do homem. — Olá, Saif. Bem-vindo de volta.

— Quem é você? — indagou o homem, parecendo meio bêbado.

— Trabalho para o governo dos Estados Unidos.

— O que vocês fizeram comigo? O que aconteceu?

— Induzimos um ataque cardíaco, e trouxemos você de volta. Me disseram que é um procedimento aterrador.

Clark não obteve nenhuma resposta, mas percebeu o raio de terror nos olhos do Emir.

— Você precisa saber o seguinte: o que acabou de passar pode ser replicado, indefinidamente e sem danos em longo prazo. Deixe de cooperar e seus dias consistirão em nada mais que um ataque cardíaco depois do outro.

— Você não pode fazer isso. Vocês têm...

— Leis? Não, aqui não temos. Aqui estamos eu, você e uma seringa, pelo tempo que for necessário. Se não acreditar em mim, o médico estará de volta em dois minutos. Pode escolher.

A decisão do Emir durou menos que três segundos.

— Faça suas perguntas.

Clark e Rounds logo descobriram que a interação com o homem conhecido como Emir não seria um interrogatório, e sim um relato cordial. Yasin evidentemente levava a sério o aviso de Clark.

A primeira sessão durou duas horas e cobriu desde o mundano até o significativo, perguntas para as quais eles já tinham respostas, e mistérios que precisavam desvelar: há quanto tempo ele estava nos EUA? Onde e quando fizera a cirurgia plástica? Sua rota depois de deixar o Paquistão. Como foi adquirida a casa em Las Vegas? Qual o tamanho do orçamento operacional do CRO? A localização das contas bancárias; a estrutura organizacional do CRO, localização das células, agentes adormecidos, objetivos estratégicos...

E por aí foi, entrando pelo começo da noite, até que Hendley determinou uma pausa. Na manhã seguinte, o grupo se reuniu na cozinha da casa principal para uma avaliação e planejamento do interrogatório do dia. O tempo deles era limitado, explicou Hendley. Apesar de suas inclinações pessoais, o Emir não pertencia ao Campus, e não era missão deles dispensar justiça. O homem pertencia ao povo dos

Estados Unidos; a justiça deveria ser feita de acordo com suas leis. Além do mais, uma vez que Yasin estivesse nas mãos do FBI, eles poderiam passar meses e anos espremendo até sua última gota de informação. Enquanto isso, o Campus trabalharia com o que o Emir já revelara. Tinham muitas pistas para seguir, e informação suficiente para mantê-los ocupados de oito meses a um ano.

— Diria que há apenas uma última coisa que precisamos tirar dele — disse Jack Ryan Jr.

— O quê? — perguntou Rounds.

— A razão de tudo isso. O pensamento desse sujeito tem muitas camadas. Todas as peças e partes do Lótus: a montanha Yucca, o *Losan*, os ataques no Meio-Oeste... A questão central era terror ou algo maior? Tem que ser mais que o 11 de Setembro ampliado, certo?

Clark coçou a cabeça pensativamente e olhou para Hendley, que pegou a dica, e depois disse:

— Essa é a grande questão.

Lá pelo meio da manhã, já tinham a resposta que queriam; voltaram sua atenção para a questão complicada de entregar Yasin para o FBI. Apesar de ser simbólica e visualmente atraente, a ideia de empacotar o Emir como se fosse um ganso natalino e jogá-lo de um carro em movimento nas escadas do edifício Hoover não era factível. Há semanas o Campus ladeava a linha cinzenta entre permanecer nas sombras como tinha sido planejado ou atrair a atenção do governo dos EUA.

O problema então se transformou em como “reentregar” o terrorista mais procurado do mundo sem que a coisa explodisse de volta neles. Finalmente, Dominic Caruso, que aprendera a lição com Brian, achou uma solução.

— KISS — disse ele. — “*Keep it simple, stupid.*”

— Explique — pediu Hendley.

— Estamos complicando tudo. Já temos o perfeito comutador: Gus Werner. Ele me indicou para o Campus, e é bem próximo do diretor do FBI, Dan Murray.

— Esse é um bom presente de grego, Dom — disse Chavez. — Acha que ele topa? Perguntando melhor: acha que ele pode fazer a coisa funcionar?

— E como você acha que funcionaria? — acrescentou Jack.

— Ele seria imediatamente preso e trancado em local bem seguro. Vocês sabem, ler os direitos dele, oferecer um advogado, fazê-lo falar um pouco. Envolver um procurador federal. Aí avisam ao procurador-geral, que informará o presidente. Depois disso, a bola de neve começa a crescer. A imprensa vai ser envolvida, e nós ficamos sentados só vendo o espetáculo. Olhem, Gus sabe como trabalhamos e sabe como o FBI trabalha. Se há alguém que pode vender esse pacote, é ele.

Hendley refletiu por alguns instantes, depois assentiu.

— Ligue para ele.

No Edifício Hoover, o telefone de Gus Werner tocou. Era sua linha particular, e poucas pessoas tinham acesso a ela.

— Werner.

— Dominic Caruso falando, Sr. Werner. Pode me dar alguns minutos esta tarde? Digamos, vinte minutos.

— Hã, claro, quando?

— Agora.

— Muito bem, pode vir.

Dominic estacionou a um quarteirão do Edifício Hoover e entrou no saguão principal, mostrando sua identificação do FBI para os guardas da portaria. Isso permitiu que ele passasse pelo lado dos detectores de metal. A suposição era de que os agentes do FBI sempre estavam armados. Na verdade, Dominic não estava armado naquele momento. Tinha se esquecido e deixara sua arma na escrivaninha, para a própria surpresa.

O escritório de Augustus Werner ficava no último andar, completo com uma secretária, à qual ele tinha direito como principal diretor-assistente do FBI, a apenas algumas portas de distância do escritório bem maior de Dan Murray, o Diretor. Dominic se anunciou para a secretária, e ela o fez entrar imediatamente. Ele se sentou diante da mesa do D.A. Pelo seu relógio, eram exatamente 15:30.

— Muito bem, Dominic, o que você quer? — perguntou Werner.

— Tenho uma oferta.

— Que oferta é essa?

— Você quer o Emir? — indagou Dominic Caruso.

— Hã?

Dominic repetiu a pergunta.

— Claro que sim. — A expressão de Werner dizia: *Qual a pegadinha?*

— Esta noite, no Tysons Corner. Estacionamento do último andar, digamos, às nove e quinze. Venha sozinho. Sei que vai ter gente por perto, mas não perto o suficiente para ver a transferência. Eu pessoalmente o entregarei a você.

— Está falando sério. Vocês estão com ele?

— Claro.

— E como isso aconteceu?

— Não pergunte, não passe adiante. Estamos com ele e ele pode ser seu. Só nos deixe fora de tudo.

— Isso seria difícil.

— Mas não impossível. — Dominic sorriu.

— Não, não impossível.

— Informação anônima, golpe inesperado... qualquer coisa.

— Certo, certo... Tenho que falar com o diretor sobre isso.

- Compreendo.
- Fique perto do telefone. Entrarei em contato.

Como todos sabiam que aconteceria, o telefonema veio rapidamente. De fato, dentro de noventa minutos. A hora e o lugar do encontro foram confirmados. As oito e meia chegaram rapidamente, e o momento de se preparar. Dominic e Clark foram até a oficina ver Pasternak fazer o exame final no Emir, sob o olhar cuidadoso e a mira da Glock de Domingo Chavez.

- Ele está pronto para ir, doutor?
- Sim, só é preciso ter cuidado com a perna.
- Como quiser.

Clark e Dominic levantaram Yasin, e Dominic tirou as algemas flexíveis do bolso de trás e prendeu os punhos dele. Em seguida, Dominic pegou uma bandagem, que passou meia dúzia de vezes ao redor da cabeça de Saif. Era uma boa venda. Com isso feito, Clark agarrou o braço dele e o levou pela porta, cruzando o quintal e pela porta dos fundos da garagem. Hendley, Rounds, Granger e Jack estavam ao lado do Suburban. Ficaram em silêncio enquanto Dominic abria a porta do banco traseiro e ajudava Yasin a entrar. Clark deu a volta e se sentou ao lado dele. Dominic assumiu o volante e ligou o motor. A viagem os levaria pela US-29 até o Beltway de Washington, e depois a oeste pelo norte da Virgínia. Dominic ficou próximo ao limite de velocidade, o que era incomum da parte dele. A presença de uma identificação do FBI em sua carteira o absolvía de manter os limites de velocidade nos Estados Unidos, mas naquela noite ele queria fazer tudo seguindo as regras. Cruzou para entrar na Virgínia pela ponte da American Legion, e depois fez uma curva subindo à esquerda. Mais vinte minutos e Dominic pegou à direita o acesso ao Tysons Corner. O trânsito aumentou, mas a maioria dos carros saía do shopping center. Já eram nove e vinte e cinco. Ele pegou a rampa para o piso superior do estacionamento do lado sul do shopping.

*Pronto*, pensou Dominic. Lá estava um carro obviamente do Bureau, um Ford Crown Victoria novo com uma antena de rádio extra. Dominic estacionou a 10 metros dele e ficou sentado. A porta do motorista do Ford abriu. Era Gus Werner, em seu terno comum de trabalho. Dominic saiu para se juntar a ele.

- Está com ele?

— Sim, senhor — respondeu Dominic. — Ele parece um pouco diferente agora. Clareou um pouco a pele. Usando isso — Dom entregou um tubo meio usado de Benoquin que tinha retirado da casa de Las Vegas —, e fez uma plástica no rosto, na Suíça, segundo nos disse. Vou buscá-lo.

Dominic voltou ao Suburban, abriu a porta traseira, ajudou Yasin a descer, bateu a porta e caminhou com ele na direção de Werner.

- Vai precisar de atendimento médico. Ferimento à bala na perna. Já foi

medicado, mas talvez precise de mais atenção. Fora isso, está cem por cento saudável. Não comeu muito. Pode estar faminto. Vai levá-lo para a Divisão de Campo de Washington?

— Sim.

— Bem, senhor, é todo seu.

— Dominic, algum dia vou querer escutar toda essa história.

— Talvez algum dia, senhor, mas não esta noite.

— Compreendido.

— Uma coisa: pergunte primeiro sobre os Ataques ao Coração do País. Pergunte sobre os agentes adormecidos.

— Por quê?

— Está tentando esconder alguma carta na manga. É melhor ninguém cair nisso.

— Muito bem. — Então a voz de Werner assumiu um tom mais formal: — Saif Yasin, você está preso. Tem o direito de permanecer em silêncio. Qualquer coisa que disser poderá ser usada contra você no tribunal. Você tem direito a um advogado. Compreende o que acabei de dizer? — acrescentou Werner, pegando no braço do homem.

O Emir não disse uma palavra.

Werner olhou Dominic e perguntou:

— Ele sabe inglês?

Dominic abriu um sorriso.

— Ah, sim. Pode acreditar, ele sabe exatamente o que está acontecendo.



## EPÍLOGO

### *Cemitério Nacional de Arlington*

Apesar de o destacamento do Serviço Secreto de Jack Ryan Senior evitar preocupações sobre fotografias não autorizadas, a maioria dos membros do Campus — Gerry Hendley, Tom Davis, Jerry Rounds, Rick Bell, Pete Alexander, Sam Granger e Gavin Biery — chegou vários minutos antes em três carros separados. Chavez e Clark vieram em um quarto veículo com o recém-reformado e novo contratado do Campus, Sam Driscoll, que passava metade de seu tempo no Campus se atualizando e a outra procurando apartamentos e uma reabilitação no John Hopkins. Apesar de não ter conhecido o irmão Caruso falecido, Driscoll era um soldado até a medula, e parente de sangue ou não, um camarada de armas era um irmão.

— Lá vêm eles — murmurou Chavez para o grupo e apontou para o caminho ladeado de árvores.

Seguindo o procedimento padrão dos Marines, a família imediata de Brian, escoltada por Dominic, chegou na limusine da frente e parou atrás do carro funerário, onde um pelotão de escolta de oito marines, encarregados de levar o caixão, estava em posição de sentido, com olhares para a frente e rostos sem expressão. Momentos depois, uma segunda limusine chegou trazendo o clã Ryan, que parou atrás. A um sinal da agente especial Andrea Price-O'Day, as portas traseiras de ambas as limusines foram abertas, e os passageiros desceram.

Ao lado do túmulo, Gerry Hendley e John Clark estavam ao lado um do outro e observaram os membros do pelotão de escolta estoicamente e com cuidado deslizarem o caixão coberto com a bandeira e se colocarem em posição atrás do capelão para a marcha pelo gramado luxuriante.

— A ficha começa a cair — murmurou o cabeça do Campus.

— Sim — concordou Clark. Seis dias tinham passado desde Yucca, quatro desde a chegada do corpo de Brian voltar para a casa de Trípoli. Só agora eles tinham arrumado tempo de absorver tudo que acontecera. Para o país, o Campus havia conquistado uma grande vitória, mas essa teve que ser paga com um preço alto.

A chuva que caía por quase toda a manhã tinha se dissipado uma hora antes; as filas de lápides brancas pareciam quase luminescentes sob o sol do meio-dia. Em paralelo aos carregadores, um contingente da banda dos Marines marchava em

passo cerrado enquanto tocava uma sombria cadência nos tambores.

O caixão chegou na beira do túmulo, e os membros da família se posicionaram. O comandante da escolta ordenou suavemente:

— Pelotão... *apresentar armas*. — Depois: — Pelotão... *descansar*.

A pedido de Dominic, o capelão fez uma cerimônia curta.

— Escolta... *atenção*. Escolta... *apresentar armas*.

Em seguida tocou o hino dos Marines e a salva de tiros, a esquadra de tiro fazendo seus movimentos quase robóticos até o último disparo soar pelo terreno. Quando terminou, um corneteiro solitário executou o toque de silêncio enquanto a bandeira de Brian era cuidadosamente dobrada e depois apresentada aos Caruso. A banda dos Marines tocou o Hino da Marinha, “Eternal Father, Strong to Save”.

E a cerimônia terminou.

Na manhã seguinte, segunda-feira, o Campus voltou ao trabalho, mas previsivelmente o ambiente estava mais quieto. Nos dias que antecederam o funeral de Brian, cada um deles tinha, claro, escrito e apresentado seu próprio relatório pós-ação, mas esta seria a primeira vez que os membros do, agora dissolvido, grupo Kingfisher se reuniria para uma necropsia. Todos os rostos estavam sombrios enquanto entravam na sala de conferências. Um acordo não verbalizado deixou uma cadeira vazia na mesa para Brian.

A resposta à grande pergunta do “Por quê?” de Jack pegara todos de surpresa. O Emir realmente tinha aspirações maiores para a Lótus. Os Ataques ao Coração do País e o incidente abortado no *Losan* foram planejados como socos, e a detonação na montanha Yucca como o direto no queixo que despertaria o gigante adormecido. Com um presidente incapaz e reacionário como Edward Kealty no leme do país, o FBI e a CIA, no seu devido tempo, descobririam as identidades dos responsáveis pelos ataques, apenas para se deparar com lendas cuidadosamente construídas e devidamente amparadas que, finalmente, conduziriam às portas do Diretório para os Interserviços de Inteligência paquistanês e a elementos radicalizados do Estado-Maior do Exército paquistanês, ambos há muito suspeitos de apoiarem de modo não muito convincente a guerra contra o terror.

Como os Estados Unidos haviam justificadamente invadido o Afeganistão após o 11 de Setembro, mais uma vez agiriam rápida e abertamente, expandindo as operações militares para o leste, cruzando as montanhas do Safed Koh e o Hindu Kush. A inevitável desestabilização do Paquistão, já um Estado semifalido, iria, segundo o Emir, criar um vácuo de poder no qual o Conselho Revolucionário Omíada avançaria e tomaria o poder, controlando o substancial arsenal nuclear do Paquistão.

— É plausível — disse Jerry Rounds. — Na pior das hipóteses, o plano tem sucesso; na melhor, teríamos que entrar na área com força, talvez quadruplicar nossa

atual presença.

— E ficar por lá algumas décadas — acrescentou Clark.

— Se pensamos que o Iraque era um cartaz de recrutamento de militantes... — observou Chavez.

— Uma situação em que todos ganham para o Emir e o CRO — acrescentou Jack.

— Falei para Werner começar escavando primeiro as lendas. Ele vai sacar isso aí — disse Dominic Caruso. — A questão é: será que essa era a única carta que esse filho da puta tinha nas mangas?

Como se obedecendo a uma deixa, o telefone ao lado de Hendley tocou. Ele pegou, escutou e disse:

— Mande para cá. — Desligou e falou para o grupo: — Talvez uma questão a menos a ser respondida.

Mary Pat Foley apareceu na porta um minuto depois. Depois da troca de cumprimentos, ela colocou uma pasta de manilha diante de Hendley, que a abriu e começou a ler.

Mary Pat disse a Sam Driscoll:

— O Colagem finalmente cuspiu uma resposta para nosso caixão de areia.

— Sêrio?

— Me deixe adivinhar — disse Chavez. — Notícia velha. Montanha Yucca.

— Não — respondeu Hendley. Deslizou a pasta sobre a mesa até Clark e Jack, que a examinaram juntos. Jack olhou para Mary Pat.

— Tem certeza sobre essa merda?

— Foi mastigada uma dúzia de vezes. Temos 82 pontos de correspondência geográficos que batem.

Dominic disse:

— Desembucha logo.

— Quirguistão — anunciou Clark, sem tirar os olhos do arquivo.

— Que diabos o Emir iria querer no Quirguistão? — disse Chavez.

Gerry Hendley respondeu:

— Essa é a pergunta de 1 milhão de dólares. Vamos começar a buscar a resposta.

A reunião continuou por mais uma hora antes de terminar. Às onze horas, Jack fez um lanche rápido e dirigiu até Peregrine Cliff. Quando pisou na varanda, Andrea Price-O'Day abriu a porta.

— Isso é o que chamo de serviço — disse Jack. — Como vão as coisas?

— Como sempre. Sinto muito por seu primo.

Jack assentiu.

— Obrigado. Meu pai?

— No escritório. Escrevendo — acrescentou ela, enfaticamente.

— Bato à porta com cuidado.

O que ele fez, e se surpreendeu ao ouvir o pai dizer, alegremente:

— Pode entrar.

Jack sentou e esperou alguns segundos para seu pai terminar uma frase no teclado. Ryan Senior girou na cadeira e sorriu.

— Como está?

— Vou bem. Já está acabando? — perguntou Jack, acenando para a autobiografia no monitor do computador.

— Já posso ver a luz no fim do túnel. Depois disso, vou deixar esfriar um pouco, e então começar a reescrever. Você foi trabalhar hoje de manhã?

— Sim. Fizemos a necropsia.

— Quais as últimas novidades?

— O FBI está com ele. É só o que sabemos. Talvez seja a única coisa que jamais saibamos.

— Ele vai quebrar — previu Ryan Senior. — Pode demorar algumas semanas, mas vai.

— Como pode ter tanta certeza?

— No fundo, é um covarde, filho. A maioria deles é. Apresenta um bom espetáculo, mas não se segura. Temos que falar sobre algo. Kealty já colocou as manguinhas de fora.

— Procurando sujeira?

O ex-presidente assentiu.

— Arnie anda xeretando por aí, mas parece que o pessoal de Kealty está falando em espionagem ilegal. Pode ser uma matéria aparecendo no *Post* semana que vem.

— Espionagem ilegal — repetiu Jack. — Soa muito parecido com o Campus. Será que eles poderiam...

— Cedo demais para dizer. Talvez. Se for assim, usarão isso como uma salva de artilharia de abertura, tentando nos afundar antes mesmo de a corrida começar.

— O que podemos fazer?

— Não se trata de “nós”, filho — disse Ryan, gentilmente, e depois sorriu. — Eu cuido disso.

— Você não parece preocupado. É isso que me preocupa.

— Isso é política. Nada mais. Vai ficar ainda mais feio, mas Kealty está com os dias contados. A única questão é quanto tempo ele vai tardar para compreender isso. Droga, vou dizer o que realmente me preocupa.

— O quê?

— Contar para sua mãe que você entrou no negócio da família.

— Ah, merda.

— Se o Campus aparecer e ela ler sobre isso no jornal ou for encurralada por um repórter, você e eu estamos na merda.

— Então como fazemos isso?

— Vamos manter a coisa vaga. Eu lido com a parte sobre o Campus. Você diz a

ela o que faz por lá.

— Não tudo, certo? Não o trabalho de campo.

— Não.

— Melhor que você também não saiba, hein?

Ryan assentiu.

— E se ela perguntar? — questionou Jack.

— Não vai. É esperta demais para isso.

— Tenho que dizer a você, pai, que não estou animado para contar. Ela não vai ficar contente.

— Isso não passa nem perto. Melhor agora que mais tarde. Pode acreditar.

Jack Ryan Jr. pensou no assunto, depois deu de ombros.

— Muito bem.

Ryan levantou, então deu uma palmada no ombro do filho.

— Vamos, vamos enfrentar juntos o tiroteio.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

## Morto ou vivo

Matéria de lançamento do livro

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livraria/dafolha/ult10082u717541.shtml>

Entrevista com o autor

<http://www.youtube.com/watch?v=CRc8FLavH8I>

Perfil do autor no Goodreads

[http://www.goodreads.com/author/show/3892.Tom\\_Clancy](http://www.goodreads.com/author/show/3892.Tom_Clancy)

Facebook do autor

<https://www.facebook.com/TomClancyAuthor>

Site do autor

<http://www.tomclancy.com/>

Wikipédia do autor

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Tom\\_Clancy](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tom_Clancy)

Capa

Rosto

Créditos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27



[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[56](#)

[57](#)

[58](#)

[59](#)

[60](#)

[61](#)

[62](#)

[63](#)

[64](#)

[65](#)

[66](#)

[67](#)

[68](#)

[69](#)

[70](#)

[71](#)

[72](#)

[73](#)

[74](#)

[75](#)

[76](#)

[77](#)

[78](#)

[79](#)

[80](#)

[81](#)

[82](#)

[83](#)

[84](#)

[85](#)

[86](#)

[87](#)

[88](#)

[89](#)

[90](#)

[Epílogo](#)

[Colofão](#)

Saiba mais